
RICHELLE MEAD
TABULEIRO DOS DEUSES
SÉRIE A ERA DE X

RICHELLE MEAD

TABULEIRO DOS DEUSES

SÉRIE A ERA DE X

Tradução
GUILHERME MIRANDA

paralela



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

Sumário

1. Normalmente ela usa preto
2. Um pedinte à porta
3. Alguns problemas a menos
4. O espelho um do outro
5. Um precipício
6. Gênio, vigarista
7. Reino Mágico
8. Não é legal
9. Os guerreiros mortais que nos protegem
10. Mestre e aprendiz
11. Licença para cultuar
12. Milagres
13. Dois por cento
14. O megalomaníaco preferido de Justin
15. Ele é mais alto
16. Princípio e tudo mais
17. O homem mais perigoso da República
18. Uma igreja sem deus
19. Gratos por estarem nos rebanhos da civilização
20. Uma bomba-relógio
21. Conflito de interesses
22. O Reformatório Para Meninas Terroristas Sem-Vergonha
23. A balada de Mae e Porfirio
24. Terapia
25. Como Mae encontrou seu propósito
26. Todos são tão loiros
27. Decoro Koskinen
28. A droga dela
29. Brechas técnicas
30. Os devaneios de um homem louco

31. Valquíria vingadora
32. Mal desesperado, remédio heroico
33. Armas de mortais
34. Ninguém nunca está esperando a faca
35. Um recluso e um gênio da tecnologia
36. O outro padrão
37. Jasmim-de-madagascar

Agradecimentos

Para Jay,
Este estava esperando você.

1. Normalmente ela usa preto

Mae matava o tempo todo. A morte não era nenhum problema para ela.

No campo de batalha, a morte era absoluta e não havia por que parar para pensar no seu significado. As matanças eram meros objetivos de missão e as pessoas mortas não eram exatamente pessoas. Era você ou elas. E, terminado o confronto, podia-se simplesmente sair andando.

Mas, naquele dia, não havia como sair andando. Naquele dia, ela caminhava *na direção da* morte, e era isso que a apavorava. Como poucas coisas a apavoravam naqueles tempos.

Respirando fundo, encostou a bochecha no espelho da sala e fechou os olhos, confortando-se com o frescor do vidro contra a pele. Mentalmente, repetiu diversas vezes o credo do soldado, usando as palavras conhecidas para se acalmar: *Eu sou um soldado da República. Não sirvo à minha vontade, mas à de meu país. Sou sua ferramenta e me alegro em dar a vida para proteger a glória desta nação. Eu sou um soldado da República. Não sirvo à minha vontade, mas à de meu país...*

Ela foi surpreendida por uma batida na porta e, assustada, abandonou o mantra e se endireitou. Voltando a respirar fundo, acalmou o tremor de suas mãos e guardou as emoções num compartimento longínquo do cérebro. Trancafiados, esses sentimentos não teriam como atingi-la. Eram impotentes, e isso a deixava livre. Voltou a olhar o próprio rosto no espelho, mas ele não revelava nada. Era inexpressivo. Vazio. Sobre controle.

Dag e Val estavam à porta, como ela havia imaginado. Eles a cumprimentaram com sorrisos forçados, destoando muito do comum, normalmente alegre e descontraído. Ambos estavam com fardas idênticas à dela: um casaco preto com gola mandarim sobre calças e botas pretas. Preto por toda parte. Até os botões eram

pretos. A única cor vinha de um ponto escarlate na gola, destacando-se como uma gota de sangue. Para olhos inexperientes, aquelas fardas não diferiam em nada das que os pretorianos sempre usavam em batalha. Para Mae, que podia ver e sentir o tecido vistoso do traje formal, a farda parecia frágil e trazia à tona o medo que sentia de ficar vulnerável. Estar desarmada não ajudava muito.

— Vieram para ser minhas babás? — ela perguntou.

— Quem falou alguma coisa sobre babá? — Dag sempre respondia logo com um sorriso, embora, naquela manhã, seu olhar o denunciasse. — Somos só amigos saindo juntos.

— Você fala como se a gente estivesse indo para um bar — Mae respondeu. Ela voltou para o espelho e examinou o coque trançado que fizera com tanto esmero. Com uma careta, tirou os grampos e começou a desfazer todo o penteado.

Val se sentou à vontade no braço do sofá, espreguiçando-se, indolente como um gato, mesmo naquelas circunstâncias.

— O que você está fazendo?

— Está desarrumado — Mae respondeu.

— Não tinha um fio fora do lugar — Val protestou.

Mae não respondeu. No espelho, via os amigos trocando olhares apreensivos. *É pior do que eu imaginava*, Val parecia dizer. A expressão de Dag denunciava que ele estava de acordo, mas que não sabia exatamente como lidar com isso. Quebrar pescoços, levantar pesos, comer *donuts* competitivamente. Essas coisas estavam na sua zona de conforto. Terapia, não muito.

Essa tampouco era uma das habilidades de Val. Nenhum dos dois sabia o que fazer com Mae, que certamente não ajudaria em nada; afinal, ela não queria que eles fizessem alguma coisa. Ela queria que a tratassem do modo irreverente como sempre a trataram. E o que mais desejava era que aquele dia chegasse ao fim, para que a vida pudesse voltar ao normal.

— Quantas vezes você fez esse coque hoje? — A voz de Val era estranhamente suave.

— Está errado — Mae disse, fugindo da pergunta. Na realidade, aquela era a oitava vez que ela arrumava o coque. Chegou a puxar com tanta força que seu couro cabeludo já tinha começado a ficar

vermelho, embora o minúsculo e diligente implante no braço mitigasse a dor. — Você não tem como entender.

Val e Dag nunca tiveram problemas com cabelo. Dag sempre manteve o cabelo preto raspado rente, enquanto Val mantinha um corte "joãozinho" que combinava com seu corpo diminuto. *Devia cortar o meu assim*, Mae pensou. Ela tinha considerado isso dezenas de vezes, mas nunca teve coragem.

— Está tudo bem, viu? O luto faz parte do, hum, processo. — Dag parecia ter lido livros de autoajuda antes de chegar. — Pode chorar se quiser.

— Por que eu choraria? — Mae puxou a trança com tanta força que se crispou.

— Porque é isso que as pessoas fazem quando perdem um ente querido — Val disse. — Você está tão tensa que vai explodir se não relaxar. E não vá me desfazer esse. Está perfeito.

Mae tinha acabado de finalizar o cabelo outra vez, enrolando a trança cuidadosamente num nó perfeito acima da nuca. Ela realmente estava prestes a tirar tudo de novo quando Val conteve seu braço.

— Chega, Mae. Nós vamos chegar atrasados.

O fato de Val usar seu nome verdadeiro no lugar do apelido, Finn, era outro mau sinal. Mas Mae não tinha como negar o argumento da amiga. Era hora de ir. Depois de uma última olhada no espelho, deixou que a guiassem até a entrada do metrô, do outro lado da rua. Eles pegaram a linha azul em direção à base, recebendo vários olhares confusos dos passageiros. Não era comum ver pretorianos fora dos centros militares e federais. Um grupo deles era especialmente raro. Os passageiros mantinham distância e olhavam de um lado para o outro do trem, apreensivos, se perguntando se deveriam esperar um ataque terrorista a qualquer momento.

O trio acabou chegando à base mais cedo, mas vários outros pretorianos já estavam entrando no salão de cerimônias. E ali, Mae vacilou, parando bem diante da entrada. O sol primaveril estava alegre e radiante demais para um dia como aquele. Dag tocou em seu braço:

— Está tudo bem?

— Você não precisa ir — disse Val.

Mae saudou a bandeira sobre ela e continuou seguindo até o leitor biométrico.

— Está tudo ótimo.

Filas de cadeiras perfeitamente alinhadas enchiam o salão, que estava quase igualmente cheio de pretorianos. A notícia chegara menos de uma semana antes e devia ter sido com grande dificuldade que uma parte tão grande da guarda fosse retirada de suas missões dispersas. Alguns não estariam presentes, claro. Fazia parte da natureza do serviço. Mas a morte de um pretoriano era algo tão monumental que sem dúvida seus superiores fariam o possível para garantir um bom espetáculo.

Embora não houvesse uma definição oficial de assentos, os pretorianos estavam se agrupando em coortes. Val acenou para alguém do outro lado do salão. Os escarlates já vinham ocupando uma posição e os chamaram com acenos. Val e Dag começaram a caminhar naquela direção, mas Mae voltou a se deter, deixando seu olhar focar na outra extremidade do salão.

Não havia corpo a ser recuperado; mesmo assim, colocaram um caixão feito de madeira escura reluzente. Preto pretoriano. Uma faixa de seda cor de índigo o recobria e, sobre ela, estava dobrada a bandeira da RANU. Em ambos os lados havia arranjos de gardênias, cuja suavidade contrastava com as linhas duras do caixão.

Sem se importar se Val e Dag a seguiriam, Mae se voltou para o corredor central que levava até o santuário. Dentro dela, começou a surgir uma onda de emoções — tristeza e pânico misturados — que ela abafou com tenacidade. Estufando o peito, levantando o queixo, começou a longuíssima caminhada até a frente do salão. As pessoas abriam caminho para ela, e aqueles que ainda não a haviam notado agora paravam para olhar. Ela ignorou as encaradas, assim como os sussurros que logo se iniciaram. Mantinha o olhar fixo e firme voltado à frente, repetindo o credo em silêncio: *Eu sou um soldado da República. Não sirvo à minha vontade, mas à de meu país.* Essas palavras ecoaram as de sua mãe, ditas muitos anos antes: *Você pode ignorar o resto das pessoas porque é melhor do que elas. Livre-se dos sentimentos, pois, se elas não puderem vê-los, não poderão usá-los contra você.*

Os que estavam próximos à frente do salão também abriram caminho para ela, afastando-se do esquife. As conversas caíram em silêncio. Logo abaixo da bandeira, uma placa dourada estava afixada à madeira escura. PORFIRIO ALDAYA, COORTE ÍNDIGO. As datas de seu serviço estavam listadas abaixo, junto com uma inscrição em latim que devia mencionar algo como honra e dever. Mae passou a ponta dos dedos sobre o nome dele e, subitamente, o cheiro de gardênias foi se tornando nauseante e opressivo. O mundo parecia rodar em torno dela e ela cerrou os olhos.

Porfirio morreu. Não parecia possível que alguém tão cheio de vida, em quem ardiam tanta energia e entusiasmo, pudesse ter realmente partido deste mundo. Ela não conseguia encontrar um meio de pensar no que teria acontecido com ele após a morte. Será que sua consciência havia deixado de existir? Ou será que ele estava no paraíso sobre o qual pregavam os fanáticos religiosos?

— Foi você que matou o Porfirio, sabia?

Mae abriu os olhos ao som da voz conhecida e se virou lentamente. Drusilla Kavi estava lá, com as mãos no quadril, e um misto de fúria e sofrimento nos olhos, que refletiam os sentimentos de Mae. Kavi era uns quinze centímetros mais baixa que ela, e Mae não teve problemas em manter o rosto calmo e inexpressivo diante daquela fúria. Outros pretorianos que estavam perto observavam atentos.

— Foi você que matou o Porfirio — Kavi repetiu. O ponto cor de índigo na sua gola lembrava o de Porfirio. — Você bem que podia ter ativado a bomba com as suas próprias mãos, sua vadia castal de merda. Ele não teria morrido se não fosse por você.

Mae já tinha sido chamada de nomes piores e aprendera a ignorar esse tipo de coisa havia muito tempo.

— Porfirio fez suas próprias escolhas. Ninguém o teria obrigado a fazer nada. — Ela se recusava a ser atormentada e tentou passar por Kavi. *Fique calma. Seja superior*. — Com licença, preciso voltar para minha coorte.

— Não fuja de mim! — Kavi esbravejou. Sua voz ecoou pelo salão e todos os que ainda não haviam percebido o drama que se desenrolava passaram a notar. Kavi segurou o braço de Mae. — Você tem algum sentimento? Você liga para a morte dele? Como

você consegue ser tão fria?

Mae puxou o braço com força para se livrar de Kavi e sentiu a primeira chama de raiva.

— Não encosta a mão em mim de novo. E não insulte o Porfirio fazendo um escândalo. — Mae deu meia-volta e viu que Val e Dag haviam se aproximado, assim como vários outros escarlates. Atrás de Kavi, vários índigos também haviam se agrupado. Reforços. Todas as expressões estavam tensas e duras, preparando-se para defender os seus. Os pretorianos tinham um histórico considerável de confrontos violentos entre coortes, mas raramente brigas num funeral constavam nos registros.

— É isso que acontece com os homens com quem você fode? Você acaba matando todos? — Kavi voltou a segurar Mae e a fez se virar. — Eu falei para não fugir de mim! *Você matou o Porfirio!*

— Eu disse para não encostar a mão em mim.

Então tudo foi pelos ares. Kavi não tinha apenas destroçado o rigoroso controle disciplinar de Mae como também abriu todos os compartimentos que ela usava para trancafiar seus sentimentos. Todo o luto, toda a fúria, toda a culpa... todas as emoções que encaixotara e arquivara desde que soube da morte de Porfirio começaram a vir à tona. As comportas rebentaram e Kavi estava no caminho.

Os pretorianos eram rápidos; seus reflexos eram melhores do que os de soldados comuns. Era isso o que os definia e o que o implante acentuava. Quando Mae avançou e deu um soco na cara de Kavi, ela deveria ter pelo menos previsto isso. Poderia até não ter a chance de reagir com todas as forças, mas teria cuidado. Pelo arregalar de seus olhos conforme caía para trás sobre uma fila de cadeira, ficou claro que estava completamente despreparada para o ataque.

Começado o embate, porém, seus reflexos logo se ativaram. Com um leve atraso, ela se levantou, mas Mae já tinha partido para cima dela de novo. Kavi tentou acertar alguns golpes, mas Mae se esquivou de todos. Dando um salto para o lado — com a mesma destreza com que executava todos os golpes no *canne de combat* na juventude —, Mae pôde empurrar Kavi para trás, que caiu com estrépito e muito menos graça do que se esperaria de uma

pretoriana. Eles costumavam ser como gatos, mas ela teve dificuldades em se aprumar. Mesmo assim, sua resposta foi rápida para os padrões das outras pessoas, ainda que lenta para os deles. Kavi não teve nenhuma chance de se defender quando Mae se lançou adiante e desferiu um chute em seu estômago, imediatamente seguido por um golpe no joelho. Mae ouviu um estalo e Kavi gritou ao cair no chão.

O modo de batalha se ativava de maneira tão automática que Mae mal notou o que estava fazendo, exceto que precisava continuar lutando e garantir que Kavi fosse mantida no chão. Endorfinas e neurotransmissores surgiram dentro dela, tornando-a mais forte e rápida, mas outra coisa os intensificava naquele dia, uma estranha escuridão que fazia transbordar seus sentidos e a empurrava à destruição. Essa escuridão a cobriu como um manto, uma força externa que, lenta e insidiosamente, a invadia, fazendo com que se deleitasse com o prazer da dor e da violência. Por um breve instante, o pânico tomou conta de Mae conforme ela reconhecia a sensação intempestiva: *Não*, *de novo não*. Mas seus protestos mentais logo foram tragados pela névoa da batalha.

Kavi esforçou-se um pouco, tentando, em vão, levantar-se, mas Mae manteve a adversária presa ao chão e a socou várias e várias vezes. Mae começou a notar vagamente o sangue no rosto de Kavi e o som de gritos cada vez mais altos ao redor. Durante todo aquele tempo, Mae pensava: *Porfirio morreu. Porfirio morreu...*

Ela não saberia dizer quanto tempo se passou até que fortes braços a ergueram, afastando-a da outra mulher. Sua visão estava matizada de vermelho, e a adrenalina, intensificada pelo implante, agitava-se violentamente dentro dela. E então, lenta e angustiadamente, o mundo voltou a tomar forma. Aquela fúria impulsionada pelo luto enfraqueceu e, mais importante, a força sombria que caíra sobre ela se dispersou. Ela viu soldados regulares vestidos de cinza e castanho entrando no salão, acompanhados pela polícia militar. No entanto, nenhum deles encostou a mão nela. Os únicos que poderiam controlá-la em pleno modo de luta eram outros pretorianos, dois dos quais a continham agora.

— Calma, Finn. Calminha. — Mae se tocou que um dos seus captores era Dag. — Você venceu. Agora chega.

Foi então que se atreveu a olhar para o chão. Kavi não estava morta, embora sua respiração estivesse muito irregular e seus olhos, semicerrados. Uma de suas pernas estava curvada num ângulo anormal, e o sangue cobria seu rosto inchado. Seu nariz parecia quebrado. Mae observou horrorizada, incapaz de acreditar no que havia feito. Os pretorianos lutavam entre si com mais frequência do que gostavam de admitir. Quando se tem um grupo de pessoas tão fortes e quimicamente estimuladas, era difícil não surgirem brigas. Normalmente, os oponentes eram muito equilibrados. Claro que havia um vencedor, mas raramente as lutas eram tudo ou nada.

Mas aquilo? Aquilo era nada. Kavi não era nada. Não acertou um único golpe em momento algum. Conforme o implante de Mae se desativava e metabolizava a adrenalina, ela buscou entender o que havia acontecido. Os pretorianos que a seguravam finalmente conseguiram acalmá-la a ponto de entregá-la aos PMs que os cercavam, apreensivos. Mae não ofereceu resistência. Deixou que a guiassem para a saída, mas não antes de lançar um último olhar incrédulo para Kavi.

Deixaram Mae em uma cela pelo resto do dia, o que lhe deu tempo para analisar o que havia acontecido. Não havia como negar: ela perdera o controle. Tinha sido fraca, deixando que as emoções a vencessem. E reconhecer essa ideia para si mesma era humilhante. Uma leve provocação de Kavi fez a armadura de Mae cair em pedaços.

Mas, além das farpas de Kavi, outra coisa havia se infiltrado nela. Mesmo agora, Mae sentia uma náusea e um calafrio com a lembrança da força sombria que se apoderara dela durante a luta, uma força que — ela tinha certeza — não se relacionava com o implante ou seu sofrimento. *Continua acontecendo*, ela pensou, transtornada. A vida de Mae girava em torno de ser dona do próprio corpo, e a ideia de que outra coisa tomasse controle dela destruía tudo por que lutava. Devia ser algum artifício da mente... afinal, o que mais seria? *Preciso contar para alguém. Preciso ver um médico*. Mas essa ideia era muito assustadora. Os pretorianos que consultavam psiquiatras normalmente não continuavam sendo pretorianos por muito tempo. Ninguém gostaria de unir

instabilidade mental com um implante que intensificava o desempenho.

Outra dúvida ardia na mente de Mae conforme esperava o fim do dia. Por que Kavi reagira tão lentamente? Ou será que Mae simplesmente foi rápida demais? Não, quanto mais pensava no assunto, mais ficava claro que não havia nada de extraordinário na maneira como lutou. Claro, tinha sido mais emocional do que de costume, mas isso não teria afetado nada. Mesmo a fúria daquela força sombria não poderia criar tamanha disparidade.

Por que Kavi havia sido tão lenta?

Mae ainda não tinha encontrado uma resposta quando os PMS chegaram para tirá-la dali. Eles a escoltaram até uma sala de conferência, onde ela encontrou o general Gan sentado na outra extremidade de uma longa mesa. Agora, ele estava usando a farda militar habitual, completamente cinza, exceto pela parte superior da jaqueta, que era castanha, adornada por medalhas de sua patente e por uma faixa preta na gola que mostrava que ele havia sido pretoriano. Seu cabelo preto era entremeado por mais fios prateados do que quando ela o conheceu, muitos anos antes, mas a intensidade e a determinação constantes no seu olhar permaneciam as mesmas.

O frio na barriga de Mae aumentou. Ela esperava que alguma outra pessoa fosse responsável pela punição, talvez algum dos muitos subalternos dele. Não era da patente dele que ela tinha medo, mas da ideia de desapontá-lo. Com a cabeça, ele fez um leve aceno para os PMS, que saíram batendo a porta atrás de si. O silêncio reinou na longa sala.

— Sente-se — Gan disse, por fim, apontando para uma cadeira mais ou menos no meio da mesa. Mae obedeceu.

— Então. Ouvi sobre o incidente de hoje. — Gan era o mestre dos eufemismos.

Mae estava com o olhar fixo à frente. Ela nunca havia faltado à responsabilidade e não começaria agora.

— Eu perdi o controle, senhor. Vou aceitar de cabeça baixa a punição que achar conveniente. — *Suspensão*, ela pensou, melancólica. *Eles vão me suspender com certeza, a menos que me expulsem de uma vez.*

Ele deu de ombros.

— Foi um dia duro. É compreensível que os ânimos estejam exaltados, ainda mais depois da perda de um amigo.

Gan sabia perfeitamente que Porfirio era mais do que um amigo para Mae, e sua compaixão a incomodava tanto quanto a de Val e Dag. Ela preferiria que gritassem com ela, jogando na cara como suas ações tinham sido vergonhosas e inadequadas, afinal, realmente foram. Ela achou melhor lembrá-lo disso, pois, obviamente, seu afeto por ela estava prejudicando seu discernimento.

— Senhor, o que eu fiz foi inaceitável. Imperdoável.

O general respondeu com o esboço de um sorriso, que, porém, não suavizou os traços de seu rosto.

— Já vi coisas piores, e metade da sua coorte veio aqui para me dizer o quanto você foi ofendida. A Valeria Jardin e o Linus Dagsson foram estorvos em particular. — Sim, claro que foram. — Isso, óbvio, não quer dizer que podemos ignorar o que aconteceu. O incidente vai ser mencionado na sua ficha e você será suspensa do serviço regular.

Suspensa do serviço regular. Era o que ela esperava, mas, mesmo assim, era difícil de absorver.

— Não se preocupe. Não vai ficar trancafiada ou confinada em um escritório. — Ele bufou. — Nem consigo me imaginar dando um serviço de escritório para um de vocês. Mal consigo imaginar um de vocês sentado por muito tempo. Os pretorianos são valiosos demais para serem desperdiçados e, por isso, tenho uma tarefa para você.

— Farei o que for preciso.

Ele tamborilou os dedos na mesa, momentaneamente perdido em pensamento.

— É uma missão peculiar, mas necessária, uma que, surpreendentemente, acabou de surgir e pode ser uma boa oportunidade para você se... adaptar aos últimos acontecimentos. Claro que não pediríamos isso se não fosse importante.

— Claro, senhor. — O fato de ele ter usado as palavras “tarefa” e “missão” não garantiam nada, mas Mae tinha esperanças de ser enviada a alguma localidade explosiva. Não era mais do que ela

merecia e, talvez, numa batalha gloriosa, ela pudesse se redimir.

— Eu preciso que você vá para o Panamá. Já foi para lá?

Mae levou alguns segundos para responder. Panamá? Não existia nenhuma batalha gloriosa lá. A RANU não tinha nenhum conflito contra aquela região. Na verdade, ela ouvira falar que havia tentativas de negociações comerciais em andamento. O Panamá ainda era provinciano, com religião descontrolada, um governo liderado por mafiosos, e aristocracias novas e arcaicas que rivalizavam pelo poder. Inofensivo se comparado a outros lugares.

— Não, senhor. Nunca estive lá.

— Bom, então agora vai. Os detalhes da missão vão ser enviados a você para que possamos nos encontrar novamente depois que os tiver examinado com atenção.

— Claro, senhor. — Ela hesitou quanto ao que diria a seguir. Não tinha o direito de fazer perguntas considerando o que havia feito. Obediência era a única linha de conduta possível. Mesmo assim, por mais que negasse às outras pessoas, ela sabia ser uma das preferidas de Gan. Ele deixaria que ela perguntasse. — Senhor... como está a pretoriana Kavi?

— Ela está ótima... quer dizer, considerando as circunstâncias. Vai ser hospitalizada por um tempo e, portanto, ficará fora do serviço enquanto se recupera. Você fez um belo serviço quebrando a perna dela.

Mae se crispou e a imagem do rosto ensanguentado de Kavi passou pela sua cabeça. Era difícil ferir pretorianos. *E ainda mais difícil matar*, *mas isso aconteceu com Porfirio*.

— Desculpe, senhor. Eu deveria visitá-la e dizer que sinto muito.

Gan riu, divertindo-se.

— Eu não recomendaria isso. Não acho que ela queira vê-la tão cedo. Se eu fosse você, evitaria toda a coorte índigo. — Ele observou Mae atentamente, avaliando-a com seus olhos astutos. — Vá em frente. Faça a próxima pergunta.

— Senhor... — Ela precisou baixar o rosto para desviar daquele olhar atento. — Kavi foi lenta. Ela deveria ter reagido com rapidez, mas não reagiu. Por quê? Por que ela reagiria tão mal? O que havia de errado?

A resposta de Gan levou um tempo, e Mae se atreveu a levantar

os olhos.

— Talvez não houvesse nada de errado com ela. Talvez você é que seja tão boa.

Mae *sabia* que era boa, mas tinha certeza de que havia outras coisas envolvidas. Aquilo a incomodava, mas contradizer o general seria inaceitável, então, deixou a dúvida de lado. Ele a dispensou e, quando estava perto da porta, uma última dúvida surgiu em sua mente.

— Senhor, meu implante será desativado como parte da punição? — Ela sabia que isso poderia acontecer e temia essa punição quase tanto quanto a suspensão total ou a inatividade.

Gan chegou a parecer surpreso, o que não acontecia com muita frequência.

— Quê? Claro que não. Nunca mandaria você desprotegida para as províncias. E você vai ficar com a sua patente e seu título também. Embora...

Mae congelou. Ela não sabia o que estava por vir, mas havia algo no tom de voz dele que contradizia seu comportamento casual. Somado ao fato de que tudo tinha sido fácil demais.

— É algo pequeno. Você não vai poder usar a farda pretoriana até segunda ordem. Na verdade, essa missão não vai exigir uniforme nenhum, mas, se houver necessidade, por algum motivo, você terá de usar a farda cinza.

Ele estava certo. Era algo muito, mas muito pequeno; porém, as palavras dele atingiram Mae com a mesma força que uma pena de prisão. *Nada de preto*. Até aquele momento, ela não tinha se dado conta da importância que a farda representava para definir quem ela era. O implante e o título eram parte disso também, mas o preto conferia um poder próprio. Separava-a das outras pessoas menos importantes. Ela baixou os olhos para a roupa que vestia, a farda delicada que antes tanto desprezara. Agora ela faria qualquer coisa para ficar com ela. *Quanto tempo até eu poder voltar a usar preto?*

Gan pendeu a cabeça e lhe lançou um olhar intrigado.

— Presumo que não haja nenhum problema com isso, certo?

— Não, senhor. Claro que não. — Ela engoliu em seco. Nada de preto. — Eu sou um soldado da República.

2. Um pedinte à porta

Os corvos a viram antes de Justin. Para delírios da sua mente, eles eram extraordinariamente observadores.

Gostosa, disse Horatio, que era mais curto e grosso.

Normalmente ela usa preto, Magnus acrescentou. Seus comentários costumavam ser um pouco mais esotéricos. Justin se lembrava de um rapaz que havia conhecido na faculdade, onde passou quase todos os quatro anos chapado. De alguma forma, conseguiu se formar com grandes honras.

Mesmo não passando de uma voz incômoda na cabeça de Justin, Horatio tinha razão. Aquela mulher era sensacional e era uma surpresa que a festa toda não tivesse parado para ela passar. Ela se deteve à porta, estudando o salão lotado. *Deve ter vindo encontrar alguém*, ele concluiu. Ou talvez estivesse só procurando o bar. Justin já havia começado seu terceiro drinque e não sabia se seria o suficiente para aquela noite. Aquela era a sexta festa a que precisou ir em pouco mais de seis dias, e ele não aguentava mais sorrir.

Ela deu alguns passos adiante, ainda vasculhando em meio à bruma de fumaça. Havia algo na maneira como ela andava que ele não conseguia determinar ao certo. Com graça, mas não a de uma dançarina. Seus passos largos eram determinados demais e ela mantinha o queixo erguido, indicando confiança e, talvez, certa superioridade. Atleta talvez? Também não era a melhor definição, mas ele não poderia descartar essa ideia.

O cabelo dela parece o sol de inverno, Magnus disse, com uma voz quase doente de amores sussurrada na mente de Justin. Apesar disso, não era uma má comparação. Não era exatamente dourado, tampouco cor de platina. O penteado era encantadoramente fora de moda e, ainda assim, conseguia parecer estiloso, num rabo de cavalo dobrado sobre si mesmo na altura do pescoço, de maneira a revelar uma bela nuca, bem ao gosto de Justin.

— Justin!

A voz estrondosa foi o único aviso antes que a mão robusta lhe desse um tapa nas costas, fazendo-o tombar na mesa de dados e cuspir parte do drinque. Com uma última olhadela para a loira, ele forçou um sorriso que sabia que era esperado dele, e voltou a atenção ao jogo.

— Vai apostar ou não? — Cristobal Martinez, anfitrião da festa e, mais importante, benfeitor de Justin, arregalou um sorriso com dentes tão brancos que emitiam luz. Literalmente. Era um novo tratamento ultravioleta da moda. No Panamá, as pessoas tendiam a extremos. — Você não está sem dinheiro... ainda. — Seu tom indicava que ele sabia como aquela noite iria acabar.

— Claro, claro. — Justin colocou o dinheiro na pilha e, então, voltou um olhar de soslaio para a porta. A loira havia desaparecido.

No bar, Horatio disse.

Dito e feito: lá estava ela, pegando uma bebida do distribuidor automático do bar. Justin tocou o braço de Cristobal e apontou na direção dela.

— Sabe quem ela é?

Cristobal voltou o olhar para a mulher, franzindo um pouco as sobrancelhas, parte das quais estavam cobertas por uma tatuagem de chamas estilizadas, a marca de sua gangue.

— Nunca vi na vida. Uma das penetras mais bonitas da festa. — Ele a examinou por mais alguns momentos e logo perdeu o interesse, a seu modo volúvel de sempre. Voltou a atenção para o jogo, dando um grito quando alguém tirou um sete nos dados.

— Quem quer que seja, é militar — Huan disse, do outro lado de Justin.

Justin voltou a olhar para ela.

— Ela? Não. Impossível.

— É preciso ser um para reconhecer. Fica claro pela postura dela. — Huan lançou mais um olhar escrutinador antes de voltar ao jogo. — Ela é dos nossos também — acrescentou. — AO ou RANU. — Ele vinha da AO, um lugar para onde Justin fugiria num piscar de olhos se tivesse a chance. Infelizmente, a Aliança Oriental respeitava as políticas relativas a exilados de seu país irmão.

— Como você sabe?

— O vestido. Próxima aposta.

Resignado, Justin colocou o dinheiro na mesa e ponderou as palavras de Huan. Ele tinha razão. O vestido era de um crepe da China cor de ameixa escuro, sem mangas e de gola alta.

Quem no mundo sabe o que é crepe da China?, Horatio perguntou.

Precisei aprender essas coisas faz muito tempo, Justin respondeu.

O corte justo do vestido colava ao corpo da mulher e descia até pouco acima do joelho. Aos olhos de Justin, era sugestivo, mas elegante — ainda que totalmente insosso para os padrões locais. Naqueles tempos, a moda panamenha preferia cores berrantes e adornos exagerados, além de decotes que mostravam muita pele e pouquíssimo bom gosto.

Refinada demais para ser daqui, Magnus concordou. Pelo menos *ele* entendia a análise que Justin fez das roupas dela. *Uma mulher que se destaca. Consegue ver as estrelas e as flores?*

Estrelas e flores. Havia muito tempo que Justin não ouvia essas palavras — e não tinha certeza se estava pronto para ouvi-las de novo. Uma cutucada de Huan pôs um fim à sua reflexão.

— Sua vez de jogar.

Justin lançou os dados, ouvindo uma onda de "ah" ao tirar um três. Ele entregou a aposta e tentou encontrar a mulher novamente, mas ela havia desaparecido outra vez.

— Por que você joga isso? — Huan perguntou. — Você sempre perde. Poderia ficar rico nas mesas de pôquer, sabia?

Justin sabia. Cristobal sempre fazia a mesma pergunta, mas Justin não conseguia explicar muito bem a nenhum deles o quão viciante era a ideia do acaso para ele. Grande parte de sua vida foi passada lendo expressões e outros sinais corporais das pessoas. Ele observava demais, deduzia demais. Às vezes, precisava simplesmente de um lance casual de dados para ditar seu futuro.

Para Huan, disse apenas:

— É fácil demais.

Huan riu e meneou a cabeça. Justin gostava do temperamento descontraído dele. Também gostava do fato de Huan ser da AO, pois tinha o mesmo tipo de origem mestiça que ele, embora os traços de Huan fossem um pouco mais próximos de uma linhagem asiática do que caucasiana. O termo em RANU para esse tipo de

mestiçagem era “plebeu”, e ver alguém assim o lembrava de seu país de origem, assim como o fato de que Huan talvez fosse a única pessoa civilizada naquele salão. Grande parte da amizade deles girava em torno de falar mal do Panamá. A diferença era que Huan poderia sair assim que concluísse os serviços de sua embaixada no país. Justin estava preso.

— Cristobal, aí está você!

Uma mulher abriu espaço entre Cristobal e Justin, que tentou não demonstrar o horror diante do sorriso que ela dirigia a seu benfeitor. Quer dizer, ela tentava sorrir, mas tinha um tanto de dificuldade por conta de todas as injeções antirrugas que embotaram seu rosto. Sua sombra magenta chegava até as sobrancelhas e o reluzente vestido dourado que usava era pelo menos um número menor que o seu corpo roliço.

— Precisava vir dizer que esta festa está incrível! — ela exclamou, aconchegando-se ao grandalhão.

— Esta? — Cristobal fingiu uma expressão modesta, mas falhou redondamente. — Foram só umas coisinhas que eu montei. Quase uma reuniãozinha.

Justin percebeu a oportunidade para bajulá-lo:

— Ah, não. Esta é definitivamente a melhor até agora. Não sei como você consegue continuar fazendo essas festas. Nunca vi nada parecido com aquela banda.

Isso era verdade. Cristobal havia conseguido um grupo local famoso por manusear cobras durante a apresentação. Não parecia uma façanha tão grande, considerando-se que elas eram maleáveis. A péssima música já devia ter matado as pobre coitadas havia muito tempo. Mas eles estavam na moda; então, Cristobal tinha que contratá-los, por mais que fizessem Justin ter vontade de arrancar os próprios olhos.

Cristobal riu.

— Guarde seu charme. Não funciona comigo.

Mas funcionava, sim. Cristobal lhe arranjava dinheiro e moradia com prazer desde que ele continuasse a sorrir e a frequentar suas festas. Muitos ainda ficavam encantados com a ideia de um misterioso gemano exilado a ponto de manter segura a situação de Justin, mas ele tinha o pressentimento de que, algum dia, Cristobal

se cansaria dele e encontraria alguma outra novidade para se exibir. Por isso, alimentar o ego de seu padrinho lhe parecia um bom investimento.

A mulher se voltou para Justin, arregalando os olhos de uma forma que não fazia nenhum bem à sua aparência. O sotaque dele o havia entregado.

— É esse o seu gemano? Nunca tinha visto um.

— Justin, essa mulher adorável é Ana Santiago — Cristobal disse. — O marido dela é um grande amigo e sócio meu.

— Você devia ter vergonha — Justin disse a ele, cumprimentando a mão dela. — "Adorável" não chega nem perto de descrever uma mulher dessas.

Outra verdade, mas não como Ana interpretou.

Cristobal gargalhou estrondosamente com o "elogio" e estendeu o braço atrás dela para dar outro tapa nas costas de Justin. Dessa vez, pelo menos, ele teve como se preparar.

— Ora, ora, ela é uma mulher casada — Cristobal disse, dando uma piscadinha para Ana. — Vou deixar vocês dois a sós. Mas tenha cuidado. Esse rapaz é chave de cadeia. — Ele coletou seus ganhos e saiu para procurar sua próxima distração.

Ana teve a coragem de piscar sedutoramente, mostrando os cílios decorados com cristais multicoloridos. Aquilo era demais, até mesmo para os padrões medonhos daquele lugar. O simples fato de estar numa festa como aquela deixava claro que ela não passava de uma nova-rica. E, se o marido dela era "sócio" de Cristobal, provavelmente havia acumulado fortuna por algum meio questionável. Na selva que era a cidade do Panamá, as pessoas faziam de tudo para subir na escala social. Ana tinha o ar de quem fora criada nas classes mais baixas e estava tentando compensar agora.

Com a saída de Cristobal, ela foi se achegando a Justin. O sorriso falso estava começando a arder em seu rosto, mas ele sabia que precisava entreter a convidada de Cristobal.

— Cristobal não precisava me dizer que você era chave de cadeia — ela murmurou. — Uma voz na minha cabeça já tinha me avisado disso.

Justin levantou os olhos subitamente.

— Você ouve vozes na sua cabeça?

Ela pareceu surpresa.

— Não literalmente. Só gente louca ouve vozes.

— Certo — Justin disse, inexpressivo. — Claro.

Ana voltou a tentar sorrir, com a mesma dificuldade de antes.

— São poucos os gemanos por aqui.

— Azar o deles. Pode crer: as mulheres de lá não são nada comparadas com as daqui. — Justin virou o restante do drinque e olhou desolado para o copo vazio.

Ela deu uma risadinha que era completamente inapropriada para uma mulher da sua idade.

— Ah, você é um doce! E tão bonito quanto a Blanca disse.

Por pouco o sorriso de Justin não esmaeceu. Por pouco.

— Blanca Jessup? — ele indagou com cautela.

— Sim, ela é uma grande amiga minha. Falou muito sobre você.

Que ótimo. O último encontro de Justin com Blanca havia envolvido um discernimento péssimo e uma tequila ainda pior. Definitivamente não foi um de seus melhores momentos. Blanca, pelo menos, não era casada, embora seus irmãos tivessem uma atitude obsessiva, protetora e, muitas vezes, violenta com relação às mulheres da família, o que era muito comum entre as famílias tradicionais de classe alta. Ele se perguntou o que "muito" envolvia e se Ana estava querendo ter uma experiência parecida. Não havia álcool suficiente naquela festa para isso.

Ele pigarreou e tentou mudar de assunto:

— Este é Huan Korokov. Ele é da AO.

Huan era bem-apessoado e Justin torceu para que isso pudesse desviar a atenção dela, mas não teve essa sorte. Ela mal olhou para ele e murmurou uma saudação bem-educada antes de se voltar para Justin novamente. Pelo canto do olho, ele pôde notar o esforço de Huan para não rir. Esse deveria ser o ponto alto da viagem dele.

Ela se debruçou sobre a mesa, mostrando ainda mais o decote, se é que isso era possível.

— Blanca disse que você era algum tipo de caçador de bruxas, certo?

Ele ouvia muito isso por ali. Vez por outra, chamavam-no de

“matador de padres”.

— Nada tão emocionante. Eu investigava grupos religiosos para o governo. Precisava garantir que não oferecessem perigo.

— A RANU acha que todos os religiosos são perigosos? — ela perguntou.

Ah!, *talvez ela não seja tão sem graça quanto parece*, Horatio disse.

Se você tivesse alguma utilidade para mim, *apareceria magicamente e me traria outra bebida*, Justin disse a ele.

Ela teria prazer em te levar uma bebida na tua casa, Magnus disse, prestativo.

Justin fez outra aposta, notando que seu maço de notas estava ficando cada vez menor.

— É um pouco mais complicado que isso. Você conhece a Constituição Gemana? — Não, claro que não. — A crença em entidades fictícias é uma ameaça à estrutura social e, portanto, deve ser examinada e regulada para o bem de todos os cidadãos. — Ele poderia recitar isso até dormindo.

Quase acreditei em você, Horatio ironizou.

— Eu adoraria saber mais — Ana disse, sedutora, chegando mais perto. — Talvez possamos conversar em um lugar mais tranquilo.

Talvez na próxima vida, Justin pensou. Huan veio ao seu resgate.

— Justin não gosta de falar do passado — ele disse, com uma expressão tão grave que mereceria um Oscar. — São memórias muito dolorosas. Justin, você deveria contar para ela a história do motivo de ter saído do país.

Alguns jogadores próximos se voltaram, surpresos. O gemano de estimação de Cristobal era um assunto de grande interesse por ali, assim como seu exílio misterioso.

Justin desviou os olhos e fingiu um ar perturbado que vinha aperfeiçoando para essa história.

— Não sei. Para mim é difícil falar dessas coisas... além disso, não quero incomodar você com os meus dramas pessoais.

— Tenho certeza de que a *señora* Santiago não se importaria. Ela parece uma ótima ouvinte. — Huan estava fazendo um ótimo papel coadjuvante. Talvez Justin pudesse ensaiar mais com ele esse ato.

— E sou mesmo — ela concordou, ansiosa.

— Eu posso contar. — Justin lhe abriu um pequeno sorriso. — Tem alguma coisa nos seus olhos, sabe. Esse tipo de doçura e compreensão... vem da sua alma. — Huan pigarreou e precisou desviar os olhos para não rir.

— As pessoas vivem me dizendo isso — Ana respondeu, aproximando-se ainda mais. — Agora, por favor, me conte o que aconteceu.

Justin respirou fundo.

— Não há muito o que dizer. Sabe... tinha essa mulher...

— Já imaginava. — Ana apertou a mão dele contra a sua, que estava suada. — Assim que o vi, pensei: "Está aí um romântico incorrigível".

— As pessoas vivem me dizendo isso — ele disse, repetindo as palavras dela.

Estou impressionado que você consiga ficar sério, Horatio comentou.

Cala a boca, Justin respondeu.

— Enfim, quando conheci essa mulher, foi amor à primeira vista. Tenho certeza de que foi assim com você e seu marido.

O rosto de Ana sugeriu que não.

— Qual era o nome dela?

— Phoebe — ele respondeu, prontamente.

— Pensei que fosse Pamela — Huan interrompeu.

Justin lhe disparou um olhar de advertência.

— *Phoebe*. Nunca me senti tão próximo a alguém na vida. Parecia que tínhamos sido feitos um para o outro, sabe?! Combinávamos perfeitamente em tudo. Todos os momentos que eu vivia com ela pareciam um sonho. Eu sabia que precisávamos ficar juntos para sempre, então, finalmente, a pedi em casamento numa praia, ao pôr do sol. Pombas brancas voavam no céu. Ainda me lembro do brilho do rosto dela quando ela disse sim.

— O que aconteceu depois? — Ana perguntou, sem fôlego.

Ele suspirou e voltou a baixar os olhos, ciente de que metade da mesa estava ouvindo agora.

— Ah, o de sempre. Começamos a planejar o casamento. Iria ser num bosque maravilhoso. O lugar mais verde que eu já vi na vida, cheio de flores e borboletas. Contratamos um violinista e um coro infantil para cantar músicas de casamento.

— Não se esqueça do cavalo — Huan disse. — A Pamela chegaria montada num cavalo.

— A Phoebe chegaria montada num cavalo — Justin corrigiu.

— Branco? — Ana perguntou.

— Sim, claro. — Ele nunca mencionava a cor quando contava essa história, mas as mulheres sempre imaginavam branco. — Tudo era perfeito. Então, alguns dias antes da cerimônia, fomos fazer o teste de compatibilidade. Sabe o que é isso?

— Eles obrigam vocês a fazer antes de casar — ela respondeu, prontamente.

Não era exatamente verdade, mas ele imaginava que essa era uma ideia comum nas províncias. Enchia a história de mais mistério e romantismo, coisas que as pessoas de lá adoravam.

— Então, nós não combinávamos. Para os padrões deles, pelo menos.

Ana abafou um grito de exclamação.

— Então vocês não podiam se casar.

— Ah, podíamos, mas havia... penalidades. — Ele parou aí, afinal, a imaginação dela iria muito mais longe do que as habilidades narrativas dele seriam capazes. — Nós não nos importamos, claro. Mesmo assim, seguimos em frente com o casamento e planejamos sair do país depois, antes que eles pudessem vir atrás de nós. Só que, quando chegou o grande dia... ela não apareceu.

— Eles... a pegaram antes?

Ele fez que não.

— Pior. Ela desistiu. Estava com muito medo do que poderia acontecer. Não teve coragem suficiente para ficar comigo. Então, depois disso... bem, como eu conseguiria ficar num país que destruiu nossa relação? Era sofrimento demais para mim. Precisei ir embora.

Para a sua felicidade, Ana estava com os olhos lacrimejantes. Ela apertou a mão dele com ainda mais força.

— Coitadinho. — Ele torceu para que ela não quisesse "confortá-lo" depois. Costumava acontecer algumas vezes em que ele contava essa história. De vez em quando esse, na verdade, era o objetivo, mas definitivamente não era o caso naquele dia. — Mal posso

imaginar seu sofrimento.

— Não parece de verdade, não é? — Huan perguntou. — Impossível acreditar que alguém possa passar por uma tragédia como essa. Você está fora.

Justin olhou para a mesa. Sua pilha havia sumido.

— Merda. — Enquanto contava, não prestara atenção no jogo. Lá se ia o seu ordenado da semana.

Huan meneou a cabeça, fingindo compaixão.

— A tragédia te segue por toda a parte, não é mesmo?

— Não falta muito para você voltar para o seu país, não é? — Justin perguntou, cáustico.

— Vou hoje, na verdade. — Huan fez que não quando lhe perguntaram se entraria na próxima aposta e reuniu seus ganhos numa grande pilha. — Aliás, é bom eu ir logo. O avião deve estar me esperando.

A notícia afetou Justin com mais força do que deveria. As negociações diplomáticas com o Panamá haviam mantido Huan e sua delegação por mais tempo do que o comum para aquela viagem. Justin tinha se acostumado a ter o amigo por perto e, de repente, sentiu como se estivesse prestes a ser tragado pelas trevas.

— Ei!

A rispidez de Ana subitamente tirou Justin de seu acesso de autopiedade. Um grupo de homens que passava havia trombado numa garçonete, fazendo-a, por sua vez, cair com tudo em cima de Ana. O equilíbrio da menina se demonstrou quando ela se recuperou rapidamente e conseguiu endireitar a bandeja sem derrubar nenhuma das bebidas. Mesmo assim, o empurrão sobressaltara Ana, que cravou o olhar cheio de ódio na garçonete.

— Olhe por onde anda, sua vadiazinha. Se derrubar uma gotinha em mim, vou mandar o Cristobal jogar você nas ruas assim, ó. — Ana tentou estalar os dedos para frisar a frase, sem sucesso, mas conseguiu na segunda tentativa. — Vai ter que voltar rastejando para o buraco onde você mora e trepar com seu senhorio para pagar o aluguel.

Quanta elegância, Horatio ironizou.

Justin conhecia a garçonete. Depois de quatro anos, conhecia quase todas as pessoas que trabalhavam para Cristobal. O nome

dela era Sara, e tinha a metade da idade e do tamanho de Ana. Sara tinha uma boa cabeça e um belo rosto, de maneira que, num mundo de mulheres como Ana Santiago, ela era alguém que Justin adoraria conhecer melhor. No entanto, era inteligente demais para se envolver com um amigo do chefe, deixando perfeitamente claro que o único objetivo dela ao tolerar mafiosos bêbados e aspirantes a socialites era alimentar as duas criancinhas que tinha em casa. Justin respeitava isso. Algo nela lhe trazia a lembrança doce — e dolorosa — da irmã.

Mesmo agora, Sara foi esperta o bastante para não dar um pio de protesto. Ouviu a repreensão, submissa, pedindo desculpas baixinho enquanto servia as bebidas da mesa. Justin lhe entregou uma das grandes fichas de Huan como gorjeta, ao que ela agradeceu com um aceno.

Triunfante, Ana a observava sair, parecendo orgulhosa de sua capacidade de humilhar alguém que já estava numa posição muito mais baixa na vida.

— Eu entendo que Cristobal queira ter uma novinha por aí, mas não sei como ele aguenta tanta incompetência. Ela teve sorte de não ter arruinado meu vestido. É importado da RANU, sabia? — ela disse, dirigindo-se a Justin, esperando que isso o deixasse impressionado. — Não que essa escória consiga entender essas coisas.

— Escória? Ela vem do mesmo lugar que você — Justin disse. Ele falou baixo, mas todos na mesa podiam ouvir.

Ana arregalou os olhos.

— Eu moro na costa oeste!

Huan pigarreou alto para adverti-lo, mas algo em Justin estourou. Ele estava muito, mas muito cansado daquele lugar. Cansado dos jogos, cansado de mulheres como Ana, cansado de dançar para entreter Cristobal. Os corvos viviam lhe falando sobre planos divinos de grandeza que o aguardavam, mas Justin não via grandeza nenhuma no seu futuro. Aquele mundo não parecia ter fim e isso o enchia de uma fúria que se somava à de ver Huan partir.

— Mas você é de San Garcia — Justin disse a Ana. Ele desatou a falar quando ela começou a menear a cabeça, sem admitir. — Dá

para ver pelo jeito como você engole o "S" e usa expressões como "novinha". Nenhum dinheiro nem poder no mundo vão mudar a sua origem e tentar esconder isso com pilhas de joias falsas não vai funcionar também.

Ana ficou vermelha.

— Elas são legítimas.

— São o caralho. Dá para ver o descoro de latão daqui. E esse vestido *não* é gemano porra nenhuma, a menos que você tenha conseguido entrar numa liquidação depois dos Feriae. Esse tecido é só um lixo inflamável da Guatemala. Sei porque eu vi no estoque daquele alfaiate na Rua das Flores, que é o mesmo lugar onde eu compro as minhas imitações baratas. — Justin fez uma pausa para beber um gole, mas então lembrou que estava sem bebida. — Você pode se vangloriar o quanto quiser, mas, no fim das contas, esse vestido é igual a você: um modelo velho e vagabundo, todo emperiquitado para parecer mais do que realmente vale.

Toda a mesa segurou a respiração, até que Ana, com o rosto inflamado, lançou o vinho de sua taça contra Justin, deixando uma mancha vermelho-sangue em sua camisa.

— Parece que é hora de comprar outra imitação barata.

Ela saiu a passos sonoros provavelmente em direção a Cristobal, Justin pensou, cabisbaixo.

— Certo. Vamos fumar um cigarro, Miss Carisma.

— Mas você não fuma — Justin disse, deixando-se guiar.

— Não é para mim. Tome. — Huan tirou o casaco e deu a ele. — Você não vai querer que todo mundo pense que você levou um tiro. A menos que queira se fazer de morto quando o marido dela vier para se vingar.

Huan devia ter vindo de alguma reunião de trabalho, pois estava com um daqueles casacos oficiais que costumava usar em negociações diplomáticas. Azul-marinho, com duas fileiras de botões, tinha a bandeira da AO bordada no bolso e uma série de cores na borda da gola que correspondiam à sua patente e à sua posição. Justin achava estranho usar aquele casaco, mas não tão estranho quanto caminhar por ali com uma camisa manchada de vinho.

— Você vai me tirar deste país? — Justin perguntou, taciturno.

Huan respondeu com um sorriso solidário e abriu a porta que dava para um beco escuro. Mesmo com o calor e a umidade, o ar de fora parecia leve e refrescante comparado com a névoa de fumaça e a multidão humana do lado de dentro. O barulho dos insetos noturnos zunia ao redor deles e, no céu, as nuvens disputavam uma corrida lenta. Ele pensou ouvir o estrondo distante de um trovão, enquanto as árvores do outro lado da rua começavam a balançar. As tempestades costumavam surgir rápida e furiosamente por ali.

Justin resmungou:

— Não sei por que eu suporto isso.

— Porque Cristobal sustenta sua vida de marajá — Huan sugeriu, dando-lhe um tapinha consolador nas costas. — Pelo menos quando você não insulta os convidados dele.

— Preferia ser um pedinte à porta da RANU do que marajá neste pesadelo — Justin respondeu.

— Se faz você se sentir melhor, fez um excelente trabalho na história de hoje. Uma das suas melhores performances até agora... embora eu ache que você dá um passinho em direção ao inferno sempre que a conta.

— Não acredito em inferno, então tudo bem.

O silêncio reinou por alguns instantes, e Huan voltou a falar, hesitante:

— Mas eu estive pelas suas antigas bandas recentemente. — Seu rosto quase expressava compaixão. Ele sabia que essas conversas perturbavam Justin... mas também sabia que Justin ansiava por elas. — Tive uma reunião em Vancouver.

Justin levantou a cabeça em sobressalto. Vancouver! A simples menção desse nome tinha força.

— E... como foi?

— O de sempre. Linda e perfeita. A joia do mundo.

— A joia do mundo — Justin repetiu. Ele levantou o cigarro apagado como se brindasse. Aquela velha dor surgia em seu peito, a saudade que sentia sempre que alguém falava sobre a RANU. Nenhuma bebida, droga ou qualquer outro vício na cidade do Panamá poderia fazer aquela dor ir embora.

— Sinto muito — Huan disse.

— As coisas são assim. Têm sido faz tempo.

A sombra do velho sorriso de Huan retornou.

— Imagino que você nunca vá me contar o verdadeiro motivo por que veio embora, não é?

— Não. Sei que você adora a história da Penelope. Não quero destruir esse seu prazer.

— Pensei que fosse Phoebe. Ou Pamela.

Justin fez um gesto de desprezo.

— Não importa. Ela é uma vagabunda sem-vergonha.

— Certo. Você está melhor sem ela.

— Exato.

Huan riu e estendeu a mão.

— Você vai ficar bem se eu for embora?

Justin apertou a mão dele.

— Só se eu puder ficar com o casaco.

— Claro. Tenho vários iguais, do mesmo lugar de onde veio esse. — Huan dirigiu-se à porta. — Até a próxima.

— Até a próxima — Justin repetiu, vendo o amigo partir. O barulho da festa surgiu quando a porta foi aberta e então voltou a desaparecer. Um humor lúgubre tomou conta de Justin e ele saudou a solidão enquanto acendia o cigarro.

Fumar nas áreas externas era um hábito da RANU. Ali, ninguém se importava com o quê ou onde se fumava, mas no seu país de origem havia leis severas com relação a isso. Ele deu um longo trago no cigarro, sentindo uma brisa agradável que intensificava o álcool em seu sangue, que já o havia deixado um pouco tonto. Ele também não teria como fumar cigarros como aquele em seu país natal. A RANU era muito cuidadosa com a saúde de seus cidadãos. Claro que, como a RANU deixara de se importar com ele, ele pensou que tinha o direito de alimentar todos os hábitos autodestrutivos que bem quisesse. As palavras de Huan se repetiram em sua mente:

Linda e perfeita. A joia do mundo.

— Ai, meu deus — Justin murmurou.

Que deus?, Horatio perguntou.

O filho da mãe que me mandou para cá, Justin respondeu.

Julgando pela resposta de Magnus, os corvos haviam retomado o

tom insolente:

Foi você quem se mandou para cá. Os deuses simplesmente ajudaram. Quando não estavam criticando sua vida, os corvos estavam sempre falando sobre deuses.

Calem a boca, Justin disse a eles. *Estou tentando ter um momento sozinho.*

Cuidado, Horatio disse.

Seis grandalhões surgiram à direita de Justin, em meio à escuridão. A luz da lua se refletia na cabeça raspada de Paolo Jessup, bem como em seus inúmeros brincos extravagantes. A seu lado, estava o irmão, Miguel, e Justin logo reconheceu que os outros brutamontes eram os comparsas da família Jessup. Ele teve a terrível sensação de que estava mais perto do inferno que Huan comentara do que havia imaginado.

— Ei, Paolo, como vão as coisas? — Justin forjou um sorriso e se perguntou quais eram as chances de aquilo não ser por causa de Blanca.

— Não me faça perder tempo, porra! Você achou que podia sair impune dessa? Achou que podia tirar vantagem da minha irmã assim?

As chances, pelo jeito, não eram muito grandes.

Fale que ela não relutou muito, Horatio sugeriu. Justin ignorou o corvo.

— Está acontecendo algum engano — ele disse a Paolo. — Eu nunca faria nada contra a Blanca.

— Não foi isso que ela contou para a Dora Ramirez — Miguel grunhiu.

Dora? E Ana? Para quantas pessoas Blanca contou? Justin esperava que, pelo menos, ela tivesse falado bem daquela noite.

Ele também ficou se perguntando onde estavam os seguranças de Cristobal. O lado de fora dos estabelecimentos dele costumavam estar lotados de capangas, e Justin especulou se os irmãos Jessup os haviam subornado. Ele não conseguia imaginar Cristobal contente com a morte precoce de seu hóspede favorito... ou será que ficaria? Sem dúvida, Cristobal poderia ganhar muitos créditos com a história trágica. Justin quase podia ouvir a voz do grandalhão dizendo: *Ele era como um irmão para mim...*

Ameaçador, Miguel avançou alguns passos, rosnando como um dos cães mal treinados de Cristobal. O cheiro era quase igual.

— Vou acabar com você! — ele vociferou.

Não acho que Blanca valeu tanto a pena, Horatio disse. *Nem foi tão bom assim*.

O comentário de Magnus foi mais enigmático: *A sua valquíria*.

Miguel parou de avançar quando uma porta se abriu e, por ela, saiu uma mulher. Não uma mulher qualquer. Ela. A loira de antes. Por um milésimo de segundo, todos estacaram e, então, com uma velocidade impossível, ela subitamente se colocou entre Justin e os Jessup, com a postura protetora e agressiva. Uma postura de combate. As palavras de Huan lhe voltaram à mente: *Quem quer que seja, é militar*. Ela não fez nenhum outro movimento, mas havia uma tensão em seu corpo que deixava claro que era uma leoa disposta a atacar a qualquer momento.

Sabia que, Magnus observou, em tom casual, *as leoas fazem todo o trabalho enquanto os leões ficam vadiando?*

— Fique atrás de mim — ela disse, dirigindo-se a Justin; suas palavras comprovavam que ela era gemana mesmo. Poucos centímetros o separavam dela, de maneira que ele pôde observar distintamente o pescoço e o ombro que antes havia admirado, assim como a maneira como a seda envolvia seu corpo. Alguns fios rebeldes de cabelo flutuavam em torno do rosto dela e o tênue aroma do que pareciam flores de maçã chegou até ele.

Os Jessup se recuperaram e Paolo abriu um sorriso sarcástico.

— Bela troca — ele disse. — Você comeu uma das nossas mulheres e agora vamos comer uma das suas. Se tiver sorte, vai estar consciente o bastante para assistir.

Os outros riram e Paolo, com sangue nos olhos, deu dois passos à frente. Mas, infelizmente para ele, não chegou a avançar mais.

3. Alguns problemas a menos

Todas as últimas esperanças que Mae alimentava sobre alcançar a glória no Panamá caíram por terra quando Gan lhe explicou os detalhes da missão. Ela não iria frustrar uma tentativa de assassinato. Não iria nem mesmo praticar um assassinato. Em vez disso, todo o seu treinamento de elite e toda a sua tecnologia militar seriam empregados para acompanhar uma dupla de burocratas do Ministério de Segurança Interna em uma viagem para recuperar um servidor exilado.

Nenhum dos dois deixou Mae muito impressionada. A mulher, com o nome infeliz de Cornelia Kimora, era supervisora na divisão da ICS da Segurança Interna: Investigação de Cultos e Seitas. Na casa dos cinquenta, tinha o hábito perturbador de tingir o cabelo *chanel* de um tom laranja cor de damasco. Todos os acessórios e roupas que usava eram beges, e ela tinha uma das personalidades mais gélidas com que Mae já se deparara — o que era significativo, considerando a origem de Mae. Na casta nórdica, pelo menos, aquele tipo de atitude fria e arrogante costumava se aliar a uma habilidade de fingir um sorriso e agir como se você se importasse. Cornelia não tinha refinamentos como esse e deixava sua indiferença bem clara para o resto do mundo.

Seu companheiro, Francis Kyle, era o oposto. Com a mesma idade, tinha uma atitude dispersa e quase insuportavelmente bem-humorada. Seu entusiasmo parecia irritar Cornelia em especial, mas, como o cargo dele na Segurança Interna era superior ao dela, pouco podia fazer além de ranger os dentes. Os gracejos dele eram realmente um tanto exagerados, mas, pelo menos, ele era gentil com Mae.

Cornelia e Francis também tinham pontos de vista completamente opostos em relação à tarefa, o que foi tema do longo voo de nove horas. Cornelia achava que a viagem era uma

perda de tempo e visivelmente se opunha a seus objetivos. Francis, por outro lado, mal conseguia conter o entusiasmo conforme iam se aproximando do destino.

— Estou muito ansioso — ele disse a Cornelia em determinado momento. Com uma careta, ela levantou os olhos de seu leitor e esperou, impaciente, até que ele continuasse. — Há muito tempo que eu queria conhecer o dr. March. O trabalho dele é maravilhoso.

— *Era* maravilhoso — Cornelia corrigiu. — E não confunda o homem com o trabalho dele.

Francis pareceu positivamente surpreso com o esclarecimento:

— Ah, é? Eu achava que eram a mesma coisa.

— Raramente são. — Cornelia resfolegou de maneira pouquíssimo elegante. — Espere para ver.

— Ele é um gênio — Francis insistiu.

— Pois é. — Ela cuspia as palavras enquanto, com a mão erguida, enumerava os adjetivos nos dedos. — Além de arrogante, impertinente e manipulador.

Francis não se deixou abalar:

— Não são qualidades necessariamente ruins nessa linha de trabalho.

— São qualidades incômodas que ele tenta vender como se fossem seu charme. — A lista seguinte exigiu os dedos de sua outra mão. — Estimulantes, álcool, jogo, mulheres... não tem um poço em que ele não se afunde. Deve ter se adaptado perfeitamente ao Panamá. Não vai querer sair daqui.

O temperamento alegre de Francis abriu lugar ao deboche:

— Sinceramente, eu duvido disso. Além do mais, nós precisamos dele. Você sabe. Nenhuma outra pessoa tem a... perspectiva dele.

— É exatamente esse o meu problema. Não sei se realmente precisamos da perspectiva dele.

Mae não sabia o que era essa tal perspectiva ou o que seria tão importante a ponto de exigir que a Segurança Interna viajasse até as províncias. Pela descrição que Cornelia fez de dr. March, ele parecia a personificação de tudo o que Mae odiava em um homem, e ela torceu para que não tivesse de conversar com ele no trajeto de volta. Apesar disso... ela não podia negar a curiosidade a respeito

do exílio desse homem. Que espécie de coisa faria alguém precisar ser exilado da RANU? Se ele havia cometido um crime, por que não o prenderam? E, mais importante, se tinha cometido algo tão terrível a ponto de ser expulso do país, por que queriam trazê-lo de volta?

Essas dúvidas estavam muito além da alçada de Mae e pouco tinham a ver com sua função ali. Ela e quatro outros soldados de cinza que acompanhavam Cornelia e Francis não passavam de mera força bruta. Era um trabalho inglório, mas Mae se lembrou de que isso era menos do que merecia depois de seu colapso nervoso no funeral. *Uma viagem às províncias*, ela disse a si mesma. *Uma viagem para pegar o servidor genial e arrogante da ICS e, então, terei de volta o meu serviço regular... e a minha farda.*

O Panamá não exigiu farda nenhuma — pelo menos, não uma militar. Por mais estranho que parecesse, Mae recebera instruções para levar roupas de festa. Assim que o grupo chegou e se instalou no que, questionavelmente, era considerado o hotel mais seguro da cidade, ela ficou um tanto surpresa com o verdadeiro motivo por que usaria aquele vestido.

— Vocês querem que eu... entregue uma carta?

— Sim. — Cornelia não se intimidava com os pretorianos, e suas sobrancelhas franzidas demonstravam seu descontentamento diante do fato de Mae chegar a questionar alguma coisa. — Ele está morando com um mafioso local nessas bandas, Cristobal Martinez, dono de todo tipo de boates e casas noturnas, e é impossível saber onde exatamente March está nessa mixórdia. Mas deve ser fácil encontrar esse Martinez. Ele é um homem extravagante que vive dando festas. Tudo o que você precisa fazer é ficar bonita, aparecer na festa, ser discreta e entregar isso a ele. — Ela deu a Mae o envelope em que se lia "Justin March" escrito à mão. — Não deve ser muito difícil para você e seu conjunto formidável de habilidades.

Mae fez a mesma expressão educada e respeitosa que faria diante de Gan, mas, por dentro, estava fervilhando de ódio. *Tudo o que você precisa fazer é ficar bonita.* O sorriso de escárnio no canto dos lábios de Cornelia e o tom de desprezo na sua voz deixavam implícito que ela não gostava de castais, mas, provavelmente, havia algo

muito mais subjacente. Ela simplesmente se sentia ameaçada por uma mulher mais nova, ponto — ainda que essa mulher fosse um dos soldados mais temidos da RANU.

E havia também o pequeno fato de que Mae iria aonde nenhuma outra pessoa daquele grupo iria. Tanto Cornelia como Francis deixaram perfeitamente claro que não tinham a intenção de pôr os pés para fora do hotel até a partida para o aeroporto. Apesar de toda a presunção deles, as províncias aterrorizavam os dois, algo em que Mae via graça.

Mas ela guardou seus pensamentos para si mesma, lembrando que era um soldado sob punição. Aceitou a condescendência de Cornelia sem reclamar, parando apenas para perguntar:

— Querem que eu espere e traga dr. March?

— Não. Não há como saber quando Martinez se dará ao trabalho de encontrá-lo, e há instruções sobre onde estamos no envelope. Quando March ler, ele vai vir, acredite em mim. — Cornelia voltou a bufar. — E ele não precisa de escolta. Se conseguiu viver nas ruas do Panamá por tanto tempo, pode sobreviver mais um pouco sozinho. — Essa devia ser a última tentativa de Cornelia para frustrar o plano a que era contrária. Talvez tivesse esperanças de que ele fosse morto no caminho para o hotel.

Assim, no fim daquela mesma tarde, Mae se viu sozinha no quarto, maquiada e com um vestido cor de malva, prendendo o cabelo num coque Gibson. Penteados antigos como aquele eram moda nas castas agora e, por mais que se distanciasse de suas origens, era difícil não cair em velhos hábitos. *Ficar bonita.* Talvez ela não devesse menosprezar tanto a atitude de Cornelia, afinal, Mae subitamente teve um estranho flashback de quando, aos dezesseis anos, toda enfeitada e elegante no mesmo nível de glamour, estava pronta para ser exibida.

Não sou mais aquela menina, Mae se lembrou, com uma última olhadela no espelho. *Eu sou um soldado da República.*

Nenhum pretoriano teria medo de andar nas ruas do Panamá, mas uma mulher sozinha — especialmente uma estrangeira loira de vestido curto — sem dúvida chamaria a atenção. Era uma falha no plano da Segurança Nacional. Se realmente queriam o envio de uma mensagem discreta, deveriam ter levado um pretoriano

homem. Claro, eles provavelmente não tinham nenhum homem com tamanho descrédito naquele momento para merecer uma missão mundana como aquela.

Mae quase desejou que algum dos habitantes locais provocasse uma briga. Desde o funeral, suas emoções ainda estavam tão em polvorosa que ela poderia muito bem se valer de uma briga como válvula de escape. No entanto, embora tenha recebido alguns olhares desavergonhados e meia dúzia de comentários obscenos em espanhol, os bandidinhos tatuados que vadiavam em frente ao hotel a deixaram em paz. A maior parte do trajeto, que atravessou a cidade para chegar à boate de Cristobal Martinez, foi de táxi e, embora o motorista não fizesse nenhum esforço para esconder o olhar malicioso, ele também manteve distância.

Na verdade, o encontro mais forte que teve foi com alguém que não estava interessado em seu corpo, mas em sua alma. Faltando cerca de meio quarteirão para a entrada da boate, um homem de cabeça raspada e casaco esfarrapado suplicava a todos os transeuntes, oferecendo panfletos mal impressos. Mae não sabia falar espanhol, mas entendeu palavras como "*diós*" e "*salvación*". Não soube dizer se ele estava vendendo uma das antigas religiões ou uma das muitas novas que pulularam após o Declínio, mas isso não tinha importância. Todas se alastravam descontroladamente ali nas províncias e eram igualmente nocivas. Ela não via qualquer utilidade em nenhuma delas e deixou isso bem claro depois que o pregador ignorou suas recusas bem-educadas. Depois de um forte empurrão contra o muro, ele decidiu guardar sua salvação para si mesmo.

Mulheres encontravam pouca resistência para entrar nas boates assim como em sua terra natal. Ao contrário dos estabelecimentos gemanos, porém, aquele tinha uma chapelaria para armas. Era assustador. A RANU não via absolutamente nenhum motivo para que civis carregassem armas, e Mae observava incrédula enquanto playboys com roupas da moda e prostitutas caminhavam até os guardas e lhes entregavam suas armas com a mesma casualidade com que entregavam os casacos.

Dentro da boate, o ar-condicionado ligado no máximo disputava o controle com o calor gerado pela multidão de gente. O calor

estava vencendo. Igualmente opressivo era o odor de corpos suados misturado à fumaça de cigarro e outras substâncias, o que criava uma bruma na sala mal iluminada, fazendo seus olhos marejarem. Em meio a isso tudo e à música ensurdecedora, os sentidos de Mae ficaram em alerta. Podia ser uma festa, mas era uma festa perigosa, e sua vigilância despertou o implante.

Ela não entendia inteiramente a complexidade dos papéis de gênero panamenhos, mas sabia que estavam ligados à classe social. Havia um grupo aristocrata que mantinha as mulheres escondidas do público geral e uma nova classe alta emergente que era mais liberal quanto às regras para o sexo. Esse último grupo formava a maior parte dos convidados da boate naquela noite, embora também houvesse um grande número de mulheres influentes que não tinha reserva em se mostrar disponível para os homens com mais recursos. Estar sozinha sugeria a eles que Mae fazia parte deste último grupo, por isso não via a hora de completar sua missão antes que alguém decidisse testar essa teoria.

Ela acabou levando cinco cantadas até que, por fim, identificou Cristobal Martinez. Apenas um de seus "pretendentes" se mostrou hostil com sua rejeição, mas o olhar incisivo de um segurança que passava poupou a Mae o transtorno de precisar se defender. Pelo bem da discrição, aquilo estava mais que bom, embora seu humor cada vez mais sombrio ainda ansiasse por uma briga.

Ela localizou Cristobal perto de uma máquina de bebidas automatizada. Era uma das antiquadas, com um péssimo sistema de reconhecimento de voz, que lhe serviu tequila em vez do rum que ela havia pedido. Cristobal era um homem alto e sociável que contava, animadamente, uma história para seus companheiros. Quando notou Mae perto dele, seu rosto se iluminou.

— Minha linda penetra — ele disse, em inglês, estendendo as mãos expansivamente. — Seja bem-vinda ao meu humilde lar. Quer dizer, um dos meus humildes lares.

— Obrigada pela hospitalidade. — Mae sorriu como se estivessem tomando chá na capitania nórdica. — Queria saber se o senhor pode entregar uma mensagem a Justin March.

— Você mesma pode entregar. Ele está bem ali... — Cristobal se virou e examinou a parte do salão onde ficavam as mesas de jogo.

— Quer dizer, estava bem ali. Não sei aonde ele foi parar agora. Provavelmente na cama de alguma mulher. — Seu tom era de desculpas. — Mas é difícil dizer. Talvez não seja tarde demais se quiser pegar o homem.

Mae tensionou o sorriso.

— Só preciso que isso seja entregue a ele. — Ela tirou o envelope da bolsa. — Você pode me ajudar?

— Claro. — Ele colocou o envelope no bolso com a mesma destreza que um mágico faria surgir moedas com os dedos. — Agora, o que mais eu posso fazer por você? Diga e será seu. — Sua demonstração de generosidade era mais para os espectadores do que para ela. — Eu gosto de vocês, gemanos. Queria estimular outras pessoas de seu povo a virem me visitar aqui.

Mae quase mencionou o rum, mas, em vez disso, deu um aperto de mão e outro sorriso cortês.

— Isso é mais que suficiente. Preciso ir agora, mas obrigada pela ajuda para entregar isso ao dr. March. — Ela achou necessário voltar a mencionar isso mais uma vez, pois a personalidade de Cristobal parecia um tanto dispersa.

Ele bateu as mãos no peito como se sentisse uma dor profunda.

— Ah, como as mulheres gemanas são cruéis. Não é nenhuma surpresa o Justin ter vindo para cá. Espero que, pelo menos, você dê uma circulada por aí antes de partir meu coração ainda mais. Tem comida naquela sala ali, e eu tenho alguém vendendo cinza aqui em algum lugar. Ele tem da boa. Não aquela porcaria que é traficada para a RANU. E você *não pode* perder a banda, de maneira nenhuma.

Quanto a isso, ele estava certo. Era impossível ignorar a banda, por mais que ela tentasse. Ela agradeceu a Cristobal mais uma vez, com a esperança de que ele se lembrasse do envelope, e então começou a caminhar em direção à porta por que tinha entrado. Um grupo de homens havia acabado de entrar, todos da mesma gangue, a julgar pelas tatuagens idênticas. Vestiam roupas brilhantes de gosto duvidoso que passavam por alta-costura no país e tinham os ares presunçosos de valentões à espreita. Não querendo se meter com eles, Mae mudou o trajeto abruptamente e seguiu em direção às portas que, com dificuldade, conseguia

distinguir no fundo do salão.

Ela arriscou algumas tentativas até encontrar a que queria. Uma dava para uma sala de pessoas cheirando um pó misterioso sobre uma mesa de vidro. Outra dava para um tipo de depósito, embora um casal audacioso o estivesse usando de quarto. Por fim, encontrou uma que, felizmente, dava para a saída; saindo por ela, foi parar num beco — e no meio de uma briga.

A adrenalina disparou em seu sistema assim que ela reconheceu os sinais de um conflito, embora não soubesse nada do contexto dele. Seis valentões com o rosto tatuado gritavam em espanhol e avançavam contra um homem sozinho. Ela reconheceu os símbolos no casaco dele de um diplomata da AO, e, numa fração de segundo, estava em movimento. A lealdade ao país irmão da RANU tomou conta, somada à simples repugnância de ver uma pessoa enfrentar uma luta tão brutalmente desigual.

A desigualdade não era tão brutal no caso dela. Aqueles homens eram um tanto patéticos até, mas uma luta fácil ainda era melhor do que luta nenhuma. Ela precisava dessa válvula de escape e, pelo menos ali, não havia a questão moral de perturbar um velório. Além do mais, se cuidasse disso rápida e silenciosamente, poderia sair do lugar "discretamente".

A passos largos, avançou e se postou na frente do oriental, que, como era de esperar, pareceu surpreso ao vê-la.

— Fique atrás de mim — ela advertiu.

Os panamenhos pareciam igualmente surpresos, mas a perplexidade logo deu lugar ao deboche. Um deles falou alguma coisa que fez os outros darem uma gargalhada, que teve um fim abrupto quando ela avançou e desferiu um soco na cara dele. Ele saiu voando contra o muro de tijolos à vista, atingindo-o com um baque surdo e caindo embasbacado no chão. Um chute rápido garantiu que continuasse caído e, então, ela se voltou para seus comparsas estupefatos. Nenhum deles tinha qualquer treinamento real. Lutavam com base em intimidação e força bruta, o que não era o bastante para vencê-la. O maior desafio de Mae foi o maior deles, o quinto com que lutou, simplesmente por causa do tamanho. Ele era mais pesado que ela, mas a velocidade e a força realçadas pelo implante prevaleceram ainda assim. Logo que

conseguiu derrubá-lo, ficou fácil subir em cima dele e golpear sua traqueia até que ele desmaiasse.

Quando se levantou, viu que o último brutamontes havia passado em torno dela enquanto ela lutava e corrido atrás da vítima inicial. O homem da AO estava no chão, com a mão em guarda voltada para o agressor. Em menos de um segundo, Mae estava ao lado deles. Segurou o menino — porque, na verdade, ele não passava de um menino — e lançou a cabeça dele contra o muro, nocauteando-o com um único golpe. Mal passou um minuto e a briga toda havia chegado ao fim. As endorfinas corriam pelo corpo dela, causando uma sensação de embriaguez e vertigem. Além disso, aquela estranha escuridão que se apoderara dela no funeral girava dentro de seu corpo até que, enfim, aos poucos a foi abandonando.

Mae baixou os olhos para o oriental, que, do chão, olhava para ela com espanto.

— Você está bem? — Ela lhe estendeu a mão, que ele só veio a pegar depois de alguns instantes de hesitação.

— S-sim. — Com muita dificuldade, ele se levantou e olhou a cena ao redor. — Você foi... incrível. E um pouco assustadora. Mas principalmente incrível. — Ele falava inglês exatamente como ela, sem nenhum sotaque discernível da AO, mas essa também não era nenhuma surpresa. Crianças gemanas aprendiam mandarim nas escolas, crianças orientais aprendiam inglês, e diplomatas de ambos os países deveriam se aperfeiçoar especialmente na língua do outro país.

Ela abriu um sorriso largo, sentindo-se embriagada tanto pela briga como por uma súbita e inesperada atração. Todos os homens que conhecera naquele dia não eram nada perto daquele.

— Precisamos nos unir, certo? — Ela apontou com a cabeça para o casaco dele.

— Nos unir... — Ele baixou os olhos, como se notasse o casaco pela primeira vez, recuperando-se finalmente. — Sim, claro. Claro. — Ele voltou a atenção para ela e sorriu, com a confiança crescendo aceleradamente. — Posso saber seu nome? Ou você vai sumir no meio da noite e me deixar sozinho com essa lembrança doce?

Ele tinha um sorriso lindo. Lindo mesmo. Tendo crescido rodeada quase exclusivamente por cabelos loiros e feições pálidas, Mae passara a adorar e sentir um desejo intenso por homens morenos. Aquele tinha a pele bronzeada e o cabelo moreno típicos dos plebeus, e os traços herdados de três gerações de mistura étnica. A barba por fazer cobria seus maxilares e lhe conferia um charme malandro. Poderia estar ali por descaso, mas havia uma meticulosidade no resto de sua aparência que a fez pensar que a barba por fazer estava ali de propósito. Uma explosão de novas endorfinas tomou conta dela enquanto o observava dos pés à cabeça... olhos astutos, traços bem delineados. Ele era um bom pedaço de mau caminho, arrematado por aquele sorriso.

Ela estendeu a mão.

— Mae Koskinen.

Ele apertou a mão dela e então hesitou:

— Eu sou... Huan Korokov. — Sua mão era quente e continuou a apertar a dela enquanto seu olhar a envolvia de uma forma que era ao mesmo tempo íntima e provocante. — Nórdica?

Ela não teve como conter a surpresa. Era difícil para os próprios gemanos distinguir sua casta de todas as outras castas loiras, e a AO não tinha nenhum padrão de referência para comparar.

— Como você sabe?

Ele se mostrou satisfeito consigo mesmo.

— Conheço uma valquíria quando vejo uma. — Por fim, soltou a mão dela, mas se manteve muito próximo. — O que eu não sei é como uma valquíria bonita veio ao meu resgate. Você é militar? Ou só uma entusiasta de defesa pessoal?

— As duas coisas. — Ela decidiu não mencionar que era pretoriana. Costumava deixar gemanos e orientais igualmente incomodados, e ela não queria desmanchar o clima que se criara entre eles. O simples fato de admitir que era uma castal no exército já era estranho o bastante, e ela tentou tratar o assunto de maneira superficial com a primeira história razoavelmente plausível que lhe veio à mente, a fim de reduzir seu papel. — Só estou aqui por um tempo como apoio investigativo para o nosso diplomata militar.

Só depois ela percebeu que dizer que tinha uma ligação com

diplomatas gemanos poderia não ser uma boa ideia. Se ele fazia parte da delegação da AO, poderia ter conhecidos que desmascarassem sua história. Ela ficou tensa à espera que ele dissesse conhecer tal e tal pessoa, mas ele deixou o assunto de lado e disse apenas:

— Eles têm treinado muito bem a equipe de apoio.

— Não nos mandariam para as províncias se não nos treinassem bem — ela apontou.

Ele voltou o olhar curioso uma última vez para os homens inconscientes e então pareceu acreditar em sua história — ou, pelo menos, achou melhor não questionar. Antes que pudesse dizer outra palavra, um raio cortou o céu, seguido imediatamente por um trovão ensurdecedor e um aguaceiro torrencial. Os dois correram para a entrada, sob a cobertura do prédio, o que, porém, não adiantou muito. Em questão de segundos, o cabelo e o vestido de Mae estavam ensopados. Ele olhou de soslaio para a porta e fez uma careta.

— Quer ir para outro lugar e beber alguma coisa? Para "outro lugar" eu quero dizer a minha casa — ele acrescentou rápido. — Chega dessas espeluncas. Tenho certeza de que você já se divertiu bastante fugindo de cantadas provincianas sem noção.

— Claro — ela respondeu. Sair com um homem que mal conhecia poderia ser arriscado para a maioria das mulheres, mas Mae não era como a maioria das mulheres. Além do mais, sua intuição lhe dizia que ela estava segura com ele ou, pelo menos, mais segura do que estaria com qualquer outra pessoa que encontrasse naquela noite, e Cornelia lhe dissera para levar o tempo que precisasse para entregar a mensagem.

Ele guiou Mae através do clube lotado até a saída que dava para a rua. As pessoas na fila para entrar se espremiam contra o prédio, fazendo o possível para proteger suas roupas de festa da chuva. O amplo apartamento para o qual ele a guiou ficava a apenas três quarteirões dali, em cima de outra boate de Cristobal, que também estava lotada. Ao entrarem no apartamento, ainda podiam ouvir a música indistinta que vinha do andar de baixo. Quando ele fechou a porta, a música se tornou apenas uma batida surda.

— Desculpe — ele disse. — É um dos problemas desse lugar.

Posso colocar alguma outra coisa para cobrir o som, a menos que você toque. — Ele apontou para um piano empoeirado do outro lado da sala e tirou seu casaco, deixando à mostra a camisa manchada de vinho.

Mae caminhou até o piano.

— Você não toca?

— Não. Veio junto com o apartamento. Já volto.

Ele desapareceu pelo corredor e Mae se sentou no banquinho. Tocou as primeiras notas de *Danse macabre* e parou quando sua mão começou a tremer por conta do metabolismo do implante. Sua curta experiência com a decoração panamenha, tanto no hotel como na boate, não havia sido muito agradável, mas aquele apartamento era decorado com um bom gosto muito parecido com tudo que ela encontraria em sua terra. Cores neutras e tecidos que pareciam caros sem serem espalhafatosos.

Ele voltou vestindo uma camisa limpa e jogou uma toalha na direção dela. Ela fez o possível para se secar e, então, caminhou até o sofá de couro marrom da sala. Duas taças vazias repousavam sobre a mesa de centro; ele se ajoelhou diante de um armarinho e disse:

— Só tenho uns tintos argentinos. Eles bebem isso aqui como se fosse água, mas é muito bom.

— Para mim, está ótimo. — O vinho não fazia nenhuma diferença. O implante via o álcool como uma toxina e o metabolizava rapidamente, tornando quase impossível para os pretorianos ficarem bêbados.

Ele encheu as taças e então se acomodou a seu lado no sofá, encolhendo-se de dor ao virar.

— Mais um dia de glamour no Panamá. Pelo menos eu não quebrei nenhum osso.

— Por que eles estavam atrás de você? — ela perguntou. Suas mãos ainda tremiam, então ela as manteve escondidas entre as pernas para não chamar a atenção.

— Ganhei deles no pôquer — ele respondeu, ligeiro. — Não que isso importe. Aqueles jovens sentem que têm tanto a provar por essas bandas que não precisam de muito motivo. Se visse de onde eles vêm, quase poderia entender e sentir pena deles. Quase.

Ele não chegou a falar mais do trabalho que o levara até o Panamá, o que a fez pensar que fosse algo relacionado ao governo e que não era da conta dela. Na verdade, com o cair da noite, ele falou muito pouco sobre a AO. Contou muitas histórias divertidas sobre o Panamá, mas parecia especialmente interessado em ouvi-la falar sobre a RANU.

— Você pode ir visitar, sabe — ela o provocou em certo momento, depois que ele a questionou inúmeras vezes sobre os últimos acontecimentos em Vancouver. Já estavam no meio do vinho. — Pode me encontrar e eu mostro a cidade para você.

— Já foi para a Ilha de Vancouver? — Ele pareceu surpreso quando ela negou com a cabeça. — É maravilhosa. No meio da ilha, tem um observatório de antes do Declínio. Eles restauraram e você pode ir lá e ficar em cima da montanha e sentir como se estivesse no centro da galáxia. — Ele estendeu os braços. — Estrelas por toda parte. E tanto silêncio. Poucos lugares são tão silenciosos hoje em dia.

Mae não era muito dada a fantasias, mas subitamente pôde imaginar o cenário e se viu encantada com a ideia de uma escapada sob as estrelas com o homem que havia acabado de conhecer.

— Isso é você que vai ter que me mostrar.

Ele sorriu daquela maneira irresistível, mas que continha algo de melancolia.

— Eu gostaria, mas... ando muito ocupado aqui. Não vou para minha terra nem para nenhum outro lugar com muita frequência.

— Diplomacia é um trabalho difícil, né? — Ela apontou com a cabeça para o casaco que ele deixara ao lado.

— Acho que sim — ele disse, distraidamente. — Mas não penso muito no que faço como diplomata. Na maioria do tempo, leio as pessoas e resolvo charadas.

— E você é bom no que faz? — Ele estava certo sobre o vinho. Era excelente. Pena que ela não poderia sentir todo o efeito.

— Bem, eu seria demitido se você fizesse parte do meu trabalho. Não é tão fácil assim ler você. — Como ela não disse nada, ele riu baixinho. — Mas você gostou de eu ter dito isso, o que começa a me dizer algumas coisas finalmente.

Ela levantou os olhos da taça.

— Que tipo de coisas?

Seus olhos se cravaram nos dela outra vez enquanto ele refletia por alguns instantes.

— O fato de que toda a sua vida gira, e sempre girou, em torno de diferentes imagens. O que as pessoas pensam de você. O que as pessoas querem que você seja. E o que você quer ser. Você não gosta que as pessoas suponham coisas sobre você, mas também não está disposta a mostrar a verdade a elas.

— E que verdade é essa? — Ela tentou soar irônica, mas não conseguiu muito bem. As palavras dele a atingiram num ponto muito fundo. De novo, ele levou um tempo para responder.

— Que você é triste por algum motivo. — Ele estendeu a mão e tirou uma mecha desgrenhada e úmida de cabelo da frente do rosto dela. Aquele era um gesto doce, mas fez surgir uma faísca eletrizante por todo o seu corpo. — Que motivo uma nórdica de beleza tão devastadora que consegue derrubar um bando de grandalhões e tocar arranjos de piano do Saint-Saëns teria para ficar triste?

Algo dentro de Mae ficou tenso e ela precisou combater uma vontade súbita e irresistível de contar àquele belo estranho tudo por que passara: seu pai, Porfirio, os pretorianos, a sensação recorrente de que havia uma força inexplicável tomando conta dela... Em vez disso, sorriu com uma das coisas que ele disse.

— Você conhece Saint-Säens.

— *Claro* que eu conheço Saint-Saëns. — O tom da sua voz revelava que seria ridículo se não conhecesse. — Você está fugindo da minha pergunta.

— Você responderia a mesma pergunta? Por que *você* está triste?

Afinal, ele era triste. Ela não havia notado de início, não até que ele a chamasse para a casa dele. Durante toda a noite, ele era todo carisma e bom humor, e aquele sorriso irresistível fazia um belo trabalho em mantê-la bastante distraída com a aparência dele para se preocupar com seu interior. Agora, porém, que ele a observava com tanta atenção, ela pôde ver uma melancolia dentro dele que ecoava a sua. Pensou que ele viria com alguma tirada espirituosa, mas, em vez disso, respondeu completamente sério:

— Estou triste porque você me lembra do meu país natal. — Ele

deixou a mão cair e suspirou. — Porque você é bonita, inteligente, cheia de vigor e um monte de outras coisas que eu não via há muito tempo... e não vou voltar a ver tão cedo.

Mae pousou sua mão sobre a dele, sentindo uma dor no peito pelo sofrimento que presenciava, embora o toque da pele dele contra a dela voltasse a lançar um calor pelo seu corpo. Eles se conheciam havia menos de duas horas, mas algo a atraía àquele homem, que tão facilmente alternava entre o charme e a melancolia. Fazia meses que Mae se sentia sem rumo na vida, e estar com ele era o primeiro momento calmo em muito, muito tempo.

E, claro, ela não iria mentir para si mesma sobre o efeito físico que ele exercia sobre ela. Era algo além daqueles belos traços morenos — embora eles também funcionassem. Era a atitude dele, ela concluiu. Algo no modo como olhava para ela e flertava, com uma confiança que era por si só magnética. *Homens como ele ficam tão autoconfiantes porque sabem que são bons de cama*, ela pensou. As substâncias químicas do desejo não eram tão diferentes das que governavam a batalha, e o implante, sentindo a alteração dentro dela, "ajudou" a aumentar a resposta de seu corpo. Talvez fosse bom. Afinal, sexo e guerra são igualmente perigosos à sua maneira.

— Você fala como se eu já tivesse ido embora — ela disse, por fim.

— Você vai — ele respondeu.

— Mas ainda não fui.

Mae se aproximou e viu que ele também se aproximava dela. Suas bocas se tocaram e se abriram e, com aquele simples beijo, ela estava perdida. Ela não poderia sanar todos os problemas dele, assim como ele não poderia sanar os dela; mas, ao envolver seus braços ao redor dele e deixar que ele puxasse o corpo dela contra o seu, ela sentiu a esperança de que, ao fim da noite, ambos teriam alguns problemas a menos pesando sobre eles.

4. O espelho um do outro

Ela era como um sonho transformado em realidade, com um corpo muito mais maravilhoso do que ele havia fantasiado. Sua pele era muito branca e seu toque, sedoso, num suave contraste com a rigidez dos músculos que ele podia sentir ao passar a mão pelas suas longas pernas lisas e macias. Pensar que ela fosse atleta não havia sido um erro tão grande. Ela definitivamente era alguém que treinava regularmente, mas não a ponto de perder a sensualidade ou a feminilidade. Ainda era esbelta e encantadora, com curvas das quais ele não conseguia tirar as mãos, e olhos azuis que flertavam com o verde.

Seu cabelo, agora seco e solto, emoldurava o rosto como um véu dourado, e sua beleza era tamanha que ele sentia uma dor no peito a ponto de ter uma surpresa quando ela apagou as luzes do quarto. Uma mulher como ela era feita para ser admirada durante o sexo, adorada até. Mas ele não questionou. Estava perdido demais no gosto de vinho dos seus lábios e inebriado pelo cheiro de suor misturado ao aroma de flores de maçã.

Ele a penetrou de maneira lenta, quase reverente e exultante com o toque dela ao redor do seu corpo. Úmido, seu corpo dócil e receptivo se arqueou contra o dele, murmurando baixinho em finlandês conforme ele se movimentava com cada vez mais intensidade. Ele se perdeu dentro dela, e o resto do mundo desapareceu, sobrando apenas a urgência de unir seu corpo ao dela. Ela cravou as unhas em suas costas e então, sem aviso, o empurrou de lado e rolou para cima dele. Os quadris dela montaram sobre os seus, e ela cavalgou sobre seu corpo em êxtase completo até que, por fim, ele não conseguiu mais aguentar o prazer crescente. Chegou ao clímax com um grande grito, encontrando alento naquele corpo glorioso. Aos poucos, ambos foram se acalmando na mesma posição em que estavam, deixando que o momento pesasse

sobre eles. Quando ela olhou para ele, era apenas uma silhueta envolta em trevas vagamente iluminada pela luz que vinha do corredor, mas, durante uma fração de segundo, ele a viu coroada de estrelas e flores, o que o fez perder o fôlego por uma série de motivos inesperados.

Exausta, ela saiu de cima dele e se deitou aninhada a seu lado. Ele envolveu um braço em torno dela, trazendo-a para perto, enquanto ambos arfavam pesadamente. Ficaram assim deitados por muito tempo e, então, relutante, ele se soltou dela para pegar o vinho. Pelo menos, isso lhe daria a chance de reacender as luzes e observar o corpo dela por inteiro quando retornasse. Havia um tênue brilho de suor nas sobrancelhas dela e as maçãs do rosto estavam coradas pelo orgasmo. Seu cabelo desalinhado se esparramava sobre o travesseiro, e ele pensou que ela estava muito mais bonita agora do que vestida e maquiada para a festa. Com as mãos trêmulas, ela pegou a taça da mão dele.

Ele a observou com ternura por vários instantes, surpreso pela forma como ela o revelara para si. Não bastava aquele corpo magnífico. Ele havia falado a verdade: ela o fazia lembrar-se de sua terra. Isso e o fato de ser uma rede de contradições intrigantes. Uma princesa castal. Uma valquíria vingadora. Era a esse tipo de quebra-cabeça que ele dedicava sua vida, algo que por si só o excitava.

Pelo longo sorriso lânguido que ela dirigia a Justin, ele soube que não era o único fascinado ali. Eles eram o espelho um do outro.

— Por que uma mulher de beleza tão devastadora como você prefere transar com a luz apagada? — ele perguntou. — Já conheci mulheres que precisavam disso, mas você não é uma delas.

— Prefiro assim; só isso.

Com a ponta dos dedos, ele tocou o sorriso dela e ficou contente ao vê-la tremer de desejo. Eles não tinham pressa, afinal, a noite era uma criança.

— Você realmente tem muros e muros dentro de você, não é? — Seus dedos desceram até o pescoço dela e então traçaram a curva dos seus seios. — O que você tem medo que eu veja com as luzes acesas?

— Tudo — ela respondeu, simplesmente.

— Você gosta de estar no comando — ele especulou. — E você tem medo que eu ou qualquer pessoa veja você perdendo o controle. Veja suas emoções à solta. Veja a sua alma.

O sorriso dela aumentou.

— Você acredita em alma?

— Eu acredito que, na próxima vez que a gente transar, as luzes vão ficar acesas.

— Você se acha muito para pensar que vai ter outra vez.

— Bem, por que não? Você não parecia estar achando ruim. Além disso, precisa ir para algum outro lugar?

Ela hesitou.

— Não. Acho que não.

— Então está decidido. — Ele recostou a cabeça contra a cabeceira. — Vamos fazer uma pausa para o vinho e depois... luzes acesas.

Ela gargalhou.

— Vamos ter que lutar para ver quem manda na luz.

— Com prazer.

— Não acho que você ganharia.

Ele colocou a taça de vinho na mesa de cabeceira e se debruçou sobre ela.

— Então vou ter que amarrar você para ficar quietinha.

Ela pareceu se divertir ainda mais com aquilo, ainda que ficasse um tanto intrigada. Suas pupilas estavam escuras e dilatadas de desejo. Ele percebeu que ela já estava pronta para uma segunda vez.

— Espero que você consiga fazer um nó.

— Eu faço um nó perfeito. Então, vou tirar tudo o que eu quiser de você, fazer o que quiser com o seu corpo. Você não costuma implorar, não é mesmo? Mas você vai... vai implorar e vai amar. — Ele passou os lábios pela bochecha dela, voltando a se excitar. Já imaginava o rosto dela gozando com ele dentro de seu corpo. — E, enquanto isso, vou olhar para você o quanto quiser com as luzes acesas. Seu corpo, seu rosto durante o orgasmo... todas essas emoções que não mostra para ninguém...

A respiração de Mae se acelerou, e a taça caiu de sua mão,

derrubando vinho no tapete. Ele nem se importou. Seus lábios voltaram a encontrar os dela, e tudo o que importava agora era sua necessidade ardente de possuí-la outra vez...

Um toque baixo que ele mal pôde ouvir fez Mae se sentar e se afastar. Com aquela velocidade extraordinária, ela se levantou e saiu apressada pela porta. Voltou segundos depois, mais devagar, com algo na mão. A princípio, Justin estava paralisado demais com a visão do seu corpo nu para perceber alguma coisa. Então, notou que ela estava segurando um ego.

Cuidado, Horatio advertiu. *O diplomata sabido da Aliança Oriental Huan Korokov não ficaria nem um pouco surpreso com isso.*

Eu sei, *eu sei*, Justin respondeu.

Ele queria poder olhar mais de perto, mas sabia que Horatio tinha razão. As telecomunicações eram parcas naquele país e já era difícil conseguir um bom celular, que dirá um tão sofisticado como um ego. Os egos governavam a vida dos gemanos. Faziam ligações, permitiam acesso ilimitado ao fluxo de mídia, administravam as finanças, verificavam a identidade... Ficar sem um daqueles por quatro anos tinha sido uma grande dificuldade para Justin, que crescera em meio a pessoas e informações instantaneamente acessíveis, e aquela falta só fazia aumentar sua sensação de isolamento no exílio.

Mae suspirou e levantou os olhos da tela.

— Preciso ir. Demorei demais. — Ela começou a procurar o vestido pelo quarto. — Desculpa.

— Tudo bem — ele disse. Seu tom era galante, mas ele sentiu uma tristeza surgir dentro dele, não muito diferente da que sentiu quando Huan anunciou sua partida. — Me sinto honrado de ter tido um momento tão breve do tempo de uma valquíria.

Ela abriu um sorriso irônico enquanto se vestia.

— Já me levou para a cama. Não precisa continuar gastando seu charme.

— Não consigo parar.

O sorriso dela se abriu mais. Ele encontrou um roupão e a levou até a porta. Ela abriu e então se demorou no batente, voltando para ele um olhar que era ao mesmo tempo tímido e confiante.

— Espero que você encontre alguma coisa para te fazer feliz.

— Já encontrei — ele disse.

— Você realmente não para. — Ela lhe deu um demorado beijo de adeus, que até mesmo ela relutou em romper. — Se eu voltar algum dia, vou te procurar de novo.

Ele sorriu.

— Mal posso esperar.

Que bela surpresa o Huan teria quando voltasse!, Horatio exclamou.

Justin ficou olhando enquanto ela ia embora, sentindo ao mesmo tempo uma leveza e um peso insustentável.

O acordo está fechado, Magnus disse. *Você possuiu a mulher coroada.*

Isso fez Justin sair de sua melancolia, sobressaltado.

Como assim? Não. Ela não.

Você viu a coroa de estrelas e flores, o corvo insistiu.

O pânico tomou conta de Justin quando ele se lembrou de que, em meio aos espasmos do êxtase pós-orgasmo, teve de fato a breve visão de Mae coroada em glória. Uma conversa de muito tempo antes com um vulto nas trevas se repetiu em sua mente. Justin sabia as palavras de cor: *Haverás de reconhecê-la por uma coroa de estrelas e flores e então, quando a levares para a cama e a possuíres, estarás jurando lealdade a mim.*

Depois de uma rápida análise, ele relaxou.

Não, ele disse aos corvos. *Eu não possuí nem levei a mulher coroada para a cama.*

Como não?, Horatio perguntou, incrédulo. *Você definitivamente levou a mulher para a cama. E bem vi vocês se possuindo, sim.*

Não. O acordo era que eu reconheceria a mulher pela coroa e então a possuiria. Palavra-chave: então. A mulher que eu levei para a cama era uma linda nórdica. Como eu só vi a coroa depois, não a possuí depois de tê-la reconhecido.

Os corvos ficaram em silêncio por longos momentos e Justin segurou a respiração, aterrorizado com a ideia do precipício à beira do qual se encontrava. Era um argumento frágil, mas ele tinha a impressão de que o mestre deles apreciava sutilezas como essa. Inclusive, ficou se perguntando se, naquele momento, estavam conferindo com ele agora. Por fim, Horatio admitiu de má vontade:

Está certo. Você é um cretino espertalhão mesmo, hein? É por isso que ele gosta de você.

Mas agora você a conhece, Magnus advertiu. *Já viu a coroa. Sabe quem ela é. Não tem outra desculpa. Da próxima vez que transar com ela, o acordo estará selado e você deverá cumprir com sua parte e jurar lealdade. Entendido?*

Entendido, Justin disse, presunçoso e surpreso pela maneira como se livrou da imposição. *E também imagino que nunca mais vou voltar a ver essa mulher.*

Nesse exato momento, um dos capangas de Cristobal surgiu e veio em sua direção. Justin suspirou, descontente com a intrusão em seu êxtase.

— Veio quebrar minhas pernas porque irritei a *señora* Santiago?

— Não. — O homem tirou um envelope do bolso. — Só vim para entregar isso.

Justin pegou o envelope e quase o deixou cair quando viu o selo. A RANU raramente usava papel para suas correspondências, mas, nas vezes em que usava, elas vinham com um tipo de adesivo empregado para garantir a segurança do envelope. Era um quadrado metálico que exibia o selo do país em azul brilhante. Assim que a margem do selo era erguida um pouco que fosse, o selo escurecia.

— Onde você conseguiu isso? — Justin perguntou.

— Não sei. Alguém deu para o Cristobal. — O homem ficou esperando, e Justin se deu conta de que ele queria uma gorjeta.

— Estou sem nada. Passa de novo na semana que vem.

— Gastou com a loira com quem acabei de cruzar?

— Não precisei.

Sem dizer outra palavra, Justin fechou a porta e foi até o sofá como um sonâmbulo, incapaz de tirar os olhos do selo. Sentou-se, respirou fundo e então abriu o envelope. Continha um pequeno papel em que leu: *Talvez existam mesmo forças sobrenaturais no mundo que não podemos descartar. — CK.* Abaixo estava o endereço de um hotel do outro lado da cidade e o número de um quarto. Justin sentiu a boca seca. Ele fechou os olhos. Devia ser uma pegadinha. Depois de quatro anos, aquilo não podia ser verdade.

Só há uma maneira de descobrir, Magnus disse.

Justin abriu os olhos e levantou com um salto. Deu-se ao trabalho de encontrar roupas secas, mas pouco fez para arrumar

sua aparência desgrenhada. Cinco minutos e duas doses de uísque depois, já estava à porta, a caminho do hotel indicado no bilhete.

Ele conhecia o lugar, que pertencia a uma família tradicional de postura relativamente neutra. Era uma boa regalia para hóspedes que não queriam ser acordados por balas perdidas no meio da noite, tampouco ser atingidos por elas. Mesmo assim, o saguão e o bar no térreo tinham depravações de sobra, como prostitutas e traficantes dispostos a fazer visitas muito mais agradáveis.

O quarto em questão ficava no terceiro andar. A parte de Justin que ainda tinha certeza de que aquilo devia ser algum tipo de piada de mau gosto ou armadilha mortal teve de se calar quando ele transpôs as escadas e viu soldados gemanos com fardas cinza e castanhas em posição de sentido diante de algumas portas. Ele se deteve, cogitando que talvez não devesse descartar a possibilidade de uma armadilha mortal. Mas nenhum deles atirou nem o atacou, embora os olhos deles seguissem todos os seus movimentos. Ele se aproximou da porta indicada no bilhete, vacilando diante do soldado.

— Sou Justin March, vim aqui para ver... Cornelia Kimora. — Sem dúvida não haveria nenhuma outra CK a que o bilhete poderia estar fazendo referência. O soldado fez um curto aceno de cabeça e, então, bateu à porta. Alguém lá dentro gritou alguma coisa. Ele desapareceu por alguns instantes e, depois, retornou para abrir a porta para Justin.

Sem hesitar novamente, Justin avançou, pronto para enfrentar o que quer que estivesse esperando por ele. Passou pelo soldado e encontrou aquela que ao mesmo tempo temia e desejava ver: Cornelia Kimora, sua antiga chefe, com direito às roupas sem graça e ao cabelo mal tingido de sempre. Ela parecia exatamente igual a como estava no dia em que lhe disse que seu último relatório era inaceitável e que "sentia muito por terminarem as coisas desse jeito". A escolta militar dele chegaria logo depois daquelas palavras.

Eles estavam na sala da suíte e ela se levantou da cadeira com um sorriso que Justin sabia com absoluta certeza ser falso.

— Justin — ela disse. — Que bom te ver de novo. — Essa também era uma mentira e ele devolveu na mesma moeda enquanto beijava o rosto dela.

— Igualmente. — Seu cérebro fervilhava com centenas de perguntas, e ele precisou combater o impulso de segurar o braço dela e exigir uma explicação para as reviravoltas que sua vida sofrera. Em vez disso, fingiu o mesmo sorriso, como se eles fossem bons amigos que se reencontravam depois de meses separados. Era o mesmo sorriso que ele antes usava para interrogar seitas e descobrir suas operações internas. — Está linda como sempre. Quer sair para ver o lugar? Eu teria o maior prazer em mostrar a cidade a você.

O sorriso dela se entesou, mostrando como não via graça nenhuma nele.

— Continua o mesmo fanfarrão. Por favor, sente-se para conversarmos. — Não havia lugar para gracejos. Era bom ver que algumas coisas não mudaram. Ela olhou para o soldado que havia aberto a porta para Justin. — Vá buscar os outros.

Justin se sentou na cadeira indicada, uma das quatro dispostas em torno de uma mesa de madeira. A parede ao lado exibia uma grande tela portátil que o grupo de Cornelia havia trazido. Leve e fina, com recursos visuais cristalinos, tinha todo o seu hardware contido nela mesma, sem a necessidade de um computador externo. Os panamenhos não tinham tecnologia comparável. Os computadores dali pareciam pesados e de difícil manejo para Justin, sem mencionar que eram lentos e pouco confiáveis.

Marcas no carpete mostravam que a mesa fora movida para aquela posição, que dava uma visão melhor da tela. Justin se perguntou se assistiriam a alguma apresentação. Cornelia não mostrou nenhuma diretriz. Ela também se sentou, cruzou as pernas e pareceu contente em esperar até que “os outros” aparecessem antes de explicar a situação. Ele precisava admitir que, pelo menos, ela se manteve sincera consigo mesma, sem se constranger com frases bruscas como “sinto muito pelo exílio, sabe como é” ou “que bom que você continua vivo”. Pelo jeito, Cornelia não sentia nenhum arrependimento por suas decisões e não seria agora que fingiria sentir.

A porta se abriu e, por ela, entrou um homem alto e desengonçado. Tinha mais ou menos a idade de Cornelia e seu cabelo grisalho começava a rarear. Ao ver Justin, seu rosto se

iluminou. Ele atravessou a sala às pressas, e Justin conseguiu se levantar a tempo para receber o aperto de mão acalorado.

— Dr. March! Finalmente! Fico muito, mas muito feliz mesmo em conhecê-lo. Você não tem ideia. Sou um grande fã de seu trabalho.

Estou curioso para saber de qual trabalho ele está falando, Horatio ironizou.

Eu também, respondeu Justin.

Novamente, porém, Justin agiu de maneira cordial e modesta.

— Ora, obrigado. É muito gentil da sua parte, sr...?

— Esse é o diretor Francis Kyle, da Segurança Interna — Cornelia disse.

Apenas Segurança Interna. Quando não determinavam um subdepartamento, isso queria dizer que seu cargo era alto. Muito alto. Sem dúvida, acima de Cornelia, que estava tendo dificuldades em esconder seu ódio pelo superior.

— Por favor, me chame de Francis. Quero que essa reuniãozinha seja o mais agradável possível.

Pelo menos alguém deseja isso, Justin pensou, lançando outro olhar para Cornelia. As circunstâncias daquele encontro ainda eram um completo mistério para ele, mas bastava olhar para perceber que era Francis que queria estar ali, enquanto Cornelia não.

— Devíamos pedir algumas bebidas então — Justin disse. — Tenho certeza de que eles têm algum tipo de serviço de quarto para...

As palavras morreram em seus lábios quando outra pessoa entrou na sala.

Era ela.

Não estava nua, tampouco num vestido lilás, mas sem dúvida era Mae, vestida com simplicidade, com uma calça de linho cinza azulado e uma camiseta branca de algodão. Pela maneira como amarrava o cabelo apressadamente num rabo de cavalo, parecia ter acabado de passar o secador. Estava sem maquiagem também, não que seu rosto precisasse disso. Ela parecia ativa e eficiente na roupa esportiva, embora mantivesse a mesma beleza devastadora.

E, também, estava devastadoramente surpresa.

Ao ver Justin, ela se deteve abruptamente no meio da sala,

deixando as mãos cair, arregalando os olhos. Justin sentiu que seu rosto refletia o mesmo choque, fazendo-o perder a fachada casual. Por alguns segundos, quase pôde tentar se segurar em alguma explicação. Ela fazia parte da equipe de apoio de um diplomata militar gemano, então talvez fizesse sentido estar ali para...

— Ah, pretoriana Koskinen — Francis disse, sorrindo na direção dela. — Você voltou. Que esplêndido! Este é o dr. March.

Mae o cumprimentou com a cabeça, sem tirar os olhos dele em nenhum momento.

Aquelas palavras atingiram Justin como um tapa na cara.

— Pretoriana? — Sua mente vagarosa subitamente voltou a funcionar com o surgimento de uma ideia cruel. — Você... você está aqui para me matar?

Depois de alguns segundos, ela também pareceu recuperar o autocontrole. Sua surpresa desapareceu, dando lugar a uma expressão fria e serena que era muito mais fria do que a que Justin conhecera naquela noite.

— Dr. March — ela disse, com calma — se eu desejasse a sua morte, você já estaria morto.

5. Um precipício

Até mesmo Cornelia pareceu achar graça nesse comentário, talvez porque fosse algo que ela, na verdade, gostaria de ver acontecer.

— Ela está brincando, dr. March — Francis disse, sentando-se ao lado de Cornelia.

Justin, examinando o rosto de Mae, não teve tanta certeza. *Pretoriana*. Seu sangue gelou. Ele havia sido um idiota. Vivia se gabando de sua capacidade de observação e de seu poder para descobrir a verdade numa situação a partir dos menores detalhes. Como realmente pôde acreditar que ela fazia parte do "apoio investigativo" de alguém depois de ter derrubado os brutamontes da família Jessup no beco em tão pouco tempo? De vestido e salto alto? Ele não tinha conseguido assistir à luta graças a Miguel, mas, mesmo assim, qualquer um que visse o massacre que Mae deixou para trás teria deduzido que alguma coisa ali não era normal.

Você não estava olhando para o massacre, Horatio disse.

Justin não teve como negar a acusação. Estava embriagado demais pelo álcool, pela cinza e pela ideia de que uma bela gemana estava encantada por ele. Com uma distração como ela, como ele poderia prestar atenção aos detalhes ou fazer perguntas constrangedoras sobre sua morte iminente?

Francis olhou de um para o outro.

— Você entregou a mensagem pessoalmente? — ele perguntou a Mae. — Vocês devem ter estado na festa ao mesmo tempo.

— Não. Nós nos desencontramos — ela respondeu.

— Ela deve ter ficado presa lá — Justin acrescentou, inexpressivo.

Mae lançou um olhar incisivo contra ele que o fez considerar que talvez não fosse uma boa ideia provocar uma pretoriana. Uma pretoriana. Ele tinha dormido com uma maldita pretoriana? Quem

tinha feito isso antes? E quem tinha sobrevivido para contar? Aquele belo corpo assumiu um ar sinistro quando ele contemplou tudo de que ela seria capaz. Por que ela tinha mentido? A surpresa que demonstrou ao vê-lo sugeria que essa reviravolta também a tinha pegado de surpresa, mas de repente Justin não teve mais tanta certeza. Será que ela o tinha procurado na festa e mentido sobre sua identidade para se aproximar? Faria parte do plano maligno de Cornelia? Pelo que sabia, eles poderiam ter orquestrado o ataque dos Jessup para dar a Mae o motivo de que precisava para "salvar" Justin. Parecia algo muito mirabolante, mas havia tempo que Justin aprendera a não subestimar o governo da RANU.

Esqueça tudo isso, Magnus disse. *E lembre-se do acordo*.

Ah, eu lembro, Justin disse, percebendo o novo risco que esse reencontro representava. *E nunca mais vou tocar nela*.

— Então, estamos todos aqui agora — Francis disse, num tom alegre e inocente. — Vamos começar. Temos um assunto muito interessante para tratar.

Justin voltou a se sentar e, depois de alguns instantes, Mae, apesar de relutante, se sentou, colocando-se o mais longe possível dele.

Cornelia pareceu aliviada com o término de todas as partes inúteis da reunião, como as apresentações. Ela deu um curto aceno de cabeça para os soldados fardados, que saíram da sala. Limpando a garganta, voltou o rosto para os demais.

— Sim. Vamos resolver isso. Justin... estou aqui para dar a você a chance de voltar a ser um servidor.

O coração de Justin quase parou, mas ele não deixou isso transparecer, especialmente porque o desconforto de Cornelia em admitir isso estava claro.

— Não precisam de servidores no Panamá. Aqui se pode comprar a salvação nas ruas.

Francis riu, divertindo-se. *Ele adora tudo o que você diz*, Horatio comentou. A julgar pela carranca, Cornelia não compartilhava do mesmo sentimento.

— Não aqui. *Lá*.

Não era preciso elaborar o que "lá" queria dizer. RANU. Uma voz de sabedoria dentro dele, que não era a dos corvos, o aconselhou a

conter o sarcasmo.

— Você está me oferecendo minha cidadania de volta — ele disse.

— Eu estou oferecendo seu trabalho de volta — ela esclareceu. — Nosso país não sai por aí distribuindo cidadanias.

— Sim — ele disse amargurado —, mas não vê problemas em tirá-la das pessoas.

Os olhos dela se estreitaram.

— Você está interessado ou não?

Claro que Justin estava interessado. Ele queria se levantar dali e ir correndo para o avião com eles naquela mesma hora. Mas a situação ainda era esquisita e havia muitas variáveis desconhecidas para ele entrar assim, cegamente. Ele já havia tido um momento de descuido naquela noite que o fez se deitar na cama com uma mulher perigosa.

— Por quê? — ele perguntou. — Por que agora? Você tem centenas de graduados brilhantes que poderiam fazer o que eu fazia por menos dinheiro e com mais ambição.

— Algumas pessoas — Cornelia disse, num tom que deixava claro que não estava inclusa entre elas — acreditam que você tem certas qualificações que o tornam valioso para essa nova situação que surgiu. Não podemos elaborar mais detalhes até que você aceite voltar.

Francis parecia prestes a explodir de entusiasmo.

— Ah, Cornelia, mostre de uma vez a oferta.

Ela fez uma careta diante da interrupção de sua fala ensaiada, mas, depois de alguns segundos, tirou um ego do bolso e disse.

— Mostre a oferta para Justin March.

Por alguns segundos, ele ficou mais absorto com o ego do que com o que era mostrado na tela, agora que podia voltar a segurar um. Era menor e mais leve do que os de seu tempo e, pelo visto, os comandos de voz haviam melhorado muito. Lembrando-se de que essa era a grande chance de poder ficar novamente cercado por aquela tecnologia, ele voltou a se concentrar na tela do ego, que mostrava um montante muito generoso para o trabalho. Citava um salário muito mais alto que o anterior além de outros benefícios, como “acomodações luxuosas” em Vancouver. A oferta também

mencionava que ele retornaria com um visto por tempo indeterminado, o que ele não achou muito tranquilizador.

— Até que valor você está autorizada a subir? — Justin perguntou, devolvendo o ego a Cornelia.

— Como assim? — ela indagou.

— Essa é uma oferta. Você veio na posição de negociadora, o que significa que há espaço para negociação. Quero o salário máximo que a Segurança Interna tem autorização para pagar, qualquer que seja ele.

A expressão contrariada e o gesto de aprovação relutante de Cornelia lhe disseram duas coisas. Uma que aquilo era de verdade, que eles o queriam de volta — precisavam dele até. E isso o levou à sua segunda conclusão, de que ele tinha mais poder ali do que ela estava disposta a admitir.

— Certo — ela disse. — Então estamos resolvidos?

— Não. Se for para eu reassumir a posição, quero algumas outras coisinhas mais.

Nenhum deles disse nada. Provavelmente estavam surpresos demais com o fato de ele não estar de joelhos implorando para ser levado de volta. Ele mesmo estava surpreso com isso.

— Quero que sejam tomadas providências com relação a minha irmã.

— A sua... irmã? — Cornelia estava embasbacada demais com a demanda para ser irônica.

— Imagino que ela ainda esteja presa em Anchorage. Quero que a tirem de lá. Levem-na para Vancouver e deem a ela um lugar tão luxuoso quanto o meu. Em algum bairro rico.

Quanto mais aquilo continuava, mais Justin sentia a dinâmica do grupo e qual era a função de quem. Francis, graças a seu cargo, era sem dúvida quem tinha mais poder e autorização, mas era Cornelia quem estava incumbida de negociar. A julgar pela falta de envolvimento de Francis, Justin não fizera nenhuma demanda extravagante até agora. Afinal, se já estavam gastando tanto com ele, quanto mais poderia custar para realocar uma mulher e seu filho? Enquanto isso, Mae mantinha a expressão neutra, mas observava tudo com tanta atenção que ficou claro que ela não era responsável pela negociação. Talvez estivesse com eles

simplesmente para garantir uma viagem segura. Ou talvez tenha recebido ordens de matá-lo caso ele recusasse.

— Certo — Cornelia repetiu. — Vamos cuidar da sua irmã. Agora, vamos...

— Mais uma coisa — Justin interrompeu. Até mesmo o arrebatado Francis pareceu um tanto perplexo com a ousadia. Era hora de ver o quanto a RANU queria seu servidor de volta.

Cuidado, Horatio advertiu. *Até eles têm limites.*

Eu sei. Mas eu preciso perguntar. Você sabe disso.

— Tem umas pessoas aqui... uma família. Quero que elas também ganhem vistos. O pai tinha relações comerciais com a gente, então não deve ser tão difícil.

— Você quer que uma família panamenha receba permissão para entrar na RANU? — Cornelia perguntou, incrédula.

— Sim. São só... — Justin começou a contar nos dedos. — Um... dois... acho que precisamos levar a menina também. E também os agregados. Nove. São nove pessoas.

— Não — Cornelia disse, sem nem hesitar. — Não tem como levarmos nove cidadãos panamenhos.

Justin a ignorou e voltou o olhar para Francis com expectativa, supondo que esse assunto exigia a aprovação de um nível superior. O rosto do velhote se encheu de dúvidas. Era visivelmente difícil para ele negar algo a Justin, mas, como Horatio disse, até eles tinham limites.

— Sinto muito — Francis disse. — Não podemos conseguir tantos vistos, a menos que sejam desertores com algum tipo de informação importante sobre o governo do Panamá. Mas imagino que não seja o caso.

Ele estava certo. O Panamá não era tão importante para fazer valer o esforço da RANU, tampouco tinha um governo estável o suficiente sobre o qual era preciso conseguir informações. Justin sabia que aquilo era um tiro no escuro, mas sentiu um aperto no peito mesmo assim. *Eu prometi para ele*, ele pensou. *Prometi ao Sergio que conseguiria isso.* Ele teve uma ideia.

— E que tal um? Vocês conseguem um visto? Um visto estudantil. Perfeitamente inofensivo.

— Você quer levar uma criança com você? — Cornelia indagou.

— Uma adolescente — ele corrigiu. — Tessa... er, Teresa Cruz. Ela tem dezesseis anos. Um verdadeiro prodígio.

— Dezesseis anos? — Ela não pôde evitar o tom acusatório na voz.

— Não é nada disso que você está pensando — Justin rebateu, perdendo um pouco a compostura. — Ela é praticamente uma irmã para mim, exceto que não me enche tanto quanto minha irmã de verdade. — Eles ficaram em silêncio e ele insistiu: — Ah, vá! Um vistozinho. Vocês emitem um monte de vistos estudantis todo ano. Façam isso por mim e eu aceito tudo.

Ele se arrependeu da escolha das palavras no final, mas não havia nada que pudesse fazer agora. Fez a sua jogada. Se desse certo, poderia ter sua vida de volta. Claro, havia o pequeno fato de que o motivo por que o queriam de volta ainda era um mistério, mas sem dúvida valia o que ele estava recuperando.

— Fechado — Francis disse, resoluto. — Isso eu consigo. — Ele estendeu a mão para Justin que, depois de um segundo de hesitação, apertou a mão dele.

Cornelia atualizou o arquivo para refletir as novas concessões e, então, pediu que Justin assinasse na tela. Além de todos os benefícios, havia uma grande quantidade de discriminações jurídicas no contrato de trabalho, que provavelmente detalhavam prisão ou o retorno ao exílio em seus jargões. Ele assinou mesmo assim e precisou se esforçar para que sua mão não tremesse.

Ele iria voltar para casa? Como isso foi acontecer? Como uma noite que se iniciou com uma mulher panamenha espalhafatosa atirando vinho em sua camisa pôde terminar com seu retorno glorioso para a terra natal?

Não vai se empolgando, Horatio advertiu. *Você ainda não chegou lá.*

E não se esqueça do que mais aconteceu na última noite, Magnus disse, soando quase ofendido.

Justin olhou para Mae. Não, ele certamente não havia se esquecido dessa parte.

Embora Cornelia não estivesse muito entusiasmada com a ideia de hospedar Justin, muito menos de levá-lo de volta para a RANU, até mesmo ela pareceu mais à vontade depois que toda a burocracia foi colocada em ordem. Afinal, ela tinha voltado a ser a

chefe dele, o que significava que poderia exercer um pouco mais de controle e sentir que tinha o direito ao desprezo. Francis estava encantado e pareceu estar prestes a abrir o fã-clube de Justin March.

Mae ainda era o enigma ali. Ela continuava fazendo um excelente trabalho em manter a expressão neutra, o que não era nada surpreendente para alguém que teve uma educação castal e passou pelo treinamento pretoriano. Era a sua linguagem corporal que a denunciava, especialmente quando Cornelia passou para a ordem de trabalho seguinte: revelar o motivo premente do retorno de Justin. Mae se debruçou para olhar a tela, com uma expectativa que crepitava em seu corpo.

Ela não sabe por que está aqui, ele pensou. *Ela não sabe nem por que eu estou aqui. É possível que o que aconteceu mais cedo tenha sido uma total coincidência, e não parte de alguma grande maquinação. É possível.*

— Então, agora que nos livramos da parte desagradável, você deve estar se perguntando por que estamos te readmitindo — Cornelia disse.

— Pensei que você achasse que eu tinha aprendido a lição — ele disse, alegremente. Talvez devesse agir de maneira um pouco mais humilde, mas a exultação com a virada em sua sorte estava cada vez maior.

— Não — ela respondeu, sem nenhum humor. — Nem penso em acreditar nisso. O que faz parte do motivo para essa decisão pouco ortodoxa.

A petulância de Justin começou a diminuir. Nem tudo estava esquecido e perdoado.

— Agora — Cornelia continuou —, imagino que você esteja sabendo dos homicídios patrícios, que estão em todos os noticiários. — Ela fez uma pausa e então deu um sorriso forçado que era para parecer constrangido. — Mas claro que você não está sabendo. Não devem chegar muitas notícias gemanas aqui no Panamá, não é?

— Depende se os pombos-correios estão na ativa — ele retrucou.

Cornelia não pestanejou, mas, pelo canto do olho, ele pôde ver a sombra de um sorriso nos lábios de Mae, que se conteve rapidamente, talvez lembrando que estava com raiva, e retomou a

expressão profissional.

— Mostre os registros dos homicídios patrícios — Cornelia pediu à tela.

A tela ganhou vida, mostrando uma lista de cinco nomes em destaque. Sob cada um deles havia quatro itens: idade, nome da casta, local e data da morte. Justin esqueceu toda a atitude de Cornelia e as estranhas circunstâncias de seu retorno. Ver a lista, aquele conjunto de dados, o colocou num modo de operação em que ele não se via havia muito tempo. Imediatamente, seu cérebro quis entender aquelas informações. Existia um padrão para tudo no mundo e, mesmo sem ter nenhuma informação preliminar sobre a lista, ele começou a resumi-la naquele exato momento.

Cada pessoa pertencia a uma casta diferente: eriniana, dacota, nórdica, galesa e nipônica. Todos tinham entre vinte e sete e vinte e oito anos de idade, e foram mortos dentro dos limites de suas respectivas capitanias castais. As datas dos homicídios se estendiam ao longo dos seis últimos meses, e o mais recente havia acontecido alguns dias antes.

— Essas mortes foram largamente noticiadas — Cornelia disse. — Apesar da grande variação étnica, os casos possuem certas semelhanças e isso nos leva a crer que foram cometidos pela mesma pessoa. As idades são parecidas e também as condições de suas mortes.

— Que são...?

— Apunhalados no peito com uma adaga de prata. Na lua cheia. Bastante brutal. — Por muito, *muito* pouco, Cornelia soou como se realmente sentisse alguma coisa com essas palavras. — A teoria predominante é de que se trata de um plebeu com sentimentos antipatrícios.

— Óbvio — Justin disse. Ele se debruçou, apoiando os cotovelos na mesa, sem nunca tirar os olhos da tela. Sentiu uma onda de prazer correr dentro dele por finalmente ter algo importante para usar seu poder de raciocínio. — Um plebeu com acesso extraordinário, considerando que todos aconteceram nas capitanias. — As castas mantinham as fronteiras de seu território fechadas. Agentes federais poderiam entrar a qualquer momento, claro, e outros patrícios tinham direitos de visitação limitados.

Plebeus comuns só poderiam entrar se tivessem permissão especial, como o apadrinhamento de algum amigo ou algum assunto profissional.

Cornelia soltou um resmungo indefinível que podia significar tanto que estava impressionada como desapontada.

— O que também torna os homicídios extraordinários é que todos aconteceram dentro de casas ou escritórios que não mostravam nenhum sinal de arrombamento; estavam trancados por dentro.

— Eles foram convidados para entrar. Ou só são mais inteligentes do que vocês pensam. — Justin analisou todas as possibilidades. — Vocês devem estar pensando em algum tipo de entregador, um plebeu que teria motivo para visitar todas essas castas. Alguém forte o bastante para empunhar uma adaga assim. Provavelmente homem.

— Sim — Cornelia respondeu. — A polícia também chegou às mesmas conclusões.

Justin finalmente voltou a olhar para ela.

— Então o que exatamente isso tem a ver comigo? Esse é um assunto de polícia e, pelo que você me disse, eles também já concluíram o mesmo que eu, talvez não tão rápido, mas mesmo assim...

— O que isso tem a ver com você — Cornelia disse, ignorando a falta de modéstia dele — é que a perícia mostrou que a arma usada era feita de uma liga de prata antiquada e tinha uma lâmina que não é produzida industrialmente, uma escolha incomum que poderia ter muitas associações ritualísticas e espirituais. Assim como o fato de que todos os assassinatos aconteceram durante a lua cheia.

— E é por isso que estamos envolvidos. Você acha que algum grupo religioso é responsável. — Não seria a primeira vez que religiões estavam ligadas a crimes, o que obrigava os servidores a trabalhar com as autoridades policiais. — Esse ainda é o tipo de trabalho que qualquer servidor poderia fazer.

Espere só para ver, Magnus disse.

Francis, sorrindo de orelha a orelha, finalmente não aguentou mais.

— Existe mais uma evidência! Algo especialmente adequado a você e à sua habilidade. Ninguém é mais capaz.

Cornelia franziu a sobrancelha diante do acesso de entusiasmo.

— A maioria das vítimas tinha câmeras de segurança dentro e fora da casa. Todas foram desligadas, por isso não temos imagens dos crimes... com uma exceção. A última vítima, a eriniana, tinha uma câmera secreta que não foi desconectada com o restante do sistema de segurança. Parece que ela não confiava nos empregados. Achava que estavam roubando as joias dela.

— Estão mantendo fora da mídia — Francis exclamou. — É inacreditável demais.

— Mostre as imagens de Madigan — Cornelia disse à tela.

O vídeo começou imediatamente. A câmera parecia estar instalada num canto do forro, voltada para o quarto suntuoso. A escuridão nas janelas indicava que era noite. Uma mulher ruiva entrou no enquadramento e parou para se olhar no espelho da penteadeira. Depois de alguns segundos, tirou os sapatos e começou a tirar os brincos de argola prateados, com ornamentos celtas. Ela estava começando a tirar o colar com um pássaro estilizado quando um vulto negro atravessou a tela repentinamente, vindo da direita. Toda a ação durou apenas alguns segundos. Quando a sombra entrou, não tinha forma. Parecia simplesmente uma nuvem turva de fumaça, exceto que nenhuma fumaça poderia se mover com tamanha rapidez. Quando aquela massa sombria alcançou a mulher, subitamente assumiu uma forma humana. Houve o rápido movimento de um braço tomando impulso e avançando contra o peito dela, cuja boca se abriu num grito mudo e, antes mesmo que ela caísse no chão, o vulto já havia flutuado rapidamente para fora do enquadramento.

Justin tinha se levantado.

— O que foi aquilo?

— É exatamente isso — Cornelia disse — que precisamos que você descubra.

— Mostre de novo — ele exigiu.

Cornelia passou o vídeo novamente em velocidade normal e depois em câmera lenta.

— De novo — Justin disse. Nesse momento, já tinha caminhado

até a tela. Quando pediu pela quinta vez, Cornelia recusou.

— Não importa quantas vezes você assista, não vai mudar.

— É um truque — ele disse. — Isso foi manipulado.

— Nossos melhores técnicos já examinaram — Francis explicou, parecendo adorar aquilo. — Não há sinais de modificação. Além disso, seria muito difícil esconder isso com o tipo de câmera usado.

— Então eles obviamente não são os melhores técnicos. — Finalmente, Justin retornou a seu assento. — Me dê uma cópia. Eu posso levar, quer dizer, vou poder levar quando voltar, para alguém que vai descobrir o que aconteceu em cinco minutos.

— Pode examinar como quiser — Cornelia disse, secamente. — E posso garantir a você que adoraria resolver essa fraude.

— Se for uma fraude — Francis disse, com os olhos ainda brilhando.

O rosto de Mae estava completamente confuso quando se voltou para ele.

— E o que mais seria?

Cornelia continuou como se Mae não tivesse falado nada.

— Enquanto você manda analisar o vídeo como achar melhor, terá a liberdade e os recursos para investigar os homicídios e, se tudo der certo, descobrir o grupo responsável por eles.

— E — Francis acrescentou, com uma centelha incisiva no olhar — a *sua* experiência em particular pode ser o que solucionará esse caso.

E foi então que Justin entendeu. Entendeu por que o queriam de volta, e por que Cornelia e Francis tinham pontos de vista tão diferentes sobre o caso e sobre o envolvimento dele. Francis achava que Justin realmente tinha algo a oferecer. Alguém na posição de Francis deveria ter tido permissão para ler aquele último relatório imprudente e algo nele o deixara impressionado. Além disso, deviam ter chegado informações a seus ouvidos por meio dos boatos espalhados nos mais altos níveis a respeito do que Justin teria se recusado a encerrar por escrito, as coisas que o enviaram até lá.

Eles sabem o que você viu, Magnus disse.

Aposto que você nunca achou que as coisas dariam nisso, Horatio ironizou.

Não, sem dúvida não. Passou também pela sua cabeça que eles não estavam falando com todas as letras que parte de sua "experiência" seria útil naquele caso. Eles não estavam esclarecendo para Mae os segredos nos quais ele se enredara involuntariamente, o que voltava a atiçar sua curiosidade sobre o porquê de ela estar ali.

— Até que ponto vocês vão precisar saber dos meus métodos? — ele perguntou, cauteloso. Ele já sabia a quem se dirigir e que aquela conversa deveria ser mantida confidencialmente.

Cornelia e Francis trocaram olhares, num raro momento de solidariedade.

— Precisamos que você cuide disso o mais rápido possível — ela disse. — Está chamando muita atenção, causando muito pânico. E, se vazar a notícia de que existe uma seita homicida por trás de tudo isso, todos os princípios em que nosso país foi fundado estarão em risco.

— Então — Justin disse, lendo nas entrelinhas — os fins são mais importantes do que os meios.

O silêncio deles quanto a esse ponto respondeu por si só, e Cornelia passou para o tema da logística, dizendo-lhe o que esperar quando voltasse para Vancouver. Justin mal conseguia prestar atenção. *Vancouver. Eu vou para Vancouver!* Ele já ficaria em êxtase na mais humilde cidadezinha da RANU, que dirá então na exuberante capital.

— Você não deve estar correndo nenhum risco de vida significativo ao investigar os casos arquivados. — Justin não podia ter tanta certeza, mas o tom de Cornelia era quase desapontado. — Mas nunca se pode prever o que alguns desses fanáticos vão fazer. Como eles podem, hum, não cooperar muito, achamos que você precisa dispor de mais segurança do que de costume.

— Depois que aquele grupo tentou atear fogo em mim, não tenho mais nenhum problema com segurança — ele lhe disse. — Coloque quantas pessoas quiser.

Cornelia meneou a cabeça.

— Tenho certeza de que a pretoriana Koskinen será mais que suficiente sozinha.

— Quê? — Justin e Mae perguntaram em uníssono.

— O general Gan não explicou a natureza dessa missão? — Cornelia perguntou, sinceramente surpresa.

— Não — Mae respondeu, tentando visivelmente voltar a esconder o espanto. — Ele só me disse para acompanhar vocês até aqui.

— E por isso estamos muito gratos, minha filha. — Francis sorriu para ela como se ela fosse sua neta preferida. — E agora você será a guarda-costas do dr. March enquanto ele viaja para completar essa missão.

— Um guarda-costas — Mae repetiu, inexpressiva. — Vou ser um guarda-costas.

É um trabalho chato para uma valquíria, Magnus disse. *Se quiser levar essa mulher para a cama de novo, vai ter que irritar alguém perigoso para ela ter alguma coisa interessante para fazer.*

— Também pode ser útil ter uma patrícia por perto — Francis acrescentou. — Pode fazer com que você tenha uma recepção mais amigável se for para as capitanias. Sabe como eles são... Sem ofensa, Koskinen.

— Sem problema — Mae murmurou. Ela ainda parecia chocada e Justin teve a impressão de que estava sendo sincera, o que diminuía as chances de que estivesse ali para matá-lo. — O senhor sabe por quanto tempo vou ter que ficar com ele?

Cornelia parecia irritada pelo fato de a reunião ainda estar acontecendo, já que a parte essencial já havia sido resolvida.

— Precisamos resolver isso em menos de quatro semanas.

— Por que quatro semanas? — Mae indagou.

— A próxima lua cheia — Justin disse, lançando seu trunfo brilhante.

— Ele é tão inteligente! — Francis exclamou, sorrindo.

Cornelia revirou os olhos.

— Sim. Genial.

— E o que acontece se eu não solucionar o caso em quatro semanas? — Justin perguntou, baixinho.

Ela cravou nele seu olhar frio.

— Bem. Tudo a seu tempo, né?

Justin tentou abrir um sorriso, mas tudo que conseguiu foi pensar que essa questão era um precipício à beira do qual ele já

estava.

O desapontamento visível de Mae com aquela revelação irritou Justin. Ela realmente não pareceu tão infeliz perto dele na cama.

— Tenho certeza de que não vai ser tão insuportável assim, pretoriana. Juro que não sou tão mau depois que você me conhece melhor.

Os olhos dela eram mais azuis do que verdes naquela luz, e ele entreviu neles um lampejo de fúria que o fez lembrar-se da paixão que vira antes nos mesmos olhos. *Queria que ela não fosse tão gostosa*, ele pensou, melancólico.

Você precisa ajudá-la, Magnus disse. *Ela tem deuses em torno dela e não tem como detê-los.*

Não, Justin retorquiu. *Chega de falar de deuses. Agora não é hora. Não quando eu estou prestes a recuperar a minha vida.*

Sempre é hora, Magnus disse. *Além do mais, com o que você acha que vai lidar quando voltar?*

Mae não respondeu o comentário de Justin e dirigiu sua atenção aos demais enquanto se levantava.

— Precisam de mais alguma coisa hoje?

— Não, não — Francis disse, contendo um bocejo. — Você fez mais que o necessário, minha filha. Vai dormir um pouco. Vamos partir cedo amanhã. — Ele fez uma pausa e então riu. — Ah, vocês não dormem, não é? Então, vá fazer o que quiser. Você é jovem. Pode encontrar alguma diversão enérgica e exótica.

Mae sequer pestanejou.

— Só vou ficar no meu quarto. Ninguém nesse país é digno do meu tempo.

Ela se virou com precisão militar, mas seu ar era completamente castal, exibindo uma atitude que se recusava a olhar para aquelas pessoas ou, melhor dizendo, aquela única pessoa que ela considerava inferior. Enquanto a observava ir embora, ele mal pôde ouvir Francis, que também o dispensava e dizia para que fosse buscar a sua "menina provinciana".

Um guarda-costas arrogante e letal. Uma missão envolvendo fantasmas sombrios. Esse retorno ao lar estava começando a mostrar um preço alto.

Você ainda está disposto a pagar por ele? Horatio perguntou.

Sem a menor sombra de dúvida.

6. Gênio, vigarista

Tessa não estava dormindo quando bateram à porta.

Ela não devia estar acordada. Sua mãe a mataria se soubesse, mas Tessa não podia evitar. Seu pai tinha comprado um leitor da Aliança Oriental e dado a ela na manhã daquele dia. Ela sabia que, para eles, era uma tecnologia antiga. Tudo que entrava no Panamá era antigo. Mas, para ela, era um milagre: um pequeno e leve aparelho que continha centenas de livros. Alguns eram antigos, outros novos. A maioria estava escrita em mandarim, que ela não sabia ler. Mesmo assim, havia muitos da RANU para mantê-la ocupada, e ela sabia ler em inglês tão bem quanto em espanhol. Seu pai havia feito questão de ensinar-lhe.

No entanto, o leitor pareceu irrelevante quando ela ouviu o barulho. Ela congelou onde estava, tensa e de olhos arregalados. Fazia anos que as gangues invadiam as casas rivais, e o pai dela nem mesmo estava envolvido em nada que chamasse atenção ou provocasse retaliação. Mesmo assim, as manobras que seus pais haviam feito ela e suas irmãs praticarem repetidas vezes ainda estavam frescas em sua memória. *Vá para o túnel; não leve nada com você.* Bastaria um grito dos guarda-costas para Tessa sair do quarto num segundo.

Mas não houve grito nenhum. Quem quer que estivesse lá, voltou a bater e, alguns segundos depois, ela pôde ouvir vozes altas entrando em alguma espécie de discussão. Nenhum grito de alarme. Nenhum som de passos. Nenhum disparo.

Tessa esperou mais um pouco; porém, como o som não parou, sua curiosidade venceu. Era um problema comum para ela. Saindo da cama discretamente, encontrou o roupão e o amarrou com firmeza sobre a longa camisola. Por força do hábito, quase prendeu o cabelo, mas então achou melhor deixá-lo solto para poupar tempo. Saiu do quarto devagar e em silêncio, ainda precavida com

qualquer ameaça possível, e torceu para que o velho soalho de madeira não rangesse. Quanto mais se aproximava da escadaria que levava para o andar de baixo, mais tranquila ficava. Ela reconheceu as vozes. Não haveria nenhuma invasão naquela noite.

Desceu as escadas e parou diante do batente que dava para o vestíbulo, de onde podia observar bem sem ser vista. Sua mãe estava com um roupão parecido com o dela, de braços cruzados, mas havia prendido o cabelo. Marta Cruz nunca era vista com o cabelo solto, nem mesmo no meio da noite. O pai de Tessa estava ao lado dela e suas roupas sugeriam que nem tinha ido para a cama ainda. Dois dos guarda-costas da família também estavam por perto, parecendo mais confusos do que preocupados.

Mas nenhum deles chamou tanto a atenção de Tessa quanto a figura de Justin March, parado em frente à porta.

Fazia muito tempo que ela não o via. Desde que a mãe dela insistiu para que ele saísse da casa, Justin só passara ali algumas vezes para visitar o pai dela. A maioria dos encontros deles era em restaurantes ou em boates, lugares inacessíveis para Tessa. Ela nunca havia conhecido ninguém como ele e sentia falta de tê-lo por perto. Ela achava Justin fascinante e ele parecia saber tudo sobre o mundo e, mais importante, nunca falava de modo superior com ela. Sempre conversava num tom aberto e sincero e não tinha medo de discutir temas que ninguém mais discutia. “Ele não tem noção de respeito”, sua mãe dissera uma vez a Tessa. “Mas o que se pode esperar de alguém sem Deus como ele?”

Na verdade, Justin não parecia tão fascinante naquela noite. Sua roupa estava ensopada por causa da chuva e o cabelo, que ele costumava pentear com tanto capricho, também estava úmido e desgrenhado. Havia um brilho quase fervoroso nos olhos dele que até Tessa conseguiu notar. Ele devia estar bêbado ou drogado — talvez os dois.

— Calma — o pai de Tessa dizia. — Você não está falando nada com nada.

— Eu estou falando tudo com tudo — Justin insistiu. Ele passou a mão no cabelo molhado e começou a caminhar de um lado para o outro, um hábito que ela lembrava ser característico dele quando fazia algum esforço mental intenso. — Essa é a saída para ela,

Sergio. Essa é a saída para *mim*. Não seja bobo de perder essa chance. Isso nunca vai acontecer de novo.

— Sr. March, o senhor está sendo inconveniente. — A mãe de Tessa se recusava a chamar Justin de "doutor" e agora estava deixando clara sua desaprovação usando a Voz. Era o tom reservado para sermões que normalmente acabavam com Tessa confinada no quarto. — Se o senhor realmente tiver alguma coisa importante para dizer, por favor, volte amanhã de manhã quando estiver mais apresentável.

Justin a ignorou por completo e concentrou toda a sua atenção no pai de Tessa.

— Não estou de brincadeira! Precisamos... — Ele moveu o olhar para o outro lado da sala, na direção do batente e Tessa percebeu que tinha sido descoberta. — Aí está você! Vem aqui. A sua vida está prestes a mudar para sempre. Pode me agradecer depois.

Tessa hesitou por alguns segundos, mas então percebeu que devia arriscar. Não havia como se esconder. Ela deu um passo à frente e sua mãe pareceu estar prestes a ter um ataque.

— Teresa! O que você pensa que está fazendo? Volte já para o seu quarto!

Tarde demais, Tessa percebeu que talvez devesse ter amarrado o cabelo. Já era ruim o bastante alguém que não era membro da família vê-la de roupão, por mais que cobrisse toda a sua camisola. Deixar o cabelo solto na sua idade não era algo que as mulheres de sua posição deveriam fazer. Era o tipo de coisa que se encontraria entre os novos-ricos ou nas classes mais baixas, em mulheres aventureiras ou que trabalhavam lado a lado com os homens.

— Não, não — Justin disse, dando alguns passos à frente. Ele não avançou muito. Bêbado ou não, até mesmo ele sabia que se aproximar demais de uma menina de camisola poderia forçar os guarda-costas a agir. Eles o conheciam e gostavam dele, e haviam ganhado muito dinheiro com ele, mas alguns limites ainda deveriam ser respeitados. — Deixe que ela fique. Isso é importante.

— Eu nem sei o que "isso" significa — seu pai disse, com o ar cansado.

Justin respirou fundo, parecendo finalmente entender que precisava tratar do assunto com mais calma.

— Eu vou voltar para casa, Sergio. Para a RANU.

Seu pai se iluminou.

— Você recuperou a cidadania? — Tessa percebeu que até sua mãe também pareceu contente, mas talvez porque achasse que ficariam livres de Justin de uma vez por todas.

— Não exatamente. — O entusiasmo de Justin diminuiu por um segundo. — Mas não importa. Vou voltar e os convenci a fazer um visto de exceção.

O pai de Tessa franziu a testa, confuso, enquanto tentava entender aquelas palavras. Então, subitamente, seu rosto se transformou. Ela nunca, nunca mesmo, havia visto tanta alegria nele.

— Você conseguiu — ele murmurou. — Vai levar a gente com você.

Justin se mexeu, constrangido.

— Hum, não todos vocês.

A alegria radiante desapareceu.

— Mas você sempre disse...

— Eu sei, eu sei. E eu tentei, mas as fronteiras são muito fechadas. Eles não podem permitir um grupo tão grande, mas... — Justin respirou fundo. — Posso levar Tessa comigo.

Tessa não via sua mãe tão horrorizada desde a vez em que ela calçou sapatos pretos para o chá da primavera de Donna Carlos.

— Por que você faria isso?

— Por que você acha? — Justin exclamou. — Para tirar a menina daqui! Só posso levar um de vocês, e ela é a escolha mais natural. Você não pode abandonar sua família, mas ela pode construir um futuro. Ela pode conseguir um visto estudantil. Pode estudar lá, ter uma formação de verdade. — Ele deu um passo à frente, segurando o braço do pai de Tessa. — Sergio, você imagina? Tessa na RANU, conseguindo um diploma gemano. É o tipo de coisa que pode dar uma cidadania para ela, sabe. Já vi isso acontecer. E isso pode abrir as portas para toda a família.

O pai dela conteve a respiração e arregalou os olhos. Justin sabia exatamente como atingi-lo, exatamente que palavras usar para fazer o mundo de Sergio Cruz parar por completo. Tessa já tinha visto Justin usar essa magia em outras pessoas antes.

Os avós dela deixaram a RANU muitos anos antes, nos tempos dos primeiros mandatos genéticos. No começo, a RANU e a AO haviam se obrigado a trocar grandes quantidades de suas populações a fim de criar uma mestiçagem genética ideal. Aqueles que tentassem ter filhos "não ideais" eram multados e presos. Com o tempo, os implantes contraceptivos obrigatórios garantiram o controle do governo. Seus avós refugiados haviam tido que, contra todas as dificuldades, chegar ao topo da sociedade panamenha, e acreditavam que esse havia sido um sacrifício válido para ficarem juntos e ter seus filhos. Mas isso não os impediu de cantar louvores à terra natal, criando uma adoração à RANU que passou para os filhos e para os filhos de seus filhos, e assim por diante. A RANU havia se transformado praticamente num reino mítico para Tessa, o que era o motivo por que Justin sempre lhe pareceu tão extraordinário.

Seu pai era especialmente obcecado pela RANU. Sua adoração a todas as coisas gemanas aumentou quando fez algumas viagens a negócios para lá. Ele voltara fascinado, cheio de histórias para contar sobre a tecnologia e o modo de vida luxuoso dos cidadãos de lá. As pessoas podiam andar nas ruas tranquilamente, e tudo era limpo, reluzente e perfeito. Foi lá que conheceu Justin e por isso ele pôde ficar com eles quando chegou à cidade do Panamá.

— É impossível — seu pai disse por fim, embora ela pudesse ver pelo olhar distante nos olhos dele que já estava imaginando aquela fantasia.

— É completamente possível — Justin retrucou, parecendo igualmente animado.

O pai de Tessa pareceu voltar à realidade.

— Por que eles deixaram você voltar?

Justin deu de ombros.

— Querem que eu retome meu antigo trabalho. Eu era bom, sabia? Um dos melhores. Você viu como eu vivia. Tinha acesso a todo tipo de conexões e oportunidades, coisas que Tessa pode vir a ter também. Ela pode viver como uma rainha lá.

O brilho voltou aos olhos do pai. Tessa sempre acreditou que Justin era um gênio, mas sua mãe dizia que ele era um vigarista. Quando Tessa perguntou a seu pai o que ele achava, ele respondeu

que Justin era as duas coisas.

Sua mãe fez os dois se lembrarem da sua presença ali.

— Sergio! Você não está considerando isso de verdade, está? Ela tem dezesseis anos. Você não pode deixar que ela vá morar com um homem, ainda mais um como ele. — Mesmo furiosa, ela não conseguiria usar nenhuma linguagem inadequada para esclarecer o que queria dizer por "um como ele".

— Ah, ela não vai morar comigo — Justin disse, rapidamente. — Ela vai morar com a minha irmã. Ela é uma, hum, verdadeira dama. Pode cuidar da Tessa. Tomaria todas as providências para garantir que ela fosse protegida e se comportasse da maneira adequada. E fosse bem alimentada. Além disso, vamos ser honestos. O que vocês vão fazer se ela ficar?

— Vai fazer o que as jovens damas fazem — ela respondeu. — Terminar os estudos e depois casar com alguém adequado.

Justin meneou a cabeça.

— "Estudos", hein? Você quer dizer que ela vai continuar estudando em casa com leituras insípidas e uma matemática corretiva? E realmente acha que vai ser fácil arranjar alguém para casar com ela? — Ele olhou para Tessa. — Sem ofensa, querida. — Para seus pais, continuou: — Ela vive sentada nos bailes. Diz coisas que não deveria dizer, em público. E, pior de tudo, é *inteligente*. Com a beleza dela, vocês podem até vir a encontrar alguém. Seria bom para algum rapaz em ascensão se ligar à sua família. Mas ela iria odiar. E vocês gastariam uma fortuna esperando por esse rapaz.

Tessa não sabia ao certo se aquilo tinha sido um elogio ou um insulto, mas seus pais ficaram em silêncio. Nem mesmo sua mãe pôde discordar do que Justin havia dito. Colocar as filhas no mercado de casamentos era caro. Exigia muitas festas, muitas roupas e muitos presentes. A irmã mais velha de Tessa, Laurentia, era deslumbrante. Em um mês ficou noiva. A segunda mais velha, Regina, também era bonita, mas, por algum motivo, levou quase um ano para encontrar um par. Sua família era bem de vida, mas aquele ano havia desarranjado as finanças.

Justin sabia que estava fazendo progresso.

— Vocês ainda têm duas depois dela. Os negócios vão bem... mas será que tão bem?

— Como podemos saber se é de verdade? — sua mãe exclamou. — Pode ser só uma grande história para ele se aproveitar dela.

— O Justin não faria uma coisa dessas — o pai de Tessa retrucou. Talvez ele não estivesse certo quanto àquela oferta, mas confiava no caráter dele. Sempre confiou.

A mãe de Tessa não estava tão convencida:

— Não gosto nada dessa ideia. É muito esquisita e eu não vou permitir.

O silêncio reinou. Justin observou o pai de Tessa com muita, muita atenção. *O Justin sabe*, Tessa pensou. *Ele sabe que convenceu o* papa. Nenhuma outra oferta seria tão tentadora a menos que Justin realmente conseguisse realocar toda a família. Era o maior desejo de seu pai. Seus avós sempre tiveram esperanças de que os mandatos ficariam mais leves e que permitiriam que a família voltasse. Os mandatos de fato mudaram. As multas, agora, eram pequenas para crianças não ideais e aqueles que seguiam os velhos hábitos eram compensados generosamente. No entanto, isso não mudava a dura política gemana com relação à imigração. Mesmo assim, o pai de Tessa havia se agarrado ao sonho familiar de que algum milagre os levaria de volta. Ali estava o milagre, e poderia nunca mais haver uma chance como aquela.

— Ela pode ir — ele disse, enfim. Seu rosto se endureceu. — Mas você vai ter que cuidar dela. Jure que vai cuidar dela.

Justin ergueu a mão.

— Como se fosse minha própria filha.

— Não! — sua mãe esbravejou. — De jeito nenhum. Não vou permitir isso.

O pai de Tessa assumiu a expressão mais agressiva que ela já tinha visto nele.

— *Eu* vou permitir.

A tensão pairou entre eles, tão densa que era quase palpável.

— Deixem Tessa decidir — Justin interpelou, num tom de sensatez e diplomacia.

Todos os olhos se voltaram para ela, e Tessa deu um passo para trás. Ela meio que preferia quando todos tinham se esquecido da presença dela.

— Justo — seu pai disse, ignorando a mãe, que estava

boquiaberta. — Está em suas mãos.

Havia um brilho astuto nos olhos de Justin. Ela entendeu então por que, de maneira tão gentil, ofereceu a decisão para ela. *Ele acha que já me conquistou porque sempre consegue o que quer*. Exceto pelo exílio, nenhum deles entendia por quê.

— Vá em frente — ele disse. — Você vai irritar alguém, seja qual for a sua decisão. Pode muito bem escolher o que quiser.

— Não sei se quero ir para a RANU — ela disse, hesitante.

O sorriso de Justin vacilou, mas ela havia falado a verdade. Ela era tão fascinada por aquele país mítico e resplandecente quanto o resto da família, mas se mudar para uma sociedade tão diferente da dela seria assustador. Ela podia nem sempre gostar da maneira como a sociedade dela funcionava, mas conhecia o lugar. Era cômodo. Seguro. Um pouco, pelo menos.

Então, lembrou-se do leitor, aquele aparelho lindo e milagroso. Como seria ficar cercada por coisas como aquela? Como seria ter o direito de ir aonde quisesse? Como seria poder tomar as próprias decisões? Claro, isso supondo que a irmã de Justin permitisse. Tessa não sabia ao certo se ela seria muito rigorosa.

— Mas também não sei se quero ficar aqui. — Sua mãe abafou um grito e Tessa respirou fundo. — Então... eu vou.

Justin juntou as mãos e soltou um urro de alegria.

— Você não vai se arrepender. Nenhum de vocês vai. Isso vai mudar a vida de todos.

Tessa deu um aceno fraco de cabeça, sem saber ao certo o que acabara de aceitar. A julgar pelo olhar e pelo rosto inflamado da mãe, suspeitou que seus pais continuariam a discussão em particular mais tarde. Seu pai ganharia, claro. Era como as coisas funcionavam por ali; os homens é que mandavam na casa. *Mas não na* RANU, ela pensou.

Seu pai, com o rosto exultante, olhou para Justin e o convidou para entrar:

— Venha se secar. Coma alguma coisa, e beba uma água. Pode passar a noite aqui. Amanhã eu mando você de volta ao Cristobal.

Aquilo foi demais para a mãe de Tessa, que saiu da sala a passos duros em um acesso de fúria. Em silêncio, Tessa seguiu os dois homens até a cozinha, sobretudo porque ninguém pareceu notar

que ela ainda estava lá. Seu pai seguiu na frente, mas ela se atreveu a segurar a manga de Justin, que olhou para ela e abriu um sorriso largo e espirituoso, ainda que bêbado e encharcado.

— Você fez a escolha certa — disse a ela. — Depois que chegar lá, não vai mais querer voltar.

— Mas por que você fez isso? Seja lá o que aconteceu, tenho certeza de que teve de brigar para me levar com você. Por quê? Por que você fez isso por mim?

Parte do orgulho dele esmaeceu e ela notou um ar distante em seus olhos.

— Porque seu pai foi o único que me aceitou na casa dele quando ninguém mais aceitaria. E, quando ele fez isso, eu estava tão confiante e tão desesperado que jurei que voltaria um dia. Prometi para ele que o levaria de volta, com toda a família junto. Ele se arriscou muito por mim e fez isso sem esperar nada em troca. Mas eu fiquei devendo uma para ele. Ainda estou devendo. Posso não ter conseguido cumprir tudo o que eu prometi, mas consigo levar você. É o suficiente por enquanto.

Tessa nunca soube de nada daquilo.

— Mas por que *eu* e não os outros?

Aquela atitude otimista voltou.

— Porque você merece e é quem melhor pode aproveitar. Você é inteligente, mais inteligente do que imagina. Percebe coisas que ninguém mais percebe e eu só conheço uma pessoa tão observadora quanto você.

— Você mesmo? — ela arriscou. Espirituoso, sim, e também confiante a ponto da arrogância.

— Exatamente. Viu? É disso que eu estou falando. Continue observando o mundo e você vai longe. Você não poderia fazer isso aqui, e eu odeio ver esse desperdício.

Tessa o examinou por mais alguns segundos. Talvez ela realmente fosse tão observadora quanto ele disse, pois, subitamente, entendeu que havia alguma outra coisa.

— E o que mais? Por que outro motivo você tentaria me levar?

Ele sorriu, provavelmente por ter sua avaliação sobre ela confirmada.

— Porque alguém fez isso por mim um dia.

7. Reino Mágico

Tessa nunca tinha voado de avião e, enquanto ela e Justin caminhavam pela pista de pouso naquela manhã, ficou pensando se realmente queria aquilo. Não tinha conseguido dormir naquela noite e, agora, chegando frente a frente com o transporte que a levaria para o Reino Mágico, seu nervosismo se transformou em medo total e absoluto.

Justin, porém, tinha outras preocupações.

— Você sabe como isso é primitivo, andar a pé no asfalto? — Ele estava fumando um cigarro e, apesar das reclamações, havia uma confiança em seu caminhar. Ele acordara sem ressaca naquela manhã, algo que, segundo sua mãe, só podia ser feito graças a um pacto com o diabo. — Você vai ver quando chegarmos em casa. Há pontes de embarque para todos os aviões, e os aeroportos não parecem uma favela.

Tessa fez que sim com a cabeça. Durante toda a manhã, ele vinha ensinando histórias da RANU para ela, e já voltara a chamar seu país de casa. Fazia anos que ela ouvia as histórias dele, mas as de agora tinham um ar diferente. Antes, ele parecia melancólico, descrevendo algo distante e inalcançável — quase com o mesmo tom com que o pai dela falava da RANU. Nesse momento Justin já agia como se nunca tivesse partido e o Panamá fosse apenas uma escala temporária, não um lugar que ele chamou de lar pelos últimos quatro anos.

Dois soldados armados de farda cinza e castanha estavam rígidos em posição de sentido à frente do avião, mas Tessa não os achou nada intimidadores perto do avião em si. Todos na cidade andavam armados; ela via armas desde que nasceu. Nada de novo nesse campo. A mulher que saiu do avião, porém, deixou Tessa admirada.

— Pretoriana Koskinen — Justin gritou, batendo uma

continência irônica. — Bom dia.

— Dr. March — ela voltou, cruzando os braços. Sua expressão era calma e misteriosa, como a de uma estátua de mármore. — É bom ver você de novo.

Justin parou e colocou o braço ao redor de Tessa.

— Primeiro teste — ele murmurou. — Ela está falando a verdade?

— Não — Tessa respondeu.

— Não foi o que eu pensei. — Mais alto, continuou: — Tessa, essa é Mae. Mae, Tessa. Ela é um prodígio. Falei dela para vocês. Ela é muito boa nessas coisas. Quase tanto quanto eu. Você vai ficar impressionada; espere só para ver.

— Uau, quase tão boa quanto você? — Mae ironizou. — Não sabia que era possível.

Tessa observou Mae com apreensão. Ela não estava fardada, mas, mesmo assim, irradiava força e imponência. Justin tinha passado muito tempo descrevendo-a naquela manhã, enquanto analisava como uma nórdica pôde subir até os mais altos escalões da força militar. Vez por outra, se distraíra comentando do cabelo e dos olhos dela. Tessa, porém, parou de prestar atenção no discurso dele depois que ele mencionou a palavra "pretoriana". Pretorianos. Os monstros da RANU. Ela já tinha ouvido falar deles, claro. *Todo o mundo* tinha e, mesmo se aquela loira não parecesse uma máquina mortífera, Tessa jurou não dizer nada que pudesse pôr em teste essa observação. Deu apenas um aceno gentil com a cabeça enquanto subia a escada.

A expressão sarcástica que Mae reservara a Justin se abriu num sorriso quando Tessa passou por ela.

— Prodígio ou não, é um grande prazer te conhecer. Você vai adorar a RANU.

Tessa corou e fez que sim, deslumbrada com a gentileza de uma mulher que conseguia ser, ao mesmo tempo, fascinante e perigosa. Justin se demorou no solo mais um pouco e jogou o cigarro no asfalto. Lançou um olhar carinhoso para a bituca antes de pisar nela com o calcanhar.

— A única coisa daqui de que vou sentir falta. Vou parar agora mesmo. Não tem nada lá que seja tão bom, pelo menos nada lícito

que seja tão bom. — Ele ajeitou a bolsa a tiracolo no ombro e subiu atrás de Tessa. Era a sua única bagagem, já que afirmava não ter nada ali que valesse a pena levar de volta. Tessa estava começando a se perguntar por que ele tinha ido para o Panamá se odiava tanto aquele país.

— Mae estava falando a verdade para mim — ela murmurou para Justin quando entraram no avião.

— Sobre o quê? — ele indagou.

— Sobre ter prazer em me conhecer.

— Exibida.

O restante da delegação gemana respondeu com graus variados de gentileza, e guiaram Tessa e Justin para o fundo do avião. Ao lado dos soldados e funcionários da Segurança Interna, havia uma jovem chamada Candace que parecia ser algum tipo de assistente. Ela pulava sempre que seus superiores se dirigiam a ela. Quando olhava para Justin, porém, sorria e ficava vermelha.

Tessa já tinha visto mulheres se comportarem assim perto dele e não conseguia entender por que elas ficavam idiotas perto de um homem, por mais bonito que ele fosse. Sua mãe falava muito sobre a aparência de Justin. *Bonito demais*, ela dizia. *Procure casar com um homem mais normal*, *Tessa*. *Eles não vadiam e nunca vão mandar em você*. Tessa se perguntava o que isso dizia sobre o pai dela.

Por mais que Justin descrevesse aquilo de maneira poética como uma "ascensão para uma vida nova", ela achou o voo absolutamente apavorante desde o segundo em que decolaram. O interior do jato parecia pequeno demais e o céu, imenso demais. Quando o avião sacolejava com as correntes de ar, parecia impossível que os motores o mantivessem voando. Tessa ficou achando que o avião despencaria a qualquer momento. Gostaria de estar com o rosário, mas o tinha colocado na mala no último minuto. A postura gemana em relação à religião não era segredo para ninguém, e ela não queria chamar atenção.

Fechou os olhos e sentiu Justin pousar a mão sobre a dela.

— Respire, querida. Você está bem. Isso é completamente seguro.

Tessa se obrigou a abrir os olhos, vendo uma rara compaixão no rosto dele.

— Quanto tempo isso vai levar?

— Nove horas. Acho que vamos parar para reabastecer quando estivermos no espaço aéreo da RANU. É um avião pequeno para uma viagem assim. — Ele abriu um grande sorriso. — Imagino que eu não valha a primeira classe. — Seus olhos se voltaram para a frente, focando-se em Mae, que conversava com a mulher de cabelo laranja da Segurança Interna.

Tessa voltou a fechar os olhos e tentou não pensar na morte iminente.

— Por que você é tão obcecado por ela?

— Ela é minha chefe. Minha vida está nas mãos dela.

— Não ela. Mae.

— Acho que a minha vida pode ficar nas mãos dela também. Mas não estou obcecado, não. Nem conheço essa mulher. — Seu tom era descontraído demais, até mesmo para ele, e seu olhar vivia se voltando para ela sempre que julgava que ninguém estava observando. Mae, por sua vez, nunca olhava para Justin, e Tessa achou que a obstinação em evitar isso não podia ser coincidência.

Mais tarde, Tessa tentou dormir — sem sucesso. Ela não sabia ao certo quanto tempo havia se passado até que ouviu Mae se juntar a eles. Cada minuto parecia uma vida. O avião se estabilizou um pouco e, com grande esforço, Tessa abriu os olhos. Mae estava olhando para ela com um ar doce.

— Você precisa de alguma coisa?

— Acho que uma bebida seria bom — Justin disse.

Mae voltou-se para ele com o olhar exasperado.

— Não estava falando com você.

Ela pediu um pouco de água, e Candace veio correndo com um copo.

— Obrigado — Justin disse a ela. Era apenas uma palavra, mas a maneira como ele sorriu deixou Candace completamente desorientada, a ponto de tropeçar no caminho de volta ao assento dela.

Mae lançou um olhar de desprezo para Candace e se voltou para Tessa com o ar preocupado, fazendo com que ela se sentisse ainda mais acanhada do que quando embarcou. Tinha sido uma idiota de achar que poderia simplesmente partir para aquele mundo

reluzente com que seu pai sonhava e que Justin personificava. Sua mãe estava certa, e aquela viagem de avião devia ser algum tipo de punição divina.

— Você quer alguma coisa para ler ou assistir? — Mae perguntou.

Tessa fez que não.

— Eu tenho um leitor.

— Tem? — Até mesmo Justin pareceu surpreso.

Tessa se inclinou para pegar sua mala, contente pela pequena distração. Tirou seu querido leitor e o entregou a Justin.

— Tecnologia da AO — Justin disse, examinando o aparelho. Até mesmo Mae se aproximou para ver melhor. — Onde você conseguiu isso?

— Alguém deu para o *papa* — Tessa respondeu.

Mae voltou para o seu assento, desinteressada.

— Está desatualizado. Muito desatualizado. Os de agora são dobráveis e não ferem a tela. Acho que aguentam três vezes mais livros.

Justin levantou os olhos do aparelho e perguntou:

— Comandos de voz?

— Nos modelos mais novos, sim. Quase tão bons quanto os do ego.

— Nem achava que eles se davam ao trabalho de colocar voz num desses. — Devolveu o leitor para Tessa, com a mesma expressão de desprezo de Mae.

Tessa pegou o leitor de volta, surpresa pela irritação repentina que causou.

— Você diz como se fosse um tablet de pedra.

— É quase — Justin respondeu, dando um tapinha no ombro dela. — Vamos comprar um novo e melhor para você. Você não precisa desse lixo da AO.

— Eu gosto dele — ela insistiu. Guardou na mala, antes que Justin o jogasse fora ali mesmo.

— Porque você não conhece nada melhor — ele disse.

Subitamente, um ponto de turbulência fez o avião balançar. Ele logo se estabilizou, mas Tessa levou um susto e esqueceu o tema dos leitores. Justin cutucou seu braço.

— Aqui, toma isto.

Quando Tessa baixou os olhos, viu que ele estava oferecendo uma minúscula pílula branca.

— O quê é isso?

— Um negócio que vai fazer você se sentir melhor. Só deixe dissolver na boca. — Ele tirou uma segunda pílula do frasco. — Melhor tomar duas. Não vou conseguir passar com elas na alfândega mesmo.

Tessa tomou sem questionar. Mae olhou com desaprovação, mais pelo fato de Justin oferecer do que por Tessa aceitar. Mae lançou o longo cabelo para o lado e voltou para a parte da frente do avião.

— Você viu isso? — Justin resmungou. — Essa jogada de cabelo? Aposto que as meninas castais aprendem isso na escola.

— Você está obcecado. — Foi a última coisa que Tessa conseguiu dizer antes que as pílulas subitamente tomassem conta do corpo dela e cortinas pretas cerrassem sua visão...

Alguém a chacoalhava e chamava seu nome.

— Hora de acordar. Vamos lá, querida.

Tessa piscou e o mundo foi tomando forma, o que era difícil porque ela sentia que alguém tinha lixado seus olhos. As engrenagens de seu cérebro começaram a girar lentamente e, por alguns segundos, ela não fazia ideia de onde estava. Aos poucos, foi se lembrando do maldito avião e viu que era Justin que a acordava.

— É hora de reabastecer? — ela perguntou, com a voz embargada e distante.

— Já fizemos isso. Você dormiu. Vancouver está do outro lado da janela.

Tessa sentiu o avião balançar e, quando olhou para fora, pôde ver que estavam circulando devagar sobre uma massa de água azul acinzentada. O sol estava baixo e o céu, salpicado de nuvens isoladas. Um amontoado de prédios altos e reluzentes se ancorava na costa, como se vigiassem a água. Eram bonitos, mas não muito diferentes dos arranha-céus da cidade do Panamá — exceto pelo fato de que a maioria dos prédios panamenhos havia sido abandonada e entrado em decadência durante o Declínio.

Pela maneira como Justin fitava a linha do horizonte, seria possível pensar que eles estavam chegando a alguma cidade dourada no meio das nuvens, povoada por anjos e unicórnios. Ela nunca tinha visto aquela emoção nos olhos dele, uma angústia que era completamente diferente do ar cínico que ele normalmente ostentava.

Ela rangeu os dentes durante a aterrissagem, mas isso não importava. Eles estavam de volta a terra firme, lugar a que ela pertencia. Decidiu que, se pudesse evitar, nunca mais voaria, a menos, claro, quando voltasse para casa. Mesmo assim, talvez desse para ir de barco.

— Aeroporto civil — Justin comentou.

Mae ouviu enquanto esperava por eles na saída do avião.

— Você precisa ir até lá para resolver seu visto e para ela poder colocar o chip.

Tessa voltou a cabeça subitamente para Justin.

— Eu não quero um chip.

É claro que ela sabia sobre os chips gemanos. Faziam parte da lei deles. Os cidadãos recebiam uma identificação na mão que permitia que o governo tivesse controle de todos os seus movimentos. A mãe dela dizia que era a marca do demônio e o sinal do pacto com o inferno. Nunca havia passado pela cabeça de Tessa que ela teria que implantar um também. Ao ver seu pânico, Justin a aconselhou que se preocupasse com isso depois:

— Você tem muitas outras coisas para resolver antes — ele disse, enquanto desciam a ponte telescópica que levava para o aeroporto. As janelas no túnel mostravam um alvoroço constante de aviões aterrissando e decolando. — Qual é o maior número de pessoas que você já viu de uma vez só?

— Não sei — ela respondeu, um tanto surpresa. — Por que você quer...

Eles entraram no aeroporto, e Tessa estacou e quase tentou recuar. Ela nunca vira uma multidão como a que estava diante dela agora, nem mesmo quando sua família viajava para o centro. Ela estava à deriva numa maré humana. Homens, mulheres e crianças de todas as idades, todos em movimento. E tudo era muito brilhante. Lâmpadas imensas no teto banhavam tudo com uma luz

branca e fria, refletida pelo excesso de metal no saguão. Monitores por toda parte passavam informações constantemente e eram mais ondulados e mais finos do que todos que ela já havia visto na vida. Todas aquelas pessoas e máquinas criavam um ruído ensurdecedor que apitava e zumbia tão alto que ela mal podia ouvir seus próprios pensamentos. O salão começou a rodar e ela não conseguiu respirar.

Justin a apertou com mais força.

— Quer sentar?

Tessa engoliu em seco e fez que não com a cabeça. Ela conseguia fazer isso. Ficaria bem desde que continuasse ao lado de Justin. Ele não iria deixar que ela se perdesse. Ela se agarrou na mão dele, mal notando que Cornelia Kimora e Francis Kyle se despediam, prometendo entrar em contato mais tarde. Junto com os soldados fardados, eles saíram em direção a uma fila abaixo de um monitor em que se lia: FORÇAS ARMADAS/GOVERNO. Foi então que Tessa percebeu que, embora o salão parecesse caótico, a maior parte das pessoas estava alinhada em várias filas semelhantes que se afunilavam em postos de verificação. Cada um deles tinha um monitor. Diretamente acima dela, Tessa viu um anúncio pendurado no teto em que leu: REPÚBLICA DA AMÉRICA DO NORTE UNIDA — ALFÂNDEGA E IMIGRAÇÃO.

— Então — Mae disse, olhando para seu ego —, vocês são minha responsabilidade agora. Vou arrumar as coisas para vocês. — Ela deu um tapinha solidário no ombro de Tessa. — Aguente firme. Sei que tem muita coisa nova para se acostumar. Logo, logo vai chegar em casa.

Não, Tessa pensou. Casa era um conceito muito distante agora.

— Acho que ela consegue lidar melhor com a tecnologia do que com a multidão — Justin disse. — Eu costumava fazer muitas piadas sobre meninas castais mimadas antes de ir embora. Para nunca mais. Você tinha que ver como a aristocracia esconde as mulheres deles.

Mae assentiu, compreensiva, e então disse:

— Vamos para aquela fila, Tessa. Bem em frente. Tranquilo.

Tessa fez que sim, obediente, usando Justin como apoio. Eles chegaram a uma fila marcada como CIDADÃOS e pararam para

esperar sua vez. Apesar de estar no grosso da multidão, Tessa se sentiu um pouco melhor. A fila lhe dava uma sensação de ordem, e ela tinha Justin e Mae a seu lado, criando uma espécie de barreira protetora. Ela se acalmou o bastante para conseguir examinar um pouco os arredores. A maioria das pessoas que viu tinha os mesmos traços plebeus de Justin: pele morena, olhos e cabelos castanhos. Era difícil identificar a ascendência de alguns dos rostos. Outros se inclinavam um pouco para um grupo genético mais dominante — africano, caucasiano ou asiático —, mas nada *muito* pronunciado. Espalhadas entre eles viam-se algumas pessoas que exibiam uma linhagem muito mais distinta. Havia pessoas de pele clara como Mae e outras de pele quase negra. Olhos amendoados, redondos, azuis, castanhos. E, mesmo assim, com um pouco mais de atenção, ela pôde notar que não era tudo tão preto no branco. Ela viu pessoas de pele morena com cabelos ruivos ou loiros. Alguns eram obviamente tingidos, mas, em outros casos, era difícil definir. Ela sabia que genes recessivos podiam surgir mesmo depois de algumas gerações de mestiçagem agressiva, mas não tinha certeza de como identificar se algo era ou não natural.

— Como dá para diferenciar entre plebeus e cast... — Ela se conteve, lembrando o bastante de história gemana para saber que as gírias usadas por Justin não eram exatamente educadas em frente a alguém como Mae. — Er, entre plebeus e patrícios?

— A atitude — Justin respondeu, prontamente.

Tessa voltou a olhar para a multidão, tentando entender o que ele queria dizer com isso. Tanto os homens como as mulheres pareciam determinados e confiantes, independentemente da aparência física. Ninguém parecia carregar uma arma, o que era estranho, mas, por outro lado, ninguém parecia prestes a começar uma briga. As mulheres que pareciam ter mais dinheiro andavam sem damas de companhia, vestindo calças, como Mae, ou saias curtas, com os cabelos soltos, presos, ou mesmo surpreendentemente curtos.

Justin não disse mais nada a respeito de plebeus e patrícios, mas, ao avançarem, sussurrou para Tessa:

— Preste atenção na tela. Dá para aprender muito sobre uma pessoa.

Ela não entendeu o que ele quis dizer até que chegaram ao agente alfandegário. Mae logo colocou a mão, voltada para baixo, sobre uma caixa de vidro retangular. Ao lado do agente, uma grande tela subitamente ganhou vida. Havia uma foto de Mae olhando para a frente, com o olhar calmo e frio. Além da foto, em letras grandes, estava seu nome: *Koskinen*, *Mae Eris*. Sob ele, em letras menores, estava: *Koskinen*, *Maj Erja* (*Patriciado Nórdico*). Outras linhas detalhavam cidadania, profissão, endereço, idade, e outras informações. Tessa não conseguiu acompanhar tudo. Havia também uma seção para notas gerais, na qual se lia: *Autorização para portar armas*.

O agente pareceu surpreso com o que surgiu na tela e lançou um olhar rápido e afobado para ela. Numa tela menor diante dele, que não conseguiam ver, começou a digitar algumas anotações. Depois de alguns segundos, ele voltou a olhar para Mae.

— Alguma arma a declarar?

Mae tirou uma arma da bolsa e a colocou na mesa ao lado. Então, tirou uma pistola menor da cintura, escondida pelo sobretudo que tinha vestido no avião. Por fim, tirou uma faca da bota.

— Sério? — Justin perguntou. — Quem guarda uma faca na bota?

— Ninguém nunca está esperando a faca — ela disse.

A mesa tinha uma cobertura de vidro que servia de proteção. O agente girou uma chave e uma luz foi acesa por alguns segundos. Ele assentiu e disse a Mae que podia pegar as armas de volta e fez menção de liberar sua passagem, mas ela o interrompeu e disse:

— Estou com os vistos desses dois.

Justin colocou a mão no leitor biométrico e, mais uma vez, a tela se encheu de um mar de informações. A primeira coisa que Tessa viu foi que o espaço para a cidadania dele dizia: *Sem cidadania*. Ela também viu algo em que não havia prestado atenção no caso de Mae, um campo chamado "Resistência genética", em frente ao qual estava marcado o número nove. Talvez a parte mais impressionante da tela fosse a seção de notas, em que se lia com letras vermelho-vivo: *Sem autorização para entrar em territórios da* RANU. *Detenha imediatamente e contate as autoridades.*

— A volta do filho pródigo — ele disse.

O agente realmente pareceu estar prestes a chamar as autoridades, mas Mae se apressou em mostrar para ele seu ego, o aparelho com que Justin passara a viagem toda deslumbrado. O agente passou o ego no leitor biométrico e um holograma tremeluzente do selo da RANU surgiu rapidamente no ar. Alguns segundos depois, o aviso em vermelho sumiu, sendo substituído por um mais brando: *Visto provisório*, *Ministério da Segurança Interna*. O agente examinou a pequena mala de Justin e então liberou sua entrada.

Quando Mae mostrou a ele a documentação de Tessa, o agente emitiu um fino cartão de plástico e disse para que ela o guardasse até que tivesse o chip implantado. O cartão tinha o selo reluzente da RANU na superfície ao lado do nome dela, da cidadania, de uma longa série de números e de "Visto provisório para estudante".

— Mais um escaneamento — Justin disse a Tessa, depois que o agente liberou a passagem deles.

— Não é fácil entrar — ela respondeu, começando a se sentir tonta de novo.

— Não — ele concordou. — É muito mais fácil sair.

Eles atravessaram o último posto de verificação e, finalmente, entraram no saguão lotado do aeroporto. Não havia filas ali. As pessoas andavam em todas as direções, cada uma seguindo seu caminho. Uma série de portas de vidro brilhava à frente deles, iluminadas pelo sol vespertino. Acima delas, estava hasteada a bandeira da RANU, meio castanha, meio roxa, com um círculo dourado de folhas de louro no centro. Escrito sobre o círculo, também em dourado, estava: "*Gemma mundi*". A joia do mundo. O lema que acabou dando nome a seus cidadãos, os gemanos.

Tessa sentiu que Justin estacou ao lado dela. Os olhos dele estavam fixos na bandeira e sua expressão a lembrou do momento em que o avião estava prestes a pousar na cidade. Ela voltou a sentir a mesma angústia e a mesma saudade — e mais. Havia uma alegria nos olhos dele. E alívio. E espanto. E incredulidade.

Até agora, *ele nunca tinha achado que realmente voltaria*, ela pensou.

Mae também havia parado e observava o olhar de Justin fixado na bandeira. Pela primeira vez naquele dia, Mae não o olhava com exasperação. Sua expressão era suave, com um carinho

momentâneo que pegou Tessa completamente de surpresa.

— Bem-vindo de volta — Mae disse.

8. Não é legal

Por mais que não acreditasse no inferno de Huan, assim que entrou na RANU, Justin quase conseguiu acreditar em paraíso.

Tudo era como ele se lembrava. Brilhante. Ordenado. Eficiente. Limpo. E *desenvolvido*. Nenhum capanga armado ou prédio decadente. A falta de tecnologia na província sempre foi muito aparente durante seu exílio, mas ele não tinha se dado conta do quanto isso fazia falta até estar novamente cercado pela modernidade. Os leitores de chip. Os monitores. Os egos. Ali estava o mundo como deveria ser, o país que sobrevivera ao Declínio para ressurgir com mais brilho do que nunca. Sua terra natal. Seu lugar.

Pare de pensar besteira, Horatio cortou. *A menina está quase desmaiando*.

Justin olhou para Tessa e viu que o corvo não estava longe da verdade. Ela ainda estava pálida e nervosa. Ele apertou a mão dela e disse:

— Está tudo bem. Você está comigo.

Estava sendo difícil para ela, mas Justin mantinha-se firme à decisão de levar Tessa para lá. Ela conseguiria e merecia aquilo. Sergio havia hospedado Justin sem nem questionar quando ele apareceu no Panamá de mãos abanando. Marta Cruz sempre havia acreditado que o rapaz não passava de um aproveitador, mas ele tinha fortes convicções com relação ao pagamento de suas dívidas. A decisão de escolher o lugar onde se exilar foi a maior aposta já feita por Justin; apostou sua vida nisso. As autoridades gemanas o escoltaram do escritório diretamente para o aeroporto mais próximo, dizendo que ele podia ir a "qualquer lugar, menos aqui". Ele só teve alguns minutos para decidir. As Américas Central e do Sul eram as escolhas mais óbvias. A população desses lugares era diversa o bastante para ajudá-los a resistir ao Declínio melhor do que os demais lugares, e eram mais estáveis que a maioria das

províncias.

E você se vê nela, Horatio acrescentou.

Justin não negou porque era verdade. Por um segundo, a expressão de Tessa se dissolveu e ele viu outro rosto em sua mente, um rosto mais velho que, aos dez anos, ele tinha achado bonito. O som e os cheiros do mercado de Anchorage os cercavam, e seu chefe berrava para que ele voltasse. *Como você faz isso?*, a bela mulher perguntou. *É fácil*, Justin respondeu. *Basta olhar a cara deles.* E, com essas palavras, sua vida mudou para sempre.

Ao examinar Tessa agora, ficou impressionado pelo deslocamento doloroso que ela parecia sentir. Com a saia na altura do joelho e seu cabelo grosso, ela poderia ser uma viajante no tempo vinda de outro século. Atraía diversos olhares, talvez também porque seus olhos estavam um tanto vidrados. Andar ao lado de Mae, tão perfeita e elegante em sua roupa de alfaiataria, não ajudava a melhorar a aparência de Tessa, embora, vez ou outra, desse a Justin a chance de ver lampejos de compaixão no rosto de Mae quando ela achava que ninguém estava olhando. Soldada assassina, castal arrogante, um amargurado sexo casual... o que quer que fosse, Mae tinha um ponto fraco por meninas provincianas assustadas.

— Podemos pegar um carro? — ele perguntou ao perceber que estavam se dirigindo à entrada do metrô do aeroporto.

— Não — Mae disse. — Ela precisa implantar o chip primeiro, e esse é o caminho mais rápido para o Ministério de Cidadania.

— Eu não quero um chip — Tessa repetiu, trocando um medo por outro.

— É tranquilo — ele disse. — E vai facilitar muito a sua vida.

Ela parecia cética, provavelmente porque a louca da mãe dela devia ter enchido sua cabecinha com idiotices, como a ideia de que os chips selavam o pacto dos gemanos com o diabo.

Como que para provar o argumento dele, Tessa disparou um alarme ao passar pela entrada do metrô. O guarda liberou a passagem deles depois que Mae parou para mostrar a documentação e o cartão de Tessa, embora Justin tivesse quase certeza de que ela teria conseguido o mesmo efeito disparando a arma, aquela faca ridícula ou o olhar que lançara contra ele na

noite anterior ao descobrir que não era Huan Korokov.

— Isso vai acontecer toda vez que você passar por um posto de verificação se não tiver um chip — Justin disse a Tessa. — Sensores como esse estão espalhados por toda a cidade.

— Rastreando a gente — ela disse, sombria.

— Eles não gravam. A maioria só verifica se todo mundo tem um chip autêntico ou o documento que explique por que não. O chip manda o nome para o computador, mas só para comparar com mandados pendentes. Os nomes costumam ser descartados depois.

— Costumam? — Tessa perguntou. Menina esperta, entendendo as nuances de palavras que ele tanto adorava.

— Costumam — ele repetiu. Eles pararam perto da linha amarela da plataforma de trem. — Lugares de segurança máxima, como esse aeroporto, têm scanners sincronizados com o Registro Nacional. Todas as pessoas que passam por aqui são verificadas para garantir que têm um registro oficial correspondente.

— Para mim, ainda parece rastreamento. Ninguém pode ir a lugar nenhum sem ser notado. — Pelo menos, ruminar sobre teorias conspiratórias distraía Tessa da multidão apinhada no túnel do metrô. — E o registro não controla o nome das pessoas?

Ele ficou pensando.

— "Controlar" não é bem a palavra. É só uma forma de fortalecer a unidade nacional. — De acordo com a política da RANU, todos os cidadãos precisavam ter um nome de origem grega ou latina para estar no Registro Nacional. Os castais podiam se chamar dos nomes étnicos que bem entendessem dentro das suas capitanias, mas, aos olhos do país, os nomes precisavam respeitar os mesmos critérios dos plebeus. — Além disso, há milhares de opções.

— Mesmo assim, é uma limitação.

— Você pode falar o que quiser, *Teresa*, mas seu pai foi inteligente. Ele deu a vocês todas nomes que respeitam a RANU, para garantir que fossem bem recebidas caso voltassem para cá.

Tessa pareceu chocada com a revelação e, logo depois, pareceu quase ofendida por ter sido colocada num sistema preexistente sem seu conhecimento ou consentimento. Isso a manteve em

silêncio na viagem de trem pela cidade e, embora segurasse a respiração sempre que subiam para a plataforma elevada do metrô de superfície, não teve um colapso nervoso, o que Justin tomou como um sinal promissor de sua capacidade de adaptação. Ela não demoraria a fazer parte daquele mundo.

Quando saíram do trem e chegaram ao nível do solo, Justin viu que agora era ele quem estava deslumbrado e tomado de emoção. Os prédios arrojados reluziam ao pôr do sol, sombreando os pedestres. Os trilhos do metrô de superfície faziam curvas entre os prédios enquanto, sob eles, o tráfico automatizado fluía de maneira tranquila e eficiente. Telas com imagens em constante movimento enchiam as vitrines de lojas e restaurantes. Outras telas maiores estavam acopladas aos prédios, passando as últimas manchetes, destaques políticos, e anúncios de todos os bens e serviços imagináveis. Era tudo muito distante das ruas imundas da cidade do Panamá, com sua miscelânea de pedestres suspeitos, carros movidos a gasolina, carrinhos de vendedores e, às vezes, cavalos.

A estação de metrô ficava a dois quarteirões da Hale Square, uma grande quadra coberta de grama, flanqueada por três prédios federais com mármore e pilastras resplandecentes: o Ministério da Cidadania, o Ministério da Segurança Interna e o Ministério da Diplomacia. Em cada prédio, havia uma bandeira gemana hasteada, e não havia propagandas nem telas de nenhuma espécie. O Ministério da Cidadania era o departamento responsável pelos chips e pelo Registro Nacional, e, conforme iam se aproximando, Justin parou para olhar o da Segurança Interna. Aquele era o prédio onde trabalhavam os servidores e onde ficava seu antigo escritório. Parecia ter passado uma vida desde o tempo em que entrava no trabalho a passos confiantes, no auge de sua carreira. Ele tinha o mundo a seus pés e em nenhum momento chegou a imaginar que o arrancariam de debaixo dele.

Algumas pessoas estavam saindo do prédio da Segurança Interna segurando cartazes que ele não conseguiu ler.

— O que é aquilo? — perguntou a Mae.

— Ultimamente tem acontecido vários protestos sobre liberdade religiosa — ela explicou. — Os protestantes ficam aqui todo dia.

— Não pode ser verdade. — Alguns princípios fundamentais

nunca haviam mudado desde a fundação da RANU. O perigo das religiões e da crença no sobrenatural era um deles.

— Não vai dar em nada. Eles só estão fazendo muito barulho.

O horário do expediente já havia acabado e o vestíbulo do Ministério da Cidadania estava vazio, exceto por dois guardas militares comuns em posição de guarda. Eles bateram continência a Mae depois que ela se identificou, mas mal olharam para eles dois enquanto ela saía a passos largos em direção aos elevadores.

Com exceção do único técnico, amedrontado diante de Mae, o escritório de implantação de chips estava vazio. Tessa pareceu tranquilizada pelo ambiente silencioso e não voltou a protestar contra os chips. O técnico a guiou até uma cadeira ao lado de um monitor e de uma mesa de aço inoxidável, e ela abriu um sorriso corajoso para Justin enquanto se sentava.

Ele também se sentou numa cadeira próxima o bastante para tranquilizar Tessa, mas longe o suficiente para deixar o técnico fazer seu trabalho. Mae se sentou a seu lado e imediatamente começou a escrever mensagens no ego, provavelmente requisitando mais armas e facas, ou seja lá o que os pretorianos faziam em seu tempo livre para defender o país. Justin ficou de olho em Tessa, observando seu perfil se formar na tela.

— Seis — ele disse em tom de aprovação quando surgiu a pontuação genética de Tessa. — Bom para uma provinciana. — A atenção de Mae ainda estava focada no ego, e ele acrescentou: — Não tão bom quanto um nove, como certas pessoas têm. — Ele tinha memorizado todos os detalhes da tela dela na alfândega.

Isso a fez levantar os olhos.

— E daí?

Ele apontou para Tessa.

— Daí que um cinco ou um seis é exatamente o que se espera dela. Mas de uma cas... patrícia? Eu chutaria algo entre dois e quatro. Talvez, *talvez* um cinco em casos raros. — Ele pausou para frisar. — Não um nove. É uma pontuação de plebeu.

— Não é o que me parece — Mae retorquiu.

— É alto demais. *Eu* tenho um nove.

— Você se sente ameaçado por isso?

— Claro que não. Só é estranho, nada demais. Não parece

estranho para você?

— Na verdade, não — ela respondeu. — Sempre tive nove.

Ele inclinou a cabeça, estudando a pele e o cabelo impecáveis dela com um novo respeito.

— Você não fez nenhuma plástica, fez? Não tem nenhum sinal de Caim.

— Não. — Ela voltou a olhar para o ego.

Quando o vírus Mefistófeles varreu o mundo e exterminou metade da população durante o Declínio, gerou danos reprodutivos em muitos sobreviventes, os quais passaram adiante uma mutação que resultava em baixa fertilidade, asma, e pele e cabelos danificados. A mutação tinha um longo e complexo nome científico, mas os fanáticos religiosos que já acreditavam que o Mefistófeles era uma punição divina chamaram-na de Marca de Caim. O nome pegou. Até que fosse criada a vacina para o Mefistófeles, o programa de reprodução genética diversificado da RANU e da AO havia oferecido resistência ao vírus, o que ajudou a criar o preconceito contra aqueles de ascendência homogênea. Genes heterogêneos também ajudavam a eliminar o Caim, que pouquíssimas vezes voltou a atacar plebeus. Os castais, com sua variedade genética mais restrita, ainda sofriam com a mutação, embora houvesse dezenas de procedimentos cosméticos para cobrir os sinais externos. Não havia muito a ser feito em relação à asma ou à infertilidade. A julgar pela maneira como ela se comportara na cama, Mae não parecia ter nenhum problema respiratório ou de resistência física.

Nem de fertilidade, Horatio acrescentou, prestativo. *Preocupado? Vocês não tomaram nenhuma precaução.*

Não. Mulheres civilizadas das forças armadas tomam vacinas e têm implantes contraceptivos.

Justin abaixou a voz:

— Não vamos conversar sobre o que aconteceu?

Mae não levantou os olhos, mas ele tinha certeza de que ela não estava mais concentrada no ego.

— Muitas coisas aconteceram, dr. March.

— Estou falando sobre o que aconteceu na noite retrasada, quando eu e você estávamos na cama e...

— ... você fingiu ser um diplomata da AO para me seduzir? É disso que você está falando?

Ele franziu a testa.

— Não foi preciso *tanta* sedução assim. E não foi parte de um grande esquema. Meio que só... aconteceu, por acidente.

Agora, pelo menos, ele conseguiu mais atenção que o ego.

— Como você pode ter um uniforme diplomático falso e dar um nome falso por acidente?

— Nenhum dos dois é falso — ele argumentou. — Huan é um homem de verdade.

— Não sei se isso melhora as coisas. — Aqueles olhos cor de mar se estreitaram enquanto ela repensava. — Na verdade, acho que piora.

— Ei, você que errou achando que eu era alguma coisa que eu não era, e eu só acabei meio que seguindo o fluxo. Além disso... — Ele ainda tinha uma carta na manga. — Eu levei uma assistente militar para casa, não uma pretoriana.

Ela pelo menos teve a dignidade de parecer envergonhada disso.

— Você levaria uma pretoriana? — Meneando a cabeça, ela continuou sem esperar uma resposta. — Sim, claro. Claro que você levaria.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que eu sei tudo sobre você. Ouvi Cornelia contar muitas coisas sobre você na viagem de ida.

Que maravilha. Cornelia Kimora sendo usada como referência de seu caráter.

O lindo rosto de Mae estava marcado pelo desprezo quando continuou:

— Sei tudo sobre como manipula as pessoas e como passa rápido por cima das mulheres...

— Não foi tão rápido...

— ... e se o seu objetivo era comer uma soldada patrícia mentindo e manipulando, então, parabéns. Vou obedecer minhas ordens para te proteger. Ninguém vai encostar um dedo em você. Mas o que aconteceu no Panamá morreu no Panamá. Nunca mais vai voltar a acontecer. Nunca mais.

Justin perdeu a fala por vários motivos. Um era que

normalmente era ele quem punha fim nos relacionamentos. O outro era que essa conversa não estava fluindo como o planejado. Ele queria garantir que as coisas estavam terminadas para evitar futuras tentações — mas não daquele jeito. Não estava acostumado com a rejeição. O desprezo obstinado dela foi um duro golpe contra o seu orgulho e o fez ter vontade de reconquistar aquela mulher.

Não posso, ele se lembrou. *Ela é* a *mulher*, *e eu não posso correr o risco de descobrir o que o acordo me obrigaria a fazer. Não vou poder me esquivar outra vez.* Era hora de dar o golpe fatal. Quanto mais raiva ela tivesse dele, melhor. Ele assumiu o que esperava ser uma expressão descontraída.

— Claro que não vai acontecer de novo — ele disse, petulante. — Não tenho segundos encontros, apesar de que "encontro" é um termo meio generoso para o que aconteceu ontem à noite. Eu não paguei o jantar. Nem mesmo chamei você para jantar.

Ela nem pestanejou.

— Eu não tenho nem *primeiros* encontros com plebeus. Você não está muito curioso com os nove nórdicos? Nós não pensamos duas vezes em rapidinhas no meio do mato.

— Não foi tão rápido — ele repetiu. — A menos que você esteja contando como foi rápido para você ficar sem roupa. — O tom condescendente e a expressão esnobe dela eram típicos de uma aristocrata castal, o que disparou uma raiva inesperada dentro dele. Ela agia como se tivesse sido enganada pela mentira dele, sendo que foi ele, e não ela, o iludido. O charme, a elegância, o bom humor... até mesmo aquela tristeza pungente que ele havia notado. Tudo não passara de fingimento, um joguinho para aquela princesa gélida e vadia brincar com um plebeu.

— E — Mae acrescentou, com a voz afetada —, se você quiser se vangloriar disso, ninguém vai acreditar. Ninguém vai acreditar que alguém como eu iria para a cama com alguém como você.

Aquele foi o soco no estômago, fazendo a última palavra ser dela, porque ele não conseguiu formular nenhuma resposta. Se a vontade dele era garantir que nunca mais andariam de mãos dadas, tinha cumprido a missão com grandes honras.

O técnico completou o perfil de Tessa, sincronizando-o com o

chip e com o Registro Nacional. Com dificuldade, Justin desviou o olhar de Mae e tentou fazer seu cérebro rodopiante se concentrar na tela. Era mais ou menos o que esperava; incluía a cidadania de Tessa, informações básicas e os detalhes do visto. Depois disso, não faltava nada a não ser a implantação do chip no espaço entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Tessa se crispou de dor, mas ele teve a impressão de que era mais psicológica do que física. Ela dobrou os dedos depois, parecendo surpresa que ainda funcionassem.

— Bem-vinda ao mundo civilizado — Justin disse, alegremente, sem dar indicação de que estivesse incomodado ou de que sequer se importasse com as farpas que acabara de trocar com Mae. Afinal, ele agora tinha uma nação de mulheres civilizadas, e muito menos temperamentais, ao alcance de suas mãos.

Mae não estava mais hostil e passou para o que ele começava a imaginar ser seu jeito habitual: formal e sem emoções.

— Bom, então, é hora de irmos para casa.

Ela agradeceu o técnico por trabalhar até tarde e então se dirigiu à porta, esperando que Justin e Tessa a seguissem. Ele seguiu sem questionar, sentindo um cansaço súbito. A adrenalina inicial do retorno havia perdido a força e a falta de sono na última noite, somada à viagem daquele dia, começava a surtir efeito. Tessa estava quase dormindo em pé, o que podia ser tanto um efeito retardatário do sedativo que ele lhe dera quanto devido à exaustão da jornada.

Mae os levou de volta ao metrô e os três viajaram em silêncio. Tessa encostou a cabeça no ombro de Justin e dormiu enquanto ele olhava pela janela e tentava não analisar Mae abertamente. Ela estava entretida lendo alguma coisa no ego. Ele pôde ver que, dessa vez, ela não estava fingindo, pois, distraidamente, enrolava uma mecha dos seus magníficos cabelos cor de ouro pálido num dedo. As pessoas não exibiam hábitos inconscientes como esse quando fingiam estar ignorando alguém.

Então, Horatio disse com um grande suspiro. *Você realmente estragou tudo.*

Justin ignorou o corvo e se obrigou a começar a pensar na missão que lhe dera sua passagem de volta para casa: os homicídios

patrícios e a sombra assassina de Cornelia. Sua mente já estava engendrando mil ideias de como solucionar o caso. Ele sabia quais dados pertinentes requisitar e que perguntas fazer quando visitasse os locais do crime. Dar a gravação para Leo era fundamental. Provar que o vídeo tinha sido alterado eliminaria boa parte do mistério que cercava o caso.

Se for falso, eles podem não precisar mais da sua "perspectiva privilegiada", Horatio advertiu. Pelo menos, ele não estava mais insistindo com relação a Mae.

Sim, eu sei. Mas, por enquanto, estou muito mais preocupado com o prazo de quatro semanas.

O trem parou numa estação e foi só então que Justin realmente olhou para o que havia do lado de fora. Eles estavam num bairro chique dos subúrbios.

— Por que estamos aqui?

Mae deu uma resposta vaga enquanto os guiava para fora do trem e contratava um carro na estação. A distância que atravessaram de carro acabou se mostrando muito curta e eles poderiam ter andado, mas Mae achou que um carro seria mais fácil para Tessa. Na verdade, ela acabou tendo um surto quando viu que não havia motorista. O carro os deixou em frente a uma casa elegante num bairro visivelmente rico. Postes espalhados iluminavam a escuridão num caminho que parecia seguro, mas não eram fortes demais para os que tentavam dormir. Copas de árvores maciças cobriam a rua, e Tessa pareceu muito mais à vontade agora, observando o silêncio das casas e os extensos gramados verdes. Foi só quando estavam avançando para a porta que Justin parou de pensar no mistério das trevas e se concentrou no que estavam fazendo.

— Por que estamos aqui? — ele voltou a perguntar quando Mae bateu à porta.

A porta se abriu quase instantaneamente. Justin mal teve tempo de registrar o rosto da irmã quando ela lhe deu um tapa na cara que o fez cambalear alguns passos para trás.

— Você tem muita coragem! — ela vociferou, avançando ameaçadoramente. Justin recuou ligeiro, pensando amargurado no que havia acontecido com a promessa de Mae de não deixar que

ninguém encostasse a mão nele.

— O que eu fiz exatamente? — ele perguntou. Lembrando-se do tempo em que moraram juntos, poderiam ser muitas coisas.

Cynthia não respondeu. A raiva em seu rosto desapareceu e, de repente, parecendo prestes a se debulhar em lágrimas, ela se lançou em seus braços.

— Pensei que você tinha morrido.

Ele deu um tapinha constrangido nas costas dela.

— Ainda não. Vamos, hum, entrar um pouco?

O interior da casa era tão bonito quanto a fachada, decorado num nível que até mesmo ele aprovou. No entanto, ele teve pouco tempo para admirar porque, quando chegaram à cozinha, a raiva de Cynthia voltou. Justin havia crescido fingindo suas próprias emoções e manipulando as dos outros. Cynthia não era dada a joguinhos como esse e sempre tinha os sentimentos dela escancarados.

— O que você tinha na cabeça? — ela perguntou. — Mandando me trazerem para cá?

As negociações da noite anterior voltaram à mente de Justin, e aquilo tudo começou a fazer um pouco mais de sentido. Ele precisou admitir que eles realmente haviam se superado em relação ao pedido dele de que ela tivesse boas acomodações. E não perderam tempo também.

— O que tem de errado? Esse lugar é ótimo. Não vai me falar que você vivia numa casa assim em Anchorage. Você *ainda* estava em Anchorage, certo?

Cynthia colocou as mãos no quadril.

— Veio um grupo de soldados e me arrancou do trabalho! Sem nem avisar. Não tive tempo de me preparar. Eles simplesmente disseram que eu tinha de vir com eles. Imagina a humilhação que eu passei!

Era muito parecido com o que Justin havia sofrido quando foi exilado. Ele lançou um olhar interrogativo para Mae.

— O que aconteceu?

Ela se recostou no balcão, completamente à vontade.

— Você disse que queria sua irmã aqui imediatamente.

— Então eles literalmente me sequestraram?

— De que outro jeito trariam você?

Cynthia olhou de um lado para o outro, arregalando os olhos quando notou a presença de Tessa.

— Quem são essas pessoas?

— Esta é a pretoriana Mae Koskinen — ele disse. Cynthia nem teve tempo de ficar espantada quando Justin disparou o tiro de misericórdia. — E essa é Tessa Cruz. Ela é do Panamá.

— Panamá? — A julgar pela expressão de Cynthia, Justin bem que poderia ter dito que ela vinha da lua.

— Era lá que eu estava — ele esclareceu, como se voltasse de um feriado prolongado. — Trouxe a Tessa para estudar aqui.

Cynthia franziu a testa enquanto absorvia tudo aquilo e, então, uma expressão de horror perpassou seu rosto.

— Vocês dois não estão...

— *Não* — ele respondeu exasperado. Pela expressão inocente de Tessa, felizmente ela não entendeu a insinuação. — Por que todo mundo pensa isso?

— Deve ser porque todo mundo sabe como você é — Cynthia retorquiu.

— Eu tenho limites — ele resmungou, tentando ignorar o olhar de "eu sabia" de Mae. — O pai da Tessa é meu amigo e eu estou ajudando a família dele. Ela vai ficar aqui com você.

A expressão de Cynthia se acalmou.

— Entendi. E não acho que você pensou em confirmar comigo antes, certo? Assim como não se deu ao trabalho de confirmar quando me fez ser humilhada na frente dos meus colegas.

— Porra, qual é o problema? — Aquele reencontro não estava sendo nada como ele esperava. — Você devia me agradecer. Essa casa é um palácio.

— Agradecer? *Agradecer*? — Justin ficou com medo que Cynthia desse outro tapa na cara dele e, de acordo com os últimos acontecimentos, sua grande protetora continuaria parada e encostada no balcão. — Justin, eu estava prestes a conseguir a admissão para voltar a estudar. Minha entrevista era hoje!

Ele relaxou um pouco.

— E daí? Você não precisa da admissão agora. Eu cuido disso. As universidades daqui são muito melhores mesmo.

A fúria de Cynthia foi diminuindo aos poucos. Ela parecia cansada e um tanto triste.

— Você realmente não entende, né? Continua o mesmo Justin de sempre, ainda autoritário e convencido de que... — Ela parou e seus olhos se focaram em algo atrás de Justin. Ele se virou e viu um menino parado na entrada da cozinha.

— Quentin — Justin disse, surpreso ao ver como seu sobrinho havia crescido. Quantos anos ele tem agora? Oito. — Você lembra de mim?

A expressão de Quentin parecia dizer que não.

— Esse é o seu tio Justin — Cynthia explicou.

O rosto do menino se iluminou ao reconhecê-lo.

— O filho da mãe arrogante que abandonou a gente.

— Esse mesmo — ela respondeu, parecendo muito orgulhosa da ótima memória do filho.

Justin escarneceu:

— Só podia ser dessa família, né?

Os traços de Quentin, porém, realmente deixavam claro a que lado da família ele pertencia. Ele era exatamente igual à mãe, dos maxilares altos aos olhos amendoados de cor castanha tendendo para o verde, uma rara variação recessiva. Seu cabelo, no entanto, era completamente plebeu: o tom de castanho-escuro, quase preto, que Justin, Cynthia e a mãe deles tinham em comum.

— Eu preciso ir — Mae disse. — Parece que você tem algumas coisas para resolver. — Ela conseguiu se manter inexpressiva enquanto pronunciava esse eufemismo.

— Quando vou ter notícias suas? — ele perguntou.

Ela se empertigou, exibindo a postura refinada que adquiriu na casta, no exército ou talvez num misto dos dois.

— Quando a ICS entrar em ação. Foi um prazer te conhecer. Todos vocês.

Mae havia dado dois passos em direção à porta quando Justin se lembrou de uma coisa.

— Espera. Onde *eu* vou ficar?

A expressão de Mae era completamente neutra.

— Aqui, acho. Foi o único endereço que me deram.

— Aqui? — Ele olhou ao redor, sentindo que via o lugar pela

primeira vez. — Essa é a casa da Cynthia. A Cornelia me prometeu um lugar só meu.

— Ei, não olha assim para mim. Não fui eu quem armou isso. — Mae ficou pensativa enquanto refletia no assunto. — Você pediu um lugar bom para ficar. E pediu um lugar bom para a sua irmã ficar. Não especificou que teriam que ser diferentes.

Ela está certa, Horatio disse. *E essa é uma interpretação que Cornelia adoraria explorar.*

Justin não conseguiu formular uma resposta de imediato.

— Mas eu... Não! Não posso morar com a minha irmã. Sabe como isso não é legal? Eu não posso morar nos subúrbios. Era para eu ficar na cidade.

Mae não se mostrou nem um pouco solidária e, mesmo tendo voltado a assumir sua cara de nada, ele tinha certeza de que ela estava rindo dele por dentro.

— Você devia ter sido mais claro. Além disso, o caminho pela linha roxa é muito fácil.

— Você devia agradecer. Esse lugar parece um palácio — Cynthia disse, repetindo o que ele havia dito antes. Julgando pela sua expressão de felicidade, ela parecia estar gostando mais dessa virada nos acontecimentos do que do próprio retorno do irmão. Depois de uma semana morando com ele, ela provavelmente teria uma opinião bem diferente.

— Fale com alguém da Segurança Interna quando estiver de volta na ativa — Mae disse. — Tenho certeza de que você consegue ser persistente o bastante para arrumar isso.

Justin fez que sim com a cabeça, sabendo que ela não podia fazer nada mesmo. Ele podia reclamar de muitas outras coisas com ela, mas não daquilo. Talvez fosse melhor mesmo que esse percalço tivesse acontecido. Assim, ele poderia escolher sua própria casa em vez de ter o lugar escolhido por um assistente administrativo. Sem voltar a se queixar, deu um obrigado relutante a Mae e deixou que ela fosse embora. Ficou olhando enquanto ela saía e então se voltou rapidamente quando percebeu que estava admirando as pernas dela.

— Eu meio que gosto dela — Cynthia disse depois que ouviu a porta se fechar.

— Ela é castal — ele respondeu, sabendo que Cynthia não gostaria disso. Voltou o olhar para Tessa e viu que ela estava quase caindo de sono. — Ah, querida. — Colocou o braço em torno dela. — Ela precisa ir para a cama, Cyn. — Um pensamento alarmante passou pela sua cabeça. — Essa casa é mobiliada? — A sala por que tinham passado parecia ser, mas, depois dos últimos acontecimentos malucos envolvendo suas acomodações, ele não podia supor nada.

— Até os mínimos detalhes — Cynthia respondeu, com uma expressão mais calma enquanto olhava para Tessa. Cynthia sabia ser áspera e impetuosa às vezes, mas fazia oito anos que era mãe e essa natureza permeava todos os seus atos. Ela pegou a mala de Tessa. — Vem, tenho o quarto perfeito para você. — Para Justin, disse incisiva: — E você nem pense em sair daí. — Como se ele tivesse para onde ir.

— Falo com você depois quando estiver acomodada — ele disse a Tessa.

As duas mulheres desapareceram, deixando Justin constrangido com Quentin.

— Tem vinho no armário da despensa — Quentin disse.

— O que faz você pensar que eu quero vinho? — Justin perguntou. Na verdade, parecia uma ideia excelente e ele se dirigiu à porta do armário.

— Porque, quando a minha mãe estava abrindo todos os armários, ela viu e disse: “Acho que vamos estar preparados se os bêbados da família passarem por aqui”.

Justin tirou uma garrafa aleatória. Era um Syrah.

— A sua mãe é uma mulher classuda.

— Por que eu tenho a impressão que “classuda” não foi a primeira palavra que passou pela sua cabeça? — Cynthia disse ao voltar para a cozinha. Não demorou para encontrar uma taça e um saca-rolha para ele.

— Porque você é astuta e inteligente como todo mundo na família. — Justin encheu a taça no máximo. — Foi rápido lá.

Um sorriso perpassou os lábios de Cynthia.

— A pobrezinha foi direto para a cama e caiu no sono. — Ela se voltou para Quentin. — Vá para o quarto. Preciso conversar com

seu tio. — Ele pareceu relutante em perder o desenrolar do drama de família, mas uma ordem mais severa o fez sair correndo.

Justin ofereceu o vinho a ela.

— Quer um pouco?

— Não tiraria esse prazer de você. — Ela encostou o cotovelo no balcão da cozinha e se debruçou. — Estou feliz que você voltou, sabe. Quase senti sua falta. Mas ainda estou com raiva.

— Eu sei — ele disse. — Também senti sua falta. — Até aquele momento, ele não percebera o quanto essas palavras eram verdadeiras. Cynthia o deixava furioso às vezes, mas ela sempre tirava a verdade dele. Ela era sua primeira e melhor amiga, e ficar longe dela por tanto tempo havia criado um buraco dentro dele. Ele colocou o vinho na mesa e a abraçou, finalmente se permitindo um momento de vulnerabilidade. Muita coisa tinha acontecido entre eles para que assumisse sua fachada habitual. — E me desculpe. Eu imagino que você ficou em uma situação ruim.

Ela encostou a cabeça em seu peito.

— A essa altura eu já devia estar acostumada. Mas, Justin... por que você foi embora? Por que foi para o Panamá? Você imagina como é estranho para mim você aparecer aqui depois de quatro anos com uma pretoriana e uma menina da província?

— Sim — ele disse, finalmente se separando do abraço. — Acredite em mim: sei muito bem como é estranho.

— Você não respondeu por que foi embora.

— Porque eu não posso contar, Cyn. — Ele podia adivinhar a pergunta que ela faria em seguida. — É sério: é uma questão de segurança mesmo. E também não posso contar por que voltei. Mas logo eu vou ajeitar tudo. Vou passar tudo que tenho para o seu nome, todas as minhas contas. Você não vai ficar ferrada como da outra vez.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Você vai embora de novo?

Justin bem que queria saber. Francis sem dúvida parecia achar que a RANU não poderia continuar sem ele, mas Magnus tinha razão ao dizer que a importância de Justin diminuiria caso ele constatasse a manipulação do vídeo. E, claro, se não descobrisse nada em quatro semanas, todo o esforço teria sido em vão. Mesmo

assim, Justin abriu um sorriso para a irmã e terminou a sua taça.

— Claro que não.

Dentro da sua cabeça, ouviu Horatio dizer: *Tsc, tsc. Não faça promessas que você não vai poder cumprir*.

9. Os guerreiros mortais que nos protegem

Pretorianos não dormiam, mas Mae se sentia mentalmente exausta no caminho de trem de volta para a cidade. Sua rápida visita à família de March havia sido ao mesmo tempo engraçada e emocionante, e ela não conseguia nem imaginar o que mais poderia acontecer lá naquela noite.

O drama familiar deles não era nada perto de uma questão muito maior que a incomodava: o próprio Justin. Seu coração sentia um aperto toda vez que ela se lembrava do momento terrível em que entrara naquela suíte de hotel para descobrir que seu amante exótico e libidinoso não passava de um homem que entrava na cabeça das pessoas e era um especialista na arte da sedução. Foi preciso reunir todo o seu autocontrole para se manter calma e se concentrar nas coordenadas da missão.

Ela quase desejou que ele fosse capaz de convencê-la de que aquela noite havia significado alguma coisa, mas tudo o que ele fez no ministério foi reiterar todas as coisas que Cornelia havia dito sobre a arrogância e a insensibilidade dele com as mulheres. Mae gostava de acreditar que tinha ultrapassado sua formação nórdica, mas sabia que não havia se livrado por completo da noção de superioridade que sua família havia infundido nela. Ela sempre foi adorada e levada a acreditar que era especial, uma ideia que agora sabia não ser verdade e que não passava de uma mera arrogância patrícia. Mas tantos homens a bajularam em sua vida que ela ficou mal-acostumada a ponto de não ver quando estava sendo usada por um deles. Tantas pessoas tentaram usá-la por diversos motivos que ela pensava ter aprendido a identificá-las. Aparentemente, não tinha.

Ele era tão convincente, ela pensou, triste. Tinha tido a certeza de

que, por trás de todo aquele charme, havia uma tristeza nele e uma compreensão sincera da melancolia dela. Mas será que era sincera mesmo? Ou não passava de fingimento? Mae não sabia mais. Tudo o que sabia era que estava com o orgulho ferido e que foi bom ter assumido a personagem de uma aristocrata nórdica esnobe para se vingar dele. E, mesmo assim, até no meio da discussão, seu corpo estava completamente atento ao dele. A raiva podia se transformar em desejo a qualquer momento.

Foi um momento de fraqueza. O melhor caminho agora era esquecer aquele homem e a noite que passou com ele. Ela tinha uma missão — uma missão estranha e completamente fora dos padrões, muito longe do campo de batalha — em que os dois deviam se concentrar.

Sem dúvida havia mais coisas naqueles homicídios do que a cobertura dos jornais sensacionalistas a levava crer. E ela não podia ignorar a sensação de que havia ainda mais coisas por trás daquilo. Havia algo grande e tácito pairando entre Justin, Cornelia e Francis. Mas o que mais podia ser? Estranhos ou não, os fatos da missão propriamente dita eram claros e inequívocos. O caráter potencialmente ritualístico dos homicídios exigia a intervenção do departamento de servidores, que poderia examinar as circunstâncias com um foco mais global e voltado à religião. E, se havia um assassino fervoroso à solta, era absolutamente necessário uma segurança maior, o que explicava a presença dela.

Eles sem dúvida pareciam ter as habilidades de Justin em alta conta — quer dizer, pelo menos Francis Kyle as tinha. O velho parecia estar prestes a pedir um autógrafo a Justin. Ela *quase* não podia culpá-lo. A reação de Justin ao ver o vídeo e sua análise das circunstâncias dos assassinatos haviam sido fascinantes. Não havia nada de conquistador barato ali. Ele estava tão concentrado, tão completamente absorto pela breve introdução ao caso, que pareceu fácil acreditar que ele era o talentoso servidor que Francis e até mesmo a relutante Cornelia alegaram.

Os pensamentos de Mae foram interrompidos quando ela chegou à sua estação no distrito de teatros. Ali, a noite era brilhante e cheia de vida, completamente diferente da calmaria do subúrbio. As luzes da rua e as telas incandescentes pintavam tudo de uma luz

colorida e difusa, afugentando as sombras da noite. Mesmo numa noite do meio da semana a região continuava movimentada com pessoas a caminho do teatro ou em busca da vida noturna nos diversos restaurantes e boates. Mae caminhou em meio às multidões e atravessou a rua sobre uma passarela estaiada a alguns quarteirões do metrô que a levou até um bar cuja tela na vitrine anunciava *lavender martinis* como o especial da noite.

Naquela tarde, ela havia tentado fingir que estava mexendo no ego, mas a verdade era que estava combinando um encontro no bar. Seus olhos se ajustaram facilmente à escuridão do lugar onde não havia luzes no teto. Toda a iluminação era feita por néon púrpura colocado embaixo das mesas e do balcão do bar. O néon lançava um brilho fantasmagórico sobre os frequentadores descolados que estavam sentados às mesas altas de tampo de vidro, conversando entre si ao mesmo tempo que checavam quem também entrava. Era um daqueles lugares para ver e ser visto. Observar os *bartenders* correndo de um lado para o outro fazendo drinques a lembrou do Panamá e da velha máquina de bebidas, que já fora moda na RANU por um tempo, mas, agora, "pessoas de verdade" estavam em voga.

Val e Dag já estavam lá, em uma mesa perto da janela da entrada. Estavam usando roupas casuais, jeans e camisetas, o que os fez receber alguns olhares de desaprovação dos clientes vestidos com mais elegância. Pelo menos, não estavam de farda, como faziam algumas vezes só para criar constrangimento e estranheza para os que estavam ao redor. Na última vez que fizeram isso, a garçonete ficou tão intimidada que derrubou a bandeja de bebidas, duas vezes. Mae se sentira obrigada a deixar uma gorjeta generosa para se desculpar.

Dag assobiou quando viu Mae.

— Olhe só para você — ele disse. — Indo para o Country Club?

— As mulheres usam vestido no Country Club — Val repreendeu, como se fosse uma espécie de especialista. — Nossa menina está vestida mais como se fosse fazer uma apresentação na diretoria.

— Vocês dois estão errados. — Mae se sentou e, imediatamente, acionou a tela do cardápio sensível ao toque da mesa e pediu um

mojito sem nem olhar as outras opções.

— Então? — Val perguntou. Tanto ela como Dag estavam observando Mae com expectativa. Eles não a viam desde o funeral. — Por onde você andou? Não estava na detenção, claro. Pensamos que talvez tivessem te emprestado para a polícia. Ou que te mandaram dar tours no museu militar.

— Ainda não cheguei nesse ponto — Mae disse. — Mas passei a semana nas províncias.

Seus amigos pareceram impressionados.

— Você já estava em ação? — Dag perguntou.

Mae julgou que espancar aqueles broncos arruaceiros não contava exatamente como ação.

— Hum, estava cumprindo uma missão no Panamá.

Um garçom se aproximou com o *mojito* dela, bem como a nova rodada de Val e Dag. Naquela noite, eles só estavam bebendo socialmente, caso contrário teriam pelo menos dez copos à frente deles. Se pudessem virar vários drinques em poucos minutos, poderiam ultrapassar, por um curto período, a capacidade do implante de metabolizar o álcool rapidamente. Causava uma empolgação muito, muito momentânea que costumava acabar em menos de dez minutos. Os pretorianos chamavam isso de "dar um tapa no implante".

A presença de Justin e Tessa na RANU não era algo que devia ser segredo, então Mae deu um resumo rápido — e extremamente editado — de suas aventuras no Panamá. Falou por cima dos homicídios, dizendo apenas que seria guarda-costas de Justin. A julgar pelas expressões dos amigos, Mae não era a única que achava os acontecimentos peculiares.

— Que porra ele fez de tão grave para ser exilado? — Dag perguntou.

Val passou o dedo pela borda do copo, com os olhos negros perdidos em pensamento.

— E, pelo jeito, mesmo assim não foi tão grave para impedir que o cara voltasse.

— Eles não me falam essas coisas — Mae disse, tentando fingir que isso não a incomodava. — Não sei de quase nada.

Dag se iluminou.

— Mesmo assim, muito mais emocionante do que servir em monumento. Mas não tão honrado, claro.

Isso pegou Mae de surpresa.

— Servir em monumento? Qual você está vigiando?

— Os Jardins Nacionais — Val respondeu. Ela virou metade da bebida. Podia até não estar dando um tapa no implante, mas não estava exatamente se contendo. Mae estava com vontade de beber também, ainda mais depois das porcarias que tomou no Panamá.

— Vocês dois estão nos jardins? — Ela perguntou. Seus amigos fizeram que sim com a cabeça.

— Tem muitos escarlates lá agora. — Val os contou nos dedos. — Whitetree, Mason, Chow, Makarova...

— Que sorte — Mae murmurou, sem dizer o que os outros estavam pensando.

Se tinham enviado uma equipe escarlate para a capital, ela também poderia estar nela, não fosse pelos últimos acontecimentos, claro. Os postos pretorianos mais celebrados eram lugares com combate ativo, como as províncias e os territórios de fronteira. Eram missões que tomavam vinte e quatro horas por dia e também as únicas em que pretorianos corriam risco de vida. No entanto, os pretorianos também faziam rodízio na capital para proteger senadores, bem como monumentos e prédios nacionais importantes. Era um trabalho relativamente tranquilo para soldados como eles, mas havia certo prestígio para quem servia. Os pretorianos eram símbolo da força e da perfeição da RANU. Colocá-los em exibição em Vancouver restaurava a confiança dos cidadãos na superioridade de seu país, embora lhes causasse medo de vez em quando, o que talvez não fosse algo exatamente ruim. Servir na capital tinha turnos como um trabalho comum, o que significava que os pretorianos tinham muito tempo livre. Ter uma quantidade significativa da própria coorte por perto era uma vantagem rara, já que eles costumavam estar divididos e espalhados pelo mundo.

Val e Dag sabiam plenamente que tinham ido parar numa boa missão, mas Dag tentou ser diplomático e fazer Mae se sentir melhor.

— Tenho certeza de que você vai ver coisas legais com um servidor. Talvez destruam alguma seita maluca. Eu vi no jornal

uma em que as pessoas sacrificavam animais e dançavam pelados para a lua. — Sua expressão ficou desejosa. — Eu bem que queria fazer isso. Quer dizer, a parte de dançar pelado. Não a de matar animais. Ouvi que eles tentaram apedrejar o servidor.

Mae deu um sorriso pelo esforço dele.

— Normalmente as seitas são derrubadas com burocracia, e não com força bruta. Eles só mostram os mais sensacionalistas na TV.

— Bom, mas lembre que podia ser muito pior para você. — A voz de Val era suave, mas com um tom de advertência. Ninguém estava mencionando o funeral, mas todos estavam pensando nele. — E, que doido isso de você estar com um exilado misterioso e uma menina da província! Parece história de novela. Não dá para inventar essas coisas.

— Não — Mae concordou, lembrando o que tinha visto. — Não dá mesmo.

— Ele é bonito? — Val perguntou, com um olhar que Mae conhecia muito bem.

— Não vai pensando. — Mae não diria uma palavra sobre o que havia acontecido entre ela e Justin. Não daria mais para ficar perto de Val ou Dag se dissesse alguma coisa. — O que eu menos quero é você aparecendo na porta dele agora.

Os olhos de Val se iluminaram.

— Ah, ele *é* bonito.

Dag meneou a cabeça.

— Ignore. Ela não transa faz, sei lá, uma semana. Nem sei como ela ainda está viva.

Ele estava brincando, mas os pretorianos realmente costumavam ter vidas sexuais muito ativas. Era outro efeito colateral das respostas físicas naturais que o implante estimulava. Justin foi o primeiro sexo de Mae em quase seis meses, um período espantosamente longo para os pretorianos, porém, depois de Porfirio, ela realmente não conseguiu se sentir disposta por um bom tempo.

Val deu um cutucão em Dag pela piada, mas, pelo menos, Mae teve a resposta à pergunta que vinha se fazendo. Val e Dag viviam terminando e voltando, o que tornava difícil ficar a par da situação do relacionamento deles. Pelo jeito, tinham terminado de novo, o

que a deixou um pouco chateada, mas pelo menos os dois continuaram amigos.

Ela lançou uma olhadela no relógio e terminou a bebida. Por mais que adorasse seus amigos, sentiu uma vontade repentina de ficar sozinha.

— Eu preciso ir, gente. Quando vir vocês de novo, conto as novidades da novelinha... se não virem antes na TV.

— Para onde você vai? — Val perguntou. — Vai encontrar algum gatinho? Faria bem transar um pouco, viu. — Quem dera Val soubesse... — Você está voltando a ter aquela afetação castal.

— Isso nunca vai embora — Dag disse. — Mas você precisa relaxar, Finn.

Dag começou a chamá-la assim quando foram designados à mesma coorte e começaram o treinamento pretoriano. Ele nunca conseguia lembrar o sobrenome dela na época, mas lembrava que ela era nórdica, daí o apelido que ele e, mais tarde, Val começaram a usar. Todo mundo sabia que Mae era castal, o que dificultava para se adaptar às forças armadas. Val e Dag se aproximaram dela imediatamente, sem questionar nada, talvez porque precisassem dela como motivo para suas piadas.

— Eu não posso relaxar — Mae disse, levantando-se e passando o ego para pagar sua bebida. — Não sou eu que estou de férias. Quer dizer, servindo em monumento.

— Ha-ha-ha — Val escarneceu. Ela revirou os olhos, mas estava visivelmente aliviada pelo desenrolar dos acontecimentos, e Mae sentiu uma pontada de culpa por não ter falado com eles antes. Eles não tinham ideia do que havia acontecido com ela depois do funeral e deviam ter imaginado o pior. Eles eram mais próximos dela do que sua própria família biológica.

— Ei... — Mae hesitou e colocou a mão no assento da cadeira. — Vocês sabem como a Kavi está?

— Ainda no hospital — Dag disse, mais sério. — Bem, é o que dizem os boatos. Os índigos não estão falando com a gente.

Mae voltou a ter aquela sensação desagradável que sempre tinha quando pensava em Kavi.

— Acho que é normal. Não faz tanto tempo assim.

Por mais difícil que fosse machucar pretorianos, a maior parte

de seus ferimentos cicatrizavam como os de pessoas normais. Sempre houve boatos de tratamentos com células-tronco ou outros avanços biológicos para facilitar a recuperação dos pretorianos, mas as políticas da RANU contra manipulações genéticas e biológicas ainda eram muito rigorosas, mesmo para seus soldados mais valiosos. Até se faziam pesquisas médicas, mas ninguém queria correr o risco de praticar abusos que poderiam levar a um Declínio causado por algum outro vírus.

Val se levantou e deu um abraço nela.

— Não é culpa sua.

— Eu quebrei a perna dela — Mae disse. — Se a culpa não é minha, é de quem então?

— Ela estava pedindo — Dag disse, com lealdade. Ele também se levantou e deu a Mae um de seus típicos abraços de urso.

— Ela só estava chateada por causa do Porfirio. — Falar o nome dele trouxe de volta a velha dor em seu peito. — Todos estamos.

— Caralho — disse Val. — Você ouviu isso, Dag? Acho que ela acabou de admitir que tem sentimentos humanos.

Mae queria ter a coragem de fazer a pergunta que ardia dentro dela: *Por que Kavi havia sido tão lenta?* Mas sabia que eles não teriam a resposta. Repetiriam o que Gan dissera, que ela simplesmente era melhor que Kavi — exceto pelo fato de que usariam mais palavrões.

— Vamos também? — Val sugeriu a Dag. Ela virou seu copo em um gole só. — Aquela festa dos âmbar já deve estar começando.

Esta era uma coisa com a qual se poderia contar: sempre que houvesse pretorianos na cidade, haveria uma festa acontecendo em algum lugar. Val e Dag a convidaram para ir com eles, mas Mae recusou. A ambiguidade da missão dela a havia deixado desanimada. Ela não estava em combate ativo, mas também não fazia parte dos pretorianos cerimoniais. Parecia estranho sair com eles e, além disso, não queria ser lembrada mais uma vez que havia perdido a chance de receber uma missão com os demais escarlates.

A festa de Val e Dag era a caminho da estação de metrô, por isso, os três saíram juntos pelas ruas movimentadas. No curto período em que ficou no bar, a quantidade de baladeiros e pessoas em busca de diversão quase duplicou. Alguns estavam apenas

começando suas aventuras, enquanto outros haviam acabado de sair dos teatros e restaurantes, e já estavam dando a noite por terminada. Os três acabaram se separando, e Mae teve a sorte de o trem parar na estação no exato momento em que chegou à plataforma.

Quando chegou à estação que ficava a alguns quarteirões da sua casa, saiu e encontrou um ambiente muito mais calmo do que o distrito dos teatros. Embora ainda fosse bastante urbano, não havia telas brilhantes naquele bairro residencial. Carvalhos haviam sido plantados estrategicamente para complementar as casas de tijolos aparentes que ladeavam a rua, intercaladas com postes ornamentados que emitiam uma luz mortiça e criavam ainda mais sombras. Quando estava chegando à porta de casa, ela sentiu uma presença perto de uma árvore e deu meia-volta com a arma em punho.

— Caramba, você é rápida mesmo. — Um homem saiu das sombras, com as mãos para o alto num gesto apaziguador. — Calminha.

Mae não abaixou a arma enquanto o examinava. Ela nunca o tinha visto antes. Loiro e de olhos azuis, parecia ter mais ou menos a idade dela e pertencer a alguma casta do noroeste europeu também. Ele bem que podia ser nórdico, mas era difícil identificar muitas especificidades regionais sob a luz opaca. Apesar da atitude aparentemente não ameaçadora, algo nele a deixou apreensiva.

— Quem é você? — ela perguntou.

Ele enfiou as mãos no bolso e abriu um sorriso, completamente à vontade.

— Pode me chamar de Emil, pretoriana.

Mae não pestanejou nem perguntou como ele sabia quem ela era.

— E? O que você quer?

— Você — ele respondeu sem rodeios. — Você devia saber que mais cedo ou mais tarde enviaríamos alguém.

— Ah, é? Você é algum tipo de caçador de recompensas que minha mãe mandou para me levar para casa?

— Não sei por que, mas não acho que essa seria uma missão fácil — ele ironizou. — Mas é engraçado você mencionar sua

família, porque na verdade estou com uma coisa que pode ser do seu interesse, um símbolo da nossa boa vontade e do nosso desejo de receber você entre nós.

A adrenalina tomou conta dela. Ela manteve o rosto inexpressivo, recusando-se a deixar transparecer que não fazia a menor ideia do contexto daquela visita, visto que ele, por outro lado, parecia achar que ela deveria saber. Revelar sua ignorância seria uma fraqueza.

Emil colocou a mão no bolso e o dedo de Mae ficou tenso no gatilho.

— Vê se isso parece familiar. — Ele tirou um ego do bolso e, casualmente, passou o dedo na tela até encontrar uma foto e então o mostrou a Mae.

Mais uma vez, ela se esforçou para que sua expressão não revelasse nada, embora, dessa vez, manter o controle tenha sido muito mais difícil.

— Nunca vi essa menina na vida.

A garota da foto devia ter uns oito anos e usava um estranho vestido costurado manualmente com um tecido marrom. Tinha a cabeça coberta por um lenço branco, do qual escapavam alguns cachos de cabelo dourado. Estava numa área coberta de grama onde não se podia identificar nenhum outro ponto de referência. *Ela parece igual à Claudia*, Mae pensou. *Quer dizer, uma versão mais bonita dela, o que até faz sentido.*

— Você gostaria de vê-la? — ele perguntou colocando o ego no bolso. — Temos meios para ajudá-la.

E foi então que Mae entendeu. Ela ficou sem fôlego. Os Brödern, finalmente. Ela havia tentado encontrar informações deles havia anos, mas a máfia suíça não estava muito disposta a ajudar alguém das forças armadas. Ela nunca achou que, depois de tanto tempo, eles entrariam em contato.

— Onde ela está?

Emil fez que não com a cabeça, ainda com a mesma expressão condescendente.

— Não posso dizer assim, tão fácil.

Claro que não, mas Mae estava preparada para isso. Ela precisava estar, considerando o tipo de contatos sórdidos que havia feito

naquela busca.

— Quanto vai me custar? Tenho dinheiro oriental.

— Dinheiro, blé. A gente já tem um monte. O que a gente não tem é a influência e o acesso de uma jovem ambiciosa numa das unidades de elite das forças armadas.

Aquela insinuação era ridícula.

— Não vou usar minha posição para ajudar a sua corja no que vocês estiverem tramando.

— Você devia ter começado a trabalhar com a gente faz muito tempo — ele disse, sombrio. — É o seu direito de nascença.

Ela não ficou surpresa com essa atitude. Organizações como a Brödern costumavam ter inclinações separatistas ainda mais extremistas do que os patrícios comuns. Apontar que tinha mais sangue finlandês do que suíço, segundo a classificação nórdica, dificilmente faria diferença.

— Sinto muito, mas não tenho interesse em trabalhar com vocês.

Ele encostou o dedo no bolso em que o ego havia desaparecido.

— Mas você tem interesse nela.

— Essa foto pode ser falsa. Pode ser qualquer pessoa.

— Talvez — Emil admitiu. Colocou a mão no bolso de novo e, dessa vez, tirou um pequeno saco plástico selado que entregou a Mae; depois de alguns segundos de hesitação, ela pegou o saco com a mão esquerda. Havia um cacho de cabelo dourado dentro. — Mas isso só pode ser de uma pessoa.

— Você está mentindo.

Ele deu de ombros.

— Mande testar para ver. Talvez, depois, você mostre um pouco mais de respeito em relação ao seu dever.

Ela teve de se forçar a não olhar o cabelo com mais atenção.

— Você ainda não explicou o que exatamente querem em troca.

— Vai depender de como precisarmos usar você.

— Acha que eu vou negociar sem saber o que vou ter que dar em troca?

Pelo rosto dele, era exatamente isso o que achava.

— É uma coisa pequena comparada com tudo o que fizemos e tudo o que podemos fazer por você. — Ele apontou com a cabeça

para o cabelo. — Manda testar. Depois a gente conversa.

Ele começou a se afastar e ela considerou a ideia de atirar ou, pelo menos, espancar o rapaz. Mas, tecnicamente, ele não tinha feito nada de errado. Por isso, Mae continuou na mesma posição, observando até que a escuridão o tragasse por completo. Só então ela guardou a arma e começou a caminhar lentamente para casa, agarrando com firmeza o saco que ele lhe dera.

10. Mestre e aprendiz

A primeira semana de Justin voou como se fosse um sonho. Passou parte dela se preparando para entrar no ritmo da ICS e da carga de trabalho ainda por vir. Basicamente, ele teve de ser recontratado, por isso, havia inúmeras dificuldades e centenas de burocracias onipresentes no governo. Essa demora o deixou com bastante tempo livre, permitindo que voltasse a mergulhar no mundo do qual sentiu tanta falta nos últimos quatros anos.

Ele passou longos dias na cidade, refazendo seu guarda-roupa — chega de imitações inflamáveis — e frequentando antigos antros. Não foi difícil retomar os velhos vícios. Claro, as coisas que ele podia arranjar ali não eram tão letais quanto o estoque infinito de drogas panamenhas, mas sempre era possível contar com a corrupção, qualquer que fosse o lugar; foi relativamente fácil encontrar traficantes e médicos suspeitos para lhe dar os estimulantes que usava durante o dia e as coisas mais eufóricas que usava para relaxar.

No entanto, ele não estava contando com o grande avanço tecnológico. As pessoas viviam falando que, não fosse o Declínio, a humanidade já teria partido rumo às estrelas àquela altura. O progresso havia estagnado e até mesmo regredido em meio ao caos do Declínio, especialmente em outros lugares do mundo. No decorrer da última década, porém, a RANU, estabilizada por seu triunfo sobre o Mefistófeles, vinha compensando rapidamente o tempo perdido. O tempo que ele passou fora não foi uma exceção. Justin via progresso em muitas outras coisas além dos egos e, às vezes, era um pouco vergonhoso ter que aprender algo que era absolutamente natural para alguém como Quentin.

Claro que ele tinha muito menos coisas a que se adaptar do que Tessa. Ela fez avanços admiráveis na primeira semana e, embora hesitasse a passear tanto pela cidade como ele, ficou obcecada pelo

fluxo de mídia e passava horas em frente à televisão, assistindo a tudo que caísse em suas mãos. TV, jornais, vídeos instrutivos... ela absorvia tudo, tentando se tornar uma especialista em cultura gemana dentro da segurança da sala de estar.

Mas Justin não estava convencido de que isso era bom o bastante. Não tinha levado Tessa para a RANU para que ela pudesse ficar escondida dentro de casa. Ela podia ter ficado no Panamá para isso. Então, na noite anterior ao dia em que a ICS finalmente diria que era hora de dar início ao trabalho, Justin sacrificou uma aventura de esbórnia para levar a família para jantar na cidade. Seria bom para sua relação com Cynthia também, afinal, apesar de viverem juntos, cada um estava preocupado com sua própria adaptação à nova vida e eles quase não tinham o contato que deveriam ter depois de quatro anos de separação.

Tessa voltava os olhos arregalados de um lado a outro do restaurante que Justin havia escolhido. O lugar servia uma das melhores comidas tailandesas de Vancouver, mas tinha explorado sua popularidade ao máximo, cobrindo quase todos os centímetros de suas paredes com telas de propaganda. Até mesmo Justin, que havia crescido com a constante exposição à mídia, precisou admitir que as imagens em constante movimento eram chamativas demais. Mas, como havia ficado privado de qualquer comida asiática de qualidade no Panamá, achou que poderia tolerar o excesso de informações.

— São tantas... coisas — Tessa disse. — Esse é o quinto anúncio que eu vi de capa para ego. Vocês realmente precisam de capas diferentes para combinar com a roupa?

— Sim — Justin respondeu.

— Às vezes — Cynthia corrigiu.

Justin não prestou muita atenção no olhar desconfiado de Tessa porque chegou à conclusão de que a capa em particular que ela havia acabado de apontar combinaria perfeitamente com um terno que ele tinha comprado no dia anterior. Ele ergueu o ego, tirou um *screenshoot* do anúncio e recebeu o pedido em questão de segundos.

Cynthia franziu o cenho em desaprovação.

— Mas é muito cara. Você podia comprar uma igual e muito

mais barata naquela loja na Market Street.

— Essa é Bloomfield — ele argumentou.

Mesmo assim, ela não aprovou.

— Você só liga pra marca.

Ele sorriu. Sua vida ainda estava boa demais para se chatear com alguma coisa. Ele tinha sua vida, sua família, seu trabalho. A única coisa que podia tornar sua situação melhor era ter a cidadania no Registro Nacional.

E a garantia de que não será mandado embora, Horatio disse.

E a Mae não odiar você, Magnus acrescentou.

Por que vocês são tão desmancha-prazeres?, Justin perguntou aos dois.

Mas os dois tinham razão, especialmente Horatio. Por mais que estivesse gostando das minifférias, o atraso burocrático da ICS havia consumido dias que ele não podia se dar ao luxo de perder. Pelo menos, haviam restaurado seu acesso ao banco de dados, de modo que o tempo não fora totalmente perdido. Ele conseguiu checar as seitas das quais se lembrava e que poderiam ter conexões com prata e lua nos registros atuais dos servidores, criando uma lista de grupos em que valeria a pena fazer uma visitinha. Ele ainda não sabia ao certo se solucionar o caso garantiria ou prejudicaria suas chances de ficar no país, mas seria inútil se preocupar com isso naquela noite.

Um garçom serviu os pratos na mesa deles, todos os quais receberam olhares desconfiados de Tessa — pelo menos até o arroz dela chegar. Sua expressão se iluminou e, então, de maneira quase cômica, voltou a se desanimar quando viu os palitinhos. Justin pediu um garfo para ela, mas avisou que ela precisava experimentar tudo.

— Então isso é que é ser pai — ele murmurou para Cynthia. Quentin se apressou em se oferecer para ensinar Tessa a usar os palitinhos, assim como antes havia se voluntariado a ser seu guia de mídia. Com suas explicações simples, Quentin acabou fazendo um bom trabalho e ainda parecia ter uma queda por ela.

Cynthia fez que não.

— Você não sabe nada sobre ser pai. Ainda bem. É muito mais difícil do que você pensa. Por falar nisso... acho que você não falou

para nossa mãe que voltou, falou?

Justin agradeceu com um aceno de cabeça o bourbon que tinha acabado de chegar. Não era o melhor complemento para curry, mas ele achou que merecia alguma coisa antes de voltar para a labuta no dia seguinte.

— Acho que ela nem percebeu que eu fui embora. Além disso, se ela descobrir a nossa situação, vai querer morar com a gente também. Quer correr o risco?

Cynthia respondeu com uma careta. Por mais diferentes que os irmãos tenham se tornado, havia certas coisas em que ainda concordavam plenamente.

— Ah — Tessa suspirou de desejo ao levantar os olhos de seu *pad thai*.

Justin seguiu seu olhar até um comercial que mostrava uma modelo num vestido de festa fúcsia.

— Olhe só — ele disse. — Você é uma menina mesmo. Quer esse vestido?

— Não — ela respondeu. — Não sei como ficaria em mim. — O guarda-roupa gemano dela tinha sido até agora todo pedido pelo fluxo e consistia em peças do dia a dia de cores discretas. Para a surpresa de todos, ela adotou as calças jeans de imediato, algo com que Justin vinha se preocupando, uma vez que ela passou a vida toda usando saias na altura do joelho. Ele semicerrou os olhos para conseguir ver as letras pequenas.

— É logo na esquina — ele disse. — Podemos dar uma passada lá depois do jantar.

— De jeito nenhum — Cynthia respondeu. — Eu não quero entrar naquela loja. Aquelas meninas têm a metade da minha idade. Fico me sentindo como se estivesse me agarrando desesperadamente à juventude.

— Como a senhora preferir. Eu vou com Tessa.

— Sim, não vai ser nem um pouco estranho.

No fim, eles decidiram se separar. Cynthia voltou para casa com Quentin, e Justin levou Tessa às compras. Sua irmã não estava inteiramente errada sobre como era estranho ele ser um homem de trinta e poucos anos numa loja de roupas para adolescentes, mas não era como se ele estivesse tentando alguma coisa. Ele

deixou Tessa nas mãos de uma vendedora competente que teve o maior prazer em mostrar o vestido da propaganda... e muitas outras coisas.

Justin se sentou num confortável banco púrpura perto dos vestiários. Uma tela na parede mostrava as manchetes do dia. *Cyn está errada. Ser pai não é tão difícil quando você tem a carteira aberta*, ele disse aos corvos.

Horatio discordou: *Graças aos deuses você não engravidou ninguém ainda.*

Eu mandei vocês pararem de falar de deuses depois que voltássemos. Já tenho problemas demais.

Não falar sobre uma coisa não vai fazer com que ela desapareça, Horatio advertiu.

Sua conversa mental foi interrompida pela visão de um rosto conhecido na tela. Seu queixo quase caiu.

— Aquele é o Lucian? — ele perguntou em voz alta. A pergunta era retórica, mas uma vendedora que passava a ouviu.

— Lucian Darling? Claro que é.

O volume estava desligado, mas uma manchete na tela dizia: "Candidato a cônsul faz viagem de campanha". Justin precisou reler duas vezes para acreditar.

— Ele está... concorrendo ao consulado?

A vendedora, que tinha parecido bastante encantada com Justin quando entrou na loja, agora olhava para ele como se fosse maluco.

— Como você pode não saber isso?

— Até eu sei disso — Tessa disse, saindo timidamente num vestido cor-de-rosa.

— Você vive na frente da tela — ele respondeu. Voltou o olhar para o senador sorridente que acenava para a multidão. — O que ele fez no cabelo? Aquilo são luzes?

— Eu acho sexy — a vendedora comentou.

Justin não se dignou a responder e, em vez disso, tentou se concentrar em Tessa e no vestido. A cor forte contrastava com o nervosismo dela, mas, no conjunto, o visual a mudou completamente. Ela parecia uma típica menina gemana.

— É lindo — ele disse, carinhoso. Tessa corou de satisfação.

— Mas onde eu usaria isso? — ela perguntou.

— Vamos encontrar um lugar — ele garantiu. — Talvez nos Feriae, os feriados de verão.

Ou talvez num encontro, Horatio sugeriu malicioso. *É só uma questão de tempo até os meninos começarem a chamá-la para sair. Vai ser a hora de sentir o gostinho do próprio veneno.*

Cala a boca, Justin ordenou.

No fim, com a recomendação enfática de Justin, Tessa acabou com dois vestidos. Enquanto a vendedora os embrulhava, ele perguntou a Tessa:

— Me fale mais sobre o Lucian, especialista em mídia. Por que ele está concorrendo para cônsul?

Ela pareceu surpresa, mas se mostrou uma repórter diligente:

— Porque quer mandar no país? Sei lá. Mas ele está no jornal todo dia. É um dos candidatos mais populares. Fazem muitas piadas com o nome dele e o grande slogan dele é que é hora de progredir para a próxima fase, afirma que a Era do Declínio já acabou e que a Era da Renovação também deve acabar, que é hora de algo maior e melhor. O lema da campanha dele é "Prenúncio de uma Nova Era".

— Isso pega. Sabia que essa sua memória incrível ainda me seria útil — ele disse.

Tessa sorriu enquanto recebia a sacola da vendedora.

— Mas os adversários pegam no pé dele por não especificar o que é essa era. Chamam de "A Era Desconhecida do Darling" e "Era de X". Você conhece esse cara?

— Nós estudamos juntos na faculdade — Justin respondeu, ainda sem conseguir acreditar na notícia. Ele sempre achou que Lucian havia entrado para a política só para comer e beber na casa dos lobistas, uma teoria apoiada pelo fato de o colega ter sido um dos senadores mais desmiolados que podia haver. Como alguém passaria disso para cônsul?

— Vocês dois têm o mesmo sorriso, sabia? — Tessa disse depois de alguns segundos matutando. — Vocês costumavam praticar um com o outro?

Justin se dirigiu para a porta.

— Ele que roubou de mim.

Sua primeira tarefa para a ICS, na verdade, não foi uma visita aos locais do crime, tampouco aos grupos religiosos que ele havia listado como possíveis culpados. Ele tinha falado a verdade quando disse a Cornelia que conhecia alguém que sem dúvida desmascararia o vídeo. Se é que realmente era falso. O problema era que seu contato estava sendo irritantemente não cooperativo. Leo Chan era o melhor engenheiro biotecnológico que Justin já conhecera, tanto que, com o tempo, ele passou a usar exclusivamente os seus serviços, pois todos os outros profissionais pareciam amadores perto dele. No entanto, aparentemente, em algum momento nos últimos quatro anos, Leo havia trocado seu trabalho no governo pelo setor privado e se mudado para Portland. Leo ficou ressabiado quando Justin ligou e recusou o convite para ir a Vancouver, o que significava que Justin teria de ir até Portland, pois não tinha permissão de enviar o vídeo perigoso pelo fluxo. Precisava ser entregue pessoalmente.

Na manhã da viagem, Justin se levantou cedo para correr, o que havia se tornado uma prática quase mandatória depois que retomou o hábito de tomar Exerzol. O Exerzol era cem vezes melhor que cafeína para aumentar a concentração e a atenção, embora não fosse nem de perto tão poderoso quanto o genérico encontrado no Panamá. Ao contrário daquela substância precária, porém, o Exerzol tinha muito menos chances de causar um ataque cardíaco. Todas as manhãs, a droga batia como um raio, o que lhe dava uma explosão de energia que logo ficou evidente para Cynthia.

— Não ande drogado nessa casa — ela advertiu na primeira vez que notou a agitação dele. Ela estava com um olhar que ele conhecia muito bem, um olhar a que ele não era bobo de se opor.

E por isso correr se tornou a maneira mais fácil para lidar com o forte efeito inicial do Exerzol. Uma volta de uma hora pelo bairro pacato costumava trazê-lo de volta a um nível razoável de energia, e o exercício também não era nada mau. Viver num mundo de guarda-costas e ameaças constantes à vida no Panamá o havia estimulado a manter o corpo em boa forma, e ele não queria perder isso agora.

Ao voltar para casa naquela manhã, encontrou Mae se aproximando da porta. Ele realmente não achava que sua viagem para encontrar Leo exigiria um guarda-costas, mas a ICS fez questão absoluta de que ela deveria ser sua sombra aonde quer que ele fosse a trabalho.

— Que cara é essa? — ele perguntou.

Mae cruzou os braços, com o rosto impassível. Ele sempre fazia um inventário mental das roupas dela, e, naquele dia, ela estava usando uma blusa estampada cor-de-rosa e calças jeans que faziam maravilhas pelas suas pernas, o que era justo, já que as pernas dela podiam fazer maravilhas.

— Que cara?

— Essa cara de quem não acredita que eu pratico alguma atividade física. — Ele abriu a porta e fez um gesto para ela entrar.

— Ah, não — ela disse, com uma simpatia gélida. — Acredito que você faz todo tipo de atividade física. Só imaginava que elas envolvessem jogar dados e ajudar as mulheres a tirar a roupa.

— *E* eu corro — ele acrescentou. Passou a mão na testa e fez uma careta. O lado ruim das corridas matinas, além de ter de olhar para inúmeros gramados idênticos, era o suor. — Vou tomar uma ducha e depois podemos ir para a estação de trem. Tessa vem com a gente.

Mae pareceu surpresa.

— Numa missão?

— Não tem missão nenhuma hoje. Não exatamente. É só uma visita a um velho amigo. — Ele franziu a testa ao olhar para a sala de estar, onde Quentin explicava a Tessa o recurso da mídia social televisiva que permitia aos espectadores ver na tela os comentários de outras pessoas que estavam assistindo ao mesmo programa ou filme. Tessa ficou intrigada, mas ao mesmo tempo confusa com o que entendia simplesmente como a necessidade das pessoas de acharem que estão conversando. — Ela precisa sair mais, principalmente porque as aulas começam daqui a alguns dias.

A expressão sarcástica que Mae reservava para ele desapareceu enquanto observava Tessa. Nos encontros esporádicos que tiveram naquela semana, ele viu a frieza de Mae derreter até dar lugar a um carinho sincero sempre que interagia com Tessa, fazendo-o

lembrar da mulher com quem dividira o vinho e a cama no Panamá.

— Como você acha que ela vai ficar? — Mae perguntou.

— Ela vai ficar bem — ele disse, com mais confiança do que realmente sentia. — Depois que passar pelo pior, ela vai se adaptar.

Passar pela cova dos leões, *você quer dizer*, Horatio observou.

Justin ignorou o corvo e seguiu para o chuveiro. Voltou uma hora depois e descobriu que Mae havia se juntado a Tessa e Quentin na discussão sobre a janela de comentários nos filmes.

— Vocês podem refletir sobre os mistérios do exibicionismo midiático algum outro dia — Justin disse a eles. — Está na hora de irmos.

O rosto de Tessa ficou triste.

— Eu preciso mesmo ir?

— Você vai adorar — ele assegurou. — Portland é ótima. Pense nisso como um último grande passeio antes de as aulas começarem.

Isso pareceu animá-la um pouco. Mesmo quando ela estava relutante com alguma coisa, não costumava recusar se ele pedisse diretamente. Ela era impertinente para os padrões panamenhos, mas obediente para os gemanos. Ele ficou se perguntando quanto tempo levaria para tirar aquela docilidade e se ficaria orgulhoso ou preocupado quando isso acontecesse.

Pelo visto, ela estava cada vez mais parecida com uma menina gemana, especialmente por sua paixão pelo jeans. Ela ainda usava o longo cabelo com tranças elaboradas presas na altura da nuca. Era um pouco estranho e fora de moda, mas não atraía o tipo de atenção que as roupas provincianas atraíam.

A viagem a Portland levou cerca de duas horas pelo trem-bala, mas Leo, na verdade, morava fora da cidade, na região dos vinhedos, a oeste. As opções de transporte público naquela direção eram limitadas, então foi preciso contratar um carro para o restante do trajeto. A paisagem era agradável, com colinas verdes onduladas e enormes propriedades rurais entre um vinhedo e outro. A maior parte do caos e da degradação do Declínio acontecera nos centros urbanos, e muitas pessoas fugiram para o campo em busca de segurança. Algumas daquelas casas existiam

desde aquela época.

Pitoresco ou não, Justin teve dificuldade em imaginar o moderno Leo fazendo morada no campo. Ele era, pelo menos nos velhos tempos, uma criatura urbana como ninguém. Morava num dos distritos mais badalados de Vancouver, sacrificando o espaço para ter por perto os bares e boates mais exclusivos. Eles saíam juntos com frequência, e Justin chegou a passar algumas noites desmaiado no chão da sala de Leo.

Era em torno do meio-dia quando seu grupo finalmente chegou ao endereço. A casa de Leo não era uma das descomunais mansões centenárias. Era pequena, mimosa e bem conservada, mas podia ser descrita, no máximo, como um chalé. A casa parecia estar situada numa propriedade relativamente grande, com um vinhedo que se estendia além da vista. Também era o lugar mais silencioso em que Justin esteve desde que voltara à RANU.

— Hum — ele murmurou enquanto caminhavam em direção à porta.

Mae olhou para ele de soslaio.

— Qual é o problema?

— Só não é exatamente o que eu estava esperando. — Eles chegaram à frente da casa e ele ficou ainda mais surpreso ao ver a graciosa porta de madeira equipada com diversas fechaduras e um painel de segurança. Leo tinha preocupações urbanas num ambiente rural. — Também não esperava que esse lugar fosse lacrado como um prédio federal.

— Pensei que não existia crime na RANU. — Ele mal conseguiu notar a pitada de ironia na voz de Tessa.

— Ah, nós temos crimes, sim. — Ele bateu à porta. — Só não temos pessoas comuns andando armadas na rua.

A porta se abriu e Leo apareceu. Talvez os corvos estivessem certos e ele não quisesse ver Justin, mas Leo não deu nenhum sinal disso quando seu rosto se abriu num sorriso.

— Você é a última pessoa de quem eu esperava receber notícias nesta semana — Leo disse. — Ou em qualquer outra semana.

Leo tinha a mesma aparência de sempre, com o corpo magro, os traços delicados, e o cabelo ensebado penteado para trás. Estava vestido como se estivesse prestes a sair de um arranha-céu de

Vancouver.

— Eu andei meio ocupado — Justin respondeu. — Leo, essa é Mae, minha segurança aristocrata, e essa é Tessa, filha de um amigo meu, e está morando com a Cyn e comigo. — Era uma introdução canhestra, mas, se dissesse que ela estava sob a "tutela" dele, se sentiria num romance antigo. E qualquer outra coisa faria surgir teorias sórdidas na cabeça das pessoas.

Leo pestanejou enquanto os cumprimentava.

— Espere. Você está morando com a Cynthia?

— É uma longa história. Meio que andei vendo o mundo.

— Acho que ninguém pensou que você andava "vendo o mundo" quando ficávamos tentando imaginar o que tinha acontecido com você — Leo refletiu. — A gente tinha um bolão no prédio da Segurança Interna. As principais teorias eram de que você estava na reabilitação ou de que tinha aberto sua própria seita.

— E não é que eu pensei nisso? — Justin se sentou num sofá na pequena sala de estar com piso e paredes de madeira rústica que contrastavam com o fluxo de mídia e com os móveis lustrosos pretos e de metal que ele lembrou serem do antigo apartamento de Leo. Tessa se sentou a seu lado e Mae ficou em pé perto da lareira. Sua postura era casual, mas seus olhos estavam em alerta como sempre. — Como você veio parar aqui? Tem algum bolão para eu descobrir isso?

Leo abriu um sorriso largo.

— Não vim parar em nenhum lugar. Eu decidi vir para cá.

— Por quê?

— Pelo mais nobre dos motivos. — Leo apontou com a cabeça para o batente da sala de estar. — Eu me casei.

Apesar de todos os seus espantosos poderes de observação, Justin não havia notado a aliança dourada no dedo dele. O homem que entrou na sala, usando uma aliança igual, era basicamente o oposto de Leo em todos os aspectos. Enquanto Leo era alto e magro, aquele homem era mais baixo e tinha os ombros largos, com o tipo de musculatura adquirida com trabalho pesado ou equipamentos de ginástica caros. Ele tinha olhos e cabelos escuros típicos, com um corte rente que enquadrava seu rosto quadrangular, além de uma cicatriz em todo o queixo que sugeria que ele era um dos

raros plebeus a ter contraído o Caim. Estava usando roupas mais casuais do que Leo, e era visivelmente muito mais reservado.

Leo o pegou pelo braço e o guiou enquanto fazia as apresentações:

— Dominic, esse é o cara de quem eu estava falando.

Justin se levantou de um pulo para apertar a mão de Dominic, se perguntando o que exatamente Leo havia falado sobre ele.

— Bem, parabéns. — Justin assumiu sua expressão sorridente de relações-públicas. — Se eu soubesse, teria trazido um presente. Parece que vocês estão precisando de umas roupas de cama e mesa.

Leo soltou uma gargalhada, mas Dominic disse com voz séria:

— Nós já temos algumas.

— Justin não quer falar, mas ele está chocado com as nossas condições de vida — Leo explicou. — Ele nunca sonhou em morar num lugar tão "primitivo". — Justin ouviu Tessa limpar a garganta a seu lado.

— Olha que eu falo, hein — Justin disse. Dominic se colocou no lado oposto da sala, de braços cruzados, com o ar antissocial que, estranhamente, refletia o de Mae. — Mas casar não significa ter que empacotar suas coisas e se mudar para uma fazenda. Se significasse, eu seria ainda mais contra o casamento do que já sou.

— Dominic está tentando começar seu próprio negócio de vinhos. Todos aqueles vinhedos lá fora são trabalho dele. — Leo levantou os olhos para o marido com orgulho e adoração inabaláveis.

— E você faz o quê? — Justin perguntou. — O design dos rótulos? — Era impossível imaginar Leo, que era tão cheio de fricotes, cavando no meio da terra.

Leo meneou a cabeça.

— Não, eu vou todo dia para a cidade. Quer dizer, quase todo dia. Eles me deixam fazer bastante trabalho em casa também. Estou trabalhando para a filial da Estocorp em Portland agora.

— É uma viagem longa para ir e voltar todos os dias. — "Estocorp" soava familiar, mas Justin levou alguns segundos para ligar o nome à empresa. — Você está trabalhando com implantes contraceptivos?

— O salário é melhor do que o meu antigo serviço. Talvez até

melhor que o seu.

— Disso eu duvido — Justin disse. — Leo, você consegue hackear um chip de identidade. Por que está perdendo tempo com controle de natalidade?

Leo ainda estava surpreendentemente tranquilo com aquilo tudo, mas também havia tido muito mais tempo para se adaptar àquela reviravolta na vida.

— Ei, é um trabalho nobre manter a população estável. Além disso, o Ministério da Saúde e dos Serviços Sociais está considerando mudar de fornecedor. Imagina quanto dinheiro nós ganharíamos em um contrato com o governo!

— *Eu* posso conseguir um contrato com o governo para você — Justin protestou. — Voltei não faz nem uma semana e já tenho um caso para você dar uma olhada.

— Você não tem outras pessoas no seu departamento que podem olhar? — Dominic perguntou, com uma voz áspera e pedregosa que combinava com sua aparência.

— Nenhum deles é tão bom quanto Leo. — Justin se aproximou, precisando encontrar em Leo seu velho amigo. — Eu conheço você, miss Vancouver. Desiste disso e volta. Você pode pegar seu trabalho antigo, sem problema. Vai conseguir um salário melhor, e mais ação e aventura do que nunca. Minha adorável companheira aqui é uma pretoriana. É nível de filme isso.

Justin falou em tom de brincadeira, pensando que mencionar Mae atrairia o interesse de Leo por coisas novas. Em vez disso, os dois pareceram espantados. Leo chegou a empalidecer. Suas reações alarmadas também deixaram Mae tensa em retorno.

— Ui, desculpa — Justin disse, voltando o olhar de Leo para Dominic. — Não vão ter um ataque. Ela é completamente inofensiva.

Exceto na cama, Magnus disse.

— Ninguém que seja bombardeado de neurotransmissores vinte e quatro horas por dia é inofensivo — Dominic respondeu, com o ar sombrio. — E nós não vamos sair daqui.

Mae franziu a sobrancelha, mas, fora isso, não aparentou a menor mudança na postura. Justin voltou o olhar suplicante para Leo, com a esperança de que ele daria voz à razão.

Em vez disso, Leo disse:

— É aqui que fica o trabalho do Dominic. E eu gosto do que estou fazendo. Como eu falei quando você ligou: é *um* contrato ou nada... e só se for interessante.

Justin estava tendo dificuldades em manter sua atitude tipicamente cordial. Quando ficou imaginando os motivos por que Leo poderia se recusar a voltar, nunca teria nem sonhado que o obstáculo seria um apego a um ambiente rural e aconchegante. No máximo, considerou que Leo estivesse chateado com o seu desaparecimento repentino.

O mundo não gira em torno do seu umbigo, Horatio disse.

Mas isso é um absurdo, Justin retorquiu. *Por que ele quer ficar? Uma vez ele se mudou de um prédio porque algumas famílias tinham se mudado para lá e ele achou que o ambiente estava ficando familiar demais.*

Ele está apaixonado, Magnus disse. *É o único motivo que ele precisa. Encontre outra tática, porque, se continuar avacalhando, não vai chegar a lugar nenhum.*

— Ah, é interessante — Tessa disse, inesperadamente. Justin tinha quase esquecido que ela estava lá. — O caso em que Justin está trabalhando vai dar um nó na sua cabeça. Ninguém consegue resolver. — Justin sabia que, na verdade, ela não conhecia nenhum dos detalhes dos homicídios ou do vídeo do assassino fantasmagórico, mas devia ter ouvido comentários ao acaso de Justin e Mae o bastante para saber que algo grande estava acontecendo.

Isso pareceu divertir Leo mais do que qualquer outra coisa que ele tivesse ouvido até aquele momento.

— Pensei que a pretoriana é que fosse o seu reforço.

Foi então que Justin percebeu que estava agindo como um idiota. Tessa fora direto ao ponto que ele havia deixado passar. Ele sempre se gabou muito da sua capacidade de atingir o coração das pessoas. Havia tentado seduzir Leo com dinheiro e glamour, mas pessoas como Leo não eram especialistas na área só por causa dessas coisas. Justin tinha visto Leo ficar acordado noites inteiras tentando solucionar o insolucionável. Leo adorava o que fazia e, apesar das declarações idílicas, até mesmo Justin sabia que contracepção era um trabalho chato.

De súbito, Justin reassumiu o controle.

— Ela tem razão. Ninguém consegue resolver isso e a agência toda já olhou. — Uma faísca de interesse se acendeu nos olhos de Leo. — Você nem precisa sair do seu ninho de amor, a menos que precise dos recursos da Segurança Nacional. Então, vocês dois podem dar uma fugidinha romântica para a cidade grande.

— Eu não gosto de ir para a cidade — Dominic objetou. Seus olhos se estreitaram. — Nenhuma cidade.

— Certo — Justin disse, esforçando-se muito para não demonstrar sua exasperação. Ele não conseguia imaginar o que havia unido aquele casal. O vinho de Dominic devia ser uma porcaria. — Você pode vir sozinho, Leo. Vamos fechar o Silver Spike, como nos velhos tempos.

Leo não respondeu, Mas Justin pôde ver que, finalmente, tinha conseguido algo. Leo ainda estava com um sorriso indolente no rosto, mas aquilo havia despertado o interesse dele. *Ninguém consegue resolver*. Leo não podia resistir. Não havia nada a fazer agora senão esperar. Justin usara todas as suas cartas e era hora de ver se tinha tirado a sorte grande.

— Tudo bem — Leo disse por fim. Dominic soltou um grunhido. Ou talvez um rosnado. Era difícil dizer. — Estou dentro. Eu ajudo vocês. Quando posso dar uma olhada nesse caso misterioso?

Justin se levantou e deu um tapinha na pasta.

— Agora mesmo. Estou com tudinho aqui.

Leo lançou um último olhar hesitante para Dominic e então também se levantou.

— Vamos almoçar primeiro, já que vocês viajaram tanto até aqui. Depois, partimos para os negócios. Mal posso esperar para você experimentar o Pinot Noir do Dom.

Feliz por ter conseguido o que queria, Justin ficou contente em voltar a pôr a máscara sorridente e sociável.

— Tenho certeza de que nunca experimentei nada igual.

Mais tarde, Justin teve que admitir que o vinho não era *tão* ruim, mas também não era nada bom. Não daria nenhum lucro a menos que Dominic encontrasse uma maneira de exportar para as províncias.

Depois do almoço, Justin e Mae foram com Leo para o escritório dele a fim de assistirem ao vídeo longe de Tessa e Dominic. Justin ficou aliviado pelo fato de Leo ter um escritório repleto de toda sorte de projetos inacabados. Significava que o antigo Leo não havia desaparecido por completo.

Ele não pareceu muito animado por ter Mae perto deles, mas a esqueceu por completo enquanto assistia ao vídeo. Depois do vídeo, teve a mesma reação que Justin.

— É falso.

— Foi o que eu disse. Mas eles acham que não têm como provar.

— O que mais poderia ser? — Leo perguntou. Se ele ainda tinha alguma dúvida sobre pegar o trabalho, ela já havia desaparecido. Ele estava encantado.

— Cabe à sua mente brilhante descobrir. A minha vai trabalhar no resto do caso.

Ele deixou Leo com todas as informações sobre o caso, assim como um aviso para proteger a câmera e o vídeo original.

— O meu é que vai ficar na reta se alguma coisa acontecer com esse vídeo. Sorte a sua de eu confiar em você, senão eu nunca deixaria o vídeo com ninguém que não tivesse autorização.

Leo arreganhou um sorriso.

— Esse é a melhor coisa de viver no meio do mato. Ninguém vai bisbilhotar a sua vida.

No trem de volta, Tessa surpreendeu Justin ao contar que, aparentemente, ela e Dominic haviam se tornado melhores amigos enquanto os outros estavam no laboratório.

— Ele não é tão mau depois que você conversa com ele — ela disse. — Ele é um cidadão gemano, mas foi criado numa das províncias, então meio que entendeu o que eu estou passando.

Dominic era meio provinciano? Isso explicava muita coisa.

— Só fico contente por ele nunca sair daquela casa — Justin observou. — Senão é bem possível que fosse me perseguir até a morte, e vai saber se minha heroica protetora não faria nada para impedi-lo.

Mae, que estava olhando pela janela, se voltou para ele.

— Por que eu não faria?

— Porque você não fez nada quando minha irmã tentou me

derrubar.

— Você ainda está vivo, não está? — Ela voltou para a janela.

Tessa havia experimentado uma taça de vinho que a deixou sonolenta. Ela abriu os olhos e falou para Justin:

— Dominic não estava sendo antipático quando nós chegamos. Ele só estava tímido. Quer dizer, encabulado, acho. Ele só ficou antipático quando você disse que Mae era pretoriana.

Justin repassou a tarde em sua cabeça.

— Não, Dominic não foi com a minha cara desde o momento em que eu entrei por aquela porta. Você ouviu o que Leo disse: ele falou tudo sobre mim para ele.

Tessa meneou a cabeça.

— Você está errado. — Sim, Tessa definitivamente estava ficando mais respondona.

Porque ela contradiz você, Horatio ironizou. *Que audácia!*

— Ei, eu é que sou o mestre aqui — Justin disse. — Você é a aprendiz.

— O mestre estava chocado demais por ficar no "meio do mato" para notar alguma coisa — Tessa retorquiu. — Estou falando, eu é que estou certa.

— Da próxima vez, você fica em casa — ele disse, enquanto se perguntava se realmente estava perdendo o jeito.

11. Licença para cultuar

Embora conhecer o técnico supostamente genial de Justin tenha sido interessante, Mae estava ansiosa para chegar ao coração da missão que haviam recebido. Ela precisava de ação e, por mais que aquela não fosse uma missão tipicamente pretoriana, ainda havia justiça a ser feita pelo país. Ela não sabia inteiramente como eram os métodos de Justin, exceto que, em algum momento, eles investigariam grupos suspeitos e potencialmente perigosos, o que soava promissor.

Seu desprezo por ele não havia mudado. Ficou claro para ela que todas as manhãs ele estava drogado, e ela não respeitava ninguém com esse tipo de vício. O vício dele em mulheres era igualmente óbvio. As mulheres prestavam atenção nele, e ele nelas. Algumas palavras espertinhas... e pronto: elas ficavam encantadas, dando de bom grado o número de telefone e promessas de encontros futuros. Era um lembrete constante para Mae de como ela havia sido tonta.

No entanto, apesar dos maus hábitos, ele às vezes exibia aqueles lampejos de genialidade que Francis tanto elogiara. Justin entendia pequenos detalhes, e era capaz de fazer deduções surpreendentes que ela nunca chegaria a sondar. Sua dedicação ao caso era ferrenha e, quando falava dele e explicava a psicologia dos grupos religiosos, era impossível não ficar fascinada.

A única peça do quebra-cabeça que ela não conseguia entender era a firme devoção dele à Tessa e à família. Claro, o sarcasmo corria solto naquela casa, mas não havia dúvida da maneira como ele os protegia. Isso contradizia a imagem egoísta que Mae tinha dele, e ela não gostava de contradições.

Os primeiros dias de investigação os levaram às cenas do crime nas capitanias patrícias, algo que parecia mais com trabalho de policial do que de um servidor. As visitas envolveram, sobretudo,

entrevistas com amigos e parentes das vítimas, dando a Mae outra oportunidade de vê-lo manipulando as pessoas. Ele não abordava ninguém com um estilo de interrogação policial. Entrava numa conversa, ganhando a confiança e, então, com muita atenção, estudava as palavras e a linguagem corporal deles.

— Não é difícil — ele disse a Mae. — Você descobre o que é mais importante para cada pessoa e segue com isso.

Isso ele disse depois da entrevista com um castal da Lacota que, no começo, não estava colaborando com Justin. Ao notar que o homem tinha quatro filhos, uma raridade entre as castas com problemas de fertilidade, Justin desviou o assunto para eles, jogando com o orgulho natural do homem. Ele tinha sido fortemente marcado pelo Caim, com asma e lesões de pele, mas teve sorte com a falecida esposa, que era extraordinariamente bela e saudável, sem qualquer problema de fertilidade. Quando Justin terminou a conversa, eles eram praticamente melhores amigos, e ele sabia tudo sobre aulas de futebol e de dança dos filhos. A família não tinha nenhuma ligação com religiões, e Justin também julgou que o homem estava falando a verdade quando disse que não estava envolvido com o homicídio da mulher. Ele chegou a conclusões parecidas com os outros interrogados e suas respectivas alegações de inocência.

Depois de três cenas de crime, ele disse que seria melhor esperarem para checar os outros lugares quando Leo pudesse ir com eles. As pessoas com quem conversaram não deram nenhuma pista; eles precisavam examinar a parte técnica em busca de novas evidências. Embora Leo não tivesse feito nenhum progresso com o vídeo, Justin tinha certeza de que seu amigo poderia descobrir como o sistema de vigilância das vítimas fora desativado. Leo não pôde acompanhá-los imediatamente, o que significava que era hora de começar a verificar os grupos religiosos suspeitos, algo que Mae aguardava com ansiedade.

Eles partiram de Vancouver numa viagem noturna em direção ao Centro-Oeste a fim de visitar um grupo cuja deusa tinha ligações com lua e prata. Antes de irem para a igreja, porém, Justin fez um desvio em direção a outra seita na mesma cidade.

— Um favor para a Cornelia — ele explicou quando seu carro

contratado os deixou no lugar. — Logo na esquina da nossa igreja. É só uma renovação simples de licença; deve ser tranquilo. Eles são um grupo bem pequeno e pacífico. Mesmo assim, você vai ver que esse trabalho não envolve só glamour e multidões violentas.

Eles pararam em frente a um belo prédio todo ornamentado. Vitrais arqueados. Vigamentos dourados em torno das portas e janelas. Adornos rendilhados de madeira ao longo das arestas. Uma tabuleta engrinaldada sobre a porta em que se lia: TEMPLO DA NOSSA SENHORA DO LIVRO, MADISON BLUFF, ALA VINTE E UM.

Justin parou na calçada que levava à porta e deu uma olhada rápida.

— Bem conservada — ele notou, com as sobrancelhas franzidas. — Muito mais do que na última inspeção. Boa conservação significa dinheiro. Dinheiro significa patrocínio.

A porta se abriu quando eles se aproximavam, e um homem de meia-idade com o cabelo rareando saiu por ela. Ele parecia nervoso, mas abriu um sorriso gentil para eles.

— Sejam bem-vindos. Eu sou Claude Diaz, o sacerdote da Nossa Senhora. Você deve ser o dr. March.

— Sim. — Justin apresentou Mae e, em seguida, passou o ego na licença ao lado da porta. A tela quadrangular mostrou o selo da RANU em verde, junto com uma data e uma assinatura. Quando o ego passou sobre a tela, uma imagem holográfica do selo surgiu no ar, confirmando a licença do templo.

Claude os convidou para entrar:

— Entrem, por favor. Estou muito ansioso para que vejam o nosso espaço sagrado e para responder às perguntas que possam ter.

Mae estivera em poucos locais de culto na vida. Ela já tinha ido às missas da Igreja da Humanidade, claro, mas essas não contavam. Vez ou outra, alguém na casta nórdica tentava ressuscitar alguma religião escandinava. As que não fracassavam imediatamente costumavam sobreviver com pouquíssimos fiéis. Quando tinha seis anos, sua mãe a levou até um templo durante uma visita a um amigo na capitania pan-celta, o que, pelo que lembrava, tinha sido uma experiência assustadora. Os sacerdotes entoavam hinos e vestiam máscaras e capuzes; imagens da apavorante deusa deles

pareciam olhar para Mae de todos os cantos da sala. Ela não lembrava o nome da seita, mas torcia para que tivesse sido fechada havia muito tempo.

Por conta dessa memória e do que chegou a conhecer de práticas religiosas nas províncias, Mae estava contente de permanecer longe de tudo aquilo e dava seu total apoio à postura da RANU contra religião. Pessoas que eram apanhadas pela mentalidade coletiva dessas superstições eram facilmente levadas a comportamentos perigosos, como o Declínio tinha mostrado. A única coisa em que Mae tinha fé era em seu país.

Esse templo não tinha qualquer semelhança com o de seus pesadelos. O lugar era aconchegante e convidativo; cheirava a madeira, cera de abelhas e rosas. Bancos lustrosos de madeira enfileirados estavam voltados para o altar, e estantes com livros antigos cercavam a sala. Na frente, olhando tudo de cima, estava a estátua de uma mulher com mantos ondeantes segurando um livro em uma mão e uma vela acesa na outra. Sob seus pés, fumegava incenso.

Enquanto Mae observava a escultura, uma estranha sensação de desnorteamento tomou conta dela. A estátua mudou bem diante de seus olhos. Uma espada tomou o lugar da vela e ela passou a segurar flores onde antes estava o livro. Um colar de âmbar estava pendurado no pescoço da deusa e, em sua cabeça, uma coroa feita de estrelinhas reluzentes a banhava de luz. Mae nunca vira algo tão bonito e não percebeu que ela a chamava adiante até estar bem em frente à estátua. A intensidade a lembrou da escuridão que descia sobre ela em combate, só que, agora, um calor e uma alegria pareciam se infundir dentro dela, fazendo-a se sentir leve e radiante.

Justin veio se postar a seu lado.

— Então o que você...

Ele se deteve quando prestou atenção no rosto dela. A sua expressão ficou tomada de um fascínio, e ele perdeu o fôlego. O mundo reluziu entre eles. De alguma forma, ele conseguia ver aquela glória que ardia dentro dela e estava enfeitiçado. Por um momento, Mae conseguiu ver seu reflexo nos olhos dele, vibrando de beleza e vida. E, então, algo ainda mais extraordinário

aconteceu: ela conseguiu sentir uma força que também o rodeava. Tinha um ar diferente, mais antigo e sábio, e menos sensual e terreno, mas a natureza dessa força era a mesma que a rodeava. Ela nunca tinha visto algo assim em outra pessoa.

Subitamente, a escuridão fria que Mae conhecia tão bem despencou sobre ela. O brilho que ardia em seu corpo vacilou, e ela sentiu as velhas mãos sombrias pesando sobre seus ombros, como se tentassem bloquear o poder vindo da estátua. As duas forças lutaram entre si; a tepidez da estátua clamava por Mae enquanto a escuridão a expulsava de dentro dela. Ela sentiu como se estivesse sendo dividida em duas até que, por fim, a segunda venceu. A luz e a vivacidade desapareceram. Diante dela, a Nossa Senhora do Livro olhava para a frente inexpressiva, tendo voltado a ser uma estátua estudiosa.

Vitoriosa na conquista, a escuridão desapareceu, deixando Mae atordoada. Ela cambaleou alguns passos e começou a cair. Justin segurou sua mão para estabilizá-la. Ela começou a se inclinar na direção dele e então se afastou com um movimento brusco.

— Não toca em mim! — ela exclamou.

— Calminha — ele disse. Seu olhar arrebatado havia desaparecido. Não havia nenhuma força ali. — Você está bem?

— Estou ótima. — Ela se voltou na direção contrária, tentando evitar o contato visual. Ele foi para a frente dela.

— Esquece que você me odeia por um minuto. Só estou tentando ajudar.

— Você é a última pessoa de quem eu quero ajuda.

— Você viu alguma coisa — ele insistiu, com o olhar penetrante.

— Sim. Uma estátua sem vida.

Mas a expressão dele mostrava que não acreditava nela. Ele sabia o que havia acontecido. Ou, pelo menos, sabia mais do que ela.

— Você não tem um trabalho a fazer? — ela perguntou, irritada.

O que quer que ele fosse tentar foi interrompido quando Claude se colocou ao lado deles e admirou a estátua.

— A chama ilumina o caminho para o conhecimento — ele disse a eles.

— É lindo — Mae disse, automaticamente. Mas não passava disto: uma pedra esculpida. Não havia força vital nela, pelo menos

não uma com poderes divinos.

— É nova — Justin disse. Ele lançou um último olhar perscrutador para Mae e, então, se voltou para Claude com um sorriso simpático. O servidor estava de volta à ativa. — Não está no último inventário. Não sou nenhum especialista em arte, mas parece que ela não combina com a sua renda, a menos que vocês tenham negligenciado todas as outras operações. — Justin lançou um olhar significativo ao redor. — O que não parece ser o caso.

— Ah, não — Claude disse. — O templo não comprou. Foi uma doação. Um dos membros mais ricos da congregação fez a gentileza de doar essa estátua.

— Ah, entendi. Que sorte a de vocês. — Justin fez uma anotação e continuou a avaliação visual das instalações.

Terminada a avaliação, ele e Claude se sentaram de frente um para o outro numa mesa no escritório que ficava atrás do templo. Mae havia se recuperado da desorientação e se colocou num lugar que era perto o bastante para observar Justin e Claude — e intervir caso o aparentemente dócil sacerdote a surpreendesse —, mas se manter fora do caminho.

— Então. — Justin se acomodou na cadeira bamba de couro que lhe foi indicada. Colocou seu leitor de lado, exibindo a calma e a cordialidade de alguém que tinha vindo apenas para conversar. — Você quer renovar a licença para o culto de uma entidade fictícia.

Claude, que quase vinha começando a relaxar com a descontração de Justin, ficou vermelho.

— Ela não é fictícia, dr. March.

— Eu sei que você pensa isso, mas, se não pode provar a existência dela para o governo, precisamos classificá-la como fictícia. — O tom de Justin não era rude, mas ele falou de uma maneira que deixou claro para Mae que era preciso explicar esse ponto inúmeras vezes. Fez um gesto de desinteresse para o leitor. — Agora, eu tenho um monte de jargões oficiais aqui, mas adoraria ouvir sobre o seu grupo nas suas próprias palavras. No que vocês acreditam. Como trabalham.

Ele voltou a assumir o ar simpático e Claude abriu um sorriso diante da possibilidade de explicar suas crenças.

— Nós cultuamos a Deusa das Nove Faces em seu aspecto

intelectual. Ela nos dá a compreensão e o entendimento do mundo para que busquemos toda forma de conhecimento.

— E sabedoria — Justin acrescentou.

Claude abriu um sorriso gentil e, agora, era sua vez de explicar um de seus campos de especialidade preferidos.

— Conhecimento é diferente de sabedoria, como você deve saber. Um estudioso que está sempre aprendendo e esforçando-se para se aprimorar no seu campo possui conhecimento. Um senhor de noventa anos que teve uma vida gratificante possui sabedoria. A sabedoria é buscada por aqueles que cultuam a nossa mesma deusa no aspecto da Nossa Senhora das Chaves. Mas, apesar dos caminhos diferentes, nós temos muito em comum com eles e estamos tentando fazer ligações entre nossos grupos. Tem uma congregação a cem quilômetros daqui com que começamos a entrar em contato.

— Ah — Justin disse, sorrindo e assentindo com o ar compreensivo. — Agora entendi.

Todos os servidores conheciam as religiões tradicionais, ainda mais uma tão difundida como a da Deusa das Nove Faces. Justin sem dúvida sabia da diferença entre a Nossa Senhora do Livro e a Nossa Senhora das Chaves. Ele ainda era a imagem perfeita da cortesia e da amabilidade, mas, enquanto observava, Mae podia ver uma astúcia nos olhos escuros dele enquanto ouvia Claude falar. Justin estava examinando todas as entonações, gestos e a escolha de palavras. Estimular Claude a contar sobre a deusa que ele adorava permitia a Justin reunir mais e mais informações. Era sua velha tática em ação: descobrir o que é mais importante para a pessoa e explorar isso. Como, por exemplo, o humor melancólico de uma mulher visitando o Panamá.

Quando motivado, o sacerdote ficou igualmente contente em explicar como cultuavam.

— Muitas de nossas reuniões envolvem só ficar juntos lendo o que gostamos. Depois, trocamos conhecimentos e tentamos aprender mais uns com os outros em discussões intelectuais. Nosso culto semanal normalmente se concentra num livro que todo o grupo esteja lendo. Eu escrevo meus sermões com base na leitura, mas, claro, todas as opiniões são bem-vindas e análises respeitosas são estimuladas. O culto a Nossa Senhora propriamente

dita também está presente. Cantamos hinos e orações para ela, a enfeitamos com flores e abençoamos os estudiosos que buscam o seu auxílio. Lemos histórias e mitos sobre os muitos aspectos dela, assim como dos outros deuses. Pode haver muita iluminação ao aprender a verdade dos outros.

Justin voltou a pegar seu leitor e começou a repassar a burocracia operacional, financeira e fiscal com Claude. Mae não podia ver a tela, mas acompanhava o máximo que podia. Isso dava a ela uma nova compreensão das muitas facetas do trabalho de um servidor: estudioso, psicólogo, detetive, contador. Ela se viu envolvida pela intensidade dos traços já cativantes dele. Era uma concentração objetiva que ela entendia muito bem.

— Nem preciso estudar esses registros para ver como vocês estão indo bem — Justin disse. Ele fez uma pausa para olhar ao redor e admirar a sala antes de voltar para o leitor. — Sua congregação está com... cento e cinquenta?

Claude assentiu efusivo. Ele estava visivelmente contente com como as coisas estavam indo bem.

— Sim, sim. É muito maravilhoso. Nós éramos só setenta e cinco no último licenciamento.

A velocidade com que Justin levantou os olhos foi a única indicação que Mae teve da surpresa dele.

— Vocês duplicaram em um ano? — Ele voltou para o leitor e examinou a lista. — É. Isso mesmo.

Eles conversaram por mais dez minutos e, por fim, Justin se levantou e apertou a mão de Claude novamente.

— Bem, foi um prazer conversar com você.

— O prazer foi meu — Claude disse. O sacerdote estava radiante. — Fico muito feliz que você teve a oportunidade de ver todas as coisas maravilhosas que fazemos aqui.

— Eu também — Justin disse. — Sinto muito por não poder renovar sua licença.

Claude estacou no meio do aperto de mão.

— Como... como assim?

Justin meneou a cabeça em solidariedade; mesmo assim, conseguiu manter a simpatia.

— Não vou renovar sua licença. Vocês vão ter que suspender

todas as operações imediatamente.

Claude ficou boquiaberto e não disse nada por quase trinta segundos.

— Mas... mas nós não somos perigosos! Não estamos violando nenhum dos ditames religiosos do país.

— Vocês estão violando os ditames fiscais. Aquela estátua pode ter sido um presente, mas é um presente caro e mesmo assim precisa ser comunicada como um bem e colocada junto com sua renda. Como renda, estaria sujeita a impostos, que vocês não estão pagando.

— Ninguém nunca nos contou essas coisas!

— É a lei, sr. Diaz, que o senhor tem a obrigação de saber. A ignorância não é uma justificativa.

Justin começou a se dirigir para a porta e Claude foi rápido em seu encalço. Mae se moveu velozmente para o caso de o sacerdote a surpreender.

— Então nos dê a chance de corrigir a situação! Nós vamos mandar estimar o valor da estátua e pagar todos os impostos retroativos que forem necessários e todas as penalidades. — Claude apertou as mãos. — Por favor, dr. March. A nossa deusa é o centro da minha vida e da vida de muitas pessoas. Por favor, não tire isso de nós.

— Eu não tenho escolha — Justin disse. — O nosso governo tem leis muito rigorosas para grupos como o seu e eu preciso segui-las, por mais que eu odeie quando isso acontece. — A atitude bem-humorada havia desaparecido.

— Por favor — Claude implorou. — *Por favor*. Deve haver um jeito.

Eles saíram. Justin parou diante da porta e se deteve um momento para anotar algo no ego. Passou o aparelho sobre a tela de licenciamento, que imediatamente ficou vermelha. A data e a assinatura desapareceram, dando lugar à assinatura de Justin e uma nova data, um ano a partir daquele dia.

Justin se voltou para Claude e assumiu uma expressão formal.

— Sr. Diaz, a República da América do Norte Unida está suspendendo a sua licença para cultuar. Todas as práticas devem cessar imediatamente. O senhor tem vinte e quatro horas para

remover todos os pertences desse templo, que deve ser fechado e abandonado. O patrimônio financeiro será confiscado e depositado em conta federal. O senhor não pode reunir mais de três membros da sua antiga congregação em nenhum lugar. Pode se comunicar com eles por mensagens escritas, mas todas as correspondências devem ter cópia para a Divisão de Investigação de Cultos e Seitas. Em um ano, o senhor pode solicitar uma nova licença. O não cumprimento dessas ordens resultará na prisão do senhor e de seus cúmplices. O senhor entendeu?

Claude ainda estava boquiaberto.

— Dr. March... não é possível.

Justin mostrou seu leitor para ele.

— Assine aqui, por favor.

Mae ficou tensa, perguntando-se se Claude obedeceria. Aquele devia ser o momento em que os fanáticos reagiam mal. No entanto, ao examinar melhor o homem tristonho, ela percebeu que ele não estava prestes a atacar pedras e erguer tochas. Parecia, no máximo, estar à beira de lágrimas. Com grande resignação, ele assinou o mandato.

Com isso, o serviço estava completo, e Justin e Mae partiram para a verdadeira atração do dia. Ela esperava que ele fosse ficar satisfeito consigo mesmo, mas, no trajeto de carro, ficou claro que o humor dele havia se alterado.

— Uma brecha fiscal — ele murmurou. — Uma porcaria de brecha fiscal.

— Foi esperto — ela admitiu, apesar de detestar elogiá-lo, ainda mais por ter manipulado uma pessoa. — Uma maneira de fechar a seita sem ser pessoalmente responsável.

Justin não pareceu convencido.

— Ele era um cara legal. Eles são inofensivos agora.

— Agora — ela repetiu. — Mas será que continuariam assim? Os números deles estão crescendo. A doutrina deles é sensata. Você mesmo disse que esses são os mais perigosos.

Na viagem de avião para lá, Justin havia dado uma verdadeira aula sobre os sinais de alerta que os servidores deviam procurar. Grupos desorganizados e com doutrinas absurdas eram candidatos ideais para o licenciamento. Eles faziam com que eles próprios (e a

religião em geral) fossem malvistos. Os muito estapafúrdios e perigosos eram fáceis demais, pois eram fechados instantaneamente. Os discretos e acolhedores, como o de Claude, eram mais capciosos, porque podiam começar atraindo fiéis com mensagens sensatas e, então, explodir na cara da RANU conforme aumentasse a dissidência entre eles e contra a autoridade.

Ele voltou o olhar para ela e sorriu.

— E eu aqui achando que você não estava prestando atenção.

— Preciso ficar atenta a tudo que oferece perigo — ela explicou.

O sorriso dele esmaeceu.

— Sim. Eles podem se tornar perigosos algum dia. Melhor impedi-los agora.

— Então por que parece que você está tão em dúvida? — O comportamento dele não fazia sentido.

— É triste, só isso. — Justin voltou o olhar fixo para a janela. — Aquelas crenças significavam muito para ele.

— Crenças numa entidade *fictícia* — ela o lembrou, atraindo a atenção dele.

Os olhos dele vasculharam os dela.

— Você acredita mesmo nisso?

— Claro — ela disse, sem entender por que logo um servidor a questionaria sobre um dos princípios fundadores do país. No entanto, enquanto falava, se lembrou da visão que teve diante da estátua. Não, não foi uma visão. Alucinação. Ela realmente precisava admitir isso e consultar um psiquiatra. *Mas será que é loucura minha se ele também viu?* — Você não?

— Claro — ele respondeu, repetindo o que ela disse. O rosto dele ainda parecia transtornado enquanto desviava o olhar. — Nós fizemos um favor a ele.

12. Milagres

— Bem-vinda à Igreja de Apolo e Artêmis — Justin disse quando chegaram à parada seguinte. A igreja era uma pequena construção branca arquitetada para lembrar um templo grego. Pilares falsos ladeavam o batente e uma inscrição em grego estava pintada em tinta dourada ao redor da porta. — Sabe alguma coisa sobre eles?

— Não — Mae disse. Naturalmente, ele não esperava que ela soubesse. Religião e mitologia não eram ensinadas nas escolas.

— Apolo é o deus grego da luz, da profecia, da música e de algumas outras coisas. Artêmis é a irmã gêmea dele, deusa da caça, da lua, das virgens... — Justin se deteve e franziu a sobrancelha enquanto examinava as palavras em grego. — Mas ela não é mais mencionada aqui. Eles só estão dando as boas-vindas à Igreja de Apolo. — Ele tirou o ego do bolso para examinar um arquivo. — Humm. Será que eles desistiram dela? Esse lugar não é inspecionado faz quase oito meses. Se for isso mesmo, essa visita não vai dar em nada, porque é ela quem tem ligação com a lua. Merda. A sacerdotisa que atuava aqui era uma mulher e tanto.

— Você acha que ela é responsável pelos homicídios? Por que tem ligação com a lua?

— Não — ele respondeu ligeiro. — Absolutamente. Não é o estilo dela.

Mae franziu a testa.

— Então por que estamos aqui?

— Porque ela tem ligações com, hum, fontes que nos podem ser úteis. Talvez o antigo parceiro dela possa nos ajudar a encontrá-la. — Justin examinou algo mais no ego, abrindo um sorriso com o canto dos lábios.

— Que foi? — Mae perguntou.

— Tem relatórios que dizem que esse lugar alega fazer milagres. Sempre tem uma surpresinha. — Ele colocou o ego de volta no

casaco. Os dois combinavam. — Outro bom motivo para ter alguém como Leo por perto. Esses grupos vão a extremos para fazer suas falcatruas. O Leo é um profissional em descobrir o que estão tramando. Felizmente, eu não sou tão mau nisso também.

Mae revirou os olhos.

— Ora, ora, que modéstia.

Ele abriu um sorriso enquanto entravam.

— Se o mesmo cara ainda estiver aqui, ele não é lá muito são também. Na verdade, ele tem a coragem de se autodenominar Flecha Dourada.

Embora Justin tivesse hora marcada, ninguém os recebeu na porta, o que era fora do normal. Quando entraram no vestíbulo da igreja, encontraram uma cerimônia em pleno vapor.

— Sinal de alerta — Justin murmurou para ela. Ele chegou a dar aulas numa universidade no passado e era comum começar a agir como professor sem que percebesse. — Eles estão se achando quando marcam um culto na mesma hora da inspeção de um servidor. Pior ainda se tem tantas pessoas em plena tarde de dia de semana. — Ele verificou o ego. — Parece que tem um quarto dos membros regulares aqui. E aquele é o homem que estamos procurando.

Através do batente, ela entreviu Flecha Dourada em pé, diante de um grande salão, vestindo uma toga branca que não se adequava às antigas vestimentas romanas, muito menos às da cultura grega, que ele buscava trazer de volta. Ele estava usando uma coroa de folhas de louro pintadas de dourado no cabelo castanho e mantinha as mãos voltadas para cima sobre um caldeirão fumegante apoiado num tripé. Duas mulheres com roupas semelhantes estavam ajoelhadas a seu lado. As paredes tinham murais pintados com um homem louro em vários cenários: atirando uma flecha, guiando uma carruagem pelo céu etc. Mae examinou com atenção as imagens e então voltou o olhar para Flecha Dourada.

— Eles se parecem um pouco — ela observou.

— Sim, muito. Não bastasse alegar que fala em nome de um deus, ele parece com um deles. Ah. — Justin apontou. — Ali está a Artêmis, mas está muito menor. Eles realmente a deixaram de lado.

A imagem que ele indicou mostrava Apolo ao lado de uma mulher morena portando um arco de prata. Ela vestia uma beca curta e tinha uma lua crescente sobre a cabeça. Mae examinou a imagem por um bom tempo e sentiu calafrios na espinha. Quando desviou o olhar, encontrou Justin observando-a de perto.

— Pronta para entrar?

— Claro — ela disse, irritada por motivos que não conseguia explicar.

Ele hesitou mais alguns segundos e então deu um curto aceno de cabeça enquanto caminhavam em direção ao santuário principal, onde a cerimônia havia continuado sem interrupção. Flecha Dourada ainda entoava hinos em grego, com as mãos e o rosto arrebatado voltados para o céu.

— O que ele está falando? — ela sussurrou enquanto passavam pela entrada.

Justin abanou a cabeça.

— Besteira, basicamente a mesma coisa repetida várias e várias vezes. Tem a ver com luz e glória.

O canto de Flecha Dourada cessou subitamente quando ele avistou Justin e Mae. Todas as pessoas reunidas também se viraram para olhar.

— Amigos, nós temos um convidado especial, o dr. March, da repartição dos servidores. Muito bom vê-lo novamente, depois de tantos anos. Venha, venha. Sente-se e junte-se a nós. — Ele tinha uma boa voz de oratória, que repercutia pelo salão. Mae conseguia entender por que as pessoas se deixavam levar por aquela voz.

— Obrigado — Justin disse, cordialmente. Mae precisou lhe dar crédito por parecer perfeitamente à vontade. Ele se sentou num banco no fundo e acenou para que ela se sentasse com ele. — Por favor, continue — ele gritou.

Até ela pôde notar a afetação do sorriso de Flecha Dourada. Mas, depois de uma meia mesura melodramática, ele retomou a cerimônia. O hino em grego deu lugar a um em inglês em que Flecha Dourada rogava a Apolo que agraciasse os humildes servos com sua bem-aventurança. Ele começou um refrão que os fiéis ecoaram enquanto batiam os pés num ritmo regular no chão. As palavras foram ficando cada vez mais altas e velozes, preenchendo

o salão com um zumbido que fez os dentes dela rangeram. Então, por algum sinal invisível, o barulho cessou de maneira abrupta. A congregação pareceu conter a respiração enquanto observava Flecha Dourada vivenciar o que parecia um cruzamento entre um orgasmo e uma convulsão. Talvez, em alguns casos, as duas coisas não fossem tão diferentes assim.

Flecha Dourada tremia violentamente e caiu de joelhos, com a cabeça voltada para trás e a boca aberta, como se soltasse um profundo gemido de prazer. Um arrebatamento ainda maior do que aquele que demonstrara havia pouco iluminou seu rosto e pareceu se tornar mais intenso quando se deitou de bruços no chão e continuou a se contorcer. Por fim, acalmou-se e ficou em silêncio, quase sem ar, de tal modo que Mae quis poder oferecer um cigarro a ele. As duas mulheres com mantos ajudaram Flecha Dourada a se levantar e se dirigir à congregação.

— Quem o deus escolherá para sentir seu êxtase hoje? — Todos os fiéis se ajoelharam e olharam para ele com ansiedade. Flecha Dourada caminhou entre eles, olhando atentamente para cada rosto. Por fim, parou diante de uma mulher de meia-idade, murmurando: — Sinta-se em comunhão com nosso deus.

O rosto dela se iluminou e ela o seguiu até a frente do salão, onde se ajoelhou e abaixou a cabeça.

— Aqui vamos nós — Justin disse.

Flecha Dourada envolveu o rosto da mulher com as mãos, fazendo uma oração em voz baixa que Mae não conseguiu ouvir. Alguns segundos depois, a mulher teve uma reação chocante igual à que ele havia tido. Ela assumiu a mesma expressão orgástica, completada pelas convulsões no chão. Todos assistiam maravilhados e, quando o ataque finalmente passou, a assistente de Flecha Dourada ajudou a mulher a voltar para o assento. Em seguida, repetiu o mesmo processo com um jovem que parecia ter acabado de sair do ensino médio.

Mae estava espantada. Ela sussurrou:

— Isso é falso, não é?

— Essa parte sim. — Era uma estranha escolha de palavras. — A questão é quem está fingindo. Ele ou eles.

— Mais uma — o sacerdote entoou. — O deus dará sua graça a

mais uma pessoa. Dr. March, gostaria de sentir a luz de Apolo?

Todos os olhos se voltaram para eles novamente. Justin não disse nada, e Mae conseguiu adivinhar seus pensamentos. Flecha Dourada havia programado a cerimônia para o mesmo horário da visita de Justin e agora o convidava para participar de um "milagre". Havia algo de perigoso nos olhos do sacerdote que deixou Mae em alerta. *Ele acha que alguma coisa vai acontecer*. *Ele* sabe *que vai acontecer*. Justin havia dito que os milagres eram sempre refutados. Seria um grande sucesso para um grupo demonstrar um ato de divindade em alguém enviado para desmascará-lo, o que significava, claro, que Justin não poderia aceitar. Ela pôde vê-lo analisar todas essas possibilidades e, subitamente, um sorriso surgiu no rosto dele. Ele se voltou para ela e colocou a mão sobre a sua, chegando tão perto que seus lábios quase roçavam a maçã do rosto dela.

— Você confia em mim? — Antes que ela pudesse responder a essa pergunta desconcertante, ele acrescentou: — Pelo menos com relação a essas coisas e pelo bem do nosso país?

Mae se voltou para ele e encontrou seu olhar fixo e penetrante. Ela confiava nele? Não quanto a mulheres, claro. Ela pensou em tudo que tinha visto nas últimas semanas, a maneira como ele observava as pessoas de maneira atenta no seu trabalho, lançando-se em qualquer sinal de perigo. E, quanto ao país? Sim. Acima de tudo, ela acreditava na devoção dele ao país. Ela deu um curto aceno de cabeça, e ele se voltou para Flecha Dourada, triunfante.

— Obrigado pela oferta — Justin disse. — Mas dessa vez eu passo. Minha querida amiga aqui, porém, adoraria comungar com seu deus.

Mae voltou a cabeça para Justin, chocada, mas a atenção dele estava toda concentrada em Flecha Dourada. O sacerdote pareceu desapontado a princípio, mas então sorriu e encolheu os ombros. A companheira de um servidor também servia. Ele fez um gesto para que ela o seguisse.

Confie em mim, o olhar de Justin parecia dizer. Assentindo mais para si mesma do que para ele, ela se levantou e caminhou em direção ao altar. Neurotransmissores se acenderam dentro dela sob a ameaça, e aquela força sombria começou a cair sobre ela, pesando

a cada passo. Dessa vez, Mae não estava com medo da força. Era quase como uma armadura.

Flecha Dourada sorriu para ela com regozijo.

— Sinta a luz do nosso deus — ele disse, pousando as mãos nas bochechas dela. Mae ficou tensa, com medo que Justin a tivesse deixado sozinha e que ela logo se veria no chão, debatendo-se para o entretenimento daqueles malucos. Mas... nada aconteceu. Absolutamente nada, exceto um leve flamular da escuridão dentro dela. O sorriso de Flecha Dourada vacilou até que desapareceu por completo. Seu rosto logo se transformou numa imagem quase cômica de incredulidade. Ela se voltou quando a voz súbita de Justin ecoou pela igreja.

— Sr. Rafferty, o senhor criou uma farsa na tentativa de levar outras pessoas a cultuarem uma entidade fictícia. A sua licença está revogada e o senhor será obrigado a responder por...

O jovem que tivera o acesso disparou na direção de Justin. Mae viu que o ataque ia acontecer e agiu sem hesitação. *Não posso deixar nada acontecer com ele.* No entanto, ela estava longe demais para impedir o primeiro soco, que lançou Justin para trás. Foi tudo que o rapaz conseguiu acertar antes que Mae o alcançasse e o atirasse no chão. Seus sentidos aprimorados a advertiram que outras pessoas se aproximavam e, quando teve certeza de que seu alvo estava derrubado, deu meia-volta e bloqueou o ataque de outro homem que tinha vindo na direção de Justin. Ele estava com vários confrades, homens e mulheres, todos indignados com aquela blasfêmia contra seu líder. Mae mal pôde notar que Flecha Dourada, junto com outros membros menos corajosos da congregação, estava mantendo distância, apreensivo.

No entanto, ela não deu muito tempo a eles. O espírito de batalha tomou conta dela, movido pela sua natureza normal de combate e pela influência da presença sombria que se deleitava com a violência. Essa escuridão parecia se divertir ainda mais com um combate contra servos de um deus e, por um momento, Mae teve a sensação surreal de estar cercada por algo muito maior do que aquilo que, no fim das contas, não passava de um tumulto contra alguns fanáticos iludidos. Os bancos da igreja tornavam a luta desajeitada, mas causavam mais problemas para eles do que

para ela e, assim que conseguiu um espaço relativamente seguro em torno de si e de Justin, ela sacou a arma e disparou um tiro no ar. Todos congelaram.

— Para trás — ela ordenou, movendo-se para uma posição que a deixava em vantagem contra todos no salão. — Lá, de frente para a parede. — O poder tomou conta dela e ela quase torceu para que alguém tentasse resistir. Ninguém tentou; em vez disso, todos obedeceram correndo. Flecha Dourada pareceu notar o tamanho da encrenca em que havia se metido. O êxtase havia passado, e ele agora não parecia passar de um homem muito comum e muito assustado.

— Dr. March, podemos esclarecer esse mal-entendido...

— O senhor pode esclarecer com eles — Justin disse, levantando-se e apontando para a entrada. Mae pôde ouvir vozes e passos, e, em questão de segundos, a polícia local encheu o salão, notificada por uma mensagem que Justin havia mandado de seu ego no começo da briga. Os servidores podiam requisitar acesso instantâneo à força policial.

Depois que ela e Justin se identificaram, as autoridades assumiram o processamento e a detenção dos sectários de Apolo. Mae se sentou perto dos fundos do salão com Justin para ficar fora do caminho até que precisassem deles para finalizar a burocracia oficial. A escuridão que a auxiliara na batalha havia desaparecido, deixando-a com uma sensação de cansaço e vazio.

Justin tocou com cautela a parte do rosto em que fora atingido.

— Ai — ele exclamou. — Minha beleza impressionante está arruinada. Como vou viver nesse mundo agora?

Mae esfregou as mãos que tremiam.

— Você dá um jeito. Não deve ter nada aí. Pega um pouco de gelo quando sair.

Ele fez que não.

— Preferia alguma coisa mais pesada. Nós vamos ficar em Windsor hoje à noite. Quer dar uma olhada na vida noturna daqui?

— Incrível — ela disse. — Você é atacado por uma seita e só pensa em ir para a balada.

— Você tem uma ideia melhor? — Ele pestanejou. — Caramba,

isso dói.

— Mas é um bebê mesmo. Iam rir da minha cara na enfermaria militar se eu entrasse com isso.

— Eu não sou um supersoldado com implante anestésico.

— Isso não é nada — ela insistiu, sem conseguir conter o riso.

— Dr. March. — Era a voz de Flecha Dourada sendo levado pela polícia. Seu medo anterior havia passado e ele parecia ter decidido aceitar a prisão com arrogância. Ele se deteve. — Você deve estar muito satisfeito consigo mesmo. Sem dúvida seu mestre deve achar que triunfou sobre o meu.

— A ICS já triunfou sobre pessoas piores que você — Justin disse, sorridente.

Os olhos de Flecha Dourada reluziam.

— Não é desse mestre que eu estou falando.

— O que aconteceu com sua parceira no crime? — Justin indagou. — Queria ver Callista.

— Claro que queria — Flecha Dourada disse com desprezo. — Ela fugiu no ano passado com Nadia.

Justin ficou em silêncio enquanto tentava lembrar o sobrenome.

— Nadia Menaria? Aquela sacerdotisa de Ariarnhod?

— Que bom que você se lembra das vidas que destruiu.

— Ela pregava a destruição de todos os homens — Justin disse. — Teve sorte de não ser presa. Por que ela foi embora com Callista?

— Não sei. — Mae entendeu pouco do que estava sendo discutido, mas, pela amargura na voz dele, Flecha Dourada havia levado esses acontecimentos para o lado pessoal. — Para começar alguma seita ultrafeminista.

— Onde?

Flecha Dourada cravou os olhos nele.

— E eu lá sei! Elas roubaram metade do meu dinheiro e desapareceram.

— Se precisar conversar mais — um dos policiais disse —, podemos arranjar uma sala de interrogatório na delegacia.

Justin fez que não.

— Não precisa. Estou bem. — Apesar disso, Mae teve quase certeza de ter notado um tom desapontado na voz dele.

— Por enquanto — Flecha Dourada gritou enquanto seus captores o levavam. — O seu lado ainda não venceu. Nem de longe.

— Eu nem sei qual é o meu lado — Justin murmurou.

Mae ficou observando Flecha Dourada até ele sair do prédio e, então, se voltou para Justin.

— O que ele disse fazia sentido? Essa tal de Callista é a sacerdotisa que você queria?

— Sim. — Justin realmente parecia incomodado. — Uma mulher e tanto. Curioso que ela foi trabalhar com Nadia. Ela é outra sacerdotisa. Religião diferente, mas as deusas das duas têm um lance muito feminista e ligações com prata e lua. Se todas as nossas vítimas fossem homens, eu diria que talvez elas tivessem alguma relação com isso. — Ele encolheu os ombros e se levantou. — Mesmo assim, vale a pena procurá-las. Por enquanto, vou cair na noite, com ou sem você.

Mae achou que ele estava brincando, mas, depois que se instalaram no hotel em Windsor, Justin bateu na porta dela. Ele havia deixado a gravata de lado e estava usando apenas um casaco preto sobre uma camisa branca com o colarinho aberto. Mesmo com roupa informal, ainda parecia elegante e estiloso, e, obviamente, seu cabelo havia sido arrumado depois do tumulto no templo. Depois de viver cercada por homens militares cujo estilo poderia ser descrito no máximo como "eficiente", ela vivia se surpreendendo com o efeito que a arrumação meticulosa dele tinha nela. Ele a olhou de cima a baixo.

— Você vai sair assim?

— Eu não vou sair com você — ela disse, sentindo-se um tanto afrontada por sua calça jeans e blusa preta. — Falei para você.

— Certo, certo. Porque princesas castais impecáveis não se rebaixam à companhia de plebeus comuns. Mas fique tranquila, porque isso é trabalho. Você não vai querer me abandonar nas ruas perigosas de Windsor, vai? Talvez algum sectário vingativo de Apolo venha atrás de mim. Você não se sentiria mal com isso?

— Sim. Eu ficaria com o coração partido. — Ao ver o olhar esperançoso dele, ela suspirou. Afinal, ele tinha razão. — Certo. Mas não vou me trocar.

Ele pareceu estar prestes a protestar, mas deu de ombros.

— Algo me diz que isso não importa. Vamos.

Ela não sabia quantas vezes ele havia estado em Windsor, mas ele conseguiu encontrar a boate mais escusa e viciosa possível. Não era nem mesmo um estabelecimento autorizado e ficava no que parecia ser um depósito abandonado. Quando entraram, porém, ela ficou boquiaberta com o fato de que um lugar como aquele pudesse existir sem o conhecimento das autoridades.

Centenas de pessoas aglomeradas num espaço relativamente pequeno que cheirava a suor e a fumaça de toda espécie de substâncias. Era quase como estar na boate de Cristobal, só que mais limpo e tecnológico. O lugar era escuro, iluminado apenas por luzes coloridas que pulsavam de acordo com a música alta de batidas percussivas que enchia o ar. Pessoas conversavam em grupos pelos cantos do salão, enquanto o meio era reservado para dançar, o que consistia basicamente em corpos se movendo violentamente e se esfregando uns nos outros.

— Uau — Justin disse, com prazer, enquanto Mae sentia as respostas do corpo ao implante. Ele foi direto para o bar e ela o seguiu.

— Como alguém que ficou lamentando o destino no Panamá por quatro anos pode escolher o bar mais provinciano que já vi neste país? — ela exclamou.

— A clientela é diferente — ele disse. — Essas pessoas são civilizadas.

Ao olhar ao redor, Mae não teve tanta certeza. Alguns realmente pareciam o tipo de Justin: pessoas ricas e estilosas encantadas por novos vícios. Outros pareciam marginais e se dariam bem no Panamá. O *bartender*, cuja boca estava completamente cercada por *piercings* metálicos, era um ótimo exemplo.

— Bourbon Black Bay. Sem gelo — Justin pediu. Ele olhou para Mae. — Não dá para comprar esse nas províncias. — Então voltou para o *bartender*. — Você tem cinza?

Ela suprimiu um suspiro, perguntando-se se sua posição como soldada da República significava que ela podia aplicar a lei.

— Ah, sim, claro — o homem disse, entregando a Justin um pequeno vidro com um líquido amarelo-âmbar. — É do caralho se

você quiser alguma coisa para sua vó. Mas se você quiser um bagulho do bom, tem que usar os portões do paraíso.

Justin escarneceu:

— Você não tem disso aqui. — O *bartender* estendeu o braço embaixo do balcão e entregou um pequeno conta-gotas de plástico, ganhando uma exclamação de: — Caralho! Arranja para mim!

— Portões do paraíso? O que é isso? — Mae perguntou enquanto Justin entregava um maço de dólares da AO. O país irmão ainda usava dinheiro em papel, que era muito fácil para os gemanos trocarem. Já que não podia ser rastreado como os fundos eletrônicos, era muito usado para compras como aquela.

Justin pegou o conta-gotas.

— O mais perto de que os reles mortais sem implantes têm de se sentir como um deus. — Sem hesitação, ele ergueu o conta-gotas sobre a língua e soltou algumas gotinhas translúcidas. Fechou os olhos, tremendo como se uma brisa invisível varresse seu corpo. — Caramba — ele suspirou, com o ar abençoado. Voltou a abrir os olhos e piscou algumas vezes como se entrasse em foco. Mesmo sob a luz errática, ela conseguiu ver suas pupilas dilatando. — Celestial. Seria um desperdício se eu desse para você?

— Sim — ela respondeu, secamente. — Não preciso de drogas para relaxar depois de um dia difícil.

— Falou a mulher dependente de neurotransmissores e endorfinas.

Ela ficou vermelha.

— É completamente diferente.

— Se você diz... — Ele virou a bebida de um gole e entregou o copo e o frasco vazios para o *bartender*. — Outro bourbon. — Fez um gesto suntuoso para Mae. — E o que a madame quiser.

Ela quase recusou, mas se sentiu constrangida de ficar lá parada.

— Me faz um *mojito*.

O *bartender* lançou um olhar irônico para ela

— Este parece o tipo de lugar que serve *mojito*?

— Me faz qualquer coisa então.

Ele fez um martíni e explicou:

— É o drinque mais de mocinha que eu posso fazer.

Mae esperava que Justin começasse a ir à caça de mulheres, mas,

em vez disso, ele encostou do lado dela em um silêncio camarada. Observava o salão com interesse, e ela ficou se perguntando se as brilhantes habilidades de observação dele funcionavam mesmo quando estava sob o efeito de substâncias ilícitas. Pelo menos, ele estava bebericando o uísque dessa vez. Estava com sua expressão típica, descontraída e confiante, mas, quando ela o examinou com mais atenção, pôde ver um vislumbre da tristeza que havia observado no Panamá.

— Qual é o problema? — Mae perguntou.

Ele voltou o olhar para ela e ela pôde notar que ele estava prestes a negar. Então, ao examiná-la, mudou de ideia.

— Você sabe por que estamos esperando para visitar as capitanias? Por que estamos olhando as seitas agora?

— Porque um deles é responsável pelos homicídios?

A sombra de um sorriso perpassou o rosto dele.

— Então, sim, mas eu prefiro resolver isso tudo com um tranquilo trabalho forense, apesar de saber que não é o que você mais gosta. — Ele voltou a ficar sério. — Recebi uma ligação da nossa ilustre amiga Cornelia dia desses, dizendo como ela estava descontente com nossa falta de progresso.

Apesar de não estar envolvida pessoalmente na parte investigativa, Mae se sentiu ofendida.

— Mas você está fazendo tudo o que pode. Seus interrogatórios são... meticulosos. Você está reanalisando os dados. E ainda nem falamos com todo mundo.

— Ah, você é minha fã no fim das contas, hein? — Seu sorriso voltou e, por um momento, ele levantou a mão como se fosse tocá-la, mas logo a deixou cair. — Meticulosos ou não, nós estamos empacados, e a Cornelia deixou bem claro que o tempo está passando. — Ele ficou olhando fixamente para o fundo do copo. — Por isso fomos atrás de malucos como os fiéis de Apolo, mas mesmo isso não deu em nada. Achei que seria fácil, sabe. Só alguns golpes de minha genialidade e pronto. Agora, talvez eu tenha que voltar para o Panamá em menos de um mês.

— Por que você foi para lá afinal?

Ele voltou a levantar os olhos, surpreendendo-a com um ar de tristeza que ela tinha visto no primeiro encontro deles.

— Você não acreditaria se eu contasse.

Por mais que não quisesse, Mae sentia pena dele. Apesar dos defeitos, ele havia sido colocado numa situação difícil, quase impossível. Trazê-lo de volta sem dúvida tinha sido um ato desesperado da Segurança Interna.

— Talvez você consiga encontrar aquela mulher, a Calliope...

— Callista — ele corrigiu — E sim, talvez. Não sei. Poucas pessoas conseguem desaparecer, mas ela consegue. Ela tem contatos nas redes subterrâneas das religiões que a ICS não conhece. Esses grupos ficam juntos e se ajudam para se manter escondidos. A maioria não chegaria nem perto de um servidor como eu, mas ela me ajudaria. Tenho certeza. — Ele terminou o uísque e chamou o *bartender*. — Mais paraíso.

Justin colocou algumas notas no balcão.

— Foi um dia longo. — Depois de alguns segundos de hesitação, o *bartender* pegou o dinheiro e entregou outro frasco. Mae conteve os protestos e observou Justin virar a droga. Sua tristeza desapareceu ou, pelo menos, foi ocultada. O enérgico sedutor estava de volta, e ele deu um passo em direção a ela. — Quer dançar?

— Não. E aquilo não é dançar. — Ela lançou um olhar de desprezo para a pista de dança antes de se voltar para ele, um tanto desconfortável com a proximidade. — É só uma desculpa para as pessoas ficarem se esfregando umas nas outras.

Ele se aproximou.

— Se não me falha a memória, você não se importou daquela última vez.

— Eu vou ignorar isso porque você está completamente chapado agora — ela respondeu. — E, se não me falha a memória, você não tem segundos encontros.

— Eu não estou chamando você para um encontro, princesa. — A intensidade nos olhos dele era absoluta, e sua voz, aveludada e sedutora. A mesma voz que usava para conseguir o que queria dos interrogados.

A simpatia dela se esgotou.

— Você deve achar que chamar uma pessoa de “princesa” é carinhoso e bonitinho, mas não é.

— Não é bonitinho. É verdade. — Ele olhou para ela de uma maneira que conseguia olhar para o passado e para o presente. — Sabe, na primeira vez que te vi, antes do beco, o meu mundo todo parou. Tudo o mais no salão desapareceu e só sobrou você, com seu pescoço lindo, e seu cabelo dourado pálido, e seus olhos que comandavam o salão. — Ele virou a cabeça, em pensamento. — Você conhece jasmim-de-madagascar?

Mae engoliu em seco, sentindo-se subitamente como se estivesse de volta ao Panamá com um homem que a conhecia completamente.

— Jasmim do quê?

— É uma flor. A gente devia achar algumas e voltar para o hotel. — Ele estendeu o braço e passou a mão no cabelo dela. — Vamos fazer uma grinalda com elas e coroar você em majestade, e então a gente vai botar fogo no quarto...

Mae se afastou subitamente, envergonhada por notar que estava contendo a respiração. Ela era uma soldada que matava sem nem hesitar, não uma mulher seduzida por meia dúzia de palavras bonitas.

— Vai dançar. Você vai encontrar um monte de mulheres tão doidonas quanto você que vão ficar encantadas com as suas flores e as suas cantadas desajeitadas.

— Eu nunca sou desajeitado.

Ela desviou o olhar, virando-se de costas para ele. Tensa, ficou esperando que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele não disse nada. Quando finalmente se atreveu a olhar para trás, ele havia desaparecido. O *bartender* caminhou até ela.

— Mais um?

Ela fez que não e caminhou para a parede mais próxima de uma saída para os fundos, de onde tinha uma boa visão da pista e se mantinha longe do grosso da multidão — o que não a impediu de levar cantadas. Ela deveria ir embora. Não havia por que ficar ali. Ela nem sabia por que tinha ido. Mesmo assim, algo dentro dela não podia abandonar Justin, ainda mais agora que ele estava sob o efeito de drogas e álcool. Não que ele parecesse precisar de muita ajuda. Toda vez que o avistava, ele estava falando com uma mulher diferente, com o rosto iluminado e transbordando daquele mesmo

carisma. Ele parecia estar no auge da caça com o correr da noite, confiante e no comando, mesmo depois de uma ida para o bar para pegar outro drinque e mais um frasco. Aquilo tornava a proposição anterior dele ainda mais insultante. Ela se encheu de asco, o que era bom: mais fácil de lidar do que o desejo.

Forçando-se para esquecer seus pensamentos atribulados, ela voltou a se concentrar na pista de dança. Não conseguia ver Justin, mas conseguiu avistar algumas pessoas paradas, olhando para algo no chão. Uma das pessoas aglomeradas deu um passo para trás, afastando-se do que todos observavam, e Mae conseguiu vislumbrar o terno que Justin estava usando. Sua adrenalina disparou. Ela correu até o amontoado de pessoas, nenhuma das quais parecia ter pressa em agir ou se mexer. Ela sentiu um frio na barriga ao constatar que seus piores medos haviam se tornado realidade. Era Justin, estatelado no chão, com os olhos entreabertos e a respiração rápida e ofegante. Vivo — por enquanto. Ao se ajoelhar ao lado dele, ficou imaginando os apuros em que se meteria caso ele morresse.

13. Dois por cento

Justin abriu os olhos e logo voltou a fechá-los: a luz era muito forte. Esperou alguns momentos e então decidiu abrir de novo, dessa vez usando a mão para cobri-los. Mesmo esse pequeno movimento foi difícil. Os músculos de seu corpo pareciam fracos e dormentes. Olhar para cima não revelou muita coisa, pois era de lá que vinha a luz, a qual o obrigou a fechar os olhos novamente. Com muito esforço, tentou virar o corpo e olhar para o lado. Ele estava numa cama dura e desconfortável, e seu corpo reclamava a cada movimento.

Ainda mantendo os olhos cobertos, piscou rapidamente e tentou focar a visão no quarto em que estava. As paredes surgiram sem brilho num tom insosso de cinza-amarronzado e, numa delas, havia um grande quadrado escuro que ele supôs ser uma janela. Perto dela, um vulto indistinto, que foi se aproximando, e ele pôde começar a discernir contornos mais tangíveis: um corpo magro, cabelo dourado. Sua valquíria.

— Ei — ele disse, surpreso com a dificuldade que teve em falar. Estava com um gosto estranho na boca. — Alguma novidade?

— Você é um idiota. — Sua valquíria furiosa.

— Essa não é bem uma novidade. — Ele conseguia vê-la completamente agora. O rosto dela parecia cansado, e a maior parte do cabelo tinha caído do rabo de cavalo. — O que aconteceu? — Então, antes que ela pudesse responder: — *Bad trip*?

— Sim. O que você tinha na cabeça? Podia ter se matado!

— Ei, o bagulho era bom. Bom mesmo. — E era. Além de causar a sensação de que ele era feito daquele caramelo que as crianças comiam no Mercado de Verão de Anchorage, também distorceu sua visão de modo que tudo ao redor ficou com cores mais fortes. Pessoas reluzentes, cercadas por auras de matizes brilhantes, deixavam rastros de luz colorida conforme passavam.

Ela não respondeu, ainda mantendo o rosto inexpressivo; de alguma forma, ele teve a sensação de que a relação deles havia regredido dois anos. Ao mesmo tempo, teve a surpreendente impressão de que ela estava sinceramente preocupada com ele.

— Eu não tinha ideia de que o meu trabalho envolveria proteger você de si mesmo — ela acrescentou. — Como alguém tão inteligente consegue ser tão idiota?

Ótima pergunta, Magnus comentou.

Ser tão idiota era fácil; difícil era dizer não. Com relação aos prazeres da vida, ele costumava achar que, se um era bom, dez era melhor.

— Eu não ligo se a missão parece infrutífera para você agora — ela continuou, furiosa. — Você quer arrumar as coisas? Quer ficar no país? Então vá resolver esse caso! Não fica se afundando em drogas e autopiedade.

As palavras dela o fizeram relembrar do estado deplorável da missão, das ameaças de Cornelia e do desaparecimento de Callista. Era mais que o bastante para fazer alguém buscar esquecer as coisas e ficar alegrinho; além disso...

— Você já quis não pensar?

A expressão dura dela se tornou confusa.

— Quê?

Ele desviou o olhar e ficou olhando para o teto.

— Eu penso muito, Mae. Eu vejo muito. E o meu cérebro está sempre analisando todos os detalhes, infinitamente. Esse caso. Eu estar na RANU. Aquela igreja. Você. — Ele suspirou. — Eu não consigo desligar o cérebro. É como uma rodinha de hamster. É por isso que eu tomo remédios para dormir.

— Pensei que você tomava remédios para dormir porque se enchia de estimulantes de manhã. — O desprezo dela era quase tangível, mas, em vez de incitar sua reação automática à afetação castal, fez com que ele se sentisse... vazio.

Eu fiz alguma coisa errada?, ele perguntou aos corvos.

Teve uma overdose?, Horatio sugeriu.

Você entendeu o que eu quis dizer.

Você a chamou para a cama, o corvo respondeu.

Chamei? Justin não se lembrava. Lembrava muito pouco depois

de tomar os portões do paraíso. Pelo estado atual dele, devia ter tomado mais de uma vez. *Como foi? Quer dizer, o resultado eu sei, afinal, não estou com ela na cama.*

Você falou bonito, Horatio disse. *Um verdadeiro poeta. Eu teria ido com você.*

Você ofereceu a coroa a ela, Magnus disse, mais grave.

Justin sentiu um aperto cada vez maior no peito. Ele estava acostumado a ter todo tipo de comportamentos idiotas sob o efeito de drogas, mas nunca tinha passado pela sua cabeça que poderia topar com a própria coisa de que queria fugir. Agora que estava relativamente sóbrio e sob aquele olhar condescendente que tanto o afligia, era fácil resistir a Mae. Era um alívio que ela ainda estivesse tão cheia de ódio e desprezo pelos plebeus.

— Se eu der em cima de você de novo — ele disse —, você tem a minha permissão para me dar um soco na cara.

Por essa ela não estava esperando.

— Por que você está falando isso?

Porque, se eu dormir com você de novo, vou ser obrigado a servir a um deus desconhecido.

— Porque você deixou perfeitamente claro suas preferências de uma nove nórdica. E eu preciso respeitar isso.

Ele não tinha pensado muito nesse último comentário e só queria mantê-la longe. Não estava tentando ser nobre. Em vez disso, algo inesperado transpassou no rosto dela.

Você acabou de subir dois por cento no conceito dela, Horatio comentou. *Foi o primeiro comentário pessoal feito por você que não o faz parecer um babaca.* O corvo parecia contente, mas claro que estava. Ele e sua contraparte queriam uma reconciliação.

Magnus não estava tão otimista. *Vai ser preciso mais do que consertar esse estrago para conquistar essa mulher de novo. Falei para você: deuses a seguem. Uma deusa em particular. Você precisa ajudar Mae a se libertar, pelo próprio bem dela. Você viu como ela fica arrebatada durante a batalha.*

A escuridão, Justin admitiu. Ele tinha visto uma sombra quase tangível que a rodeava durante a luta.

Acontece porque os deuses não conseguem se comunicar com ela da maneira normal.

Que maneira?

Sonhos.

Por que não?, Justin perguntou.

Adivinhe, Magnus respondeu.

Justin percebeu a resposta imediatamente. *Porque ela não dorme.*

Você é inteligente, Horatio disse. *Pena que é tão idiota.*

Mas tome cuidado, Magnus advertiu. *A deidade que segue Mae pode começar a desconfiar de você. Você pode até negar, mas existe um poder em você que alguns podem ver. Ela não ficou nada contente com aquela usurpação no templo.*

Justin levou um momento para entender, mas então se lembrou de como Mae havia brilhado e se tornado quase sobre-humana diante da estátua daquela deusa. Ela havia sido coroada por um poder tão intenso quanto o da batalha, só que quente, sedutor e cheio de vida, e não sombrio e terrível.

O que aconteceu?, ele perguntou.

Um deus tentou roubar Mae da deusa sombria, Magnus disse.

A Nossa Senhora do Livro? Justin achava difícil imaginar uma deusa intelectual perseguindo Mae.

Não, só outra deidade que tentou se aproveitar da situação. Às vezes os deuses enfraquecem no território de outros.

Mae perscrutou Justin.

— Por que você está me olhando desse jeito?

Ele percebeu que a estava encarando enquanto refletia sobre as coisas. Procurou o primeiro assunto que lhe veio à mente.

— Não conta isso para a Cyn.

— Por que eu contaria?

— Vocês ficaram amiguinhas. Ainda mais depois que ela fez panquecas para você naquele dia. Você comeu o dobro do seu peso. — Depois de algumas refeições com Mae, ele descobrira que os pretorianos precisavam de muita comida para manter aquele metabolismo sobre-humano.

— Eram boas as panquecas — Mae admitiu. — E ela fez muitas. Ela sempre faz muita comida.

Ele sorriu

— Sabe por quê? É para compensar.

— Compensar o quê?

Ele hesitou antes de responder. Ao tentar fugir de um assunto que Mae não queria discutir, tinha desviado para um que ele não queria trazer à tona. Havia dias em que conseguia determinar as histórias da vida das pessoas com um simples olhar, mas preferia guardar a dele para si próprio. Mesmo assim, ao olhar nos olhos dela — um equilíbrio encantador de azul e verde naquele dia —, ele sentiu uma estranha dor que tornava difícil não falar. Ela podia odiá-lo. Podia achar que ele era fraco e manipulador. Mas, de repente, ele quis que ela entendesse esse lado dele.

— Você quer saber como começou a carreira de um brilhante servidor que caça assassinos? Nas baias imundas do Mercado de Verão de Anchorage. Eu e Cyn ganhávamos a vida fazendo o que você deve achar que eu faço de melhor: enganar as pessoas.

Mae estancou.

— Eu não acho isso.

— Ah, não? — Ele deu um olhar de quem sabia o que estava falando e ela desviou os olhos, provando o argumento dele. — Você acha que todas as palavras que saem da minha boca são uma tentativa de enganar as pessoas. E, tudo bem, porque metade do tempo é isso mesmo. Os nórdicos têm parques de diversões ou feiras?

— Claro.

— Sabe aqueles jogos de adivinha? Idade, peso, coisas assim? Era isso que a gente fazia. Dá para imaginar? — Ele estendeu as mãos, enternecido pela própria história. — Duas crianças adoráveis, porque, sabe, nós éramos adoráveis, já naquela época, encantando turistas com a capacidade de descobrir o que ninguém devia conseguir saber. Cyn era muito boa com pesos. Ela tem o dom para esse tipo de coisa; tem a ver com o talento genial dela para matemática que mal usa. Já eu, cuidava das histórias das pessoas. As idades. De onde eram. Sabia sotaques de cor. Juntando isso com algumas perguntinhas infantis aparentemente inocentes, eu conseguia descobrir quase tudo.

— Isso não é enganar as pessoas — ela disse. — É só observar.

Ele deu de ombros.

— Mas parecia enganar, ainda mais pelo jeito como as pessoas reagiam. Você podia achar que era mágica. Dava muito dinheiro

para o babaca para quem a gente trabalhava, e a gente só via uma fração disso. Mas dava para comprar comida.

— Por que duas crianças precisavam comprar comida? — ela perguntou. Mae devia ter crescido com cozinheiros e empregados.

— Porque não tinha comida em casa. A nossa mãe não trabalhava; quer dizer, ganhava dinheiro, mas dava pouco para a gente.

— E... o seu pai?

Ele meneou a cabeça.

— Só um doador anônimo de algum lugar que por acaso era uma combinação genética boa para minha mãe e para a bolsa dela do governo.

Mae assentiu, parecendo um tanto constrangida.

— Mas então vocês ganhavam racionamentos federais?

— Sim — ele respondeu, simplesmente. — Ela vendia em troca de qualquer coisa que pudesse dar barato.

Mae ficou em silêncio por vários segundos.

— Não consigo imaginar duas crianças com fome, não na RANU, pelo menos. Não consigo imaginar uma mãe que faz isso com os próprios filhos.

— Ela tinha muitos problemas. — Caramba, que eufemismo. — Cyn diz que eu tenho a mesma tendência a vícios, sabe. — Ele franziu a testa ao perceber a ironia de falar sobre isso naquele contexto. — Mas isso não é nada comparado com ela. E a Cyn sabe disso. Ela só exagera quando está brava. Não sou nada parecido com minha mãe.

— Porque você transformou seus problemas num estilo de vida.

— Falando assim, nem parecem problemas — ele retorquiu. — Eu estou bem. As pessoas que amo estão bem. Eu cuido delas. — Ele ficou um tanto surpreso com o ardor da própria voz. O que quer que acontecesse, cuidar de Cynthia, Quentin e agora Tessa era sempre uma prioridade na cabeça dele. Talvez ele estivesse enganado quanto a não herdar os vícios da mãe, mas uma coisa que se recusava a repetir era o abandono dela, o que era parte do motivo por que havia tornado seu exílio tão agonizante.

— Você cuida — Mae disse, sem nenhum vestígio de sarcasmo. — Você é muito bom com eles. E olhe só para você agora. Usando

todo esse treinamento infantil fantástico para levá-lo onde está, a serviço do país.

— Não é tão fantástico. O que eu faço... não é difícil.

— Eu não conseguiria fazer — ela disse.

Uma médica com o ar severo surgiu à porta nesse momento e logo deixou claro que não via nenhuma graça no charme dele. Ela deu um sermão sobre os perigos de misturar álcool e drogas, dando a entender que ele tinha sorte de não estar portando portões do paraíso — que eram ilegais. Deu uma série de instruções básicas sobre a alta, envolvendo repouso e muita água e então leu o ego dele para poder mandar fontes "úteis" de referência sobre abuso de substâncias. Ele ouviu todas as reprimendas com humildade, em parte porque achava que merecia e em parte porque assim poderiam ir embora logo.

Mae falou pouco depois que finalmente saíram do hospital, mas ele percebeu que, vez ou outra, ela lançava um olhar de esguelha para ele. Ele tinha certeza de que ela ainda achava que seus vícios eram um sinal de fraqueza, mas, de alguma forma, com seu comentário sobre o respeito por ela e a história da infância, sem querer ele havia subido no conceito dela. O pior era que ele gostava disso. O orgulho e a confiança nos olhos dela tiraram seu fôlego por um segundo. Ele logo se obrigou a lembrar que ela era uma castal arrogante que desprezava as outras pessoas e não tinha muito tato nas atitudes. Ele precisava responder com a mesma moeda, para seu próprio bem, e porque tinha esse direito. Ele seria, como Horatio havia comentado, mais babaca dali em diante.

Não vai ser muito difícil, o corvo respondeu.

14. O megalomaníaco preferido de Justin

— O que aconteceu com você?

Cynthia quase derrubou a frigideira quando Justin entrou cambaleando na cozinha. Tessa levantou os olhos da torrada que não conseguia comer de tão nervosa que estava e logo viu o que chamara a atenção de Cynthia. Justin estava pálido e exausto, com olheiras fundas e escuras. Estava vestido e arrumado como sempre, mas sem o charme de costume.

— Uma viagem péssima — ele disse.

Cynthia olhou para ele, desconfiada.

— Que tipo de viagem?

— O tipo em que eu luto contra fanáticos religiosos malucos para proteger o seu estilo de vida. Pergunte a Mae. Ela vai contar tudinho para você. — Ele começou a caminhar penosamente para o corredor e então notou Tessa em seu uniforme marrom. Deu um tapinha no ombro dela. — Boa sorte hoje, querida. Você vai se dar bem. Mal posso esperar para saber como foi.

Ela abriu um sorriso corajoso e fez que sim com a cabeça.

Embora Tessa pudesse entender a insistência de Justin em ter uma educação gemana formal, parte dela achava que podia aprender tudo com o fluxo em casa. Ela passava horas nele todos os dias, admirada com o que conseguia aprender com as opções de educação e entretenimento. Ela ainda não havia encontrado um assunto de que o fluxo não falasse. Havia dias em que era quase insuportável, mas ela adorava.

Apesar disso, precisava se lembrar de que o motivo por que tinha recebido permissão para vir à RANU era seu visto estudantil. Estudar em casa era uma opção válida no Panamá — a única opção, na verdade, para mulheres de sua classe —, mas ali o sistema

educacional padronizado era o único caminho possível para ela.

— Não tem escolas particulares? — ela havia perguntado para Justin quando foram visitar o colégio do bairro na semana anterior. Havia escolas públicas recém-criadas no Panamá, mas os novos-ricos e a classe média alta normalmente preferiam uma opção um pouco mais elitista quando podiam pagar.

— Nenhuma que aceitaria você. Mas não se preocupa: o ensino público aqui é ótimo. É padronizado em todo o país, até para castais e plebeus. Ajuda a construir a identidade nacional.

Essa identidade estava ficando cada vez mais aparente. Até mesmo alguém como Mae, criada num ambiente cultural diferente, tinha uma forte noção de orgulho nacional instigado dentro dela desde muito antes do serviço militar. A RANU responsabilizava três coisas pelo Declínio: a manipulação biológica, a religião e o separatismo cultural. Todas as primeiras mestiçagens genéticas haviam se esforçado muito para aniquilar a solidariedade étnica, e os modelos vagamente greco-romanos que o país adotara possibilitaram uma nova cultura abrangente da qual todos podiam fazer parte.

Tessa não sabia ao certo se concordava com todos esses princípios, mas era difícil ignorar o fato de que a RANU havia se tornado o país mais avançado do mundo.

A escola ainda estava de férias quando foram para lá na semana anterior, e Tessa ficou nervosa só de imaginar aqueles vastos corredores cheios de estudantes. Ela agora conseguia lidar melhor com as multidões na cidade, mas, às vezes, ainda tinha uns ataques de claustrofobia. A diretora tinha feito uma reunião especial com eles, indo à escola num dia de folga. Tessa logo percebeu que era por causa da profissão de Justin. As pessoas não tinham medo de servidores como tinham dos pretorianos, mas sem dúvida havia muito respeito e admiração.

— Nunca tivemos uma provinciana desde que comecei a trabalhar aqui — a sra. Carmichael havia dito, examinando Tessa como se ela fosse uma espécie nova. Outra coisa que Tessa havia aprendido era que tudo que não fosse gemano era chamado de provinciano, o que não era um termo lá muito lisonjeiro. Todos pareciam falar isso sem pensar. — Tenho certeza de que vai

possibilitar uma experiência de aprendizado nova para os outros estudantes... embora eu fique preocupada com a sua capacidade de, hum, acompanhar as aulas daqui, querida.

Tessa entendeu a indireta. Assim como Justin, a sra. Carmichael acreditava que a educação de Tessa até então havia envolvido "leituras insípidas e uma matemática corretiva". Depois de uma avaliação, tanto Justin como a sra. Carmichael ficaram surpresos ao descobrir que o conhecimento literário e de redação dela eram de alta qualidade. Mas, para a tristeza de Tessa, suas habilidades matemáticas eram realmente parcas.

Agora, o primeiro dia oficial dela havia finalmente chegado. Tanto Justin como Cynthia se ofereceram para levá-la, mas Quentin tinha avisado que isso só atrairia muita atenção e definitivamente "não estava com nada". Apesar de mais novo, ele nunca havia deixado que ela errasse em nada e, por isso, achou melhor seguir o conselho dele.

A sra. Carmichael tinha indicado uma guia para ela no primeiro dia. Melissa era inteligente, bonita e parecia personificar todas as qualidades da menina gemana perfeita. Apesar de educada, ficou óbvio que via Tessa como algum tipo de aberração da natureza. Ela também parecia pensar que Tessa tinha cinco anos e era surda.

— Isso é um armário — Melissa disse, falando mais alto que o necessário, mesmo com o burburinho ao redor. Ela também falava devagar e com o ar afetado. — Serve para guardar suas coisas. Você precisa abrir a porta primeiro. Coloque a mão na fechadura e ela vai ler seu chip. É a coisinha que tem na sua mão.

Tessa já havia aprendido a usar o armário na vez anterior. Embora não houvesse nada parecido no Panamá, não era algo propriamente difícil de aprender. Mesmo assim, sorriu para Melissa e agradeceu:

— Obrigada.

— O que você disse? — Melissa perguntou.

— Eu disse "obrigada" — Melissa vivia pedindo para Tessa repetir as coisas, dizendo que o sotaque era difícil de entender.

— De nada — Melissa disse, praticamente aos berros.

Apesar da transigência, Tessa ficou contente de ter Melissa levando-a para as classes. Os corredores eram tão atulhados quanto

ela temia, e os uniformes que todo mundo usava tornavam isso pior. Todos pareciam iguais, o que dificultava identificar pontos de referência.

— Essa é sua sala de inglês — Melissa disse quando chegaram à primeira aula do horário de Tessa. — É aqui que você lê livros. Os livros têm palavras escritas e contam histórias ou fatos.

— Obrigada — Tessa agradeceu.

— Quê?

A sala era lustrosa e brilhante, cheia da mesma luz branca e dos móveis metálicos que permeavam todos os ambientes públicos da RANU. Os estudantes estavam sentados em suas carteiras com telas sensíveis ao toque acopladas, e equipados com leitores e egos. Ninguém prestou atenção nela quando entrou com Melissa, e Tessa torceu para que pudesse se sentar discretamente numa carteira nos fundos, onde pudesse estudar aquele mundo novo com calma. Infelizmente, porém, o professor, que tinha sido informado da origem da nova aluna, decidiu usar a chegada dela como uma experiência de aprendizado.

O sr. Lu pediu para que ela ficasse em pé na frente da sala até que o sinal anunciasse o começo da aula. Os alunos ficaram em silêncio e vinte pares de olhos se focaram nela.

— Classe, nós temos uma nova aluna na turma. Essa é Tessa Cruz, que vem lá do Panamá.

Todos os olhos se arregalaram e, subitamente, ela pôde ver que julgavam todos os aspectos dela. Algo na expressão deles a fez pensar que esperavam que ela aparecesse com peles e penas, o que, talvez, não fosse tão destoante de alguém que viesse da Europa. Fora o cabelo, Tessa tinha certeza de que sua aparência não diferia em nada dos demais.

— Tessa, você pode nos falar sobre o Panamá? — O sr. Lu não era tão mau quanto Melissa, mas falava um pouco mais devagar com ela do que com os outros alunos.

Tessa não tinha ideia do que ele estava esperando. Alguma história impressionante e sórdida? Ou talvez um reconhecimento das maravilhas da RANU? A hesitação a deixou ainda mais constrangida, então ela falou a primeira coisa neutra que lhe veio à mente.

— Fica na América Central.

O sr. Lu abriu um sorriso gentil.

— Muito bem. Por que você não pega aquela carteira ali?

Tessa se retirou discretamente, embora soubesse que ainda era o centro das atenções. Alguns alunos, pelo menos, a observavam sem muito alarde, enquanto outros a olhavam de maneira fixa e descarada, sem esconder o fascínio.

Eles estavam no meio da leitura de um livro de um famoso novelista gemano que Tessa já havia comprado e lido de antemão. No entanto, em vez de deixar que ela assistisse num manso anonimato, o sr. Lu ficava parando a aula para perguntar se ela sabia usar o leitor e a tela da carteira. Tessa fazia que sim e agradecia a preocupação.

As outras aulas seguiram de maneira parecida, com outros professores "prestativos" constrangendo Tessa. Ao fim do dia, ela descobriu que a notícia de sua chegada havia se espalhado; seus colegas estavam esperando que ela aparecesse e fizesse algo selvagem.

Ela se sentiu um pouco orgulhosa de sua capacidade de acompanhar as aulas de inglês e história. Gostou especialmente desta última porque supriu algumas carências que tinha sobre a cultura gemana. Melissa estava na mesma turma e mais uma vez achou necessário explicar como funcionava.

— Essa é história. É sobre o passado. A gente está aprendendo sobre a formação da RANU depois do Declínio e sobre o surgimento das castas. Sabe o que "casta" significa? São grupos que não precisaram obedecer aos mandatos porque ajudaram a fundar o antigo governo. A gente lê livros aqui.

Tessa apenas agradeceu com a cabeça por medo de ter que se repetir.

Matemática se mostrou uma experiência terrível, mas a autoestima dela foi alavancada em espanhol avançado. Obviamente, ela não sabia exatamente por que tinha sido colocada naquela turma. Espanhol era sua língua materna, enquanto seus colegas ainda estavam aprendendo e trabalhando com tradução. A professora vivia pedindo para que ela dissesse coisas, mas sempre lembrava os outros alunos:

— Ela tem um acento provinciano, mas não se esqueçam de aprender o espanhol padronizado. — Então, cheia de boas intenções, tentava corrigir a pronúncia de Tessa.

Quando chegou à última aula do dia, Tessa estava exausta. *Mais uma aula*, ela ficou se repetindo. *Mais uma aula e você vai ficar livre. Hoje é o pior dia. Depois não tem como piorar.*

Depois da típica apresentação constrangedora do professor, ela se sentou num lugar perto do meio da sala. Ao contrário das outras, a de biologia não tinha carteiras. Todos ficavam sentados em longas mesas, com as telas sensíveis ao toque de sempre, além de outro aparelho que Tessa não reconheceu. Era redondo e metálico, acoplado a um vidro, também redondo. Tessa tinha toda a liberdade de admitir que aquilo devia estar além da capacidade dela. Ela se apegou à esperança de que, se estudasse bastante em casa, acabaria alcançando a turma. Cynthia havia oferecido ajuda entre um resmungo e outro.

O instrutor logo começou uma discussão sobre o Caim, parecendo estar dando sequência à aula do dia anterior. Todo mundo sabia sobre o Caim no Panamá, e Tessa começou a relaxar pensando que estava em território conhecido. Mas, à medida que a aula ia ficando mais técnica, discutindo como a doença operava no nível genético, Tessa percebeu que estava em defasagem também nessa matéria. As coisas pioraram quando eles receberam a tarefa e Tessa descobriu o que o equipamento redondo fazia.

Ele criava uma imagem tridimensional no ar, mostrando um modelo das proteínas e mutações do Caim. Manipular o modelo se revelou complicado. A imagem não tinha substância, claro, mas o projetor conseguia detectar movimento manual e "toque", permitindo que o modelo fosse girado conforme o necessário. A tecnologia ainda era nova na RANU, então era preciso ter jeito com ela. Os outros alunos já haviam praticado, mas Tessa não conseguia entender como funcionava. Não conseguia tocar a imagem nos pontos certos para causar a detecção e, na maior parte das vezes, sua mão passava reto pela imagem. Seus colegas não tinham dificuldade em ir direto ao ponto enquanto trabalhavam nas questões e problemas pedidos.

Depois de passar um dia sendo ensinada a usar tecnologias a que

já tinha se familiarizado, Tessa finalmente havia chegado a algo que não conhecia. Sabia que, se pedisse para o professor, ele chamaria alguém para ajudar, mas isso só atrairia mais atenção indesejada e confirmaria as suspeitas de todos de que ela não passava de uma menina primitiva das províncias. Ninguém pareceu notar as dificuldades dela... ainda. Todos estavam concentrados em suas próprias tarefas e muitos conversavam entre si enquanto trabalhavam. Tessa continuou tentando obstinadamente manipular o modelo, só tendo sucesso na terceira vez. Quando conseguiu mexer nele, mal entendeu as perguntas, fazendo com que todo o trabalho fosse em vão.

O pânico tomou conta dela. O que ela estava fazendo ali? Sua aparência podia parecer com a dos plebeus, mas sempre haveria algo que a tornaria "diferente". Não importava se ela usasse o mesmo uniforme que todos os outros usavam na escola. A calça castanha e a camiseta branca não mudariam quem ela era. E não era nem mesmo o seu cabelo, sotaque ou a sua falta de habilidades técnicas que fariam com que ela se distinguisse. Era algo mais intangível, uma atitude e um comportamento que berravam para o mundo que ela não havia nascido e sido criada naquela sociedade reluzente e frenética. Os alunos ali eram iguais a todas as pessoas que ela via na RANU: confiantes, determinados e muito convencidos de sua superioridade sobre o resto do mundo. Tessa nunca teria esse jeito.

Cerrando os punhos, ela respirou fundo e tentou assumir o controle. Lembrou-se de como Justin tinha brigado com seus pais e do orgulho que sentiu quando a levou para a escola. O mais importante era que ela não conseguia esquecer como ele a vivia chamando de seu prodígio. Ela não sabia muito bem se acreditava naquilo, mas a ideia de voltar para casa e dizer que não conseguia fazer nada era insuportável. Respirando fundo mais uma vez, ela se acalmou e se resignou a pedir ajuda, por mais humilhante que fosse.

Mas, quando ela foi para a frente da sala, encontrou o professor muito concentrado com outro aluno. Ficar em pé no meio da sala a deixou envergonhada, então ela voltou para a mesa para esperar sua vez. Atrás dela, Melissa tinha feito uma pausa na tarefa, talvez

até terminado, e estava conversando com um grupo de amigas.

— Não entendo nada que ela fala — ela dizia. — E tenho quase certeza de que ela não entende metade do que a gente fala. Acho que eles não têm eletricidade lá.

— Você viu como ela estava com o holograma? — outra aluna perguntou.

Outra pessoa riu e disse:

— Ela deve ter pensado que era algum tipo de visão. Eles têm umas crenças malucas na província.

Melissa sorriu com desprezo, o que casava bem com seu rosto perfeitinho.

— Ah, mas que bom que não vou ter que arrastar a menina de um lado para o outro amanhã. Se tiver que olhar mais uma vez para aquele cabelo...

Ela estacou, desfazendo o sorriso ao perceber que Tessa olhava para ela. Melissa ficou vermelha, constrangida ao ser pega. Então, também ficou encabulada pelas suas amigas e escondeu o acanhamento.

— Que foi? — ela perguntou, sem a boa vontade simpática de antes. — O que você está olhando?

Como Tessa não respondeu, uma das amigas de Melissa a cutucou.

— Esquece, Mel. Olha só para ela. Ela nem entendeu o que você disse.

— Eu entendo o que uma vaca fala em qualquer língua — Tessa disse. Alguns segundos depois, acrescentou: — Precisa que eu repita mais devagar? — Ela manteve o rosto frio e inexpressivo, algo que aprendera depois de passar tantos dias perto de pessoas que primavam em esconder seus pensamentos.

O rosto de Melissa mostrava que de fato ela havia entendido.

— Quem você chamou de vaca?

— Quem você acha? — Tessa perguntou, enchendo-se de coragem. — Foi uma pergunta retórica, aliás. “Retórico” quer dizer que você não precisa responder.

Parte de Tessa sabia que precisava parar. Ela só estava cavando um buraco mais fundo para si mesma. Melissa não parecia o tipo que defendia a própria honra com os punhos, pelo menos não pela

maneira como se pavoneava e vivia mexendo no cabelo. Mas havia um olhar maldoso nos olhos dela que fez Tessa pensar que era bem provável que Melissa fosse o tipo de se vingar de maneiras mais sutis e insidiosas. Com os punhos seria mais fácil.

— Essa é a parte que a Melissa não entende — uma nova voz disse de repente. — Como não responder. Ela não sabe ficar de boca fechada; é só perguntar para o Silas Moore.

Melissa ficou olhando enquanto uma de suas amigas ria com escárnio; então voltou a fúria para a menina ao lado de Tessa.

— Cala a boca, Poppy! Todo mundo sabe o que você fez na semana passada.

— Engraçado — a menina chamada Poppy disse. — Por que nenhum menino nunca se gaba do que faz com você? Eles sempre parecem meio tristes e desapontados.

— Meninas, por que nenhuma de vocês está trabalhando? — Esse foi o sr. Rykov, caminhando na direção delas. Melissa e suas amigas começaram imediatamente a se dispersar. Poppy, por sua vez, olhou diretamente nos olhos dele.

— Só estou ajudando a Tertia, sr. Ry — ela disse, alegremente. — É esse o tipo de pessoa que eu sou. — Ela tocou o modelo de Tessa e virou a molécula com habilidade.

O sr. Rykov pareceu desconfiado.

— Bem, suponho que... você está com aquela maquiagem horrenda de novo! Falei para você não vir para a aula assim. Vai ficar de detenção comigo amanhã.

— Não posso. Já tenho uma detenção com outro. Mas estou livre na quinta.

— Certo — ele resmungou. — Quinta. Agora volte ao trabalho e tente fazer alguma coisa produtiva nesses últimos dez minutos.

Quando ele saiu, Poppy se voltou para Tessa.

— Sabe por que ele não me mandou para a detenção hoje? Porque todo mundo sabe que ele vai transar com a sra. Braeburn às terças. É o dia em que o marido dela trabalha até tarde.

— Ah — Tessa disse, sem saber ao certo como responder. — Entendi. Então, hum. Meu nome não é Tertia. É Teresa. Hum, Tessa.

— Certo — Poppy disse. — Vamos acabar com o resto disso.

Sem outro comentário, ela assumiu o lugar de Tessa e começou a colocar as respostas enquanto fazia a tarefa. Tessa se debruçou para olhar, surpresa por como Poppy fazia tanto em tão pouco tempo.

A maquiagem "horrenda" era um delineador preto forte e um batom rosa-shocking que combinava com as luzes no cabelo curto e arrepiado de Poppy. Justin vivia falando de como os gemanos eram refinados, mas, aparentemente, só se referia aos amigos dele.

O sinal anunciou o fim da aula e Poppy deu um passo para trás.

— Droga. Bom, a maior parte já foi. Acho que ele não vai ligar para o que você vai entregar mesmo. Você ouviu aquelas babacas. Ninguém acha que você sabe ler. — Ela parou subitamente. — Você sabe, né?

Tessa suspirou.

— Sim. Eu sou fluente em inglês, apesar do sotaque.

Poppy deu de ombros.

— O sotaque é legal.

— Mesmo assim eu queria terminar. Como faço para levar para casa? — Tessa apontou para a tela em que Poppy tinha inserido as respostas. Até então, todo o trabalho de Tessa havia sido terminado em aula e ela só tinha conseguido enviar das telas para os professores.

— Fácil. — Poppy pegou o ego de Tessa e o colocou sobre um pequeno suporte. Alguns toques na tela e ela se apagou. Então, devolveu o ego. — Pronto. Só fazer o upload depois. Mas o seu modelo vai ficar em 2-D. A menos que você tenha um projetor.

A casa luxuosa tinha muitos confortos, mas Tessa não tinha visto nenhum projetor. Pensando no pouco que entendia, disse:

— Acho que não tem muita importância.

Poppy juntou suas coisas.

— Onde você mora?

Embora Justin se recusasse a chamar o bairro de qualquer coisa que não fosse "subúrbios", Tessa havia descoberto o nome fazia pouco tempo.

— Cherrywood.

— Ei, eu também. Podemos voltar andando.

Poppy virou de costas como se a questão estivesse decidida. Depois de um pouco de hesitação, Tessa a seguiu. Ela tinha ido de

ônibus de manhã. Era mais um veículo automatizado, só que esse tinha um supervisor para manter os alunos comportados. Claro, a distância da escola não era muito grande, mas ninguém andava um trajeto tão grande sozinho no Panamá. Poppy, porém, não tinha medo, e Justin e Cynthia não pareciam se importar com o meio de transporte de Tessa desde que ela conseguisse ir e voltar da escola.

Poppy acendeu um cigarro assim que passaram três quarteirões. Fumar era muito menos comum naquele país, e Justin se mantinha fiel a seu compromisso de parar. Aqueles que fumavam respeitavam as leis dos lugares onde era permitido, e sempre jogavam as bitucas no lixo.

Tessa logo descobriu que Poppy não tinha noção de limites pessoais. Ela a bombardeou com perguntas sobre o Panamá, mas de uma maneira que pareceu mais uma curiosidade amigável do que algum tipo de condescendência perversa. As reações de Poppy passavam por toda uma gama de emoções conforme os boatos que tinha ouvido eram confirmados ou refutados. Ela pareceu sinceramente desapontada ao ouvir estereótipos particularmente selvagens serem descartados, mas a sinceridade era a mesma no encanto extremo com outras revelações.

— Sério? Nenhuma lei antiarmas?

— Não. Nem sei como aplicariam uma. Dá para comprar arma em qualquer lugar.

— Aqui não. — Poppy parecia querer uma. — É difícil contrabandear, e a produção é vigiada muito de perto. Bem que eu gostaria de aprender a usar.

— Se alista no exército — Tessa sugeriu.

— Não. Nunca conseguiria seguir todas aquelas regras. É aqui que você mora?

Tessa tinha parado diante de sua casa.

— Sim.

Poppy aprovou com a cabeça.

— Uau, que legal. Seus pais devem ter se dado muito bem na província.

— Eu moro com uns amigos.

— Legal. — Poppy sorriu. — Você é tipo uma órfã resgatada da violência das ruas?

Era difícil acompanhar Poppy às vezes.

— Não exatamente. Meus pais ainda moram lá.

— Certo, legal também — Poppy disse. — Quer tomar café antes da aula amanhã?

Ela queria? Tessa não tinha certeza no começo, mas então achou que poderia ser legal. Poppy foi a única pessoa que a tratou como um ser humano naquele dia e, além disso, parecia ser uma boa pessoa para se ter por perto caso Melissa viesse atrás dela. Tessa aceitou, e Poppy disse que chegaria às seis e meia.

Ao se aproximar de casa, Tessa foi recebida pela estranha visão de um homem sentado no degrau da entrada que ela não havia visto da rua. Ao vê-la, ele abriu um sorriso e se levantou com um salto. Tessa se deteve na calçada, nervosa demais para continuar. Ela supôs que ele teria a idade de Justin, e ele tinha a mesma presença poderosa, mas um tanto diferente. Ele era alto e tinha os ombros largos, e vestia uma camiseta cinza que deixava à mostra seus braços extraordinariamente musculosos. Seus traços eram plebeus, pele morena e olhos castanhos, mas seu cabelo longo era pintado de loiro.

— Finalmente — ele disse, com uma voz forte que a incitava a relaxar, mas só deixou a menina ainda mais tensa. — Eu já estava quase desistindo. O meu bom amigo dr. March está aqui?

— Você é amigo de Justin?

— Sim, claro. Ele é meu servidor preferido. Senti falta dele. Tinha me acostumado com as visitas anuais e então puf! Ele some sem nem deixar vestígio. Fiquei magoado. O substituto dele foi uma grande decepção.

Tessa realmente não tinha ideia de como responder.

Ele estendeu a mão, gentil, e ela hesitou antes de apertar.

— Minha querida, você pode me chamar de Geraki.

— Ah. Eu sou Tessa.

— Eles me falaram que ele tinha uma protegida, mas eu não estava esperando alguém como você. É muito doce. E curioso. — Por trás daquele rosto amigável, Tessa entreviu algo arriscado e pernicioso.

— Ele não está — ela disse. Tirou a mão do forte aperto dele e olhou ao redor, ansiosa. Uma vizinha estava do lado de fora

mexendo no jardim, o que fez Tessa se sentir um pouco mais segura. Ela também podia ver umas crianças voltando da escola, o que significava que Quentin também voltaria logo. Cynthia havia dito que chegaria em torno da mesma hora. — Ele não deve voltar tão cedo. Está fora da cidade.

— Pena. Queria muito encontrar com ele.

— Ele está com uma pretoriana. — Ela não soube exatamente o que a fez dizer isso ou por que isso acabou soando como um desafio.

Geraki riu baixinho.

— Me falaram isso também. É fantástico como ele consegue as coisas.

— Ele não pediu. — Era o pouco que Tessa sabia do estranho relacionamento entre Justin e Mae. — Acho que só aconteceu.

— As coisas sempre "só acontecem" com Justin e ele mal percebe. Ou, se percebe, acha que é por causa da esperteza dele. — Geraki suspirou e meneou a cabeça. — Vou falar uma coisa para você, é um desperdício os corvos estarem com ele, mas quem sou eu para ditar os poderes superiores?

O pânico de Tessa foi crescendo.

— Olhe, sr. Geraki...

— Não precisa me chamar de senhor.

— Geraki, eu preciso ir. — Ela torceu para que ele não tentasse impedi-la. A vizinha faria alguma coisa se ela gritasse. — Talvez você possa ligar para ele.

Geraki entreabriu um sorriso.

— Não sei se ele atenderia as minhas ligações. Mas, enfim, vou deixar você cuidar de suas coisas. Fale para ele que eu mandei um oi. E pergunte por que os empregadores dele contrataram tanta gente. — Ele fez uma grande e pomposa reverência. — Foi um grande prazer te conhecer. Tenho certeza de que nossos caminhos vão se cruzar de novo.

Com isso, ele colocou as mãos nos bolsos da calça jeans e foi-se embora, assobiando enquanto caminhava. Tessa o observou por alguns segundos e então correu para dentro, trancando a porta atrás de si.

Cynthia e Quentin chegaram em menos de uma hora, fazendo

Tessa se sentir muito mais segura. Ela hesitou em contar a Cynthia sobre Geraki sem antes falar com Justin. Além disso, Cynthia queria ouvir tudo sobre a experiência de Tessa na escola. Quando Tessa terminou seu relato muito editado, descobriu que Cynthia também havia tido uma experiência acadêmica.

— Eu tive a minha primeira aula. — Ela não parecia completamente feliz com isso. — Estou tentando fazer isso rolar faz uns quatro anos e, então, meu irmãozão mexe uns pauzinhos e me coloca lá em menos de quatro dias.

Tessa tinha ouvido pedaços dessa história antes, mas nunca entendeu a coisa toda.

— Na... universidade?

— Sim. — Cynthia abriu a despensa e começou a considerar as opções de jantar.

Como Cynthia oscilava entre ser gentil e irritadiça, Tessa sempre hesitava antes de perguntar informações pessoais. A curiosidade venceu dessa vez.

— As pessoas não costumam ir para a faculdade mais cedo? — Ela quase disse "mais jovens", mas pensou que seria grosseiro.

Cynthia bufou e colocou um saco de legumes na tábua.

— Sim. — Ela lançou um olhar rápido para a sala, onde Quentin assistia a um programa de TV. — E normalmente elas colocam os filhos na creche nacional enquanto estudam. Mas eu tive um marido excêntrico que queria que eu ficasse em casa até que Quentin fosse para a escola primária.

Tessa esqueceu Geraki. Ela nunca tinha ouvido a história do marido de Cynthia, exceto que ele havia morrido quando Quentin ainda era muito pequeno.

— Pensando agora, não foi tão ruim. — A expressão de Cynthia se suavizou um pouco. — Eu gostava de ficar em casa com ele. Mas nisso eu perdi minha chance. Sabe como funciona? O ensino superior só é de graça até certa idade. Peter me disse que não teria problema, porque, quando ele terminasse a faculdade de direito e Quentin começasse o primário, nós teríamos dinheiro suficiente para pagar minha graduação do nosso próprio bolso. — Ela fez uma pausa. — Mas então ele morreu.

— Meus... meus pêsames.

O rosto de Cynthia estava muito calmo enquanto ela falava.

— Foi um acidente de carro. Mas não se preocupa: eles são muito raros. Mas acontecem. E, quando as coisas se acalmaram, descobri que Peter na verdade não estava economizando o dinheiro que dizia estar. Ele passava muito tempo no jogo depois da aula. Pelo jeito eu não consigo fugir disso. — Ela cortou uma cenoura com mais força que o necessário. — Enfim, não importa. Na época eu só queria chorar e Justin me disse para eu não me preocupar, sabe... daquele jeito dele. Ele disse que sustentaria a gente e me mandaria para a universidade quando eu estivesse pronta. Mas infelizmente não foi o que aconteceu.

Essa foi uma surpresa. Tessa não conseguia imaginar Justin dando para trás de uma promessa como essa.

— Por que não? — ela perguntou.

— Porque de repente ele sumiu da face da terra, e todo o dinheiro acabou. Daí eu fiquei trabalhando como garçonete e pedi uma concessão especial. — Ela levantou os olhos para Tessa e gesticulou com a faca, usando-a para pontuar suas palavras. — Quer um conselho? Nunca dê ouvidos às promessas dos homens, mesmo se eles tiverem boas intenções. Cuide você de si mesma.

Tessa achou que era uma boa hora para fazer a lição de casa.

Justin voltou tarde de novo. Quentin já tinha ido para a cama, mas Cynthia ainda estava acordada, assistindo a um filme com Tessa. Ele estava com a mesma aparência exausta de todas as noites e repetiu o ritual de costume, afundando-se na poltrona com uma garrafa de cerveja. Cynthia olhou para ele com recriminação.

— Por que você bebe esse negócio? É cara e nem é tão boa assim. Só liga para a marca mesmo.

— Bom te ver também — ele disse. Voltou-se para Tessa. — E você? Me conte alguma coisa que não vai me estressar. Como foi seu primeiro dia?

Tessa hesitou, sem saber como começar. Justin vinha olhando para ela com um sorriso indolente, mas subitamente ficou atento.

— O que aconteceu?

— Um homem passou aqui hoje. Um ... — Ela franziu a testa, lembrando-se do encontro bizarro na porta de casa. — Um homem que disse que era seu amigo.

Justin arqueou a sobrancelha.

— Ah, é? Da universidade?

— Acho que não. O nome dele é Geraki.

Justin se empertigou rapidamente.

— Ele entrou *aqui*? Na nossa casa?

Ela se retraiu um pouco. Não esperava por aquela reação.

— Não... ele conversou comigo lá fora. Estava esperando lá quando eu cheguei.

— Você estava em casa? — Justin perguntou para Cynthia.

— Não — ela respondeu. — Só estou sabendo disso agora.

— Ele disse que ficou feliz com a sua volta e que quer ver você — Tessa explicou. — Também disse que é o servidor preferido dele.

— Faz sentido, já que ele é meu megalomaníaco preferido — ele murmurou. — Seu olhar se voltou para Tessa. — Ele ameaçou você? Te machucou?

Tessa fez que não.

Cynthia lançou um olhar desconfiado para o irmão.

— No que você se meteu dessa vez?

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, mas seu olhar parecia apreensivo. Por fim, sorriu para Cynthia, mas Tessa ainda conseguia ver a tensão em todo o corpo dele.

— Nada. Só um cara para quem eu estou devendo dinheiro. Um jogo de cartas que deu errado.

— Sabia. — Cynthia se levantou aborrecida. Para Tessa, disse: — Viu? Eu não consigo fugir disso. Eu vou para a cama. Você devia ir também; já está tarde.

Tessa hesitou, mas não podia lutar contra a lógica ou o olhar severo de Cynthia. Só quando já estava na cama se lembrou de que Justin nunca jogava cartas.

15. Ele é mais alto

Leo estava com o vídeo fazia mais de uma semana, mas não tinha conseguido decifrar a charada em "cinco minutos" como Justin havia prometido para Cornelia. Leo ainda jurava que encontraria o segredo da figura fantasmagórica a qualquer momento agora e, finalmente, aceitou ir a um dos locais do crime para dar uma olhada nas questões técnicas e forenses. Junto, trazia algumas reclamações sobre a saudade que sentia de seu trabalho ridículo.

Justin saiu na noite anterior à viagem e teve a sorte de topar com uma antiga aluna dos tempos em que dava aulas de religião na universidade. Aurelia tinha crescido muito nesses últimos anos e ficou muito encantada com a ideia de o antigo professor levar uma vida luxuosa de servidor. Ela foi a primeira mulher com quem ele dormiu desde que voltou para a RANU, e a experiência foi sublime. Ele concluiu que, tecnicamente falando, ela não era diferente de nenhuma das mulheres panamenhas com quem havia passado o tempo no exílio, mas existia um encanto na ideia de finalmente voltar a ter nos braços uma mulher gemana. Aumentava a excitação da coisa toda.

Finalmente?, Horatio perguntou.

Mae não conta, Justin retrucou.

Na manhã seguinte, Justin voltou para casa na ponta dos pés, certo de que chegaria antes que todos acordassem. Ele estava errado, claro. Cynthia estava na cozinha, servindo café. Adivinhando o que havia acontecido, suspirando com aquele ar contrariado que havia aperfeiçoado.

— Sério? Ainda bem que o Quentin ainda está dormindo. O que eu vou dizer a ele quando você chegar em casa assim?

Justin deu um beijo no rosto dela.

— Que eu vou ter ótimas dicas para ele daqui a dez anos. —

Então, reconsiderou. Afinal, o menino era um March. — Oito anos.

Seguiu para o quarto, ainda lépido e saltitante.

Mae já tinha chegado quando ele saiu do banho. Ela sempre dizia que vinha para a casa deles para economizar o tempo de viagem, mas ele suspeitava que, na verdade, ia lá por causa dos generosos cafés da manhã que Cynthia preparava. Naquele dia, ele se deparou com a surpreendente visão de Mae, Tessa e Quentin no quintal. Cynthia estava no batente da porta de vidro, desaprovando com a cabeça o que parecia ser uma aula de subir em árvores. Com habilidade, Mae agarrou o galho mais baixo do grande bordo e, sem nenhum esforço, lançou-se para cima dele. Quentin e Tessa não tiravam os olhos dela. O olhar dele era de fascinação; o dela, de insegurança. Justin percebeu que nenhum dos dois tinha experiência em subir em árvores. A mãe de Tessa teria um ataque só de pensar nessa ideia, enquanto Quentin havia crescido num ambiente urbano demais para isso.

— Ele vai quebrar o braço — Cynthia resmungou. Mae estendeu a mão para ajudar Quentin a subir. Ele segurou a mão dela, afoito. — Ele não consegue fazer as mesmas coisas que ela.

— Mas vale a pena para ele ver uma árvore de verdade. — Quando Quentin conseguiu subir, Mae ajudou Tessa. — Você preferia que ele estivesse adivinhando idades e histórias de vida?

Cynthia fez uma careta e os dois ficaram em silêncio, ruminando a mesma memória. Com seus alunos acomodados e em segurança, Mae subiu para os galhos mais altos. Seu rosto estava iluminado de alegria, e Justin não conseguia tirar os olhos dela. Havia pensado que Aurelia tornaria mais fácil ficar perto de Mae, mas o rosto da menina já estava desaparecendo de sua mente enquanto observava Mae.

— Ela é uma atleta — Justin comentou, mais para si mesmo do que para Cynthia. Sem nenhum esforço, ela pulou no chão de uma altura que quebraria os ossos de qualquer outra pessoa.

Sua irmã olhou de esguelha para ele.

— Você jura? Precisou de uma árvore para perceber isso, e não a parte que ela é um dos soldados mais letais do país?

— Tem uma diferença. Ela é malhada porque gosta, não porque foi treinada para ser. — Essa era uma descoberta nova sobre ela,

mais uma peça do misterioso quebra-cabeça que era Mae Koskinen. Ele podia se manter firme na postura de não tocar as mãos nela, mas a necessidade de descobrir como ela era por dentro era algo que ele não podia ignorar.

— Você não pode dormir com ela — Cynthia disse abruptamente.

Ele se voltou para ela, surpreso.

— Como assim?

— Algumas mulheres não são para o seu bico.

Ah, *se ela soubesse*, *morreria de rir*, Horatio comentou.

Mae percebeu que estava sendo observada, e ajudou Quentin e Tessa a descer para que pudessem voltar para dentro de casa. Obviamente, não havia derramado uma gota de suor, mas suas bochechas estavam muito coradas e seus olhos brilhavam com a mesma alegria quando entrou.

— Bom dia — ela disse para ele, parecendo realmente sincera. Pelo jeito, subir em árvores a deixava de tão bom humor que ela esquecia por um tempo que odiava Justin. — Espero que não tenhamos demorado muito.

— Sem problema — Justin disse, mais encantado do que queria admitir com o vislumbre da mulher que gostava de chamar de "Mae panamenha". — Estamos bem na hora. Vamos lá ver o que os nipônicos têm a dizer.

Ele tinha marcado um compromisso antes do horário que tinham de ir para o aeroporto, e usou o trajeto até a cidade para contar sobre Geraki. Quando terminou a história, ela ficou olhando para ele, incrédula.

— Por que vamos para a capitania nipônica quando tem um fanático religioso atrás de você? — ela exclamou. *Este* era o tipo de perigo por que ansiava: uma ameaça à vida dele que não tivesse sido causada por ele mesmo. — Precisamos encontrar esse homem!

— As autoridades vão encontrar. Quer dizer, as outras autoridades. A Segurança Interna tem um mandado contra ele. Assim que ele passar por um posto de verificação, levam o cara para interrogação.

Mae ainda não parecia convencida. Na verdade, parecia que pularia do trem naquela mesma hora se fosse possível. Pelo que

conhecia dela, ela devia conseguir pular e sobreviver à queda.

— Mas será que conseguem deter o cara?

— Vão deter por algum tempo — ele disse. — Alguém como ele aparecendo na casa de um servidor é uma coisa muito séria... mas, é, ninguém vai conseguir provar que ele queria fazer algum mal.

Isso era típico de Geraki. Ele tinha ficado numa lista de vigilância durante anos. Justin sabia que Geraki era líder de uma seita, mas ninguém conseguia provar. Só sabia por instinto e evidências circunstanciais, o que não era o bastante para enquadrar alguém tão esperto como ele. Todo ano, a repartição dos servidores o investigava. E, todo ano, ele era considerado inocente. O pior era que Justin sabia que ele era uma das pessoas ligadas à rede secreta de religiões, assim como Callista, a sacerdotisa de Artêmis. A diferença entre os dois era que Geraki não fazia o tipo que entregava informações.

Da sua parte, Geraki parecia gostar das visitas dos servidores com seus ares condescendentes de superioridade. Ele era sempre jovial e cooperativo, garantindo aos servidores que podiam olhar tudo o que quisessem. Enquanto isso, Justin via uma faísca nos olhos dele que era ao mesmo tempo astuta e zombeteira.

Mas ir à casa de Justin não combinava com ele. Havia retaliações ocasionais quando algumas religiões eram fechadas, mas Geraki não tinha por que se vingar. Ninguém o havia censurado. Ninguém nunca havia provado que ele tinha um seguidor sequer. Mesmo assim, Justin não queria aquele homem perto de sua família.

Você deveria conversar com ele, Magnus disse. *Ele pode ter alguma coisa importante para falar.*

Justin não se convenceu.

Eu sei o que ele tem para falar. Um monte de asneiras enigmáticas e uma alegação de inocência. Enquanto isso, vai ficar rindo pelas minhas costas.

Ao ver a severidade no rosto de Mae, Justin não conseguiu deixar de provocá-la.

— Você realmente parece preocupada com a minha segurança. E eu aqui achando que você não ligava.

— E eu não ligo — ela disse. — Quer dizer... ligo, mas... deixa para lá. Eu me importo com os maníacos religiosos que vêm atrás

de você.

— Se tudo der certo, a detenção vai deixar o cara com medo; então a gente consegue uma ordem de restrição para proibi-lo de chegar perto.

O que ele não mencionou para Mae era que, na verdade, Geraki era o motivo daquela viagem. Uma coisa específica que Tessa havia mencionado quando indagada sobre o encontro com Geraki provocara o interesse de Justin: o comentário sobre a ICS estar contratando mais servidores. Mexendo os pauzinhos, descobriu que era verdade, mas ninguém conseguia explicar o aumento nas contratações.

O carro os levou até a Casa dos Senadores, não muito longe da Hale Square. Embora ainda fosse cedo, o principal prédio do governo da RANU já estava fervilhando de gente. Lobistas e assistentes subiam e desciam as escadas com pressa, enquanto turistas paravam para tirar fotos. Tours guiados começavam cedo, e Justin pôde ouvir um guia descrevendo o prédio temporário que os senadores usaram depois do Declínio. Ao lado, uma placa apontava o caminho para os Jardins Nacionais a alguns quarteirões, uma das grandes maravilhas de horticultura que atraía visitantes de todas as partes da RANU e abrigava luxuosas festas políticas.

Foi então que Mae, que sempre caminhava com tanta confiança, vacilou. Justin olhou para ela, surpreso. O senado deixava muitas pessoas deslumbradas, mas ela não era desse tipo. Ela deve ter visto aquele prédio inúmeras vezes, ainda mais porque os pretorianos tinham uma forte presença ali.

Agora, inclusive, havia três pretorianos em cada lado da entrada do prédio, vigilantes e com a expressão dura enquanto cumpriam sua atividade matinal. Com armas presas ostensivamente na cintura, suas fardas pretas formavam um forte — e quase sinistro — contraste com o branco do mármore. As pessoas que trabalhavam no prédio passavam pelos pretorianos com tranquilidade, mas os recém-chegados evitavam se aproximar, lançando olhares nervosos para os guardas.

— Seus amigos? — Justin perguntou, ainda confuso com a reação de Mae. Havia uma intensidade no olhar fixo dela combinada a alguma emoção que ele não conseguiu identificar.

Mae se recuperou e abriu um pequeno sorriso antes de continuar a subir as escadas.

— Faz tempo só; nada de mais.

A maioria dos pretorianos deu a Justin e Mae a mesma olhadela rápida que todos recebiam, mas alguns olharam para ela parecendo reconhecê-la. Ela deu um pequeno aceno de cabeça e passou pela porta, logo retomando seu ar glacial e controlado.

Depois que passaram pelo longo posto de verificação de segurança do prédio, uma assistente os levou em direção ao escritório de Lucian Darling. Eles cruzaram com outros militares espalhados em toda parte, de fardas cinza e pretas misturados. Mae olhava para eles sem dizer uma única palavra ou mudar a expressão, mas, quando finalmente chegaram ao gabinete, dois homens pretorianos parados perto da porta desfizeram as expressões graves e sorriram para ela.

— Koskinen — um deles disse. Ele tinha um ponto vermelho no colarinho. — Finalmente soltaram você então.

— Saca só esse decote — o outro disse. Ele se voltou para o colega. — Acho que a gente devia revistar essa mulher. Sabe, pelo bem da segurança nacional. Se a gente tiver sorte, ela pode resistir.

A coisa mais surpreendente aconteceu. Mae sorriu — um sorriso sincero e completo. Era a Mae panamenha. Aquele sorriso partia dos seus olhos e iluminava todas as partes do corpo dela. Ele achou que nunca mais veria aquela luz ao redor dela, pelo menos não com os comentários sexistas dele.

Queria saber o que você precisa fazer para receber um sorriso assim também, Magnus disse, saudoso.

Use uma farda, Horatio sugeriu. *Ou faça comentários sexuais nada apropriados.*

— Dizem que esse é o único jeito que você tem de passar a mão numa mulher, Chow — Mae disse. — Quer dizer, isso e *ree*.

O tal do Chow riu zombeteiro, mas o outro pretoriano soltou uma gargalhada.

— Por que você não está aqui com a gente?

— Esquece isso — o outro rapaz disse. — Venha sair com a gente hoje. Ouvi dizer que tem uma festa.

— Sempre tem uma festa — Mae disse.

A assistente pigarreou.

— Hum, dr. March. Este é o gabinete do senador Darling. — Ela parecia visivelmente constrangida, talvez porque nunca tivesse ouvido um dos pretorianos falar, ou visto um deles sorrir.

— Certo — Justin disse, ainda chocado com os gracejos entre supostas máquinas mortíferas. — Obrigado. Vamos assumir daqui. — A assistente saiu e ele hesitou antes de entrar no gabinete. Sentiu que estaria privando Mae de alguma coisa caso a tirasse dali. — Você pode ficar se quiser — ele disse. — Não precisa mesmo vir. Não vai ser nenhuma surpresa se tiver uma fila de espera.

Ele achou que Mae, a grande cumpridora do dever, protestaria, mas, em vez disso, ela voltou o mesmo sorriso para ele.

— Obrigada.

Acho que está aí o que você pode fazer para conseguir esse sorriso, Horatio disse. *Mas tome cuidado, senão ela vai começar a gostar de você de novo*.

Justin disse que talvez tivesse que esperar apenas para justificar a proposta. Ele não estava realmente achando que ficaria preso na recepção por meia hora. Mae abriu a porta três vezes, preocupada por estar longe e, toda vez, ele a dispensou com a mão. Quando Justin lembrou o recepcionista de que tinha hora marcada, o rapaz respondeu arrogante:

— O senador é um homem muito ocupado. É comum as reuniões passarem da hora.

Justin ficou se perguntando se isso era verdade ou se Lucian só estava tirando um cochilo no escritório. Nos velhos tempos, isso seria bem comum.

Mas, quando a porta finalmente se abriu, duas mulheres com ares de executivas saíram da sala e apertaram a mão de Lucian, derramando agradecimentos pelo tempo dele.

— O senador vai ver o senhor agora — o recepcionista disse.

— Tem uma mulher comigo — Justin disse. — Mostre-lhe o caminho quando ela voltar.

— Claro que tem uma mulher com você — Lucian disse. — Sempre tem. — Ele apertou a mão de Justin e o convidou para entrar.

Fechada a porta, Lucian se encostou na beira da escrivaninha,

atônito.

— Que doido! Quando vi seu nome na agenda, pensei que fosse uma piada.

Justin levou alguns segundos para estudar seu velho amigo e colega de quarto. Ele parecia o mesmo da TV, sorridente e charmoso, com aquele cabelo com luzes que a vendedora havia achado "sexy".

— Engraçado, porque eu pensei a mesma coisa quando vi que você estava concorrendo para cônsul. — Justin caminhou até uma garrafa de uísque escocês perto da janela. Algumas coisas não mudaram pelo menos. — Posso beber?

— Até cair. — Justin podia sentir os olhos de Lucian pesando sobre ele. — A eleição não é nenhuma novidade, mas ouvi dizer que você andou viajando.

Justin serviu um copo.

— É? Como você ouviu isso? Quer dizer, tirando a parte que eu não retornei nenhuma das ligações das quais eu tenho certeza que você fez nos últimos quatro anos.

— Fiz uma investigaçãozinha quando seu nome apareceu. Quer dizer, meu assistente fez. — A afetação de Lucian começou a diminuir. — Que diabos você fez? As pessoas não são exiladas. E, quando são, não voltam.

Foi um alívio descobrir que o acesso de Lucian não chegava a tal ponto, mas Justin não ficou surpreso. A maior parte da Segurança Interna não sabia nem mesmo o passado dele todo.

— Não é uma história tão interessante assim — Justin respondeu. — Ainda mais se comparada a de um cara que antes fazia parte de um comitê que regulava animais de estimação no transporte público e que virou candidato a cônsul.

Lucian entendeu a indireta e voltou a sorrir.

— Você acha que eu não me preocupo com o país? E com os animais de estimação dele?

— Acho que você sempre foi o tipo que prefere o caminho mais fácil. Sempre tentou passar despercebido.

— Pois é. Então, um belo dia, eu me transformei no alvo. — Lucian estreitou os olhos castanhos, concentrado em alguma lembrança. — Foi um comentário num almoço sobre como acabar

com os últimos mandatos. Era para ser confidencial, mas acabou não sendo. No dia seguinte, Lucian Darling era o defensor daqueles que procuravam liberdade genética. Meu partido foi na onda da popularidade e me convenceu de que essa era uma oportunidade que não podíamos deixar passar. — Ele abriu os braços. — E aqui estou eu, um dos mais jovens candidatos a cônsul da história.

— Pagando a língua.

— Não é tão ruim assim. Eu realmente acredito no que faço, sabe. — Ele apontou com a cabeça para o uísque de Justin. — O que achou?

— Excelente. Claro, eu andei nas províncias, então meu padrão ainda está bem baixo.

Lucian riu.

— Ouvi dizer isso também. Adivinha quem me deu? Os lobistas pela liberdade religiosa.

Uau. Lucian realmente estava envolvido com plataformas sérias agora. Os dias da faculdade e das festas no dormitório pareciam ter sido séculos atrás.

— Você está tentando criar uma coisa nova. Genes e religião. Realmente é uma nova era.

— Eu nunca disse que apoio essas pessoas. — Justin percebeu que Lucian também não disse ser contra. — Está com medo de perder o emprego?

— Vou concorrer para algum cargo público. Ouvi dizer que não é tão difícil.

Isso trouxe outro sorriso aos lábios de Lucian, e Justin ficou se perguntando se era esse o sorriso que Tessa havia dito ser igual ao dele.

— Não se preocupe, eu tenho um monte de antirreligiosos batendo na minha porta também... e eles têm muito mais dinheiro. Mas, enfim, a que eu devo o prazer da companhia? Você nunca me fez visitas informais antes de ir embora.

— Eu vim pedir um favor.

— Na última vez em que me pediu um favor, minha namorada acabou de quatro na sua mesa. — Lucian se serviu de um copo de uísque.

Justin suspirou.

— Quando você vai superar isso? Ela era sua *ex*-namorada, e realmente estava me ajudando com meu trabalho.

— Ah, é? Sobre o que era exatamente?

O recepcionista de Lucian abriu a porta de repente e deu passagem para que Mae entrasse.

— Desculpe — Mae disse a Justin. — Não sabia que já tinha entrado.

Ela tinha voltado a ficar séria, retomando a postura profissional, mas ele podia ver aquela luz nos olhos dela. E Lucian também. Rapidamente ele colocou o copo de uísque na mesa, e caminhou até ela com passos largos e o sorriso sedutor no rosto.

— Senador — ela disse, apertando a mão dele —, é uma honra conhecer o senhor.

— Pode me chamar de Lucian. Estamos sem grandes formalidades aqui. — Lucian continuou segurando a mão dela. — E você é...?

— Mae. — Ela também sorria, mas, felizmente, com divertimento, e não com aquela alegria sincera de antes.

— *Pretoriana* Mae Koskinen — Justin disse.

Ele falou isso para fazer Lucian recuar, mas pareceu intrigá-lo ainda mais.

— Sério? — Lucian olhou para ela como se estivesse fazendo uma avaliação oficial de sua força física, mas Justin suspeitou de que, na verdade, estava imaginando como seriam os seios dela sob a bata justa. — Acho que nunca vi você por aqui antes.

Mantenha esse homem longe dela, Magnus disse, mais exaltado do que de costume.

Eu sei que vocês ainda têm esperanças de me juntar com ela, Justin disse, *mas olha só. Ele nem faz o tipo dela.*

Que tipo seria esse?, Horatio perguntou. *O tipo alto, bonito, poderoso e sedutor? Ele pode reduzir suas chances.*

Eu sou todas essas coisas, Justin retorquiu. *E eu nem quero uma chance.*

Ele é mais alto que você, Horatio disse.

Surpreendentemente, Magnus parecia realmente frustrado com Justin e o outro corvo. *É mais do que isso! A deusa que quer Mae ainda não fez uma proposta oficial. Isso a deixa vulnerável aos outros.*

Magnus vinha sendo bem coerente desde o retorno deles à RANU, então Justin imaginava que seria só uma questão de tempo até que o corvo voltasse ao normal. Independentemente da roupa ou da situação, "vulnerável" era uma palavra que Justin nunca aplicaria a Mae.

— Ela não fica aqui — Justin disse, antes de uma pausa dramática. — Ela fica comigo.

Isso bastou para que Lucian desviasse os olhos de Mae e franzisse a testa.

— Como assim?

— Bom, você sabe como o meu trabalho é perigoso e excruciante, com ataques constantes contra minha vida e os dissidentes malucos que eu enfrento.

Mae lançou um olhar incrédulo para Justin.

— Então a ICS decidiu aumentar minha proteção, dada a minha importância. — Sentindo-se novamente no controle, Justin se serviu de outra dose de uísque. — Mae é meu guarda-costas. Nós estamos indo juntos para a capitania nipônica. Ela vai comigo para todos os lugares. *Todos os lugares*.

Ela entendeu a indireta e fixou o olhar frio contra ele.

— Você está exagerando.

— Ele exagera muitas coisas sobre muitas mulheres — Lucian disse, antes de se voltar para Justin. — Então, que favor é esse?

Colocar Lucian no seu devido lugar era uma atividade de que Justin nunca se cansava, mas o tempo estava passando e ele realmente tinha assuntos sérios a tratar.

— A ICS está contratando muita gente. O número de servidores disparou nos últimos seis meses.

— Provavelmente à custa de algum outro programa importante do governo — Lucian disse. — Você está preocupado com seu emprego de novo? Com medo que eles encontrem alguém melhor e mais barato?

— Não, eu quero saber o porquê desse aumento. Faz anos que estamos fechando templos. Na verdade, os números deveriam estar diminuindo.

Lucian achou que seria melhor voltar a fazer graça.

— Você devia olhar na sua área para saber isso. Alguém na ICS

deve saber.

— Tenho certeza de que alguém sabe, mas ninguém me fala nada. — As melhores respostas que ele havia recebido eram resmungos sem sentido sobre "superávit no orçamento" e "vagas extras", mas nada de concreto. Cornelia havia dado um bolo nele, e ele não tinha o acesso ou a boa vontade para importunar ninguém num cargo mais elevado que o dela. — Alguém na Segurança Interna ou, mais importante, os amigos de um senador que trabalham lá podem estar dispostos a contar a esse jovem senador promissor que está concorrendo para cônsul. Seria uma ótima maneira de cobrar um favor.

— Entendi. — Os lábios de Lucian se retorceram. — Mas seria um pedido estranho.

Justin teve uma inspiração súbita.

— Seria? Você tem lobistas de liberdade religiosa mandando presentes para você. Perguntar sobre a repartição dos servidores faria bastante sentido.

— Você pensa em tudo mesmo, hein? — Aquilo não era para ser um elogio. — Pensou também num motivo inteligente para eu fazer isso por você?

— Porque nós somos amigos. E você pode precisar de um bom servidor do seu lado caso esses lobistas se voltem contra você. Ou, poxa, faça isso pelos velhos tempos.

— Você está falando da minha namorada?

— Ex — Justin o lembrou.

— Certo. Pelos velhos tempos. — Lucian se voltou para Mae, que vinha observando a negociação com um misto de perplexidade e fascínio. — Mas agora sou eu que tenho um favor a pedir. Vou dar uma festa para levantar fundos daqui a algumas semanas. Você poderia ir comigo? Se puder se separar do Justin, claro.

Pelo jeito, aquele era um dia de primeiras vezes para Mae. Tinha começado com aquele sorriso radiante e, agora, passado a um ar de perplexidade. Essa indecisão, porém, só durou alguns segundos. Ela retribuiu Lucian com um sorriso educado e — Justin tinha certeza — ligeiramente arrogante. Era sua educação castal. As jovens damas eram ensinadas a comer homens vivos.

— Eu adoraria — ela disse. — Mas acho que os meus

compromissos não vão permitir.

Lucian não se deixou intimidar:

— Então, olhe a sua agenda e, se acontecer alguma mudança, me avise. Não tenho planos de ir com outra pessoa. Qualquer outra pessoa seria uma decepção agora.

Faça alguma coisa, Magnus vociferou.

— Mae adora festas — Justin disse. Ele lançou um olhar enfático para Lucian. — Ela é uma patrícia nórdica, mas tenho certeza de que você já percebeu isso.

Os olhos de Lucian diziam que ele entendeu o que Justin estava dizendo. Por mais em alta que a figura de Lucian estivesse agora, por mais que a tensão de classes viesse diminuindo nos últimos anos... qualquer suspeita de romance com uma patrícia seria um suicídio político. Os colegas senadores de Lucian eram quem emitiam os votos e seus constituintes patrícios entrariam em alvoroço com a ideia de um plebeu desonrando a pureza de uma patrícia, ainda mais se a pontuação dela viesse a público.

Lucian era nobre demais para dar para trás completamente, embora seu tom fosse mais leviano agora.

— Bom, só me avise então.

Mae só voltou a falar com Justin a caminho do aeroporto, livre do flerte de senadores e da distração dos pretorianos.

— O que foi aquilo? — ela perguntou.

— Usei contatos políticos inexplicáveis para conseguir respostas que meu departamento se recusa a me dar.

Ela disparou um olhar de soslaio para ele.

— Você sabe do que eu estou falando. A presunção lá estava no auge.

— Eu sei — ele disse, assentindo com seriedade. — Às vezes o Lucian não sabe a hora de parar.

— Não ele! Você, com todas aquelas insinuações de "ela vai comigo para todos os lugares".

— Mas é verdade, não é? E ele te chamando para sair em troca de um favor não foi pior? Eu defendi a sua honra, sabia? Ele estava te tratando como um objeto.

— Ele só estava me chamando para sair. — O rosto de Mae ficou pensativo. — Ele parecia um cara legal.

— Você não... não está considerando a sério, está? E o que aconteceu com aquilo de não se rebaixar se misturando com plebeus? Ou você faz uma exceção para homens ricos e poderosos? — A ideia dela nos braços de Lucian, a maneira como o rosto dela ficou vermelho, fez com que Justin se sentisse péssimo. Ele vivia se repetindo que não podia ficar com ela, mas não queria que nenhuma outra pessoa a tivesse também.

Ela ficou olhando pela janela do carro enquanto estacionavam em frente à entrada dianteira do aeroporto.

— Se eu faço ou não é problema meu.

— Você não vai querer fazer isso com um cara como aquele. O trabalho dele é enganar as pessoas.

Mae voltou o olhar para ele.

— Me diz exatamente qual a diferença entre ele e você. Tirando a parte de que, quando ele fala que tem um cargo no governo, ele realmente está falando a verdade.

Pois é, Horatio disse. *Por favor, vá em frente e nos fale.*

Várias respostas passaram pela mente de Justin, mas "Eu sou mais divertido em festas" poderia não ajudar seu argumento depois da overdose em Windsor. Em vez disso, ele disse simplesmente:

— O sorriso era meu primeiro.

Aparentemente, aquela era a resposta errada, pois tudo que Mae disse antes de sair do carro foi:

— Viu só?

16. Princípio e tudo mais

Leo já estava à espera deles na entrada. Ele tinha pegado um voo mais cedo de Portland para que pudessem viajar todos juntos, embora ele ainda tratasse Mae com reservas. Quando já estavam no ar, Justin perguntou para ele sobre o vídeo.

— Descobriu alguma coisa?

Leo se recostou no assento e franziu a testa.

— Não. Fiz todos os testes-padrão e mais alguns que inventei. — Sua atitude fria desapareceu agora que a emoção do trabalho tomava conta dele. — Conheço algumas pessoas que trabalham com cinema e vou dar uma checada com eles. Não se preocupa: não vou deixar ninguém ver o vídeo. Só vou conseguir algumas informações sobre o tipo da câmera. Esse negócio vai ser decifrado. É só uma questão de tempo.

— Talvez você tenha mais sorte na casa — Justin disse. — Descobrir como alguém entrou num quarto trancado por dentro. — Ele abriu um sorriso largo. — Tirando a parte de se transformar em sombra e fumaça, claro.

Leo assentiu com a cabeça.

— Não deve ser nenhum mistério, desde que não tenham mexido no lugar. A última capitania em que você foi zoou todas as informações.

— Não foi culpa minha — Justin disse. — Foi o trabalho porco da própria polícia deles muito antes de a gente chegar lá.

Eles ficaram em silêncio. Justin voltou sua atenção ao leitor, em que estavam informações sobre a vida da vítima nipônica. Mae não deveria se importar, mas achou que precisava aliviar o clima entre ela e Leo. Se era para trabalharem juntos, ela não queria que ele tivesse medo dela.

— Acho que você nunca disse há quanto tempo está casado — ela disse a Leo, sem mencionar os comentários excessivos de Justin

sobre as condições rústicas da vida de Leo ou sua escolha de marido.

Ele olhou desconfiado para ela.

— Dois anos.

Ela respondeu com um sorriso. O dela podia não ser tão cativante quanto o de Justin, mas ela sabia como ser agradável e gentil. Boas meninas castais aprendiam a ser ótimas anfitriãs.

— Vinicultura deve ser um trabalho muito interessante.

— É um trabalho integral — Leo respondeu, lacônico.

Ele estava quebrando as regras de conversas casuais e não estava dando chances para ela continuar.

— Eu já estive lá uma vez, mais perto da costa do que da sua casa. Passamos a maior parte do tempo numa cabana à beira-mar, mas fomos degustar vinhos algumas vezes. É bonito lá.

Ela não sabia o que a tinha feito lembrar essa história. Imaginou que fosse só uma necessidade instintiva de ajudar Leo a se sentir mais à vontade. Fazia tempo que não se lembrava dessa viagem, mas, ao falar dela, um emaranhado de lembranças fluiu dentro de si. O cheiro do mar que quebrava na costa. A cacofonia ininterrupta das andorinhas voando em círculos. O gosto do Pinot Gris que compraram de um senhor que vendia garrafas de vinho na garagem. O sol batendo em seu rosto. O toque dos lençóis em sua pele desnuda nas longas horas que passavam na cama.

Mais uma vez, Leo respondeu monossilábico, e Mae fez sua última e mais bem-sucedida tentativa:

— Onde vocês se conheceram?

Para sua surpresa, Leo disparou num longo relato:

— Conheci o Dom no Li Vale. É um bar em Vancouver. Tem uma lista para entrar, e quase sempre se vê celebridades por lá. Fui encontrar uma amiga naquela noite, mas ela estava atrasada. Então, fiquei pedindo bebidas no balcão. Quando meu terceiro drinque chegou, percebi que tinha esquecido o ego em casa. Dá para imaginar a vergonha que eu passaria num lugar como aquele? Tudo que eu podia fazer era torcer para que minha amiga chegasse logo e pagasse a conta. De repente, Dom apareceu, se sentou ao meu lado e falou para o *bartender* que pagaria tudo. Eu tentei dizer que não precisava e falei que minha amiga viria, mas ele não deu

ouvidos. Agradeci várias vezes e falei que marcaria para recompensar. Ele me falou que preferia que eu pagasse um jantar na noite seguinte. Eu aceitei e, desde então... não nos separamos mais.

Mae não precisou fingir o sorriso dessa vez.

— É uma história linda.

Leo fez que sim e voltou a ficar tenso. Então se levantou e seguiu para o corredor.

— Já volto.

Depois de esperar que uma aeromoça passasse por ele, foi em direção ao banheiro.

Os olhos de Justin ainda estavam no leitor.

— Quem era ele?

— Quem era quem? — Mae não sabia se ele estava se referindo a Leo ou Dominic.

— O namorado com quem você foi para a praia. Algum viking nove?

— O que o fez pensar que era um namorado?

— Porque amigos não alugam cabanas românticas perto do mar juntos.

— Eu nunca disse que era romântica.

— A sua voz disse. — Por fim, ele levantou os olhos. — Tudo em você ficou mais suave... — Seu olhar se deteve nela por mais alguns instantes e, então, voltou à leitura. — Tudo bem. Pode guardar suas histórias sórdidas de ex-namorados para você. Quer dizer, pode tentar. Você conta histórias sem nem perceber.

Mae sabia que não devia entrar na discussão. Se ela havia aprendido alguma coisa era que Justin adorava atenção. Ignorá-lo devia ser o melhor castigo que poderia dar. Mas, como sempre acontecia, ele tinha conseguido atingir um ponto dentro dela que tornava impossível não responder.

— Por que você acha que é um ex? Como sabe que não estamos mais juntos? — ela perguntou.

— Porque você teria falado "eu e meu namorado" quando estava contando. Você não falou. E, embora eu não descartasse traição para a maior parte das pessoas, você não me parece esse tipo. Não teria procurado uma sensacional noite de amor no Panamá se

tivesse envolvida com alguém.

— Você tem um jeito bem frio de analisar relacionamentos — ela disse. Se ele usasse metade da mesma energia solucionando o caso que usava solucionando Mae, já teria resolvido os homicídios àquela altura. — Você não deve achar a história do Leo nem um pouco romântica.

Ele zombou:

— Claro que não. Aquilo era papo-furado. Ele inventou.

Mae ficou desnorteada.

— Por que diria uma coisa dessas?

— Porque foi muito ensaiada. Você não percebeu? Não tinha nenhuma espontaneidade. Nenhuma emoção. Ele contou essa história umas cem vezes, como se estivesse lendo num papelzinho. Além do mais, pensa no Dominic... também conhecido como sr. "eu não gosto de cidades". Você consegue imaginar aquele cara em Vancouver? Ainda mais no Li Vale? Era um lugar aonde o Leo costumava ir e ele só enfiou no continho de fadas dele.

Ela não soube o que dizer. De fato, a história do Leo tinha soado detalhada, mas ela não achou que poderia ser porque ele a teria inventado. As circunstâncias que ele havia descrito não pareceram inventadas também. As pessoas se conheciam em circunstâncias ainda mais estranhas. O próprio passado dela era prova disso.

— Por que Leo inventaria uma história assim? — ela perguntou finalmente. Justin podia ser muito frustrante, mas a maneira como o cérebro engenhoso dele funcionava era de ficar fascinado.

— Eis a questão. — Justin adotou uma voz excessivamente misteriosa. — Talvez seja um segredo. Ou a verdadeira história seja muito chata. Eles podem ter se conhecido no fluxo também. Vai saber.

— Você vai perguntar a ele?

— Não. Vou descobrir mais cedo ou mais tarde mesmo, sem nem tentar.

E assim eles voltaram à arrogância e à autoafirmação. Ela estava começando a pensar que havia imaginado aqueles breves momentos de sinceridade no hospital. Pelo menos, o interesse de Justin em Leo o distraíra do passado romântico dela. Mae o guardava muito fundo no coração e não teria como suportar Justin

analisando a instável montanha-russa que foi aquele relacionamento. Verdadeira ou não, a história de Leo era fichinha comparada ao épico dramático de como ela e Porfirio se conheceram.

Muitas memórias daquela noite eram difusas. Outras se destacavam com uma clareza perfeita e cristalina. Mas era assim que o *ree* funcionava, como uma das poucas substâncias intoxicantes que o implante não conseguia metabolizar com rapidez, seus efeitos surgiam de maneira irregular em todo o corpo dos pretorianos.

As coortes que serviam na cidade estocavam essa droga para dar grandes festas particulares, já que as palhaçadas de pretorianos bêbados em público não costumavam dar muito certo. O exército ainda não tinha tomado providências para sanar a brecha do *ree*, mas todos sabiam que o abuso da substância poderia acabar atraindo a atenção do departamento de pesquisa. A coorte amarela era responsável por aquela reunião e tinha feito de tudo para torná-la uma festa de arromba, a ponto de alugar um salão com banda ao vivo e *bartender*. Havia uns cem pretorianos lá, praticamente todos que estavam a um dia de viagem de Vancouver.

Mae passou a maior parte da noite numa mesa no canto com Val e alguns outros pretorianos. Val e um cerúleo chamado Albright tinham acabado de voltar da América do Sul e trouxeram um jogo de cartas que juravam ser o mais divertido de todos os tempos. Infelizmente, havia alguns problemas. Era um jogo muito complicado e nenhum deles conseguia se lembrar das regras. Combinada com o fato de que todos estavam bêbados, a coisa toda estava um tanto caótica. Mas Mae não se importava muito. Ela estava flutuando na brisa do *ree*, capaz de fluir com qualquer coisa — pelo menos era o que ela pensava.

— Esse é o trunfo — Albright disse a Mae quando ela começou a jogar uma carta. Ele vinha sendo especialmente solícito em ensiná-la. — Guarde para a próxima jogada.

Val franziu a testa, pensativa.

— Não, copas é o trunfo.

— Eu pensei que fosse espadas — um carmesim disse, do outro lado da mesa.

— Copas — Val insistiu.

Albright era um homem extremamente tranquilo e não teve problema com a mudança. Aproximou-se de Mae, colocando o braço ao redor do assento dela enquanto analisava as cartas na sua mão.

— Essa aqui então — ele disse, apontando.

Mae, que tinha quase certeza de que todos estavam errados e que o trunfo era ouros, jogou a carta sem nem pestanejar. Normalmente, teria ficado com raiva de qualquer homem que tentasse ensiná-la alguma coisa, mas Albright fazia isso de uma maneira tão simpática e tranquila que ela não achou seu jeito ameaçador ou insuportável. Também percebeu que estava gostando cada vez mais dele com o correr da noite. Homens pretorianos educados eram raros. Normalmente, todos eram excessivamente autoconfiantes e despachados, e ela começou a considerar que, talvez, aquele tipo de personalidade em particular poderia ser uma boa opção para investir.

— É nada! Eu conheço alguém que pode acabar com você!

Mae e Val levantaram os olhos ao mesmo tempo ao ouvir a voz alta e conhecida a várias mesas de distância. Mesmo numa sala lotada e barulhenta, as duas sempre estavam atentas a Dag. Ele estava de costas para ela, perto de uma mesa que parecia ser composta por índigos e violetas. Era difícil lembrar sem as fardas. De todo modo, Dag estava visivelmente irritado com alguma coisa enquanto gesticulava freneticamente, derrubando seu coquetel de *ree* para todos os lados e falando com alguém que Mae não conseguia ver quem era.

Val lamentou com a cabeça, mas não pareceu particularmente preocupada. Quando se misturam soldados explosivos com bebedeira, era inevitável algum conflito.

— Eu deixo o menino sozinho por cinco minutos e olha só o que acontece. O que você está fazendo? — Essa última parte foi para Albright.

— Você acabou de dizer que copas era o trunfo — ele a lembrou, paciente. Ele era o menos bêbado de todos, o que podia ser um dos

motivos por que também fosse um dos homens menos insuportáveis do salão.

Mae deu um gole de sua bebida, curtindo a forte brisa que causou. Ela tinha acabado de voltar de uma viagem também, das províncias asiáticas, como reforço para a AO. Depois de certas coisas que viu lá, estava contente pela licença temporária.

— Ele está certo, Val.

Val parecia cética e lançou um olhar atilado a Mae.

— *Claro* que você vai concordar com ele.

A voz de Dag voltou a chegar até eles:

— Aposto cinquenta paus que ela vai acabar com você.

Isso causou ainda mais burburinho e gritaria na mesa, e, de repente, metade deles estava em pé. Mais surpreendente ainda foi que Dag estava levando o grupo para a mesa de Mae. Ele parou, ainda cambaleante, e apontou diretamente para ela.

— É ela. Ela que vai.

Mae quase olhou para trás para ver se havia alguém atrás dela, mas então lembrou que estava sentada de costas para a parede. Toda a mesa parou.

— Do que você está falando?

Um homem abriu caminho entre os outros e parou ao lado de Dag. Mae perdeu o fôlego. Ele era o homem mais bonito que ela já tinha visto na vida, e ela não era o tipo que se interessava por alguém antes de conhecer a pessoa. Ele tinha um corpo extraordinário, mesmo para os padrões pretorianos, e usava uma camiseta azul simples que fazia um trabalho magnífico em exibir todos aqueles músculos perfeitamente torneados. Seu rosto era tão bem delineado quanto o corpo, com um queixo imponente e maxilares altos, complementados pelos olhos penetrantes que eram tão escuros que quase pareciam pretos. Seu cabelo também era preto, grosso e ondulado, amarrado num rabo de cavalo que chegava à altura dos ombros. Era o tipo de cabelo no qual as mulheres passavam a mão involuntariamente; ela sentiu sua própria mão coçar.

A princípio, a pele bronzeada e o cabelo escuro a levaram a pensar que ele era plebeu, mas então se deu conta de que os traços dele eram europeus demais. Havia algo nele que lembrava alguma

casta mediterrânea, o que era surpreendente. Ela podia contar nos dedos o número de pretorianos castais e, assim como ela, ele não possuía nenhum sinal visível de Caim. Mas, obviamente, qualquer castal no exército precisaria ter uma saúde impecável.

Sob o exame minucioso daqueles olhos escuros, ela sentiu como se ele estivesse tirando a roupa dela, com uma arrogância e uma presunção que, somadas à aparência, confirmavam a educação castal. Ela conhecia aqueles ares de superioridade, tendo sido criada em meio a eles também. Um sorriso de satisfação perpassou os lábios dele.

— Ela? Claro. Sem problema. Seria um prazer.

A atitude petulante fez Mae voltar a se concentrar e, rapidamente, ela escondeu a atração indesejada com uma bem praticada expressão de indiferença. Lançou uma olhada a Dag, recusando-se a dar mais atenção ao outro homem.

— O que você fez? — ela perguntou, com a voz mais enfastiada que conseguiu.

— Esse cara. — Dag apontou para seu companheiro com um gesto dramático, só para garantir que não haveria nenhum engano. — Diz que era um prodígio em *canne* na casta dele. E eu disse: "Duvido. Só tem espaço para uma castal prodígio em *canne* aqui".

A máscara fria de Mae vacilou quando ela voltou o olhar subitamente para o outro homem.

— Você luta *canne*?

— As outras pessoas lutam, querida — ele disse, ainda com aquele sorriso irritantemente confiante. — Eu respiro *canne*.

Dag se colocou entre Val e outro escarlate para poder se debruçar na mesa em direção a Mae.

— Finn, você precisa acabar com esse babaca. Eu apostei em você.

— Eu também — algumas pessoas gritaram atrás dele.

Mae lançou um olhar incrédulo a Dag.

— Você me colocou no meio de uma aposta sem nem me avisar?

— Achei que não precisava — ele disse. — Achei que você gostaria de fazer isso. Sabe, uma questão de princípio. E tudo mais.

Um prateado que Mae conhecia apareceu e cutucou o moreno.

— Porfirio, por que você está provocando a mulher? Vocês,

castais, não deviam se unir? E que porra é essa de *canne* afinal?

— Um esporte sublime para atletas e artistas — Porfirio declarou. Seu olhar recaiu em Mae. — Um lindo passatempo para outros.

Ela só poderia presumir que foi o *ree* que causou o que aconteceu em seguida. Ela se levantou num salto.

— "Passatempo"? Eu era quase profissional!

Porfirio não pareceu nada impressionado.

— Quase — ele repetiu. — Mas não era. O que deu errado? Não era boa o bastante? O namorado báltico não deixou?

Mae ficou furiosa demais para corrigi-lo. Dag foi mais rápido.

— Ela não virou profissional porque se alistou, ô babaca.

— Certo, certo — Porfirio disse, abrindo um sorriso indolente e quase predatório em direção a ela. — Só tem um jeito de resolvermos isso. Eu e você. No tatame. Daí, vamos ver a diferença entre profissão e passatempo.

A adrenalina percorreu o corpo dela com a perspectiva, e o implante ganhou vida, tentando desesperadamente acabar com o entorpecimento de *ree* enquanto acionava as endorfinas e os hormônios indicativos de algum confronto.

— Me fala a hora e o lugar. Eu vou estar lá.

Porfirio deu um passo na direção dela.

— Por que esperar? Vamos fazer isso agora.

— Agora? — ela repetiu, mas sua voz sumiu em meio ao burburinho dos pretorianos aglomerados. Ao levantar os olhos, percebeu que quase todos os pretorianos da festa haviam se reunido ao redor deles, todos animados com a disputa; muitos já estavam depositando apostas em Mae e em seu oponente. — Não tem lugar.

— Quer dar para trás? — Porfirio diminuiu a voz para que só ela ouvisse. — Com medo de ficar corpo a corpo comigo? — Quando seus olhares se encontraram, ela sentiu seu coração acelerar. O implante ainda lutava, sem saber se aquela era ou não uma ameaça. *Somos dois*, Mae pensou.

— Nem pensar — ela sussurrou. — Só não quero te ver roubando.

— Tem um depósito aqui — um amarelo murmurou por perto.

— E onde você vai conseguir os bastões? — Mae perguntou.

Porfirio voltou o olhar para uma índigo que estava perto.

— Connie, vai ver o que consegue achar. Você é boa nisso. — Ela assentiu e saiu correndo, o que, por algum motivo, deixou Mae ainda mais irritada. Era assim que ele tratava as mulheres? Um comando rápido e elas obedeciam? Talvez fosse por isso que ele tinha tanta confiança em suas chances contra ela.

As apostas continuavam velozes e furiosas ao redor deles. Porfirio ouvia com o ar entretido enquanto voltava a amarrar o rabo de cavalo na nuca. Quando terminou, arrumou alguns fios desalinhados e então voltou o olhar a Mae.

— O que me diz? Quer colocar dinheiro na aposta? Podemos apostar baixo se você quiser. Não quero que tenha de pedir empréstimo para a família.

— Eu não quero o seu dinheiro — ela disse, antes de uma pausa. — Quero o seu cabelo.

Alguns índigos por perto ficaram mudos de espanto, confirmando o que Mae já suspeitava. Porfirio era um homem apaixonado pelo próprio cabelo. Ninguém deixaria o cabelo crescer e mexeria nele daquele jeito se não fosse completamente obcecado. E, se ele era assim como ela, deveria ter sido ensinado a exibir seus traços sem Caim.

Ele sorriu para ela, como se aquela fosse uma piada que ele não tinha entendido direito.

— Meu cabelo?

— Claro. Se eu vencer, quero que você corte — Mae disse, imitando um par de tesouras com a mão. — Quero esse rabinho de cavalo na minha cômoda.

Outras pessoas, especialmente as que o conheciam melhor, fizeram um silêncio ansioso para ouvir. O sorriso de Porfirio se desfez.

— Não vou cortar meu cabelo.

— Claro que não. Porque você vai ganhar, né? — Mae sentiu que estava recuperando o controle da situação e havia entendido ao que ele dava valor. Levantou a voz para que todos ouvissem. — Quer dizer, não tem perigo nenhum... a não ser que você esteja com medinho.

Isso ganhou assovios e gritos de aprovação e, então, todos aguardaram ansiosos pela resposta dele. Depois de alguns segundos tensos, ele relaxou e retomou a antiga arrogância.

— Certo. Se é o que você quer, que seja. Como você disse, para mim não faz diferença. Mas o que eu ganho quando vencer?

Mae sorriu com a escolha de "quando" em vez de "se".

— Pode decidir — ela disse. — Quer que eu corte meu cabelo?

Ele olhou para ela com a mesma intensidade que tinha olhado na avaliação inicial, um olhar atrevido em que quase se podia tocar. Só que, dessa vez, ela não estava sentada atrás da mesa e tinha mais o que mostrar. Uma voz relativamente sensata dentro da cabeça dela sugeriu que entrar numa briga de vestido e salto alto talvez não fosse a escolha mais sábia.

— Ah, não obrigaria você a fazer isso — Porfirio disse, com a voz suave. — Ainda mais porque eu planejo ter o seu cabelo esparramado nos meus lençóis. Quando eu vencer, quero *você*. Esse é o meu prêmio. Você vai para casa comigo.

Todos prenderam a respiração. Aquilo, sim, era um grande espetáculo. Os pretorianos adoravam.

— Fechado — Mae disse, sem nem hesitar. Ela apertou a mão dele enquanto os outros gritavam, e ela tentou não imaginar como seria o toque daquelas mãos fortes no seu corpo.

A lacaia de Porfirio voltou logo depois e, por incrível que parecesse, tinha conseguido dois bastões, que, embora não estivessem dentro do regulamento, não eram tão diferentes do que os lutadores de *canne* usavam. Abriram um espaço no extremo do salão, apesar do medo dos pretorianos amarelos de que o local estivesse prestes a ser destroçado. Foi então que Mae percebeu que eles não faziam a menor ideia do que estava prestes a acontecer. Porfirio caminhou impávido até o centro da arena improvisada. Mae seguiu atrás, e Val correu ao lado dela.

— Você não precisa fazer isso.

Mae escarneceu:

— Claro que eu preciso. Dá para imaginar a reação deles se eu desse para trás? Além disso, é como Dag disse. É uma questão de princípio. E tudo mais.

— Uh-huh. — Os olhos de Val pousaram no forte corpo de

Porfirio caminhando à frente delas. — Se eu fosse você, desistiria.

— Nem pensar — Mae disse, ferrenha. — Eu vou fazer esse cara voltar rastejando para a coorte dele.

Val se voltou para ela e lançou um olhar perscrutador.

— Caramba, você está falando sério. Porra, Finn. Às vezes eu não sei o que fazer com você.

— Eu sei — Porfirio disse, ouvindo essa última parte. — Vamos lá.

Mae tirou os sapatos e assumiu uma posição diante dele, ambos em posturas iniciais de combate. Val fez as vezes de árbitro, sinalizando o início da disputa, e então saiu correndo do meio do caminho quando começou. Mae já estava quase sóbria àquela altura e o implante estava completamente no comando depois de começada a luta. Seu sistema de *feedback* positivo, sentindo o aumento de neurotransmissores, estimulou seu corpo a criar ainda mais. Sinceramente, ela não acreditava que precisava do implante para derrotar Porfirio. Ela tinha falado sério: era quase profissional. Era boa. Muito boa. E pôde ver nos primeiros minutos que isso o pegou de surpresa.

Os pretorianos também pareceram surpresos. A maioria não fazia a menor ideia do que *canne de combat* significava. Tudo que sabiam era que algum tipo de competição ia acontecer e que precisavam de espaço, o que levou muitos a acreditar que envolveria tacar coisas e pessoas para todos os lados. Na verdade, era muito mais controlado. *Canne* lembrava esgrima e envolvia a mesma precisão e agilidade. Todo o corpo de Mae estava em guarda para prever o que Porfirio faria, tanto para se esquivar dele como para planejar seus próprios ataques. Ela entrou em harmonia com a maneira como ele respirava e como os músculos se flexionavam naquele corpo admirável. Eles haviam concordado na variante preferida de Mae, que permitia inúmeras manobras bastante acrobáticas. Porfirio soltou um resmungo de aprovação quando ela conseguiu dar um mortal para trás, fugindo do alcance dele.

— Você é flexível; isso eu admito — ele disse, com os olhos a examinando com a mesma atenção. — Acho que eu só tenho a ganhar com isso mais tarde.

— Ah, é? — Ela tentou abrir a guarda dele, mas ele foi rápido

demais. — Então, por que você não me acertou nenhum golpe ainda?

— Eu não gosto de apressar as coisas, como você já vai descobrir.

Mae não respondeu enquanto voltava a se concentrar na luta. Ela estava se divertindo. Amava aquele esporte estranho e antiquado com todo o coração e, por mais que soubesse que o exército a levara a cumprir uma vocação mais nobre, parte dela ainda se condoía por saber que, não fosse pela forte determinação de sua mãe, poderia muito bem ter devotado a vida àquilo. Porfirio estava certo quando disse que aquilo era uma arte. Ela se lançou na disputa e, apesar dos comentários contínuos dele, adorava finalmente ter um oponente equilibrado. Sem sombra de dúvida, ela o vencia em velocidade, que, assim como agilidade, desenvolveu e aperfeiçoou ao longo dos anos para lutar contra os homens, que quase sempre eram maiores que ela. Mesmo assim, Porfirio se movia com uma velocidade admirável, mas era a força dele que a prejudicava sempre que seus bastões se chocavam. Era magnífico.

Os pretorianos que observavam, porém, não estavam tão encantados. Depois da animação e dos gritos de incentivo iniciais, o entusiasmo deles foi diminuindo ao verem que nenhuma ação ou golpe de verdade acontecia. Ao longe, Mae ouvia gritos de "Vai logo!" e então, por fim, nenhum comentário. Porfirio também notou.

— Esquecemos de programar limites de rounds. Devíamos ter alguém cronometrando isso — ele disse, com uma fina camada de suor na testa.

Ele estava certo quanto ao tempo. As disputas costumavam durar, no máximo, alguns minutos. Nenhum dos dois havia pensado nisso quando começaram. Só queriam ir direto para a luta. Ela não tinha ideia de quanto tempo havia se passado e nem se importava com isso.

— Qual é o problema? — ela perguntou. — Acho que você não aguenta muito tempo, não é?

— Querida, eu consigo ficar o tempo que... merda!

O bastão de Mae golpeou o abdome dele. Aparentemente, bastou um comentário sobre a proeza sexual dele para distraí-lo. Típico.

Ela ficou esperando algum tipo de reação da multidão, mas não ouviu nada. Foi então que notou algo que a fez parar.

— Que foi? — ele perguntou, ainda em posição de ataque, mas sem avançar.

— Eles foram embora — ela disse, incrédula.

Ele olhou para onde ela estava apontando com a cabeça; seu rosto refletia a mesma perplexidade. Entediados, os pretorianos haviam voltado a beber e a fazer piadas do outro lado do salão. Se realmente tinham um histórico parecido em *canne*, Mae suspeitava que ele também estivesse acostumado a públicos com fãs ensandecidos que sabiam apreciar as sutilezas do esporte. Os lábios de Porfirio se curvaram em desprezo.

— Crianças. Todos eles. Aliás... — E, com uma rapidez que Mae não teve como prever, Porfirio avançou e golpeou a panturrilha dela, duas vezes. — Fim da luta. — Ele lançou o bastão no chão.

— Ei — ela exclamou. — Não é justo... ahh!

Ele levantou o corpo dela e, literalmente, a jogou no ombro.

— Eu tinha mais pontos. Logo, eu ganhei. Vamos para casa.

Ela bateu nas costas dele enquanto, sem o menor esforço, ele a carregava pelo salão como se ela fosse algum tipo de troféu de guerra. Ambos sabiam que ela era plenamente capaz de se libertar ou, pelo menos, causar um dano sério, o que provavelmente restauraria o público, mas ela se conteve e se contentou com protestos verbais e insultos em finlandês. Quando saíram na noite nebulosa, ela finalmente se libertou e saltou caindo em pé.

— Você não venceu — ela disse, veemente, com os punhos cerrados ao lado do corpo. — Nós não definimos limites de round nem discutimos...

Porfirio a puxou para si, deslizando a mão pela nuca dela, mexendo em seu cabelo. Ela sentiu os lábios dele comprimirem os dela num beijo de vitória, fazendo uma chama correr pelo seu corpo. A boca dele perscrutava a dela, sedenta e implacável, e ela respondia na mesma moeda; o corpo dela se comprimia ao dele, querendo sentir todos aqueles músculos contra os dela, aquelas mãos em sua pele. Quando finalmente recuou, deixando ambos sem fôlego, ele perguntou:

— Preciso virar um selvagem para levar você para a cama?

Mae engoliu em seco, ainda corada e tonta pelo beijo enquanto a adrenalina e as endorfinas disparavam dentro dela.

— Acho que depende do que você quer dizer por "selvagem".

E assim ela acabou na cama dele, sem que fosse levada à força. Foi o tipo de sexo agressivo e selvagem de que os pretorianos gostavam e, enquanto se espreguiçava no emaranhado de lençóis mais tarde, sentiu um raro momento de exaustão. Não duraria; se um esquadrão de assassinos arrombasse a porta do quarto, seu implante ajudaria os músculos e o coração dela a recuperarem a energia necessária para enfrentar o perigo. Mas até mesmo os pretorianos precisavam descansar às vezes, e era bom ficar deitada com todos os seus músculos agradavelmente exauridos. Seria ainda melhor dormir. O pós-sexo era um dos raros momentos em que ela sentia falta de dormir. Parecia uma conclusão natural a fazer amor: ser capaz de cair no sono nos braços do amante.

Não houve sono para nenhum dos dois, mas Mae continuou na cama enquanto ele tomava banho. Quando voltou, jogou algo para ela que a fez se sentar alarmada. Por uma fração de segundo, pensou que ele tivesse jogado algum bicho em cima dela. Então, reconheceu o rabo de cavalo.

— O seu cabelo — ela disse, espantada, levantando os olhos para ele. Ele parecia ter cortado com um único golpe da tesoura. As pontas do que sobrou do cabelo estavam irregulares, mas mesmo assim a visão dele era encantadora. — Não precisava fazer isso. Ou pelo menos podia ter contratado alguém para fazer direito.

Ele deu de ombros.

— Trato é trato. Eu não venci. Pelo menos não no *canne*. Quer guardar como troféu?

Ela fez uma careta.

— Na verdade isso é meio assustador. Foi uma piada quando eu disse que queria na minha cômoda.

— Bom saber. — Para a surpresa dela, ele atirou o cabelo no chão, sem a menor cerimônia, e se sentou ao lado dela na cama. — Mas agora você não tem nada para se lembrar de mim.

— Preciso de alguma coisa? — Ela o puxou e sentiu seu coração acelerar novamente. — Você não vai retornar as minhas ligações?

Ele abriu um sorriso e passou os lábios no pescoço dela.

— Você ligaria?

— Então... — Ela deixou que ele voltasse a deitá-la na cama. — Posso precisar de um aquecimento de *canne*. Sabe, para praticar antes de uma luta de verdade.

— Para isso, então, pode me ligar à vontade.

17. O homem mais perigoso da República

Felizmente, os nipônicos foram muito respeitosos com Justin e seu grupo quando apareceram. As reações às visitas de servidores costumavam variar muito, e ele e Mae haviam sido tratados de maneira fria nas três capitanias anteriores que tinham visitado. Muitos castais se ofendiam com a interferência federal, mesmo que fosse para seu próprio bem. Os servidores, especialmente, os deixavam nervosos, porque, se um servidor encontrasse um grupo religioso perigoso na capitania, poderia muito bem chamar uma invasão militar. Ninguém queria isso. A relação entre o governo gemano e "os patriciados", como eles se autodenominavam, era muito tênue. Quando recém-criada, a RANU, com medo do separatismo e da resistência à autoridade que haviam despertado a criação do Mefistófeles, precisava ter cuidado em permitir a seus ricos apoiadores a solidariedade étnica que requisitaram. Os patrícios tinham sido isentados dos mandatos, mesmo correndo o risco do Mefistófeles e do Caim, e receberam suas próprias terras, com regulações bem restritas.

A entrada da capitania nipônica lembrava a de todas as outras capitanias: um portão no meio da estrada com um posto de verificação e uma placa dando as boas-vindas em inglês e na língua nativa da casta. Os guardas tinham poucas armas em função do acordo com o governo. A bandeira da RANU era o único ornamento, uma vez que nenhum símbolo especificamente castal era permitido.

O contato de Justin lá dentro era um policial mais velho que atendia pelo nome japonês, Hiroshi. Ele não fez nenhuma grande reverência como o segurança do portão tinha feito, mas ficou claro que estava desconcertado com a ideia de receber um servidor e

uma pretoriana em sua jurisdição.

— A esposa da vítima se mudou — ele disse, quando chegaram à casa em que o homicídio havia ocorrido. — Mas absolutamente nada foi alterado na residência. Nós temos muitas fotos e documentos a seu dispor, eu verifiquei hoje de manhã e está tudo no lugar. — Ele hesitou. — Espero que esteja tudo bem.

— Está ótimo — Justin disse, ao que recebeu um sorriso aliviado.

Por mais contente que estivesse em ter evidências não contaminadas, Leo ficou menos empolgado com o tamanho da casa:

— É imensa. Vai levar uma vida.

A casa *realmente* era enorme, ainda mais para duas pessoas. A arquitetura era parecida com a da maioria das casas de luxo gemanas, embora o telhado pontudo e alguns ornamentos remetessem às origens japonesas da casta. O lado de dentro não era diferente. Quadros e ambientes *clean* ficavam ao lado de móveis luxuosos e modernos, e telas de mídia. Essa família era o estereótipo da fortuna castal.

Leo começou imediatamente a desmontar o painel de segurança principal da casa, que monitorava todas as portas e janelas; assim como nos outros lugares, a investigação inicial na memória do sistema não havia denunciado nenhum sinal de arrombamento em lugar algum. As câmeras de vigilância haviam sido desligadas, o que, tirando o cadáver, era o único indício de que alguém havia entrado.

— Faz você se lembrar da sua velha mansão Koskinen? — Justin perguntou a Mae enquanto caminhavam pela casa.

— Nosso lago *koi* era maior — ela respondeu.

Ela olhou ao redor e caminhou até um conjunto de chá ornamental. Os traços dela estavam iluminados pela luz que atravessava a janela. Ele estava morrendo de vontade de saber mais sobre o ex-namorado a que ela havia se referido no avião e precisava descobrir a melhor estratégia para conseguir informações sem apanhar dela no processo. Os relacionamentos que as pessoas viviam, ou não, falavam muito sobre elas, e ele estava um tanto surpreso que alguém que temia tanto deixar que os outros vissem

suas emoções durante o sexo conseguisse manter algum relacionamento duradouro.

Ela não disse que foi duradouro, Horatio afirmou.

Não precisou. Estava no jeito como ela falou. Sem receber resposta, Justin não conseguiu deixar de acrescentar: *Acho que eu consigo sacar algumas coisas que vocês não conseguem.*

Claro, Magnus disse. *Senão não precisaríamos de você.*

— Dr. March? — Hiroshi apareceu com uma jovem delicada. — Essa é a sra. Hata, a esposa da vítima.

A sra. Hata parecia desnorteada e nervosa, mas Justin interpretou isso mais como uma reação à presença dele do que como um sinal de culpa. As investigações da polícia confirmaram o álibi dela, e ela não parecia ter a força de enfiar uma adaga no coração do marido. Ele abriu um sorriso amigável, na tentativa de acalmá-la.

— É um prazer conhecê-la — ele disse, apertando a mão dela. — Sinto muito pela sua perda.

— Não entendo o que está acontecendo — ela disse. — Já conversei com a polícia várias vezes.

— Eu sei. E sinto muito por fazer você passar por isso de novo, mas nós temos mais algumas perguntinhas. — Ele apontou para a sala de jantar. — Podemos conversar aqui? Vai ser rápido.

Ela se sentou diante dele na mesa, juntando as mãos à frente do corpo. Seus traços exibiam o fenótipo tão prezado pela casta: cabelo negro, maçãs do rosto altas, pele dourada e olhos castanhos amendoados. Cílios longos e grossos coroavam seus olhos puxadinhos, dando-lhe um toque extra de encanto, apesar de serem postiços. Seu cabelo tinha um corte elegante até o queixo, o que significava que era muito provável que ela tivesse algum traço de Caim. Mulheres castais geneticamente puras costumavam ostentar os cabelos não danificados deixando-os crescer muito, assim como Mae fazia. Quando a luz iluminou o cabelo da sra. Hata, ele notou um brilho semelhante ao de laquê, confirmando suas suspeitas. Tratamentos pesados de brilho eram uma maneira comum de disfarçar o cabelo fino e quebradiço que o Caim geralmente causava. Quando arrumou o cabelo para o lado, sem querer revelou uma pequena cicatriz perto da orelha. Havia certos tipos de plástica capazes de suavizar as pústulas cutâneas do Caim,

mas elas quase sempre deixavam sinais visíveis nos cantos. A sra. Hata exibia a maior parte dos efeitos prejudiciais do Caim e também não tinha filhos. Não seria uma surpresa se também tivesse asma.

Justin estava prestes a jogar seu charme e gracejos, mas, ao voltar o olhar para o rosto pesaroso da mulher, decidiu não fazer nenhum de seus joguinhos. Manteve a entrevista breve, fazendo as mesmas perguntas que tinha feito antes sobre se havia algum envolvimento religioso suspeito da parte da vítima. Assim como os outros interrogados, ela ficou muito espantada com a ideia de uma conexão entre sua família e alguma seita. Inclusive, chegou a apontar obstinadamente que seu marido havia feito uma petição dirigida ao governo da capitania para banir todas as religiões do território. Ele tinha uma aversão especial contra elas. Era uma informação interessante, e Justin ficou pensando se talvez bastasse para ter o sr. Hata na lista de inimigos de algum grupo. O único empecilho dessa lógica era que uma teoria de retaliação implicaria o envolvimento de uma religião nipônica, que dificilmente teria algum interesse por outros patrícios. Mesmo assim, valia a pena anotar a conexão.

Eles conversaram um pouco mais e, por fim, ele a dispensou. Ela estava ansiosa para voltar à casa da mãe. Mae, sem conseguir ficar parada por muito tempo, tinha saído para o quintal, então Justin foi acompanhar Leo, que estava examinando o local do crime.

A suíte era enorme, do tamanho de três quartos da casa dele. Um lençol de seda cobria a cama, e um pequeno vão perto da lareira abrigava uma mesa que poderia ser usada para ler ou tomar chá. Havia manchas de sangue no carpete. Leo estava ajoelhado ao lado da lareira e se levantou com a aproximação de Justin.

— Está selada. É só decoração. — Leo apontou para a linha horizontal de janelas perto do teto. Eram as únicas do quarto. — E elas são pequenas demais para alguém entrar.

— Imagino que o sistema de segurança não registrou nenhuma entrada pela porta, certo?

— Não. — Leo caminhou até a porta e passou a mão no batente. — Só registrou a entrada dele, antes da morte e, algumas horas depois, da mulher. Se a porta estava trancada do lado de dentro, só

chips manuais poderiam abri-la por fora, a menos que você tivesse equipamento de demolição para derrubá-la. E dá para ver que não foi isso que aconteceu.

— Então esse é o cômodo mais seguro da casa. — Justin examinou a tela de retratos no toucador, que passava várias fotos pessoais da vida da família. — Igual aos outros homicídios. Eu diria que quem quer que esteja fazendo isso gosta de se exibir.

Ele tinha visto uma foto do sr. Hata nos arquivos oficiais do caso, mas os retratos mostravam uma visão completamente distinta do mundo da vítima. Uma foto de casamento focava no rosto feliz do casal. Ele não podia ver grande parte dos trajes, mas ela estava usando um capuz japonês tradicional que ocultava a cicatriz e o cabelo curto. À primeira vista, o rosto do sr. Hata não exibia nenhum sinal claro de Caim, algo que não era raro. Uma família que tinha um filho com bons genes poderia arranjar um casamento caro com uma família que tivesse a esperança de exterminar o Caim. Ele havia observado isso nas investigações anteriores nas castas também. Era o que tornava a vocação de Mae — e o simples fato de ela ter uma vocação — algo tão peculiar.

Outras imagens mostravam os Hata em férias com outros membros da família. Uma bela foto mostrava a sra. Hata posando num jardim florido, enquanto uma mais espontânea apresentava o sr. Hata sorrindo triunfante no que parecia ser o fim de uma maratona. Outra ainda...

Justin ficou espantado e voltou para a foto da maratona.

— Ele era um corredor — disse a Leo.

Leo ainda estava concentrado na porta.

— E daí?

— Daí que ele não tinha asma. — Justin passou por algumas fotos, analisando o rosto do sr. Hata. Ele era impecável como tinha parecido antes, o que destacava os defeitos sutis da mulher. Um retrato de toda a família mostrava aparições ocasionais de Caim, mas mesmo entre os parentes não afetados, havia algo especialmente chamativo e atraente no sr. Hata.

As engrenagens do cérebro de Justin começaram a girar. Seus instintos lhe diziam que havia algo ali. Ele passou por todas as fotos mais uma vez, concentrado no rosto do homem morto.

— Ele é perfeito — disse a Leo. — Bonito e perfeito.

— Está triste porque não pode pedir o cara em namoro?

— Estou surpreso, só isso. — Justin podia sentir no peito. Ele estava muito, muito perto. — Isso é raro.

— É? Dá uma olhada na sua amiga lá fora. Ela está exibindo um belo conjunto de genes.

E foi então que ele entendeu.

— Assim como a última vítima. E as outras.

Justin pegou o ego e abriu todos os dados sobre o caso. A maior parte era o resumo que Cornelia havia lhe mostrado. Agora ele estava vasculhando mais atentamente no arquivo do sr. Hata, procurando o número que tinha certeza de que iria encontrar.

— Um oito — ele disse, triunfante. — Ele era um oito.

Até mesmo Leo parou.

— Nada mal para um castal.

Muito bem, Magnus disse.

Justin examinou os arquivos das outras vítimas, sentiu um frisson atravessando o corpo pela descoberta.

— Todos são oito e nove. E olhe só as fotos: bonitos e perfeitos.

Leo desistiu da porta, intrigado pela nova revelação.

— Nosso assassino tem um gosto refinado.

Mae entrou no quarto e olhou de um para o outro.

— Que foi?

— Um padrão — Justin disse. — Nós temos um padrão.

Pela primeira vez sem desejo, ele examinou Mae, com uma visão distanciada e objetiva. Outro espécime impecável, na flor da idade. A imagem na tela dela voltou à memória, fornecendo mais uma revelação surpreendente.

— Você tem vinte e oito anos. Todas as vítimas tinham entre vinte e sete e vinte e oito. Todos eram oito ou nove.

— Você está preocupado que ela seja a próxima? — Leo perguntou, irônico.

— Não — Justin disse. — Mas acho que alguma coisa significativa aconteceu no ano em que ela nasceu. Você foi concebida in vitro?

Mae pareceu constrangida com o rumo que as coisas estavam tomando.

— Sim. Assim como meus irmãos.

A resposta não era nenhuma surpresa. Num esforço para tentar se aguerrir a qualquer esperança genética, a maioria dos patrícios era concebida em placas de Petri usando os óvulos e espermatozoides mais saudáveis dos pais.

— Todos vocês foram feitos no mesmo lugar?

— Não faço a menor ideia. Foi antes de eu nascer.

Justin mal deu ouvidos. Ele estava eufórico demais com a teoria que estava se formando em sua cabeça.

— Eu adoraria conhecer o médico espertinho que trabalhou em vocês. Leo, nos arquivos do caso há análises genéticas completas de todas as vítimas. Você conseguiria dizer se todos tiveram o mesmo tipo de manipulação?

Pelos olhos dele, ficou claro que Leo tinha entendido sua linha de raciocínio.

— Sim. Os geneticistas que fazem esse tipo de trabalho quase sempre têm um estilo específico. Meio que deixa uma "marca". Se a concepção de todos tiver sido orquestrada pela mesma pessoa, vai ficar óbvio comparando lado a lado.

— Você acha que todos nós somos parte de experimentos genéticos ilegais? — Mae perguntou. Os olhos dela luziram ao pensar nessa nova pista; então, sua expressão se transformou em incredulidade. — Você acha que *eu* sou parte de um experimento genético ilegal?

— Não — Justin disse lentamente. — Quer dizer, eu não tenho provas. Mas, convenhamos, um monte de oito e nove castais nascidos mais ou menos na mesma época? É muita coincidência.

Também explicaria a aparência impressionante que tinha observado desde o momento em que a viu. Nada de Caim em nenhuma parte do corpo. Traços perfeitos demais para uma patrícia — talvez até para uma plebeia. Aquilo não tinha como ser natural. Era o trabalho de um artista.

Aqui vai uma dica, Horatio disse. *Não comente mais nada sobre isso. Olhe só para a cara dela. Ela não gostou nem um pouco.*

O corvo estava certo, como sempre. Mae parecia horrorizada.

— Oito e nove podem aparecer naturalmente o tempo todo, inclusive em castas. E, se você conhecesse a minha família, saberia

que meu pai nunca aceitaria nada desse tipo. Não me coloca no meio dessas suas teorias malucas.

Justin fez questão de anotar mentalmente as palavras dela de que o *pai* não teria aceitado. Nenhuma menção à mãe. Informações para depois.

Ele apontou para o ego.

— Você não está nem um pouco curiosa? Mesmo se nenhuma criatura fantasmagórica vier atrás de você, tem uma coincidência extremamente grande aqui.

— Eu não tive uma concepção ilegal — ela disse. Havia uma chama nos seus olhos, que, sob a luz do quarto, pareciam mais verdes.

— Então vamos provar. Dê um pouco de seu sangue para o Leo e ele vai fazer uma análise para você.

— Me deixa fora dessa — Leo disse.

— Se você tem tanta certeza — Justin continuou, dirigindo-se a Mae —, que mal tem?

— Não tenta me manipular — ela advertiu. — Estou observando seus joguinhos faz mais de duas semanas. Você não vai me enganar com um desafio.

— Não é um desafio. — Certo, meio que era. — Só estou tentando fazer o meu trabalho *para o meu país*. Pensei que esse fosse o seu objetivo também, soldada leal. Se houver a mínima chance remota de eu estar certo, pense no que você vai poder fazer pela missão! E, se não der certo, vai ter o direito de se vangloriar por provar que eu estava errado.

— Uau — ela ironizou. — Meus amigos vão ficar muito impressionados.

Pela primeira vez desde que se conheceram, Leo parecia poder gostar dela.

Justin fechou a cara.

— Certo. Vamos fazer uma aposta então.

Uma estranha expressão perpassou o rosto dela.

— Não gosto muito de apostas.

— Todo mundo gosta de apostas. O que você quer se eu estiver errado?

— Nada — ela disse. — Porque eu não vou fazer isso.

— Então, você desconfia de alguma coisa.

A expressão frustrada de Mae era igual à de Cynthia.

— Certo. Você pode me comprar um pouco de *ree* quando descobrir que está errado.

Isso desviou um pouco a satisfação de Justin por conseguir o que queria.

— O que é *ree*?

— Droga de pretorianos — Leo disse, rindo. Mae lançou um sorriso hesitante para ele, e Justin meio que desejou que eles voltassem à relação estranha de antes. Não queria que os dois se juntassem contra ele. — Uma droga cara para pretorianos. A única coisa que pode deixar os supersoldados bêbados.

— É um xarope infantil desconhecido contra tosse — ela explicou. — O implante não reconhece como toxina. Quando você toma em altas quantidades, pode entrar numa ondinha legal.

— Ondinha? — O divertimento de Leo se transformou em desaprovação. — Já vi pretorianos bêbados. É um pouquinho mais extremo do que uma ondinha. E, por mais que eu respeite vocês terem uma brecha, supersoldados bêbados me dão um pouco de medo.

Justin achou aquilo fascinante, mas precisava voltar a se concentrar na verdadeira revelação.

— Fechado — ele disse. — Então você vai dar o sangue para ele?

— Obrigado por me enfiar nessa sem nem pedir. Você imagina o trabalho que é transportar sangue? — Leo se voltou para Mae. — O exército deve ter feito uma análise sua quando você se alistou e tem livre acesso. Me poupe dessa chatice e só me mande o arquivo. Faça isso rápido para a gente poder ter logo o prazer de ver que ele está errado.

— Vai ser uma prioridade — Mae garantiu. — Enquanto isso, o que vão fazer com a verdadeira conexão entre as vítimas?

— Eu vou usar para fazer um perfil do assassino. Não acho que isso seja nada religioso. É algum geneticista puto da vida vindo atrás das criações dele ou dela... mais provável que dele, considerando a força da adaga. Talvez por culpa. Talvez porque as famílias não pagaram. O que quer que seja, faz muito mais sentido do que uma seita assassina — Justin disse.

— Mas por que ele usaria uma arma tão estranha? — ela perguntou.

— E qual é a do vídeo? — Leo indagou.

— Estou trabalhando nisso. — Justin passou por eles, sem querer admitir que ainda não fazia ideia dessas conexões. Do corredor, chamou Hiroshi.

O policial nipônico apareceu quase instantaneamente, ansioso para ajudar.

— Pois não?

— Seu ego está conectado aos registros policiais locais? E aos registros dos cidadãos?

Hiroshi pareceu surpreso.

— Claro. O que o senhor precisa saber?

— Os registros dos cidadãos primeiro. Preciso de um sumário das pontuações genéticas de todos os nipônicos nascidos entre vinte e sete e vinte e oito anos atrás. Não, espera. — Justin reconsiderou e mudou o pedido para cobrir quinze a trinta anos. Hiroshi atendeu ao pedido sem questionar e então fez com que o ego organizasse os dados resultantes num gráfico. Justin observou o gráfico, triunfante. — Pronto. Dois oito e um nove nesses anos, mais alto que o normal para uma casta. Então, de repente cai para os números normais.

Era verdade. Depois daqueles anos, as pontuações caíam abruptamente para níveis normais. Havia um seis e absolutamente nenhum sete. O resto variava de dois a cinco. Nenhum oito ou nove.

Se Hiroshi ficou chocado ao ouvir a palavra “casta”, ele não demonstrou.

— O que mais posso fazer pelo senhor?

Justin pensou com atenção.

— Estatísticas criminais no mesmo período. Especialmente relativas a pesquisas biológicas ilegais.

— Aonde você quer chegar? — Leo perguntou enquanto Hiroshi atendia ao pedido.

— Estou achando que algum laboratório suspeito subitamente parou de fazer bebês perfeitos vinte e sete anos atrás; então eles devem ter sido pegos e fechados — Justin explicou.

— Nenhuma indiscrição genética nos últimos cinquenta anos — Hiroshi disse um minuto depois, analisando a tela. — E o que aconteceu na época foi bem malfeito. — A maioria era. A manipulação genética na concepção era uma ciência ainda nos primórdios que raramente gerava bons resultados, o que tornava números como aqueles bastante surpreendentes.

— O laboratório poderia ter funcionado em qualquer outra capitania ou até mesmo numa cidade plebeia — Justin murmurou para si mesmo. Ele ficou olhando inexpressivo para o ego de Hiroshi, desesperado por alguma inspiração súbita. Então, voltou à teoria inicial. — Algum registro de atividades religiosas suspeitas nesses anos?

— Imaginei que o senhor já soubesse — o homem disse. — Sem ofensa, dr. March.

— Sem problema. Só me faça esse favor.

Hiroshi encolheu os ombros e fez a busca, sem encontrar nada também. Justin estava prestes a desistir quando uma ideia lhe ocorreu.

— Houve alguma atividade criminosa não convencional de *qualquer* tipo nesse período? Alguma coisa fora do comum que chamou a atenção da polícia?

— É um pedido bem amplo — Hiroshi disse.

— Me faça esse favorzinho também.

Hiroshi levou mais tempo para fazer essa busca e, então, passar os olhos pelos dados para tirar suas próprias conclusões.

— Nada. — Em seguida, hesitou. — Nada aqui.

Justin sentiu um calafrio.

— Como assim?

— Eu lembro — Hiroshi disse, pensativo. — Teve um monte de coisas estranhas fora da capitania. Huron, Sioux Falls, algumas das cidades vizinhas. Casos de pessoas desaparecidas e um número de mortes mais alto que o comum. A maioria acidental, mas alguns homicídios também. Nenhum foi dentro das nossas fronteiras, mas tivemos muitos investigadores locais e federais passando por lá.

Justin sentiu o rastro. Ele mal podia se conter.

— Quantas mortes?

Hiroshi voltou para o ego.

— Vinte e cinco ao longo de um período de dois anos, mas elas foram um ano antes dos dois em que o senhor está se focando. Vinte e nove e vinte e oito anos atrás. — Sem obter resposta, perguntou, hesitante: — Mais alguma coisa?

— Não — Justin disse, meneando a cabeça devagar. — Você foi muito útil. Obrigado.

Quando Leo terminou o trabalho na casa, sem encontrar nenhuma resposta definitiva, ele, Justin e Mae decidiram jantar na capitania antes do voo. Era uma das vantagens de visitar capitanias. Claro, pessoas de fora eram mal recebidas, porém, se conseguissem superar isso, a culinária era maravilhosa. Os três encontraram um restaurante de sushi que atendia plebeus, embora Justin mal notasse a excelente comida. Sua mente ainda estava tentando encontrar o padrão, para fazer com que a confusão de informações que recebera fizesse sentido.

— Então, o que você descobriu hoje? — Leo perguntou. — Porque dá para ver que tem alguma coisa acontecendo na sua cabeça. A garçonete bonitinha sorriu para você e você nem percebeu.

— Eu percebi — Justin disse. — E descobri um monte de coisas. Uma é que um bando de oito e nove castais nasceu vinte e sete e vinte e oito anos atrás, e que nossas vítimas estão entre eles. Entre vinte e nove e vinte e oito anos atrás, um bando de plebeus morreu perto das fronteiras castais.

— E? — Mae perguntou. — Qual é a sua brilhante dedução?

Ao olhar para ela, perdeu a linha de raciocínio por um momento. Como ela se encaixaria nisso? Apesar das reclamações, parecia incrível demais que ela não tivesse nenhuma conexão com as outras vítimas. Claro, ele estava deixando passar muitas, mas muitas conexões ainda e precisava admitir isso.

— Não sei. A única coisa de que eu tenho bastante certeza é que estamos lidando com algum geneticista puto da vida. No resto, eu ainda estou trabalhando.

Ele não diria mais do que isso para eles e, depois de um tempo, o silêncio dele fez com que os dois voltassem a outros assuntos. Aliás, ao fim do jantar, Mae e Leo pareciam estar numa relação muito amigável, o que era uma boa mudança. Assim que pagou a

conta, o ego de Justin tocou e, quando viu que era da Segurança Interna, pediu licença para sair da mesa. Voltou alguns minutos depois, e se deparou com Mae e Leo mais sérios do que o comum enquanto conversavam. Ambos ficaram naquele tipo de silêncio constrangedor que indicava que não queriam que ele soubesse do que estavam conversando.

— Tudo bem? — Mae perguntou, alguns instantes mais tarde.

— Na verdade, sim. Pegaram Geraki. Quer conhecer o homem mais perigoso da República?

O olhar predador no rosto dela bastou como resposta. Justin não estava compartilhando do mesmo entusiasmo. Ele não queria de jeito nenhum conversar com Geraki. Mas precisava descobrir o que causou a visita à casa dele e o encontro com Tessa, e a ICS havia dito no telefonema que provavelmente não conseguiriam detê-lo por muito tempo. Se Justin quisesse uma chance de falar com aquele maluco, precisava fazer isso assim que voltasse a Vancouver. Felizmente, o centro de detenção da Segurança Interna tinha horários de visita abertos, e ele e Mae foram direto para lá quando o voo pousou, deixando Leo para fazer a escala para Portland.

Eles desceram até o andar mais baixo do prédio e aguardaram numa sala de interrogatório enquanto um soldado buscava Geraki. Quando ele foi trazido, Mae o mediu com um olhar e dispensou a oferta do soldado de ficar ou de, pelo menos, amarrar o homem. Embora Justin e Mae continuassem em pé, Geraki se sentou numa cadeira e se recostou, colocando os pés em cima da mesa pequena. Ele estava igual a quatro anos antes, exceto, talvez, ainda mais petulante.

— Dr. March, finalmente — ele disse. — Estava ansioso para dar as boas-vindas a você.

— Intimidando a minha... família? — Justin imaginava que Tessa bem que podia fazer parte dela.

Geraki fez um gesto de desdém.

— Que é isso? Não foi isso que eu fiz. Só tive uma conversinha com a garota, que, aliás, é um amor. Você devia adotar mais órfãs provincianas.

— Ela não é órfã.

Geraki já havia mudado de assunto, pousando o olhar em Mae.

— E você... é *realmente* esplêndida.

Justin estava acostumado com os admiradores de Mae. Apareciam muitos nas viagens deles. Mas, enquanto os olhos escuros de Geraki a esmiuçavam, Justin soube de alguma forma que não era a beleza dela que Geraki estava elogiando. Ele estava avaliando alguma outra coisa, uma coisa mais intangível. *Ele consegue ver aquelas forças que vêm e vão, mesmo que não a estejam possuindo agora.*

Elas deixam uma marca, Magnus confirmou.

Por que vocês estão tão quietos?, Justin perguntou. *Pensei que quisessem que eu conversasse com ele.*

E queremos. Só não gostamos de ficar perto dos lobos, Magnus falou, enigmático como sempre.

Mae estava completamente alerta, com uma tensão e uma força crepitante no corpo enquanto olhava Geraki diretamente nos olhos. Subitamente, Justin relembrou o primeiro encontro deles no Panamá, quando ela o defendeu obstinadamente no beco, com aquele vestido cor de malva, preparada para a ação. Ela estava do mesmo jeito agora, pronta para dar o bote caso Geraki fizesse alguma coisa minimamente perigosa. Ao se lembrar do prazer nos olhos dela toda vez que lutava, não seria nenhuma surpresa para Justin se, na verdade, ela quisesse que Geraki atacasse.

— Você é um homem de sorte, dr. March. — O deslumbramento no rosto de Geraki finalmente se transformou em admiração... não, não exatamente. Mais em inveja. — Eu tenho duas vezes mais devoção e nem metade de suas bênçãos. Mas acho que, no futuro, sua obra vai ser mais grandiosa que a minha.

— Me fale mais sobre essa sua devoção — Justin disse, em tom amigável. — Tenho certeza de que ela é fascinante. — Enquanto falava, ele não tinha a menor ilusão de que Geraki realmente admitisse seu envolvimento religioso numa sala com câmeras de vigilância.

Ele riu.

— Ah, não é muito diferente da sua. Você e eu somos devotos as nossas causas e ambições... sempre confiantes, sempre questionadores, e guiados por vozes em nossas cabeças.

Justin manteve o sorriso condescendente, recusando-se a vacilar

com esse último comentário.

— Eu não ouço vozes, mas, enfim, adoraria ouvir mais sobre as suas.

— Eu estava me referindo a minha consciência, dr. March — Geraki disse, tranquilo. — Do que mais eu poderia estar falando? Você não deveria levar as coisas tão ao pé da letra.

— Erro meu então — Justin disse. — Agora, vamos nos apressar e ir direto ao motivo do nosso encontro: por que você estava tão ansioso para falar comigo? Eu e a pretoriana Koskinen tivemos um dia muito longo.

— Claro. Eu não queria ser um incômodo. Aqui entre nós, só estava curioso para saber se você tinha aprendido alguma lição nesse tempo fora do país. — Houve uma pausa enfática. — Mas está claro que não.

— Você quer dizer que não sou mais seu servidor preferido? — Justin lançou um rápido olhar de esguelha para Mae, mas nada havia mudado desde a última vez em que tinha olhado para ela. Ainda estava tensa e preparada, com o rosto impassível encarando Geraki sem pestanejar.

— Não, não. — Geraki riu. — Você sempre vai ser o meu preferido. Enfim. Oficialmente, eu tenho duas mensagens para você.

— De quem?

— De quem você acha?

Justin meneou a cabeça.

— Sinceramente, não faço a menor ideia.

Do nosso mestre, Magnus disse.

Acho que vocês não vão me dizer o nome dele ainda, né?, Justin perguntou. Obviamente, eles não disseram. Eles nunca diziam.

— Não importa — Geraki disse. Ele se aprumou na cadeira, colocando os dois pés no chão. — A primeira mensagem: você concedeu a maçã dourada, mas não cumpriu sua parte do acordo.

Ele está certo, Horatio disse.

Já conversamos sobre isso, Justin retorquiu, lançando os olhos rapidamente em direção a Mae. *Não preciso cumprir nenhum acordo. Tecnicamente não aceitei nenhuma compensação.*

— Tampouco se submeteu ao treinamento — Geraki

acrescentou. — Você anseia por conhecimento. Quando aceitar seu papel como aprendiz, muitas de suas dúvidas serão respondidas.

Justin cruzou os braços e se encostou à parede, obrigando Mae a mudar um pouco de posição para que continuasse com o corpo voltado para ele e Geraki. Justin manteve a expressão mais neutra possível, recusando-se a demonstrar que aquelas palavras significavam alguma coisa.

— Sabe de uma coisa? Aprendi, sim, uma lição no Panamá. Aprendi que sentia muitas saudades dessas suas divagações incompreensíveis.

Geraki levantou dois dedos.

— Minha outra mensagem é para ceder as estrelas e flores e aceitar o belo trato.

Não, Magnus disse, rapidamente.

Você nem sabe qual é o belo trato ainda, Horatio disse. Era outra das raras discussões entre os dois.

Não importa. Nós sabemos o que são as estrelas e flores. Ceder a mulher está fora de questão.

A menos que seja uma ordem do chefe, Horatio disse.

Se a perdermos, o acordo vai ser inútil, Magnus argumentou.

Geraki ainda estava falando sobre o tal belo trato.

— Você pode não gostar no começo, mas as consequências valerão a pena. Também pode fazer com que você entenda algumas coisas.

Se for verdade, Horatio disse, *realmente devemos pagar. Precisamos confiar no mestre.*

— Mais alguma coisa? — Justin perguntou, fingindo um bocejo. — Porque eu estou pronto para voltar para casa. E tenho certeza de que você está pronto para voltar para a cela.

— É uma cela muito boa, na verdade. E nós dois sabemos que não vou ficar lá por muito tempo. Tem sorte de eu gostar tanto de você, senão poderia ter prestado queixa por assédio ilegal.

— *Você* é que vai ser acusado de assédio ilegal se voltar a se aproximar de mim, da minha família ou da minha casa. — Essa era uma das coisas que ele havia preparado durante a ligação com a Segurança Interna: uma ordem de restrição.

Geraki meneou a cabeça, ficando completamente sério ou,

melhor, fingindo estar completamente sério. Para Justin, ele era uma das pessoas mais difíceis de interpretar.

— Dr. March, se não há nada em que você acredita, acredite em mim quando eu digo que tenho o mesmo carinho pelos seus entes queridos que tenho pelos meus. Você é praticamente um irmão para mim e eu quero te ajudar. Se algum dia eu puder fazer algum favor para você, é só pedir.

Justin se conteve para não revirar os olhos.

— Sempre vivi muito bem sem um irmão, obrigado. — Enquanto falava, um estranho pensamento lhe ocorreu. — A menos que saiba o que aconteceu com Callista Xie ou Nadia Menari.

A expressão de Geraki parecia sincera.

— Por que eu saberia alguma coisa sobre elas? Elas não são praticantes ilícitas?

Justin sentiu o coração acelerar. Embora preferisse a ideia de um geneticista vingativo à de uma seita nefanda, não estava em posição de descartar esta opção, ainda mais com o rápido passar do tempo. Ele havia lamentado a perda de Callista como contato com as religiões ocultas, mas ali estava outra conexão, bem diante de seus olhos, uma que alegava estar disposta a cooperar.

— Você sabe alguma coisa sobre praticantes ilícitos assassinando patrícios?

Geraki não disse nada. Ele era ótimo em manter a expressão neutra, mas houve um tênue brilho de surpresa em seus olhos. Não estava esperando por aquela pergunta. Bem. Justin deveria ficar aliviado pelo fato de a loucura de Geraki não se estender a assassinatos macabros. Mesmo assim, seria cômodo se seu novo "irmão" pudesse dar uma resposta a tudo aquilo.

Justin se aprumou e disse para Mae:

— Vamos.

— Espere — Geraki disse. Ele examinou Justin por mais alguns longos segundos. — Não sei onde Callista e Nadia estão. Elas cortaram relações com todo mundo. Mas sei que elas estavam falando muito sobre iluminar aqueles que ainda acreditam. Nadia, especialmente, falava sobre retornar aos devotos. Ela parecia ter algum lugar em mente.

— Que você não sabe qual é — Justin disse, buscando a verdade no rosto de Geraki. No entanto, uma palavra se destacou: "retornar".

Geraki sorriu.

— Realmente não sei nada. É tudo especulação, já que eu não tenho nada a ver com esses grupos.

— Claro — Justin se voltou para Mae de novo. — Agora vamos.

Ela não mudou de posição até Justin sair da sala. Alguns momentos depois, juntou-se a ele no corredor e, enquanto a porta se fechava, Justin viu Geraki ainda sorrindo.

— Não se esqueça do que eu disse, dr. March.

Mae só voltou a relaxar quando eles já estavam no metrô e, por mais que tentasse esconder, as mãos dela tremiam. Ela tinha visto Geraki como uma ameaça suficiente para entrar no modo de combate.

— Você não estava brincando sobre ele — ela disse. — Acha que vai violar a ordem de restrição?

Justin pensou por alguns segundos.

— Na verdade, não. Não sei por que acho isso. Acho que é só instinto.

— E o seu instinto entendeu alguma coisa do que ele disse? Ele sabe alguma coisa sobre os homicídios?

— Não. Essa pergunta pegou Geraki de surpresa, e ele deixou transparecer. Ele falou tudo o que sabia sobre onde estão Callista e Nadia. — Justin recostou a cabeça na janela do metrô. — Algum lugar onde as pessoas ainda acreditam. Onde poderia ser?

— Nenhum lugar na RANU — Mae disse.

Justin estava no meio de um bocejo quando ela falou essas palavras, que o despertaram com um tranco. Ele pegou seu ego e falou a ele:

— Mostre biografia de Nadia Menari. — Quando esta apareceu, ele levou apenas um segundo para encontrar o que queria. Soltando o fôlego, guardou o ego e voltou a se acomodar no assento.

— O que foi? — Mae perguntou.

— Acho que o meu "irmão" pode ter conseguido nos ajudar afinal.

18. Uma igreja sem deus

Com o passar da primeira semana na escola, Tessa ficou surpresa com a velocidade com que se adaptou ao horário e à tecnologia, por mais que ainda tivesse problemas com o conteúdo. Quando contou a Cynthia sobre a aula de espanhol, ela ficou furiosa e marchou até o escritório da diretora para uma reunião surpresa. Tessa não soube ao certo o que foi conversado naquele dia, mas, depois daquilo, recebeu a oferta de escolher entre várias eletivas artísticas. Acabou escolhendo uma sobre vídeo e cinema. A mídia constante no fluxo e o estilo quase exibicionista daquela sociedade continuavam a fasciná-la, ainda mais depois de viver num ambiente tão recluso.

O impacto da amizade de Poppy logo ficou claro. O apoio que ela deu a Tessa lhe permitiu acesso a um círculo de amigos maior que a defendiam contra os que eram muito menos tolerantes. Mesmo ainda aprendendo a complexidade da vida escolar gemana, Tessa logo entendeu que os amigos de Poppy não eram exatamente modelos de bons alunos. Metade deles parecia estar sempre em detenção. Mesmo assim, eles nunca pediam para Tessa fazer algo que a deixasse constrangida e, sob toda aquela aparência rebelde, eram pessoas realmente legais.

Certo dia, Poppy ajudou num assunto com que claramente nunca tinha esperado ter de lidar.

— Você já foi a uma missa da Igreja da Humanidade? — Tessa perguntou. Elas estavam na última aula, a de ciências, e, apesar da atitude irreverente, Poppy era excelente na matéria. Ela sempre terminava as tarefas mais cedo, o que significava que Tessa também terminava mais cedo.

Poppy levantou os olhos de seu leitor, em que estava olhando fotos de um ator que ela adorava.

— Claro. Meus pais me fazem ir aos fins de semana.

— Eu quero ver uma missa.

Poppy bufou.

— Por quê? É chato pra caramba. E você pode ver no fluxo.

Tessa já tinha visto, mas, mesmo assim, queria participar de uma pessoalmente. Assistir não dava a mesma *sensação* e ela precisava entender o conceito de uma igreja sem deus. Ela sentia falta das missas da igreja que sua família costumava frequentar e, por mais que soubesse que havia variações cristãs na RANU, também sabia que a participação de um membro da casa de um servidor em alguma outra religião que não a sancionada pelo Estado chamaria atenção.

— Eu só quero — Tessa disse. — Você poderia ir comigo?

— De jeito nenhum. Sem ofensa. Você sabe que eu faria quase qualquer coisa por você, Tess, mas preciso respeitar o meu limite de sermões de moralidade.

— Tudo bem. — Tessa tentou esconder o desapontamento, mas pareceu não ter conseguido, porque Poppy suspirou fundo.

— Caramba, não fica desse jeito. Assim você parte o meu coraçãozinho. — Poppy olhou ao redor e encontrou um menino de cabelo moreno e encaracolado, debruçado na sua lição. — Ei, Dennis — ela o chamou. — Vem cá.

Ele pareceu surpreso, mas caminhou até a mesa delas.

— Ei — ele cumprimentou.

Poppy apontou com a cabeça para Tessa.

— Você pode levar Tess para a igreja qualquer dia? — Para Tessa, explicou: — Dennis é de uma boa família, bem-comportada. Quer dizer, tirando a Rhea.

Rhea era outra amiga de Poppy, que havia sido suspensa depois de ter sido pega numa posição comprometedora com um professor.

Dennis abriu um sorriso nervoso para Tessa.

— Claro. Vou hoje depois da escola se você quiser.

Tessa congelou, mas Poppy respondeu por ela.

— Claro que ela quer. E fale para a Rhea que ela ainda está me devendo uma grana.

Dennis voltou para o seu lugar, e Tessa se voltou para Poppy, assustada.

— Eu não posso ir com ele! Não *sozinha*. Precisamos... sei lá. De uma dama de companhia ou coisa assim.

— Você está falando sério? — Poppy a examinou. — Poxa, está mesmo. Olhe, isso não é um encontro. É igreja. Em plena luz do dia. Nem seus amigos da província teriam problema com isso. Você não vai se pegar com ninguém num prédio abandonado. Além disso, ele é irmão da Rhea. Ele é de boa.

Poppy sempre falava dos hábitos provincianos de Tessa como se eles fossem bonitinhos, e não primitivos. Normalmente, Tessa aceitaria o conselho da amiga, mas aquilo envolvia um limite que Tessa não achava que poderia cruzar. Não importava se era em plena luz do dia ou em público. Sair sozinha com um menino era completamente incomum no Panamá. Mesmo sabendo que era normal para os padrões gemanos e nem um pouco perigoso, era difícil abandonar velhos ensinamentos.

Ela se sentiu melhor ao ligar para Cynthia depois da escola e pedir permissão.

— Você quer ir para a igreja? — Cynthia não estava em casa e atendeu só com a voz, sem imagem, mas Tessa conseguia imaginar a expressão incrédula dela.

— Tem algum problema? — Tessa hesitou antes de dar o grande golpe. — É com um menino. Sozinha.

— Ele tem trinta anos ou coisa assim?

— Não. Ele é do meu ano.

— Então vá com a minha bênção. Aprende alguma coisa boa.

Cynthia não era exatamente a figura autoritária que Tessa havia pensado no início. Justin tinha chamado a atenção da irmã por causa disso recentemente, questionando se ela estava fazendo um bom trabalho ao cuidar de Tessa. Cynthia tinha ficado indignada.

— O que tem para cuidar? Ela faz a lição de casa assim que volta da escola e ainda ajuda com a louça. Você me dá mais trabalho que ela. A coisa mais rebelde que faz é ir para a escola com aquela delinquente.

Assim, Tessa foi para o centro com Dennis. Ele podia ser irmão de Rhea, mas não tinha nada em comum com ela — para o alívio dela. Dennis pareceu tão tímido quanto Tessa havia achado a princípio e fez seu papel em ajudar a manter uma conversa

desajeitada. Pelo menos, ele parecia sinceramente interessado no passado de Tessa e, assim como Poppy, não achava nada vergonhoso.

— Meus pais gostam que a gente vá duas vezes por semana — ele explicou a ela, voltando ao tema da igreja. — Eles acham que desenvolve o caráter.

— Rhea vai também?

— Não, ela só diz que vai e eu dou cobertura para ela. — Ele riu sozinho. — Eles conseguem obrigá-la a ir agora que está suspensa. Para ela, deve ser a pior parte do castigo.

Embora a Igreja da Humanidade tivesse centros de culto em toda parte, sua maior catedral ficava no centro de Vancouver. Os vídeos de missas a que Tessa tinha assistido eram em lugares típicos das áreas públicas da RANU: simples, *clean*, reluzentes. Ela havia esperado o mesmo da catedral, só que em maior escala, tanto que foi uma grande surpresa entrar na construção e encontrar o que parecia uma igreja igual às do Panamá.

A parte mais notável, para Tessa, era a grande quantidade de madeira e mármore, dando uma aparência antiga completamente diferente da modernidade de todos os outros lugares da RANU. O teto abobadado era arqueado, e grandes janelas permitiam que a luz do sol vespertino iluminasse a nave e os bancos ornamentados de madeira. Pilares ficavam alinhados nas laterais da igreja, formando mais arcos ogivais. Tessa estava quase se sentindo transportada para outro país quando viu as telas de mídia espalhadas pelo lugar. Elas, sim, estavam mais próximas do que estava esperando. Ela e Dennis sentaram-se num banco mais para o fundo, o que a permitiu perceber outra característica notável: não havia símbolos ou imagens de qualquer tipo, exceto pela bandeira gemana.

— Está um pouco vazia hoje — Dennis disse a ela. — Vêm mais pessoas nos fins de semana.

— É bonito — ela disse. Devia ser a coisa mais bonita que ela tinha visto desde que chegara à RANU. — Tudo isso para nenhum deus. É tão estranho.

— Por quê? — ele perguntou, parecendo sinceramente confuso.

— É só o jeito como eu fui criada, nada demais.

— Você cultua algum deus?

Parecia estranho colocado nesses termos.

— Minha família cultuava.

— Que deus?

— Er, Deus, acho.

O oficiante começou a missa. Ele vestia o mesmo tipo de manto elaborado que ela vira em outros padres, mas aqueles eram nas cores nacionais gemanas. Dennis se aproximou para sussurrar no ouvido dela:

— Às vezes, nos fins de semana, a própria Angela oficia aqui.

Tessa não sabia quem era Angela e foi pega de surpresa pela proximidade de Dennis. Não causou nenhum calafrio de desejo no corpo dela. Era só uma coisa com a qual não tinha absolutamente nenhuma experiência.

Todos se levantaram e cantaram o hino nacional; em seguida, o oficiante pediu para que voltassem a se sentar. Deu as boas-vindas à congregação e começou a falar. E era isto que era: uma fala. Ou talvez "aula" fosse um termo melhor. Definitivamente não era um sermão. Inclusive, quando as telas ligaram, mostrando uma lista em tópicos, Tessa sentiu que estava de volta à escola.

O assunto do dia era contracepção e como ela era necessária para uma sociedade eficiente. Ouvir falar de sexo tão abertamente numa igreja a deixou vermelha, ainda mais por estar ao lado de Dennis.

A potente voz do oficiante ecoava pela catedral, tão potente como a de qualquer padre que Tessa já tinha ouvido:

— Uma sociedade que gera crianças planejadas e determinadas é uma sociedade superior. Não estamos nas províncias, com um bando de filhos correndo descalços em famílias que não têm dinheiro para alimentá-las ou vesti-las.

Tessa quase teria ficado ofendida, mas vinha se acostumando aos olhares de espanto que recebia quando revelava que tinha quatro irmãs. As mulheres gemanas costumavam ser esterilizadas quando atingiam a cota-padrão: dois filhos, a menos que dessem provas definitivas de que suas condições sociais e financeiras poderiam sustentar mais pessoas. Mesmo assim, quatro era o máximo. Sem exceções. Justin havia explicado para ela como as castas viviam batendo de frente com essa lei, tentando influenciar a favor da

remoção desses limites. “Eles acham que seus membros sem Caim deveriam receber permissão para procriar adoidado.”

— A lei garante que nos mantenhamos fortes e ordenados, embora algumas garotas acabem caindo em erro — o oficiante disse, levantando as mãos de maneira dramática. — Se vocês conhecerem alguém que tenha transgredido a lei dos catorze, façam seu dever cívico e denunciem imediatamente.

Tessa conhecia a lei, que exigia que meninas colocassem implantes contraceptivos quando fizessem catorze anos, a menos que atingissem a puberdade antes. Nenhum médico legal removeria o implante até que chegassem aos vinte anos de idade, a partir de quando estariam livres para engravidar. De repente, ela percebeu que não tinha o implante. Ela não estava tentando transgredir nenhuma lei; simplesmente nunca tinha passado pela sua cabeça. Talvez ninguém se importasse que cidadãos não gemanos “procriassem adoidado”. No entanto, era uma questão discutível. Tessa não tinha a menor intenção de fazer sexo tão cedo.

As leis de contracepção eram tão arraigadas na sociedade gemana que o oficiante conseguiu manter a fala breve. A congregação já acreditava. Ele estava apenas reafirmando o que eles estavam fazendo, como aquilo era bom, inteligente e superior. Ele também mencionou muito o governo e a identidade nacional. Lembrou a todos da sorte que tinham de terem líderes tão sábios no país. Ao olhar ao redor, Tessa podia ver no rosto de todos o encanto e a adoração pela joia do mundo.

A missa se encerrou com o hino novamente, e Tessa saiu com Dennis.

— Eu estava errada — ela murmurou. — Tem um deus. E é a própria RANU. Todo o esplendor e beleza para gerar fascínio nos cidadãos.

Dennis franziu a sobrancelha.

— Do que você está falando?

— Nada. Não importa. Obrigada por vir comigo. — Ela sabia que ele não teria como entender. Havia nascido em meio àquela propaganda política e não conseguiria imaginar outro estilo de vida. E aquele não era um estilo de vida ruim, ela admitiu para si

mesma. Tinha visto de perto aquilo contra o que o oficiante havia alertado: gestações indesejadas e filhos em excesso, alguns dos quais eram abandonados. A mensagem era muito boa. Foi a maneira como foi proferida que a deixou espantada.

Dennis abriu um sorriso hesitante enquanto caminhavam para a estação de metrô. Ele parecia ter se esquecido do potencial que ela tinha de ser membro de alguma seita perigosa.

— Nós vamos para um show na semana que vem... a Poppy comentou com você? É do Vital Lucidity.

Tessa mal conseguiu entender o que ele disse.

— Vital Lucidity?

— É uma banda. Muito da hora. Eles vão tocar ao ar livre no Westfield Plaza. Vários amigos vão, e eu posso passar na sua casa para te levar.

— É um encontro? — ela perguntou. Ela se sentiu ríspida e idiota por perguntar assim, tão diretamente, mas achou que aquele era um assunto que exigia esclarecimento absoluto.

Ele arrastou o pé e desviou o olhar.

— Acho que sim. Se você não quiser...

— Eu quero — ela disse. — Quer dizer, preciso pedir permissão antes. — Um show como o que ele descreveu estaria fora de questão no Panamá, mas ela ficou curiosa para ir, por mais que não entendesse exatamente o que era essa tal Vital Lucidity. Não devia ser perigoso, ainda mais se Poppy também iria; porém, mais uma vez, seus instintos não a deixariam ir desacompanhada sem permissão. — Eu aviso você.

Isso satisfez Dennis, que respondeu com outro sorriso:

— Legal.

Eles se separaram, e Tessa voltou para casa com a cabeça cheia de dúvidas. Torceu para que Justin não chegasse muito tarde naquela noite, pois queria falar o que tinha visto na igreja. Ele era tão mergulhado na retórica gemana como todas as outras pessoas do país, mas talvez fosse a única pessoa capaz de entender os comentários dela.

Extraordinariamente, ele acabou voltando mais cedo mesmo, logo depois do jantar.

— Nenhuma viagem hoje — ele explicou. — Só algumas licenças

locais. Só faltam mais duas viagens e não faço a menor ideia do que vai acontecer. — Essa última parte foi mais para si mesmo do que para Tessa, que ficou com medo de pedir para ele explicar. Ela sabia que ele estava trabalhando em alguma coisa maior do que o trabalho normal dos servidores, algo de que ele e Mae viviam cochichando. O que quer que fosse, ele tinha que ficar muito tempo fora e, apesar de entender que esse era o trabalho dele, sentia falta de conversar com Justin como antigamente.

Ele foi para o cômodo que tinha tomado como escritório, e ela ficou pensando se ia incomodá-lo contando sobre seu dia na igreja ou não. Por fim, achando que ele não reclamaria sobre o fato de ela estar explorando a sociedade a que ele a havia trazido, ela o seguiu. Quando chegou à porta, ouviu vozes e começou a dar meia-volta, percebendo que ele estava no meio de uma ligação. Ficou curiosa, porém, quando reconheceu que uma das vozes era de Dominic e, indo contra toda a sua boa criação, parou logo atrás da porta entreaberta e ficou olhando.

De fato, o rosto de Dominic, parecendo irritado, estava exposto na tela de parede de Justin.

— O Leo está no escritório dele. Preciso tirar meu *portobello casserole* do forno primeiro, depois o chamo. A comida fica seca se ficar mais de dezessete minutos no forno.

Justin resmungou quando Dominic desapareceu e murmurou para si mesmo:

— Cara, ele é um saco.

Leo apareceu logo depois.

— Quer os resultados?

— Tem os relatórios?

— Sim. — O rosto de Leo se iluminou num sorriso. — Parece que você está devendo uma bebida para Mae. Todas as vítimas são equivalentes. Foram feitas pela mesma pessoa, mas ela não. Ela não tem a mesma assinatura.

Foi um dos raros momentos de surpresa para Justin.

— Como assim? Não pode ser. Ela é um nove exatamente da mesma época.

— Isso quer dizer que você está errado. Sei que deve ser uma experiência nova. Mas se faz você se sentir melhor, acho que

houve um pouquinho de manipulação genética com ela, sim.

— Por quê? — Justin ainda parecia perplexo.

— Os genes dela são extraordinários — Leo disse. — Bons demais para serem naturais, na minha opinião. Não são tão bons quanto os das vítimas. Aqueles são pura... arte.

— Então ela não tem nenhuma conexão com o caso — Justin disse, inexpressivo.

— Não pelo que eu pude ver. Não fica tão triste. Ela ainda é uma pretoriana do caralho e tudo mais.

— Eu sei — Justin sorriu, hesitante. — Já contei para você sobre esse templo do Apolo aonde nós fomos? Você teria adorado. O cara tinha microfilamentos subcutâneos que transmitiam drogas que induziam o transe. Você devia ter visto a cara dele quando eu mandei Mae como voluntária. Ela não moveu um músculo.

Até mesmo Leo se divertiu com aquilo.

— Ela deve ter mexido algum músculo, sim.

— Não, o implante a protegeu.

— Sim, mas ele deve ter demorado um segundo para identificar e metabolizar a droga.

Justin estava obstinado.

— Bem, eu sei o que eu vi.

— E *eu* sei mais sobre pretorianos.

— Então. Você descobriu alguma coisa sobre o mistério do vídeo alterado? — Justin disparou, sem gostar que discordassem dele.

O bom humor de Leo diminuiu.

— Não. Mas eu tenho uma boa ideia de um experimento para o vídeo. Vou deixar você a par. — Ele desligou.

Justin ficou olhando para a tela em silêncio por alguns segundos antes de dizer:

— Pode entrar.

Sentindo-se boba, Tessa entrou no escritório.

— Desculpe. Eu estava vindo falar com você.

Ele fez que tudo bem enquanto se sentava na cadeira e colocava os pés na mesa.

— Responda, meu prodígio. Seis patrícios nascidos num período de um ano, todos com altas pontuações, todos mostrando sinais de manipulação genética feita pela mesma pessoa, exceto uma. Por

quê?

Tessa se recostou na parede.

— Porque a sexta não foi feita pela mesma pessoa.

Justin fez cara de quem não gostou do que ouviu.

— Obrigado por isso. Então é coincidência?

— Disso eu já não sei — ela respondeu, encolhendo os ombros. — Os números mentem?

— Não quando foi Leo quem fez o teste.

— Então *é* uma coincidência.

Ele assentiu, embora seu rosto ainda parecesse cético.

— Tem mais esta. Um bando de plebeus morre no mesmo ano em que alguns patrícios perfeitinhos são concebidos. É coincidência?

— Não sei nada do contexto disso aqui. Esse é o seu caso?

— Sim. E não fala para ninguém que estamos tendo essa conversa.

Não parecia ter muito a ver com religião.

— Acho que você precisa se perguntar por que isso aconteceria. Por que os plebeus morreriam quando os patrícios foram concebidos? Se tiver um motivo, então não pode ser coincidência. Desculpe — ela acrescentou, percebendo que aquela não era uma resposta muito boa. — Acho que não estou muito prodígio hoje.

— Você está ótima. — Ele se endireitou na cadeira. — Então. Sobre o que você queria conversar?

— Fui à missa hoje. Da Igreja da Humanidade — ela esclareceu. — Pensei que fosse como um manual de moralidade e princípios humanos. Mas, no geral, pareceu mais uma maneira de impor respeito às políticas do país.

— São a mesma coisa. É isso que as religiões fazem: uma força superior nos fala como viver. Só que essa mensagem vem de um grupo racional de seres humanos, e não de uma entidade inventada e cheia de caprichos.

— As religiões dão um sentido de propósito. Elas ligam você a alguma coisa maior no universo e ajudam os fiéis a entender por que estão aqui — ela argumentou.

Ele abriu um sorriso de provocação.

— Não foi isso o que eu acabei de dizer?

— Não. Acho que não. — Ela franziu o cenho. — Se eu encontrar uma igreja, uma de verdade, como aquela aonde eu ia no Panamá, você vai me prender? Isso vai me dar problemas?

— Só se você tentar trair o país. Existem duas aqui que são bem parecidas. Licenciadas e inofensivas. Você pode ir se quiser.

Ela não respondeu, mas ficou pensando se a ideia da RANU de "licenciadas e inofensivas" seria realmente parecida com a fé em que ela foi criada. No entanto, disse:

— Ah. Eu meio que tenho um encontro.

Isso chamou a atenção dele.

— Como assim? Com quem?

— O menino com quem eu fui à igreja — Tessa disse, desconcertada. — A Cynthia disse que não tinha problema.

— Porque ela nunca foi um menino adolescente — ele disse. — Duas semanas aqui e você já está me deixando de cabelos brancos. Me fale o nome dele para eu poder dar uma checada e depois lembre-se de fazer o menino passar aqui para me conhecer.

Tessa não conseguiu não ficar um pouco surpresa. Até então, Justin não tinha parecido nem um pouco interessado nas atividades dela.

— Eu só vou a um show — Tessa disse, tentando tranquilizá-lo. — Quero filmar algumas coisas para a aula.

— Filmar?

— Estou na matéria de mídia agora. Parte do projeto é fazer um documentário, e estou fazendo o meu sobre cultura gemana do ponto de vista de uma estrangeira. — Tessa estava animada com a ideia, e não apenas porque a tinha liberado das aulas inúteis de espanhol.

— Hum — ele disse. — Repórter emergente. Por essa eu não estava esperando. Não grava nada aqui sem antes me consultar.

— Eu sei.

Ele desviou o olhar, pensativo.

— Existe muito poder nas câmeras e na edição, sabe. Faz você definir o que é a verdade.

— Não é isso o que você faz? — ela perguntou. — *Servitor veritatis*. "Servidor da verdade." Você não define a verdade também?

Ele riu e abanou a cabeça, pesaroso.

— Vá para a cama, prodígio. Você é inteligente demais para o seu próprio bem. E para o meu também.

19. Gratos por estarem nos rebanhos da civilização

Mae não estava tão animada com a última investigação em capitania, a nórdica. Ela não tinha a menor vontade de visitar o antigo lar e, secretamente, tinha esperanças de que ele cancelasse a viagem, uma vez que agora estava às voltas com a ideia de que um geneticista vingativo estava por trás dos homicídios. Ele fez averiguações junto a várias castas, pedindo registros de quaisquer outras "indiscrições genéticas", como eram chamadas oficialmente. Embora ele acreditasse na teoria do geneticista, ela sabia que Justin não tinha muita fé que conseguisse resultados. A maioria dos patrícios era concebida in vitro, o que significava que havia um grande número de clínicas que eram abertas e fechadas.

Ele também tinha requisitado informações das várias famílias sobre as concepções das vítimas, mas recebeu respostas arrevesadas. Algumas juravam que não tinham usado in vitro. Outras davam nomes de médicos que aparentemente não existiam. O que atrapalhava ainda mais a situação era que muitos castais tinham rancor pelas proibições da RANU contra pesquisa genética, e alguns trabalhavam em altos escalões do governo castal, podendo, assim, ajudar a acobertar clínicas ilegais.

Enquanto isso, Justin ainda seguia de maneira obstinada suas pistas religiosas, embora Mae suspeitasse que ele só fizesse isso por desespero. Ele mantinha a fachada confiante, mas ela sabia que ele estava ficando cada vez mais nervoso com o passar do tempo. Eles já tinham passado da metade do mês agora, e, a cada dia que passava, eles se aproximavam mais de outro homicídio e do possível retorno dele ao exílio. Ele disse ter conseguido uma pista com o longo discurso de Geraki, o que a deixou surpresa, visto que pouco das divagações daquele maluco fazia sentido. Ela ficou ainda

mais surpresa quando Justin disse que eles iriam para as fronteiras da RANU.

A RANU tinha passado várias décadas se firmando e desenvolvendo seu poder. Quando se sentiu estável, começou, aos poucos, a expandir seu território pelo continente. Algumas regiões, como os territórios a sudoeste da RANU, tinham feito a transição com mais tranquilidade. Elas tinham formado uma configuração pouco estruturada de cidades-Estados depois do Declínio e, com o tempo, aceitaram ser anexadas pelo poderoso país vizinho.

Outras regiões não ficaram tão animadas. O outro vizinho da RANU, Arcádia, tinha se formado quando a região sudeste dos antigos Estados Unidos decidiu não se unir ao restante do país e do Canadá, pois se opunham aos mandatos rigorosos. Mae conhecia o bastante da cultura arcadiana para saber que "decidir" não era a palavra que eles usavam na história deles. A Arcádia alegava ter sido abandonada porque a incipiente RANU não poderia manter tanto território. A verdade estava entre essas teorias e, apesar da devastação causada pelo Mefistófeles e pelo Caim, a Arcádia acabou conseguindo ressurgir como um país relativamente estável, sobretudo graças a um governo teocrático e despótico.

As relações entre os países eram tensas, ainda mais porque a RANU estava de olho em alguns territórios ricos em recursos naturais do país vizinho. A energia gemana dava preferência a fontes renováveis, mas óleo e gás natural ainda faziam parte da demanda. Como resultado, a fronteira ocidental da Arcádia estava em disputa constante enquanto cada país tentava fincar seu território. A RANU tinha armas e tecnologias mais avançadas, mas o exército arcadiano era vasto e vinha desenvolvendo armas que, embora fossem menos sofisticadas, ainda causavam problemas.

O destino de Justin não era uma fronteira arcadiana, mas, sim, uma região que havia sido anexada apenas cinco anos antes. Embora o governo gemano trabalhasse de maneira muito rápida para arrebanhar esses territórios para dentro da cultura uniformizada do resto da nação, esses novos territórios ainda tinham fama de serem estouvados e dissidentes, tribulações combatidas pela forte presença militar na região.

Mae recebeu a ligação de Leo sobre os resultados de seu teste a

caminho da casa de Justin. Não foi nenhuma surpresa ouvir que o resultado dela não era igual ao das vítimas. Por essa ela já esperava, ainda que Justin argumentasse a favor de sua teoria da conspiração.

Era no *outro* resultado que Mae estava interessada, aquele sobre o qual não tinha comentado nada com Justin. Quando ele saiu para atender a uma ligação durante o jantar deles no japonês, ela decidiu confiar em Leo e pedir um favor a ele. A relação dos dois havia melhorado a ponto de fazer valer o risco. Ela tinha lhe entregado a mecha de cabelo que Emil lhe dera, ao mesmo tempo com medo e ansiedade pelo que Leo pudesse descobrir. Ele havia prometido discrição e não fez nenhuma pergunta.

— É positivo — ele disse quando ligou. — É seu parente, sem dúvida.

Mae estava sentada no trem, com o ego encostado à orelha no modo de voz, sem imagem.

— De que grau?

— Vinte e cinco por cento parecido com você. É um avô, meio-irmão, sobrinho ou tio. — Ele fez uma pausa. — Primo de primeiro grau também pode ser.

— Entendi. — Ela respirou fundo. — Consegue dizer qual?

— Não, tudo que eu consigo ver são os genes que batem. Se você me mandar dados de sua família imediata, consigo achar uma aproximação maior.

Boa sorte com isso. Mae se divertiu com a breve fantasia de cortar, furtivamente, uma mecha de cabelo da irmã.

— Acho que não dá.

— Isso já ajuda?

Ajudava? Mae não sabia. A única coisa que provava com certeza era que Emil tinha conseguido o cabelo de algum parente dele. Claro, havia também aquela foto, que tampouco era uma evidência concreta, apesar da semelhança com a família. Alguém como ele poderia ter vasculhado arquivos de fotos de criança até encontrar uma que parecesse com os Koskinen.

— Ajuda — ela disse a Leo. Ao menos, mostrava até que ponto a Brödern estava disposta a ir para conseguir a ajuda de um pretoriano. — Obrigada. Fico devendo uma para você.

Ela podia sentir o constrangimento na voz dele. A relação entre

os dois ainda não estava inteiramente sólida.

— É um prazer ajudar.

— E obrigada por não contar nada ao Justin... você não contou, né?

Ela ouviu uma risada.

— Se tivesse contado, ele já teria batido na sua porta hoje exigindo respostas. Ele vive para resolver esse tipo de mistério.

Mae não tinha como discordar, e eles desligaram. Ela podia não ter passado de uma mera conquista, mas isso não significava que ele deixaria de tentar tirar informações dela ou de qualquer pessoa com quem se deparasse. Talvez ele não conseguisse evitar, como havia dito, mas ela achava melhor não correr o risco.

Como era de esperar, não havia muitos voos diretos para as regiões fronteiriças, o que fez com que eles perdessem boa parte do dia para chegar ao destino. Quando saíram do avião, Mae perdeu o fôlego. A primavera havia chegado a Vancouver, mas não era nada comparada ao calor vespertino de Mazatlán. O oceano brilhava sob o poente quando o voo deles pousou e, agora, com o cair da noite, podiam-se ver as luzes cintilantes dos prédios à distância, onde, sobre uma colina, ficava a maior parte da cidade.

— Podia ser um bom lugar para tirar férias — Justin refletiu.

— Estou surpresa que não traga nenhuma lembrança traumática do Panamá.

— Aqui tem mais umidade. E segurança também.

— Certeza? — ela perguntou. Ela já tinha ido a várias regiões fronteiriças e sabia que elementos desagradáveis espreitavam sob a superfície, aqueles que não estavam completamente a bordo das medidas do governo.

— Existem dissidentes — Justin concordou. — Aliás, é bem provável que encontremos alguns quando sairmos amanhã, mas não vai ser nada de mais. Depois que tiverem mais tempo para se adaptar, vão ficar gratos por estarem nos rebanhos da civilização.

Perto do aeroporto, os trilhos de metrô de superfície financiados pelo Estado ainda estavam em construção. No entanto, carros sem motorista haviam sido espalhados pela região e foi bastante fácil pegar um até a cidade. Lá, ela confirmou que não foi à toa que Justin havia comparado a missão a uma viagem de férias, ainda

mais porque eles ficariam hospedados num resort com vista para o mar.

— A ICS está pagando por tudo isso? — ela perguntou, sem conseguir acreditar. Os prédios de Mazatlán eram um misto de construções pós e pré-Declínio, e aquele era um dos mais recentes, bonito e cheio de luxos modernos. No entanto, quando chegaram à entrada, ela não conseguiu deixar de notar o grande número de policiais e militares comuns em patrulha nas ruas. Aquilo sem dúvida não era algo que se veria em nenhum resort de luxo em outras partes da RANU.

— Com o dinheiro dos nossos impostos — Justin disse. — Aproveite, porque amanhã nós vamos ver as partes velhas da cidade.

Eles passaram a noite num dos muitos restaurantes do resort, curtindo o jantar e as bebidas enquanto uma banda local tocava violão. À frente deles, estendia-se uma enorme praia que abria espaço para a escuridão do oceano. Mae mal conseguia distinguir o som das ondas.

Como sempre, Justin bebeu muito o tempo todo, mas, pelo menos, não tomou nada além disso, o que, se tudo desse certo, reduziria as chances de ele ter uma overdose. Ela não queria descobrir em primeira mão se os recursos médicos de Mazatlán estavam de acordo com os padrões gemanos. Ele tinha falado muito pouco sobre o que acontecera em Windsor, mas ela vinha notando que, com a exceção do estimulante matinal, ele não estava tomando nada mais pesado do que álcool.

Todo aquele tempo passado juntos... os hotéis, os jantares. Às vezes parecia uma paródia de um namoro. Com a exceção de que nenhum namorado ficaria olhando para outras mulheres com tanta frequência. O olhar dele não parava de se focar especialmente numa jovem garçonete ruiva.

— Vá contar a ela que você é um diplomata da AO — Mae disse. — Aposto que vai dar certo.

Ele voltou a atenção para ela.

— Para alguém que diz que isso está no passado, você realmente parece que não superou. Nunca me deixou explicar.

— Tem mais o que explicar do que essa ter sido sua desculpa

para me levar para a cama?

— Foi isso que levou você para a cama? — ele replicou.

— Não — ela admitiu. Tinha sido o bom humor e a sensualidade dele. A sensação de que ele estava interessado no que havia dentro dela, e não na aparência de loura natural que encantava tantos homens. Tinha sido até um pouco daquela bravata, da qual ela parecia não conseguir fugir. Acima de tudo, tinha sido uma sensação de conexão mágica. Ela nunca daria a satisfação de dizer isso a ele, mas, às vezes, nos raros momentos em que não estavam brigando, ainda sentia isso.

— O casaco era de um amigo meu — Justin disse. — Ele tinha me emprestado e, quando você pensou que eu era ele... só deixei rolar. É menos deprimente ser um diplomata do que um exilado. Não estava imaginando que aquilo fosse dar no que deu. — Ele riu para si mesmo. — Queria saber onde Huan está agora. Ele não iria acreditar nessa virada do destino. Além do pai de Tessa, ele era meu único amigo de verdade lá.

— E não Cristobal e todos aqueles fãs de gemanos?

— Não. Definitivamente, não. — Seu olhar era penetrante enquanto a examinava. — Nove nórdica, você deve ter sido um diamante crescendo entre cinzas. Não sei como ou por que você saiu, mas tenho certeza de que deve ter sido mostrada em todo canto e colocada em exibição. Sua família não faria menos.

Mae não queria dar a ele a satisfação de admitir que estava certo, mas aquilo não era exatamente algo difícil de concluir.

— Sim.

— Você gostava?

— Às vezes — ela respondeu, sinceramente.

— Foi ficando cansativo? Sempre ter que sorrir e dizer coisas educadas? Sabendo que as pessoas estavam te observando e te examinando? Sabendo que elas estavam se juntando para ver o que você era e não quem você era?

A capacidade dele de capturar com tamanha perfeição algo como aquilo era ao mesmo tempo fantástica e perturbadora. Mas mais uma vez ela respondeu com sinceridade.

— Sim.

— Então, pronto. É exatamente igual ser um gemano no Panamá.

As palavras dele lhe causaram um sobressalto. Ela nunca tinha pensado que pudessem ter alguma experiência em comum, muito menos uma como essa. Subitamente, ela se deu conta de que as dificuldades que ele passou no Panamá podiam ir além de simplesmente estar cercado por coisas primitivas. Havia um aspecto social em que ela nunca havia pensado. E, a partir dessa conclusão, de repente chegou a outra ainda mais surpreendente. A tristeza e a solidão que tinha visto nele podiam não ser simuladas. Aquilo não significava que ele não tivesse suas segundas intenções, ainda mais se ela pudesse contar com aquele discurso sobre "segundos encontros". Mesmo assim, com isso, ela viu Justin por um novo ângulo. Não conseguiu articular direito seus pensamentos e apenas ficou em silêncio. Não sabia com que expressão estava, mas, depois de vários momentos a observando, Justin desviou o olhar e terminou seu drinque.

— Então — ele disse, levantando-se. — A noite está passando e o turno dela deve acabar logo. Posso assumir daqui, nobre defensora. Mande a conta de qualquer outra coisa para o meu quarto. — Ele bateu uma continência irônica e caminhou até a garçonete, com uma expressão muito parecida com a que estava no primeiro encontro com Mae. A jovem pareceu interessada, mas, enfim, quem não estaria diante daquela beleza e daquele charme? Irritada com seu momento de sentimentalismo, Mae também saiu. Para o seu quarto, sozinha.

Na manhã seguinte, ele estava de bom humor, mas não comentou nada sobre o que havia acontecido. Ela é que não iria perguntar. Eles pegaram outro carro, dessa vez em direção à periferia da cidade, que ia ficando cada vez menos rica conforme se afastavam. A presença militar também diminuía. Havia alguns poucos projetos arquitetônicos modernos, mas a maioria era de antes do Declínio ou haviam sido construídos às pressas logo depois dele numa busca desesperada por segurança em meio ao caos que dominava as ruas. As pessoas que eles viam eram claramente da classe trabalhadora e, por mais que agora tivessem o mesmo acesso à saúde e educação, ficou claro que esses novos cidadãos estavam muito longe dos outros mais modernos. Anúncios em espanhol indicavam que muitos ainda não tinham

aprendido a nova língua nacional.

Mae estava esperando que eles fossem visitar alguma outra igreja, mas, em vez disso, o carro os deixou num estúdio de tatuagem.

— Você quer imortalizar essa viagem?

— Talvez depois. Agora vamos visitar a família de Nadia Menari.

— A mulher sobre quem você perguntou na igreja de Apolo.

Ele fez que sim.

— Geraki disse que ela estava voltando para algum lugar onde as pessoas ainda acreditavam. Essas regiões fronteiriças anexadas são cheias de religiões. Mesmo depois que a ICS acaba com elas, muitas escapam pelas fendas. Nadia cresceu aqui e, apesar de eu não conseguir encontrar nada sobre ela, parte da família dela voltou para cá depois que fechei a igreja dela. Se eu quisesse abrir uma seita discreta, também viria para cá.

— E essa Nadia pode nos ajudar?

— Talvez. Estou mais interessado em encontrar a companheira dela, Callista. Ela, sim, pode nos ajudar.

Mae estava achando difícil imaginar que grupos pegos por um servidor estivessem dispostos a ajudá-lo.

— Tem certeza disso?

— Certeza absoluta.

Eles entraram no calor abafado, sem encontrar nenhum ar-condicionado no estúdio vazio. Um vidro sujo exibia modelos de desenho. Mae ainda nutria a fantasia adolescente de fazer uma tatuagem, mas tinha bastante certeza de que não queria fazer uma nas práticas nada higiênicas daquele lugar.

— Posso ajudá-los? — Um plebeu alto e magricelo entrou pela porta dos fundos do estúdio. Justin deu um passo à frente.

— Sim, eu sou...

— Justin March. — O homem lançou um olhar longo e lento para ele. — Eu lembro. Eu estava lá quando você nos visitou.

Justin forçou um sorriso.

— Ah, então... é um prazer vê-lo de novo. Eu, hum, estou aqui pelo mesmo motivo de antes. Estou tentando encontrar Nadia.

— Nadia? A minha prima? Você já desbandou a igreja dela.

— Não é por isso que estou aqui. Você sabe se ela está em

Mazatlán? Só preciso conversar com ela.

Mae se aproximou; sua vigilância ativou o implante. Ela não gostava nem um pouco da linguagem corporal daquele homem. Ele estava nervoso.

— Sim... sim, claro. Só preciso conseguir falar com ela. — O homem sorriu com dificuldade. — Sabe como ela é.

Justin fez que sim, ainda sorrindo, mas também confuso.

O homem voltou em direção à porta por que tinha acabado de entrar.

— Só me deixe ligar para o meu irmão para ver o que ele sabe. Vai demorar só um segundo. Posso... pegar alguma coisa para vocês enquanto esperam? Uma cadeira? Alguma coisa para beber?

— Não precisa de nada. Estamos bem.

O homem desapareceu pela porta, que deixou entreaberta, e Mae ouviu sua conversa unilateral em espanhol. As únicas palavras que conseguiu entender foram "Nadia" e "Justin March".

— Tem alguma coisa estranha — ela disse. — Ele está muito nervoso.

— Sim — Justin concordou. — Mas ele sabe quem eu sou. Essas pessoas têm mais medo das visitas federais do que os castais.

O tatuador voltou, com um sorriso maior e mais natural dessa vez.

— O meu irmão sabe onde ela está. Vai trazer Nadia aqui.

— Ótimo — Justin disse. — Obrigado.

Justin e Mae ficaram andando de um lado para o outro em frente à loja, sem verem nenhum cliente nos dez minutos que ficaram ali. Então, ouviram uma porta se abrir nos fundos e uma conversa baixa. O dono da loja apareceu e os chamou.

— Por aqui.

A caótica sala dos fundos parecia o lugar que servia de oficina. Instrumentos desordenados e leitores antigos estavam espalhados pelas mesas e cadeiras, e uma grande geringonça metálica de aparência estranha ficava suspensa sobre um longo catre onde as tatuagens deviam ser feitas. Uma cama sugeria que o tatuador morava lá.

Mae logo percebeu que havia alguma coisa errada, pois, em vez de uma mulher, encontrou três homens esperando por eles. Três

homens armados. Ela imediatamente jogou Justin no chão, com tanta força que ele soltou um grito de surpresa. Ela sacou a arma antes que ele caísse e, sem titubear, disparou no braço de um dos agressores. Um dos comparsas teve o bom senso de se jogar no chão também, e o outro fez o mesmo depois que Mae o desarmou e bateu com a pistola na cara dele. Ela estava partindo para cima daquele que havia tentado escapar quando ouviu uma voz atrás dela dizer:

— Calminha. Jogue a arma no chão ou a carreira do dr. March acaba aqui mesmo.

Lentamente, Mae se voltou na direção da voz. Era o tatuador, também armado, apontando um revólver para a cabeça de Justin. Aquelas malditas regiões anexadas ainda conseguiam contrabandear armas. Aquilo nunca teria acontecido na civilização. Ela sabia que era mais rápida que o tatuador para salvar a própria vida, mas isso não significava que Justin sairia dali vivo. E, ao olhar nos olhos dele, sentiu um aperto no peito, e um medo terrível e avassalador, não pela missão em si, mas pela vida *dele*. Um tumulto na porta dos fundos lhe indicou que outros estavam se aproximando e, rangendo os dentes, ela colocou a arma no chão.

Os comparsas variados de Mazatlán eram péssimos como captores, e a detenção deles ficou ainda mais constrangedora quando Mae pensou nos inimigos letais que havia enfrentado ao longo da vida. Mas não teve alternativa com aquela arma apontada para a cabeça de Justin, e foi isso que a deixou naquele aperto. Os dois ficaram amarrados na sala dos fundos até que a noite caísse lá fora, quando seus captores acharam que era seguro transportá-los.

Ela examinou os homens durante o dia todo e só encontrou um que agia como se pudesse ter treinamento de milícia que patrulhava a região antes da RANU. Ele não era habilitado o bastante para identificar que as armas dela eram militares, tampouco pensou em revistar a bota dela. Mesmo assim, ela não podia usar a faca enquanto estivesse amarrada, mas se sentia mais segura sabendo que ela estava lá.

O grupo levou Justin e Mae para um prédio grande e surrado

que poderia ter sido um escritório em seus tempos áureos. Eles entraram por uma porta lateral, e ela piscou algumas vezes quando uma luz brilhante reverberou de uma velha lâmpada incandescente. A sala em que estavam era pequena e apertada, mas, a menos que estivesse enganada, ela pensou ouvir o som de pessoas do outro lado. Muitas pessoas.

Dois homens plebeus aguardavam no escritório e pareceram tensos quando o grupo de Mae entrou. Um era mais velho, com o cabelo grisalho, mas ambos tinham uma semelhança tão grande que ela imaginou que fossem pai e filho. O filho pareceu ser mais novo que ela, mas tinha o porte físico de um tanque, com músculos bem definidos em todo o corpo.

— Esse é ele? — o mais velho perguntou, caminhando para ficar na frente de Justin.

— Sim — o tatuador respondeu.

O mais velho deu um forte soco no rosto de Justin, e Mae teve um sobressalto por dentro, fervilhando de raiva enquanto ele cambaleava para trás por conta do soco. Ela tentou avançar apesar das amarras, mas dois pares de mão a puxaram para trás com força. Os olhos do senhor se voltaram para ela.

— E quem é a castal?

— Não faço ideia — o tatuador respondeu. — Mas ela estava armada até os dentes.

Você não sabe da missa um terço, ela pensou amargurada. Não via a hora de espancar aquelas pessoas depois que estivesse livre e Justin estivesse em segurança.

O mais velho olhou para ela com desinteresse e se voltou para Justin.

— Seu filho da puta! — A voz dele ecoou gélida. — Seu filho de uma puta. Perdi minha filha por culpa sua!

Justin logo fez uma suposição e ficou pálido.

— Nadia morreu?

— Quase! Depois que você fechou a igreja dela, ela veio para cá para começar uma vida nova, mas achou que precisava de orientação da deusa. Nadia saiu da comunidade com ela para dentro da floresta... e atravessou a fronteira! Não permitiram que voltasse.

— Ela é uma cidadã — Justin disse. — Eles deveriam ter deixado Nadia entrar quando leram o chip dela.

— Ela tirou o chip para fazer a jornada — o homem lamentou. — Queria se purificar e ficar livre de todas as invenções humanas. Agora a segurança da fronteira não deixa minha filha voltar, e ela não tem como colocar o chip de volta lá. Estamos tentando fazer uma petição, mas, enquanto isso, ela está presa. E é tudo culpa sua, por ter fechado a igreja dela!

Aquela era talvez uma das teorias mais estúpidas que Mae já tinha ouvido e só corroborava com tudo o que ela pensava sobre religião. Toda a história, desde a ideia de comungar com uma divindade a remover o chip, um crime grave, tinha sido idiota.

— Ei, eu salvei Nadia de uma sentença de prisão — Justin retrucou. — Fechei a seita dela por um erro burocrático, e não porque ela estava pregando incitação a motim.

O homem golpeou Justin novamente e, dessa vez, preparada para as mãos que tentariam contê-la, Mae desviou com habilidade e conseguiu acertar um forte chute no estômago do velhote. Os olhos dele se arregalaram de dor enquanto caía e, dessa vez, muitas mãos a dominaram, empurrando-a com força contra a parede de trás. A cabeça dela bateu com estrondo, e o implante logo compensou a dor.

O jovem forte avançou na direção dela.

— Sua vagabunda...

— Ei, ei, ei, espere aí, Eugene. Guarde a força para a luta — um dos captores de Mae o acalmou, entrando na frente dela.

— Luta? — Justin perguntou. Seu rosto ostentava a marca vermelha e dolorida dos socos, embora ele escondesse toda a dor que pudesse ter sentido.

— Sim — o homem mais velho disse, ofegante, enquanto deixava que um dos outros o ajudasse a se erguer. — A *danza*.

O tatuador, ao notar os olhares sem expressão, explicou:

— A *danza* é uma luta usada entre os clãs para resolver questões de honra.

— Que tipo de luta? — Mae perguntou.

— Que tipo de questões? — Justin indagou.

— Uma luta de faca — o mais jovem, Eugene, declarou.

Uma luta de faca por honra? Clãs? Mae estava abismada. Aquele lugar ainda tinha muito a evoluir.

— A tradição exige e a nossa deusa também — o pai de Nadia explicou. — Precisamos vingar o que você fez com ela.

— Quais são as regras? — Mae olhou com expectativa de um captor a o outro, e ao pai de luto. — Vocês não podem achar que ele vai entrar numa luta sem saber as regras.

O tatuador deu de ombros.

— As regras são simples. Os oponentes devem ficar dentro dos limites demarcados. Cada oponente ganha duas facas que podem usar de qualquer forma contra o outro. O vencedor é aquele que ainda estiver de pé no final. O perdedor é o que sangrar até a morte.

Pelo visto, lutar até a morte combinava bem com o resto do melodrama. Parecia coisa de filme: um duelo para vingar a honra. Bruto ou não, Justin não teria a mínima chance, muito menos contra Eugene. Aquele homem conseguiria vencer só com seu peso.

— Como os combatentes são escolhidos? — ela perguntou, tentando encontrar uma saída.

O homem mais velho fez um gesto impaciente, visivelmente irritado com as perguntas dela.

— Não temos tempo para isso. O público está esperando.

Ela se virou, inquieta, e voltou o olhar para a porta, por onde ainda conseguia ouvir um burburinho abafado.

— Temos tempo, sim. — Ela ostentou o máximo de presunção possível. — Se for uma questão de honra como o senhor diz. Por que ele? Por que é ele quem vai lutar, e não ele? — Ela apontou para Eugene e então para o tatuador, respectivamente. — Vocês não são uma família? Não é a honra de toda a família que está em jogo?

— Sim — o tatuador concordou. — Qualquer um poderia lutar. Eugene só foi o escolhido para representar o nosso lado.

Ah. Era por essa que Mae estava esperando. Justin podia viver mais um dia, afinal, para o alívio de mulheres incautas de todo o mundo.

— Então, os combatentes são representantes de cada lado? — ela

repetiu. O homem concordou com a cabeça. — Então eu quero representar Justin. Eu vou lutar.

— Como assim? Não. — O mais velho estava furioso agora. — Você está desperdiçando nosso tempo. — Um brilho perigoso se acendeu nos olhos dele. — Eu quero ver o sangue do March.

Um dos captores de Mae, o homem com a cicatriz que foi o primeiro a apontar a arma contra Justin, engoliu em seco, desenxabido.

— Tio Raoul, ela tem o direito. As regras da *danza* dizem que...

— Eu é que não vou lutar com ela — Eugene disse, com os olhos negros examinando-a com repugnância. — Posso quebrar essa mulher no meio. Não seria certo.

O tatuador e alguns outros que haviam lutado contra ela no estúdio não tinham tanta certeza. Ela ficou pensando no que havia acontecido com o rapaz em que atirou.

— Ela tem o direito — o tatuador insistiu. — O senhor precisa deixar se o March disser que está tudo bem.

Todas as cabeças se voltaram para Justin.

— Por favor, vá em frente — ele disse, imediatamente. — Quer dizer... se ela perder, hum, morrer ou enfim, o que acontece comigo?

— A sua culpa vai estar provada e nós poderemos matar você.

— Que ótimo.

— E, se eu sobreviver — Mae sugeriu —, Justin vive também?

O tatuador olhou para Eugene, que assentiu, relutante.

— Certo — Raoul retrucou. — Vamos começar isso logo. Se os dois têm tanta vontade de morrer, que seja. Pelo menos, assim, eu posso matar March com minhas próprias mãos.

Justin se voltou para Mae, e ela tentou lançar um olhar tranquilizador para ele enquanto o grupo todo começou a seguir em direção à porta, que se abriu revelando um grande salão abobadado. Era difícil dizer, mas podia ter sido o tipo de lugar que antes abrigava cubículos e mesas de escritório, que havia muito foram tiradas dali; o burburinho que ela tinha ouvido a princípio ganhou uma força estrondosa. No mínimo cem pessoas estavam reunidas em torno do salão. Uma plateia — perfeito. Seria exatamente como um torneio de *canne*.

Ao passar ao lado dela, o homem com a cicatriz lançou um olhar perscrutador e quase solidário para ela.

— Espero que seja boa com facas.

Ela sorriu.

20. Uma bomba-relógio

Espantado, Justin contemplou a "arena". Imaginou que devesse ficar lisonjeado pelo fato de tantas pessoas comparecerem em tão pouco tempo para presenciar sua "punição". Arquibancadas improvisadas e pouco seguras cercavam o contorno do lugar, e um arame farpado medonho traçava um grande retângulo que formava o ringue da luta. A menos que estivesse enganado, as grandes manchas pretas no chão se pareciam muito com sangue.

Na verdade, não era a primeira vez que ele via algo assim. No Panamá, terríveis duelos até a morte eram muito comuns entre gangues rivais como uma maneira mais "civilizada" de lidar com disputas. Era, porém, a primeira vez que Justin ficava no centro de uma delas e, definitivamente, não esperava que isso fosse acontecer logo dentro de fronteiras gemanas.

Mae estava a poucos metros dele e, a julgar pelo olhar calmo e destruidor no rosto dela, estava ocupada analisando o ambiente e medindo a organização do lugar. Ele torceu para que ela tivesse um plano. Já a tinha visto em ação o bastante para saber que era boa, mas aquele tal de Eugene era imenso. E forte. Ao lado dele, o corpo esbelto dela parecia não ter a mínima chance.

Você já viu Mae derrubando caras tão grandes quanto ele, Horatio comentou.

Eu sei. Mas nunca foi para defender minha honra. Além disso, pela cara desse povaréu, não tenho tanta certeza de que vamos sair daqui vivos mesmo se ela vencer. Por um momento, ele esqueceu que ela era uma guerreira treinada. Ela se transformou naquela amante de perder o fôlego, aquela que se espreguiçou na sua cama e lhe abriu um sorriso que o fez se derreter todo. Subitamente, ele quis que ela não lutasse. Queria avançar e proteger Mae.

Dê alguma coisa para ajudar, Magnus disse.

Uma pistola automática?, Justin sugeriu.

Não!, Magnus disse irritado. *Uma bênção. Proteção. Faz parte de seus poucos poderes.*

Não, não faz, Horatio discordou. *Ele ainda não aprendeu nenhuma das runas.*

Podemos mostrar a ele, Magnus insistiu.

Horatio estava resoluto: *Mostrar não é a mesma coisa que ensinar. Leva anos para aprender, para gravar o significado delas na mente. Era isso que devia ter feito no Panamá, em vez de ficar indo atrás das mulheres dos outros. Além disso, ele precisaria tocar nela para dar a bênção direito. As mãos deles estão atadas.*

Ele pode dar um beijo, Magnus disse, esperançoso.

A multidão tinha gritado, entusiasmada, quando eles entraram e, agora, ficou em silêncio enquanto o pai de Nadia Menari começava a falar. Ele não disse nada além do que havia dito antes, em suma, como Justin havia desonrado sua filha ao desbandar a igreja dela em Chicago, obrigando-a a fugir para lá e acabar indo para o exílio autoimposto. Se a vida dele não estivesse em risco, tudo aquilo pareceria cômico. Justin tinha visto o rosto de Mae quando Raoul Menari lhes contou como se deu a jornada de Nadia em busca pela visão. Era fácil entender por que ela desprezava tanto as religiões quando deuses incautos obrigavam as pessoas a fazer coisas idiotas como aquela.

Não é com a deusa da Nadia que você tem que se preocupar, Magnus disse. *Outra deusa entrou aqui. Consegue sentir?*

Justin estava começando a dizer que não, porém, quando se concentrou e sentiu o que o cercava, conseguiu detectar um tênue formigamento na pele e algo inexplicável no fundo de sua mente.

Vai ficar ainda mais cheio, Horatio acrescentou. *A deusa da Mae não vai deixar que ela lute sozinha.*

Raoul encerrou o discurso. Dois homens avançaram e empurraram Mae na direção do ringue. Justin sentiu que estava ficando tenso, mas ela não demonstrou medo enquanto avançava a passos largos. Mantinha a cabeça erguida, caminhando resoluta e determinada. Alguém desatou as amarras dela e lhe entregou duas facas. Ela as examinou com muita atenção, testou seu peso e jogou as duas para o alto, pegando ambas com destreza. Satisfeita com o que encontrou, tirou a camisa, ficando apenas de regata. Alguns

homens na plateia assobiaram. Ela então assumiu uma posição num dos cantos e ficou observando enquanto Eugene se postava no canto oposto a ela.

Raoul veio se colocar ao lado de Justin; pura maldade brilhava nos olhos do velho.

— Sua putinha castal vai morrer por você, sabia? Acho que assim, pelo menos, vai ter companhia quando arder no inferno.

— A Arianrhod é boa nesse tipo de coisa? — Justin perguntou, cuidadoso, lembrando-se do comentário de Magnus sobre a presença de outra deusa.

Raoul meneou a cabeça.

— Não adoramos mais Arianrhod. Faz tempo que aprendemos que ela é só um dos aspectos da verdadeira grande deusa. Por isso Nadia foi para a floresta, para buscar mais conhecimento.

Justin quis perguntar mais, mas a ação estava começando no ringue. Um homem no centro segurava uma bandeira no alto. Lançou o olhar de Mae para Eugene, gritou algo incompreensível e abaixou a bandeira com tudo. Logo em seguida, saiu correndo enquanto os combatentes se aproximavam um do outro.

Justin não sabia ao certo como seria aquela briga de facas até a morte para vingar a honra, mas achou que havia muito menos ação do que esperava — pelo menos no começo. A tensão no lugar estava no auge, sem sombra de dúvida. Ele podia ver, do outro lado do corpo dos lutadores, a multidão ao redor que clamava pelo sangue de Mae e pelo dele também. No entanto, nenhum combatente avançou ou se lançou contra o outro; as coisas pareciam estranhamente calmas. Mae e Eugene rodeavam o ringue com gravidade, quase como uma dança, medindo um ao outro.

Ela ainda estava com aquele olhar calmo e temerário, e parecia quase... exultante. *Ela gosta disso.* Lembrou-se de quando ela havia lutado na igreja de Apolo. A expressão era a mesma, sem demonstrar exatamente prazer, mas, sim, uma espécie de triunfo. Era impossível tirar os olhos dela. Ela era bela e furiosa, com uma presença grande demais para aquele lugar minúsculo.

Não falei?, Horatio disse.

Justin levou alguns segundos para entender. Piscou algumas vezes para entrar em sintonia com os poderes que dançavam além

dos sentidos humanos e entreviu vagamente o que poderia ser descrito como um rastro de faíscas negras atrás de Mae. Contudo, era difícil se concentrar nelas e, se ele já não as tivesse visto quando ela lutou contra os fanáticos de Flecha Dourada, teria achado que estava imaginando coisas agora ou que tinha alguma coisa no olho.

Encantamento divino, Horatio informou, prestativo como nunca. *Acontece quando um deus se apodera de alguém que não tem controle sobre isso.*

Todo mundo consegue ver?, Justin perguntou.

Não. Só os adeptos. O tom de Horatio denotava que ele não gostava nem um pouco de dar esse tipo de crédito a ele. *Olha. O oponente dela também não está sozinho.* Justin estreitou os olhos na direção de Eugene e conseguiu ver um tênue brilho ao redor dele também.

A dança de impasse chegou ao fim quando Eugene avançou na direção de Mae, com a faca apontada para o tronco dela. Deslizando, ela se desvencilhou com movimentos tão velozes que pareceu que havia começado a se mover antes dele. Visivelmente surpreso, ele tentou mais uma vez, também sem sucesso, mas agora, depois de se esquivar do ataque, ela própria avançou serpenteante e trespassou a lâmina no braço dele. Uma vaia correu pelo público com o surgimento do sangue vermelho na pele bronzeada de Eugene.

O rosto dele se turvou de fúria e voltou a simular ataques, como se procurasse ganhar tempo para reanalisá-la. Mae, porém, não lhe daria esse luxo, e avançou para golpeá-lo mais duas vezes. O primeiro dos seus ataques tirou sangue, mas o segundo errou. Pela primeira vez, ele havia se antecipado a ela, ainda que por muito pouco. Respondeu jogando o corpo todo para cima dela, aparentemente decidindo usar a vantagem de seu peso maior, uma vez que sem dúvida não ganhava em velocidade.

Mae desviou do avanço, mas ele conseguiu pegar parte da perna dela e jogá-la no chão. Por um breve momento, as costas dela roçaram no arame farpado, e Justin se crispou ao ver os rasgos ensanguentados na camiseta dela. Caindo no chão, ela e Eugene rolaram por um momento na direção oposta ao arame, disputando

para fincar a lâmina um no outro. Justin voltou a titubear quando uma das facas de Eugene cortou o ombro dela. A multidão urrou em delírio, apesar de ele não ter conseguido manter Mae no chão.

Se os ferimentos dela a incomodavam, ela não demonstrou e, num piscar de olhos, voltou a se levantar com um salto. Eugene tentou fazer o mesmo, mas ela foi mais rápida e o atacou não com a faca, mas com um chute capaz de derrubar qualquer pessoa. Desferiu o golpe com graça e com uma força que nenhuma pessoa do tamanho dela seria capaz, nem mesmo um pretoriano. Eugene cambaleou até cair de joelhos e, então, ela partiu para cima dele mais uma vez. Desajeitado, ele se esquivou dos ataques dela, conseguindo desviar da faca, mas não o bastante para evitar um violento corte transversal na bochecha. Justin pôde ver que ela estava mirando o pescoço dele.

Raoul Menari, que estava ao lado de Justin, prendeu a respiração quando Eugene rapidamente esfregou o grande corte sanguinolento em seu rosto, espalhando sem querer aquele sangue escuro por toda a pele. Ele suava, já ofegante, claramente sofrendo as dores do esgotamento físico. Mae mostrava menos agonia, mas estava óbvio pela expressão e pela postura dela que todos os centímetros de seu corpo estavam envolvidos naquela luta. A aura negra e resplandecente continuava a se intensificar e, com isso, ele viu a mudança em Mae. A expressão dela foi ficando mais dura, seus movimentos, mais rápidos, seus ataques, mais fortes.

A furta-passo, voltou a rodear o ringue e, agora, era Mae quem simulava os ataques, fazendo com que ele se travasse em manobras defensivas que nunca saíam disso. Os esforços dele para acompanhar a velocidade dela foram crescendo, enquanto os dela se mantiveram os mesmos. Justin tentou sondar o encantamento de Eugene, mas não conseguiu mais encontrá-lo.

Porque a deusa dele foi embora, Magnus disse. *Ela reconhece um perdedor e não está tão estabelecida ainda.*

Quem?, Justin perguntou, incisivo. Os corvos não responderam, mantendo sua postura precavida com relação a nomes de deuses.

Frustrado, Eugene finalmente avançou, voltando a tentar jogar o corpo todo contra ela. Mae o enfrentou. Ela desviou do ataque e infligiu um ferimento ainda mais devastador. Suas duas facas

fizeram um corte transversal no peito dele, talhando a roupa e a pele com profundidade. Justin ouviu o uivo do homem e, com outro chute rápido, ela lançou a faca da mão direita de Eugene para longe, fazendo com que ela voasse para o outro lado do ringue, atrás dele, longe demais para que pudesse recuperá-la sem se expor ainda mais a ela.

Sangrando e cansado, ele passou a outra faca para a mão direita no exato instante em que Mae avançou contra ele com força total. Talvez ninguém pudesse ver aquela chama negra, mas, a julgar alguns dos olhares ao redor de Justin, ficou claro que a potência com que ela se movia não era natural. Com chutes e socos, ela derrubou Eugene e, dessa vez, ele não teve como dominá-la. O medo estava escrito na testa dele quando levantou os olhos para Mae. A expressão dela era aterrorizante, movida por uma exultação e uma sede de sangue. Era o rosto de Mae e ao mesmo tempo não era.

Talvez, se aquilo fosse um filme, Mae teria poupado Eugene naquele momento de triunfo. Teria voltado os olhos para Raoul, com a lâmina suspensa sobre o filho dele, e feito um discurso dramático sobre como não se rebaixaria ao nível deles, como matar não era o caminho. Justin sabia que aquele desenlace não aconteceria hoje. Ela iria matar Eugene. Ela *queria* matar. Justin podia ver a fúria nos olhos dela. Ela lançou a outra faca de Eugene para longe e posicionou a dela contra a garganta dele, parecendo estar prestes a cortá-la. Estacou no último momento, quando um som agudo e penetrante subitamente irrompeu pelo depósito apinhado de gente.

Os gritos e a cantoria da multidão se detiveram, e todos se voltaram para a origem do som. Mae permaneceu paralisada na posição do golpe fatal, mas, quando Eugene tentou usar a oportunidade para se mover, ela bateu a cabeça dele com força contra o piso do ringue e apontou a lâmina contra a veia exposta na garganta dele. Ele não voltou a se mover, e ela olhou ao redor, cerrando os dentes enquanto procurava a interrupção.

Ao seguir o olhar de todos, Justin se voltou na direção de uma coxia entre as arquibancadas que levava para a porta dianteira. Aparentemente, o som tinha vindo de um ego na mão de um

plebeu de rosto plácido que Justin nunca tinha visto antes. Tremendo de raiva, Raoul deu dois passos em direção à coxia.

— O que significa...

Subitamente, detrás daquele homem surgiu uma mulher. Raoul empalideceu ao vê-la e várias outras pessoas na multidão engasgaram de surpresa. Justin, por sua vez, não sabia ao certo se deveria agradecer ou temer aquele novo acontecimento. Ela era mais velha que ele, com quarenta e poucos anos, se ele bem se lembrava, mas ainda tinha a mesma beleza entalhada que tanto o impressionava. As maçãs do rosto altas e aquilinas de sua avó coreana salientavam seus traços plebeus, e ela estava com o cabelo negro na altura do queixo, em um corte assimétrico. Avançou a passos largos, enquanto as outras pessoas abriam caminho para ela, e, por fim, se deteve diante de Justin, pousando as mãos na cintura fina.

— É você mesmo — ela disse, com a voz baixa e ressonante. — Pensei que fosse uma piada.

— Oi, Callista. — Ele fez o possível para assumir o ar sarcástico e agir como se não estivesse no meio de uma arena sangrenta. — Bem que eu queria que fosse uma piada, acredite em mim.

Os lábios dela se abriram num sorriso irônico, e ela lançou um olhar longo e indolente para ele.

— Desamarrem esse homem antes que a Segurança Interna descubra que vocês fizeram a idiotice de sequestrar um dos empregados deles — ela vociferou. Raoul deu um passo à frente.

— Não! Nós exigimos vingança por Nadia!

Callista voltou o olhar severo contra ele.

— Raoul, sinto muito pela sua perda, mas o que aconteceu com Nadia foi a vontade de Amaranta. Fique tranquilo; a ausência dela tem um propósito. Você não está questionando a deusa, está?

Amaranta. Fazia tempo que Justin não ouvia esse nome. Ela era uma deusa pós-Declínio, um amálgama de outras deusas, embora seus seguidores fossem escassos na última vez que ouviu falar dela.

Raoul baixou a cabeça depois de mais alguns resmungos e, então, ordenou que dois de seus empregados ajudassem Eugene a sair do ringue. Todos pareciam ter se esquecido dele e de Mae com a entrada de Callista, e Justin ficou surpreso ao ver os dois

exatamente na mesma posição: Eugene imobilizado no chão, com uma faca apontada contra sua garganta. Mae continuou onde estava até que um dos homens tentou tirá-la dali. Num movimento fluido, ela saltou e girou na direção dele, empurrando-o contra o arame farpado. O homem soltou um uivo de dor, mas ninguém conseguiu ouvir, pois, numa fração de segundo, Mae havia socado o outro e dado um chute capaz de quebrar as costelas. Justin ouviu o estalido de armas e o grito de Raoul chamando por reforços.

— Basta! — Callista gritou, com os olhos penetrantes analisando rapidamente a situação explosiva em que estavam. — Fiquem todos onde estão. Você. — Ela cravou o olhar em Justin. — Você tem muita coragem para trazer alguém como ela para cá.

— Não fui *eu* quem a trouxe para cá! — ele exclamou.

Callista apontou.

— Tire essa mulher dali.

Mae havia retomado a posição agachada perto de Eugene, com a faca na mão enquanto olhava ao redor à espreita de quem quer que tentasse se meter. O encantamento ainda estava sobre ela, assim como aquela expressão de poder sombrio e sede de destruição. Justin hesitou somente um segundo antes de avançar e entrar pela abertura no arame farpado pela qual os outros haviam entrado. Os olhos de Mae seguiram a aproximação dele, mas ela não se moveu.

Não toque nela, Horatio recomendou. *A luta acabou. Ela vai voltar a si em pouco tempo.*

Justin se ajoelhou ao lado dela, contente por ver que Eugene ainda estava vivo.

— Mae, é hora de ir embora — Justin disse. — Você venceu e nós podemos ir.

Mae sequer pestanejou e ele não soube se ela tinha ouvido. A respiração dela era rápida e seu olhar, agressivo.

— Mae — ele disse, mais alto. — Venha. Precisamos tirar você daqui. — Ele pousou a mão no ombro dela e, subitamente, ela estava diante dele, com a faca apontada para a garganta *dele*. Ele esqueceu o que ia dizer depois.

Eu avisei, Horatio disse.

Ela não me machucaria. Mas Justin não botava tanta fé nisso.

A deusa dela machucaria. Ela está começando a não gostar de você.

Engolindo em seco, Justin olhou Mae diretamente nos olhos.

— Coloque a faca no chão e vamos. Preciso de você para me proteger.

Levou mais alguns segundos, mas essas foram as palavras que trespassaram a névoa divina. Parte dele queria que fosse por conta de algum sentimento que ela ainda nutrisse por ele como algum resquício do Panamá, mas era mais provável que fosse apenas o senso de dever que venceu. Qualquer que fosse o motivo, ela se focou nele e assentiu com a cabeça. Estreitando os olhos, ele viu que o brilho em torno dela foi diminuindo, e o rosto dela voltou a ser o da mulher que ele conhecia. Quando os corvos aprovaram, ele segurou a mão dela e a tirou dali. As pernas dela tremiam, embora Justin não soubesse se era simplesmente pelo cansaço, pelas substâncias químicas não metabolizadas ou por estar se recuperando da possessão divina. Talvez uma combinação de tudo isso.

Ele ficou com o braço em torno dela enquanto saíam do ringue e sentiu o tecido atrás da camiseta dela úmido e empapado de sangue. Ele sabia que ela iria se recuperar daquele ferimento e que não devia ser nada muito grave; mesmo assim, porém, se sentiu culpado por saber que ela havia se ferido por ele.

Se você tivesse dado a bênção, ela não teria se machucado tanto, Magnus disse. *Sua cegueira e sua recusa contínuas a aprender já estão tendo consequências. Só porque não pode lutar como ela, não significa que não possa participar da luta.*

Eu não quero participar de nada, Justin disse. *Eu tolero vocês. Esse é o limite do meu envolvimento divino.*

Então por que ainda estamos aqui?, Magnus perguntou.

Quando chegaram perto de Callista, Justin pôde ver que Mae havia se recuperado completamente, o que significava que ainda era mortífera e vigilante, especialmente pela forma como examinou Callista. Mesmo assim, Mae entregou as facas e assumiu uma postura protetora ao lado de Justin.

— Agora então — Callista começou. — Se você tiver alguns segundos, podemos...

— Filho da mãe!

Um grito atrás de Justin a interrompeu. Ele se virou para olhar,

mas Mae foi mais rápida, claro. Ela deu meia-volta, colocando a mão na bota, e Justin se virou bem a tempo para vê-la atirar a faca contra Raoul, que estava carregando sua pistola. O homem abafou um grito quando a faca cravou em seu peito, perto da clavícula, poupando-o de um golpe fatal. Ele soltou um ganido e cambaleou para trás, derrubando a pistola. Com um aceno de Callista, um dos capangas dela o tirou dali. Ela estreitou os olhos em Justin.

— Precisamos conversar.

— Eu adoraria — ele respondeu.

Como um sinal de sua boa-fé, Callista tomou as providências para que os egos deles e as armas de Mae fossem devolvidos. Ela os convidou para a casa dela, mas não sem antes perguntar:

— Devo esperar uma invasão militar?

Ele abriu um sorriso meigo.

— Depende se eu pegar meu voo amanhã.

— Entendido. — Callista era esperta. Assim que recebeu seu ego de volta, ele havia ativado o sinal de GPS e mandado uma mensagem para as autoridades locais para que o rastreassem caso não fizesse o check-in em determinada hora no dia seguinte.

A casa de Callista ficava naquela região antiga e destruída, mas não se parecia em nada com as casas vizinhas. Era nova e enorme, com terrenos que se espalhavam em todas as direções. Guardas ficavam à frente da cerca, embora não ostentassem nenhuma arma. As terras fronteiriças podiam conseguir usar armas a portas fechadas, mas guardas ao ar livre dificilmente poderiam exibir pistolas com patrulhas gemanas regulares passando o tempo todo.

Mae continuou em silêncio pelo resto do caminho e não disse nada até serem escoltados para uma luxuosa sala de estar decorada num estilo espanhol do Velho Mundo. Deixados sozinhos, Justin pegou um jarro de água e um copo colocados sobre uma mesa de madeira ornamentada.

— Você acha que é seguro beber? — Mae perguntou.

— Estamos bem. A Segurança Interna está nos rastreando nesse exato momento. — Ele se serviu de água.

— Você devia ter feito isso no mesmo segundo em que saímos do avião.

— Sim, mas eu não achei que voltaríamos no tempo para alguma

civilização bárbara. Faz cinco anos que esse lugar é gemano.

— Leva tempo para as pessoas abandonarem velhos hábitos. Vejo isso entre os nórdicos, e já faz quase um século.

A porta se abriu, e Mae se levantou de um salto, preparando-se para qualquer ameaça. Quem realmente entrou, porém, foi uma jovem menina, a quem devia faltar cerca de um ano para atingir a puberdade. Extremamente bonita, ela possuía os mesmos traços bem-compostos de Callista, e estava carregando uma bandeja com bandagens e um frasco de vidro escuro.

— Minha mãe pediu para trazer isso a você — a menina disse, encabulada, colocando a bandeja na mesinha. — Ela está terminando de resolver uns problemas, mas logo vai estar pronta para falar com vocês.

Justin se lembrava vagamente de um nome.

— Persia?

Ela corou de alegria.

— Sim. — Para Mae, Persia indagou: — Precisa de ajuda?

Mae olhou de soslaio para a bandeja, com o rosto frio.

— Não. Eu mesma faço.

Persia assentiu com a cabeça e foi até a porta.

— Obrigado — Justin disse, sem saber ao certo como agir com aquela menina-mulher de olhar grave. Ela assentiu novamente e desapareceu pela porta.

Mae pegou o frasco que Persia havia trazido, destampou e cheirou o conteúdo. Parecendo satisfeita com o que encontrou, começou a limpar e envolver os cortes nos braços com uma eficiência militar. Ao terminar aqueles que conseguia alcançar, virou-se de costas e subiu a regata, olhando para Justin pelo ombro.

— Pode me ajudar?

Nem mesmo ele conseguia achar aquilo sexy, apesar de ficar seduzido pelo recato dela depois de tudo que ela havia feito. Os movimentos dele eram mais desajeitados do que os dela, e ele se retraiu enquanto aplicava o antisséptico nos cortes causados pelo arame farpado. Ela, por sua vez, não titubeou um momento sequer.

— Você finalmente vai me falar sobre essa Callista? — Mae perguntou.

— Era ela quem trabalhava com o Flecha Dourada. — Ele fez uma pausa enquanto aplicava uma gaze. — Mas parece que ela mudou de empregador. Ou pelo menos mudou um pouco a forma da deusa. A Amaranta é meio que uma deusa híbrida, baseada principalmente em Artêmis e Hécate, pelo que sei. Não é muito descabido, já que as duas têm muitas coisas em comum. Na Antiguidade, raramente eram distinguidas uma da outra e algumas pessoas as viam como faces de uma deusa tripla: virgem, mãe e anciã. Acho que a parte virgem, Artêmis, não estava dando muito certo para ela. — Devia ser a isso que Raoul estava se referindo sobre a mudança da fé de Nadia. Ela havia trocado sua deusa celta da lua por essa grega, além de juntar forças com Callista.

Ele terminou seu primeiro curativo. Mae baixou a regata e voltou a colocar a camisa por cima antes de se voltar para ele.

— Como uma deusa pode ser todas essas coisas? Ou ser uma mistura de várias outras?

— É uma coisa comum em religiões. Deidades abrangem muitas coisas.

Ele não sabia bem como explicar melhor e ela obviamente não deu continuidade ao assunto. Os gemanos que não faziam carreira em história da religião e tinham visões muito ignorantes sobre deuses e deusas.

— Você pareceu bem surpreso com aquilo tudo — Mae comentou.

— A briga de faca? Sim, aquilo foi mesmo uma surpresa. — Trazer esse assunto à tona fez Justin voltar a pensar no fantasma que rondava a sala, que Mae estava obviamente evitando: a parte em que entrou num descontrole sobre-humano. Ele não via problema em ignorar o assunto agora, já que também não sabia exatamente o que dizer.

— Não — ela disse. — Estou falando do desdobramento religioso. Até eu sei que esse grupo não tem licença e duvido que eles estejam dentro da lei de práticas religiosas aceitáveis. Nem as práticas não religiosas deles estão dentro da lei. Você vai denunciar isso, não vai?

Incomodado, ele desviou o olhar.

— Vamos ver.

Ela arregalou os olhos, incrédula, mas seus protestos foram interrompidos quando a porta voltou a se abrir. Persia retornou com dois guardas armados.

— A minha mãe vai ver o senhor agora... só o dr. March.

Mae atravessou a sala em questão de segundos.

— Não. Ele não vai entrar sem mim, de jeito nenhum.

Persia pareceu nervosa, mas um dos guardas de rosto severo assumiu a fala.

— Ordens da Callista. Ele entra sozinho. — Ele apertou a arma com mais força e Justin pôde ver pelo rosto de Mae que ela já estava planejando como desarmá-lo ou sacar sua própria arma.

— Me deixe ir — Justin disse a ela. Ele tinha visto armas demais naquele dia e não queria um tiroteio. — Está tudo certo.

— Sair com fanáticos sem licença e com armas ilegais? — ela perguntou, incrédula. — Nada disso está certo.

O rosto dos guardas ficou mais severo. Persia deu um passo à frente.

— Juro que nada vai acontecer com ele. Minha mãe só quer conversar.

— Por favor — Justin disse, olhando nos olhos de Mae. — Confie em mim nesse ponto. Lembre-se: estamos sendo rastreados. E você está com seu ego também caso eu não volte.

Durante alguns momentos de tensão, Mae não disse nada até que, enfim, aceitou:

— Certo. Se ele não voltar em uma hora, coloco esse lugar no chão.

Os guardas pareceram não acreditar, mas ficaram em frente à porta enquanto Persia o levou embora. Ela o guiou para o outro lado da casa, até duas portas que davam para um quarto. Callista estava sentada em frente ao toucador, vestindo um longo robe de seda e penteando o cabelo diante do espelho. Ela levantou os olhos quando se aproximaram.

— Obrigada, querida. Pode ir. — Persia saiu, fechando as portas atrás de si.

Justin ficou esperando Callista terminar de pentear o cabelo; então, ela se levantou, elegante, conseguindo fazer isso de maneira com que o robe favorecesse ao máximo seu corpo.

— Tudo com você é sempre teatral — ele disse, enquanto ela caminhava até ele. — Mas acho que faz parte do trabalho.

Ela roçou os lábios no rosto dele.

— É um prazer vê-lo de novo. Vamos conversar?

— Aqui? — ele perguntou.

— Pensei que você não fosse se importar, mas, se quiser pagar de casto comigo, podemos ir lá fora. — Ela caminhou lentamente até uma porta de vidro e saiu para o ar morno da noite. Justin a seguiu, encontrando uma mesa já posta com velas e uma garrafa de vinho no terraço do jardim. Ainda mais teatral.

Callista serviu uma taça sem perguntar e, então, recostou-se na cadeira, cruzando as pernas de tal maneira que seu robe deixasse uma delas à mostra. Ela levantou os olhos para o céu estrelado e depois voltou a olhar para ele, com um sorriso.

— Você está aqui para me prender? Como conseguiu me encontrar, afinal?

— Sorte, acima de tudo. — Ele bebeu um gole do vinho, um tinto de sabor intenso com o qual Dominic poderia aprender muito. — Consegui uma pista quando visitei seu antigo sócio. Na verdade, vim aqui atrás da Nadia, embora fosse você quem eu quisesse encontrar.

— Fico lisonjeada. Como o sr. Flecha está hoje em dia?

— Aguardando julgamento. Ele tentou drogar funcionários do governo.

Os lábios de Callista se contorceram de desdém.

— Ele sempre foi um idiota. Usando trapaças em vez da disciplina necessária para alcançar o verdadeiro poder. É parte do motivo por que eu vim embora.

— Isso e o fato de que é muito mais fácil juntar fiéis nas fronteiras?

— Está ficando mais regulado a cada dia que passa — ela respondeu. — Pouco a pouco, toda a uniformidade da RANU estará cobrindo esse lugar.

Justin não se deixou enganar.

— Não fale como se isso fosse algo ruim. Você cresceu na civilização. Sabe que é melhor do que ter um monte de malucos armados correndo de um lado para o outro, por mais ingênuos que

eles sejam.

— Por falar em malucos armados... — A expressão sedutora de Callista se transformou na daquela líder severa que havia distribuído ordens aos Menari. — O que você tinha na cabeça quando trouxe aquela mulher para cá?

— Por que fica repetindo isso? Não fui eu quem trouxe aquela mulher até você. Nós fomos capturados.

Callista traçou a borda da taça, contemplando suas profundezas sob a luz de velas.

— Nunca pensei que veria o dia em que uma pessoa como você viajasse com alguém como ela. Claro, pelo que eu estou vendo, mudou muito.

— Viajar com uma pretoriana não é tão estranho assim — ele argumentou. — Ainda mais considerando os últimos acontecimentos.

Callista levantou a cabeça de súbito.

— Ela é pretoriana?

— Não era disso que você estava falando? De que outro jeito você acha que ela faria o que fez?

— Você sabe muito bem como ela fez aquilo! Ela é uma eleita indisciplinada e não iniciada — ela esbravejou. O flerte havia chegado ao fim. — Escolhida por alguém poderoso, pelo jeito. Não é nenhuma surpresa os outros não conseguirem ver o encantamento, mas você não pode fingir que não vê. Você tem muito mais controle do que da última vez que te vi. Não achei que fosse aceitar seu chamado.

— Eu não aceitei — ele retrucou, com firmeza.

O rosto de Callista demonstrava descrença.

— Que deus segue a pretoriana?

Ele hesitou.

— Não sei. Não é da minha conta.

— Pois devia ser! Uma pretoriana eleita por uma força tão grande? Esse tipo de combinação é uma bomba-relógio prestes a explodir.

Justin achou que aquele não devia ser um bom momento para falar dos genes quase perfeitos de Mae.

— Ela precisa lidar com quem quer que a esteja seguindo —

Callista continuou. — Precisa aceitar e adquirir algum controle, ou então se livrar daquela força.

— Acho que ela nem sabe que essa força está lá — ele admitiu.

— Pois devia saber. Você devia iluminar aquela mulher. — Ela pareceu se acalmar um pouco e serviu mais vinho para os dois. — É bom que você tenha encontrado o caminho, sabe. Não existe defensor melhor do que alguém que antes perseguia os fiéis. Conhece a história cristã de Paulo?

— Claro que conheço. E não use o verbo no passado. Eu ainda "persigo" fiéis.

— Você me deixou escapar — ela disse, baixinho. — E isso foi antes de eu dormir com você.

Ele não disse nada na hora. Nenhum daqueles atos do passado havia sido inteligente.

— Você foi a primeira pessoa que eu conheci que... — Mesmo agora, ele não conseguia colocar aquilo em palavras. Era algo que manteve escondido dentro de si durante todos aqueles anos, o segredo que nunca revelou a ninguém. O segredo que poderia ter consequências mais graves que todas as que ele já havia enfrentado.

— Que mostrou provas do mundo sobrenatural? — Callista sugeriu.

— Eu poderia perder meu emprego por conta disso — ele disse. — Ou pior.

— Seu segredo está seguro comigo. Naquele tempo, já pude notar que você tinha os sinais de um eleito. O potencial para o poder te envolvia. Mas você ainda não tinha deus. A quem serve agora?

— Eu não sirvo a ninguém, exceto à Segurança Interna.

— Mas tem alguma coisa dentro de você — ela insistiu. — Não está tão descaradamente fora de controle como dentro dela, mas eu posso sentir.

— Não é nada que eu goste — ele disse.

Magoou, Horatio ironizou.

— E eu não sei quem é — Justin acrescentou. — Como vivem me dizendo, os deuses não gostam de dizer seus nomes.

Callista estendeu o braço sobre a mesa e colocou a mão sobre a

dele.

— Eu ficaria feliz em ajudá-lo a explorar... várias coisas.

Ele sorriu, mas não retirou a mão.

— Obrigado, mas...

— Callista! — Um homem irrompeu desesperado pela porta do quarto.

— Juan e Eduardo estão inconscientes, e aquela castal sumiu!

— Quê? — Callista se levantou de um salto. — Chame os outros e encontrem onde...

— Relaxe — uma voz surgiu da escuridão. — Estou bem aqui.

Mae saiu das sombras de algumas árvores, com uma pistola na mão, demonstrando uma tranquilidade que fez Justin temer que ela estivesse ali à vontade fazia algum tempo. E, a julgar pela expressão no rosto dela, ela também teria ouvido várias coisas que não deveria ouvir.

Bom, Horatio disse, otimista. *Isso precisava acontecer mais cedo ou mais tarde*.

21. Conflito de interesses

— Meu trabalho é proteger esse homem — Mae disse a Callista, numa voz capaz de gelar a noite quente. — Mas admito que eu não sabia que tipo de risco ele estava correndo.

Justin teve a decência de parecer envergonhado, mas Mae não soube ao certo qual parte das maluquices que ela havia acabado de ouvir era responsável por esse embaraço. Poderia ser qualquer coisa desde a parte de ter dormido com a líder de uma seita a admitir que acreditava no sobrenatural. Por enquanto, ela não podia poupar a energia mental dela para processar aquilo tudo, não quando o guarda de Callista estava apontando uma arma contra ela e outros guardas estavam a caminho.

— Pensei que estávamos aqui para encontrar um homicida ritualístico — Mae acrescentou.

Callista, na verdade, pareceu surpresa com isso. Ela se voltou para Justin.

— Como assim?

Ele suspirou e, aparentemente, decidiu fazer o melhor daquela mixórdia em que havia se metido.

— Chame os cachorros de volta e deixe Mae se sentar com a gente. O sigilo já era e ela sabe por que vim falar com você.

Callista lançou um longo olhar examinador para Mae.

— Só se ela guardar a arma.

Mae olhou com o rabo do olho para o guarda.

— Primeiro ele.

Callista deu um pequeno aceno de cabeça e ele baixou a arma. Alguns segundos depois, Mae fez o mesmo. Callista dispensou o guarda relutante e convidou Mae para se sentar.

— Posso conseguir uma taça para você. — Apesar da oferta, Callista não pareceu nem um pouco hospitaleira quanto tinha sido com Justin. Será que Justin realmente havia dormido com ela? Será

que ele gostou? Mae se recusava a especular.

— Não, obrigada.

Callista deu de ombros.

— Fique à vontade. Agora, que homicídios são esses?

Justin pareceu querer enfiar a cabeça no chão — bem que poderia ter feito isso —, mas se recuperou o bastante para começar a explicar a história. Ele contou tudo para Callista. *Tudo*. Inclusive a parte do vídeo sobre a qual não tinham permissão para falar com ninguém. Todo o respeito que Mae pudesse ter desenvolvido por Justin começou a ruir conforme ele revelava todos os segredos para aquela fanática transformada em amante.

Quando ele terminou, Callista levou um tempo para processar as palavras.

— Então você veio até mim porque acha que eu posso saber alguma coisa sobre uma deidade da lua cujos seguidores portam adagas de prata. — Ela lançou um longo olhar de soslaio para ele. — Ou talvez ache que eu sirva a uma deusa assim.

— Provavelmente, não — ele disse. Mae se perguntou se ele havia usado suas brilhantes habilidades de dedução para chegar a essa conclusão ou se só estava cego demais de amor por ela.

Callista riu, mas sem nenhuma alegria no olhar.

— Obrigada pelo voto de confiança. E não, não sei nada sobre isso. Não tenho motivos para matar patrícios. — Seus olhos pousaram incisivos em Mae ao dizer isso. — Não conheço nenhum outro grupo que possa fazer uma coisa dessas também... mas ficaria muito interessada em conhecer. Existe poder no sangue. Você pode estar lidando com uma entidade muitíssimo poderosa.

— Então você acha que é uma seita, e não um geneticista vingativo? — ele perguntou.

— Por que essas opções são autoexcludentes? Eu não me importaria em ter seguidores geneticamente perfeitos. São os deuses que escolhem seus eleitos. Você acha que eles escolhem aleatoriamente? Existe um motivo por que vocês foram escolhidos. Vocês dois — Callista acrescentou, relutante.

Mae não estava aguentando mais.

— Você realmente está dizendo que essas suas entidades de faz de conta fazem parte desse caso? Que elas estão interferindo em

nossa vida? Isso é maluquice! — Ela até podia entender isso vindo de Callista, mas de Justin? Essa era a grande loucura e, secretamente, Mae tinha esperança de descobrir que tudo que ele havia dito não passava de um brilhante plano para enredar aquela mulher.

— Você, mais do que qualquer outra pessoa, deveria levar isso a sério — Callista disse. Seu tom petulante irritou Mae ainda mais. — E, se não quiser fazer parte dessa "maluquice", precisa se libertar logo. Descubra quem está tentando controlar você e rompa esse poder.

— Como? — Justin perguntou, como se eles estivessem falando de alguma coisa real.

— Os deuses consolidam o poder deles nos lugares e nas pessoas. Destruir a fé é a melhor maneira de atacar um deus. Isso você consegue fazer dispersando os seguidores dele. Os deuses precisam de pessoas para acreditar neles. Pode ser uma coisa tão simples como revogar uma licença. — Callista considerou. — Ou pode ser preciso meios mais drásticos. Destruir um lugar de adoração. Matar algum dos líderes. Depois que os fiéis começam a debandar, o deus enfraquece. É por isso que todos estão lutando agora para cultivar seu poder... e seus seguidores.

— Chega — Mae disse, sem querer ouvir mais. Se Justin não iria fazer o trabalho dele, ela faria no seu lugar. — Você pode ou não nos dar uma pista sobre esse assassino?

Callista cravou os olhos nela.

— Já falei: não sei quem poderia fazer uma coisa dessas. Não importa o que você pensa sobre os fiéis, a maioria não concorda com derramamento de sangue. Aqueles que concordam não revelam essa curiosidade aos outros. Não acho que seja muito absurdo um deus querer servos geneticamente superiores. Mas acho estranho que ele mate essas pessoas.

— Você disse que existe poder no sangue — Justin a lembrou.

— Sim, mas a escolha da vítima é um desperdício. Um deus pode aceitar um sacrifício de várias outras fontes.

Justin prendeu a respiração.

— Como um monte de plebeus.

Seus olhos encontraram os de Mae e, por um momento, ela

esqueceu todos os motivos por que estava brava com ele. Se Callista estivesse certa, se alguns grupos malucos faziam sacrifícios para forças imaginárias, Justin podia muito bem ter uma peça nova em seu quebra-cabeça.

— Você conhece algum grupo, qualquer um, em que valha a pena dar uma olhada? — Justin perguntou, com a voz renitente. — Algum que eu não conheça.

Os sem licença, Mae se deu conta. Os que funcionavam nas sombras. Como aquele.

Callista cravou os olhos nele dessa vez.

— Justin, existem muitos grupos que você não conhece. Teve um surto de grupos nos últimos anos. Posso te enumerar pelo menos uns vinte grupos com relações com a lua e alguma obsessão com sangue e prata. Você acha que consegue dar uma olhada em todos em uma semana e meia?

— Se entregar a lista para a ICS, pode — Mae insinuou. — Eles podem mandar outros servidores.

— E me pegar no caminho, claro — Callista retorquiu.

Justin discordou:

— Não vamos fazer desse jeito. Me envie aqueles que você puder, e eu vejo se consigo fazer alguma conexão entre eles e as outras evidências. Se tiver algum sucesso, pode me ajudar a encontrar onde eles se escondem?

— Alguns, sim.

— Certo. Vamos embora. — Ele se levantou e voltou o olhar para Mae, que se levantou imediatamente. — Acho que temos muito para conversar. Obrigado pela ajuda... e pela intervenção oportuna.

Callista também se levantou e segurou o braço de Justin.

— Tome cuidado. Existem forças sombrias em ação, e seria uma pena perder o meu servidor preferido.

— Sabia que o Geraki também me chama assim? Fico feliz em ter uma reputação tão boa.

— Geraki... — Callista arqueou a sobrancelha. — Faz tempo que não ouço falar dele. Ele pode ter algumas respostas as suas perguntas.

Justin fechou a cara.

— Ele quase só tem charadas, mas foi ele quem me deu a pista para encontrar Nadia. É realmente uma pena o que aconteceu com ela. Azar da porra.

Callista abriu um sorriso que deixou Mae tensa diante do perigo.

— O azar não teve nada a ver com isso. Fui eu que sugeri para ela fazer a busca pela visão.

— Como assim? Pensei que ela fosse sua amiga.

— Ela era. É. Mas estávamos começando a discordar sobre como gerenciar as coisas. Então, quando incentivei a jornadazinha dela... disse que Amaranta poderia gostar que ela fizesse sem o chip. Não me olha assim — ela disse a Justin. — Eu averiguei. Ela está bem. E, com a rápida expansão da RANU, o território em que está logo vai ser anexado também. Além disso, as coisas estão bem mais tranquilas agora que só eu administro a fé.

— Tirando a parte em que a família, que me culpa pelo que ela fez, decidiu fazer justiça com as próprias mãos — ele a lembrou.

— Eu te salvei — Callista disse. — E vou manter esse povo na linha. Eles ainda são rebeldes e meio provincianos, mas temem Amaranta.

Justin pareceu aceitar aquilo, o que só fez aumentar o absurdo da noite. Esse tipo de comportamento de discórdia entre grupos, que fazia com que eles se voltassem uns contra os outros, era exatamente o motivo por que as religiões não deveriam crescer.

Quando Mae começou a se afastar, Callista segurou a manga da camisa dela, sem um pingo daquela atitude sedutora e irreverente.

— Você precisa cuidar de seus problemas — ela chiou. — Enquanto não cuidar, você será um perigo para si mesma. E para as outras pessoas também. E para ele.

Com força, Mae soltou o braço.

— A ficção não oferece perigo. Os seguidores dela, sim.

Um dos empregados de Callista levou Justin e Mae de volta ao hotel. Foi um longo e constrangedor trajeto em que nenhum dos dois falou nada. Quando chegaram, Justin disse boa-noite e se dirigiu para seu quarto. Horrorizada, Mae segurou o braço dele no corredor e o puxou para si com mais força do que pretendia. Ele cambaleou e colocou uma mão no ombro dela para recuperar o equilíbrio, disparando um misto de emoções dentro dela enquanto

tentava decifrar quem era aquele homem. Confidente apaixonado? Sedutor barato? Fanático enrustido?

— Você não vai dormir! Precisamos conversar sobre o que aconteceu!

— Já é de madrugada. — Ele parecia física e mentalmente exausto. — E você não vai acreditar em nada do que eu disser mesmo.

— Acredito que você vai voltar para o Panamá se a ICS descobrir que você escolhe para quem faz vista grossa. *E* que você acredita na sua própria deidade ou força ou seja lá o que for. É um conflito de interesses. Assim como dormir com pessoas que você deveria regular!

Ele soltou um suspiro.

— Está com ciúmes? Se fizer você se sentir melhor, me diverti muito mais com você. Durante o sexo pelo menos. Depois é outra história.

Mae raramente perdia a calma. Tinha muita disciplina entranhada dentro dela para deixar suas emoções tomarem conta, o que era o motivo por que o desvario com Kavi fora uma surpresa tão grande. Ela quase perdeu o controle de novo agora e por pouco conseguiu se conter para não dar um tapa na cara dele, que provavelmente o lançaria contra a parede. Ela respirou fundo.

— Vamos conversar agora.

Por um momento, ela achou que ele fosse protestar, mas então houve uma mudança extraordinária no rosto dele. Ele assumiu uma expressão grave que ela nunca tinha visto, ao mesmo tempo impaciente e exasperada. Ele também estava chegando a um limite.

— Você quer saber por que eu voltei? Por que eles se deram a tanto trabalho? Quer saber por que eu fui embora?

Ela pestanejou, surpresa. Não eram exatamente essas as perguntas que ela queria fazer naquela noite, mas sem dúvida elas estavam rondando a mente dela. Algo na intensidade do rosto dele a pegou de surpresa.

— Certo.

Eles foram para o quarto dele, onde Justin logo se serviu de uma dose de tequila, que parecia ter sido aberta na noite anterior. Ele virou o copo e, então, depois de pensar por um instante,

simplesmente pegou a garrafa toda. Sentou-se de pernas cruzadas na cama e deu um tapinha ao lado dele.

— Fique à vontade. — Mae hesitou, mas não achou que havia algo minimamente sexy ali. Também se sentou.

— Lembra quando eu estava conversando com Cornelia sobre um grupo que tentou atear fogo em mim? Não foi uma piada. Esse foi meu último trabalho antes do exílio. Aqueles malucos nunca deveriam ter chegado àquele ponto. Quem fez a última avaliação deles tinha feito uma bela de uma merda para eles progredirem tanto. — Mae se conteve para não sugerir que, talvez, o último servidor tivesse dormido com algum membro e feito vista grossa. — Acabei tendo que chamar o exército e arrombar o complexo deles. — Ele meneou a cabeça com a lembrança. — Até agora, aquela deve ter sido a coisa mais maluca que já investiguei.

Ele bebeu um gole da garrafa.

— Enfim, eles fecharam o lugar e cercaram a maior parte do grupo. Era um lugar bem ermo e eu precisei ficar numa hospedagem pequena no campo. Não eram as acomodações mais glamorosas, mas davam conta do recado. Meu segurança saiu para se divertir e eu fui para a cama feliz com o trabalho bem-feito.

— Se divertir no meio do nada? — ela perguntou, embora estivesse mais surpresa com a simples ideia de um guarda-costas ir embora.

— A cidadezinha mais perto era a uns quinze quilômetros de distância e eles tinham um prostíbulo licenciado. Então, ele levou o carro para lá. — Talvez a tequila já estivesse fazendo efeito, pois Justin acrescentou ao acaso: — Eu nunca paguei por sexo, sabia? Não importa o que você pensa de mim, mas eu nunca fiz isso.

— Certo.

— Enfim, eu fui para a cama e tive um sonho. Foi aí que a encrenca começou.

— Mais do que quando botaram fogo em você?

— De um jeito diferente. — Seu olhar ficou distante e sua expressão mais conturbada. Não, mais que isso. Dolorida. — Eu tive um sonho que parecia muito real. Quer dizer, muitos sonhos parecem, mas você precisa acreditar em mim quando eu falo isso. *Muito* real. Eu estava numa floresta, de noite, mas uma lua cheia

iluminava tudo. Sentei no chão e três pessoas estavam sentadas na minha frente. Eu estava segurando uma maçã de ouro. — Justin olhou para ela com expectativa. — Isso te diz alguma coisa?

— Não, devia dizer?

— Uma maçã de ouro foi o estopim da Guerra de Troia. — Ela também não pareceu entender essa referência. — Resumindo, uma guerra mitológica começou quando uma deusa grega do caos deu uma maçã de ouro para um homem chamado Páris. Ele devia dar a maçã para a deusa mais bonita, e três tentaram conseguir a maçã subornando o menino. Os detalhes não importam, mas as consequências de quem ele escolheu geraram uma guerra.

— Entendi.

— Enfim, eu estava com essa maçã dourada e três pessoas queriam.

— Elas queriam que você escolhesse a mais bonita?

— Não. — Ele franziu a testa e pareceu estar buscando as palavras certas. — É difícil explicar. A maçã ali não era sobre beleza. Era mais que isso. A escolha era sobre, não sei, poder. Poder e fidelidade.

— Fidelidade a quem? — ela perguntou.

— A um dos três. Dar a maçã era um voto de fidelidade, acho. — Quanto mais ele dizia, mais ficava claro que esse sonho o havia afetado profundamente. — Eles me disseram que eu tinha poder com a maçã, mas que, se eu a desse a algum deles, me dariam alguma coisa em troca. E, assim como na história, eles tentaram me subornar.

"Um era um homem envolto em fumaça e sombras. Eu não conseguia vê-lo bem, mas ele falava com uma voz grave que fazia o chão tremer. Ele me disse que, se eu o seguisse, me daria poder e autoridade. Disse que eu teria riqueza e influência e pessoas brigando para me servir. Que elas me temeriam. Foi meio intenso, e ele fez alguns comentários enigmáticos sobre conhecer meus adversários e poder me ajudar a lutar contra eles. A mulher, a única dos três, era mais doce. Mas também perigosa. E sedutora. Ela eu conseguia ver mais. Tinha uma pele muito pálida, olhos cinza e cabelos prateados. Bonita e reluzente... Quase doía de olhar..." Sua voz foi perdendo a força por um momento. "Ela me

disse que gostava de homens inteligentes e que, se eu desse a maçã a ela, me daria sabedoria para revelar todos os segredos do mundo. Eu disse que já tinha sabedoria."

— Claro — Mae ironizou. Mesmo num sonho capaz de mudar a vida, a autoconfiança dele se mantinha forte.

— Ela disse que eu estava errado, que eu tinha conhecimento e esperteza, mas não sabedoria.

— Como a Nossa Senhora do Livro e a das Chaves.

A referência pareceu surpreender Justin, mas ele assentiu devagar.

— Acho que sim. O terceiro era mais velho e eu conseguia ver só parte de seu rosto. O resto estava envolto em sombras. Ele disse que ninguém era capaz de *dar* sabedoria, que ela precisava ser adquirida. Disse que ele me ensinaria, e que sua memória e seu pensamento seriam meus guias. Ele disse também que me mostraria como vencer meus inimigos e que eu poderia ter um amor que deixaria as outras pessoas de queixo caído. Isso deixou a mulher meio irritada. Ela falou: "Então o amor pode ser dado, mas a sabedoria, não?". E ele respondeu que nunca disse que me daria esse amor... só que eu *poderia* ter esse amor se eu trabalhasse para ele ou coisa assim. Ela chamou aquele deus de canalha espertinho.

— Me surpreende você não ter dado a maçã para ele só por isso. Vocês parecem ter muito em comum.

— Não tive muito tempo para pensar — Justin disse, embora tenha aberto o primeiro sorriso sincero que ela viu no rosto dele desde que voltaram. — Porque então o deus esfumaçado riu e disse que podia fazer isso e muito mais, que poderia me dar mais mulheres do que eu daria conta.

— Imagino que você disse que isso era impossível — Mae interferiu.

— Você tá que tá, hein? Nunca pensei que teria tantas interrupções enquanto abria meu coração.

— Tá, desculpa. — Ela precisou se lembrar de tudo que estava em jogo ali.

— O velho disse que eu só precisava de uma mulher e que eu a reconheceria por uma coroa de estrelas e... — Justin hesitou por um momento e então limpou a garganta. — Disse que ela seria

esculpida em fogo e gelo, que me inflamaria na cama, e viveria e morreria por mim fora dela.

Mae o teria acusado de embelezar a história, mas, considerando a memória dele, ele devia estar recitando as palavras floreadas de cor.

Justin respirou fundo.

— Acabei dando a maçã para ele.

— Por que você não passa de um romântico no fundo?

— Por causa do que ele disse depois. Ele me disse que também poderia salvar a minha vida. E, apesar de eu estar sonhando, de repente percebi que o quarto em que estava dormindo estava pegando fogo. Ele pegou a maçã e disse: "Segue os corvos". E acordei num quarto em chamas.

Agora eles estavam de volta à história do incêndio.

— E você escapou.

Ele olhou nos olhos dela.

— Você já esteve num lugar que estava pegando fogo? Cercada por chamas? Era muito abrasador. O calor me sufocava e eu estava sem ar por causa da fumaça. Pedaços do teto estavam começando a cair... e foi então que eu vi. Os corvos.

— Os corvos?

— Sim. Dois pássaros grandes e pretos, pairando no ar. Eles voaram até um canto do quarto e eu os segui. Não sei. Talvez eu não tivesse escolha. Ali, eu vi que parte da parede já tinha caído e havia uma pequena abertura que dava para o lado de fora. Mae, você precisa acreditar em mim. Não conseguia ver aquele lugar da cama. Não tinha como saber se não fosse pelos pássaros. — Seus olhos estavam subitamente arregalados e cheios de desespero.

— Eu acredito em você — ela disse, sem saber se realmente acreditava.

Isso pareceu deixá-lo satisfeito, mas ele ainda parecia nervoso e agitado mergulhando naquelas memórias antigas.

— Consegui sair dali, mas minha camiseta estava pegando fogo. Precisei me debater para arrancar e jogá-la no chão, mas consegui. Nisso fiquei com algumas queimaduras. Depois, consultei um especialista que conseguiu curar todas sem deixar nenhuma cicatriz, além desta.

Justin desabotoou a camisa e abriu para mostrar para ela a lateral do tronco. Mae se mexeu ao lado dele para olhar o lugar que ele apontou, logo abaixo da caixa torácica. Havia uma cicatriz quase invisível, só uma marquinha em relevo na pele da mesma cor que o resto do corpo. Ela não sabia se teria visto se não soubesse por que procurar. Tinha apenas alguns centímetros. Sem pensar, tocou nela com a ponta do dedo e traçou seu estranho formato. Não era perfeitamente reta, mas ela conseguiu identificar uma linha horizontal que tinha, no alto, duas linhas menores se estendendo para baixo, na diagonal. Como um *F* inclinado. Ele ficou tenso com o toque dela e, sem pensar, ela abriu os dedos e pousou a palma da mão na pele dele. Era quente e macia, e uma maré de emoções a inundou. Ela recuou de súbito.

— Desculpe.

— Tudo bem. — Ele voltou a abotoar a camisa.

Depois de um momento de silêncio constrangedor, ela tentou relembrar a narrativa.

— Então, você conseguiu fugir do incêndio?

— Não exatamente. — Ele voltou a entrar no ritmo da história. — Estava muito ruim do lado de fora também. Era perto de uma floresta e era quase impossível ver alguma coisa. Era de madrugada e não tinha lua como no sonho. A fumaça não ajudava também. Tinha mais luz perto da entrada da hospedaria, mas era lá que a maioria dos fanáticos estava. Pelo jeito eles tinham mais seguidores do que percebemos na primeira apreensão. Sem ver quase nada, comecei a andar na floresta, mas um deles me viu e chamou seus companheiros. Eu corri, mas não conseguia ver para onde estava indo e podia ouvir que eles estavam se aproximando. Foi então que comecei a seguir os corvos.

— Aqueles que mostraram a abertura na parede?

— Sim. Era estranho também, e não só porque eu estava seguindo dois pássaros que apareceram no meio do nada. Quer dizer, estava muito escuro lá e eles eram pretos, mas não sei como eu sabia para onde eles estavam indo. Eles me levaram por um caminho tortuoso e maluco na floresta, encontrando espaço no meio das árvores que eu nunca teria visto sozinho. Perdi os pássaros de vista e, depois do que pareceu uma eternidade, saí

perto da estrada... exatamente quando a polícia e os caminhões de bombeiros estavam chegando. E os corvos desapareceram.

Mae não sabia o que pensar sobre a parte dos corvos, mas o resto era sem dúvida impressionante.

— Você teve sorte.

— Sim, muita. Eles me levaram de volta à civilização e pegaram os outros membros. Bruno, meu segurança, foi demitido. Eu voltei para o gabinete e escrevi o relatório sobre o que tinha acontecido. Não falei nada sobre o sonho... mas mencionei os corvos.

Mae não soube como responder. Já era ruim o bastante um servidor alimentar crenças no sobrenatural. Mas falar sobre elas num relatório oficial?

— Descrevi como eles tinham me levado a lugares que eu não tinha como ver, e como apareciam e desapareciam do nada. Nem tentei procurar um motivo para eles. Só escrevi: "Talvez existam forças sobrenaturais no mundo que não podemos descartar". Cornelia escreveu essas mesmas palavras no bilhete no Panamá.

Mae ligou uma coisa com a outra.

— A carta que eu entreguei.

— Sim. Era o sinal de Cornelia de que a oferta de retorno era verdadeira. Mas ela não ficou muito feliz com essa frase na época do relatório. Você não iria acreditar nas merdas que ouvi dos outros. Um servidor reconhecendo um milagre num relatório oficial. Todo o meu trabalho era mostrar que essas coisas são de mentirinha e que aqueles que acreditam nelas estão sendo iludidos. Me repreenderam duramente por ter redigido aquilo. Lançaram um monte de teorias em cima de mim, sobre como eu teria confundido as coisas no escuro ou que os corvos não passavam de produtos do meu subconsciente me mostrando coisas que eu já sabia. Deletar também era fácil. Uma frase, Mae. Uma frase, e todo aquele transtorno. Mas eu não consegui.

— Porque você não conseguia explicar o que viu.

— Bom, isso, e o fato de que os corvos nunca mais foram embora.

Ela esperou que ele dissesse mais, mas ele ficou em silêncio.

— Você disse que eles tinham desaparecido.

— Sim, fisicamente. Mas eles entraram aqui, ó. — Ele apontou

para a cabeça dele. — Eles vivem dentro da minha mente. Eu não os vejo, não exatamente, mas sinto que estão lá. Eles vivem comigo o tempo todo. *Falam* comigo. Querem que eu jure fidelidade ao deus deles, mas eu me esquivei por causa de uma, hum, brecha técnica.

— Justin... — Mae estava estupefata. Ela não tinha como lidar com aquilo, a não ser sugerir que ele largasse completamente todas as drogas e o álcool. A indignação dela havia desaparecido e, agora, estava com pena dele. — Você pode... você tem que estar enganado. Você passou por muita coisa. Se acha que viu os corvos naquela noite, então talvez... não sei. Talvez você tenha se convencido de que eles fossem de verdade e só criou um tipo de... — Ela odiava usar esta palavra, mas não havia outra possível. — Ilusão.

Ele se jogou de costas na cama e riu sem muita verdade.

— Ah, acredite em mim. Você não faz ideia de quantas vezes tentei me convencer disso. Quantas vezes ainda tento. Mas não falei disso no relatório. Não estava tão maluco. Aquela única frase me colocou em muita encrenca, o suficiente para me fazer ser exilado. Me prender era arriscado demais. E se eu falasse para outras pessoas sobre o que vi, ou pensei ter visto? Eles tinham que simplesmente se livrar de mim, me deixar longe de todos os gemanos honestos. Três dias depois que enviei o relatório, ganhei uma escolta militar até o aeroporto e me falaram para escolher um lugar para ir. "Qualquer lugar, menos aqui", me disseram.

Havia uma veracidade nos olhos dele e mais daquele desespero de antes. O que quer que estivesse acontecendo, Justin acreditava ser verdade. Mae, não. Ela não conseguia, pois não acreditava que pudessem existir coisas inexplicáveis no mundo.

— Justin, não sei o que dizer.

— Você acha que eu sou maluco. Eu também já achei.

— Não... acho que você é dedicado e astuto, e até mesmo um pouco genial. Mas você passou por muita coisa.

— Os corvos são de verdade — ele disse, irredutível. — Não entendo como ou por que, mas eles são de verdade. Não admiti isso para mim mesmo por muito tempo, mas eles estão comigo faz quatro anos. Sabem coisas que eu não tenho como saber.

O simples fato de uma coisa estar com alguém durante quatro anos não era prova de que ela fosse verdade. No máximo, Mae pensou, era prova de algum problema grave. Sem querer dizer isso, mudou de assunto ao se dar conta de algo.

— A ICS sabe de suas crenças.

— Não todos.

— Mas o relatório é o motivo por que Cornelia te queria de volta?

— O motivo por que *Francis* me queria de volta — Justin disse. — Eles não entendem o vídeo, e ele deve ter lido o relatório. Ele acredita em alguma coisa, consigo ver isso; então, imaginou que talvez o único servidor que tenha refutado oficialmente a premissa de sua função seria capaz de fazer alguma coisa num caso que desafia os princípios fundadores da RANU. Isso e o fato de eu ter visto algumas outras coisinhas...

— Como o quê?

— Coisas que não consigo explicar. Proezas de poder. Pessoas como Callista.

Mae não conseguia acreditar que Callista fosse prova de algum poder superior.

— O que tem de tão especial nela?

Ele a examinou.

— Você não vê? Acho que é difícil até para mim às vezes. Algumas pessoas conseguem esconder, mas outras brilham de poder às vezes. De vez em quando, se eu olhar direito, consigo ver direitinho.

Essas palavras causaram um calafrio na espinha dela.

— Que tipo de poder?

— Não sei. Callista foi a primeira pessoa que vi manifestar isso, e isso me deixou maluco. Não sabia o que fazer. Foi por isso que não denunciei essa mulher.

— E foi por isso que você dormiu com ela? — Mae perguntou, sarcástica.

— Eu dormi com ela porque ela era gostosa e estava a fim de mim. Podíamos estar lidando com o mundo sobrenatural, mas *eu* ainda sou humano. Nunca contei para Cornelia sobre Callista, mas já cheguei a insinuar outras coisas que vi, por debaixo dos panos.

Cornelia me falou para esquecer e não pareceu achar que fosse nada importante, pelo menos até eu escrever sobre elas num relatório.

Mae matutou sobre a insinuação.

— Você está dizendo que a chefe da ICS acredita na existência de forças superiores?

— Não sei se ela acredita, mas sabe que existem relatos. E, mesmo não gostando dessas coisas, nem de mim, eu estou aqui porque eles estão desesperados.

Estarrecida, Mae se deitou ao lado dele e ficou olhando para o teto. Uma mente tão brilhante... mergulhada numa ilusão. Era uma pena. Mas, enfim, depois do que ele tinha passado, como poderia não ter nenhuma cicatriz? Isso a deixou num beco sem saída. O que ela iria fazer com tudo o que descobriu? Porque ela descobriu *muita* coisa. Havia uma seita sem licença estocando armas em Mazatlán, além de sacerdotisas com informações sobre outros grupos sem licença. Havia um servidor que acreditava ter criaturas sobrenaturais vivendo na sua cabeça e quase tinha admitido acreditar na interferência de deuses na vida dos mortais. Claro, se o que ele tinha dito era verdade, a ICS podia já saber no que ele acreditava... mas será que sabiam da gravidade disso? Será que se importavam com isso? Era provável que se importassem se ele não estivesse denunciando facções perigosas.

— O que você vai fazer? — Justin perguntou, baixinho, adivinhando os pensamentos dela.

— Não sei.

— Horatio diz que você tem muito controle agora.

— Quem?

— Um dos corvos.

— Esse é o nome dele? — ela indagou. — Horatio?

— Não fui eu quem deu o nome. O outro é Magnus. Mas ele está certo. Você pode me ajudar ou me destruir, Mae.

Ela ponderou isso por mais alguns segundos.

— Eu quero solucionar esse caso. E, agora, por mais, hum, confusa que esteja, ainda acho que você é a única pessoa capaz de fazer isso.

Ele se virou para ela e sorriu.

— Você tem muita fé em mim.

— Fé nos seus poderes de observação e dedução. Sobre o resto eu não sei. — Algumas das palavras de Callista voltaram à mente dela. — O que a Callista queria dizer quando perguntou quem tinha escolhido você? Ela estava falando dos corvos?

— Não. — O sorriso dele se desfez. — Segundo eles, eles são só os mensageiros... do deus para quem dei a maçã. É ele quem eu deveria seguir.

Ela percebeu a escolha de palavras.

— Quer dizer que você não segue?

— Quer dizer que eu encontrei algumas brechas no acordo daquela noite que me pouparam de me dedicar oficialmente a esse deus que diz ter poder sobre mim.

— Você realmente acredita que ele existe?

— Acredito que existe alguma coisa que interfere na minha vida. — Ele fez uma pausa. — E na sua também.

Mae se sentou de súbito.

— Não. Não volta a falar disso.

Ele também se sentou.

— Mae, você pode até duvidar de mim, mas não pode ignorar o que aconteceu hoje. Você não sentiu? Durante a luta? Eu podia ver! Havia uma coisa com você, uma coisa te incitando. Você é uma eleita.

— Eleita?

— Alguém que um deus demarcou e escolheu. Você tem uma coisa te seguindo, e Callista tem razão. É alguém muito mais perigoso do que os meus corvos.

— Ninguém está me seguindo ou me escolhendo, nem nada dessas maluquices em que vocês acreditam — ela exclamou. Ela nunca contaria sobre o terror que sentiu naquela briga de faca... do terror e do prazer de ter aquela enorme força sombria preenchendo e movendo o corpo dela, tornando-a invencível. — Você viu o implante em ação. Às vezes ele tem esse efeito durante a luta. Todas as substâncias químicas ficam em ebulição e...

— Aquilo não foi o implante. E eu tenho quase certeza de que o implante não protegeria você da droga do Flecha Dourada também. Acho que era sua defensora indesejada. Leo disse que você não

teria sido tão imune.

— Leo não consegue decifrar aquele vídeo falso — ela retorquiu. — Ele não é tão genial quanto você pensa.

Justin se manteve surpreendentemente calmo.

— Mae, eu sei que você consegue sentir. Já vi o medo que sente depois... e eu já vi a *coisa*. Essa coisa quer que você a sirva. E, quando a gente estava no templo da Nossa Senhora do Livro, os corvos disseram que outra deusa tentou fazer uma proposta para você. Disseram que você é o tipo de pessoa que os deuses querem...

— Chega. — Mae se levantou rápido da cama. Ela tinha esperança de que ele tivesse se esquecido da estátua, mas ela o conhecia bem. Louco ou não, ele não se esquecia de nada. — Justin, não vou te denunciar. E vou aceitar sem um pio que você acredite que aquilo que viu é verdade. Mas não me arraste junto para essas suas filosofias. Nada que você possa dizer vai me convencer da existência de poderes mágicos no mundo. Pode até... pode até ter alguma coisa errada comigo, alguma coisa biológica. Mas isso sou eu e um psiquiatra quem tem que resolver. Não um deus. Não acredito neles. Não consigo. Já vi coisas horríveis demais nesse mundo para achar que alguma deidade poderia deixar essas coisas acontecerem de boa vontade. Por favor, não volte a tocar nesse assunto.

Os olhos castanhos dele se ergueram para ela em reflexões profundas, mas ela não conseguiu saber no que ele estava pensando. Por fim, ele voltou a se deitar na cama.

— Está bem.

— Obrigada. E obrigada por conversar comigo. — Ela olhou com o rabo do olho para o relógio e se crispou em solidariedade. Nem todo mundo pode ficar sem dormir. — Descanse um pouco. Temos uma longa viagem amanhã. Pelos menos você pode dormir no avião.

Ele fez que sim, parecendo que poderia cair no sono antes que ela saísse do quarto. Suas pálpebras começaram a se fechar e então se abriram de repente.

— Ah, ei. Posso pedir um favor? Um que não tem nada a ver com... essas coisas.

— O quê? — ela perguntou, desconfiada.

— Você acha que, quando voltarmos, pode pegar sua farda e ir para a minha casa?

Mae não se esforçou em esconder a surpresa com a estranha mudança de assunto.

— Por que eu faria uma coisa dessas?

— Tessa tem um encontro hoje. Quer dizer, amanhã. Enfim. Você fica de preto do meu lado quando eu encontrar o menino, assusta o pobre coitado e não vamos ter com o que nos preocupar.

Uma sensação repugnante surgiu dentro de Mae.

— Não. De jeito nenhum.

— Depois de tudo o que aconteceu, isso é tão difícil assim?

— É inútil — ela disse, reunindo todo o seu sarcasmo para esconder a tristeza que sentia por não poder usar a farda. — Não vou colocar a farda do ramo militar mais importante da RANU para você se divertir. Devia ter vergonha de pedir uma coisa dessas.

Ele suspirou.

— Você devia ter vergonha de colocar a virtude de Tessa em risco.

— Ela é uma boa menina. Não vai acontecer nada.

— Não é *dela* que eu tenho medo. Ei, me ajuda nessa. Me dá uma mãozinha aqui?

Mae considerou por alguns segundos e, por fim, assentiu com a cabeça, resignada.

— Acho que sei o que posso fazer.

22. O Reformatório Para Meninas Terroristas Sem-Vergonha

Tessa não entendeu por que Mae estava lá quando Dennis chegou. Também não entendeu por que escolheu exatamente aquela hora para limpar as armas dela.

— Então — Justin disse —, para onde vocês vão?

Ele os tinha recebido no escritório, sentado atrás da grande mesa de carvalho que havia comprado pouco antes. Estava com as mãos unidas na sua frente, e Dennis estava em pé diante dele como um suplicante fazendo um pleito diante de um juiz. Uma tela na mesa estava voltada para Justin, mas uma maior na parede atrás dele era visível para todos os outros que estavam no escritório. Exibia o menu travado do trabalho dele, com o selo da RANU e o aviso de "Atenção: Somente para Funcionários Autorizados, Ministério da Segurança Interna". Outras pessoas poderiam achar aquilo intimidador, mas não Dennis.

Afinal, ele não conseguia tirar os olhos de Mae. Ela estava sentada perto da mesa de Justin, numa mesinha redonda menor com duas armas e uma faca. Com as pernas dobradas na cadeira, ela parecia descontraída em sua calça jeans e seu agasalho. Todo o corpo dela estava tranquilo e relaxado, exceto pelo fato de que estava desmontando sistematicamente cada arma, limpando as partes e, então, voltando a montá-las. Em seguida, repetia o processo. Por mais estranho que parecesse, Tessa não achou aquilo inquietante, mas lembrou que estava muito mais acostumada com armas do que um gemano comum. O que achou mais perturbador eram o raspão e o cortezinho na lateral do rosto de Mae, que ficavam visíveis sempre que ela ajeitava o cabelo.

Mae terminou de remontar a pistola maior pela terceira vez, checando de maneira a apontá-la diretamente para Dennis. Ele

titubeou e deu um passo para trás, quase esbarrando em Tessa. Levou alguns segundos para perceber que era com ele que estavam falando e, finalmente, voltou os olhos arregalados para Justin antes de engolir em seco.

— Westfield Plaza.

— Dentro ou fora?

— Fora.

— Assentos comuns?

— Sim.

— Estão levando toalha?

Mae carregou o cartucho na outra arma com um pouco mais de força do que devia ser necessário. Dennis teve outro sobressalto.

— Sim, senhor.

Justin não disse nada imediatamente e cravou os olhos em Dennis de uma maneira que pareceu aterrorizar o menino ainda mais do que as armas. Tessa conseguia ver as rugas de cansaço no rosto de Justin e ficou surpresa que ele pudesse ser tão intimidador. Ele e Mae haviam voltado de uma viagem fazia uma hora e, pela tensão entre eles, as coisas não pareciam ter ido muito bem.

— Quantas pessoas vão com vocês? — Justin perguntou.

— Seis.

— Poppy é uma delas — Tessa disse, achando necessário ajudar Dennis.

Justin zombou:

— Isso não é muito tranquilizador. Você é o menino que vai para a igreja, certo?

— Sim, senhor.

— Eles ainda estão pregando aquela mer... aquelas coisas sobre virtude e pureza?

— Sim, sim — Dennis respondeu, afoito. — Teve um sermão sobre isso na semana passada.

Justin lançou um olhar dramático e minucioso na direção do menino.

— Certo. Podem ir... mas eu dei uma checada nos seus antecedentes. Sei onde você mora. Ela volta para casa antes das onze, entendido?

Mae acabou de montar uma arma menor e voltou a testar a pontaria na direção de Dennis.

— Entendido, senhor. Obrigado, senhor.

Tessa e Dennis saíram correndo.

— Uau — ele disse quando estavam a caminho. — Deve ser bem louco morar lá.

Ele se sentou a quase meio metro dela no trem para o centro, e Tessa teve a impressão de que não precisaria se preocupar com ele tentar alguma coisa contra a castidade dela naquela noite. Ou em nenhuma outra.

Eles encontraram Poppy e os outros numa lanchonete movimentada perto do lugar do show, que era completamente diferente dos restaurantes chiques que Justin frequentava. Observar a maneira como os atendentes preparavam a comida rapidamente não inspirava muita confiança, mas serviu de material para a aula de filmagem dela. Nos últimos tempos, Tessa vinha levando a câmera para todo canto a fim de filmar fragmentos da vida gemana para seu projeto. O instrutor dela era o único que acreditava que a origem de Tessa poderia ser útil na observação da RANU. Parte do projeto incluía entrevistas informais de que seus amigos tinham o maior prazer em participar.

— Estava com medo de que você não viesse — Poppy disse mais tarde. — Pensei que suas travas provincianas levariam a melhor. — Mas, como sempre, ela falou "travas" com carinho.

Poppy estava vestida como uma menina que Tessa tinha visto uma vez numa esquina enquanto viajava de carro com a família. "Aquela menina não obedeceu aos pais", a mãe de Tessa havia dito com o ar sombrio.

— Esse show vai ser o máximo — Poppy acrescentou. Enquanto os outros conversavam animadamente, ela se aproximou de Tessa e falou baixinho. — O que você acha do Dennis?

Tessa lançou o olhar para o outro lado da mesa, onde ele estava conversando com a irmã, recém-saída da suspensão.

— Ele é legal — Tessa sussurrou. — Mas não acho que seja o menino certo para mim.

— Quem precisa do menino certo? — Poppy arreganhou um sorriso. — Não tem nada de errado em se divertir com um menino

qualquer.

Tessa não achava que algum dia teria esse tipo de "diversão" a que Poppy estava se referindo. Talvez não houvesse ninguém que a atraísse e Tessa só vinha se enganando. Nenhum menino na escola, incluindo Dennis, havia chamado a atenção dela. Nem nenhuma menina também. Ela pensou em colocar a culpa no contraste cultural, mas nunca tinha conhecido ninguém interessante no Panamá também. Poppy parecia estar apaixonada por um menino diferente a cada semana, e Tessa temia que talvez houvesse alguma coisa de errado com ela mesma.

O fato de o show ser ao ar livre ajudou Tessa com seu medo de multidões. Foi com a própria música que ela teve problema. Ela pensou em ouvir Vital Lucidity no fluxo antes, mas acabou se esquecendo. Eles a pegaram completamente desprevenida e eram diferentes de tudo o que ela já tinha ouvido na vida. As letras eram incompreensíveis e a melodia soava estridente e destoante. O pior era que tudo era *muito* alto. Todas as conversas tinham que ser aos berros, e Tessa achou que poderia acabar perdendo um pouco da audição. Pelo menos, ficar sentada ao ar livre na primavera era agradável e gravar o rosto animado de seus amigos deu mais um pouco de material. Rhea era especialmente fã e não parava de falar sobre o quanto conhecia a banda, sobre toda a parafernália que colecionava e todas as informações a respeito do próximo álbum deles. Era um dos momentos em que Tessa ficava impressionada pela maneira como um país antirreligioso conseguia encontrar deuses sem nem perceber.

— Quer um pouco? — Poppy ofereceu um frasco durante um intervalo.

Tessa hesitou. Uma taça de vinho na casa de Leo e Dominic tinha bastado para derrubá-la.

— Não sei se devo.

— Tem outro na minha bolsa. Roubei do armário de bebidas do meu pai; duvido que ele vá perceber. Juro para você que ele é a pessoa que mais bebe no mundo.

Depois de morar com Justin, Tessa duvidava um pouco disso.

Dennis ouviu a conversa e, com o rosto apavorado, se achegou ao lado delas sobre a toalha.

— *Não*. De jeito nenhum. Se ela chegar bêbada em casa, eles vão me matar.

— Ele não falou nada sobre álcool — Tessa disse. Ela ficou surpresa com a irritação que sentiu só de pensar que Dennis estava dizendo o que ela tinha ou não de fazer. E Justin já havia começado a noite fazendo a mesma coisa. *Eu estou aqui há tão pouco tempo*, ela pensou, *e já estou resistindo à autoridade. Nunca teria questionado uma ordem em casa.*

— Como quiser — Poppy disse, ainda empunhando o frasco. — Uns golinhos não vão deixar a menina bêbada.

Ao fim do show, Tessa estava bêbada.

Era uma sensação nova e ela ficou surpresa com o quanto gostou daquilo. Talvez Justin soubesse o que estava fazendo. Ela tinha a sensação agradável de que sua cabeça estava leve e aérea, e que tudo era mais engraçado. Ela não estava tão tímida como costumava ser com o resto do grupo e, para variar um pouco, estava gostando de participar das conversas.

Enquanto desciam a rua depois, Tessa percebeu que Dennis era a única pessoa sóbria do grupo. Preocupado, ele ficava olhando para ela e para o relógio no ego. O teatrinho de Justin e Mae parecia ter surtido efeito.

Eles foram parar numa região da cidade que Tessa nunca tinha visto. Um grande edifício cheio de pilares se assomou diante deles, com holofotes apontados para lugares estratégicos que só faziam aumentar sua imponência.

— Que é isso? — ela perguntou.

— A Casa dos Senadores — o novo namorado de Rhea disse. — Como você não sabe disso?

Envergonhada, Tessa procurou alguma coisa para dizer a fim de se redimir.

— O cara com quem eu moro conhece um senador. Eles são praticamente melhores amigos. — Sua mente triscada se esforçou para lembrar o nome que sempre via nos noticiários. — Lucian Darling.

— Sério? — perguntou Rhea. Todos pareceram impressionados, e Tessa se encheu de orgulho. — Ele vai ser cônsul.

— E é gostoso — Poppy acrescentou. — O senador, digo. Bom, o

cara com que você mora também. Sabe, eu não tenho problemas com caras mais velhos.

— Todo mundo sabe disso — o namorado de Rhea disse, soltando risos de todos.

Eles caminharam por mais alguns minutos e foram parar num grande muro de pedra que rodeava vários quarteirões.

— E esse? — Tessa perguntou.

— Os Jardins Nacionais — Dennis respondeu. Ele olhou para o ego. — Você devia ir para casa agora.

— Você precisa vir aqui um dia quando eles estiverem abertos — uma menina chamada Sibyl comentou. — É um ótimo lugar para se pegar.

Rhea tinha parado e estava olhando para uma árvore mais perto do muro.

— Ouvi dizer que dá para entrar subindo por aquela árvore.

Os outros se voltaram para ela, incrédulos.

— Mentira — Poppy disse. Tessa tinha quase certeza de que aquela era a primeira vez que ouvira a amiga descrever algo assim.

— Não, não. O primo de uma amiga minha me disse. — Rhea apontou. — Olhem, ela quase encosta na parede. Se subir e pular ali, você cai lá embaixo. É fácil.

— O pulo não é nem um pouco fácil — Dennis disse. Ele segurou o braço de Tessa. — Vamos.

— Tem um banquinho do outro lado — Rhea insistiu. — É só mirar para cair nele.

Nem mesmo Poppy estava acreditando:

— Duvido que dê para entrar pulando da árvore.

Tessa piscou algumas vezes para que o mundo parasse de rodar e, então, examinou a tal árvore.

— Não, não... dá, sim. Olha. Tem que balançar daquele galho até o outro lado, então dá para subir naquele outro perto do muro.

Por mais que Cynthia vivesse falando que uma pretoriana não era uma instrutora muito realista, Quentin e Tessa tinham continuado a subir em árvores para praticar. Mesmo nunca tendo desenvolvido as habilidades naturais de Mae, acabaram conseguindo subir na árvore por conta própria.

Encorajada por esse sucesso (e pelo álcool), Tessa achou a

proposta de Rhea perfeitamente plausível, exceto por um pequeno detalhe.

— Como faz para voltar?

— O lado de dentro do muro é texturizado — Rhea respondeu prontamente. — Você pula de volta no banco, se segura no muro e então volta a subir no topo da árvore. — Ela pegou no braço de Tessa. — Quer tentar?

Dennis demonstrou o mesmo pânico de quando Mae apontara a arma para ele.

— Não! Você não pode. Você realmente acha que é fácil? O lugar é cheio de guardas e câmeras! Dá para ver os soldados ali.

Era verdade. Espalhados sobre o muro estavam soldados de cinza e castanho, vigiando os arredores. Rhea nem se preocupou.

— Vocês distraem os guardas. Fazem um escândalo. E nós subimos.

Poppy estava visivelmente oscilando entre seus instintos impulsivos de sempre e uma voz racional que, pelo jeito, decidiu dar o ar da graça naquela noite. Os instintos acabaram vencendo.

— Certo. A gente ajuda.

Rhea abriu um sorriso largo para Tessa.

— Está dentro?

— Estou.

— Mas vocês são...! — Dennis exclamou.

Mas todo mundo já estava em movimento. Poppy levou os outros até um soldado enquanto Tessa e Rhea caminharam furtivamente na outra direção. O grupo riu com estardalhaço, tropeçando mais do que antes. Tessa ouviu Poppy falar:

— Ei, senhor soldado. Sabe onde vende comida mexicana por aqui?

— Eu não quero comida mexicana, porra — o namorado de Rhea exclamou. — Você falou que a gente ia comer torta.

— Você sempre quer torta — Sybil disse, ao que todos riram ainda mais.

O soldado falou alguma coisa que Tessa não ouviu, provavelmente que eles deviam ir para casa. Outro soldado foi até lá para saber o motivo da confusão e Rhea empurrou Tessa.

— Vamos lá.

A árvore não tinha tantos galhos quanto a de sua casa. Tessa raspou a mão tentando pegar o galho mais baixo, que não era tão firme quanto ela havia pensado. Sua desorientação não estava ajudando muito, e ela quase perdeu o equilíbrio umas duas vezes. Mesmo assim, ficou feliz por ter mais facilidade que Rhea e acabou subindo até o muro primeiro, mas não sem antes quase cair. Ela conseguiu se segurar no topo do muro, ficando pendurada e torcendo para o mundo parar de girar em volta dela. Depois que sua respiração ofegante se acalmou, ela subiu e Rhea chegou ao lado dela.

— Foda — Rhea disse.

Tessa foi obrigada a concordar. Os jardins que se estendiam diante delas eram projetados de maneira tão bonita que nem pareciam de verdade. As sebes estavam podadas com perfeição, ladeando trilhas de pedra que seguiam sinuosas por todo o parque. Árvores que Tessa nunca tinha visto balançavam suavemente sob a brisa da noite, envoltas por canteiros de flores. Ela não conseguia distinguir as cores sob a luz fraca. Os jardins tinham os mesmos holofotes que a entrada do senado, mas eles estavam apontados para as estátuas de personagens históricos importantes espalhados pelas trilhas.

E, logo abaixo delas, estava o banco de que Rhea falou.

— Está ali mesmo — Tessa disse, sem perceber que, até aquele momento, não estava com tanta certeza se acreditava. Não parecia tão alto quanto Rhea havia dado a entender.

— Pois é.

Sem nem avisar, Rhea pulou. Ela conseguiu cair em cima do banco, mas não se equilibrar. Soltou um palavrão enquanto tropeçava e rolava no chão, mas logo se levantou e fez um sinal de aprovação para Tessa.

— Nenhum osso quebrado.

O lado racional de Tessa estava começando a ficar sóbrio e a dizer que aquela era uma péssima ideia. Mas Rhea já havia investido na aventura e a pressão dos amigos acabou sendo mais forte. Tessa pulou, com os mesmos resultados: atingiu o banco e caiu rolando. Ao contrário de Rhea, Tessa sentiu uma dor disparar no seu tornozelo enquanto caía desajeitadamente. Rhea a ajudou a

se levantar, com aquele grande sorriso de volta no rosto.

— O que vamos fazer primeiro?

Gritos por perto disseram que elas não iriam fazer coisa nenhuma. Tessa se virou, crispando-se de dor no tornozelo. Apesar da dor, ela estava prestes a pular no banco para escalar o muro quando percebeu uma coisa importante.

Não havia onde se segurar. O muro era completamente liso. Ela ficou pasma e se virou para Rhea.

— Você disse que... ahh!

Ela foi golpeada por alguma coisa grande, a ponto de cair no chão e perder o fôlego. Um grito ao lado dela sugeriu que Rhea havia sofrido o mesmo. Mãos fortes a ergueram. Um vulto escuro olhou para ela e soltou um suspiro.

— É só uma menina — ele disse.

— Aqui também — uma voz de mulher respondeu. — Belo trabalho para os melhores seguranças do mundo.

— E olha que elas nem entraram no senado — o captor de Tessa disse, num tom surpreendentemente descontraído. Ele a empurrou adiante. — Venha.

Ela tentou caminhar, mas cambaleou.

— M-meu tornozelo.

— Bem-feito.

Ele colocou o braço ao redor dela e a carregou praticamente arrastada na direção do prédio principal. Tessa achou que seu coração iria explodir de tão rápido que batia. Até então, não acreditava que nada poderia ser mais assustador que seu primeiro dia no aeroporto gemano. Ela sentiu seus ouvidos latejarem e não conseguia ver absolutamente nada ao redor dela, exceto pelo prédio que se aproximava cada vez mais.

O homem pousou a mão na leitora da porta e a destravou, liberando uma luz forte quando a porta foi aberta que obrigou Tessa a semicerrar os olhos com a mudança drástica. Ela e Rhea foram levadas por um corredor vazio e esterilizado até uma porta em que se lia SEGURANÇA. Outra leitura de mão liberou o acesso e eles entraram numa sala cheia de monitores e fardas cinza. Um dos soldados levantou os olhos, surpreso.

— O que é isso?

— Nosso perímetro foi rompido por assassinas altamente treinadas — o homem que segurava Tessa disse. Com cuidado, ele a guiou até uma cadeira vazia e, um segundo depois, Rhea se sentou ao lado dela, parecendo estar prestes a desmaiar.

Agora que seus olhos haviam se acostumado com a luz, Tessa conseguiu dar uma boa olhada na sua escolta. Então, achou que também podia passar mal.

Eram pretorianos.

Todas as histórias sobrenaturais de terror com que ela havia crescido voltaram à sua mente. Eles não eram como Mae, que fazia piadas, sorria e usava roupas bonitas. Ambos estavam usando as fardas pretas que os faziam parecer a encarnação da morte. O homem que havia segurado Tessa era imenso; seu físico musculoso era aparente mesmo sob o casaco preto. A mulher que levara Rhea era mais baixa e magra, mas sua força era visível. Ambos tinham armas na cintura, e expressões duras e letais.

O soldado comum que os havia cumprimentado trouxe uma leitora e checou o chip de Rhea.

— Tenho certeza de que os seus pais vão adorar encontrar a polícia militar hoje. Você tem sorte de ser menor de idade. — Quando verificou o chip, seu olhar sarcástico desapareceu. — Hum.

— "Hum" o quê? — a pretoriana perguntou.

— Ela é uma cidadã panamenha. — O soldado deu um passo para trás, perplexo. — Esse é um ataque em solo gemano. Ela é tecnicamente uma terrorista.

O pretoriano riu.

— Ela é uma menina. E está bêbada.

A mulher se aproximou para olhar a leitora.

— Tem algum guardião ou informações de contato? — Ela olhou a tela e ergueu a sobrancelha. — Justin March.

Ela e o pretoriano grandalhão trocaram olhares.

— Nós vamos levá-la — a pretoriana disse. — Vamos cuidar dela.

O soldado pareceu bestificado.

— Vocês não podem! Sabem a gravidade disso? Preciso fazer umas ligações e...

— Hector — a mulher disse, com a voz fria. — Nós vamos levar a menina. Vamos tomar as providências para dar um jeito nela.

— Que jeito? Eu vou ficar em apuros se liberar a garota.

O pretoriano grandalhão apontou para Rhea.

— Vocês já têm uma. Vai ter bastante drama por causa dela e depois passa.

Estava claro que o homem de cinza não concordava.

— Elas invadiram uma propriedade federal.

A discussão entre os três pareceu não ter fim, e, enquanto isso, Tessa tentou não hiperventilar. No fim das contas, os pretorianos venceram. Eles começaram com argumentos lógicos e acabaram partindo para a intimidação. O soldado estava tremendo quando eles terminaram e, nervoso, bateu continência para os pretorianos enquanto levavam Tessa. Ela lançou um último olhar desesperado para Rhea, mas sua amiga estava em choque demais para perceber.

O pretoriano grandalhão voltou a ajudá-la a caminhar, mas não a prendeu com algemas nem nada. Considerando a rapidez com que havia conseguido dominá-la, ela não devia representar uma ameaça tão grande. Eles a levaram até outras salas, fazendo algumas coisas que ela não conseguiu acompanhar. Quando dois outros pretorianos igualmente assustadores apareceram, eles bateram continência uns para os outros e a escolta dela finalmente recebeu permissão para partir.

Ela estava esperando embarcar num avião militar diretamente para o Panamá, mas, em vez disso, foram de metrô, o que talvez tenha sido pior. Os olhares que havia recebido em seu primeiro dia na RANU não eram nada comparados aos que recebeu agora. Os pretorianos estavam sentados nos dois lados dela, rijos e assustadores, e Tessa se afundou no banco, desejando poder sumir. Apesar dos olhares, os outros passageiros mantinham distância, e Tessa não os culpava por isso. Ela e seus acompanhantes fizeram o trajeto em silêncio, que só foi quebrado quando o homem disse:

— Você está *muito* ferrada.

Essa única frase bastou para que todos os piores cenários possíveis passassem pela cabeça de Tessa. O que podia acontecer? Ser deportada? Perder o visto devia ser a melhor coisa que ela podia esperar. Até mesmo a cadeia não era algo tão horripilante

quanto os outros destinos que eles podiam ter em mente. Afinal, o homem no gabinete de segurança tinha dito que ela era uma terrorista. Uma coisa assim podia resultar em execução, não?

Quando chegaram à casa de March, ela não precisava mais se preocupar em sofrer de hiperventilação, pois praticamente não conseguia mais respirar.

Os pretorianos ainda estavam ao lado dela enquanto marchavam até a porta de entrada. Podia-se ver a luz acesa pela janela, e alguma parte histérica dela ficou se perguntando se ela estava voltando dentro da hora programada.

Justin abriu a porta e observou o grupo diante dele com uma calma extraordinária.

— Ah. Puxa.

— Você é Justin March? — a mulher perguntou. Quando ele respondeu que sim, ela disse: — Nós temos um problema.

— É — ele disse, devagar. — Estou vendo.

— A menina invadiu os Jardins Nacionais — o pretoriano explicou. — Isso é praticamente um ato de terrorismo.

Justin não conseguiu falar nada.

A mulher continuou, com a voz calma e baixa:

— Como ela é menor, talvez possamos aliviar a pena dela.

— Não entenda mal — o homem disse. — A prisão é a opção mais provável. Mas, se tivermos sorte, ela pode cumprir pena de alguns anos no Reformatório para Meninas Terroristas Sem-Vergonha.

O olhar de Justin estava um tanto atordoado, mas, ao som dessas palavras, aquele foco penetrante que Tessa conhecia tão bem reapareceu e se fixou no pretoriano.

— O Reformatório para Meninas Terroristas Sem-Vergonha?

— Sim — a mulher confirmou. — Você já deve ter ouvido falar na fama do lugar.

— Algumas meninas nunca voltam — o outro pretoriano disse, sombrio.

Justin pareceu um pouco mais relaxado, talvez porque ainda não tivessem mencionado a possibilidade de execução.

— Bom. Precisamos fazer sacrifícios pelo bem do país.

A pretoriana concordou.

— Normalmente, nós a deteríamos agora mesmo, mas, como o senhor trabalha para a Segurança Nacional, nossos superiores decidiram que seria mais seguro deixá-la sob sua custódia.

— Ainda mais porque o senhor trabalha com uma pretoriana — o homem acrescentou. — Hum, acho que ela não está aí agora, está?

— Não, ela voltou para casa.

— Ah. — O pretoriano pareceu desapontado. Talvez quisesse um nível extra de segurança para Tessa. — Bom, então, é responsabilidade sua não deixar a menina escapar.

Justin disparou um olhar penetrante contra Tessa.

— Ah, garanto para vocês que ela não vai a lugar nenhum.

— Vamos decidir o destino dela amanhã. — A mulher apontou para a casa com um gesto solene. — Pode ir agora.

Tessa hesitou e olhou para Justin.

— Entre — ele disse.

— E coloque um pouco de gelo no tornozelo — o homem acrescentou. Por uma fração de segundo, ela pensou ter visto os lábios dele começarem a se abrir num sorriso, mas então o rosto dele voltou a assumir a expressão séria.

Tessa assentiu rapidamente com a cabeça e então entrou correndo, com medo de que eles mudassem de ideia caso ela olhasse para trás.

23. A Balada de Mae e Porfirio

Justin ouviu Tessa entrar na cozinha, abrir a geladeira e ir correndo para o quarto. Quando ouviu a porta do quarto se fechar, ele finalmente falou com os pretorianos de rosto severo.

— Então — ele disse. — Vocês devem ser amigos da Mae.

E foi aí que a coisa mais estapafúrdia aconteceu. Os temíveis pretorianos desataram a rir. O homem soltou uma gargalhada realmente sonora, quase com lágrimas nos olhos. A mulher afundou o rosto nele, tentando não rir alto demais.

— Ah — ele disse a ela —, foi muita maldade. E muito engraçado.

A mulher ainda estava se contendo para não rir mais.

— Sério? Reformatório para Meninas Terroristas Sem-Vergonha?

— Foi tudo que me passou pela cabeça — ele disse. — E funcionou, não funcionou? Viu a cara que a menina fez? Coitada.

Justin olhou de um para outro, sem saber como lidar com a situação. Ele estava aceitando que a vida estava cada vez mais surreal nos últimos tempos, mas, pelo visto, ela ainda tinha maneiras novas e emocionantes de surpreender.

— Vocês... querem entrar para beber alguma coisa? — Só depois de falar ele lembrou que o álcool não fazia efeito nos pretorianos, mas pareceu uma compensação adequada. Ele não sabia exatamente o que havia acontecido, mas seu instinto lhe dizia que os pretorianos podiam ter feito um enorme favor a Tessa.

— Claro — a mulher disse. Ela estendeu a mão sem hesitar. — Valeria Jardin. Os meus amigos me chamam de Val, e você definitivamente pode ser meu amigo. — Justin muitas vezes pensava em Mae como uma leoa quando ela estava pronta para lutar. Havia algo de felino em Val também, mas de uma natureza completamente diferente. Ela parecia leve e sensual, mas definitivamente tinha suas garras.

— Nem pense nisso — o homem advertiu Val. — Você ouviu o que ela disse.

— Mae? — Justin indagou. — O que ela disse?

— Que você é bonito — Val respondeu.

O pretoriano revirou os olhos.

— Ela não falou isso. Ela só disse para você não chegar perto dele.

— O que é praticamente admitir que está a fim dele.

— É nada, Val. Ela só não quer que você complique as coisas.

Val pousou seus olhos negros em Justin, com uma falsa castidade cercada por cílios longos.

— Eu nunca complico as coisas — ela murmurou. — Não muito, pelo menos.

— Estou precisando daquela bebida — o pretoriano disse, andando ao redor dela. — Tomara que você tenha um belo estoque.

— É um estoque ótimo — Justin disse, ainda meio atordoado. — E você se chama...?

— Dag — o homem respondeu, sem dizer se era seu primeiro nome ou sobrenome. Ele já estava andando a passos largos para a cozinha, com aquela confiança de quem sabe que pode entrar em qualquer lugar.

Justin mostrou o armário de bebidas, que atendeu às expectativas deles. Cada um pegou duas garrafas e olhou para ele com expectativa.

— No quintal — Justin disse. — Ele pegou uma garrafa de bourbon para si e três copos, embora os pretorianos não parecessem precisar de um. — Está todo mundo dormindo.

O grande quintal nos fundos era bem longe dos quartos, que ficavam agrupados do outro lado da casa. Como tudo mais naquele lugar, o quintal era bonito e luxuoso. Tinha um piso de ardósia, móveis patinados e uma cobertura em treliça com trepadeiras que davam proteção nos dias mais quentes. Uma braseira ficava ao lado, pronta para aquecer nos dias frios. O lugar todo pedia por diversão, mas festas no quintal não faziam exatamente parte dos planos de Justin nos últimos tempos. Ele nunca teria imaginado que faria a primeira logo com dois pretorianos.

As duas garrafas de Dag eram de uísque. Ele colocou uma na mesa e imediatamente começou a beber da outra, sem precisar de copo.

— Isso não é... — Justin ficou procurando a palavra certa. — ... meio que um desperdício? Com o implante e tudo mais?

— Ele está dando um tapa no implante — Val explicou. Ela abriu uma garrafa de tequila. — Se conseguir virar a garrafa em alguns minutos, vai ter uma brisa. É curta, mas, pô, a gente faz o que pode. — Pela maneira como virou a garrafa dela, ela também pareceu estar dando um "tapa" no implante dela.

Aquilo era novidade para Justin.

— Vocês têm praticamente uma intoxicação alcoólica então.

— Não. — Dag parou de beber por um momento. Já estava quase na metade da garrafa. — O implante é rápido. Só estou me adiantando.

— Entendi. — Justin ficou observando os dois beberem compulsivamente e se sentiu meio frouxo por estar bebericando seu copo. Por outro lado, ele não tinha a ilusão de tentar acompanhar. Provavelmente já estaria morto àquela altura.

Os dois terminaram e pareciam extremamente satisfeitos consigo mesmos. Dag virou para Val.

— Toca aqui.

Ela tocou, soltou um suspiro contente e se afundou na cadeira.

— Um final bacana para uma noite bacana.

— O que aconteceu hoje? — Justin perguntou. — Por que a Tessa é terrorista?

Os dois voltaram a sorrir com a pergunta.

— Ela escalou um muro nos Jardins Nacionais — Dag disse. — Vive acontecendo. Quer dizer, tem tanta câmera de vigilância lá que eles sempre são vistos antes mesmo de alcançar o muro, mas eles deviam cortar aquela porra daquela árvore.

Justin sequer ouviu a parte da árvore.

— Tessa invadiu os jardins? Por que ela faria uma coisa dessas?

— Porque os adolescentes fazem o que eles querem — Val respondeu. — Além disso, ela estava bêbada.

Justin quase derrubou o copo.

— Não. Ela não. De jeito nenhum.

Dag pareceu estar sinceramente com pena.

— Eu sei que é difícil aceitar, mas, por mais que você ache que elas são inocentes, as adolescentes sempre fazem coisas em que você nem acredita.

— Ah, eu não tenho ilusões quanto a adolescentes, pode crer. Mas ela não. Se você a conhecesse, entenderia. Cara, ela colocou a primeira calça jeans faz duas semanas e ainda fica histérica porque os carros não têm motorista.

Val soltou uma risada.

— Bom, ela teve sorte dessa vez, mas mantenha essa menina longe de encrenca. Da próxima vez que um guarda federal colocar as mãos nela, ela não vai ter dois nobres heróis para ir a seu resgate.

— Algo me diz que isso não vai se repetir. — Justin ficou brincando com o copo e usou a oportunidade para refletir sobre a história. — Como vocês sabiam quem ela era?

— Finn, er, Mae falou tudo para a gente, e não tem muitas meninas panamenhas andando em Vancouver. — Dag já estava de olho na segunda garrafa. — Então foi só rastrear você.

Justin lembrou os últimos acontecimentos.

— Mae fez um ótimo trabalho ensinando Tessa a subir em árvore.

Dag soltou uma gargalhada.

— Ela é boa em tudo. Você devia ver Mae em combate.

Val assentiu com as palavras dele.

— Quer dizer, nós todos somos bons, mas ela é *muito* boa. Mesmo antes de ter o implante, ela já era foda. Ela ouviu muita merda por ser castal quando se alistou na guarda. Acho que derrubou umas três pessoas naquele primeiro dia e ninguém nunca mais mexeu com ela. Não na nossa coorte, claro.

Justin sabia o bastante sobre pretorianos para entender o sistema de divisão em cores. O ponto colorido estava visível sob a luz tênue.

— Coorte vermelha?

— Escarlate — os dois responderam em uníssono.

— Por que vocês chamam Mae de Finn? O nome dela já cabe no clubinho monossilábico de vocês.

Eles acharam aquilo muito engraçado.

— Dag não conseguia lembrar o nome dela na época — Val respondeu. — Mas conseguia lembrar que ela era nórdica. Difícil era não lembrar. E "Finn" é um apelido mais bonito que "Sueca".

Depois de um momento de silêncio, os pretorianos partiram para a segunda garrafa. Justin ainda não conseguia parar de pensar na bizarrice da situação. Antes daquele absurdo sobre o reformatório dos sem-vergonha, até mesmo ele tinha ficado espantado quando eles apareceram à porta dele. O rosto... a postura... aquelas fardas. O coração dele quase parou. Ele tinha visto Mae em ação e sabia exatamente como os pretorianos podiam ser mortíferos.

O que tornava a situação completamente bizarra era que agora ele estava com os dois na frente dele fazendo de tudo para se embebedar enquanto soltavam piadas e se parabenizavam por terem pregado uma peça numa adolescente. O governo tomava quase quarenta por cento de sua folha de pagamento e ele se sentiu meio revoltado de que seus impostos fossem reservados logo para aquilo.

— E então vocês vigiam os jardins?

— Sim — Dag respondeu. — É tranquilo. O serviço é leve e a gente tem um monte de tempo livre.

— Eu estou livre amanhã à noite — Val comentou como quem não quer nada.

— Meio que sinto falta de trabalhar no campo — Dag ficou olhando, nostálgico, para a garrafa. — Estou mais do que pronto para a ação.

Val tocou no braço dele.

— Não vai demorar. Talvez a gente vá junto. Talvez Finn vá também. Eles não podem prender Finn nesse trabalho para sempre. — Ela levantou os olhos para Justin. — Sem ofensa.

Justin sentiu seu instinto se intensificar, aquele que dizia que algo estava prestes a acontecer.

— Por que eu ficaria ofendido? — Ele examinou as palavras dela. — E por que você disse que ela está presa?

— Você não sabe? — Val pareceu sinceramente confusa. — Você é a punição dela.

— Que cruel falar isso. Quer dizer, alguém teria que ficar com ele, não é? Eles não inventaram esse trabalho só para ensinar uma lição para Finn. — Dag ficou pensativo. — Mas não acho que ela teria ficado com esse trabalho se não tivesse feito o que fez. Ela estaria com a gente nos jardins.

O grandalhão pareceu chateado, mas havia um tom quase acusatório na voz dele. Justin não soube dizer se era voltado contra ele, contra Mae ou contra algum outro fator misterioso. Tudo o que sabia era que estava sendo deixado para trás na conversa e precisava acompanhar. A ideia de ser a punição de alguém não fazia o menor sentido.

Horatio soltou uma gargalhada, ou a versão corvo de uma. *Certo. Afinal, como sua companhia não poderia ser um prazer?*

— O que ela fez? Por que estão dando uma lição nela?

Val e Dag trocaram olhares. O comportamento extrovertido deles desapareceu.

— Acho que não devíamos contar — Dag disse, lentamente. — Quer dizer, se ela não contou, talvez não queira que ele saiba.

— Bom, não é nenhum grande segredo — Val comentou, retomando um pouco da fanfarrice. — Caramba, quase todos os pretorianos conhecem a Balada de Mae e Porfirio. — Ela riu com suas próprias palavras e logo Dag desatou a rir também.

Mas Justin não estava achando nada divertido. Ele estava muito entretido com a revelação que começava a se abrir diante dele.

— Porfirio... é ele, não é? O cara da praia?

Val se voltou para Justin.

— Ela *contou* para você, então.

— Não... não exatamente. — Como poderia explicar todos os indícios que havia reunido? A maneira como ela não olhava nos olhos dele sempre que esse assunto vinha à tona, a maneira como todo o corpo dela paralisava. — Meio que imaginei que tinha alguma coisa acontecendo.

— Ah, acredite em mim, acho que você não conseguiria imaginar nem metade dessa história. É uma daquelas que são mais estranhas do que qualquer ficção. — Ela se voltou para Dag. — Quer contar?

— Você começa — ele respondeu. — Eu vou corrigindo quando

você estiver errada.

Ela deu uma cotovelada nele com uma força que teria derrubado qualquer pessoa comum da cadeira.

— Eu conheço a história. Estava lá quando aconteceu.

— Então pare de enrolar e conte logo de uma vez — Dag intimou.

— Certo, certo. — Val respirou fundo. — Então, mais ou menos dois anos atrás, a gente estava numa festa. Como era ano de eleição, tinha muitos pretorianos na cidade; vai acontecer isso neste ano também. Tinha muitas pessoas que precisavam de proteção. Proteger políticos é parecido com proteger os jardins. Um monte de cerimônias, um monte de tempo livre e um monte de festas regadas a *ree*. Teve uma noite em que um cara, um amarelo, acho, alugou um salão inteiro. Juro para você que metade da guarda estava lá.

— Não era a festa de noivado dele? — Dag interrompeu.

— Pode ser. Não lembro.

— Viu? Sabia que você não iria lembrar.

— Eu lembro as partes importantes — ela retrucou.

— A festa — Justin disse, tentando fazer os dois retomarem o fio da meada. — *Ree*. Metade da guarda.

— Certo — Val confirmou. — Então, foi assim. Muitos pretorianos, muitos pretorianos chapados. Dag estava indo para o bar e ouviu um grupo de índigos conversando. Um deles estava se gabando por usar *canne de combat*. Conhece esse esporte?

— Acho que nunca ouvi falar — Justin disse.

— É coisa de gente louca — Val respondeu. — Imagine esgrima com bastões de pau. E um monte de acrobacia.

Justin não conseguia imaginar muito bem.

— É um esporte de verdade?

— Sim. Finn é muito boa. — Dag parecia orgulhoso, como se estivesse falando de uma criança prodígio. — Os castais são os que levam mais a sério, mas dá para achar competições entre plebeus também.

Val estava pronta para continuar com a história.

— Então, esse índigo, o Porfirio é... era um ex-castal. Ibérico. — Fora da casta de Mae, Justin percebeu. — E então ele estava lá se

gabando de como era bom e *alguém* achou que precisava chamar a atenção dele. — Ela pausou e cravou os olhos em Dag.

— Ei — ele disse, erguendo as mãos, indignado. — Você devia ter ouvido o cara. Ele era um babaca arrogante. *Sempre* foi, do começo ao fim. Alguém precisava pôr o cara no lugar dele.

Val acusou:

— Se você tivesse ficado de boca fechada, nada disso teria acontecido.

Dag ficou em silêncio, ponderando essas palavras.

— Então — ela continuou. — Dag falou para esse cara, Porfirio, que a irmã da coorte dele era muito melhor que ele. Isso deixou os índigos putos e todo mundo começou a apostar. Logo depois, Porfirio estava indo todo fanfarrão até a mesa em que eu estava com Finn, pronto para uma luta de que ela nem sabia nada.

— Babaca. Arrogante — Dag murmurou.

— Aquele cerúleo estava dando em cima dela, sabia? — Val franziu a sobrancelha, tentando lembrar. — Albright, isso. Ele é gente boa. Se você tivesse ficado quieto, ela poderia ter ido para casa com ele. Isso teria nos poupado de muita coisa.

— Pare de me culpar pelo que aconteceu! — Agora era Dag quem apontava o dedo acusador para ela. — E você sabe muito bem que ela nunca teria dado certo com aquele Albright. Ela é toda certinha em todas as coisas, menos nos relacionamentos. Então ela sempre acaba com os caras mais zoados do mundo. Arrogantes. Cheios de si. Me dá vontade de bater em todos eles.

Justin se ajeitou na cadeira, constrangido.

De algum modo, apesar de ficarem se distraindo o tempo todo, os dois conseguiram relatar a estranha história de Mae apostando sexo numa luta com bastões. Na sua mente, ele conseguiu imaginar perfeitamente Mae lutando no duelo, rápida, letal, graciosa. Ele se debruçou, tomado pelo drama da história.

— Eram preliminares puras — Val disse, perto do fim. — Dava para ver a tensão sexual.

— O que aconteceu? — Justin perguntou. — Quem venceu?

Val e Dag hesitaram.

— Não sei — ela respondeu.

— *Como assim?* Pensei que vocês estivessem lá.

— Ah, a gente estava — ela respondeu, obstinada. — Mas não acabava nunca. A gente foi ficando entediado, e então teve uma briga entre os violetas porque um deles estava roubando ou alguma coisa do tipo... então todo mundo foi para lá.

Justin estava embasbacado. Como Val e Dag podiam estar levando a história até aquele grande momento de clímax para então largar no meio? O mais incrível era que eles não se importavam nem um pouco com isso.

Não inspira muita fé nas defesas do país, né?, Horatio comentou.

Justin concordou. *Tomara que eles sejam mais competentes no campo de batalha.*

— Acho que ela venceu — Dag disse. — Porfirio cortou o cabelo no dia seguinte.

— Não — Val retorquiu. — Acho que ele venceu. Eu vi Finn depois. Sabe como ela fica depois do sexo. Ela fica um pouco menos tensa por uns cinco minutos.

— Talvez os dois tenham vencido — ele disse.

— Ou perdido — Val sugeriu.

Justin queria bater com a cabeça na mesa. Em vez disso, serviu-se de outra dose de bourbon.

— E tem mais? E a parte em que eu sou o castigo dela?

Val desistiu de analisar o resultado da luta.

— Já chego nessa parte.

Talvez amanhã, Magnus disse.

— Enfim, eles saíram juntos depois disso. E eles eram magníficos. Ela era toda linda e dourada, e ele parecia um deus moreno do Mediterrâneo.

— Ele não era tão bonito assim — Dag resmungou.

— Sim, era — ela retrucou. — Eles não costumavam trabalhar juntos. A notícia correu rápido, até para os mais altos escalões, e eles costumam separar os casais para não ter conflito de interesses. Mas sempre que tinham um tempo juntos, eles fugiam e ficavam na cama por dias. — O olhar de Val ficou mais introspectivo. — Acho que ela era feliz.

— Parece que não — Dag discordou, sombrio.

— Talvez. — Val voltou a se focar em Justin. — Uns seis meses depois, ele pediu Mae em casamento. Não sei como foi. Ele era

sempre exagerado, então tenho certeza de que foi alguma coisa incrível e dramática. Mas não importa. Ela disse não.

— Por quê? — Justin estava ficando concentrado na história de novo e mal percebeu o quanto de bourbon já havia bebido.

Val deu de ombros.

— Não sei. É problema dela. Mas ele inventou um monte de teorias. Ele perdeu as estribeiras e partiu com tudo para cima dela. Foi tudo a portas fechadas, mas ela me falou algumas coisas. Ele acusou Finn de não ser capaz de se envolver. Disse que ela era orgulhosa demais para abandonar a casta dela. Chegou até a insinuar que estava traindo ele. Acho que ele estava bem desesperado para encontrar um motivo para ela não estar loucamente apaixonada por ele. Qualquer que fosse, as coisas ficaram muito feias e, se eu estivesse lá, teria tomado as providências para que ele nunca mais comesse ninguém de novo.

Dag concordou com a cabeça e Justin percebeu que o rosto deles era o mesmo dos pretorianos que haviam batido à sua porta. Sem brincadeiras. Sem palhaçadas. Eles estavam sérios e letais, e Justin teve certeza de que, se o tal Porfirio estivesse ali agora, eles quebrariam os ossos do rapaz.

Eles amam a Mae, Magnus disse.

Justin concordou. *Sim, amam.*

Desenfreados, malucos, letais... aqueles pretorianos eram muitas coisas, mas também eram devotados a Mae com uma intensidade raramente vista no mundo. E, embora ela nunca os tivesse mencionado, Justin apostaria tudo o que ele tinha de que ela sentia o mesmo pelos dois.

Como uma devoção assim acontece?, ele perguntou. *É porque todos têm essa lealdade à nação que é transferida aos outros que também servem?*

Não precisa existir nada tão complexo por trás do amor, Magnus respondeu. *As pessoas simplesmente se preocupam umas com as outras porque... sim. Os amigos são assim. Os namorados são assim. Você devia tentar de vez em quando.*

Eu amo a Cyn e o Quentin. Vocês acham que não é de verdade?

Não, é de verdade, Magnus admitiu.

A quem eles são mais leais? Uns aos outros ou à RANU?

Os corvos não responderam.

— Porfirio não levou numa boa — Val continuou, finalmente recuperando o controle para retomar a história. — Ele ficou meio louco. Queria provar o valor dele. E queria ficar longe dela. Pediu uma missão na Europa; você sabe o caos que está lá.

— Sei — Justin disse. Ele nunca chegou a considerar a Europa para seu exílio. — O que aconteceu com ele?

— Ele morreu — Val respondeu simplesmente. O rosto dela e de Dag eram graves. — Morto em combate numa explosão. Não sei os detalhes. Nem quero saber. Quando chegou a notícia, muitas pessoas, principalmente da coorte dele, disseram que a culpa foi dela.

— E não foi — Dag disse, acalorado. — A culpa foi do próprio filho da mãe.

Val visivelmente concordava.

— Mas muitos não acharam isso, e ainda não acham. O funeral dele foi três semanas atrás, e uma índiga puxou briga com Mae.

Dag abriu um leve sorriso.

— A Finn acabou com aquela vaca. Foi incrível. Mas foi meio assustador também. Quer dizer, a gente falou, ela é boa... mas, nossa. Aquilo foi surreal.

— Mas nossos superiores não acharam nada surreal — Val interpelou, seca. — Briga de bêbado numa festa é uma coisa. Tumulto num funeral militar é outra completamente diferente. Ela passou um tempo na prisão e então sofreu uma repreensão oficial. Eles tiraram a farda dela e...

— Espere — Justin interrompeu. — O que isso significa?

— Significa que ela não pode usar a farda pretoriana até segunda ordem. Se precisar usar uma roupa militar, vai ser a cinza e castanho. — O olhar de Val estava cheio de aflição e solidariedade à amiga. — É muita coisa isso.

Uma farda não parecia muita coisa, mas todos os indícios de Val e Dag diziam o contrário. Depois de pensar um pouco, Justin conseguiu entender. Os pretorianos eram muito, muito cheios de si, confiantes por conta de sua posição e de sua força. As fardas eram um símbolo deles. Faziam parte da imagem pública que eles tinham de guerreiros mortais vestidos de preto. Os mais importantes da República. Ter a farda arrancada era como perder

uma parte de si mesmo e, com uma pontada no peito, ele de repente entendeu por que Mae havia ficado tão desaforada quando sugeriu que ela usasse a farda para encontrar Dennis.

— Ela também foi cortada do serviço ativo e cerimonial. — Val fez uma pausa dramática ao se aproximar do fim da história. — Foi designada a você.

— E é por isso que eu sou um castigo — ele concluiu. Eles concordaram, e Justin não se esforçou para esconder a maneira como se sentiu.

— Não leve para o lado pessoal — Dag disse, quase gentil. — Sua vida é meio emocionante.

— Mas podia ser muito mais — Justin disse.

Uma longa pausa se seguiu antes de Dag repetir:

— Não leva para o lado pessoal.

Justin conseguiu reabrir seu sorriso de sempre, embora fosse mais difícil do que nunca naquela noite, e fingiu que havia ouvido tudo com tranquilidade e que tinha gostado da história emocionante. Tentou pensar num assunto em que ele não fosse um castigo.

— Eu estou meio surpreso que ela tenha se envolvido publicamente com alguém que não fosse nórdico — ele disse. Um castal de fora era considerado quase como um plebeu. — Pensei que a família dela tentaria arranjar um bom casamento.

— Para ela? — O bom humor de Val retornou. — Cara, acho que ela nunca namorou um nórdico. Pelo menos não desde que eu a conheço.

— Mas ela ainda tem a cidadania nórdica. Parece que ela gosta de manter as boas relações.

— Acho que não tanto quanto ela gosta de dormir com homens morenos — Dag disse. — E, enquanto ela não estiver casada ou grávida, pode ostentar um cara de quem ela realmente goste o quanto quiser.

Algumas coisas nessa frase incomodaram Justin. Uma era que Mae havia mentido sobre sua incapacidade de ficar com alguém como ele. A outra era a tênue suposição de que ela não havia "ostentado" Justin porque ele não era um homem de quem ela realmente gostava. Ela ainda era proibida para ele, mas aquela

velha ferida no seu orgulho se manteve.

Ele terminou o copo e ofereceu outras bebidas para os dois, mas uma olhada no horário os lembrou de que eles estavam perdendo outra festa.

— Obrigada pela hospitalidade — Val disse, levantando-se. Ela tocou o rosto dele. — Preciso recompensá-lo qualquer dia.

— Val — Dag alertou.

Ela apenas riu e deu uma piscadinha para Justin enquanto saía rebolando. Dag começou a ir embora e então voltou.

— Deixe a menina esperando amanhã. Depois, fale para ela que você recebeu uma ligação das autoridades e que vão deixar passar... dessa vez. Vai impedir que volte a acontecer.

— Obrigado pela dica pedagógica.

Dag abriu um sorriso largo e foi embora com Val.

Justin continuou sentado à mesa e se serviu de outro copo. Um furor de emoções se agitava dentro dele, algo que não sentia havia muito tempo. Ele estava magoado. Magoado, triste e furioso. Ele bebeu metade do bourbon e bateu o copo com força na mesa.

Estava se sentindo um babaca.

Não parecia possível que seu relacionamento mal-ajambrado com a Mae pudesse ficar ainda mais esquisito. Aparentemente, ele estava errado. Agora, olhando para trás, ele se sentiu mal com alguns de seus comportamentos.

Você está se sentindo mal porque bebeu demais, como sempre, Horatio disse.

Estou me sentindo mal porque ela guarda essa trágica história de amor a sete chaves dentro dela. Quanto tempo leva para superar uma coisa dessas? Eu sabia que ela era triste no Panamá. Dava para ver, mas parti para cima mesmo assim. Não devia ter feito isso.

Você não sabia. E você também estava bêbado, o corvo disse.

Magnus foi mais gentil. *Você não agiu sozinho. Ela partiu para cima também, e ela estava sóbria.*

Por quê?, Justin perguntou.

Porque as mulheres te acham... você. O tom de Magnus sugeria que ele não entendia exatamente por quê. *E você também era triste. Os iguais se atraem.*

A minha vida melhorou tanto desde aquela época, Justin refletiu. *Bom,*

mais ou menos. Mas a dela piorou muito. Eu sabia que ela não estava muito animada com uma missão fora do comum, mas não sabia que eu era um castigo! E aqui estava eu, o tempo todo arrogante e presunçoso, irritando Mae pelo que aconteceu entre a gente, só porque eu fiquei ofendidinho porque ela não estava se jogando aos meus pés. Eu sou tão fútil quanto ela diz.

Quando os corvos não negaram, Justin se levantou trôpego.

— Vou ver Mae.

Essa é uma péssima ideia, Horatio disse enquanto Justin entrava.

Não seria a primeira, Justin respondeu.

Uma olhadela no espelho mostrou que ele estava apresentável. Suas roupas estavam elegantes e alinhadas. O cabelo, no lugar. Ele nem parecia bêbado.

Conseguiu sentir a incredulidade dos corvos com essa última parte.

Ele confirmou o endereço de Mae e então pegou a linha roxa do metrô. Com uma baldeação, chegou ao bairro dela, uma região antiga, mas chique, com árvores sólidas e casinhas com tijolos à vista. Mae morava numa com cerejeiras na entrada e, ainda do lado de fora, ele parou para admirar a fachada. Não era tão moderna quanto seu último apartamento, mas era o tipo de lugar onde ele deveria ter ido morar, e não na casa de sua irmã. Ele precisava reparar esse erro e se mudar para a cidade.

Ele se armou de coragem enquanto subia os degraus, tentando se manter calmo na maré de nervosismo e ansiedade que tomava conta dele. Ele ainda não sabia o que dizer, mas, se falasse com ela, poderia ajeitar a situação. Ele precisava entender aquilo tudo, entender por quê...

— Pois não?

Um estranho abriu a porta. Ele só estava usando uma calça jeans, deixando à mostra seu peitoral de halterofilista. Ele tinha o cabelo castanho-claro que parecia ter sido lavado fazia pouco tempo. Depois de alguns momentos iniciais de surpresa, Justin concluiu que devia ter errado o endereço.

— Desculpe. Foi engano.

O homem abriu um sorriso tranquilo e Justin percebeu que ele não era um estranho, afinal. Era um dos pretorianos do senado.

— Você está procurando a Kosk... er, Mae?

Justin só conseguiu fazer que sim com a cabeça, em silêncio.

— Entre aí que eu já vou chamar. — O homem abriu passagem. — Ela acabou de sair do banho.

24. Terapia

Mae não estava esperando se divertir tanto com a forma como Justin tratou o pobre namorado de Tessa. Talvez, depois de tudo o que havia acontecido em Mazatlán, ela estivesse precisando daquela diversãozinha. Claro que isso não mudou o estado de espírito geral dela. Ela ainda estava relembrando tudo o que havia acontecido, ainda tentando encontrar uma maneira de processar o inimaginável: que um homem que ela havia passado a respeitar, por mais irritante que fosse às vezes, estava sendo movido por ilusões causadas pelo próprio motivo que ele deveria estar combatendo.

Enquanto começava a subir os degraus da sua casa, lembrou-se de uma mensagem que havia recebido no ego sobre uma encomenda que havia chegado para ela. Deu meia-volta e caminhou até a casa vizinha, onde morava o proprietário da casa dela. No vestíbulo dele, ficavam as caixas de correio de todos os locatários do quarteirão, além de compartimentos maiores para encomendas. Ao se agachar, Mae encontrou o pacote indicado e passou o ego na fechadura digital. A trava se abriu com um estalo e ela encontrou um buquê de rosas brancas com caules longos e pétalas bordeadas de cor-de-rosa. Surpresa, pegou o buquê, procurou um cartão que não havia e voltou para casa.

Ela não conseguia lembrar a última vez em que lhe mandaram flores. Talvez algum ex-soldado apaixonado antes de ela se alistar nos pretorianos? Porfirio não era muito de gestos como esse. Claro, ele fazia o tipo dramático às vezes, mas normalmente eram coisas como um quarto à luz de velas, tipo de ato que costumava resultar em sexo. Por uma fração de segundo, ela cogitou que fossem de Justin, como um pedido de *desculpas por ter iludido você completamente sobre o meu envolvimento com religião*. Mas não. As flores haviam chegado enquanto eles ainda estavam em Mazatlán.

Ela as colocou num vaso e recebeu uma resposta muito mais rápido do que imaginava quando seu ego tocou. A tela mostrou um nome surpreendente, e ela transferiu a ligação para o vídeo da sala de estar. O rosto sorridente de Lucian Darling apareceu, tão bonito e aprumado como se veria numa conferência de imprensa.

— Senador — ela cumprimentou. — Pensei que o senhor tinha se esquecido de mim.

O sorriso dele se abriu ainda mais.

— Impossível. Só fiquei preso no furacão da campanha. Não que seja uma desculpa.

— Sei não. Na verdade, acho uma boa desculpa, sim, com você se preparando para liderar o país e tal.

— Isso significa que você vai pressionar o seu representante a votar em mim?

Ela riu e se acomodou no sofá.

— Claro.

— Então estou um passo mais próximo. Foram as rosas que te convenceram?

— Não, mas obrigada. — Apesar de todo o charme e tranquilidade que ele irradiava, ela ficou um pouco embaraçada com o gesto. Levou aquele flerte inicial do primeiro encontro a um grau que ela não sabia ao certo se desejava. — Não precisava.

— Claro que precisava. Eu precisava garantir seu voto. Além disso, estava pensando em te chamar para jantar mais tarde.

O inesperado não parava de se aprimorar.

— Hoje?

— Sinto muito por ser tão em cima da hora. — Algo na voz dele fez Mae pensar que ele não sentia *tanto* assim, que ele ainda estava esperando que ela fosse se agarrar na oportunidade. Ele e Justin não eram tão diferentes afinal. — Um evento acabou de ser cancelado, então estou preso em Vancouver durante a noite e achei que você poderia querer vir aqui. Não entenda como uma presunção — ele acrescentou. — É mais por conveniência. Teria o maior prazer em te levar para algum lugar, mas acho que você não gostaria de chamar muita atenção.

— Acho que não — ela concordou. Ao se lembrar do comentário de Justin sobre a derrocada política de um senador plebeu que

saísse com uma castal, Mae se tocou de que Lucian também não iria gostar nem um pouco da atenção.

— Mas, para a sua alegria, eu sei fazer carne com que a maioria das pessoas só sonha. Você vai acreditar nos deuses. — Aquele sorriso estava no máximo agora enquanto ele esperava uma resposta.

— Seria um prazer. Eu fico lisonjeada — ela respondeu, sinceramente. — Mas acabei de chegar de uma viagem longa e não acho que eu esteja disposta a sair agora. — *Ou mergulhar nas águas traiçoeiras dessa relação*. — Sinto muito. Mas obrigada.

O sorriso dele diminuiu um pouco, mas, sem se deixar abater, perguntou:

— Amanhã vou estar fora da cidade, mas depois de amanhã estou de volta. Como vai ser a sua noite de segunda?

Ela fez que não.

— Vou estar fora da cidade. Eu e Justin vamos para a capitania nórdica.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Vai levar Justin para conhecer sua família?

— Negócios — ela disse, sentindo um calafrio com a ideia de deixar Justin à solta por perto dos parentes dela.

— Bom, isso me lembra de que... eu também liguei porque tenho uma resposta... meio que uma resposta... à pergunta de Justin sobre a contratação de mais servidores.

Ela quase havia esquecido essa parte.

— E por que você não ligou para ele?

— Porque prefiro falar com você. Além do mais, ele ficaria triste porque não tenho nada muito conclusivo.

— O que você descobriu?

Ele deu de ombros.

— Só que o número de servidores aumentou porque a demanda aumentou.

— Tem certeza? — Mae tentou se lembrar do que Justin havia dito. — Acho que ele checou o número de casos da ICS. Não teve uma diferença muito significativa com relação ao ano passado.

Os olhos de Lucian cintilaram, provavelmente por ter superado Justin.

— Ele checou os casos *nacionais*. Não nos protetorados e nas províncias.

Ela foi pega de surpresa.

— Não sabia que mandávamos servidores para lá. Ainda mais nas províncias. — Os protetorados não eram uma surpresa tão grande. Eles normalmente estavam no processo de serem anexados, então fazia sentido que a RANU começasse a limpar o terreno antes.

— Agora mandamos — Lucian disse.

— Por quê?

— Não consegui uma resposta para essa pergunta ainda. Mas também descobri que alguns dos casos nacionais estão sendo investigados por vários servidores. — Ele a examinou por um momento. — Isso ajuda?

— Não sei — ela admitiu. — É o Justin que vai decidir. Vou passar a informação. Obrigada.

O sorriso largo retornou.

— Fico feliz em poder ajudar. Ainda mais por poder voltar a falar com você. Não se preocupe: vamos conseguir sair qualquer dia desses.

Havia algo de atraente naquele homem, mas, enfim, era um problema em que ela não queria se meter. Depois de mais alguns flertes, Lucian desligou e Mae se levantou, alongando os músculos. O alvoroço em Mazatlán não a havia cansado. Pelo contrário, ela ficou com ainda mais vontade de se exercitar. Mas as chances de encontrar um parceiro de *canne* àquela hora da noite eram bem baixas.

Numa fração de segundo, ela tomou uma decisão — uma decisão irônica, considerando que havia acabado de rejeitar Lucian. Mas precisava de um homem mais simples agora, um que não viajasse com repórteres a tiracolo e que pudesse ajudar com a agitação física dela da maneira mais simples possível.

— Ligue para Giles Whitetree — ela disse à tela.

Ele atendeu rápido, com uma surpresa agradável estampada no rosto.

— Koskinen.

Whitetree estava na cabeça dela desde que ela o viu no senado. Ele também era um escarlate, um dos melhores homens da coorte.

Poucas coisas o incomodavam, e ele não contava às pessoas com quem saía. Elas às vezes contavam, e o que diziam era sempre favorável.

— O que você vai fazer hoje à noite? — ela perguntou.

— Estou indo para a festa de um verde do outro lado da cidade. Estão dizendo que ele tem *ree*.

— Quer vir para cá em vez disso?

Whitetree parou e olhou, pensativo, entendendo perfeitamente a indireta.

— Você se mudou?

— Não.

— Chego em quinze minutos.

Eles desligaram e Mae se perguntou se deveria facilitar as coisas trocando de roupa e colocando um roupão. O implante encorajaria o corpo dele a aumentar as substâncias químicas de desejo, assim como fazia com as de batalha. Aquela onda de hormônios sexuais causava níveis de excitação que disparavam o coração das mulheres e lançavam os homens em frenesis cegos. Os impulsos dos homens normais costumavam ser mais fortes. Somados ao implante, eles poderiam sair do controle. A caminho de lá, Whitetree teria quinze minutos para pensar em sexo, o que era uma eternidade para os efeitos do implante continuarem crescendo ininterruptamente. Era comum os pretorianos se envolverem com não pretorianos, embora às vezes pudesse ser difícil para mulheres civis, que não estavam preparadas para tamanha brutalidade. Embora fosse raro, vez ou outra, homens pretorianos eram acusados de estupro.

— Olhe só para você, cortejada por políticos e guerreiros.

Mae imediatamente se voltou na direção da voz que vinha do corredor escuro para o quarto. As armas dela estavam no balcão da cozinha, e ela não poderia correr o risco de se expor para pegá-las de volta. Ela pegou a primeira arma que conseguiu encontrar: um pesado vaso de pedra que havia trazido de uma missão na Ásia.

Emil, o homem da Brödern, surgiu na escuridão. Ao menos, ele não estava armado, mas isso não descartava uma ameaça, ainda mais considerando que ele havia invadido a casa dela.

— Como conseguiu entrar aqui? — ela perguntou.

— Eu entro onde for preciso — ele disse, com muita calma.

Havia uma informalidade irritante nele a ponto de Mae achar que ele estava prestes a pegar alguma coisa na geladeira. — E anda meio difícil encontrar você em um só lugar ultimamente.

Ela apertou o vaso com mais força.

— Sério? E eu aqui achando que a influência do seu grupo chegava a todos os lugares.

— Vai longe, mas nem tanto. Você mandou examinar a mecha de cabelo? — Agora que ele estava sob uma luz mais forte, ela pôde ver um traço de Caim no rosto dele.

— Sim — ela respondeu, relutante.

— E?

— E ainda pode ser uma farsa. Você pode ter pegado da minha tia e daria na mesma.

— É muito esforço para uma farsa.

— É assim que as farsas funcionam, ainda mais se realmente quiserem me fazer juntar forças com vocês. Quer me convencer? Me dê um endereço. Ou a sua influência não chega a tanto? — Enquanto falava, a mente de Mae estava rapidamente imaginando a melhor maneira de subjugá-lo. Se ela tivesse o ego ao alcance, *poderia* fazer uma ligação escondida para as autoridades. No entanto, não deveria ser tão difícil para ela derrubar alguém como ele, desde que ele não tivesse nenhuma arma escondida em algum lugar. Mesmo grupos de crime organizado tinham dificuldades em conseguir armas na RANU, mas eles tinham mais chances do que os civis comuns.

— É difícil para qualquer pessoa chegar à Arcádia — ele disse. — Perdemos o rastro dela pouco depois que a foto foi tirada, mas podemos te ajudar a recuperá-la; se você nos ajudar e assumir seu lugar de direito.

Mae não ouviu nada depois da palavra-chave. *Arcádia*.

— Você está mentindo. Eles não mandariam a menina para lá.

— Não? — Emil perguntou, olhando diretamente nos olhos dela.

Sim, ela pensou, taciturna, *eles bem que poderiam ter feito isso.*

— O que vocês querem de mim?

— O que sempre quisemos: que você assuma seu lugar de direito no grupo em que nasceu e faça seu papel agora que precisamos de você.

— Que papel? — Ela não queria negociar com aquelas pessoas, mas subitamente se tornou impossível abandonar a imagem daquela menina nos limites ermos do vizinho despótico da RANU.

— Fazendo o que faz de melhor. Precisamos que mate uma pessoa.

— Ah, só isso?

Ele franziu a sobrancelha, momentaneamente absorto em pensamentos.

— Você fez companhia a uma serva de outra deusa nesse fim de semana, uma de que nossa mestra não gosta. Você precisa eliminar aquela mulher.

— Eu não "preciso" fazer nada — Mae retrucou, tentando esconder a surpresa com a referência à Callista. Como eles poderiam saber sobre ela? — E não sou uma caçadora de recompensas.

Ele disparou um olhar sarcástico.

— Sério? Então por que você recebe um pagamento do governo? Não seja estúpida. Essa é a sua última chance de abraçar seu destino... senão, vai enfrentar as consequências.

O corpo dela ficou tenso.

— Vai me ameaçar agora se eu não matar? Por que vocês ligam para uma fanática nas terras de fronteira?

— Porque ela e a deusa dela representam um risco.

— Um risco à Br... — Mae se deteve subitamente, conforme uma terrível sensação surgia dentro dela. Parecia que com Justin não seria a última vez em que ela cometeria um erro maluco de identidade. — Você não trabalha com a Brödern.

Emil foi pego de surpresa.

— A máfia sueca? Aqueles lacaios? — Aos poucos, de maneira quase cômica, ele também foi percebendo. — Você não sabe, né? Não faz ideia de quem eu sou.

— Eu sei que você é um homem que invadiu minha casa e me tentou com promessas de devolver minha sobrinha para que eu cometesse um homicídio. Parece muita coisa.

O olhar dele parecia maravilhado.

— Inacreditável. Eles quebraram as regras e nunca ensinaram os caminhos dela para você. Pensei que fosse só mais uma desgarrada,

mas você nem chegou a pisar no caminho. É uma pena — ele murmurou. — Você é perigosa demais para mudar agora.

— Você não sabe o quanto.

Ela atirou o vaso, atingindo a cabeça de Emil. Ele cambaleou e, então, com uma velocidade surpreendente, desapareceu nas sombras. Ela correu até o corredor a passos rápidos e não viu sinal dele. Era impossível. Ele não podia ser mais rápido que ela. Sem parar, foi para o quarto e acendeu a luz. Ele também não estava lá. Praguejando, deu meia-volta em direção ao banheiro, pensando que ele havia entrado ali. Também estava vazio. O coração dela estava disparado, ela correu de volta para a sala. Emil deveria ter entrado furtivamente no banheiro enquanto ela estava no quarto e então escapado dela. Era a única explicação... mas era improvável. Toda aquela caçada durou alguns segundos. Ela não ouviu o som de portas ou janelas, e nenhuma delas estava aberta. O ferrolho para o depósito no segundo piso também estava no mesmo lugar.

Ela vasculhou o apartamento mais uma vez, olhando em todos os lugares possíveis: armários, embaixo da cama... Nem sinal. Ele havia sumido, desaparecido sem deixar vestígios. Como tinha feito aquilo? Ela caminhou de um lado para o outro, mais por agitação do que por qualquer outra coisa. O que iria fazer agora? Chamar a polícia por invasão de domicílio fazia sentido, mas o que ela diria a eles?

— Miserável. — Ela voltou a se sentar no sofá, tentando se acalmar e descobrir o que fazer. No entanto, não havia nada a fazer. *Essa é sua última chance de abraçar seu destino.* Palavras sombrias. Ela queria desesperadamente contar aquilo para alguém, mas quem?

E, mais importante, quem era Emil? Com o seu rosto loiro e informações sobre a sobrinha dela, havia sido fácil supor que ele era um dos mafiosos a quem havia implorado por ajuda tanto tempo atrás. Obviamente, esse não era o caso. O mais estranho era que ele pareceu acreditar que ela deveria saber quem ele era, o que aumentava ainda mais a confusão. Ela queria ter a memória de Justin para analisar todos os mínimos detalhes da conversa. Sem dúvida havia alguma pista nas palavras de Emil. Tudo em que ela podia se basear era o misterioso uso que ele fazia de pronomes

femininos e sua referência a uma “mestra”.

O som da campainha a fez ter um sobressalto. Ela havia quase se esquecido de Whitetree. De repente, sexo era a última coisa em que ela conseguia pensar, mas ele partiu para cima dela antes que ela fechasse a porta. Havia um olhar bestial nos olhos dele enquanto a puxava para si e apertava a boca dela num beijo. O beijo foi inesperado e foi o que a convenceu a tirar Emil da cabeça. O encontro com ele havia ampliado suas respostas físicas, e ela subitamente desejou uma válvula de escape. Os pretorianos não costumavam perder tempo com beijos. No entanto, numa extraordinária demonstração de autocontrole, ele conseguiu levá-la até o quarto escuro em vez de jogá-la no sofá, contra a parede, no chão...

Depois disso, porém, aquele ímpeto primitivo tomou conta dele, e eles tiraram as roupas em questão de segundos. Havia muita testosterona fervilhando dentro dele, e qualquer pensamento racional foi engolido pela necessidade desenfreada de seu corpo de transar. Ela mal havia conseguido deitar na cama quando ele se jogou em cima dela e, subitamente, a penetrou. Nada de preâmbulos, nada de preliminares. Mae não tentou resistir enquanto ele lançava aquela fúria animalesca contra ela. Era violento e brutal, mas o próprio desejo dela havia se elevado a ponto de receber bem aquilo.

Também era rápido. O sexo pretoriano quase sempre seguia o mesmo padrão. A explosão inicial de desejo foi irracional e intensa, e o corpo dele precisou de um descanso assim que pôde. Ele desabou sobre ela, com a respiração ofegante e a pele empapada de suor. Essa necessidade pura e básica era uma mudança bem-vinda em relação a todos os acontecimentos desordenados dos últimos dias. Nada de esotérico ali. Apenas a natureza.

Com aquela luxúria cega saciada, o desejo de Whitetree, embora ainda forte, foi diminuindo. Ele se virou para o lado, relaxando a respiração. Não demoraria muito para que se recuperasse se quisessem voltar a transar e, embora também fosse rápida e vigorosa, a segunda vez normalmente conseguia durar um pouquinho mais e *às vezes* até incluía preliminares.

Por enquanto, porém, Mae estava satisfeita. Rápido ou não, o seu

corpo havia encontrado alívio, e o êxtase físico driblou as tribulações da mente dela por um tempo. Com suas necessidades temporariamente saciadas, o implante perdeu a força, sem precisar aumentar a produção hormonal. Suas mãos tremiam enquanto as substâncias químicas eram metabolizadas.

— Que sorte a minha — Whitetree disse, finalmente.

— Eu ando meio estressada.

Ele riu e ajeitou o cabelo dela.

— Bom, se precisar de terapia de novo, vou estar na cidade. Fico mais um mês aqui.

— Que sorte a sua — ela disse, surpreendida pela amargura na própria voz.

— Ei, logo mais você vai estar na ativa de novo — ele tentou confortá-la.

Mae colocou as mãos na nuca e suspirou.

— Não devia ter ido ao funeral.

Ele se virou de lado para olhar nos olhos dela.

— Ela estava pedindo, Koskinen. Foi ela quem provocou. Você tem umas cem testemunhas a seu favor.

— As pessoas sempre falam isso, mas não importa. Eu devia ter feito a coisa certa e ido embora. — Pensar em Kavi era destruir parte do prazer pós-orgasmo. Tanto esforço para relaxar... — O único lado bom é que não causei nada pior do que uma rápida estadia no hospital e fisioterapia.

— Não tão rápida — ele disse. — Ela ainda está no hospital.

Mae se sentou abruptamente.

— Como assim? Já faz três semanas! Não demora tanto tempo para consertar um osso quebrado. Ela já deveria estar em casa se recuperando sozinha.

— Eu não sou médico. Foi o que eu ouvi, só. Addison esteve lá dia desses depois de entrar numa briga. Defendendo sua honra, aliás.

Mae mal deu ouvidos a ele. Ela ainda estava se recuperando da novidade. Por que Kavi ainda estava no hospital da base? Era fato que ela tinha ficado bem machucada depois da briga, mas não tinha por que ainda precisar de tratamento intensivo... tinha?

— Deixa para lá. Já passou e não está mais nas suas mãos. —

Com carinho, ele a fez se deitar. — Mais uma?

Mae concordou, ao menos para ter uma desculpa para não pensar mais em Kavi. Quando terminaram, Whitetree se ofereceu para ficar mais um pouco, mas ela disse que não precisava. Ele perguntou se poderia tomar uma ducha e ela mostrou onde ficavam o banheiro e as toalhas. Esforçando-se para esquecer Kavi, Mae tentou ficar deitada na cama sentindo a satisfação de seu corpo. Não funcionou, pois sua mente acabou voltando ao Panamá e à maneira agonizante como o sexo havia se prolongado lá. Os homens plebeus podiam não conseguir acompanhar a frequência dos pretorianos, porém, mais que compensavam com sua capacidade de fazer o sexo durar mais e aumentar a expectativa com longos toques demorados...

Mae sentiu um ódio súbito pelos seus pensamentos traiçoeiros, ainda mais depois da confusão recente com Justin. Ela quase considerou pedir uma terceira vez a Whitetree, ao menos para apagar as memórias, mas ela não estava mais a fim. Quando terminou o banho, ele a chamou para ir à festa dos verdes com ele, mas ela recusou. Num gesto particularmente gentil, disse que esperaria enquanto ela tomasse banho. Teria sido perfeitamente normal ir embora no mundo do sexo pretoriano.

Ela estava secando o cabelo quando ouviu chamarem seu nome depois de uma batidinha na porta do banheiro. Ela desligou o secador.

— Que foi?

— Aquele cara está aqui. Aquele que estava com você no Senado.

Mae teve certeza de que havia entendido mal. Ela vestiu o roupão e saiu. Na sala, descobriu que Justin realmente estava lá, e estava realmente bêbado, aliás. Ele ofereceu uma garrafa de *ree* para ela.

— Vim trazendo presentes. Mas acho que, da próxima vez, devo ligar antes. — Mae não conseguiu falar nada, tamanha sua incredulidade. Ela não estava pronta para aquilo. Ainda precisava processar as revelações em Mazatlán. E Emil.

Whitetree vestiu a camisa e deu um beijo no rosto dela.

— Minha deixa para sair. Me ligue se mudar de ideia.

Enquanto ele saía, Mae pensou que uma garrafa de *ree* poderia

não ser uma má ideia, afinal.

— Pegue um pouco de água — ela falou para Justin. — Já volto.

Independentemente do que estivesse prestes a acontecer, ela não faria nada seminua. Vestiu uma camiseta e uma calça de flanela de pijama. Seu cabelo molhado não estava especialmente elegante, mas, ao voltar e olhar para Justin, duvidou que ele fosse lembrar no dia seguinte.

Ele havia ignorado a ordem da água e se esparramou no sofá, com o braço em cima da cabeça. Ela se sentou na poltrona em frente a ele e ficou esperando.

— Então essa foi a vez dele? — Justin perguntou. — Nada de segundos encontros com plebeus, certo?

— Por que você está aqui? — ela perguntou. Lembrou que havia prometido ter paciência com ele, considerando o estado mental dele, mas era um tanto difícil diante das circunstâncias. — Não deve ser só para me interrogar sobre minha vida pessoal.

— Não — ele concordou. — Esse foi só um bônus. Você não vai acreditar no que aconteceu hoje. — Considerando que um senador a havia chamado para sair e um homem havia mandado que ela cometesse um assassinato, Mae estava certa de que conseguia acreditar em várias coisas que pudessem ter acontecido. — Sabia que Tessa é uma terrorista? Ela invadiu o Senado. Er, os jardins.

Certo. Por essa ela não esperava.

— Quanto você já bebeu?

— Estou falando sério — ele disse, examinando o rosto dela. — Ela e uns amigos pularam o muro dos jardins. Para eles já foi péssimo, imagina para uma cidadã panamenha?

Ela percebeu que Justin realmente estava falando sério.

— Ela... ela está presa?

— Não. Ela teve a surpreendente e improvável sorte de ser pega e levada para casa por dois pretorianos. Dois pretorianos que são seus fãs, aliás.

Mae cerrou os olhos por um momento.

— Você não pode estar falando sério. Não a Val e o Dag.

— Eles secaram metade do meu armário de bebidas, sabia? — Ele fez uma pausa. — Certo, é um exagero. Ainda tem muito de onde aquilo veio.

Por algum motivo, ela ficou incomodada com o fato de Justin ter conhecido os seus amigos. Não havia nada de proibido nisso, mas era algo que ela nunca dividiria com ele.

— É por isso que você está aqui? Quer que eu te reembolse pelo que eles beberam?

Os lábios dele se entreabriram num sorriso.

— Não. Valeu a pena conhecer os nobres defensores do país. — Ele desviou o olhar por um momento e, quando se voltou para ela, todos os traços de humor haviam desaparecido. Ele cravou seus olhos castanhos. — Por que você não me contou? Por que não me falou nada sobre Porfirio e aquele funeral?

Mae estacou, sem conseguir responder por alguns segundos.

— Como você sabe disso? — ela perguntou com a voz muito baixa. Era uma pergunta idiota. Val e Dag haviam contado tudo porque não tinha como controlar aqueles dois.

— Você devia ter me contado. — Havia um raro desespero na voz dele. — Você devia ter me contado que só estava comigo como punição. E que estava de luto pelo seu romance fracassado. Porra, Mae. Se eu soubesse, eu nunca teria... sei lá. Eu teria feito as coisas de um jeito muito diferente.

O mundo girou por um momento e então, abruptamente, voltou ao lugar. Algo explodiu dentro do peito de Mae, e ela se levantou de um salto.

— Não! — ela exclamou. — Você não pode saber disso. Isso é *meu*. Você tirou tudo o que eu tinha. Essa era a única coisa que me restava. A parte de mim que você não tinha descoberto com as suas malditas habilidades de detetive "genial". Você não pode saber tudo sobre mim. Não tem esse direito!

Ela ficou surpresa ao notar que estava cerrando os punhos. Até mesmo o implante havia acelerado um pouco com a sua agitação. Não era o teor que a havia incomodado tanto. Muitas pessoas sabiam da história de Porfirio e do funeral. Mas, ao tomar posse dessa última peça da vida dela, era como se Justin desvendasse tudo o que ela era. Ela estava escancarada e exposta. Não havia como fugir e, de repente, ela o odiava por isso.

Talvez, a única coisa satisfatória ali era a completa e absoluta surpresa dele. Ela não sabia o que ele estava esperando, mas

obviamente não era aquela revolta. Finalmente algo que ele não conseguia desvendar.

— Mae... — Ele titubeou. Outra raridade: ele não ter nenhuma resposta espertinha.

— Você se acha tão inteligente, né? — ela continuou. — Acha que isso é um joguinho, que você tem o direito de sair abrindo as pessoas. Mas você não tem! Não pode fazer isso com todo mundo.

O rosto dele estava perfeitamente calmo enquanto processava as palavras dela.

— Eu falei para você que não consigo evitar — ele disse, enfim. — Não consigo evitar ver as coisas que vejo.

Mae cruzou os braços e andou com gravidade até a cozinha. Abriu a garrafa de *ree* que ele havia deixado lá e, sem qualquer formalidade, deu um longo gole antes de voltar a falar.

— Você não precisa se gabar.

Ela não queria olhar para ele. Não queria que ele visse nada dentro dela. Ver o exterior do corpo dela não era nada comparado com o interior. Mesmo agora, ele devia estar analisando seu acesso de fúria, e ela já se sentia nua e exposta. Se ficasse de costas para ele, talvez pudesse esconder o buraco que sentia ter sido aberto. O silêncio que se prolongou entre os dois foi agonizante. Quando ele voltou a falar, sua voz era muito, muito, baixa.

— Desculpa.

Por algum motivo, ela sabia que era raro ele pedir desculpas. Se é que pedia. Isso não significava que todas as coisas no mundo estavam acertadas, mas ela achou que deveria dar valor ao pedido dele. Devagar, contra seu bom senso, ela deu meia-volta e sentiu a primeira brisa do *ree* tomar conta dela, causando um leve formigamento nos membros.

— Isso não muda as coisas — ela disse.

— Não — ele concordou. — Não posso retirar o que disse. Ou o que sei. Me desculpa.

Mais uma vez. Ela engoliu em seco e se forçou a expressar aquela calma indiferença no rosto.

— Não tem nada a fazer. Mas obrigada pelo pedido de desculpas.

— Mas você não aceitou.

Ela atirou as mãos ao ar.

— O que você quer que eu faça?

— Não sei. — Ele voltou a se afundar no sofá. — Eu falei a verdade no Panamá. É difícil te interpretar. E eu não sei como lidar com isso. Você é a mesma nove nórdica com essa beleza devastadora que às vezes parece tão triste e morre de medo de perder o controle. Eu quero entender isso. Quer dizer, agora eu acho que entendo, mas mesmo assim... Sei que você acha que eu não respeito as mulheres, mas realmente não teria me aproveitado de você naquele dia. E, quando eu disse aquela babaquice sobre não ter segundos encontros, eu na verdade quis dizer que... bom. — Ele meneou a cabeça. — Esquece.

— Você não se aproveitou de mim. — Mae deu outro longo gole de *ree*. — E eu não estou de luto. Quer dizer, não queria que ele morresse. Fico triste com isso, mesmo. Mas parece que todo mundo esquece que eu terminei com ele. Eu disse não.

— Por quê? Pelo que Dag e Val falaram vocês eram... — Justin se deteve abruptamente e pareceu embaraçado. — Desculpa. Horatio acabou de me fazer o favor de lembrar que estou pressionando você de novo. Não é da minha conta.

Horatio. O corvo que morava dentro da cabeça de Justin. Ela tinha quase se esquecido disso no meio desse novo drama.

— O que mais eles falaram? — ela perguntou. Com os efeitos do *ree*, conversar sobre corvos imaginários não parecia tão estranho.

— Eles me falaram que você já se esqueceu do cara que estava aqui.

Mae pensou que era verdade. Era uma conclusão que o próprio Justin poderia ter tirado subconscientemente. Ela soltou um suspiro.

— Sabe por que eu gosto tanto de controlar as coisas? — ela perguntou. — É porque as pessoas tentam me controlar desde que eu nasci. Só o meu pai que não, e ele faleceu faz um tempo. — Mae não soube ao certo de onde veio o que ela disse em seguida. — Eu sei o que você quer saber — ela falou, querendo acreditar que essa admissão era movida pelo *ree*, mas parte dela também precisava desabafar o que havia dentro dela. Ele havia mostrado discrição com tudo o que sabia sobre ela e, além disso, ela meio que tinha uma vantagem com relação a ele. — Você quer saber como uma

nove nórdica foi parar no exército.

Os olhos dele diziam que sim, que ele queria muito saber.

— Não é da minha conta.

— Agora é. Senta que lá vem história.

25. Como Mae encontrou seu propósito

Mae não se via como uma contadora de histórias, mas, ao se acomodar na cadeira e começar a falar, acabou esquecendo onde estava ou mesmo que Justin estava lá. O passado se apoderou dela e as memórias que mantinha trancafiadas a sete chaves irromperam com tudo.

Depois da morte do pai, quando tinha dezesseis anos, ela acatou com submissão as mudanças em sua criação regidas pela mãe. Em parte, essa submissão se devia à tristeza. O resto era uma incapacidade de brigar com ela. Mae havia desistido do *canne*, assim como de seu sonho de estudar algo relacionado a esportes nos terciários. Eram poucas as matérias que uma menina poderia estudar, e Mae escolheu música, o menor dos males. Segurou-se à ideia de que poderia encontrar um trabalho e conseguir um pouco de independência, mas era inocência sua achar que Astrid Koskinen permitiria que a filha levasse esse tipo de vida.

Sua mãe havia planejado uma festa de debutante para ela dois dias depois que se graduasse no terciário. Mae não havia se enganado quanto a isso. Ela entendia o motivo, sua mãe queria exibi-la com a esperança de conseguir um marido o mais rápido possível. Afinal, era isso que as meninas de sua classe faziam. Vários rapazes já haviam tentado antes e, apesar das opiniões da mãe sobre alguns, Mae havia conseguido rejeitar todos. Esse, pelo menos, tinha sido o pequeno controle que teve e, por mais que odiasse as formalidades do baile, ela sabia que eles não poderiam obrigá-la a se casar.

Não houve, porém, como escapar do rosa-claro do vestido. Era a tradição de todas as debutantes. A confiança de Mae cresceu quando pôde escolher o modelo: cetim fosco com mangas curtas, decote na altura do ombro e uma saia longa e justa. Ela se lembrava perfeitamente do vestido, assim como de tudo o mais

que havia acontecido naquela noite.

A mãe de Mae estava decidida a tornar o debute *o* evento social do ano. Havia comprado móveis e objetos de decoração novos, e até chegou a contratar mais empregados para ajudar na festa. Também tinha convidado todos os nórdicos influentes em que conseguiu pensar, além de alguns plebeus importantes que estavam de visita na capitania, como o general Gan.

Mae havia representado seu papel com perfeição. Estar com uma boa expressão, apesar de como se sentia por dentro, fazia parte de sua criação: dançar, flertar, agradecer aos parabéns de todos os convidados. Ela se sentia como um cavalo de halter ou um manequim em exposição, lindamente arrumada e feita para ser admirada. Era irritante, mas tudo fazia parte de um grande ato. E sempre, sempre havia homens ao redor dela. Era como se todos os pretendentes que haviam pululado desde a mais tenra idade dela se reunissem de repente. Eles perguntavam pouco sobre ela e, na maioria das vezes, passavam o tempo falando sobre tudo o que poderiam lhe oferecer em bens materiais.

Quando Gan conversou com ela, ela se sentiu um pouco intimidada por conhecer um líder militar plebeu, mas sua noção de etiqueta não permitiria demonstrar isso. Ele havia dado as congratulações de sempre e, depois, disse algo completamente inesperado, dando origem a uma conversa que ficaria para sempre gravada em sua memória.

— Vi alguns dos vídeos de suas disputas de *canne de combat* — ele disse. — Você era extraordinária. Me surpreende não ter competido profissionalmente.

Apesar de suas opiniões sobre o tema, Mae não confidenciaria seus sofrimentos a um estranho.

— É uma brincadeira infantil. Precisei crescer e me dedicar a coisas mais importantes.

— Não acho que haja nada particularmente infantil em seguir seus talentos naturais. Acredito que você seja uma bela atleta e se dê muito bem em outras atividades.

— Quando tenho tempo. — Ele foi a única pessoa que falou com ela sobre esses assuntos e, por mais que sentisse saudades de entrar numa discussão sobre esportes, ela sabia que não poderia fazer isso.

— O que vai fazer com seu tempo agora? — ele perguntou, com um pequeno sorriso. — Se casar?

— Talvez — ela respondeu automaticamente. — Meu terciário foi em música. Talvez eu possa fazer alguma coisa com ele.

Ele assentiu com a cabeça.

— Foi o que eu ouvi dizer. Tenho certeza de que muitas meninas daqui têm a mesma linda vocação. Não era o que eu esperava de uma jovem com tanto talento esportivo. — O tom da voz dele não deixava dúvidas sobre o que ele pensava dessa "linda vocação" e Mae subitamente se sentiu humilhada, embora continuasse sorrindo.

— Não posso mais competir profissionalmente. Mesmo se eu quisesse. — E ela queria. — Passou do tempo de seguir esse caminho.

— Você mencionou que estava passando para coisas mais importantes. — Havia uma intensidade no olhar dele que Mae veria durante todos os outros anos de sua relação. — Talvez tenha passado do tempo para o *canne*, mas você está no momento certo para as forças armadas.

Por um momento, ela achou que ele estava de brincadeira, mas o rosto dele mostrou que não.

— Forças armadas? Eu... não sei. Nunca pensei nessa possibilidade. Não é uma coisa que alguém como eu possa fazer. — E, por "alguém como eu", ela estava se referindo a uma patrícia. Mesmo um patrício hesitaria em se alistar, ao menos se pudesse viver à custa do dinheiro da família bebendo coquetéis na varanda.

— É exatamente o que alguém como a senhorita pode fazer — ele disse com gravidade. — Você foi feita para a grandeza. Está escrito na sua testa, e não existe nada mais grandioso do que servir este país. Você já saiu da RANU, srta. Koskinen? Não, claro que não. Mal deve ter saído da capitania. Mas vou dizer o que está perdendo: selvageria. Se pudesse ver o resto do mundo, entenderia o que tem aqui e iria querer trocar essa sua vida pela glória. Nós somos o último bastião de luz neste planeta. A senhorita pode ir longe, alcançar um posto e uma responsabilidade que valem muito mais do que qualquer coisa que poderia conseguir como mulher de um latifundiário.

Ela perdeu o fôlego com essas palavras. Ou talvez tenha sido com o brilho no rosto dele. Fossem ou não fossem nobres as suas motivações, ele acreditava com todo o coração no que estava dizendo.

— Me desculpe, senhor — ela disse, baixinho. — O exército gira em torno de seguir ordens. No que ele é diferente disto?

Gan sorriu.

— Porque você *escolhe* seguir essas ordens. E porque elas têm um propósito. A senhorita quer um propósito?

A pergunta disparou um calafrio em sua espinha, mas ela tentou assumir a máscara de indiferença.

— Claro — ela respondeu, com educação. — Mas agradeço seu conselho. O senhor me deu muito em que pensar.

A expressão dele mostrou que ela não estava enganando ninguém.

— Vou ficar aqui mais uma hora no máximo, caso queira conversar mais, depois, vou ter que voltar para o Gustav. O voo é amanhã cedo, senão eu ficaria mais.

— Eu entendo.

Alguém do outro lado a chamou, e ela murmurou uma despedida educada. Seu coração estava acelerado, mas ela não sabia exatamente por quê. Talvez fosse a glória que ele descreveu. Talvez a simples ideia de não fazer o que tinha sido criada para fazer. Ou, talvez, apenas o raro fato de alguém falar com ela com franqueza. Mas não se deu ao trabalho de procurá-lo.

A noite se arrastou entediante. Mais sorrisos, mais elogios, mais danças e mais champanhe. Ela sentiu o começo de uma dor de cabeça e saiu da festa furtivamente para procurar um anestésico na cozinha. Antes que chegasse, porém, alguém a segurou pelo braço. Ela levou um susto.

— Mae, vem aqui.

Kris Eriksson estava no batente do escritório do pai dela, com um sorriso conspiratório no rosto.

— O que você está fazendo aqui? — Ela estava mais surpresa com a intrusão de alguém no santuário do escritório de seu pai do que com o fato de Kris chamar sua atenção. A família Eriksson era amiga dos Koskinen havia muito tempo e Kris era um de seus

admiradores mais persistentes. Ela gostava muito dele, mas nunca pensou no rapaz como algo mais do que um simples amigo.

Depois de olhar ao redor para garantir que ninguém a veria conversando às escondidas com um rapaz, ela entrou com ele no escritório e fechou a porta atrás de si.

— Que foi?

Os olhos azuis dele brilhavam de alegria.

— Está tudo decidido — ele disse. — Não achei que aconteceria tão rápido. Pensei que teríamos de esperar semanas depois de hoje. Talvez até meses. Sabia que você receberia várias outras ofertas e não pensei que sua mãe fosse aceitar a nossa logo.

Mae pensou que estivesse tentando entender uma conversa em outra língua.

— O que está decidido?

— Você e eu. — Kris se aproximou e segurou as mãos dela. — Nós vamos nos casar. Nossas famílias resolveram os detalhes. Sua mãe vai se tornar sócia da empresa do papai e nós vamos poder casar em menos de um ano. — Ele abriu um sorriso malandro que mal conseguia chegar à bochecha. Os Eriksson eram fortemente afetados pelo Caim, e Kris havia passado por inúmeros tratamentos de pele. — Preferia que fosse antes, mas acho que vamos levar tempo para fazer o casamento perfeito.

Ela sentiu um frio no estômago.

— Ninguém me perguntou. Não pode estar decidido. E eu não... — Ela hesitou, sem conseguir dizer que nunca escolheria Kris. Não que importasse a pessoa que eles "decidissem".

Kris não pareceu se deixar intimidar.

— Posso pedir agora.

E então, para seu horror total e absoluto, ele se ajoelhou *no escritório de seu pai* e tirou uma caixa de alianças do bolso do terno. Abriu com ostentação, permitindo que ela vislumbrasse uma barafunda reluzente.

— Maj Erja — ele disse, sorrindo como se estivessem tramando uma brincadeira juntos —, você me daria a honra de ser minha esposa?

Mae ficou parada e boquiaberta por vários segundos agonizantes. Por fim, falou sem pensar:

— Não. Não posso. Isso está errado. Tem alguma coisa errada.

Sem esperar por uma resposta, ela praticamente arrombou a porta e saiu correndo pelo corredor que levava para a cozinha. Lá, sua mãe estava concentrada numa briga com Claudia, a irmã de Mae, enquanto seu irmão, Cyrus, estava encostado à parede, parecendo se divertir enquanto observava.

— Mãe — Mae exclamou. — O que é...

Sua mãe levantou a mão para pedir silêncio.

— Fica quieta. Estou no meio de uma coisa importante aqui.

— Mais importante do que você me vender?

A expressão furiosa reservada a Claudia deu lugar a uma expressão perplexa e, então, compreensiva.

— Ah, é disso que você está falando.

Mae arregalou os olhos.

— Sim, é disso! Como a senhora pôde deixar de me falar uma coisa dessas? Não estamos num livro da Regência onde você me troca por um dote.

— Como você é dramática. — Sua mãe a repreendeu. — Você sabe que esse tipo de transação acontece o tempo todo.

Era verdade. Ainda que antiquados para os padrões plebeus, contratos matrimoniais envolvendo trocas de bens não eram raros nas castas, especialmente nas classes mais altas.

— Sim, mas normalmente as partes são consultadas!

— Por quê? Você queria outra pessoa?

— Eu não queria ninguém! — Mae respondeu. — Não por enquanto.

— Maj. — Sua mãe lhe dirigiu um olhar que queria ser doce, mas que Mae entendeu como condescendente. — Você não achou mesmo que passaria seus dias sem fazer nada de útil, achou? Olhe só para você. Você é a última e melhor esperança para nossa família dar a volta por cima. Precisa nos redimir, nos salvar da desgraça em que as pessoas podem achar que nos afundamos.

Ela cravou os olhos em Claudia e foi então que Mae olhou de verdade para a irmã. “Uma coisa importante” pode ter sido um eufemismo. Claudia estava pálida e parecia ter chorado recentemente. Mae olhou de uma para a outra, preocupada.

— O quê... o que está acontecendo? — ela perguntou.

— Está acontecendo — sua mãe disse — que a sua irmã é uma vadia.

O rosto branco de Claudia ficou vermelho.

— Não é verdade! A culpa não é minha!

— Sério? Quem estava vadiando por aí então?

— Não teria acontecido se a senhora tivesse me deixado ficar com o implante! — Claudia gritou.

A expressão da mãe era capaz de congelar o lugar.

— Mulheres de boa família não precisam de implantes contraceptivos quando atingem a maioridade. É um insulto manter os implantes... isso me lembra de uma coisa, Maj. Você também pode remover o seu. Vai querer tirar mesmo depois que se casar.

— Sério? — Claudia perguntou, fixando o olhar em Mae. — Mesmo agora você a coloca no centro de tudo?

Mae ainda não estava entendendo nada.

— Você... você está grávida?

— Parabéns — Cyrus disse, com uma risadinha. — Você vai ser tia. Ela foi mais rápida que a Philippa e eu.

— Mas é uma boa notícia — Mae disse, devagar. — Quer dizer, as pessoas vão falar porque você e o Marius ainda não são casados, mas mesmo assim... um bebê tão cedo... — Claudia havia ficado noiva um pouco mais velha porque não teve tantos pretendentes depois de seu debute, mas uma gravidez no início do casamento era um sonho realizado para a maioria dos nórdicos.

— Não é do Marius — sua mãe disse, séria. — Nem mesmo é nórdico.

— Ah. — Mae não precisava ouvir mais para entender a gravidade da situação. Um plebeu havia engravidado Claudia. Era a coisa mais escandalosa que poderia acontecer com uma jovem patrícia. Todas tinham o valor da castidade infundida dentro delas desde a infância, sendo que os plebeus eram especialmente vistos como desprezíveis. Por que alguém arriscaria macular seus genes? — O que você vai fazer?

— Bom, não podemos abortar. É impossível encontrar um médico seguro para fazer o aborto sem chamar atenção. Se formos a um médico qualificado, vai ficar um registro. Mesmo se for confidencial, não podemos correr o risco de deixar correr o boato.

— A mãe suspirou e abanou a cabeça. — Não, só temos uma opção. Vamos ter que inventar um motivo para ela viajar e adiar o casamento. Existem lugares especializados nisso. Não precisa de muita habilidade para se ter um bebê... ou para fazer um, pelo jeito. Depois disso, vamos mandar a criança para fora do país.

Mae não pensava que alguma coisa poderia deixá-la tão horrorizada quanto a declaração de Kris.

— Simples assim?

— É fácil — Cyrus disse. — Quer dizer, não tão fácil quanto Claudia, mas dá para fazer. Acontece mais do que você imagina e eu conheço algumas pessoas que podem ajudar. — Mae fingiu não ouvir. Ela tinha ouvido boatos de que o irmão estava se envolvendo com a Brödern, mas não era um assunto de que ela queria tratar agora.

— Como vocês podem simplesmente mandar uma pessoa embora? — Mae se voltou para Claudia. — Como você pode mandar seu próprio filho embora?

Até mesmo o irreverente Cyrus pareceu surpreso.

— O que você espera que ela faça? Ela perderia a cidadania nórdica.

— O bebê é plebeu. — Sua mãe praticamente cuspiu a palavra. — Gerações de genes puros misturados com quem sabe qual ascendência. Que tipo de criança seria essa? Nenhuma que podemos manter por aqui, claro. Tenho certeza de que ela terá um bom lar onde quer que vá parar. Agora pare de parecer tão horrorizada. Ainda bem que isso não aconteceu com você. Volte para a sua festa. E você, já para o quarto. Não quero que arruíne o dia da Maj. — Essa parte foi para Claudia, que foi embora depois de encarar todos na cozinha.

— Espere — Mae disse à mãe. — Precisamos conversar sobre os Eriksson.

— Agora não é hora, nem lugar.

— Lugar e hora perfeitos.

— Maj. — De novo o tom condescendente. — Você tem duzentos convidados para entreter. Volta para lá e vamos discutir isso amanhã de manhã. Evite o Kris se isso te deixa contente, mas, depois de pensar sobre o assunto, tenho certeza de que vai ver que

ele é o par perfeito. Já falei: você é nossa última e melhor esperança. Sei que não vai nos desapontar.

Recusando-se a ouvir mais, sua mãe saiu da cozinha. Cyrus foi atrás, dando um tapinha nas costas de Mae.

— Parabéns, irmãzinha.

Mae se lembrava pouco do que aconteceu na festa depois disso. Voltou a representar seu papel, mas mal sabia o que estava dizendo na maior parte do tempo. Seus pensamentos alternavam entre seu noivado forçado e a gravidez de Claudia. Depois de um tempo, Mae começou a sentir sua própria identidade se misturar com a do bebê: os dois eram jogados de um lado para o outro, sem o menor cuidado, por pessoas mergulhadas numa cultura antiquada e vazia. Ela havia passado pela infância quase sem questionar, mesmo quando sua mãe lhe negava o futuro que queria. Agora era como se Mae conseguisse dar um passo para trás e ver toda a futilidade e o vazio da tradição que a havia agrilhoado durante toda a sua vida. Ela não conseguia ver o motivo.

Não havia um propósito.

Mae saiu do salão sem dizer uma palavra e voltou para a cozinha, onde os empregados haviam voltado depois que o drama familiar chegara ao fim. Nenhum deles prestou muita atenção nela enquanto atravessava a cozinha em direção à entrada de serviço que levava para o lado de fora. Tudo era silencioso e escuro ali. Os convidados que saíam para passear pelo extenso pátio caminhavam do outro lado. Nem passou pela cabeça dela fazer as malas ou trocar de roupa. Ela ainda tinha um restinho de dignidade, além de uma bolsa de mão com o ego. Era tudo o que precisava.

Ela saiu noite afora, sob o ar denso e úmido do verão e em meio ao burburinho dos insetos. Encontrou a estradinha sinuosa de terra que saía da mansão e a seguiu até encontrar a estrada principal que levava à Nova Estocolmo. Depois de duas horas de caminhada, tirou os sapatos de salto alto e continuou o percurso descalça. Depois de três horas, começou uma enorme tempestade que resultou num aguaceiro torrencial. Seis horas de caminhada mais tarde, ela alcançou os limites da cidade.

Todos sabiam onde ficava Gustav. Era um dos maiores prédios do lado oeste e o único hotel em que era permitida a estadia de

plebeus na capitania. Por alguma reviravolta misteriosa do destino, Mae chegou ao hotel exatamente quando o general Gan estava saindo em direção a um carro que o aguardava. Quando a viu, ele se deteve. Mae teve a impressão de que ele havia visto muitas coisas na vida, mas uma menina desgrenhada, com os pés sangrando, e um vestido de debutante encharcado não devia ser algo que havia visto antes.

— Olá, general — ela disse. — Acho que eu quero um propósito, sim.

Quando terminou a história, ela pensou que Justin, que estava esparramado no sofá, havia caído no sono. Depois que ela ficou em silêncio, ele abriu os olhos.

— Se faz você se sentir melhor, ganhou a honra questionável de me surpreender por completo. Nunca teria imaginado nada disso. A minha teoria principal era de que você tinha fugido depois de se apaixonar por um soldado.

Ela sorriu com essa ideia e com a agradável surpresa de como se sentia bem por tirar aquele peso das costas. Nunca havia contado aquilo a ninguém.

— Acho que me apaixonei pelo país.

— Falou como uma verdadeira soldada. — Ele conteve um bocejo. — Foi por isso que rejeitou Porfirio: muitas cicatrizes com a ideia de se casar.

Mae supôs que ele havia acertado quase na mosca, embora devesse estar acostumada àquela altura.

— Isso e o fato de que ele foi muito autoritário. Acho que pensou que me perguntar era uma formalidade. Não imaginou que eu pudesse dizer não. — De maneira incrivelmente parecida com Kriss, ela se deu conta. — E acho que ser a mulher dele... não sei. Ele não tinha muitas das opiniões sexistas que os patrícios têm, mas ainda tinha uma autoconfiança grande demais. Achava que eu sempre diria sim a ele. Foi mais ou menos assim com o pedido de casamento; não imaginou que eu pudesse recusar. — Ela engoliu em seco ao se lembrar do último encontro com ele.

— Você ficou com medo de que ele tentasse te controlar —

Justin concluiu. — Como os outros.

— É o que as pessoas fazem: elas estão sempre tentando dominar umas as outras. O fato de que tudo degringolou quando Claudia ficou grávida só piorou tudo. Mais daquele velho controle sobre a vida dos outros.

— O que aconteceu com o bebê? — Justin perguntou.

— Não sei. Mandaram embora. — Ele estava cansado demais para perceber a mentira na voz dela ou ela estava ficando muito boa nisso. Ela havia contado muita coisa, mas as misteriosas pistas de Emil e suas buscas obsessivas ao longo dos anos pela filha de Claudia iriam ficar trancadas em seu coração. — Eu já tinha ido embora fazia tempo.

Os olhos de Justin voltaram a se fechar, e ela se levantou. Os efeitos do *ree* já haviam passado fazia tempo, e era raro deixarem ressaca.

— Dorme um pouco. Podemos fazer psicanálise sobre minha vida problemática depois.

— Todo mundo é problemático. Não existe esse negócio de ser normal. — Quando ela voltou com o cobertor, os olhos dele estavam fechados de novo, mas ele perguntou: — É chato não dormir? Você se importa?

— Não, na verdade é útil.

— Porque você pode lutar a qualquer hora?

— Bom, sim... mas eu sempre dormi mal, toda a vida. — A revelação que fez em seguida não costumava fazer. — Eu tinha muitos pesadelos. Agora não tenho mais.

— Nada de pesadelos. Nada de sonhos — ele murmurou. Sua respiração foi ficando regular e ela percebeu que ele havia adormecido. Ela o examinou por longos momentos, admirando não apenas os traços de seu rosto, mas também esse raro momento de paz, quando o alvoroço da mente dele não o perturbava mais.

Ela passou a noite no quarto, dividindo o tempo entre pensar sobre os últimos acontecimentos, ler e assistir a documentários. Às vezes, levantava os olhos para a janela enquanto considerava o que poderia ter acontecido com Emil. Quem era ele? E o que ela devia fazer?

Quando raiou o dia, havia tomado uma decisão. Tomou banho,

se vestiu e estava fazendo o café da manhã quando Justin finalmente acordou. Ele pareceu surpreso por ela estar cozinhando.

— Por que você achou que eu não sabia cozinhar? — ela perguntou, sentindo-se um tanto ofendida. Eram ovos mexidos, mas mesmo assim...

— Imaginei que você cresceu em meio a cozinheiros e agora só comia em restaurante. — Ele pestanejou com a luz. — Tem alguma aspirina?

— Não. Eu não uso.

— Cafeína, então.

Ele recusou a comida e se contentou com uma caneca gigante de café. Ela estava quase certa de que ele havia tomado um Exerzol sem que ela notasse, pois, em menos de uma hora, ele estava animado e com o olhar vivo.

— Como você vai passar o domingo? — ele perguntou.

— Vou ver Kavi.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Será uma boa ideia? Quer dizer, eu não estava lá, mas, pelo que ouvi dizer, ela pode não gostar muito de uma visita sua.

— Eu sei — Mae disse, taciturna. — Mas Whitetree disse que ela ainda está no hospital. Não consigo acreditar que fiz uma coisa dessas. Preciso entender o que aconteceu. — A conversa na cama a havia tocado profundamente. Talvez fosse só aquele pensamento sobre a vida e a morte, mas Mae precisava ver com os seus próprios olhos o que tinha feito contra Kavi, mesmo se aquilo resultasse em hostilidade e discussão.

— Entendi. Você que sabe. — Justin bebeu o último gole do café e colocou a caneca vazia ao lado do vaso de rosas. — Bonitas flores. Foi seu amigo de ontem que trouxe?

— Não... foi Lucian quem mandou. — Ela se preparou para algum comentário sarcástico, mas ele ficou em silêncio. — Não vai falar nada?

— Você pode fazer o que quiser. — Mesmo assim, hesitou. — Ele vai ter um segundo encontro?

— Ele não teve nem o primeiro.

Justin pareceu satisfeito. Saiu pouco depois e Mae seguiu até a base, onde não ia desde o funeral. A recepcionista da ala hospitalar

apontou onde ficava o quarto de Kavi, localizado num corredor de segurança máxima protegido por militares comuns, o que fez aumentar o nervosismo de Mae, mas ela se lembrou de que uma pretoriana não era uma paciente comum. Era óbvio que ela ficaria numa seção especial. O quarto era o último do corredor, o que aumentava ainda mais sua importância. A porta estava aberta e o monitor do lado de fora exibia: KAVI, DRUSILLA — PRT. Mae se preparou e entrou no quarto. Não havia mais volta.

Kavi estava sentada num leito comum, com a perna quebrada envolvida num gesso suspenso. Uma bandeja de comida mostrava que ela havia acabado de tomar café, e estava olhando para uma tela que mostrava uma matéria logo sobre Lucian Darling. Ela se virou quando Mae deu alguns passos à frente e, então, a coisa mais extraordinária aconteceu.

Kavi sorriu.

Mae não conseguia se lembrar da última vez que tinha visto isso acontecer. Kavi era sempre nervosa e, mesmo quando Mae e Porfirio namoravam, Kavi nunca pareceu muito interessada na namorada do irmão de coorte. Mas não havia como se enganar. Kavi estava sorrindo, e não havia nada de falso ou forçado nesse sorriso.

— Mae — ela disse, com o rosto enchendo-se de prazer. — Que surpresa simpática.

Ser chamada pelo primeiro nome a deixou quase tão espantada quanto o sorriso.

— Kavi... er, Drusilla. É bom te ver também. Você parece bem.

Kavi riu baixinho e passou a mão no cabelo.

— Obrigada por ser tão simpática. Eu preciso de um corte de cabelo. Ou pelo menos de um secador decente.

Mae tentou retribuir o sorriso, mas a natureza completamente inesperada desse encontro a deixou abalada.

— Como você está se sentindo?

— Bem. Todo mundo aqui é simpático. Queria poder ir para casa, mas eles dizem que eu preciso de mais tempo. Os médicos sabem o que fazem.

— Acho que sim — Mae ainda não conseguia entender o motivo da estadia prolongada. O que ela havia feito? Como uma perna

quebrada poderia ser tão debilitante? — Você está sentindo muita dor?

— Nenhuma. — Ela apontou com a cabeça para uma mesa ao lado da porta. — Olha só esses lírios que Newton me trouxe. Os índigos sempre vêm com flores. Não são simpáticos?

O tom aéreo da voz de Kavi, seu olhar distraído e o quarto uso da palavra "simpático" finalmente elucidaram Mae. Kavi devia estar drogada. Nenhum sedativo, claro. Era só para deixá-la... simpática. Por que precisava disso para um ferimento na perna? Talvez Kavi tivesse irritado tanto os médicos que eles haviam decidido facilitar a vida deles ao tratar dela.

— São bonitos — Mae disse. — Deveria ter trazido flores também. — Ela poderia ter usado as rosas de Lucian.

— Tudo bem. Sei como você deve andar ocupada.

Mae respirou fundo e passou para o motivo de sua visita.

— Ouça... Drusilla... eu vim para pedir desculpas pelo que fiz no funeral. Foi errado e eu sinto muito.

O sorriso de Kavi não diminuiu em nenhum momento.

— Você não precisa pedir desculpas. Nós todos estávamos um pouco abalados.

Mae não tinha certeza se "abalados" era o termo adequado. Kavi havia chamado Mae de vadia castal de merda e ela a havia espancado até sangrar.

— Mesmo assim, eu não deveria ter feito aquilo — disse, desenxabida.

— Todos sentimos falta dele. — Finalmente, Kavi perdeu um pouco de sua névoa risonha enquanto olhava para o nada. — Eu conversava com ele. Com Porfirio. Bom, achava que conversava. Os médicos disseram que era parte da doença. Me deram mais remédios e agora não o vejo mais. — Ela se voltou para Mae. — Você vê o Porfirio?

— Eu... não, claro que não. Ele morreu. Os mortos não voltam.

— Acho que não. — Kavi voltou a sorrir. — Se ele voltasse, sei que te perdoaria. Ele te amava muito.

Mae mordeu a língua. Porfirio seria capaz de perdoá-la? Ela guardava as memórias de seus últimos momentos escondidas bem no fundo de sua mente, mas as palavras de Kavi subitamente as

trouxeram de volta. Até aquele último dia, ele vinha se contentando em desabafar seus sentimentos em ligações e mensagens. Pelo menos, ele havia melhorado de nível chamando-a de "vadia nórdica" em vez de "puta castal" e, quanto mais infernizava sua vida, mais Mae encontrava um meio para suportar. Ela simplesmente se fechou cada vez mais em si mesma, recusando-se a sentir qualquer coisa. Depois de um tempo, ele deve ter chegado à conclusão de que uma visita cara a cara poderia causar algum impacto real.

Ela o havia deixado entrar, na esperança de que esse gesto permitisse uma conversa civilizada, mas deveria saber que não. As acusações dele sempre mudavam e, naquele dia, havia decidido que ela tinha rejeitado o pedido dele porque o estava traindo.

— Com quem você está trepando? — ele berrou. — Com quem você está trepando?

Ele não daria ouvidos a nenhum protesto dela, e o silêncio só o deixou ainda mais furioso. Aliás, a reação dele havia sido parecida com a de Kavi no funeral. Ele voltou a chamá-la de vadia nórdica sem coração, incapaz de ter qualquer sentimento verdadeiro.

Porfirio, por outro lado, tinha emoções de sobra enquanto continuava a brigar.

— Do que você precisa? *Do que você precisa para sentir alguma coisa?*

E foi então que o velho refrão chegou ao fim. Os reflexos e os instintos de Mae falharam porque ela nunca sonharia que Porfirio, mesmo no auge de seu sofrimento e de sua fúria, a atacaria. Ele a jogou no chão, prendendo os punhos dela e a mantendo embaixo com seu peso. Os gritos cessaram e o sussurro acabou sendo ainda mais ameaçador.

— Você *vai* sentir alguma coisa — ele murmurou. — Você ainda é minha e eu vou te fazer sentir.

Mae sentiu. Medo. Ela nunca havia considerado ser estuprada na vida até aquele momento. Seu status a havia protegido na capitania nórdica e algumas brigas depois de se alistar no exército haviam feito com que homens e mulheres pisassem em ovos perto dela. Ela vivera confiante em suas habilidades e em sua força. Mas ali, no chão, Porfirio era mais forte. Num combate de *canne*, talvez, a

velocidade dela teria compensado. Seu implante aumentava a força dela, mas o implante dele fazia o mesmo. No fim das contas, a vantagem natural da força dele prevaleceu.

Os pretorianos brincavam de rasgar as roupas uns dos outros, mas Mae nunca havia passado por aquilo de verdade. Passou pela cabeça dela que aquele fato também não teria nenhuma repercussão. A natureza veloz e furiosa do sexo pretoriano pairava num limite perigoso que era difícil diferenciar do estupro. Seria inteiramente possível que ela fosse acusada de usar o sexo de reconciliação como algum tipo de vingança. Enquanto ele se esforçava para tirar as calças ainda dominando-a, ela não viu nada daquele desejo amplificado que normalmente caracterizava os homens pretorianos. Claro, havia desejo, mas não vinha nem de afeto, nem de uma atração entre amigos. Havia raiva e uma necessidade de possuir e castigar.

Ela tinha usado todas as armas que tinha para impedir o que ele queria fazer: chutes, arranhões, gritos. Não tinha como evitar. *Não tinha*. Mesmo agora ela acreditava nisso. Mas, de algum modo, havia conseguido reunir uma explosão de força que o jogou longe o bastante para que ela se aproximasse da mesa de centro. Ele agarrou a perna dela, mas não antes de ela pegar sua pistola.

Mesmo escumando de substâncias químicas, Porfirio não chegaria a ponto de enfrentar uma arma. Ele recuou enquanto ela se levantava e gritava para que ele fosse embora. Ele tentou balbuciar alguma coisa que mais pareceu uma justificativa do que um pedido de desculpas enquanto se atrapalhava para vestir as calças. Mae não ouviu nada do que ele disse e avançou contra ele com tamanha autoconfiança que ele acabou indo embora. Ela nunca o veria novamente.

Ela nunca tinha contado o que aconteceu, embora Val e Dag tivessem notado os machucados em seus punhos. Eles não devem ter acreditado na história que ela lhes contou, mas não tinham como argumentar contra. Se tivessem provas do que ele havia tentado fazer, Porfirio não teria vivido o bastante para morrer na explosão.

Ali, no quarto de Kavi, mantendo aquele sorriso forçado, Mae teve uma revelação surpreendente. Ela nunca havia se focado

muito no que estava pensando durante a agressão, principalmente porque não havia espaço para o pensamento coerente. Ela era toda instinto e reação e seu único objetivo era escapar. Mas agora, percebeu que havia algo maior do que o simples medo e a necessidade de revidar.

Com total clareza, ela agora se lembrou de outra série de sentimentos que havia enterrado com todo o resto. Revolta. Indignação. Até mesmo uma sensação de sacrilégio. Quem ele pensava que era para obrigá-la a se submeter? Ela não era um objeto nas mãos de nenhum homem. Seu corpo era um presente que ela concedia àqueles que mereciam seu desejo. Ele não poderia ser tomado à força.

Talvez esses sentimentos não fossem tão misteriosos. Não querer ser possuída era sem dúvida uma reação válida. Mas havia algo maior na reação superior dela, uma noção de que ela era gloriosa e sagrada, o que tornava a tentativa de estupro ainda mais escandalizadora. Na época, ela não havia reconhecido isso como algo além de suas emoções descontroladas. Ela sempre havia imaginado que aquela explosão de força havia surgido pela resposta de seu implante ao medo ser maior do que a do implante dele à raiva.

Mas não. Ela agora percebeu que havia se libertado dele por causa daquela escuridão alheia que vivia se apoderando dela. Aquela mesma presença poderosa que alimentava seus pensamentos de sacralidade e profanação. E, ao se lembrar do pavor no rosto dele enquanto recuava, ela não soube dizer se ele estava com medo da arma ou do poder sagrado que a rodeava. Será que ele viu o que Justin dizia estar com ela em momentos de ação e violência? Uma deidade tentando tomar conta dela? Era absurdo.

Para Kavi, Mae disse apenas:

— Eu preciso ir.

Kavi fez que sim com a cabeça, ainda com o mesmo sorriso aéreo.

— Claro. Tomara que você volte. Queria que ficássemos amigas. Tenho certeza de que Porfirio iria gostar.

— Sim — Mae murmurou. — Tenho certeza de que ele gostaria.

26. Todos são tão loiros

O Exerzol e a cafeína haviam permitido que Justin parecesse bem diante de Mae, mas, quando ele chegou em casa, seu crânio parecia estar prestes a explodir para fora da cabeça. Pelo menos, não havia ninguém em casa. Ele não estava disposto a ouvir os sermões de Cynthia, nem nenhum outro tipo de barulho. Torcendo para que todos demorassem muito para chegar, ele cambaleou até seu quarto e pegou um frasco de anestésicos poderosos. A princípio, tirou o máximo de pílulas que podia tomar sem induzir um coma. Alguns segundos depois reconsiderou e só tomou o número de pílulas realmente necessário para anestesiar o legado da ressaca. A lembrança de Windsor ainda pesava sobre ele.

Que bela moderação, Horatio comentou. *Claro, com a tolerância que desenvolveu, elas não devem surtir nenhum efeito.*

Psiu!, Justin retrucou. *Vozes dentro da minha cabeça doem tanto quanto as de fora.*

As roupas dele eram uma causa perdida, então, ele simplesmente tirou e se deixou cair na cama, mas, quando o ego o acordou com uma ligação, ele percebeu que estava dormindo por duas horas inteiras. O nome de Cornelia surgiu na tela e ele quase considerou ignorar a ligação até que uma esperança lhe disse que ela poderia estar ligando porque haviam encontrado o assassino e o caso estava fechado. Ele atendeu só com voz.

— Você percebeu — ela disse friamente — que falta uma semana para a próxima lua cheia?

— Estou ciente disso.

— Então por que não tenho nada do seu trabalho além de recibos exorbitantes? As suas contas de comida são ridículas. Não tem como você e a pretoriana Koskinen comerem tanto; imagino que a ICS esteja pagando pelos seus longos coquetéis.

— Os pretorianos precisam de muita comida — ele argumentou.

— Bom, mas eu não preciso de um servidor extra, então você deve pensar um pouco mais seriamente em fazer valer o que recebe. — Mae lhe havia contado as descobertas de Lucian sobre a contratação de servidores e Justin quase considerou comentar que, pelo visto, Cornelia precisava, sim, de muitos servidores extras. — Você só está aqui porque caiu nas graças do dr. Kyle e, se sua incompetência deixar passar mais um assassinato, é melhor torcer para que seus amigos do Panamá o aceitem de volta. Agora, me diga que tem alguma coisa.

Justin hesitou. Embora tivesse reunido uma quantidade significativa de informações, ele odiava a ideia de revelá-las porque boa parte não fazia o menor sentido. Ele ainda não havia encontrado o padrão e era difícil admitir que não sabia algo.

No entanto, como ela citou o Panamá, talvez fosse melhor revelar seus esforços bem-intencionados. Por isso, ele contou o máximo que pôde, desde todas as teorias sobre um geneticista perseguindo suas criações até sobre como os vários plebeus mortos poderiam fazer parte de um sacrifício maior. Tomou cuidado para não mencionar Callista, mas aludiu a "contatos" que poderiam ajudá-lo a rastrear grupos criminosos, ao menos para poder fazer uma identificação positiva.

Cornelia pareceu mais impressionada do que queria demonstrar; mesmo assim, não pôde negar o óbvio:

— E você não faz ideia de como isso tudo se relaciona.

— Não — ele concordou.

— E o técnico, seu amigo, ainda não encontrou nenhuma alteração no vídeo.

— Não.

Ela soltou um suspiro dramático.

— Então você só tem mais uma semana e não tem nenhum resultado.

— Vamos visitar a última capitania amanhã. A nórdica. A solução para tudo pode estar lá, ainda mais se os contatos de Mae puderem nos levar mais a fundo. — Essa última parte era uma mentira deslavada, mas ele esperava parecer convincente.

— Tomara — Cornelia disse. — Mantenha contato. — Ela desligou.

Desolado, Justin ficou olhando para o ego e levantou-se com esforço para voltar a parecer um ser humano. Os outros haviam chegado de sabe-se lá que passeio, e ele acabou passando o restante do dia em casa com eles. Por isso, ganhou vários pontos com Cynthia, mas nem tantos com Tessa, quando lhe contou que ela havia sido vítima de uma brincadeira pretoriana. Aparentemente, ela havia passado o dia morrendo de medo que as autoridades viessem buscá-la a qualquer momento e, em vez de aliviá-la, essa nova informação a deixou furiosa.

Apesar disso, o dia passou sem nada de extraordinário, e ele gostou da calmaria em meio às últimas tempestades de sua vida. Quando acordou na manhã seguinte, porém, outro telefonema deixou claro que o universo havia posto fim aos intervalos. Assim que acabou a ligação, ele seguiu para a cozinha, onde a rotina habitual do café da manhã estava se desenrolando. Mae havia acabado de chegar e aceitar a oferta de comida de Cynthia. Ela lhe dirigiu um cumprimento simpático e definitivamente não agiu como se achasse que ele era um fanático religioso maluco.

— Tire o uniforme — ele disse a Tessa. — Você não vai para a escola hoje.

Ela levantou os olhos do prato com ovos mexidos.

— Por que não?

— Porque parece que jovens terroristas no início de carreira são suspensas por crimes contra o país.

Ela ficou boquiaberta, mas demorou para responder algo.

— Você disse que era uma brincadeira! Que eu não teria problemas!

— E você não vai ter — ele disse. — Mas sua diretora não acha certo ter uma menina que foi escoltada por pretorianos de volta à escola agora. Dá um mau exemplo, viola o código de conduta... um troço assim. Você está suspensa por uma semana.

Quando acreditou que não seria deportada, Tessa aceitou a punição. Foi Cynthia quem ficou indignada.

— Como assim? Isso é um absurdo! Eles não podem suspender a menina por atividades pessoais. Eles são uma instituição pública, obrigada a fornecer educação.

— Bom, tecnicamente, ela fez um ataque ao público. Brincadeira

— ele acrescentou rápido ao ver o rosto de Cynthia se enfurecer.

— Você deveria mandar Tessa para uma escola particular. Tenho certeza de que tem dinheiro suficiente para eles ignorarem a origem dela.

— Eu tentei. — Tessa nunca reclamava, mas ele sabia que ainda havia um pouco de atrito na adaptação dela na escola. Ela teria se dado melhor em outros lugares, mas os lugares em que ele queria colocar Tessa tinham grandes restrições de matrícula. Se ele tivesse previsto o problema, teria tratado dele em seu acordo inicial de trabalho. — Olhe, se você quer ir brigar para que ela volte antes, fique à vontade. Eu iria, mas preciso checar os nórdicos hoje.

Cynthia voltou o olhar furioso para ele.

— Vou tentar. Meu dia não tem como ficar pior mesmo. O mínimo que pode fazer é levar Tessa com você.

Justin, Mae e Tessa se viraram para ela, surpresos.

— Eu vou trabalhar, Cyn — ele disse. — Não estou de férias para simplesmente levar Tessa comigo.

— O que você vai fazer? Renovar licenças? É tudo formalidade e burocracia — Cynthia disse, aparentemente sem a mínima consideração pelo trabalho dele. — Tenho certeza de que vai ter um tempinho livre.

— Eu fico bem aqui — Tessa disse.

Cynthia estava obstinada.

— Bem colada na tela da sala? Não. Não foi para isso que Justin te trouxe para cá. Você precisa viver. Vai conhecer como a outra metade vive. Pense nas imagens para sua aula.

Tessa se animou com essa ideia e Justin considerou. O caso mais importante da ICS realmente não era da conta de Tessa, mas Cynthia estava certa sobre como ela passaria o dia sozinha. Com os olhos, pediu ajuda a Mae.

— A região do centro é segura — ela disse, depois de pensar por um momento. — Ela vai ficar bem passeando sozinha enquanto a gente trabalha.

Para Justin, isso foi o bastante, principalmente porque eles estavam em cima da hora para sair. Ele conseguiu comprar uma passagem para Tessa no caminho para o aeroporto e decidiram que ela poderia dividir o quarto de hotel com Mae para evitar mais

uma despesa para Cornelia.

Para a surpresa de Justin, Tessa lidou com a viagem muito melhor do que com o seu primeiro voo. Claro, ela ainda se agarrou apavorada no assento, mas não parecia estar prestes a desmaiar. Ela se entreteve com o leitor e conversou um pouco. No total, se comportou muito bem, mesmo quando Justin teve que deixá-la sozinha. Eles confirmaram a reserva num hotel em um extremo do centro da Nova Estocolmo e, depois, viajaram até uma delegacia de polícia do lado oposto. Tessa foi com eles até a estação e então se preparou para ir embora.

Mae apontou para um bonde que descia e subia a rua.

— Todo esse trecho e as ruas paralelas são de lojas e coisas turísticas. Tem coisa de sobra para se ver e fazer. Você consegue encontrar o caminho de volta para o hotel.

Tessa assentiu com os olhos arregalados.

— Todos são tão... loiros.

— São mesmo — Justin disse, olhando para o mar de cabelos dourados. Fazia com que todos se parecessem muito e ele percebeu que isso, na verdade, poderia agravar seu medo de multidões. Mas, assim como tudo na viagem, Tessa juntou coragem e deu um aceno resoluto com a cabeça. — Ouça — ele disse. — Posso dar uma olhada em seu ego? — Ele fez alguns ajustes no ego dele e, então, escaneou o dela antes de devolver. — Pronto. Dinheiro para o passeio. Não gasta tudo num lugar só.

Ela abriu um sorriso largo e o surpreendeu com um abraço, prometendo ligar se tivesse algum problema. Ele ficou olhando enquanto ela desaparecia no meio da multidão, torcendo para que uma área que respeitava os turistas não fosse muito dura com uma menina provinciana.

Seu contato na polícia nórdica era uma mulher chamada Dahlia Johansson, uma detetive veterana que claramente não gostava do envolvimento federal, mas gostava menos ainda de um caso aberto. Ela os escoltou até sua sala, onde se recostou à parede e cruzou os braços.

— Clara Arnarsson. — Johansson apontou para a tela em sua mesa, que exibia uma foto do rosto de uma jovem com cabelo louro-avermelhado. — Vinte e sete anos, assassinada com uma

adaga de prata.

Justin estava acompanhando o perfil da vítima pelo ego dele.

— E ela era um oito, claro. Parece que foi a única que não foi morta em casa, mas... suponho que não houve nenhuma testemunha e foi num cômodo praticamente inacessível, correto?

— Correto. Ela foi morta no escritório dela. — Johansson olhou de soslaio para Mae. — Conhece o Sturluson Building? Ela estava no décimo andar, num corredor de segurança máxima acessível só para pessoas com chaves de cartão certas.

— Tinha uma janela no escritório? — Justin perguntou.

— Não acho que dê para entrar por ela — Mae disse, estreitando os olhos enquanto pensava. — Aquele prédio não deve ser fácil de escalar, e fica numa esquina muito visível. Foi em horário comercial?

— Sim — Johansson respondeu —, o que torna o caso ainda mais inacreditável.

— Vamos lá dar uma olhada então — Justin disse. Ele não estava se sentindo exatamente derrotado ainda, mas suspeitava que veria o mesmo padrão: nenhuma pista na cena do crime, nenhum envolvimento religioso óbvio e as informações de segurança enviadas a Leo não revelariam nenhuma alteração clara.

Sua impressão não estava longe da verdade. O escritório era tão difícil de entrar como Johansson havia sugerido. Ao menos a polícia havia documentado uma grande quantidade de informações no local, o que significava que Leo teria evidências sólidas para vasculhar depois. Num gesto surpreendentemente prestativo, a equipe de Johansson tirou a maior parte dos funcionários daquele andar do prédio para que Justin e Mae pudessem revistar com mais tranquilidade. Johansson até os poupou da viagem ao trazer o marido da vítima para interrogatório. Justin fez as perguntas de sempre e não pôde deixar de sentir pena do sr. Arnarsson. Ele estava visivelmente abalado com a aparência de alguém que ainda não conseguia aceitar a realidade. E, exatamente como todos os outros que Justin havia entrevistado, sr. Arnarsson negou resoluto qualquer envolvimento da esposa com religião.

Quando terminou, Justin procurou Johansson para encerrar a empreitada, mas a encontrou entretida numa discussão acalorada

com alguns de seus agentes.

— Venha — Mae disse enquanto aguardavam a uma distância respeitosa. — Vamos dar uma volta. Vi uma máquina de bebidas ao lado dos elevadores. Pode ter um refrigerante que eu adorava.

A área dos elevadores tinha sido mantida sem proteção, e alguns funcionários curiosos estavam perto das faixas de polícia, sussurrando e especulando enquanto aguardavam a saída das autoridades. Havia um balcão ao longo da parede com várias máquinas de bebida, e Mae comprou uma bebida de fruta gaseificada que jurou que ele iria adorar.

— Falta vodca — ele disse.

Enquanto esperavam, uma nórdica ansiosa de quarenta e poucos anos se aproximou. Ela abriu um sorriso hesitante e olhou ao redor para ver se alguém estava olhando. Satisfeita, se aproximou mais e perguntou:

— Vocês estão com a ICS, certo? Ouvi dizer que acham que tem alguma seita envolvida nisso.

Como era de esperar, Mae pareceu irritada com o vazamento de informações.

— Sinto muito, mas não podemos discutir sobre a investigação.

— Claro, claro. — A mulher lançou um olhar ao redor, primeiro para os colegas, depois para a polícia, e então voltou para Justin e Mae. — Vocês já investigaram... o homem? — Apesar do nervosismo, a mulher parecia gostar do drama do momento e os sentidos de Justin entraram em alerta. Fofocas profissionais poderiam solucionar um caso como aquele.

— O homem? — Justin perguntou, abrindo um de seus melhores sorrisos. Tendo ou não uma queda por plebeus, ela pareceu gostar da atenção e ruborizou de prazer.

— O amante da Clara. Ela tentou ser discreta, mas eu vi os dois nuns restaurantes algumas vezes. Eles sempre pareciam ter conversas intensas. Não sei se posso culpá-la. O homem era maravilhoso, um pouco diferente do Siegfried, se é que você me entende.

Sim, Justin entendia perfeitamente. A vítima era linda, como se poderia esperar de uma oito, mas o marido dela exibia fortes danos causados pelo Caim. Era o mesmo padrão que ele havia observado

nos demais homicídios.

A mulher tinha vencido o nervosismo e estava adorando sua audiência cativa.

— Se você quer minha opinião, não devia estar procurando por seitas, mas, sim, olhando o marido e o namorado dela. Um dos dois podia não estar gostando mais da, hum, situação.

— É uma boa ideia — Justin disse, o que a agradou ainda mais. — E que astúcia a sua para notar tudo isso na época! Você está no ramo errado de trabalho. Deveria ser uma policial com esses instintos. Conhece o nome dele ou alguma outra informação que possa ser útil?

O sorriso dela diminuiu um pouco.

— Não... mas posso dizer como ele era. E também os restaurantes em que eles estavam.

Mae chamou um policial e pediu que ele pegasse uma descrição detalhada do suposto amante e dos passeios do casal. Enquanto isso, Justin foi falar com Johansson.

— O marido dela ainda está aqui? — ele indagou. — Queremos perguntar se ele sabe se ela teve algum caso extraconjugal.

Enquanto Johansson o buscava, Justin ficou se perguntando se essa nova pista realmente poderia ser útil. Claro, ele ainda se agarraria a qualquer informação que pudesse descobrir. Por ouro lado, algo tão mundano como um ato passional não encaixava na teoria impecável do geneticista vingativo, nem mesmo na teoria da seita homicida. Mesmo assim, interrogou o sr. Arnarsson e foi recebido com ainda mais incredulidade do que quando fez perguntas sobre o envolvimento religioso.

— Ele parece sincero — Justin disse a Mae depois. — Mas, se realmente cometeu o assassinato, teve um tempo para se preparar. Também fica a dúvida de como ele ou o outro rapaz teriam entrado nessa sala inacessível. Quem sabe? Talvez o amante seja um contorcionista ou algo assim. Pode ser um atrativo além dos bons genes.

Mae franziu a testa e pareceu estar prestes a falar alguma coisa quando Johansson voltou e disse que havia uma ligação para ela na estação de comando improvisada. Mae se aprumou como se seu general estivesse diante dela e saiu apressada.

Enquanto isso, o esboço estava completo. A imagem compilada pelas vítimas e pela polícia sem dúvida dava crédito à ideia de um amante atraente. O rapaz tinha mais ou menos a idade da vítima, com cabelo louro e a pele impecável com que a colega da vítima estava obcecada.

— Vou te falar: era perfeita. Nenhuma marquinha — a testemunha disse a Justin. — Assim como aquela mulher que estava com você.

A procura pelo rapaz estava agora nas mãos da polícia. Justin olhou para o relógio e viu que era mais tarde do que imaginava. Logo precisariam encontrar Tessa e ir jantar. Como ela não havia ligado, torceu para que não tivesse cometido nenhum outro ato contra a segurança nacional.

Um dos agentes direcionou Justin até a sala onde estavam os equipamentos. Lá, encontrou Mae envolvida numa conversa com alguém na tela, mas não o severo general que ele havia imaginado pela história dela.

— Porque eu estou aqui a trabalho! — Mae exclamou.

— E não te deixam fazer uma ligação? — A pessoa era uma daquelas senhoras chamadas de "elegantes". Seu cabelo louro-escuro estava amarrado num coque alto, deixando à mostra um rosto com a pele lisa e esticada que sugeria uma plástica recente. Ela tinha sobrancelhas mais grossas que a de Mae, mas não tinha os mesmos maxilares altos; os olhos dela eram do mesmo tom azul-esverdeado que ele havia passado a admirar.

— Só estou ocupada. Não é um bom momento.

— Nunca é um bom momento, Maj. — Aos ouvidos de Justin, o nome soou como "mai". — Parece que faz três anos que não é um bom momento.

— Mãe, por favor. Agora não é o momento. — Justin conhecia Mae o bastante para reconhecer os sinais de quando ela estava se esforçando muito para se controlar.

— Você vai trabalhar a noite toda? — sua mãe perguntou, insistente. — Alguma hora vai ter de comer. Venha aqui hoje e eu reúno seus irmãos. Traga seus colegas. — Os olhos da mulher se voltaram subitamente na direção de Justin e ele recuou. Achava que estava fora do alcance da câmera. — Ele é um dos seus

colegas?

Mae se virou surpresa, com o rosto visivelmente exasperado.

— Sim. Mãe, este é o dr. Justin March. Justin, essa é Astrid Koskinen.

Sem ter para onde fugir, Justin deu um passo à frente e entrou em ação.

— Sra. Koskinen, é um prazer conhecê-la. Posso ver a quem Mae puxou a beleza.

Astrid sequer pestanejou.

— Dr. March, o senhor e a minha filha têm planos para o jantar?

Ele hesitou.

— Bom, eu... — Ao olhar para Mae, entendeu qual era a resposta que deveria dar, mas demorou demais.

— Foi o que eu pensei — Astrid disse, triunfante. — Vocês dois, cheguem às sete.

— Ele é um plebeu — Mae disse, categórica.

— Sim, consigo ver isso, Maj.

— E estamos com mais uma pessoa. — Mae fez uma pausa para o que deveria ter um impacto dramático. — Uma provinciana.

Sua mãe não se deixou dissuadir.

— Traga quem você quiser se for o que precisa para te trazer aqui. Além do mais, sabe como temos a mente aberta.

— Não, na verdade, não sei.

— Até mais — o rosto de Astrid desapareceu, e Mae chutou a mesa.

— Droga — ela resmungou.

— Desculpa — Justin disse. — Demorei para pensar em...

— Não, não. — Mae ignorou os protestos dele. — O problema não é você. É ela. E o maldito amigo dela que estava aqui me reconheceu e fuxicou que eu estava na cidade. Meu ego está programado para mandar as ligações dela automaticamente para a caixa de mensagens, mas ela me enganou ligando para a polícia.

— Desculpa — ele repetiu. Ele estava falando a verdade. Claro que o lado perverso dele queria ver onde ela havia crescido, mas, depois de ouvir as histórias dela no sábado, não queria obrigar Mae a voltar àquele lugar. — Talvez possamos nos livrar disso. Fale que surgiu um imprevisto.

Ela suspirou.

— Não. Isso só vai piorar as coisas. Vou ter que aguentar essa. — Ela saiu da sala com o olhar abatido, mas parou para lançar um sorriso sem graça para Justin. — O lado bom é que, se tem alguma coisa sobre mim que você ainda não saiba, é provável que descubra hoje.

Ele respondeu com um pequeno sorriso, sem saber a veracidade daquelas palavras.

27. Decoro Koskinen

Eles contrataram um carro. A mãe dela morava fora da cidade e nenhum transporte público levava até lá. Mae parecia estar indo a um funeral enquanto passavam rapidamente pelos campos de trigo e milho que estavam vigorosos e verdejantes com o começo da primavera. As castas haviam sido fundadas por famílias que já possuíam fortunas particulares capazes de ajudar a república recém-formada, fortunas que usaram para se abster dos mandatos. Com o tempo, essas famílias acabaram se dedicando a empreendimentos adequados a suas terras, como o grande número de colheitas que alimentavam a RANU. Nuvens negras acumuladas sobre os campos ameaçavam uma tempestade, o que Mae comentou que combinava com a situação.

À primeira vista, a casa dos Koskinen parecia ter custado todo o dinheiro da agricultura nórdica. A mansão — porque não havia outra palavra para aquilo — parecia ter saído de um filme. Um gigantesco alpendre sustentado por pilares com portas de vidro fosco recebia os convidados com grandiosidade e intimidação. Alas idênticas se estendiam para os dois lados da entrada, formando uma beleza em sua simetria. A casa tinha dois andares, e o segundo exibia sacadas que saíam de vários quartos. Havia até algumas pequenas torres. Ficava numa propriedade extensa, parte da qual era obviamente para ser vista e não tinha qualquer uso prático. Ao olhar para além da casa, Justin pôde ver vários campos dedicados à agricultura. Era ali que acabava a simetria. Metade da terra mostrava a névoa esverdeada do que havia acabado de ser plantado. A outra metade estava vazia e abandonada.

Aproximar-se da casa revelou ainda mais coisas. A pintura marrom-clara estava gasta e lascada. As sebes e os arbustos estavam sujos e precisavam de poda, ao passo que sementes estavam espalhadas pelos canteiros de flores. Era tudo muito sutil. A casa

não estava em ruínas, mas definitivamente mostrava sinais de dilapidação.

Uma plebeia vestindo um uniforme preto abriu a porta para eles, murmurando respeitosamente:

— Srta. Mae.

Mae sorriu e deu um pequeno abraço nela enquanto entravam, o que pareceu envergonhar a moça.

— Oi, Phyllis.

A área central da casa era mais alta e o vestíbulo tomava pleno proveito disso. Um enorme candelabro ficava dependurado no teto abobadado, e Justin contou sete fileiras de cristais. Notou também que algumas das lâmpadas estavam queimadas. Enfeitando as paredes, havia quadros empoeirados com a fina flor da arte nórdica. Num dos lados do ambiente, uma escada em espiral com uma balaustrada de ferro forjado levava ao segundo andar. Segundos depois que eles chegaram, Astrid Koskinen desceu a escadaria com um passo rítmico e pomposo que o fez cogitar se ela estava andando de um lado para o outro lá em cima, à espera de fazer sua entrada grandiosa.

— Maj — ela disse, parando para dar dois beijinhos no rosto de Mae. — Que bom te ver.

Não havia carinho no cumprimento nem na resposta de Mae.

— Mãe, esses são o dr. Justin March e Tessa Cruz.

Ao olhar para ela, Justin percebeu que aquele não era o momento para "Mãe? Sério? Pensei que fosse sua irmã". Ele optou por uma formalidade cordial, mas não excessiva.

— Sra. Koskinen, obrigado pela hospitalidade.

— Sim, obrigada — Tessa disse, um pouco intimidada pela introdução à aristocracia castal.

Astrid franziu a testa.

— Você pode repetir?

— Eu disse "obrigada" — Tessa repetiu, mais alto.

— Ah. Bom, eu nunca rejeitaria uma oportunidade de receber Maj.

— A senhora não deveria ter se dado ao trabalho — Mae ressaltou.

— Venham — Astrid disse, ignorando o que a filha disse. —

Todos já estão à espera do jantar. Normalmente comemos às sete. — Havia um tom condenatório na voz dela. Um antigo relógio de pêndulo mostrava que eram sete e dez. — Obrigada por se vestirem adequadamente, dr. March, srta. Cruz.

Ela falou com absoluta seriedade, sugerindo que Mae não estava vestida de maneira adequada. Justin estava usando um terno azul-marinho e uma gravata de seda, típica de visitas oficiais, enquanto Tessa, por impulso, colocara um vestido que havia comprado durante seu passeio naquele dia. Mae, por outro lado, estava de calça preta e regata verde. Era um conjunto elegante e refinado, como tudo que ela usava, mas ele imaginou que poderia ser considerado informal perto do vestido longo de tafetá de Astrid. Embora ele refutasse as acusações de Cynthia de que só se importava com marcas, Justin havia feito um estudo rápido das tendências de moda que tinha perdido durante o exílio. Era um hábito que tinha desde a juventude, quando precisava esconder a origem humilde. Mae estava no auge do estilo, como sempre, mesmo estando informal. Já o vestido da mãe era do ano anterior. Um pequeno detalhe, mas notável entre castais.

Ele não sabia ao certo quem eram "todos" que estavam esperando. Astrid os levou até a sala de jantar com fortes lambris e papel de parede adornado com desenhos circulares azuis. Duas mulheres e dois homens estavam sentados à mesa, junto com um menino um pouco mais velho do que Quentin. Todos tinham os cabelos louros e os olhos azuis ou verdes típicos da casta. Marcas irregulares de Caim marcavam o grupo, e Mae se destacava entre eles como uma estrela num céu nublado. Não fosse por alguns traços em comum, Justin não teria imaginado que eram parentes.

As apresentações explicaram que os outros convidados eram os irmãos de Mae e seus cônjuges. O menino, sobrinho dela, atendia pelo nome nórdico Niklis. Com a exceção da mãe de Mae, todos usavam um nome latino ou grego do Registro Nacional, o que revelava muita coisa. Sugeria que eles eram mais progressistas. Podiam até ser, mas uma coisa logo ficou clara: eles sentiam ódio de Mae.

Talvez "ódio" fosse forte demais. "Ressentimento" devia ser a palavra exata.

Não era claro à primeira vista. Todos eram muito, muito, educados. Uma transcrição por escrito não mostraria nada nesse sentido, mas ouvir àquilo tudo em pessoa era diferente. Todos os comentários continham uma farpa contra Mae e, às vezes, também contra Justin e Tessa.

— Então, Mae — sua irmã, Claudia, disse. — Que bom que você veio. Sei que a mamãe gosta. Sei que ela gosta especialmente quando traz seus amigos. — Ela olhou para Tessa enquanto a empregada servia tigelas lascadas de sopa de ervilha amarelada. — Vocês usam talheres nas províncias?

— Claro que eles usam — Mae disse, perdendo a compostura com a pergunta revoltante. — Pelo amor, Claudia. Ela é da América Central.

Claudia torceu o nariz para a censura.

— Bom, não tenho tempo para estudar as províncias. — Ela concentrou a atenção em Justin e abriu o que, aparentemente, pretendia ser um sorriso sedutor. — Então, dr. March. O que exatamente você e a minha irmãzinha fazem juntos?

Cyrus e o marido de Claudia bufaram divertidos. Astrid empalideceu.

— Claudia!

— Que foi? — ela perguntou, inocente. — Quero saber sobre o trabalho deles. — Ela meneou o olhar para Justin. — A vida de um servidor deve ser fascinante.

Ela tem tanta inveja e mágoa de Mae que mal consegue ficar aqui, Justin comentou.

Você não está vendo por quê?, Horatio perguntou.

Justin estava vendo. Claudia era baixa e atarracada, sem a beleza ou a graça da irmã mais nova. O Caim havia enfraquecido o cabelo dela e, a julgar pelas finanças da família, ela não devia ter dinheiro para fazer nenhum tratamento. Além disso, tinha o olhar sem vida de alguém que nunca havia saído da terra natal e tinha pouco com o quê ocupar o tempo. Pelos olhares ferinos que lançava contra o sobrinho, Mae não era a única irmã que Claudia invejava.

Ela tem inveja de você também, Horatio disse. *Você é inadequado para os padrões deles, mas representa outra coisa que Mae tem e ela não: homens ousados, exóticos e bonitos.*

Está tentando me seduzir?, Justin perguntou.

Você entendeu o que eu quis dizer. E olhe só de quem ela está acompanhada.

Justin também não tinha como discordar dessa lógica. O marido de Claudia era um projeto de homem, com um maxilar grosso e sopa escorrendo pelo queixo. Ele se comunicava quase que exclusivamente por grunhidos. Um plebeu inferior seria melhor que aquilo. Na verdade, ao se lembrar da história de Mae, Claudia *tinha* uma queda por plebeus. Pela pose dela, não era difícil imaginar que mandasse um bebê para longe pelo bem das aparências. Era muito menos difícil imaginar que Astrid incentivasse essa ideia.

— Meu trabalho não é tão interessante assim — Justin disse, com sua máscara simpática. — Mae me acompanha para garantir que nenhum fanático fuja da linha. Ela me mantém seguro. Nunca se sabe o que eles vão fazer.

Os olhos de Mae repousaram um momento sobre ele e Justin percebeu que, mentalmente, ela o estava colocando junto à categoria dos fanáticos.

Niklis abriu um sorriso com as palavras de Justin.

— Tia Maj, você tem uma arma?

— Claro que não — Astrid respondeu. — Maj nunca traria uma arma para dentro desta casa.

— Tenho duas — Mae disse ao sobrinho.

Astrid levou um susto.

— Por que você faria uma coisa dessas?

— Porque eu estou trabalhando, mãe. — Mae estava simplesmente mexendo na sopa e agora a empurrou para o lado. Seu rosto não demonstrava nenhuma emoção, algo que ela sabia fazer como ninguém.

— Acho que é mais emocionante do que ser a mulher de Kris Eriksson — Cyrus disse. Ele não estava hostil a Mae, mas definitivamente tinha um ar sarcástico, que distribuía a toda a família, então, pelo menos, ele estava sendo justo. Serviu vinho nas taças de todos sem antes perguntar. — Mae já contou sobre todas as propostas que ela rejeitou? Ela podia ter feito a fortuna desta família.

— Mae sempre fez o que ela bem quis — Claudia resmungou. — Foi para onde quis. Fugiu com quem quis. — Ela lançou olhares de desprezo para Justin e Tessa enquanto falava.

Mais do que todo o resto, aquilo rompeu a casca de Mae. Ela soltou alguma resposta ácida em finlandês para a irmã, soltando risos de Cyrus e da mulher dele, que pareciam achar que aquela era uma peça de teatro. Claudia respondeu algo que deve ter sido igualmente venenoso, a julgar pela expressão escandalizada de Astrid.

— Cadê a educação?! — ela repreendeu. — Nossos convidados são mais civilizados do que vocês. — A mensagem subliminar, claro, era que era uma grande vergonha se comportar pior do que um plebeu e uma provinciana. — Lembrem-se de que a base da nossa família é o princípio e o decoro.

Caiu um silêncio constrangedor. O rosto de Mae voltou a ficar inexpressivo. Claudia parecia furiosa e Cyrus continuou servindo tanto vinho que nem Justin conseguia beber mais. Ao olhar para Tessa, viu que a menina parecia querer estar em qualquer lugar menos ali. Ele não podia culpar a pobre coitada. Por mais incrível que parecesse, foi o marido insosso de Claudia quem retomou a conversa civilizada.

— Então — ele disse. — Você ouviu que os Comets chegaram às finais?

Justin não ligava muito para esportes, mas fazia tempo que havia aprendido que outras pessoas gostavam do assunto, o que o tornava um excelente tópico para criar entendimento. Então, ele se mantinha a par das últimas manchetes, algo que veio a ser útil naquele momento, quando entrou numa conversa com os dois homens. Eles se animaram com o tema e pareceram esquecer que estavam conversando com um plebeu. As mulheres Koskinen, porém, continuaram emburradas e em silêncio.

Quando o jantar finalmente acabou uma hora e meia mais tarde, Mae se ofereceu para mostrar a casa a Justin e Tessa.

— Lembre-se de que isso aqui não é um museu — a mãe dela advertiu.

— Sim, sim — Mae disse. — Não vamos entrar nos aposentos.

A casa poderia não ser um museu, mas sem dúvida era

empoeirada o bastante para ser um artefato. Justin sempre contratou faxineiras para cuidar de sua casa, mas estava prestes a pedir uma vassoura para dar uma mãozinha agora. Descobriu que, no passado, a família tinha muitos empregados para cuidar da mansão, embora o número deles fosse minguando conforme diminuíam as finanças da família Koskinen.

— O que aconteceu com o dinheiro da família? — Justin perguntou quando Mae parou diante da porta do que parecia um escritório amontoado de coisas. Um momento depois ela continuou andando e mostrou o conservatório, que parecia ter saído diretamente de um filme antigo. Ele havia feito uma pergunta pessoal, mas Mae parecia preocupada demais com seus próprios pensamentos para censurá-lo pela dúvida. Ou isso ou ela simplesmente havia aceitado que havia pouquíssimos segredos entre eles agora.

— Não sei. Acho que minha mãe só não soube administrar depois que meu pai morreu.

Mae passou os dedos sobre o piano, deixando um rastro no pó. Justin teve uma memória súbita e surpreendente daquela noite no Panamá, quando Mae, encharcada e desgrenhada, mas ainda deslumbrante, havia se sentado e tocado Saint-Saëns. Claro que não era uma imagem erótica, mas disparou uma lembrança daquela atração ardente do começo, quando ele havia olhado para ela e pensado que ela era a mulher mais fascinante do mundo.

Ela ainda é, Magnus disse com lealdade. *Você poderia tê-la e seu mundo mudaria.*

Justin sentiu uma dor no peito e não respondeu.

Tessa se juntou a Mae no piano.

— É lindo. Mais bonito que o seu. — Tessa tocou algumas notas de algo que Justin não conhecia, o que o lembrou de que ela também havia tido aulas. Imaginou que fosse algo típico de meninas de classe alta.

— Onde você aprendeu a tocar? — Claudia perguntou, incrédula, do vão de entrada.

Tessa tirou as mãos do piano.

— Em casa.

O rosto de Claudia mostrava que ela não ficaria mais surpresa se

um gato tivesse aprendido a tocar.

— Mae, eu e Marius estamos indo embora.

Algo no rosto de Mae endureceu.

— Eu levo vocês até a porta. E para vocês dois vou mostrar onde ficava meu quarto. — Ela guiou Justin e Mae pelo corredor até uma porta no topo da escadaria. — Bem ali. Não deve ter mudado nada desde que saí de casa. Vou lá assim que conversar com Claudia.

Justin era astuto o bastante para saber que haveria algo além do que uma simples despedida envolvida, mas deixou Mae cuidar dos assuntos dela. Além do mais, logo ficou absorvido pelo antigo quarto dela. Era outra peça do quebra-cabeça de Mae. Como em todos os outros cômodos, reinava o pó. A decoração era um misto dos dois mundos que sempre disputaram por ela. Todos os móveis eram caros e ornamentados, do tipo que a mãe escolheria, e não uma criança ou adolescente. O closet entreaberto estava abarrotado de antigos vestidos de festa que deixaram Tessa completamente admirada. Contraposto a todo esse luxo, estavam antigas telas de pôsteres que, quando ligadas, exibiam vários times e atletas. Ele até encontrou o que deveria ser um bastão de *canne* encostado num canto. Realmente precisava pesquisar esse esporte maluco.

Tessa encontrou uma caixa de joias na cômoda e não conseguiu resistir à curiosidade de examinar o conteúdo dela.

— Uau. — Ela levantou um bracelete incrustado de safiras que ainda brilhavam. — Mae deixou muita coisa aqui.

— Encontrou algum anel de noivado? — ele perguntou, antes de sorrir para o olhar surpreso de Tessa. — Deixa para lá.

— Mas eles são muito malvados com ela. Acho que eu também deixaria muita coisa aqui. — Ela trocou o bracelete por um colar de pérolas. — Ela saiu de casa de repente?

— Como eu poderia saber? — ele perguntou, fazendo-se de bobo.

Tessa tirou os olhos das joias e olhou irônica para ele.

— Como você poderia não saber? Você ficava observando Mae com aquele olhar... faminto. Como se fosse morrer se não entrasse na cabeça dela.

— Ficava? — ele perguntou.

Ela deu de ombros e voltou para a caixa de joias.

— Você ainda está vivo. Imaginei que tivesse descoberto tudo a essa altura.

Justin riu involuntariamente.

— Sabe, se eu tivesse percebido no Panamá que você... — Ele parou de falar quando viu o novo achado dela. — O que é isso?

Tessa ergueu um colar de prata com um grande pingente pendurado. O pingente consistia em uma laçaria elaborada na forma de um pássaro.

— É bonito — ela disse. — Parece um corvo.

É uma gralha! Horatio exclamou, indignado. *Ela não sabe a diferença? Belo prodígio você foi arranjar.*

Gralhas são idiotas, Magnus disse. *Detesto gralhas.*

— É uma gralha — Justin contou a Tessa, aproximando-se.

— A mesma laçaria que eles têm em toda a casa.

— Não... é um estilo um pouquinho diferente. — Ele franziu a testa. — Já vi isso antes. Onde pode ter sido?

Tessa obviamente não sabia. Ela ia guardá-lo na caixa, mas ele o tirou da mão dela, tentando vasculhar seus arquivos mentais. Subitamente, prendeu a respiração. Tirou o ego do bolso e colocou o vídeo que insistia em desafiar a mente dos melhores técnicos da RANU. A tela era menor do que uma de verdade, o que dificultava distinguir os detalhes enquanto assistia à ruiva eriniana tirar as joias antes de dormir. Mas ali estava, ele tinha certeza. O colar que ela tirou era do mesmo tamanho e do mesmo formato, e ele sabia que, se olhasse numa tela maior, veria uma réplica perfeita daquele que Tessa havia encontrado.

— É uma peça celta, não nórdica — ele murmurou.

— Por que Mae teria uma joia celta?

— Por que Mae teria essa joia? — ele perguntou. Sua mente estava acelerada e, apesar de toda a sua inteligência, ele não conseguiu encontrar uma maneira de encaixar essa peça em nenhuma de suas teorias. Ela aniquilava todas.

Mae entrou naquele exato momento; sua expressão raivosa sugeria que a conversa de despedida com Claudia não tinha sido boa.

— Estão prontos para ir?

Justin mostrou o colar, ainda perplexo.

— Onde você conseguiu isso?

— Não sei. Metade dessas joias está aqui desde sempre. Herança de família e tal. — Ela olhou melhor para ele, observando seu estado de choque. — Por quê?

— A eriniana do vídeo tinha um igualzinho a esse.

— Como assim? Não me lembro disso.

— Bom, eu lembro e acabei de ver o vídeo de novo para confirmar. Por que vocês duas teriam um colar igual?

Mae meneou a cabeça, nem de perto tão surpresa quanto ele estava.

— Sei lá. Porque deve ter sido produzida em massa por algum designer que os castais adoram? Vivem acontecendo coincidências como essa.

— Mas é celta! Por que você teria uma joia celta?

— Porque às vezes nós visitamos outras castas. Minha mãe tem amigos celtas. Deve ser de um deles. — Ela estava começando a ficar nervosa. — Onde você está querendo chegar? Porque está claro que tem alguma coisa aí.

— Tem que você faz parte disso tudo! — Ele colocou o colar de lado e começou a andar de um lado para o outro enquanto organizava seus pensamentos frenéticos. — Nós estávamos errados. Em algum ponto nós erramos. Você está ligada a eles, Mae. Aos outros oito e nove. *Sabia* que era uma coincidência grande demais.

Ela pareceu horrorizada.

— Já conversamos sobre esse assunto, e Leo falou que eu não sou igual aos outros. Que eu não tinha sido "criada".

— Você foi — ele disse devagar, sabendo plenamente que suas próximas palavras poderiam causar um dano considerável. — Ele... ele disse que você mostrava sinais de manipulação genética. Não era do mesmo tipo que as vítimas, mas definitivamente não era natural.

Com os olhos arregalados, ela abriu a boca para falar, mas demorou para conseguir articular alguma coisa.

— Ele nunca me contou isso. *Você* nunca me contou isso. — Era um pequeno detalhe, mas Justin percebeu que ela confiava mais que ele, e não quem fez o teste, que lhe contasse a verdade. —

Deve haver algum engano. Não sou fruto de nenhum trabalho ilegal.

— Você não estava no jantar? — ele perguntou. — Você realmente acha que veio daquela família sem *nenhum* tipo de forte intervenção científica?

— Eu não sou como os outros — ela disse entredentes. — Foi o que Leo disse. — Ele podia ver o pânico crescer dentro dela, um pânico que não era tanto com relação às práticas ilícitas. Era um pavor de fazer parte de algo em que ela não tinha voz, um futuro que outros escolheram por ela. Se queria que ela mantivesse alguma consideração por ele, Justin sabia que deveria recuar... mas não conseguia. Não quando sabia que estava certo.

— Talvez você tenha sido um teste ou uma coisa assim. Não sei. Mas olhe só os fatos! Você tem a pontuação certa, a idade certa. Você passou por uma manipulação. E agora olhe a "coincidência" desse colar, que eu aposto qualquer coisa que tem algum significado religioso, e também aposto que vamos encontrar em algumas das outras vítimas.

— E qual é? — ela perguntou. — Um geneticista vingativo ou uma seita maluca?

— Acho que é como Callista disse: os dois.

— Certo — Mae escarneceu. — Porque ela é a autoridade. Não me arrasta para o meio de suas teorias fanáticas de...

Ela parou abruptamente quando viu a mãe parada à porta. A julgar pela expressão escandalizada no rosto dela e pela palidez de Tessa, ele e Mae devem ter começado a discutir bem alto. Ele estava concentrado demais para perceber.

— Está tudo bem? — Astrid perguntou.

— Está tudo ótimo — Mae respondeu. — Desculpe o incômodo. — Ela voltou a agir como uma princesa do gelo, mas seus olhos estavam ardendo em chamas.

— Não está nada ótimo! — Justin estourou. — Vocês estão tão concentradas na imagem de elegância e nos comentários passivo-agressivos que ninguém nunca fala nada diretamente. Então, eu vou falar. — Ele olhou diretamente nos olhos de Astrid, sem ligar se ela achava que ele fosse um plebeu selvagem. — Sra. Koskinen, houve ou não alguma manipulação genética na concepção de Mae?

Mae levou um susto, tanto pelo fato de alguém falar abertamente naquela casa como pelo assunto propriamente dito. Ele manteve o olhar fixo em Astrid, procurando por algum sinal indicativo de falsidade naquele rosto impassível. Sem dúvida, fazia anos que ela havia se aperfeiçoado em controlar o que revelava ao mundo. Toda a vida dela foi construída com base nas aparências e, por melhor que Mae fosse, era uma novata perto da mãe. O surpreendente, porém, foi que Justin não teve de interpretar nenhuma mentira.

— Sim — Astrid respondeu. — Sim, houve.

28. A droga dela

Por um momento, Mae não conseguia respirar. Ela ficou olhando a mãe, esperando alguma coisa, uma explicação ou, de preferência, a revelação de que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto. Mas Mae conhecia sua mãe. Ela não era o tipo que fazia brincadeiras.

— Você... não pode estar falando sério.

— Ah, eu estou falando muito sério. — Sua mãe entrou na sala com absoluta tranquilidade, acomodando-se na cama coberta por cetim e pelúcias como se estivesse na hora do chá. — As observações do dr. March foram muito pertinentes. Você realmente achou que era fruto de algum acaso maluco? Depois de seus dois irmãos?

— Eles não são tão ruins. Eles são seus filhos! — Mae tentou se lembrar agitadamente do quanto ela e Justin haviam acabado de revelar sobre o caso sem perceber. Fazia semanas que Tessa ouvia pedaços da história, mas não era com a discrição dela que Mae estava preocupada.

— Sim, Maj. Eles são. E eu amo meus outros filhos assim como amo você. Tanto te amei que lhe dei a melhor chance de enfrentar este mundo.

Mae engoliu em seco, ainda sem conseguir acreditar que estava tendo essa conversa.

— O que está dizendo... você violou a lei. Isso é ilegal. É antiético.

Sua mãe deu de ombros.

— É antiético querer filhos saudáveis? O governo é muito paranoico. Que mal tem? Você está aqui, está saudável. Não lançaram o Mefistófeles de volta no mundo.

— Não consigo acreditar que o papai aceitou isso.

— Ele não precisou aceitar. Você já estava in vitro. Foi fácil dar

para o laboratório o que eles precisavam e deixar que fizessem o trabalho deles. Foi o que fizemos nos outros lugares com seus irmãos. Seu pai não tinha por que desconfiar que houvesse outra coisa acontecendo além de uma fertilização normal. Eu engravidei e tive você. — O tom casual dela era repugnante.

Justin cruzou os braços e se recostou à parede, com seus olhos castanhos fervilhando de pensamentos.

— Ele deve ter suspeitado de alguma coisa depois quando viu o rostinho perfeito dela e as habilidades esportivas que seriam fantásticas para uma plebeia, que dirá para uma cas... patrícia.

A mãe dela não negou.

— O que ele iria fazer? Devolver Maj?

Mae se sentiu tonta e encostou a mão na cômoda para se estabilizar. O fato de seu pai não ter nada a ver com aquilo era a única coisa sã naquela história cada vez mais inacreditável.

— Sabe o nome de quem fez o trabalho? — Justin perguntou.

— Não lembro. — A mãe de Mae fez um gesto de desprezo. — Deve dar para encontrar em algum registro por aí, mas eles já fecharam.

— Imagino que sim — Justin disse. — E também imagino que o nome que me der não vá aparecer em lugar nenhum.

— Você deveria ter me contado — Mae mencionou. Foi tudo que ela conseguiu dizer.

Sua mãe, porém, parecia estar achando graça, mas havia veneno na voz dela.

— Por quê? Iria mudar alguma coisa? Você teria ficado e cumprido com o seu dever? Casado com um homem de respeito e nos ajudado a recuperar nossas perdas em vez de se deitar com plebeus?

Muitas coisas na resposta de Astrid saíram da linha, mas uma palavra chamou a atenção de Mae.

— Recuperar... não foi por isso que vocês ficaram sem dinheiro, foi?

— Peguei vários empréstimos para pagar por você — sua mãe confirmou. — Empréstimos que eu teria de pagar na época de seu debute desastroso. Custou muito fazer esse rostinho bonito.

— Você pagou com sangue também?

A mãe de Mae pareceu ter esquecido por um momento que ele estava lá. Sua defensiva e seu desprezo vacilaram com as palavras dele, e uma expressão de surpresa perpassou seu rosto duro.

— Do que diabos você está falando?

— Estou falando da seita em que você entrou para criar a Mae, aquela que exige sacrifício humano. — Justin a observava com muito cuidado, à espera de qualquer contração muscular. A mãe de Mae, porém, parecia perplexa. Não era algo que ela costumava ver.

— Isso é... — Sua voz foi perdendo a força, como se ela precisasse repetir as palavras de Justin em sua cabeça para garantir que havia entendido certo. — Isso é um absurdo. — Alguns momentos depois, sua perplexidade se transformou em indignação. — Isso é algum tipo de piada de mau gosto?

— Onde você conseguiu — Justin caminhou até a caixa de joias e mostrou o colar — isto?

A mãe de Mae examinou o pingente com atenção enquanto ele refletia a luz.

— Como eu vou saber? É da Maj. Pergunte a ela.

Mae não queria entrar na loucura de Justin, mas não pôde deixar de responder.

— Não fui eu quem comprou. Sempre esteve por aqui.

— Então devia ser da coleção da sua vó. — Franzindo a testa, sua mãe voltou a olhar de um para o outro. — O que está acontecendo?

— Nada — Justin disse, tirando uma foto do colar com seu ego.

Mae não teve dúvidas de que ele mandaria aquela foto para as delegacias de polícia das outras capitanias numa tentativa de encontrar um igual entre as várias posses das vítimas. Mas elas não encontrariam nada. Mae tinha certeza. *Eu não tenho ligação com o resto. Foi o que Leo disse.* Claro, talvez ela não devesse confiar tanto em Leo, já que ele ainda não havia explicado o vulto envolto em trevas no vídeo. Justin não estava dizendo isso abertamente, mas ela estava certa de que ele não acreditava mais que o vídeo tivesse sido manipulado.

— Está tarde. Nós precisamos ir — Mae disse. Justin se virou para ela.

— Mas nós...

— Você não vai encontrar nada de útil — ela disse. — Além disso, por mais ridículo que isso seja, não tem nada a ver com seu trabalho.

Ele ameaçou protestar de novo e ela disparou um olhar duro que finalmente o fez recuar. Tessa pareceu muito aliviada e a mãe de Mae havia se recuperado a ponto de agir como se nada tivesse acontecido. Mae hesitou diante dela antes de sair pela porta da frente atrás de Justin e Tessa.

— Por que você está me contando tudo isso agora? — Mae perguntou.

— Porque o seu "amigo" me pegou de surpresa. E porque tudo isso está no passado agora. Não há mais nada a fazer e não existem provas sólidas da minha culpa se for me entregar. — Ela abriu um sorriso sem nenhum carinho. — E acho que nem uma pessoa como você iria denunciar a própria família.

Era irônico ela mencionar isso, visto que Mae, antes de subir ao seu antigo quarto, havia tido uma discussão acalorada com Claudia sobre o bebê que eles mandaram para fora do país. Mae havia perguntado insistentemente se Claudia sabia que a filha tinha ido parar entre os selvagens da Arcádia. Claudia pareceu horrorizada, mas não pelo destino da filha.

— O que você tem na cabeça para pesquisar isso? Você acha que realmente vai buscar e trazer a menina de volta? — Claudia havia exclamado.

— Não sei — Mae admitira. — Só estou pesquisando.

— Você vai destruir meu casamento se isso vier à tona! Sem mencionar que vai me mandar para a cadeia. Você é realmente tão fria assim, Mae?

Mae não tinha uma resposta. A garotinha parecia longe demais, parecia mais que impossível encontrá-la. Sem ter como provar a existência dela, não havia como provar o crime.

O trajeto de volta ao hotel foi tenso. Justin era esperto demais para dizer alguma coisa na frente de Tessa. E Tessa era esperta demais para pressionar sobre algo que ela sabia que nunca deveria ter ouvido. Ela, aliás, teve a delicadeza de perguntar se podia dar um passeio quando chegaram ao hotel. Sem dúvida, imaginou que Mae precisasse de um tempo sozinha.

— Fique neste quarteirão — Justin disse a ela. — Está ficando tarde. — A rua ainda estava bem iluminada e cheia de gente a caminho das diversões noturnas, ainda mais porque a chuva havia terminado. Do outro lado do hotel, uma banda iria fazer um show ao ar livre num pequeno parque. Tessa prometeu que ficaria bem e, depois que ela saiu, Justin chamou Mae para subir. — Vamos conversar.

Mae caminhou penosamente ao lado dele.

— Não quero conversar.

— Sim, você quer.

Ela o seguiu até o quarto dele. Ele imediatamente se virou na direção do frigobar, então se deteve e se sentou na cama em vez disso. Deu um tapa no lugar ao lado dele.

— Nós já não fizemos isso antes? — ela perguntou, melancólica, sentando-se na beira da cama. — Só que da última vez você estava confessando que acreditava no mundo sobrenatural.

— Bom, agora é a sua vez de brilhar. Como está se sentindo? O que está sentindo?

— Nada. Estou me sentindo vazia.

— Isso é impossível depois de tudo que acabou de ouvir. Você deve estar sentindo alguma coisa.

Triste, ela ficou olhando fixamente para o nada.

— Eu sinto principalmente que já deveria ter descoberto tudo isso sozinha. Acho que foi ingenuidade minha pensar que realmente poderia ser uma nove natural e uma atleta profissional na casta.

Ela falou com o máximo de calma que conseguiu, por pior que se sentisse por dentro. Saber que tinha sido concebida numa placa de Petri nunca a havia incomodado. Saber que alguém havia alterado seu DNA era uma coisa completamente diferente. Todas as partes de seu corpo passaram a ter um ar sinistro. Ao olhar para as mãos, ela teve a sensação surreal de que não faziam parte do corpo dela, como se fossem objetos estranhos.

— Tudo em mim é uma mentira — ela disse.

— Não é verdade. — Ele colocou o braço ao redor dela. — Não importa por onde começou. Importa onde você está agora.

Ela se encostou no ombro dele.

— Você faz autoajuda agora? Além de arrancar os segredos das pessoas?

— São exatamente a mesma coisa. — Ela não sabia se concordava com aquilo, mas, ao menos, quando alguém sabia *quase* tudo sobre você, era capaz de te entender melhor. Isso, porém, não mudava a verdade terrível.

— Eu sou uma mercadoria. Nasci para dar lucro para ela.

— Não é muito diferente de nascer para dar bolsa para a mãe — ele apontou.

— Ah. — Ela se sentiu uma idiota pelo comentário inadequado. — Desculpa.

— Não tem problema. — Ele olhou nos olhos dela com tamanha intensidade que parecia estar perscrutando diretamente sua essência. Ela se deixou levar. Não havia nenhum truque, nenhuma segunda intenção. — Ouça, eu estava falando a verdade. É onde viemos parar que importa. Minha mãe me teve para conseguir dinheiro extra para o vício dela e eu me tornei um acadêmico e, depois, um funcionário do governo. Você foi feita para ser uma criaturinha bonita e obediente que poderia ser vendida para criar os filhos de quem pagasse mais. Em vez disso, respondeu ao chamado mais nobre do país.

— Proteger você?

— Esse é o segundo mais nobre. Estava falando da parte em que enfrenta o perigo sem medo para aumentar a glória da RANU. Você deu a volta por cima, Mae. — Ele tocou a face dela com doçura. — É a única pessoa que manda na sua vida.

Essas palavras a envolveram, atingindo uma parte dentro dela que poucos sabiam que existia. A dor do que havia descoberto continuava, mas ali, sentada ao lado dele, ela se atenuou um pouco. E, assim, um dos compartimentos em que trancava suas emoções se abriu de repente. Era para onde ela havia arrastado todo o desejo do Panamá, toda a ânsia e a paixão por um homem sedutor que havia conseguido amá-la com uma segurança que era menos dominação que a afirmação da qual ambos procuravam.

Antes que pudesse mudar de ideia, Mae avançou e deu um beijo nele. Era para ser um gesto doce e simples, mas teve, para ela, a mesma intensidade que o primeiro beijo, disparando uma chama

inesperada que perpassou o corpo dela da cabeça aos pés. Também durou muito mais do que ela estava esperando. *Muito* mais.

— Isso foi por quê? — ele perguntou quando se separaram.

— Sério? Tem alguma coisa que você não consegue descobrir? — Ela continuou perto dele, tão perto que conseguia ver cada cílio que emoldurava seus olhos e sentir o aroma de sua colônia, que devia ser a última e melhor criação de alguma marca famosa.

Ele ponderou por alguns momentos, incapaz de resistir ao desafio.

— Foi porque, depois de uma vida com homens te cortejando e prometendo devoção, eu sou o único que realmente não tenta te controlar e até reconhece que sua capacidade de se controlar é algo positivo?

Mae deu um empurrão nele.

— Caramba! Por que você tem de estragar tudo?

Ele riu e segurou a mão dela, voltando a se aproximar.

— Quer dizer que eu estou certo?

— Claro que está. Você está sempre certo. Mas admito que eu não estava pensando em termos tão clínicos.

O sorriso dele cresceu enquanto se aproximava dela e, apesar da fúria e da mágoa que ainda carregava pelas consequências da última relação deles, os sentimentos que haviam se libertado dentro dela permaneceram. De repente, Justin vacilou e soltou a mão dela. Desviou o olhar e se afastou.

— Bom — ele disse, com voz neutra. — Fico feliz em saber que minhas habilidades ainda estão afiadas.

Mae ficou sem saber o que fazer. Ela sabia que ele a desejava. Então, percebeu uma verdade lancinante e se sentiu uma idiota.

— Justin... preciso pedir desculpa pelo que eu disse muito tempo atrás. Toda aquela história sobre "alguém como eu" e "alguém como você". Claro, você sabe que eu não tenho o hábito de namorar nórdicos. Eu só soltei aquela porque me senti magoada e humilhada pelo que pensei que fosse algum esquema seu. Não acho mais que tenha sido isso. Sei que você não estava me usando.

Um lampejo de dor perpassou os traços dele, desaparecendo tão rápido quanto surgiu, e ele entreabriu um sorriso.

— Sim, mas eu estaria te usando agora. Não faz nem uma hora

que seu mundo virou com tudo de pernas para o ar. Isso não vai embora se eu virar seu mundo de outro jeito. Quando o desejo nasce de um problema emocional, ele nunca acaba bem.

Ela voltou a se aproximar lentamente, pousando a mão na perna dele e passando os dedos por ela.

— Talvez *eu* estivesse te usando. Mais do que qualquer pessoa, você entende a necessidade de parar de pensar por um tempo.

— Sim, e essa filosofia me fez parar no hospital — ele disse. Apesar do tom irreverente, o corpo dele estava tenso e sua respiração, ofegante, mostrando que não estava insensível àquilo.

Mae não se deixou abater, absolutamente confiante em como aquilo acabaria. Ela se ajoelhou na cama e envolveu o rosto dele com as mãos.

— Seja minha droga — ela disse, baixinho. — Me ajude a esquecer.

As mãos dele cercaram a sua cintura e então desceram lentamente até o quadril. Era um toque delicado e sutil, mas era exatamente o que faltava aos pretorianos. Para Mae, naquele momento, era quase mais poderoso do que se ele a tivesse atirado na cama.

Os olhos de Justin ardiam indecisos. Era um momento raro para alguém que costumava demonstrar tanta confiança.

— Mae... essa é uma má ideia...

Ela encostou os lábios na orelha dele.

— A gente pode deixar a luz acesa.

Isso foi o bastante para convencê-lo e, segundos depois, os dois estavam tentando arrancar as roupas um do outro. E, como Mae queria, ela realmente esqueceu. Ele se transformou na droga dela, deixando-a extasiada com um desejo que não sentia fazia muito tempo. Chegava a doer o quanto o queria.

A tristeza pelas revelações desastrosas do dia desapareceu e tudo o que importava era o calor da pele dele contra a sua. Eles deram mais um beijo, e ela quase ficou tonta com o calor e o desejo que a perpassaram. Ela tinha se esquecido de como o corpo dele era maravilhoso, como se revelava forte sob os ternos caros. O corpo dela exigia o dele, e sua mente exigia uma libertação de outro tipo, uma libertação de tudo o que vinha pesando sobre ela.

Quando as roupas dos dois não passavam de pilhas desordenadas no chão, ela subiu em cima dele, montando em seus quadris como já havia feito. Ele estava duro sobre as mãos dela e o sangue dela ardia com a necessidade de possuir o corpo dele. Ela se conteve, o que não era fácil sob a influência do implante, mas queria saborear aquilo pelo maior tempo possível. Logo mais haveria tempo bastante para a intensidade animalesca. Ela deslizou as mãos até o peito dele, debruçando-se para ficar cara a cara com ele. Sob suas mãos, o coração dele estava acelerado.

— Você é linda — ele murmurou. — Devastadoramente linda. Fazer isso no escuro é um crime. — Ele tentou tirar um pouco do cabelo do rosto, que voltou a cair imediatamente.

— É rebelde. — Ela torceu para que ele não notasse que a referência ao escuro havia reacendido suas velhas inseguranças de que os amantes vissem as profundezas de suas emoções. Havia demorado séculos para deixar as luzes acesas com Porfirio... claro que Justin ainda não havia alcançado esse privilégio, havia? Não parecia possível, porém, ao se permitir aceitar essa vulnerabilidade, ela percebeu que estava certa em conceder esse presente a ele. Ainda a deixava assustada... mas também a excitava.

— É glorioso — ele disse. Ele voltou a subir o cabelo, desistiu quando escapou mais uma vez e, em vez disso, passou os dedos do pescoço dela até o ombro e, então, pela curva do seio. Era outro toque delicado, mas com efeitos monumentais.

— Mesmo sem flores? — ela provocou.

A mão dele parou.

— Quê?

Ela riu baixinho e roçou os lábios na boca dele.

— Não lembra? Aquela proposta grandiloquente em Windsor?

Sem esperar uma resposta, Mae voltou a beijá-lo, com mais força dessa vez. Todo o seu corpo se acendeu e o tempo de saborear chegou ao fim. Ela pousou as pernas sobre as dele para que pudesse colocá-lo dentro de si e reviver aqueles momentos de êxtase do Panamá. Uma urgência impelia suas ações agora, com a necessidade de voltar a senti-lo dentro dela, de se deleitar na união de...

Justin segurou seus ombros e a afastou suavemente, o bastante

apenas para romper o beijo.

— O que eu disse? — ele perguntou.

— Quê?

— A proposta em Windsor. As flores.

Mae, à deriva num mar de desejo, demorou para conseguir processar a pergunta. Ela estava funcionando à base de instintos primitivos agora.

— Podemos conversar depois. Agora, a única coisa que eu quero fazer é...

— O que eu disse?

A dureza na voz dele lançou um vento frio sobre o calor de seu desejo. Ela franziu a testa.

— Não me lembro de tudo. Você estava falando sobre pegar um tipo de flor em forma de estrela e colocar no meu cabelo e...

Então, algo completamente inesperado aconteceu. Justin a afastou e saiu de baixo dela. Era agonizante ter estado tão perto daquele momento de realização para tê-lo arrancado de si de maneira abrupta. Mas nem isso era tão horrível quanto o olhar dele ao se sentar. Não havia mais humor, arrebatamento ou adoração. Mesmo a excitação estava se dissipando rapidamente.

A de Mae ainda ardia com força, e ela não conseguiu entender o que havia causado aquela mudança.

— Qual é o problema?

Ele passou a mão no cabelo.

— Isso é um erro. Não podemos fazer isso.

Ela estendeu a mão para tocar no braço dele, mas ele se afastou.

— Claro que podemos. Devíamos estar fazendo isso faz tempo.

Ele olhou nos olhos dela, e ela pôde ver de relance aquela velha dor e saudade, que logo se transformaram numa resolução firme.

— Não. Não podemos. Eu não posso. Ouça... você é maravilhosa, sem dúvida. E os homens têm todos os motivos para fazerem fila no quarteirão para irem para a cama com você. O problema é que eu já fui.

— Como... você acha que é a vez de outra pessoa? — ela perguntou.

Ele meneou a cabeça.

— Não, não. Só estou dizendo que, para mim... bom, a excitação

acabou.

Ela examinou o corpo dele.

— Para mim você parece bem excitado

— Mas aqui não. — Ele apontou para a cabeça. — Você não foi uma conquista, não exatamente, mas parte do que eu falei no ministério era verdade. Eu não costumo ver mulheres mais de uma vez, não por causa de algum motivo sinistro, mas porque eu não consigo. Depois que fico com uma mulher, não existe mais mistério. Não existe mais novidade. Não tem motivo para voltar depois que eu sei como é. E... — Ele ergueu as mãos como se não pudesse fazer nada. — Eu sei como é com você.

Todo o desejo restante que havia dentro dela diminuiu até desaparecer por completo.

— Você está mentindo.

— Mentira seria continuar com isso, e eu te respeito demais para continuar com joguinhos como esse. Eu gosto de você. Gosto do tempo que passamos juntos e não quero destruir nossa relação profissional, e é por isso que eu preciso que saiba a verdade. E agora a verdade é que... eu simplesmente não estou interessado em transar com você.

Mae não queria acreditar. Ela não conseguia acreditar. Afinal, tinha visto o fascínio nos olhos dele enquanto a observava momentos antes. Claro, ela também conseguia ver a forma como ele estava olhando para ela agora, e não havia ternura ou sedução. O olhar e as palavras firmes dele a fizeram duvidar de si mesma, e, com essa dúvida, vieram a raiva e a humilhação de ter sido levada a uma situação como aquela. Ela se agarrou a estas últimas e permitiu que tomassem conta dela, envolvendo-a como uma armadura para que ele não tivesse como ver a mágoa terrível que havia acabado de causar. Ela fixou nele o olhar mais frio que conseguiu.

— Vá embora.

29. Brechas técnicas

— O quarto é meu — ele a lembrou.

Mae estava com a máscara de princesa do gelo agora, embora a tivesse colocado tarde demais para esconder o olhar anterior, que dizia que ele havia partido o coração dela em pedaços. Ele tentou se concentrar no ódio daqueles olhos cor de mar, porque, se olhasse demais para qualquer outra parte do corpo dela, iria ceder. Ela era cheia de distrações: os seios, os lábios, o pescoço. Mesmo o cabelo desgrenhado era excitante ao se lembrar de que suas mãos estavam nele havia pouco tempo. Se ela voltasse a tocá-lo, ele a tomaria sem outro protesto, passando a servir a um deus desconhecido pela possibilidade de ter mais uma noite com ela.

Mas ela não o tocou. Ela se levantou e, furiosa, começou a catar suas roupas. Sem dizer uma palavra, ele tentou não olhar enquanto ela se vestia, mas era praticamente impossível. E, para o seu sofrimento, era muito mais provocante do que tinha o direito de ser.

Por que a calcinha e o sutiã dela têm que ser pretos?, ele pensou, angustiado. *Seria muito mais fácil se fossem bege.*

— Vou voltar para o meu quarto — Mae disse depois de se vestir. — Encontro você no saguão amanhã para irmos para o aeroporto. — Ela caminhou até a porta.

— Mae...

Ela parou e olhou para trás sobre o ombro. Por uma fração de segundo, ele soube que ainda poderia salvar a situação. Poderia encontrar uma maneira criativa e enternecedora de retirar o terrível discurso que havia acabado de inventar. Ou, por mais incrível que fosse, poderia até dizer a verdade. Mas ele não disse uma palavra e ela saiu pela porta.

Ainda nu, Justin se afundou na cama, tentando compreender o incompreensível. Ficar deitado acabou fazendo com que ele

voltasse a pensar nela, especialmente porque o aroma do perfume dela continuava nos lençóis. Frustrado, levantou-se e voltou a colocar o restante das roupas. A breve queda não as amassou, o que foi uma pequena bênção. Depois de uma retocadinha no cabelo, era quase como se aquele desastre nunca houvesse ocorrido, não fosse pela dor que persistia dentro dele.

Eu não queria isso. Não queria nada disso! Por que o seu deus não pode me deixar em paz?, ele perguntou aos corvos. *Eu não teria sido exilado. Não estaria nessa bagunça com a ICS. Não teria falado aquelas coisas a ela.*

Você é um dos eleitos, Horatio disse simplesmente. *Ela também. Quando os deuses te escolhem, é preciso enfrentar as consequências.*

Justin tinha feito um bom trabalho em afastar Mae. Ele vira como cada palavra que saía de sua boca a atingia como um golpe físico. Era especialmente eficaz porque existia certa verdade no que ele estava dizendo. Havia, por mais vergonhoso que fosse, muitas mulheres que perdiam a graça depois da primeira vez. Esse não era o caso de Mae, mas ela não sabia desse detalhe, não depois daquela representação magnífica e calhorda. Não havia como voltar atrás agora.

Ele imaginou que era culpa sua deixar que as coisas chegassem àquele ponto. Ele havia se deixado levar pela necessidade de confortá-la depois de tudo o que havia acontecido naquele dia. Então... havia reconhecido os sinais de alerta e tentou recuar, sem sucesso. Quanto mais ela o tocava, mais provocante ficava a voz dela, mais luminosos se tornavam seus olhos ardentes de desejo... enfim, mais fácil ficava esquecer promessas feitas em sonhos indistintos. Mesmo quando ela estava em cima dele, envolta por uma luz reluzente, igual à mulher dentre as mulheres que lhe havia sido prometida... mesmo então ele quase conseguiu esquecer. Mas ela o trouxe de volta à realidade com suas palavras — com as palavras dele, na verdade. Aquelas malditas flores.

Era hora de sair. Havia um pequeno cassino ao lado do hotel, e ele sentiu uma vontade súbita e intensa de mergulhar no antigo vício. Sentiu vontade de vários vícios, na verdade. Precisava afundar as mágoas no maior número de distrações que pudesse encontrar, pois ficaria maluco se continuasse ali, se lamentando.

Talvez eu tenha mais sucesso com os dados, ele disse aos corvos.

A resposta prestativa de Horatio foi: *Não vejo por que teria*.

Mas não foi fácil esquecer Mae enquanto descia as escadas. Mais uma vez, ele brincou com a possibilidade de contar a verdade e, mais uma vez, descartou essa ideia. Ele sabia que ela mal tolerava o que via como uma crença absurda no sobrenatural. Como ela lidaria se ele descrevesse o restante do sonho da maçã dourada para ela? A parte em que Mae foi oferecida a ele por um deus?

Ele havia contado quase todo o sonho para ela, mas cortara algumas partes cruciais da conversa que havia selado seu destino, detalhes que sua memória afiada não esqueceria.

— Dá-me a maçã — o deus semiencoberto por sombras havia dito na floresta — e eu te mostrarei o caminho em direção à sabedoria. Meu pensamento e minha memória serão teus guias e te daremos as ferramentas para vencer teus inimigos.

— Eu ofereci a mesma coisa — a deusa prateada havia contestado. — E eu tornaria a busca mais agradável.

— Minha sabedoria é maior e mais antiga que a tua. — O deus semiencoberto por sombras havia se voltado a Justin. — És ambicioso demais para desperdiçar tua astúcia. Quando me servires, dar-te-ei meu conhecimento e ensinar-te-ei feitiços e encantos, do tipo que o mundo não vê há eras.

— Não acredito em feitiços e encantos — Justin havia dito, embora um calafrio de expectativa atravessasse seu corpo.

O deus zombara:

— Pois hás de acreditar. E sei que acreditas nos encantos das mulheres. Hei de enviar-te uma mulher esculpida em gelo e fogo, que te inflamará na cama, e viverá e morrerá por ti fora dela.

— A sabedoria não pode ser dada, mas o amor pode? — a deusa reclamou.

— Ele não prometeu amor — Justin se pegara dizendo. — Ele insinuou. — Isso fez o homem semiencoberto em sombras rir, e a deusa então o chamou de "canalha espertinho". O deus esfumaçado, porém, ficou indignado.

— Queres mulheres? Com o poder que te concederei, tu terás mais mulheres do que nunca sonhaste.

— Ele só precisa de uma — o homem semiencoberto por

sombras havia insistido. Mesmo sem ver seus olhos, Justin sentia aquele olhar obscuro pesando sobre ele. — Uma mulher entre mulheres. Haverás de reconhecê-la por uma coroa de estrelas e flores, e, então, quando a levares para a cama e a possuíres, estarás jurando lealdade a mim. — De repente, quase de maneira cômica, o deus lançou a cabeça para cima, surpreso. — Caramba. Não me és útil morto.

Justin foi tomado pela sensação surreal de estar ao mesmo tempo no sonho e na sua cama na pousada. E, na sua cama, tudo estava queimando ao redor dele. Ele havia conseguido voltar a se concentrar no sonho e implorou ao homem semiencoberto em sombras.

— Me salva e eu te dou a maçã.

— E concordarás com os meus outros termos? Todas as palavras ditas aqui são um contrato. Quando tu juras num sonho, juras com a alma.

— Sim, sim. Só me tira daqui. — Justin lançou a maçã para ele e acordou com os corvos.

Além do fato de que tinha dois pássaros imaginários convivendo com ele, Justin não havia pensado muito no sonho durante o exílio. Não havia nenhuma mulher gloriosa, nenhum feitiço ou encanto, nenhuma aparição divina. Por isso, Mae o pegou desprevenido, e, por pouco, ele conseguiu subverter as palavras do deus e fugir do acordo. *Haverás de reconhecê-la por uma coroa de estrelas e flores*, *e*, *então*, *quando a levares para a cama e a possuíres*, *estarás jurando lealdade a mim*.

Justin havia argumentado que, de acordo com os termos do acordo, ele não precisava jurar lealdade até depois que possuísse a mulher *sabendo* que ela era a que tinha estrelas e flores. Como ele não sabia quem ela era na primeira vez, tecnicamente não havia possuído a mulher coroada. Era um argumento tênue, mas essa brecha técnica o tinha mantido seguro, desde que não voltasse a fazer nada de errado. Ele havia usado uma brecha similar para se safar do treinamento em encantos e feitiços que o deus havia oferecido — e esta era a palavra-chave. Oferecido. Justin não tinha prometido nada. O deus tinha apenas suposto que ele se agarraria a essa oportunidade.

Nosso mestre não vai supor mais nada de você, Magnus disse, sombrio.

Quando Justin chegou ao cassino, os fregueses se dividiam quase de maneira igual entre plebeus e patrícios, que tinham todo tipo de relações uns com os outros. A maioria dos plebeus nas capitanias estava lá a negócios. Esses eram fáceis de identificar, alguns em grupos próprios e outros com seus sócios nórdicos. Outros grupos com plebeus e nórdicos pareciam mais amigáveis e de um caráter mais pessoal. Não se viam pares românticos entre os grupos em lugar nenhum. O que, claro, não significava que eles não existiam. Na verdade, ele já conseguia ver grupos de "dadas" nórdicas — a gíria para patrícias que se misturavam — de tocaia, à espera de uma noitada discreta.

Ele passou o ego na mesa para comprar fichas, sabendo muito bem que não estaria apostando uma quantia tão alta se suas emoções não estivessem em tanta confusão. Mas não importava. Ele tinha dinheiro de sobra para gastar e, como Horatio havia comentado, sua sorte não tinha como ficar pior.

E não ficou. Por outro lado, não melhorou muito também, mas, pelo menos, ele se manteve mais ou menos com a mesma quantia, deixando-se levar pela emoção do acaso fortuito. Os garçons lhe trouxeram bebidas, que atenuaram a dor das suas memórias com relação a Mae. Outros jogadores entravam e saíam, e, em determinado momento, uma jovem nórdica chegou e se colocou ao lado dele. Ela não colocou nenhuma aposta e simplesmente ficou assistindo ao desenrolar do jogo.

— Você joga? — Justin perguntou a ela.

Ela abriu um sorriso tímido e fez que não com a cabeça.

— Não. Não consigo entender as apostas.

— Não é tão difícil — ele disse. Num gesto de generosidade, deu algumas de suas fichas a ela e começou a explicar as regras. Ela não conseguiu entender toda a estratégia, mas entendeu o suficiente para fazer algumas apostas. Algumas deram certo, e ela batia palmas com grande alegria a cada vez que ganhava. Era fofo.

Eles jogaram por mais meia hora e, então, a jovem, que havia se apresentado como Katrin, deu um passo na direção dele e murmurou:

— Na verdade, não vim aqui para aprender a jogar. Eu vim aqui por você. Seria um prazer te ensinar algumas coisinhas.

Não, Magnus resmungou.

Justin olhou para ela e seu falso recato desapareceu. Ela estava com um olhar ardente que trouxe de volta todos os desejos insatisfeitos que antes ele havia se obrigado a abandonar. Ela não era uma princesa do gelo alta e maravilhosa, mas tinha uma boca sensual e um vestido que conseguia mostrar um corpo muito atraente ao mesmo tempo que, de maneira pudica, exibia pouca pele. *E* ela era loira. Ele acabou encontrando uma dada sem nem mesmo procurar.

— Fico sempre feliz em aprender coisas novas — ele respondeu, também aos sussurros. Ele manteve os olhos na mesa, tentando não demonstrar nada aos outros jogadores.

— Alguns homens ficam... intimidados com o que eu ensino.

— Eu não me assusto fácil.

Você é tão idiota, Horatio comentou.

Uma gostosa nórdica quer fazer coisas "intimidantes" comigo, Justin respondeu. *Idiota eu seria se não aproveitasse essa chance.*

Justin quase a chamou para o quarto, mas as memórias de Mae subitamente voltaram à sua mente. Ele não queria levar Katrin para aquela cama.

— Você tem algum lugar para onde podemos ir?

Ela não respondeu imediatamente, o que só tornou as coisas ainda mais provocantes. Ele apertou seu copo de bourbon com força, esperando uma resposta que parecia não chegar nunca.

— Você disse que não se assusta fácil — ela respondeu, enfim. — Tem medo do banheiro feminino?

Uia. Por essa ele não esperava. Tinha imaginado que ela daria um endereço para onde eles iriam separadamente. Não que ele tivesse um problema com sexo em banheiros públicos. Na juventude, quando a privacidade não era algo que se conseguia fácil, essa era uma opção muitas vezes necessária.

— Precisa de mais do que isso para me assustar — ele garantiu. E, na verdade, quanto mais pensava em abrir as pernas dela sobre a pia do banheiro, mais topava a ideia. Só tinha um problema. — Mas pode não ser o lugar mais, hum, seguro, o que pode ser um

problema aqui.

— Os desse andar não — ela concordou. — Mas tem um no porão para empregados que não é muito usado. Está vendo aquela escada ali? Tem uma porta de serviço que leva para o andar de baixo.

Ela parece conhecer muito bem esse banheiro, Horatio comentou. *Queria saber para quantos homens ela já deu "aula" lá.*

— Eu vou agora — Katrin continuou. — Me encontre lá em cinco minutos.

Ela trocou as fichas e, sem voltar a olhar para ele, foi embora rebolando. Justin jogou mais algumas rodadas, olhando cada segundo no relógio e, então, saiu para o encontro. Ele precisou esperar o momento em que ninguém estivesse perto da escadaria para descer. Bem que poderiam ter câmeras lá, mas ele tinha quase certeza de que sexo no banheiro, por mais malvisto que fosse, não era exatamente um crime, mesmo entre os castais.

O andar de baixo era um porão, e o longo corredor em que entrou seguia até uma porta de vidro que dava para os fundos do terreno do cassino. Fora isso, havia pouca atividade no local. Alguns funcionários corriam de um lado para o outro nos depósitos, mas ninguém estava perto do fim do corredor, onde ficavam os banheiros. Respirando fundo, andou a passos largos até aquele marcado como FEMININO e bateu devagar na porta. Por uma fração de segundo, entrou em pânico achando que Katrin havia brincado com ele e alguma matrona nórdica severa fosse abrir a porta.

Mas quem abriu foi Katrin, com um sorriso malicioso nos lábios e uma chama nos olhos. Ela o chamou para dentro e trancou a porta. Por um momento, ele ficou um pouco desconcertado com o banheiro. Primeiro porque era muito maior do que havia imaginado. Tudo era azul-ciano, desde as paredes e a cadeira coberta de cetim perto da entrada até as duas baias marmorizadas. O som suave de uma música com violino saía dos alto-falantes e tudo cheirava a frésias. Justin não sabia bem se essa era uma moda castal ou algum segredo sobre banheiros femininos de que ele nunca ficara sabendo. Meio que diminuía o elemento depravado da coisa toda, mas essa foi uma preocupação logo esquecida.

Katrin não perdeu tempo e o jogou contra a parede, beijando-o com uma intensidade quase agressiva. Sua boca tinha gosto de rum e morango, e seus dentes mordiscavam os lábios dele. Ele desceu as mãos até o quadril dela e subiu uma de suas pernas, dobrando-a para passar a mão por trás da coxa. A pele dela era lisa e macia, e o tecido do vestido cedia facilmente enquanto ele o puxava para cima. O desejo ardente o inundou quando ela afundou o corpo contra o dele, dando-lhe um daqueles raros momentos em que o trabalho constante e acelerado de sua mente cessava e cedia ao instinto e à emoção.

Ele ainda tinha esperanças de colocá-la em cima da pia e não estava muito exigente com relação a que direção ela ficasse voltada. Mas, quando tentou levá-la para lá, ela o empurrou de volta, colocando as mãos no peito dele para mantê-lo preso à parede. Talvez isso fizesse parte das coisas "intimidadoras". Incomodado, ele se lembrou da dominação de Mae e torceu para que isso tivesse um resultado melhor.

Mas não teve.

Ele estava quase terminando de tirar a calcinha de Katrin quando sentiu o arame em seu pescoço.

O beijo também parou subitamente e, quando ele abriu os olhos, viu que o olhar agressivo e ardente dela tinha se tornado apenas agressivo. Ele tentou falar, mas as palavras sufocaram enquanto o arame apertava sua carne. Com uma força nascida de puro terror, ele a empurrou e conseguiu escapar do arame por um momento. Katrin avançou na direção dele de novo com uma força extraordinária, mas ele desviou conseguindo evitar que seu pescoço fosse estrangulado. Conseguiu escapar e segurou a primeira arma que encontrou: um vaso de cerâmica cheio de frésias. Sem pensar em nenhum cavalheirismo, avançou com o vaso na direção dela e conseguiu bater de relance ao lado da cabeça dela. Isso a deixou mais lenta por um instante e, então, o que era improvável, ela partiu para cima dele de novo sem parecer nem um pouco intimidada.

Ironicamente, ele percebeu que era ele quem estava encurralado contra a pia. Ameaçou lançar o vaso mais uma vez, conseguindo manter uma pequena distância entre ela e aquele arame enquanto

tentava desesperadamente descobrir o que fazer. O ataque não era exatamente seu estilo, mas parecia que ele não chegaria a lugar nenhum na defesa. Ele avançou ainda segurando o vaso, o que lhe deu um pouco de vantagem até que ela o derrubou de suas mãos. O vaso caiu no chão e partiu em pedaços. Ele deu um chute e conseguiu acertar a perna dela, mas, assim como havia acontecido com o vaso, ela só pareceu ficar ainda mais exasperada com isso.

No entanto, esses pequenos atrasos lhe permitiram um pouco de movimento e ele conseguiu alcançar a porta. Destrancá-la demorou tanto tempo que ela conseguiu segurar o braço dele e puxá-lo para trás. A outra mão dele estava segurando a maçaneta com firmeza e, por um momento, ele achou que seria rasgado em dois. Ele se soltou e conseguiu abrir a porta, batendo-a na cara dela enquanto saía. Isso a pegou de surpresa, tanto que não conseguiu segurar o ombro dele. Gritando por socorro, ele conseguiu entrar no corredor e enfrentou outra decisão.

À sua direita estava o caminho por que tinha vindo e, no final do corredor, sabia que haveria empregados trabalhando. À esquerda, muito mais perto, estava a porta de vidro que levava para o lado de fora. Ele não sabia para onde dava, mas sem dúvida daria para algum lugar com pessoas e segurança. Foi o caminho que ele escolheu.

Mas, quando chegou à porta, descobriu que ela estava trancada. Ele não conseguiu encontrar nenhuma maneira óbvia de abri-la e a demora custou caro. Dessa vez, Katrin conseguiu puxá-lo pelo braço e o afastou da porta. Ele sentiu uma dor surpreendente com o toque dela, como se várias lâminas estivessem arranhando sua pele. Rosnando, ela avançou contra ele com o arame, mas não era a arma ideal para um alvo em movimento. Quando ele desviou de novo, ela soltou o arame e tirou uma faca preta e reluzente de alguma parte misteriosa do seu vestido justo.

— Merda.

O longo corredor atrás dela mostrava o caminho para a liberdade, mas ele não conseguiu pensar em como passar por ela. O melhor que conseguiu fazer foi golpear e se esquivar de maneira desajeitada, o que a deixou mais lenta, mas, de maneira nenhuma, pareceu capaz de detê-la ou mesmo de cansá-la. A força dela

chegava a parecer igual a dele, o que também era frustrante. Em certo momento, eles se atracaram e caíram no chão, rolando de uma maneira que não era nem um pouco parecida com o que ele havia imaginado a princípio, quando descia a escada para o porão. A mão dela arranhou suas costas, causando mais uma dor daquelas. Se suas unhas eram tão afiadas, ele não conseguia imaginar o que o punhal seria capaz de fazer.

Por fim, ele deu um chute com força suficiente para conseguir sair rastejando até um armário de depósito ali perto. Ele bateu a porta na cara dela e a manteve fechada com o peso do corpo todo enquanto tateava em busca de um interruptor. Quando encontrou, mal pôde acreditar na maneira como o mundo havia aprontado com ele naquele dia. A porta de vidro, que ele queria abrir, tinha fechadura, enquanto essa, que ele precisava manter fechada, não tinha. Não havia nada que ele pudesse fazer senão mantê-la fechada com o peso do próprio corpo. No entanto, Katrin girou a maçaneta e empurrou com força a porta, fazendo-a abrir alguns centímetros antes de Justin conseguir jogar o peso de volta contra ela. Com uma mão, ele puxou o ego de maneira estabanada, mas não conseguiria mandar uma mensagem enquanto tentava segurar a porta.

Bom, e agora?, Horatio perguntou.

Justin estava prestes a dizer que estava aberto a sugestões quando percebeu que Horatio estava falando com Magnus. Em todo o tempo em que carregou os dois na cabeça, os corvos nunca haviam conversado um com o outro. Aumentava a insanidade surreal da situação toda.

Precisamos fazer alguma coisa, Magnus respondeu.

O quê, arrancar os olhos dela? Horatio parecia incrédulo. *Não podemos intervir diretamente. Tecnicamente não era nem para estarmos aqui até ele jurar fidelidade.*

Bom, isso nunca vai acontecer se ele morrer, vai? E só precisamos ajudar, não intervir.

Katrin se lançou contra a porta e deve ter tomado um impulso forte. A porta se abriu mais do que com os esforços anteriores dela, e Justin levou alguns segundos para revidar e encostá-la de novo.

Certo, Horatio disse, relutante. *O que você tem em mente?*

Você fica aqui foi a resposta misteriosa de Magnus.

Então, de repente, Justin sentiu uma dor lancinante, como se algo estivesse saindo violentamente de seu crânio.

30. Os devaneios de um homem louco

Tessa pode não ter entendido toda a situação em que Justin e Mae estavam envolvidos, mas sabia o bastante sobre genética e sobre a RANU para entender o que significava a revelação da mãe de Mae. Esse tipo de pesquisa nunca havia acontecido no Panamá, e a menina estava sinceramente surpresa com a calma com que Mae lidou com a questão. Mas talvez isso se devesse à mãe dela, que Tessa achou ainda mais amedrontadora que a sua.

Apesar de tudo, Tessa achara que seria melhor ficar fora para o caso de Mae precisar de um tempo sozinha. Afinal, ela não via nenhum problema em sair. Depois que se acostumou à estranheza de estar numa cidade em que todos se pareciam, sua curiosidade natural tomou conta. Ela ficou fascinada por esse grupo de pessoas que se agarrava à identidade com tanta força que estava disposto a correr o risco de sofrer as consequências do Mefistófeles e do Caim. Mesmo agora, depois de anos de progresso, eles ainda mantinham sua separação do resto do país ao mesmo tempo que eram fortemente leais.

A maioria das pessoas a tomou como uma plebeia gemana normal. Havia uma meia dúzia de plebeus nas ruas, considerando que o hotel em que estavam era o único que aceitava plebeus, e a maioria dos nórdicos os via com tranquilidade. Mae havia explicado que eles encontrariam mais preconceito nos extremos da cidade. Ali, ninguém prestou muita atenção a Tessa enquanto ela vagava pelas lojas que ainda estavam abertas. Ela até parou em um café e comprou um doce recheado de arando-vermelho. Ela nunca tinha ouvido falar de arando-vermelho, mas os nórdicos pareciam adorar essa fruta. Mastigando o doce, ela voltou depois para o parque em frente ao hotel para ouvir à banda. Um grupo de pessoas que estava conversando perto dela descreveu a música como “fusion folk synth nórdico”. Tessa não fazia a menor ideia do

que isso significava, mas achou que valeria a pena filmar todo o cenário para o seu documentário escolar, supondo que um dia tivesse permissão de voltar às aulas.

Ela estava tão concentrada em sua câmera que foi pega completamente de surpresa quando seguraram o braço dela. Com o susto, ela se virou de lado e encontrou um jovem nórdico parado a seu lado. Ele parecia ser um pouco mais velho, com o cabelo louro luminoso e um olhar frenético. Tessa ficou surpresa demais para agir imediatamente e desconfiou que houvesse encontrado um patrício *plebifóbico*.

— Você está com a ICS — ele disse.

Por essa ela não esperava.

— Eu... como assim? Não.

— Eu te vi em frente à delegacia de polícia — ele insistiu. — Sei que vocês estão aqui hoje para olhar a cena do crime do caso Arnarsson.

— Er, não. Esses eram os meus, hum, amigos. Eu só tenho dezesseis anos. Ainda estou na escola. — Ela se acalmou um pouco, repetindo a si mesma que estava em público. Ele não teria como fazer nada contra ela. No entanto, enquanto começava a processar o que ele havia dito, entendeu que ele deveria estar seguindo-os o dia todo.

— Você precisa vir comigo — disse, ainda segurando o braço dela. — Faz tempo que estou tentando fazer a ICS vir para cá! Eles nunca respondem às minhas ligações. Mas vocês não têm como adiar mais.

Ela engoliu em seco.

— Já falei que não estou com a ICS!

Ele se aproximou.

— Eu sei de coisas. Sei de coisas que podem ajudar a resolver o caso Arnarsson. Ela não foi o único homicídio.

Isso chamou a atenção de Tessa, embora não soubesse exatamente o que fazer com a informação. Investigações de homicídios estavam fora do alcance dela. Na verdade, ela tinha a impressão de que estavam fora do alcance de Justin também, mas que, por algum motivo, era nisso que ele estava envolvido.

— Não posso te ajudar — ela disse. — Mas consigo ligar para o

servidor de verdade que está aqui. Pode conversar com ele.

O menino hesitou, mas, então, devagar, fez que sim com a cabeça. Soltou o braço dela e ela tirou o ego do bolso para ligar para Justin. Ele não atendeu e a situação ficou ainda mais grave quando Mae também não atendeu. E pensar que eles haviam dito para ligar se houvesse algum problema.

— Posso pedir para eles retornarem para você — Tessa disse, em tom de desculpas. — Mas agora...

— Não! — ele exclamou. — Eles nunca vão retornar. Eu sei como é a burocracia. E eles nem mesmo acham que o outro caso é um homicídio de verdade.

Ela ficou tensa, subitamente preocupada que estivesse com alguém que não fosse completamente são.

— Hum, que "outro caso" é esse exatamente?

— O meu irmão. Eles mataram meu irmão. As mesmas pessoas que mataram Clara Arnarsson. Eu posso ajudar a ICS a pegar essas pessoas.

— Por que eles não acham que é um assassinato de verdade?

— Porque não tinha corpo. Eles acham que ele só está desaparecido — ele explicou. — Mas estou falando que foram eles! Ele foi assassinado pelos servos de uma deusa maligna da morte e da guerra. Venha falar com meu pai. Ele vai te contar.

Tessa não sabia o que fazer. A história parecia absurda, especialmente a parte da deusa maligna, mas, se havia alguma chance de que ele soubesse algo sobre o caso de Justin, aquilo seria de um valor inestimável. Justin não havia dito isso diretamente, mas ela havia começado a perceber sinais de tensão que a fizeram pensar que a estadia dele na RANU poderia muito bem depender desse caso. Ela voltou a tentar falar para o menino nórdico esperar, mas ele estava obstinado.

— Não. Agora. Olhe, não vou te levar para nenhum beco escuro, nem nada. Meu pai está numa casa de repouso que não é muito longe daqui. Totalmente público.

— Por que ele está numa casa de repouso? — ela perguntou.

— Porque acham que ele enlouqueceu.

Essa parte não foi exatamente tranquilizadora para Tessa. Mas, enquanto o examinava, ela começou a sentir pena do menino. O

rosto dele parecia tão sincero e seus olhos tão suplicantes... o que quer que estivesse acontecendo era real para ele. Ele também era bonito e, embora isso não devesse afetar nada, a deixou mais favorável com relação a ele.

— Vamos ficar a céu aberto para chegar lá?

Ele ergueu a mão.

— Prometo. É uma caminhada de quinze minutos daqui; todas as ruas são movimentadas.

Ela hesitou mais alguns segundos antes de finalmente concordar. O menino, que se apresentou como Darius, sorriu e chegou a segurar a mão dela para levá-la do parque. Ele foi fiel à sua palavra. O caminho era seguro e a casa de repouso ficava perto. Ao longo do caminho, Darius pareceu decidir que Tessa era sua nova melhor amiga e desatou a contar a história do irmão.

— Ilias era mais velho que eu — ele começou. — Quase dez anos mais velho. Nossos pais não eram muito férteis e demorou muito tempo para conseguirem me ter. Nós não crescemos brincando juntos por causa da diferença de idade, mas ele sempre cuidou de mim e ajudou a me ensinar as coisas. Ele era demais. Extrovertido, bonito. Todo mundo o amava. — O rosto de Darius entristeceu por um momento, mas então ele continuou a falar apressadamente. — No ano passado, começou a aparecer um cara para ver Ilias e meus pais. Eu não sei quem ele era ou o que disse, mas cada um tinha uma reação diferente. Ilias sempre tratava o cara como uma brincadeira. Era o jeito dele. Ele via graça em tudo. Falava do cara como se fosse doido. Mas nossos pais... eram diferentes. Eles ficavam tristes sempre que ele nos visitava. Não tristes... com medo. Depois de um tempo, eles estavam sempre no limite. Dava para ver na cara deles. E, num certo dia... minha mãe não aguentou mais. Ela se matou. Cortou os pulsos na banheira.

Tessa teve um sobressalto.

— Meu Deus. Sinto muito. — A conversa terminou ali.

O lugar onde o pai de Darius morava se esforçava muito para fingir ser outra coisa. Sua fachada era quase tão grandiosa quanto a da mansão Koskinen, embora fosse mais bem conservada e até seu nome soasse com o que se encontraria numa propriedade rural: Bosque das Rosas. O relógio no saguão disse que eram quase onze,

o que fez Tessa pensar que talvez o pai dele pudesse já estar dormindo.

— Ele não dorme muito — Darius explicou. Ele a guiou pelas escadas até um quarto no terceiro andar. Uma plaqueta do lado de fora assinalava: OLAF SANDBERG.

Olaf tinha a aparência de alguém que envelhecera antes do tempo. Ele estava sentado à mesa no quarto, falando sozinho enquanto montava um quebra-cabeça numa tela.

— Linha vermelha encaixa com a vermelha... começa pelo canto, depois encontra os outros... não dá para encaixar azul com amarelo...

Darius se sentou numa cadeira do lado oposto da mesa.

— Pai — ele disse, baixinho. — Estou com uma pessoa que quer conversar com o senhor.

— Que bom. Que bom. — Os olhos de Olaf não saíram da tela em momento algum.

— Ela quer conversar sobre a mamãe e Ilias.

As mãos de Olaf titubearam e uma dor trespassou seu rosto.

— Já passou, já passou.

Por impulso, Tessa colocou a câmera em cima de uma mesinha ao lado. Não era o ideal, mas ela achou que poderia ser útil gravar a cena para Justin. Em seguida, se sentou numa cadeira vazia entre os dois, um tanto desconsolada pelo estado de Olaf. Ela não sabia interrogar, tampouco sabia exatamente por que estava ali. Ela deixou Darius começar e viu uma mudança extraordinária nele. O desespero frenético desapareceu, sendo substituído por uma calma e um amor pelo pai que era de partir o coração.

— Pai, ela quer saber sobre a deusa de quem você vive me falando. Aquela com quem você fez o acordo.

— Já passou — Olaf repetiu, com a voz trêmula.

— Foi ela quem matou a minha mãe?

— Não. — O velhinho levantou a cabeça subitamente e lançou um olhar fixo para eles. — Ninguém matou sua mãe. Ela mesma se entregou. Entendeu? Ninguém matou sua mãe. Ela era forte.

Tessa não tinha tanta certeza disso já que ela havia se matado. A expressão resignada de Darius dizia que ele já havia ouvido tudo aquilo várias vezes e estava simplesmente tentando arrancar a

história do pai para que Tessa ouvisse.

— Ela se entregou em nome de Ilias — Darius disse, esperando confirmação.

— Ela queria uma vida. Deveria ter bastado.

Tessa não queria ter se envolvido, mas, apesar disso, estava se esforçando para entender.

— A sua mulher queria uma vida?

— Não! Claro que não. — Olaf parou para deslizar mais algumas peças do quebra-cabeça. — *Ela* queria. A sombria.

— A deusa? — Tessa perguntou.

— Ela queria uma vida. Aquele homem disse que tinha que ser a do Ilias, que esse era o pagamento dela. Mas por que importaria? — Ele levantou os olhos desesperados para ela. — Por que importaria? Nenhuma vida basta? Nós saldamos a dívida.

Tessa sentiu como se ela também estivesse juntando peças num quebra-cabeça, tentando encontrar um sentido naquelas informações dispersas.

— Saldaram que dívida?

— Ilias.

— Porque foi ela quem deu Ilias para vocês — Darius disse, estimulando-o a continuar.

Olaf deixou a mão cair e a espalmou sobre a tela.

— Mas ele nunca foi nosso. Eles têm uma fortuna. Eles tiraram a vida daquele pobre menino plebeu para fazer Ilias. Não foi o bastante. Eles queriam que Ilias servisse, mas, se não servisse, eles o pegariam de volta. — Ele respirou fundo. — Devia ter me matado também, junto com Siiri. Talvez estivéssemos devendo outra vida. Uma pelo menino plebeu e outra pelo Ilias. Se nós dois tivéssemos nos entregado, ela poderia ter deixado nosso menino em paz.

Havia mais coisas ali do que Tessa conseguia entender. Subitamente, uma memória coçou seu cérebro: Justin, pensando com ela no escritório. *Um bando de plebeus morre no mesmo ano em que alguns patrícios perfeitinhos são concebidos. É coincidência?*

— Qual era a pontuação de Ilias? — ela perguntou.

— Ele era um nove — Darius respondeu.

— Custou uma fortuna — Olaf lamentou. — E era muito mais

do que dinheiro. Muito mais. Eles queriam que ele a servisse.

Tessa tentou pensar como um servidor pensaria.

— Você quer dizer entrar para a seita?

— Ilias não levou o homem a sério. Deveria ter levado? Não sei. — Olaf olhou fixamente para o nada. — Talvez ele tenha feito a coisa certa. Ela não merecia alguém como ele. Ela era má e cruel. Nós dissemos que deixaríamos que ensinassem Ilias, mas não deixamos. Não deveríamos ter prometido o nosso filho a ela, mas não sabíamos o que iria acontecer. Não percebemos o que aconteceria com o menino.

Era difícil saber de quem ele estava falando.

— O menino plebeu? — Tessa perguntou, tentando esclarecer.

— Ele era inocente, mas nós não ligamos. O que era um plebeu para nós? Mas agora vejo sangue em minhas mãos. — Ele virou as mãos e as ficou examinando. — Nós dois fizemos aquilo. Mas Siiri se libertou. Não foi o bastante para salvar Ilias.

Tessa começou a costurar a narrativa, junto com todas as coisas que vinha ouvindo quando Justin e Mae soltavam ao acaso.

— Então... essa deusa e o povo dela... vocês fizeram um trato para conceber Ilias por manipulação genética...

— Não. Manipulação mágica — Olaf corrigiu. — Ela não precisa de laboratório.

— Hum, certo. Então, eles pegaram o dinheiro e um sacrifício de plebeu... — Tessa fez uma pausa nessa parte, surpresa pelo horror da história toda. — E eles também queriam que vocês criassem o menino a serviço dela. Mas não fizeram isso, então eles voltaram e... levaram seu filho.

Tessa sentiu tanta pena do velhinho e de seu filho que não conseguiu dizer a palavra “mataram”. Também decidiu não voltar a falar mais sobre Siiri Sandberg. Por algum motivo, Siiri sabia que essa seita estava atrás de Ilias e havia se matado na esperança de que pudesse pagar o preço do filho. Aparentemente, os seguidores da deusa haviam exigido genes de alta qualidade.

— Qual era o nome dela? — Tessa perguntou. — Dessa deusa?

— Morte e trevas e guerra — Olaf murmurou.

Darius meneou a cabeça.

— Ele nunca me falou o nome em nenhuma das vezes em que

me contou a história. Ou ele não sabe ou não diz.

— E o homem que visitava vocês? — Tessa perguntou. — Era ele quem ficava dizendo que pegariam Ilias de volta?

Os olhos de Olaf começaram a lacrimejar.

— Ele nos avisou. Ele tentou convencer Ilias a entrar para a seita, mas ele não quis. Ele era um bom menino.

— O homem que ameaçou Ilias tinha um nome? Você sabe alguma coisa sobre ele?

Como o pai não disse nada, Darius respondeu:

— Nenhum nome, mas ele era um de nós. Louro. Pouco Caim. — Ele franziu a testa. — Não, não tinha nenhum Caim, na verdade. Era como Ilias.

Quando ficou claro que Olaf não iria dizer mais nada, Darius fez menção de sair. Com cuidado, ajudou o pai a se deitar e o velhinho caiu no sono quase imediatamente.

— Você pode ajudar a gente? — Darius perguntou quando ele e Tessa saíram. — Pode encontrar essas pessoas?

— Eu falei para você... não faço parte disso. — Ela guardou a câmera na mochila. — Mas vou contar para as pessoas com quem estou que...

Seu ego tocou com uma ligação e ela viu o nome de Mae. Tessa atendeu.

— Está tudo bem? — Mae perguntou imediatamente, com a voz firme e tensa.

— Hum, sim — Tessa disse. — As coisas só estão um pouco estranhas. Onde vocês estão?

— Estou no bar do terraço do hotel. — Houve uma longa pausa. — Não sei onde Justin está.

— Certo. Te encontro aí. A gente precisa... conversar.

Tessa desligou e se virou para Darius.

— Vou ver a minha amiga agora, mas é o outro amigo que realmente vai conseguir alguma coisa. — Se é que havia alguma coisa a fazer. Tudo que Tessa sabia era que tinha ouvido os devaneios de um homem louco.

Darius fez que sim com a cabeça, ansioso, e a surpreendeu envolvendo a mão dela com as suas.

— Você vai me ligar quando descobrir? Por favor? Preciso fazer

justiça pelo Ilias.

— Claro — ela disse. Eles sincronizaram os egos para trocar as informações de contato e ela ficou se perguntando se receberia ligações de hora em hora.

Depois de vários agradecimentos efusivos, Darius seguiu seu caminho e Tessa voltou para o hotel. Já havia passado da meia-noite e ela estava exausta; mesmo assim, subiu até o bar do terraço. O lugar estava cheio de pessoas socializando naquela noite e o terraço tinha uma linda vista para o parque. Pela maneira como as pessoas estavam começando a se dispersar, a banda devia ter acabado o show. Ela encontrou Mae sentada sozinha, olhando fixamente para o nada. Havia uma rara expressão em seu rosto, triste e conturbada, que desapareceu assim que viu Tessa.

— Oi. — Tessa se sentou diante dela.

— Ei. — Mae estava com um *mojito* intocado diante dela. — O que está acontecendo de estranho?

— Pode não ser nada... mas acabei de ser abordada por um menino que acha que tem informações sobre o homicídio que vocês estão investigando.

Mae se aprumou.

— Abordada?

— Eu estou bem — Tessa disse rapidamente. — E foi mais um pedido, acho. Um pedido bem enfático. Mas eu estava com câmera e... ahh!

Ela gritou quando um enorme pássaro preto voou baixo sobre o terraço, pousando logo na mesa delas. Tessa se levantou em pânico, escondendo-se atrás de uma cadeira ao lado dela. Mae continuou onde estava, mas seus olhos estavam arregalados. O pássaro deu alguns passos pela mesa e então parou, olhando fixamente para Mae. O mais estranho era que Mae pareceu completamente paralisada. Sem piscar, ela olhou nos olhos do pássaro e pareceu estar segurando a respiração. Então, sem aviso, o pássaro grasnou e levantou voo com suas asas fortes. Ele voou pelo terraço mais uma vez, assustando os outros fregueses e, então, parou no parapeito de uma escada de emergência. Ele voltou a olhar rapidamente para Mae e, depois disso, voou para baixo.

Por alguns segundos, Mae ficou olhando na direção em que ele

havia ido e, então, sem dizer uma palavra, saiu correndo atrás dele escada abaixo.

31. Valquíria vingadora

Mae sabia muito bem a loucura que era aquilo. E, enquanto descia correndo três degraus por vez, ficou se perguntando se logo se sentiria idiota por aquilo tudo. Mas, naquele momento, quando o pássaro — ou melhor, o corvo — a encarou fixamente, ela sentiu o tempo parar. O mundo havia congelado e não havia mais nada além daqueles olhos negros e redondos como contas. Então, o que era mais inacreditável, foi que ela poderia jurar ter ouvido uma voz dentro de sua cabeça quando o pássaro grasnou: *Venha*. Uma sensação avassaladora de urgência havia tomado conta dela e, sem hesitar, havia seguido o corvo.

Ele estava esperando por ela no fim da escada. Quando ela chegou ao chão, ele voou na direção de um pequeno prédio ao lado do hotel, pairou por alguns segundos e, então, voou para o céu negro. Mae olhou para onde ele havia parado. Alguns degraus levavam a uma porta de vidro iluminada no andar de baixo do prédio. Mae conseguia ouvir pancadas e ver alguma movimentação atrás dela. Correu até os degraus e encontrou a visão inesperada de uma nórdica em um vestido cor de cobre lançando-se contra uma porta de madeira. Perplexa, Mae tentou abrir a porta de vidro e viu que ela estava trancada. A mulher olhou de relance para Mae, enchendo-se de surpresa.

Era tudo de que Mae precisava. Entrando no modo de combate, ela afugentou todos os pensamentos sobre seu guia alado misterioso. Com pouca dificuldade, pegou um vaso pesado de pedra e o atirou contra a porta. O vidro se despedaçou e, sem hesitar, ela entrou pela abertura rachada que havia criado, sem medo de se cortar. A mulher recuou e atirou uma faca preta contra Mae, que se esquivou, mas, nesses segundos em que a faca voava, ela viu uma chama negra espantosa rodeando a lâmina, que caiu no chão fumegando.

Mae não ficou nem um pouco mais lenta com isso, o que deixou a mulher surpresa. Ela pareceu realmente assustada e foi então que a parte verdadeiramente inacreditável aconteceu.

Ela se transformou num jaguar.

Pelo menos, foi o que Mae pensou que era. Ela não era uma especialista em grandes felinos ou vida animal em geral, mas, quando não se dorme à noite, acabava-se vendo muitos programas de TV esdrúxulos, incluindo documentários sobre natureza. Ela não teve tempo de ponderar como havia se deparado com aquela insanidade porque seus reflexos se aceleraram quando o jaguar pulou em cima dela. Mae era forte, mas não conseguiu resistir contra tamanho peso e impacto. O jaguar a atirou no chão, batendo a cabeça dela contra o piso. Mae conseguiu ignorar a dor. Mas, infelizmente, não conseguiu se livrar do bicho enquanto aquelas patas pesadas e cheias de garras a prendiam no chão com firmeza e se afundavam na carne dela. Ele rosnava, revelando uma boca cheia de dentes afiados preparando-se para a morte dela.

Subitamente, aquela escuridão fria que normalmente era tão indesejável surgiu no corpo de Mae. Ela se sentiu inundada de força e poder, e conseguiu dar um pulo, empurrando a fera para longe. Ele fez menção de investir contra ela, mas então hesitou. Mae também vacilou. A ânsia de batalha que irradiava dentro dela parecia ter chegado a um limite que ela não conseguiu ultrapassar. O jaguar também pareceu imobilizado. Alguns segundos depois, Mae se recuperou. O mundo voltou ao normal e o jaguar desceu o corredor, perseguido por Mae. Enquanto corria atrás dele, ela viu Justin olhando por detrás de uma porta misteriosa, com a mão na cabeça e o rosto carregado de surpresa.

Nem mesmo uma pretoriana conseguiria acompanhar o ritmo de um jaguar, mas, quando ele chegou perto do fim do corredor, voltou a se transformar em uma mulher. Mae sacou a pistola e disparou, mas errou o alvo quando a mulher virou na direção de um lance de escadas. Ela não ficou preocupada. Tinha absoluta certeza de que conseguiria diminuir a distância, agora que não estava mais perseguindo uma fera das selvas. Era só uma questão de tempo.

Elas chegaram ao andar do cassino e a mulher o atravessou

correndo, ignorando as pessoas ao redor. Algumas eram empurradas da frente do caminho. Outras, chegava a derrubar. Mae entreviu uma brecha e disparou. A bala passou de raspão no ombro da mulher, fazendo com que ela cambaleasse por alguns segundos antes de retomar a corrida frenética. Disparos em ambientes tão lotados nunca acabavam bem, e gritos de pânico encheram o lugar enquanto as pessoas que estavam por perto se atiravam no chão ou pisoteavam umas às outras. Mae ignorou tudo aquilo. Todo o seu mundo estava focado unicamente na mulher, que havia alcançado a porta.

Quando Mae saiu, viu que ela estava abrindo caminho aos empurrões entre os pedestres na calçada. A multidão no parque havia diminuído consideravelmente, mas ainda havia grupos de pessoas suficientes para a mulher desaparecer em meio a eles.

— *Jumalauta* — Mae xingou em finlandês, sabendo que precisava de uma nova tática. Seu corpo se encheu de adrenalina, com uma força da qual ela nunca sentia falta em dias normais, até estar de volta no auge dela. Também estimulava sua mente, o que lhe permitiu fazer um plano claro e rápido.

Ela chegou à entrada do parque e subiu numa mesa, ignorando tanto a comida como os ocupantes pegos de surpresa. Daquela altura, era fácil avistar a presa. A mulher estava andando em meio à multidão como Mae havia feito, abrindo um caminho visível. Mae pulou e correu na direção em que tinha visto a mulher correr, continuando a pular em cima das mesas enquanto continuava a caçada. A multidão deixava as duas mais lentas agora, mas Mae era mais rápida e se aproximava cada vez mais. Em determinado momento, em cima de outra mesa, ela viu sua caça começar a seguir em direção ao palco improvisado. Mae pulou no chão em um segundo, disparando em direção ao centro do palco, com o coração acelerado e os músculos respondendo sem demora.

A mulher chegou ao palco antes, para a surpresa da banda, que vacilou e então parou de tocar completamente. Ela agarrou o vocalista e o segurou diante dela, com outra adaga preta reluzente apontada para a garganta dele. Mae parou abruptamente, com a respiração ofegante enquanto analisava essa nova virada nos acontecimentos. A força sombria que a impelia a seguir adiante

desapareceu, dando-lhe controle absoluto dos pensamentos e ações. A multidão ficou assustada e gritou diante da cena no palco, mas poucos saíram dali. Aquilo era entretenimento de primeira qualidade.

— Para trás! — a mulher berrou, recuando com o refém. Ele cobria a maior parte de seu corpo, criando um escudo eficiente. — Vou cortar a garganta dele.

Disparar contra um alvo em movimento frenético era difícil. Contra um lento, mesmo havendo pouco espaço para atingir, não era nem um pouco difícil para alguém como Mae. Em uma fração de segundo, ela ergueu a arma e atirou na cabeça da mulher.

Isso, sim, causou uma comoção, parecida com a do cassino. A presença de armas em ruas gemanas já era rara; disparos em espaços públicos eram ainda mais. Perto dela, um rapaz boquiaberto estava tentando filmar a cena com seu ego. Mae fixou o olhar duro contra ele.

— Chame a polícia.

As coisas seguiram rápidas depois disso. Johansson, a tenente com quem haviam conversado antes, estava entre os policiais que atenderam ao chamado e não ficou nem um pouco empolgada com o tumulto espetacular. Havia pouco que ela pudesse fazer contra uma pretoriana, ainda mais em uma situação com refém.

Agora que estava em segurança novamente, a multidão estava disputando para conseguir dar uma olhada na sequência dos acontecimentos. Mae tentou ignorar a multidão e os flashes dos egos.

— Estou muito curiosa para saber o que você vai descobrir quando checar o chip dela.

Johansson vinha estudando o ambiente com os olhos estreitados, mas, surpresa, se virou subitamente para Mae.

— Você acha que ela era nórdica?

— Claro que era. O que mais seria?

— Não leva para o lado pessoal, pretoriana, mas você está fora da capitania faz muito tempo. — Um sorriso se abriu em seu rosto duro. — Ela não era nórdica. Dá para ver isso mesmo com o que você fez no rosto dela.

Johansson visivelmente não a queria por perto enquanto lidava

com as burocracias, e Mae voltou para o cassino, perguntando-se se a tenente estava certa. Longe do calor da batalha, Mae conseguia pensar com mais clareza. O implante já havia metabolizado a maior parte das substâncias que ele criou e o tremor usual tinha quase desaparecido.

Ela deu a volta pelo cassino, entrou pelo porão e, em seguida, voltou para o saguão, a tempo de encontrar Justin terminando seu depoimento. Sem ser vista, o observou por longos momentos, desejando ser capaz de esquecer a dor da rejeição dele. Era um sentimento estúpido e juvenil, considerando que havia acabado de atirar na cabeça de uma pessoa.

— Obrigado, dr. March — o policial disse, colocando o ego no bolso. — Vamos arquivar seu depoimento junto com o relatório oficial e depois... — Olhou nervosamente para Mae quando ela se aproximou. — É preciso mandar para o regimento da senhora também?

— Sim — Justin respondeu por ela. — E para a ICS também.

Quando o policial foi embora, Mae se sentou, encarando, sem vacilar, os olhares dos curiosos. Havia se espalhado a notícia de que ela era pretoriana, e todos desviaram o olhar quando perceberam que haviam chamado a atenção dela.

— Minha valquíria vingadora — Justin disse, a título de cumprimento.

Ela não gostou nem um pouco da intimidade desse tratamento carinhoso, considerando o que havia acontecido entre eles.

— Eu ouvi o que você falou no depoimento. Que a mulher te atacou quando você foi usar o banheiro do andar de baixo.

— Isso mesmo.

— Então por que a calcinha dela estava no banheiro feminino?

Justin levou alguns segundos para responder.

— Como eu vou saber? Eu não estava lá. E como você sabe que era dela?

— Se você estava procurando uma mulher nova, acho que encontrou essa. Sorte sua que escondi a evidência para você — ela disse, tentando não fazer uma careta. — Eu joguei fora. — Era destruição de evidências, sim, mas já haveria burburinho demais sobre um disparo em público. Mae não queria incluir uma sórdida

história sexual no caso, mesmo que aquilo não tivesse nada a ver com ela.

— Bom, obrigado — ele disse. — Eu acho.

As palavras seguintes dela foram ditas muito baixo.

— Justin... não é com essa evidência que eu estou preocupada. Acho que você não mencionou o jaguar no depoimento?

— Que jaguar? — ele perguntou, inocente.

— Ah, nem vem — ela murmurou, furiosa. — Eu sei que você viu! *Ela se transformou num jaguar, porra*.

— Claro que eu vi. Mas eu sou um fanático iludido, lembra?

Mae desviou o olhar.

— Não tinha como ser de verdade.

— Mae — ele disse, paciente. — Se você tem outra explicação, eu estou a todo ouvidos. Acredite em mim, facilitaria muito minha vida.

Ela não tinha nenhuma e sabia que ele sabia disso.

— Deuses não existem. Não têm como existir. É tudo faz de conta. — Mas a voz dela vacilou enquanto falava. Ela tinha visto o que tinha visto. Era vida real, e não um filme. E, por mais que acreditasse nas maravilhas que a tecnologia era capaz de criar, mesmo ela sabia que a transformação estava além das invenções humanas. Ela também não havia esquecido a sensação de um poder sombrio girando dentro dela, e a hesitação diante da mulher-jaguar.

— Deuses estão seguindo a gente — ele disse. — Deuses que podem ser responsáveis por homicídios e trabalhos genéticos. Deuses que colocaram corvos na minha cabeça.

— Ah, é. Eu vi um.

Ele virou para ela, surpreso.

— Um deus?

— Não... um dos seus corvos, eu acho. Ele voou até lá em cima e, de algum jeito, me mostrou o caminho para te encontrar.

O queixo dele quase caiu.

— Você viu Magnus?

— Não sei qual era.

— Ele saiu de mim por um tempo. É por isso que minha cabeça está doendo tanto. — Na verdade, Justin parecia extasiado. —

Ninguém nunca viu Magnus. Ou Horatio. Você sabe como é essa sensação? Finalmente não ser o único a ver os corvos?

— Mas você disse que acreditava neles.

— Sim. Na maior parte do tempo. Mas, mesmo assim, é um alívio.

— Não sei como lidar com o que está acontecendo — ela disse, sinceramente. — Isso. O que a minha mãe contou. Num único dia, tudo o que eu acreditava com relação à minha vida virou de ponta-cabeça. Eu meio que queria estar maluca.

— Sim, meio que eu vivo querendo isso também.

— Como você lida com isso?

— Uma coisa de cada vez.

— Você me contou do seu sonho... mas o que você realmente sabe sobre isso tudo? O quadro geral?

Ele meneou a cabeça.

— Eu estou tentando entender isso faz quase cinco anos. Segurar a barra. Levar uma vida normal. Aprender o máximo possível. Infelizmente, não tem nenhuma autoridade de verdade para consultar a respeito disso. Callista me ajudou um pouco, mas eu ainda tenho muitas perguntas.

Um pouco mais calma, Mae conseguiu se concentrar mais nele e viu seu ombro, onde havia grandes linhas ensanguentadas rasgando a camisa.

— Ela... ela arranhou você com, hum, as garras dela.

— Tem nas minhas costas também — ele disse, retraindo-se de dor. — E ela fez isso antes de se transformar.

— Você deveria ver um médico.

Ele riu.

— De jeito nenhum. Fico feliz que eu e você tivemos essa revelação, mas de jeito nenhum que eu vou falar com um profissional. Não é tão profundo. Você pode fazer um curativo lá no meu quarto. — A menção ao quarto dele trouxe de volta as memórias de seu breve momento de paixão. — Mae... — ele começou.

Ela não quis dar ouvidos ao que ele estava prestes a dizer, e mudou de assunto rapidamente.

— Aquela... coisa que me possui teve uma reação estranha com o

jaguar. Quase como se eles não quisessem lutar um com o outro.

Justin soube que era melhor seguir a orientação dela, por mais que parecesse relutante.

— Deuses competindo, talvez. Quero saber o que a polícia vai descobrir sobre ela.

— É óbvio, não? O grupo por trás dos homicídios.

— Sei não... jaguares e obsidiana. Não é o estilo deles. Por que ela não usou a adaga de prata com você?

— Talvez eles guardem para ocasiões especiais.

Ele lançou um olhar longo e inabalável na direção dela.

— Você vê agora que tudo isso está relacionado? Você, as vítimas, a sua deusa. Têm alguma ligação, independente dos resultados dos testes do Leo.

Mae pensou em protestar, mas viu Tessa se aproximando. A menina ouviu as últimas frases.

— Vocês estão falando sobre deusas?

— Assunto da ICS — Justin respondeu rapidamente.

Tessa pareceu cética, mas deixou o assunto de lado, tomada de preocupação.

— Vocês estão bem? Lá do terraço eu vi o que aconteceu... no parque... — Ela estava parecendo mais surpresa que horrorizada, talvez pelos tiroteios serem comuns no Panamá. — Ouvi um policial falando que aquela mulher atacou Justin.

— Meio que sim — Mae disse. — É uma longa história. — De repente, ela lembrou o começo da conversa anterior com Tessa. — O que aconteceu com você? Quando foi abordada?

Justin levantou a cabeça subitamente.

— Abordada?

— Não exatamente — Tessa respondeu. Ninguém estava perto, mesmo assim ela olhou ao redor, inquieta. — Acho melhor a gente subir. Tenho uma coisa meio importante para mostrar a vocês.

32. Mal desesperado, remédio heroico

"Uma coisa importante" era meio que um eufemismo.

Justin nunca teria acreditado que o passado genético de Mae e a luta dela com uma mulher transmorfa poderiam ser superados. Pelo jeito, esse era um dos raros momentos em que ele estava errado. Igualmente incrível era ouvir Tessa reunir fatos na entrevista com o velhote. Justin sabia que ela era inteligente, mas até mesmo ele ficou impressionado com a capacidade da menina de fazer as perguntas certas. Ela não fazia ideia de como tudo aquilo se juntava, mas seu instinto lhe dizia para continuar reunindo informações.

No entanto, mesmo os prodígios precisavam dormir e, no meio da terceira exibição do vídeo, ele viu que Tessa estava exausta. Ele a mandou para a cama, enquanto ele e Mae faziam uma reunião de emergência em seu quarto, onde os dois evitaram ao máximo se sentar na cama. O Exerzol havia dado um novo fôlego a Justin, embora ele estivesse tão eletrizado com a enchente de informações daquela noite que não conseguiria dormir mesmo. Mae, embora não estivesse tecnicamente cansada, estava com a aparência esgotada, a expressão de uma pessoa mentalmente exausta.

Justin ficou andando de um lado para o outro pelo quarto.

— É isso, Mae. Sempre tem um padrão, e estamos quase descobrindo qual é.

— Eu acho que a gente meio que só tem uma bagunça.

— Também. Mas olhe. Existem patrícios geneticamente superiores sendo criados, magicamente ou não, com o auxílio de um grupo religioso. Esse grupo sacrifica um plebeu para fazer isso e cobra um preço alto, além da devoção do bebê projetado. — Ele se lembrou da conversa com Callista e de que ela havia considerado que um deus poderia gostar de ter seguidores "perfeitos", embora não tivesse entendido por que esse deus

sacrificaria suas próprias criações. Agora ele entendeu. — Mas, se eles não forem leais, também são sacrificados e "devolvidos" à deusa. Ilias Sandberg se recusou abertamente. Nenhuma das outras vítimas mencionou ter sido abordada, mas todos eram antirreligiosos, o que sugeria que não entrariam nessa de deusa da morte ou da guerra, por isso precisavam dar um jeito neles.

— O vídeo é real então — ela disse. Ele podia ver que ela precisou se esforçar muito para admitir esse fato. — Estamos diante de um assassino sobrenatural.

— Parece que sim. Mae... — Por alguns segundos, ele não conseguiu continuar. Examinando todos aqueles traços lindos do rosto dela, ele desejou desesperadamente não ter que falar desse assunto, que só agravaria a relação conturbada deles. Mas muitas coisas estavam em jogo ali. — Por favor, me ouça até eu terminar o que vou dizer.

A expressão ressabiada no rosto dela dizia que ela sabia o que estava por vir.

— Certo.

— Agora você sabe que também foi projetada. Você tem a idade e a pontuação certas. Tem essa deusa "sombria" te seguindo e te possuindo, uma deusa que normalmente aparece quando você está lutando. Não estou dizendo exatamente que essa é uma relação direta à guerra e morte, mas é bem próxima. Você não tem como negar.

Para seu alívio, ela não desatou a gritar. Mas apenas se agarrou a seu fiapo de esperança.

— Meu DNA não bateu com o dos outros.

— Eu sei, mas você sabe alguma outra coisa sobre essa deusa que te possui? Os corvos só têm impressões dela. Eles não são oniscientes, por mais que façam pose. Você é a conexão mais direta que temos. Por favor. Existe algum outro atributo em que você consiga pensar que nos ajude a encontrar essas pessoas antes do próximo homicídio?

Parte dele queria voltar e interrogar Astrid Koskinen. Ela *tinha* que saber mais sobre essa seita do que havia revelado. Por outro lado... ela tinha sido muito convincente quando negou qualquer conhecimento.

Ela pode simplesmente ser melhor que você, Horatio disse.

Eu sei. Seria fácil levá-la a tribunal, mas isso revelaria coisas demais sobre Mae, sem mencionar que implicaria a mãe dela em atividades ilegais.

Elas não parecem se dar muito bem, o corvo lembrou.

Era verdade, mas, se houvesse alguma outra maneira de ele descobrir o que precisava saber, ele deveria tentar essa antes, se houvesse tempo. Justin pôde ver que havia um violento conflito sendo travado dentro de Mae. Ela devia estar começando a aceitar que havia coincidências demais em sua vida, mas entrar nessa história deveria ser um choque grande demais para o seu universo. Ela engoliu em seco.

— Pode ser. Tem esse homem que...

O ego de Justin tocou. Irritado com a interrupção, fez menção de silenciar a ligação, mas parou quando a tela mostrou um número bloqueado do México.

— Mandar ligação para a tela — ele disse. Ele atendeu, e encontrou Callista Xie olhando para ele e Mae.

— Onde — ela perguntou — você conseguiu aquilo?

— Conseguiu o quê? — Mae perguntou. A visão de Callista fez seu mal-estar sumir e ela reassumiu a postura rígida de pretoriana.

Justin já sabia a que Callista estava se referindo. Antes de sua visita infeliz ao cassino, ele havia mandado a foto do colar de Mae para as autoridades de cada casta. Por impulso, também enviara uma cópia a Callista.

— Alguns dos meus castais geneticamente perfeitos tinham — ele disse, deixando o nome de Mae fora disso por enquanto. — Significa alguma coisa para você?

— É o símbolo dos servos de Morrígan.

Imediatamente, Justin vasculhou seus arquivos mentais sobre deuses e mitologia.

— Celta — ele disse. Sentiu um frio na barriga. — Ela luta junto com os guerreiros em batalha e aparece para as pessoas antes da morte.

Mae olhou incrédula para ele.

— Você sabia que existia uma deusa assim e não ligou uma coisa com a outra?

— Isso se aplica a centenas de deuses no mundo — ele

argumentou. — Eu não sabia qual era. Morte e batalha são temas universais na história da humanidade. — Ele se voltou para o rosto furioso de Callista. — Ela também está ligada a outras coisas.

— Prata e luar? — Mae sugeriu, contrafeita. — E gralhas?

— Sim — ele admitiu. — E vacas também, por mais estranho que pareça. Algumas pessoas especulam que ela era uma deusa tripla e possuía outros atributos em cada aspecto diferente.

— Não segundo as crenças atuais — Callista disse. — Eles se concentravam... se concentram nas partes mais sombrias. Preferem o poder à iluminação.

— Como você sabe disso? — Mae perguntou, desconfiada.

— Porque a Amaranta é uma deusa guerreira e é da minha conta conhecer as deusas rivais.

— Pensei que a Amaranta fosse uma deusa da magia.

— Também. — Impaciente, Callista cravou os olhos duros em Justin. — Você precisa deter a Morrígan. Os fiéis dela vão voltar a matar.

— Eu sei que vão! O que você acha que eu estou tentando fazer aqui? — ele perguntou. — Se sabe tanto, onde eles ficam?

Callista pareceu inocente.

— Sei lá. Deve ser numa capitania celta.

— Bela ajuda — ele ironizou.

Uma das coisas que faziam os plebeus ridicularizarem os patrícios era que, muitas vezes, era difícil definir um perfil genético para determinado grupo étnico. Em alguns casos, os genes eram irrevogáveis. Em outros, as castas se definiam por fenótipos, o que poderia dificultar as coisas quando uma nacionalidade podia ter muitas características diferentes. As castas celtas estavam sempre disputando com relação a suas verdadeiras aparências ancestrais. Alguns argumentavam a favor da presença de cabelo e pele clara, enquanto outros insistiam que o povo celta havia migrado para a Ibéria e tinha a aparência mais morena. As castas irlandesas que competiam entre si, os erinianos e os hibérnicos, eram particularmente problemáticas. Muitas vezes, os traços que uma casta selecionava pareciam arbitrários. A casta galesa tinha dividido as diferenças em traços reconhecidamente celtas, e a maioria dos cidadãos tinha pele clara, cabelo preto e olhos azul-

escuros ou castanhos. Também havia duas castas “meta” célticas, que acolhiam inúmeras nacionalidades, assim como os nórdicos aceitavam todas as regiões escandinavas e finlandesas.

O resultado era que havia inúmeras capitanias celtas em que essa seita poderia estar se escondendo. Depois de pegar o ego, Justin lhe disse para buscar os registros dos servidores sobre Morrígan. O ego extraiu uma investigação e a recusa subsequente de licença vinte e seis anos antes, o que fazia sentido se foi nessa época que os castais projetados geneticamente pararam de ser concebidos. Sua última localização havia sido numa cidade plebeia, o que complicava ainda mais as coisas.

— Eles não continuaram fechados — Callista disse. — Eles sumiram do rastro de quem eu conheço também, mas, às vezes, temos indícios suficientes para saber que eles ainda estão praticando.

— Sim, alguns são maiores do que simples “indícios”. Talvez possamos supor que seja uma casta de cabelo claro, com base na descrição do homem que visitou as vítimas. — Ele teve uma inspiração súbita. — Espere — ele disse a Callista, e inseriu uma série de comandos na tela.

A tela se dividiu em duas imagens, uma das quais era o rosto de Callista. A outra exibia um mapa das capitanias na região das Grandes Planícies do país. Pontos vermelhos em cada capitania marcavam as vítimas patrícias, enquanto pontos verdes exibiam os outros oito e nove em suas respectivas castas. Pontos amarelos fora das fronteiras indicavam as mortes de plebeus.

— Tem muito mais plebeus do que patrícios — Callista comentou. — Mesmo se contar os vivos.

— Porque só estamos olhando para essas cinco capitanias — ele disse. — A seita de Morrígan deve ter trabalhado em outras castas também. Eles só não causaram nenhuma morte que chamou nossa atenção. Aposto que tem um patrício perfeito para cada plebeu aqui. E, estatisticamente, dá para esperar que algumas mortes de plebeus aconteçam por motivos não relacionados a sacrifícios.

Mae se levantou subitamente.

— Há um padrão.

— Sempre tem um padrão.

— Não, olhe. — Ela apontou. — Todos os plebeus e patrícios mortos fazem um círculo em torno dessa capitania. É aqui que ficam os pan-celtas?

— Sim — Justin disse, com o corpo enchendo-se de adrenalina. — Uma das metas. Cabelo claro, assim como nosso suspeito.

— É uma grande área para o grupo se esconder — Callista disse, visivelmente desconsolada.

Justin meneou a cabeça, sarcástico.

— Seria bom se o seu interesse em detê-los fosse por puro altruísmo pelas pobres vítimas, mas algo me diz que você está mais preocupada em se livrar de uma ameaça contra o seu grupo.

— Ela tem que ficar preocupada — Mae disse, inesperadamente. — Porque eles querem matar Callista.

Justin e Callista olharam para ela.

— Como você sabe? — ele perguntou.

— Porque ele me pediu para matar. O, hum, homem que visitou os outros. Ele veio falar comigo algumas vezes.

Justin demorou para conseguir formular uma resposta.

— *Como assim*? E você só pensou em mencionar isso agora?

— Não me venha com esse tom — ela respondeu. — Não liguei uma coisa com a outra, assim como você não relacionou com uma deusa que parece se encaixar perfeitamente em todos os critérios que você tem! Achei que ele estava tentando me extorquir em nome da máfia sueca.

— O que está acontecendo? — Callista perguntou, nervosa por ficar de fora.

— Ah, eu devo ter me esquecido de mencionar que a força incontrolável que segue Mae é a Morrígan. — Ao ver a expressão embasbacada de Callista, Justin se antecipou rapidamente a qualquer protesto. — Não questiona nem acusa ninguém. Estamos cuidando desse assunto. — Ele se voltou para Mae. — Ele realmente pediu para você matar Callista?

— Sim — Mae respondeu. — Não especificou os meios. Nenhuma menção de uma adaga de prata.

Um pensamento perturbador passou pela cabeça de Justin.

— Ele te ameaçou? — Mesmo quando suspeitou pela primeira vez que Mae pudesse ter uma ligação, nunca havia considerado que

ela pudesse estar correndo algum perigo real. Afinal de contas, ela não era como os outros. Ela era incontrolável... certo?

— Não importa o que ele disse — Mae respondeu.

— Importa, sim, se sua vida está correndo perigo!

— Não, não importa. Nenhuma criatura das trevas vai vir atrás de mim. Vá se preocupar com os outros patrícios.

— E vá se preocupar com o fato de que eles vão eliminar os rivais também. — O rosto de Callista se enfureceu. — Agora você entende por que eles precisam ser detidos? Por mim, por ela, pelos outros! Eles precisam ser dispersos e destruídos!

Justin estava ficando frustrado, ainda abalado com a ideia de que algo pudesse acontecer com Mae.

— Sim, sim, eu sei! Mas não podemos fazer nada antes de encontrá-los.

Ela cravou os olhos frios nele.

— Então sugiro que comece a procurar. E *você*... — ela disse a Mae. — Comece a levar esse assunto a sério se não quiser ser a próxima. Eu avisei. Se quiser se libertar, precisa acabar com eles. Você pode salvar a si mesma e aos outros. Eu... posso ajudar você.

— Não preciso da sua ajuda — Mae disse.

— Claro, você está se virando muito bem sozinha — Callista disse, seca. — Deem um jeito nisso. Rápido. — Ela desligou.

Mae ficou olhando para a tela.

— Não gosto mesmo dela.

— Sim, bom, ela nos deu um nome. Sabemos muito sobre o grupo agora. Sabemos muito sobre *você* também, goste você ou não. — Suspirando, ele passou a mão no cabelo. O Exerzol estava caindo com tudo em cima dele. — Tudo exceto quem eles são. Queria que você tivesse me falado desse cara.

— Daí você poderia fazer a coisa nobre e me defender? — Uma faísca naqueles olhos lhe disse que as consequências da rejeição dele não iriam embora tão cedo. — Era problema meu, não seu. E eu nunca teria como imaginar toda a situação. Achei que ele estivesse me chantageando por causa da minha sobrinha. — Ela fez um breve resumo dos encontros com Emil, que deixaram Justin atordoado.

— Bom, pelo menos isso é... — O ego dele voltou a tocar. —

Ninguém dorme nessa porra? — O ego ainda estava sincronizado com a tela, que identificou que a chamada era de Leo. Pelo menos ele tinha a desculpa de estar um fuso horário antes.

Quando Justin atendeu, Leo apareceu na tela, sem parecer nem um pouco cansado. Na verdade, seu rosto estava brilhando com uma luz que Justin conhecia muito bem: a luz de uma grande revelação.

— Consegui — ele disse. — Sei como o seu vídeo pode ter sido falsificado.

Era um duro golpe contra as teorias perfeitamente encaixadas de Justin. Ele vinha se acostumando à ideia de que o assassino das sombras era uma manifestação sobrenatural. Se o vídeo era realmente falso, significava que os assassinos haviam recorrido a métodos práticos, o que, mesmo assim, não descartava o envolvimento de Morrígan. Só significava que eles estavam usando fumaça e espelhos para assustar as pessoas.

Mesmo assim, Justin estava tão ansioso para descobrir os resultados que alterou os planos de viagem diretamente da capitania nórdica para Portland. Ele considerou levar Tessa também, mas acabou mandando-a para casa no voo original. Ela já havia se envolvido em coisas demais.

Quando ele e Mae entraram na casa de Leo, encontraram um estúdio de filmagem improvisado. Câmeras e equipamentos que Justin não conseguiu identificar haviam sido colocados em torno da sala, e uma tela de plástico transparente estava perto das paredes. Ele olhou ao redor, admirado.

— O que é isso tudo?

— A sua resposta — Leo disse, animado. Sua cara-metade entrou, com o mesmo ar desagradável de sempre.

— Vi uma matéria sobre um disparo na capitania nórdica — Dominic comentou casualmente. — Dizem que uma pretoriana estava envolvida.

— Deve ter sido uma grande sorte — Mae respondeu no mesmo tom. — Terem uma pretoriana por lá.

Enquanto isso, Leo mal conseguia se conter.

— Vamos começar. — Ele colocou uma roupa preta colada ao corpo com capuz, parecida com a de mergulhadores, só que mais

brilhante. Ligou um dos equipamentos e colocou a tela transparente entre ele e os outros. E então, subitamente, sua forma se tornou translúcida e esfumaçada, e disparou pela sala de estar. Ele tirou a cobertura da cabeça e sorriu, olhando para todos com expectativa.

— Não é rápido o suficiente — Mae disse, por fim.

— E ninguém teria como preparar isso tudo sem que a vítima percebesse — Justin acrescentou. Ele não soube se deveria ficar aliviado ou desapontado por não provarem que se tratava de uma fraude. — Foi uma boa tentativa, Leo. Mesmo. Mas não acho que seja o que aconteceu.

— Boa tentativa? — Os olhos de Leo se exasperaram. — Sabe quanto tempo eu demorei para preparar tudo isso? Para conseguir esse tipo de equipamento de refração de luz? Eu olhei o código daquele vídeo um milhão de vezes. Ele não foi alterado. O que quer que estejamos vendo foi feito no local, e foi isso que aconteceu, sim. A não ser que tenha sido uma aparição mística mesmo.

Justin e Mae se entreolharam.

— Isso parece cada vez mais possível — ele murmurou. — Desculpe, mas não foi isto que aconteceu.

Leo ainda parecia um tanto chateado por não estarem elogiando sua genialidade, mas não voltou a protestar.

— Eu posso continuar tentando.

— Acho que não vai precisar — Justin disse. — O que realmente precisamos é encontrar uma seita sem licença que sirva a uma deusa celta da morte.

— Não é isso que você faz o tempo todo? — Dominic perguntou, com a voz hostil.

— É um pouco mais difícil quando eles não têm licença — Justin retorquiu.

Leo não se deixou convencer.

— Você não tinha relações com grupos secretos?

— Relações íntimas — Mae murmurou.

— Minha melhor fonte não teve como ajudar — Justin disse.

Ela franziu a testa de repente.

— E a sua outra fonte? Geraki?

— Eu... não. — A sugestão pegou Justin de surpresa, mas logo depois ele meneou a cabeça intransigente. — Não. De jeito nenhum. Ele não é uma fonte. No máximo fica perseguindo as pessoas.

— Não gosto dele também, mas ele está ligado a essas coisas, não está? E ele disse que quer te ajudar. Ele até *já* te ajudou.

— Ele é maluco — Justin disse. Além do mais, Geraki não era como Callista. Superficialmente, eles tinham alguns traços em comum. Os dois eram astuciosos e carismáticos. E eram espertos o bastante para controlar as pessoas sem chamar a atenção. Mas havia algo em Geraki que fazia sua pele se crispar.

Porque vocês dois estão ligados, Magnus disse. *E ele sabe coisas sobre você.*

Ele pode ajudar se você der uma chance a ele, Horatio acrescentou. *É bem possível que com isso, mas sem dúvida com sua vocação, você precise começar a aprender a arte.*

— Justin? — Mae se aproximou dele, com o olhar preocupado. Ele percebeu que estava viajando. Com uma sensação de pavor, ele tomou uma decisão. Restavam poucos dias. A mal desesperado, remédio heroico e tal.

Ele suspirou.

— Com licença.

Ele saiu, deixando os outros confusos.

— Ligar para Demetrius Devereaux — ele disse ao ego. — Somente voz.

— Justin — Geraki atendeu com a voz retumbante. — Olhe só. E eu aqui achando que o meu dia não teria graça. — Mesmo sem vê-lo, Justin conseguia imaginar o olhar petulante.

— Você disse que queria me ajudar da última vez. Ainda está de pé?

— Nada de jogar conversa fora, né? Em que um megalomaníaco como eu poderia ser útil?

Justin rangeu os dentes.

— Queria saber se existe alguma religião sem licença na capitania pan-celta. Uma que sirva a Morrígan.

— Faz tempo que eu não ouço esse nome. Por que eu saberia alguma coisa sobre religiões sem licença? Você cometeu um erro, o

que é uma raridade, eu sei.

— Caramba! Nós dois sabemos que você está mentindo. Não estou pedindo para se entregar e entregar a maluquice que está dirigindo. — Justin parou para respirar fundo. — Eu não vou contar nada para a ICS. Mas preciso saber sobre esse grupo. Eles estão matando pessoas inocentes e, mesmo se for maluco, não acho que quer ter sangue em suas mãos.

— "Maluco" é um termo arbitrário. E alguém como você não está em posição para julgar a sanidade das pessoas. — Mas Geraki não recusou diretamente. — Se eu puder fazer isso, e eu não estou dizendo que posso, o que você me daria em troca?

— O que você quer? E não vai me pedir nada ilegal.

— Eu só quero que faça o que eu pedi da última vez em que nos encontramos.

— Você me pediu muitas coisas. A maioria eu não entendi. Porque elas não faziam sentido.

— Você entendeu o que eu quis dizer por conceder as estrelas e flores. — A voz de Geraki era lenta e perigosa. — Não me parece nada mal. Um bom preço por informações sobre um grupo que você diz estar matando pessoas. Se é que eu possa descobrir coisas desse tipo, claro.

Justin sentiu um aperto no peito quando as palavras que Geraki havia dito se repetiram em sua cabeça. *Ceder as estrelas e flores e aceitar o belo trato.*

— Eu sei o que as estrelas e flores significam, mas não o resto. Não posso cumprir o que não entendo.

— Tenho certeza de que o nosso mestre vai esclarecer. Depois que ele fizer, prometa que vai cumprir.

— Tá — Justin disse, perguntando-se o quanto iria se arrepender disso. — Eu vou cumprir, *se* você puder descobrir alguma coisa.

— Jure que vai cumprir — Geraki disse. — E que essa não é uma armadilha sua.

— Eu juro — Justin respondeu prontamente.

— Pelo que você jura?

— Isso importa?

Ele sabia que Geraki estava sorrindo.

— Não. Sua palavra já vai valer, então, nem pense em quebrar o

juramento. Espere um pouco e eu já te ligo.

A ligação caiu e Justin ficou se perguntando por quanto tempo exatamente teria que esperar.

Ele recebeu a resposta alguns minutos depois, uma resposta surpreendentemente detalhada, além de um tanto absurda. Mas Justin anotou todas as informações que Geraki passou, prometeu cumprir sua parte do acordo enigmático e então voltou para seus amigos dentro da casa.

— Bom — ele declarou. — Talvez eu tenha uma pista. Parece que existe um armazém de grãos na capitania pancelta que pode ser do nosso interesse.

— Ótimo. Você vai pedir uma invasão? — Leo perguntou.

— Não sei. — Justin recostou na parede e ficou passando o ego de uma mão para a outra. — Posso fazer isso, mas se nada aparecer, vou enfrentar muitos problemas por ter enviado militares para uma capitania com base em evidências circunstanciais, ainda mais se eu realmente mantiver Geraki fora dessa. Eu recebi uma mensagem de voz emputecida da Cornelia sobre o que aconteceu ontem à noite com os nórdicos. Disparos em público não pegam muito bem. Se eu fizer alguma coisa espetacular que não dê em nada, posso entrar numa bela de uma enrascada.

Mae olhou nos olhos dele, sabendo o que estava em jogo, por mais furiosa que estivesse com ele.

— E se fizermos uma visita prévia? — ela perguntou. — Extraoficial. Pode não ser tão difícil entrar num armazém. Nós olhamos e, se conseguirmos a prova de que você precisa, então você ataca com tudo. Se não tiver nada, saímos discretamente.

Leo soltou uma risada ácida.

— Ousado, mas como exatamente vocês pretendem invadir? Você tem alguma habilidade técnica que não conhecemos, pretoriana? Até um armazém de grãos tem um sistema de segurança.

— Um que deve ser fácil para um técnico genial como você quebrar — Justin disse. Era um plano maluco, claro, mas fazia tempo que eles haviam ultrapassado o limite da sanidade.

— Eu e você temos definições diferentes para “fácil” — Leo disse.

— Leo... — A voz de Justin vacilou um pouco. — Não quero fazer drama, mas resolver isso pode ser cruc... pode ser muito bom para o meu trabalho. Eu não estaria sugerindo algo tão drástico em outras circunstâncias.

— Foi *ela* quem sugeriu. — Mas todos perceberam que Leo estava considerando a ideia.

Dominic quase engasgou.

— Vocês estão todos malucos! Estão ouvindo o que vocês mesmos estão falando?

— Estamos falando que podemos ter a chance de resolver esse caso e prender uma seita que está matando pessoas e realizando procedimentos genéticos ilegais. — Justin parecia um vendedor agora. — Nós só precisamos de uma prova. Caramba, se acharmos evidência de uma religião sem licença, vai ser um bom dia de trabalho. Aquele vídeo se torna irrelevante. Vamos ver se antes conseguimos algumas plantas do lugar. Deve dar uma ideia do que você precisa para entrar, Leo.

Dominic ainda parecia embasbacado.

— Se você for, eu vou junto. Mas você não deveria ir.

Ele e o marido trocaram olhares por vários momentos de tensão.

— Está bem — Leo disse, enfim. — Vamos de carro. Dom não gosta de transporte público.

Toda a antipatia de Justin contra Dominic retornou.

— Vai levar uma eternidade de carro!

— São só vinte e quatro horas — Leo disse. — Podemos dormir no caminho.

Justin tentou olhar Dominic de cima a baixo.

— O que tem a oferecer para essa aventura maluca? Vai levar bebida para a viagem?

— Dom é uma boa pessoa para proteger a gente. Mae pode fazer o trabalho pesado e a gente fica com ele para qualquer eventualidade. — Leo sorriu, mas ele parecia nervoso. — Além disso, eu gostaria da companhia dele.

Tomada a decisão fatídica, os quatro se reuniram para fazer planos. Eles passaram o resto do dia analisando que registros de terras e informações de satélites poderiam conseguir em curto prazo, além de planejar a logística da façanha. Ao cair da noite,

tinham o plano mais confiável possível. Infelizmente, Leo levaria quase dois dias para conseguir o equipamento necessário, o que os levaria à capitania no dia anterior à lua cheia.

Bem em cima, Horatio comentou quando Justin e Mae estavam no trem de volta a Vancouver.

Nada a fazer senão esperar e ver o que acontece, Justin respondeu.

É você quem vai ficar esperando, Magnus disse. *Ela vai fazer todo o serviço. Vai arriscar a vida por você.*

Justin olhou com o canto dos olhos para Mae. Ela estava sentada ao seu lado, lendo no ego, com o cabelo caindo ao redor do rosto como uma onda dourada.

— Mae... — Ela levantou os olhos rápido demais, o que o fez pensar que ela não estava lendo. — Obrigado por isso. Sei o tamanho do risco que está correndo por mim.

O rosto dela parecia entalhado em mármore.

— É pelo meu país. — Ela voltou a baixar os olhos, e ele sentiu um aperto no peito.

Acho que eu estou colhendo o que plantei, ele pensou.

Você pode ajudar Mae, Horatio disse.

Como? Eu não sou um pretoriano. Nem sou um armário como o Dominic.

Você tem o potencial de poder além da força física, Magnus argumentou. *Se aceitasse pelo menos.*

Não estou interessado no seu treinamento místico. Não estou servindo a nenhum deus.

Que mal faria um feitiçozinho? Horatio fez uma pausa dramática. *Um que deixe Mae em segurança.*

A única maneira de ela ficar em segurança é ficar em casa. Mas Justin ficou intrigado e ousou olhar discretamente para ela. *O que eu precisaria fazer?*

Ele pôde sentir a animação dos corvos.

Feche os olhos, Magnus respondeu. *E se concentre no símbolo que vamos te mostrar para...*

33. Armas de mortais

— Sério, quem não pega transporte público? — Justin perguntou pela quinta vez durante a jornada dele e de Mae dois dias depois. — Como ele vai de um lugar para o outro?

— Ele não vai a lugar nenhum — ela o lembrou, a caminho do hotel. Dois voos os haviam deixado em Sioux Falls, a maior cidade plebeia perto da capitania pan-celta. — Ele fica em casa plantando uvas.

Justin meneou a cabeça.

— É por causa do sexo, né? Esse deve ser o único motivo por que Leo aguentaria isso, apesar de Dominic não me parecer muito o tipo criativo.

Leo e Dominic haviam partido de carro na noite anterior e ficaram de se encontrar com eles no hotel dentro de algumas horas. De todo modo, não teriam como realizar a operação até o cair da noite, mas Justin ainda estava incrédulo com o que considerava uma perda de tempo. Mae estava cansada de ouvir aquilo, mas tinha a impressão de que essa havia se tornado uma maneira de ele lidar com o estresse da missão. Reclamar sobre Dominic poupava Justin de se torturar com a possibilidade do desastre caso eles fracassassem. O dia seguinte era lua cheia e ninguém sabia o que iria acontecer com ele caso outro homicídio passasse despercebido.

Eles passaram o ego na recepção do hotel e, momentos depois, uma recepcionista voltou com duas chaves de quarto e uma caixa. Ela entregou uma chave para cada um e uma caixa para Mae.

— Chegou para a senhora hoje à tarde.

Mae agradeceu e examinou o pacote enquanto ela e Justin caminhavam até o elevador. Uma etiqueta impressa identificava claramente o nome dela e do hotel, e o código de rastreamento do correio dizia que havia sido despachada como encomenda expressa.

O endereço de devolução era uma empresa de transporte de carga, sem o nome do remetente.

— O que é isso? — ela perguntou a Justin.

— Como eu vou saber? Não fui eu quem mandou.

— Quem mais saberia que estamos aqui?

— Callista — ele admitiu. — Não me olha assim. Ela quer acabar com eles tanto quanto a gente, por isso mantive contato. Agora abre.

Dentro da caixa, Mae encontrou uma faca. Ou, mais precisamente, uma adaga. O cabo era envolto por três listras de âmbar amarelo, e o guarda-mão, enfeitado com uma camada de pedras multicoloridas. Com cuidado, ela levantou a arma e verificou que tinha um peso bom e uma excelente manufatura.

— Nada de prata aqui — ela disse, passando os dedos pela lâmina de aço afiada. Tinha sido feita recentemente, e não era um artefato antigo, apesar dos adornos. — Os servos de Morrígan teriam mais facilidade com uma dessas.

— Eles parecem estar se dando bem sem uma — ele a lembrou. — Nenhum bilhete ou explicação?

Ela examinou a caixa.

— Não. Talvez Callista tenha se sentido mal por ficar com minha outra faca. Não me devolveram depois que eu a atirei contra Raoul Menari.

Embora Mae não quisesse aceitar nenhum presente de Callista, ela ficou impressionada com a beleza e a força da arma. Também cabia perfeitamente na bainha que havia costurado dentro da bota, quase tanto quanto sua faca antiga. Mae decidiu ficar com ela, para a diversão de Justin. Como Tessa diria, proteção nunca era demais.

— Quer jantar depois de guardar a bagagem? — Eles estavam no corredor diante dos quartos, que eram um ao lado do outro. — Ainda faltam algumas horas antes de Leo e Dominic aparecerem.

Mae considerou por um bom tempo.

— Está bem.

Depois, ela desejou ter recusado. Não tinha forças para fazer nenhuma das piadas que costumavam trocar, não depois do que havia acontecido, e as tentativas constantes de conversa de Justin só a deixaram mais irritada. Ela só conseguia pensar naquele

quarto de hotel nórdico. *Depois que eu fico com uma mulher, não existe mais mistério. Não existe mais novidade. Não tem motivo para voltar depois que eu sei como é. E... eu sei como é com você.*

Foi um alívio quando Leo e Dominic apareceram. Depois de confirmarem sua reserva, os dois foram para o quarto, prometendo descer logo. Justin parecia desolado.

— Você viu como Leo está cansado? Ninguém consegue dormir bem num carro.

— Dominic parece bem.

— Sim, mas não é a habilidade técnica *dele* que precisamos que esteja alerta e aguçada.

O quarteto acabou pegando o carro alugado de Leo e Dominic até a capitania e usou as credenciais de Mae para entrar. Por também ser patrícia, ela tinha acesso a curto prazo para ela e até quatro convidados. Justin obviamente também poderia ter conseguido que eles entrassem, mas não queria chamar muita atenção, como poderia chamar caso se identificassem como um servidor — não que uma pretoriana armada fosse exatamente discreta.

Depois que finalmente atravessaram a fronteira, eles acabaram indo para outro bar e ficaram apenas esperando a passagem do tempo. Leo tinha algumas das imagens de satélite do armazém que ele reviu com Mae, apontando as áreas em que era mais provável haver vigilância. Embora ela tivesse mais respeito pelas habilidades técnicas dele agora, a parte do "mais provável" a deixou um tanto nervosa.

A hora marcada para a partida chegou logo antes de o bar fechar, quando a maioria das pessoas estava cansada e indo para a cama. Mae e os outros foram de carro até o armazém, localizado fora da cidade, e estacionaram em um ponto de onde se podia ver o prédio, mas era longe o bastante para não aparecer em nenhuma câmera. As árvores largas e a pouca iluminação na estrada também mantinham o carro escondido.

— Eu deveria ir com você — Dominic resmungou.

— Vou ficar te mandando mensagens. — Leo, sentado ao lado dele no assento dianteiro, colocou a mão em cima da de Dominic. — Quanto menos gente for, melhor. Se formos pegos, não quero

que seja levado junto.

— Você não vai ser pego — Justin disse, com uma voz que Mae reconheceu como *Eu te protejo*. — Se não for apanhado pela vigilância, vai ficar bem. Você entra, pega nossas evidências e sai.

Mae olhou para ele e viu que, embora suas palavras parecessem tranquilas, o rosto dele estava tenso e cansado. Ao notar o olhar atento dela, ele entreabriu um sorriso automático, mas hesitou.

— Cuidado — ele disse. — Preferia que você não tivesse que fazer meu serviço no meu lugar.

— É para isso que eu estou aqui. Não queremos sujar suas mãos. — Como ele não sorriu, ela acrescentou: — Vai ficar tudo bem. — Ela não tinha certeza se ficaria tudo bem, mas precisava que ele acreditasse nisso. Ao ver que Leo e Dominic ainda estavam se despedindo, ela baixou a voz. — Talvez você possa conhecer melhor o Dom.

O olhar de desgosto no rosto dele estava muito mais afinado com o Justin que ela conhecia.

— Não vai contando com isso — ele disse. — E, Mae... — Ele fez menção de estender a mão e então se deteve. Depois de vários momentos de contemplação, ele a surpreendeu avançando, dando um beijo no rosto dela.

Ela não teve tempo para ficar revoltada. Ficou impressionada demais com o beijo. Tinha sido rápido, mas sua pele literalmente ardeu no ponto em que ele a tocou, mas não de desejo. Havia um calor de verdade nos lábios dele. Surgiu, em sua mente, a imagem flamejante de um estranho símbolo, como um Y com uma linha vertical a mais no alto da letra. Mesmo depois desse clarão, a imagem consecutiva do símbolo às vezes surgia em sua visão quando ela piscava. Ela ficou olhando para ele, bestificada.

— O que você acabou de fazer? — ela exclamou.

Ele não teve tempo de responder porque Leo já estava saindo do carro.

— Vamos?

Mae lançou um último olhar interrogativo para Justin antes de abrir a porta. Sua bochecha ainda estava quente, e aquele símbolo continuava a aparecer e a desaparecer de sua mente. *O que ele fez?*, ela se perguntou, conturbada. Havia poder naquele beijo, mas ela

não entendia que poder. Quando ele havia começado a usar métodos sobrenaturais em vez de apenas documentá-los? Aquela demonstração espontânea de poder era tão indesejável quanto Morrígan.

A lua quase cheia espreitava por entre as nuvens conforme Mae e Leo atravessavam o campo. Ela não viu sinal de vida em parte alguma, e todas as janelas do armazém estavam escuras. Um poste reluzia perto da entrada, iluminando a porta. Ela estava vestida inteiramente de preto, como escolha óbvia de camuflagem, embora a roupa a fizesse se sentir um tanto estranha, como se estivesse usando uma paródia de sua farda.

— Como você se sente sendo uma soldada da República violando a lei? — Leo murmurou, ajeitando a mochila no ombro. Supostamente, ele tinha todo um arsenal tecnológico consigo.

— Leis mais importantes dizem que seitas homicidas desgovernadas são piores — ela respondeu. Ela não expressou seus medos em relação a Justin. O motivo de ter sugerido aquela invasão, além das razões óbvias, era ajudá-lo. As ameaças de Cornelia ainda afligiam a cabeça de Mae, embora ela nunca fosse admitir.

Leo riu baixinho.

— É só escolher quais seguir, né?

— Seu problema comigo é o fato de que eu sou pretoriana ou tem alguma outra coisa em mim de que você não gosta?

— Eu gosto de você — ele disse, mais sério. — Só passei muito tempo com pretorianos na vida. Eles são imprevisíveis, só isso. Pare.

Eles estavam perto dos fundos do prédio. Ali, a parede era mais baixa que nos outros lados e não havia janelas. Ele apontou.

— Ali é onde tem cobertura mínima. Tem certeza de que consegue subir?

Mae examinou a parede, notando os cantos e a textura da construção. Uma janela seria um lugar melhor para se segurar, mas foi por não haver janela que eles escolheram aquele lado.

— Claro.

— Claro — ele repetiu. Ela suspeitou que ele estivesse revirando os olhos. — Tome. — Ele mostrou um objeto metálico quadrado

que coube na palma da sua mão. — Quando estiver no telhado, veja se consegue dar uma olhada no painel de segurança em cima da porta. Deve ter cinco luzes vermelhas; é o sistema mais comum para lugares assim. Aponte isso na direção do painel e aperte esse botão prateado aqui. As câmeras vão continuar ligadas, mas não vão disparar o alarme. Nós vamos desligá-las depois que entrarmos.

— Mas será que uma religião não autorizada envolvida em homicídios sacrificiais não usaria um sistema melhor do que o mais comum?

Ele voltou a rir.

— Teoricamente, sim, mas um armazém de grãos, não. Ter uma coisa "melhor" chamaria a atenção.

— Você tem uma segurança bem boa na sua casa.

Ele entregou o dispositivo.

— Porque eu sei que coisas assim existem. Se não vir as cinco luzes vermelhas, volte para falar comigo. Vai tornar as coisas mais difíceis, mas acho que não impossíveis.

— Acha?

— Não posso fazer milagres. Boa sorte.

Ela caminhou até o lado mais baixo do armazém e torceu para conseguir fazer valer sua afirmação de que conseguia subir. O implante respondeu à sua tensão, e ela sentiu todas as suas habilidades se intensificarem. Ela era capaz. Com uma corrida para tomar impulso, ela pulou na direção da parede, propelindo-se ainda mais para cima quando encostou o pé. Conseguiu segurar o canto do prédio com uma das mãos, o que lhe deu um rápido momento de estabilidade que permitiu que a outra mão chegasse ao topo. Seus dedos quase não conseguiram se agarrar, e ela se preparou para cair. Mas logo conseguiu se segurar com firmeza com a outra mão em um ponto mais alto e um outro impulso lhe permitiu se lançar para cima do telhado.

De maneira graciosa, ela caiu de quatro, com o coração acelerado. O telhado era grande, com cumes triangulares, mas o equilíbrio não era mais um problema depois do que ela havia acabado de fazer. Mae correu até o outro lado, deitou de barriga para baixo e espiou sobre a beirada. Cinco luzes vermelhas estavam

brilhando lá embaixo. Abaixando o braço, estendeu o dispositivo que Leo havia lhe entregado e apertou o botão. As luzes ficaram verdes e ela ouviu um estalo.

Enquanto pulava de volta ao chão, tentou não pensar muito sobre o grau de tecnologia necessário para enganar um sistema como aquele. Aquilo não era comercializado, e era bem possível que Leo tivesse tirado, direta ou indiretamente, do tempo em que trabalhava na Segurança Interna. As leis e regras sendo violadas naquela missão já eram muitas para ela acrescentar mais uma. A porta da frente se abriu para Mae sem resistência, e ela correu para pegar Leo.

— Você chegou a suar? — ele perguntou.

— Você queria que eu suasse?

Eles entraram no armazém, e Leo parou para enviar um sinal do ego para Dominic. Mae olhou ao redor, apreensiva, sem gostar nada da falta de visibilidade. As janelas altas e estreitas emitiam uma luz fraca, mas a maior parte do lugar era escuro feito breu. Nem mesmo as pequenas lanternas de alta potência que eles haviam trazido conseguiriam iluminar todo o lugar, o que dava oportunidades de sobra para que malfeitores se escondessem.

Ela mal conseguiu ver Leo apontando para outro painel perto da porta de entrada.

— Eu vou desligar as câmeras e apagar algumas das imagens.

Enquanto isso, Mae começou a investigar o lugar. Justin havia dado uma grande variedade de evidências a se procurar, desde provas óbvias, como adagas de pratas, a outras mais difíceis, como telas. O que ela mais encontrou, porém, foram sacos de grãos perfeitamente estocados e organizados. Se realmente havia uma seita se escondendo ali, era uma muito eficiente no quesito estocagem. Um pequeno escritório no outro extremo pareceu promissor, mas usar o computador em cima da mesa estava acima das habilidades dela. Outra luz se somou à dela enquanto vasculhava o cômodo, e Leo entrou. Ele ligou a tela e pareceu desapontado.

— Mais segurança básica. Deve significar que não tem nenhuma grande revelação. — Mesmo assim, ele se sentou diante da escrivaninha e começou a trabalhar na magia que sabia fazer para

olhar dentro do sistema. — Veja se tem alguma coisa na passarela suspensa.

Não tinha. A única coisa para que serviu foi uma boa chance de lançar luz sobre o alojamento principal. Nada importante se revelou, mas, ao menos, garantiu que eles realmente estavam sozinhos. Quando ela voltou ao andar de baixo, Leo estava saindo do escritório.

— Nada além de registros fascinantes sobre milhos híbridos — ele falou.

A última inspeção não revelou nada, e ela não percebeu quantas esperanças havia colocado naquela viagem até que olhasse nos olhos do fracasso. Com o coração pesado, ela acompanhou Leo até a entrada e lançou uma última olhadela desesperançada para o depósito. Enquanto isso, uma estranha sensação brotou dentro dela. Uma memória coçou seu cérebro, quase a seu alcance... quase. Parecia fugir dela toda vez. Havia algo ali que ela deveria reconhecer, mas não sabia o quê. Imagens passaram rápido pela sua mente, mas eram apenas sombras indistintas.

— Qual é o problema? — Leo perguntou.

— Esse não parece o tipo de lugar em que uma deusa da morte teria um templo.

Ele bufou.

— Um armazém com sacos de grão? Sim, dá para ver como isso diminuiria a glória dela. O amigo de Justin deve ter mentido para ele.

Mae não conseguia abandonar a sensação de que deveria saber de mais alguma coisa.

— O templo dela deveria ser mais escuro... sem janelas. — Ela teve uma ideia. — Tem um porão aqui?

Isso chamou a atenção de Leo.

— Pode ter.

— Seria mais adequado que esse lugar. E mais sigiloso também. Além disso, uma deusa da morte teria mais força embaixo da terra.

Sob a luz mortiça, ela conseguia ver o olhar fundo dele.

— Quanto tempo você está passando com Justin? Ele voltou a dar aulas de simbolismo religioso?

— Só parece certo.

— Se for verdade, então é lá que vamos encontrar nosso verdadeiro sistema de segurança. Ele entrou no modo de resolução de problemas e pareceu realmente empolgado. — Conheço o tipo de equipamento que eu usaria para esconder um templo subterrâneo assassino, e uma coisa assim teria um campo eletromagnético forte em volta dele. Isso nós podemos descobrir.

Ele tirou outro dispositivo da sua mochila mágica e voltou a entrar no armazém, sem dizer outra palavra. Mais uma vez, Mae reconheceu suas limitações nesse estágio da busca e simplesmente ficou seguindo Leo. Quinze minutos depois, ele parou diante de uma grande máquina que parecia uma separadora de grãos.

— Aqui vamos nós. — Ele se ajoelhou. — Me ajude a tirar isso de cima.

A máquina era pesada, mas as galhetas ajudaram a tirá-la do caminho. Embaixo, Mae não encontrou um sistema de segurança nem uma passagem subterrânea.

— Aponte a luz para baixo — ele pediu. Passou as mãos sobre o chão várias vezes até soltar um resmungo de aprovação. — Bem colocada. Acho que você não tem uma faca, tem?

Mae lhe entregou a faca que estava na bota e o ouviu murmurar:

— Malditos pretorianos. — Mas, depois de alavancar com a lâmina, ele ergueu uma grande seção do chão que se escondia perfeitamente no concreto. Uma porta de metal se revelou, rebrilhando com toda sorte de luzes. — Ah, que belezinha — ele disse. Mae teve a impressão de que, para ele, aquilo era como o toque de um deus. Ele entregou seu ego para ela. — Mande alguma coisa para o Dom e fique à vontade.

Bastou uma olhada nos instrumentos que ele tirou da mochila para Mae obedecer. Ela se sentou de pernas cruzadas ao lado dele e tirou o seu ego do bolso depois que mandou a mensagem por Leo. Para Justin, digitou: *Leo é mesmo um gênio*.

Sem receber resposta, ela perguntou a Leo:

— Você acha que eles estão bem? Justin está desperdiçando uma chance de se gabar.

— Dom vai cuidar dele — Leo disse, sem tirar os olhos do painel. — Não são eles que estão correndo risco de disparar um alarme.

Ela subitamente olhou ao redor, como que esperando que alguém atacasse a qualquer momento.

— O que aconteceu com o seu talento impressionante?

— Falei para você: não posso fazer milagres. — Ele se sentou com as sobrancelhas franzidas. — Mas acho que está tudo bem. — Pegou as duas alças do alçapão e o ergueu. Os dois congelaram. Nenhum alarme soou; ninguém correu na direção deles. — Se eu desliguei, ficaria em silêncio — ele disse, o que não a tranquilizou. Ele lançou a luz da lanterna para baixo, iluminando uma calha de transporte com uma estreita escadaria em espiral. — Sinistro. Vamos rápido.

Mae foi na frente, com a arma em punho, esforçando-se para ver o que estava adiante dela. Seu modo de combate continuava acelerado, ardendo quase com a mesma força que teria num combate real. O implante poderia manter aquele estado por muito tempo, o que, porém, não significava que ela sentiria um grande baque depois. Ela chegou ao chão ilesa e, depois de um rápido exame com a luz, deixou que Leo a acompanhasse.

— Nenhuma janela. Deve ter uma luz no teto — ele disse. — Vai nos tirar mais rápido daqui.

O interruptor ficava perto da escada. Ele encontrou e, em segundos, o ambiente foi banhado por luz, revelando uma entrada ampla que dava para um salão enorme.

E Mae ficou cara a cara com seus piores pesadelos.

As paredes do vasto aposento estavam pintadas com murais predominantemente em preto e vermelho, representando a morte de pessoas de maneira grotesca. Entranhas, crânios, expressões de horror. Em torno dela, o cheiro de umidade e deterioração enchia o ar. Um altar de pedra ficava numa extremidade da sala, tingido com uma substância escura e cercado por pilhas de ossos. A imagem atrás dele retratava uma mulher monstruosa, imponente, cuja estatura tomava toda a parede. Seu rosto conseguia ser humano, réptil e aquilino ao mesmo tempo. Mantos pretos envolviam seu corpo, com mangas que se estendiam como asas de morcego. Uma coroa alta ficava sobre sua cabeça, ostentando um desenho perverso de trezes rostos atormentados, e uma gralha feita de laçaria no centro. O céu pintado atrás dela era cor de sangue. O

rosto horrendo se refletia em treze máscaras penduradas no salão, todas voltadas na direção de Mae.

— Que doido — Leo disse. Mae não conseguiu falar. Ela mal conseguia respirar, e ele olhou para ela, surpreso, ao notar sua reação. — Qual é o problema?

— Eu já estive aqui — ela disse, com a voz muito baixa. O ar parecia opressor, como se um peso caísse sobre suas costas. — Muito tempo atrás.

Era o lugar em que a mãe dela a havia levado muitos anos antes, o lugar que continuava a atormentar seus sonhos com sombras e rostos deformados. Todo aquele tempo, ela pensara que sua imaginação infantil havia transformado suas memórias em algo muito maior do que realmente era. Mas ali estavam elas, exatamente iguais.

A minha mãe mentiu, ela logo percebeu. *Ela não tinha como não saber de tudo isso.*

Fazia muito tempo que Mae não ficava realmente com medo de algo, mas queria sair correndo daquele lugar o mais rápido possível.

— Você vai ficar bem? — Leo perguntou.

Preciso ficar, ela pensou. Suas experiências pessoais eram irrelevantes e ela poderia tratar delas mais tarde. Agora, precisavam completar sua tarefa. Era isso que eles estavam procurando. Mesmo se não encontrassem nenhuma evidência que ligasse o templo aos homicídios, ainda havia uma igreja sem licença que a ICS poderia fechar, quem sabe evitando o homicídio da noite seguinte. Seria perfeitamente justificável que Justin pedisse uma invasão imediata da polícia local ou mesmo do exército. Poderia não ser o bastante para redimi-lo aos olhos de Cornelia, mas era bem capaz que o impedisse de voltar ao Panamá.

— Eu estou bem. — Mae respirou fundo. — Vamos olhar rápido e dar o fora daqui. Vou falar para Justin chamar a cavalaria dele.

Ela mandou a mensagem e acompanhou Leo na inspeção do templo, embora seus instintos estivessem gritando contra isso. Ela se sentia lenta e sem ar. Aquela deusa, com olhos em toda parte, queria aprisionar Mae. Ela nunca teve problemas com claustrofobia, mas, agora, as paredes pareciam se fechar ao redor

dela. O curioso, porém, foi que ela não sentiu nenhuma invasão em seu corpo, nenhuma sensação de que Morrígan estivesse assumindo o controle. Ela ainda sentia uma pressão, como se o ar estivesse pesado, pressionado com o peso de Morrígan querendo penetrá-la e assumir o controle... mas ela não conseguia.

— Ora, ora — Leo disse, agachando-se perto do altar. Ela se aproximou, mas recusou-se a se ajoelhar. Com cuidado, ele tirou uma bandeja de madeira coberta de veludo que estava escondida em um compartimento secreto atrás do altar. Três adagas de prata exibindo a gralha estilizada estavam em cima dela. — Quer apostar que a perícia pode dizer que essas são iguais às que mataram as vítimas?

Uma onda de triunfo surgiu dentro de Mae. Ele estava certo. Eles ligaram aquele grupo aos homicídios e, mesmo se não conseguissem encontrar os fanáticos imediatamente, os donos daquele armazém tinham que saber o que estava acontecendo. A ICS poderia começar com eles e, mais tarde, pegar os outros.

Leo estava se levantando quando Mae viu algo com o rabo do olho. Ela se virou instantaneamente, apontando a arma. Prendeu a respiração quando uma fumaça preta foi surgindo pela entrada ampla, enchendo a outra metade do templo. Movia-se com muito mais rapidez do que as leis da natureza permitiriam e começou a se juntar em formas distintas. O pânico que ela vinha sentindo se multiplicou.

— Para trás — ela disse a Leo. Ela avançou, sem saber ao certo o que estava enfrentando, só que precisava confrontar aquilo.

As sombras se definiram em sete formas humanoides — formas humanoides portando lâminas de prata. E elas eram rápidas. Partiram praticamente voando para cima de Mae e, embora toda a sua razão lhe dissesse que ela não tinha como lutar contra elas, disparou mesmo assim. Ela era uma atiradora excelente, como ficou provado no show dos nórdicos, mas os movimentos rápidos e erráticos dos guerreiros das trevas os tornavam alvos difíceis. Ela finalmente acertou dois deles e, em vez de atravessar as sombras como ela havia esperado, as balas fizeram contato com uma superfície aparentemente sólida. Conforme as balas atingiam as vítimas, as formas pretas e esfumaçadas se transformavam em

formas completamente humanas. Um homem louro e uma mulher ruiva se materializaram, e caíram no chão, ele com o ombro machucado e ela com um ferimento fatal no peito. O que quer que fossem, eles eram mortais. O implante se recusou a deixar que ela contemplasse a questão, ainda mais porque as outras cinco figuras a estavam cercando. As únicas coisas que importavam agora era a vida e a morte.

Os inimigos também se revelavam sólidos quando ela os golpeava, o que fazia sentido depois do golpe mortal do vídeo. Ela deu chutes e cotoveladas, esquivando-se quando as pessoas envoltas em sombras balançavam as adagas contra ela. Assim como as balas, seus chutes encontravam substâncias sólidas. Aliás, cada golpe que entrava em contato fazia as figuras sombrias assumirem brevemente a forma humana. Nesses instantes passageiros de transformação, os agressores se moviam em velocidades normais. Ela segurou um deles e o bateu com força no chão de pedra, revelando um homem ruivo que não se moveu. A adaga do último agressor passou pelo braço dela, mas não o bastante para atravessar o tecido da camisa. Ela se virou e atirou na perna dele, fazendo com que ele soltasse um grito e caísse no chão. Pronta para terminar o serviço, ela apontou a arma para ele... então ouviu um som cortando o ar. Sentiu uma dor penetrante no peito e viu um pequeno dardo preso em sua camisa. Ela o ignorou. Como as armas eram raras na RANU, os agressores domésticos costumavam tentar lançar dardos com veneno contra os pretorianos. Normalmente havia um incômodo inicial, mas o implante era muito bom em identificar e metabolizar toxinas. Não demoraria muito para trabalhar no que quer que fosse aquilo. Sua preocupação estava voltada para quem tinha disparado o dardo. Ao erguer os olhos, ela viu uma pessoa conhecida parada na entrada ao lado da escadaria: Emil. Cinco pessoas estavam atrás dele.

— Que ingratidão — ele disse. — Apesar de tudo o que recebeu.

Mae não tinha tempo para monólogos. Tudo o que ela sabia era que seus alvos estavam parados. Ela apontou a arma contra Emil, mas hesitou em apertar o gatilho quando sentiu um revirar no estômago. Devia ser a toxina, ela pensou. Uma lividez se espalhou pelos seus membros, mas ela disparou mesmo assim... e errou.

Depois de fazer uma careta, tentou disparar de novo, mas suas mãos trêmulas não conseguiam mais segurar a arma, que caiu. Era como a fase de recuperação que vinha depois da ativação do implante, só que muito mais violenta do que todas pelas quais havia passado. Seus joelhos se curvaram conforme o revirar no estômago aumentava e se espalhava para o peito. Ela mal sentiu quando Leo a segurou, impedindo que ela caísse.

— Uma pretoriana é tão boa quanto suas armas — Emil disse, com um sorriso petulante. — E suas armas de mortais não significam nada.

— Ah, é? — Mae estava sem fôlego. Mal conseguiu apontar com a cabeça para o homem que havia matado. O corpo dela estava tremendo violentamente agora e sua visão estava turva. — Pergunte para ele se é verdade.

— Ele é só um homem — Emil disse. Ela sentiu que ele estava se aproximando dela. — O sacrifício dele vai fortalecer a nossa soberana; e o seu sacrifício também. Você não quis servir e agora seu tempo acabou. É hora de voltar para ela e servir na morte.

Mae tentou falar, mas não conseguiu. A língua dela parecia estar ocupando toda a sua boca. A seu lado, ouviu Leo dizer:

— A lua cheia só começa amanhã.

Emil riu, baixinho.

— Depende de sua definição de amanhã. Já passa da meia-noite. Hoje já é amanhã.

Essa foi a última coisa que Mae ouviu antes de seu coração explodir.

34. Ninguém nunca está esperando a faca

— Você recebeu alguma coisa? — Justin perguntou.

— Não — Dominic grunhiu do assento da frente. — Assim como não recebi nada trinta segundos atrás.

Pela primeira vez, Justin conseguia perdoar a atitude bronca porque sabia que Dominic estava tão nervoso quanto ele com o silêncio súbito. Até pouco antes, Leo vinha mandando mensagens quase de minuto em minuto. Agora, haviam se passado dez minutos sem comunicação. Preocupado, Dominic enviara uma pergunta para Leo alguns minutos antes, mas não recebera nenhuma resposta.

— Eles devem ter encontrado alguma coisa e se distraído — Justin disse. Ele estava tentando tranquilizar mais a si mesmo do que a Dominic. A verdade era que Justin estava lutando contra todos os seus instintos para não entrar atrás deles. — Leo é esperto demais para disparar um alarme. E, porra, Mae é uma pretoriana. Eles estão bem.

— Você confia muito nos pretorianos — Dominic comentou.

— Claro que confio. Eles são mortíferos... quer dizer, quando não estão se enchendo de bebida e agindo feito palhaços.

— É assim que eles lidam — Dominic disse. — É o que precisam fazer para sobreviver a essa vida. Eles ligam e desligam, mas é sempre entre extremos, mesmo quando não estão servindo. Eles jogam muito, trepam muito e lutam muito, e podem entrar daquele jeito "ativados" numa fração de segundo. Você já viu Mae ativada?

— Claro.

— Com meia dúzia de fanáticos arruaceiros? Isso não é nada. Quando você vê Mae agora, com aquele rostinho bonito e aqueles

bons modos, você pensa: “Ah, ela é uma castal que por acaso é pretoriana”. Mas a verdade é que ela é, acima de tudo, uma pretoriana, que por acaso é castal. Quando ela se ativa, quando realmente está naquele momento... ela vira outra coisa. E o único objetivo dela é lutar e matar com um foco absurdo. E não é só o implante e o treinamento. Eles não escolhem os pretorianos só com base na habilidade física. Existe um perfil psicológico que eles também procuram, um que aceita muito bem ser bombardeado com aquelas substâncias, e, na minha opinião, isso acaba tendo um impacto.

— Você não gosta de pretorianos — Justin afirmou, sabendo como isso era um eufemismo.

— Eu não *confio* neles — ele corrigiu. — Eles são um risco para as outras pessoas. Eles são um risco para si mesmos.

Justin não disse mais nada, sem querer provocar a paranoia de seu companheiro. Era verdade que Mae tinha alguns momentos assustadores, mas Justin botava fé nela. Ele não tinha certeza se botava fé no tal amuleto que havia dado a ela. Os corvos passaram os dois últimos dias tentando ensiná-lo um símbolo que afirmavam ser um dos maiores mistérios de seu deus. Eles chamavam o símbolo de *algiz* e vinham repetindo o sentido dele dentro de sua cabeça inúmeras vezes. O problema era que ficavam dando toda sorte de definições. No começo, representava proteção, o que Justin achou um conceito bom com o qual mandar uma guerreira para a batalha. Mas, depois, os corvos continuaram elaborando. Era um alce, um teixo, vida. Quando ele mostrou a eles que havia memorizado tudo, disseram, num tom condescendente, que ele não o conhecia de verdade, que levava uma vida para entender. Mas finalmente aceitaram que ele tinha uma compreensão suficiente para dar uma proteção rudimentar a Mae. Faltava ver se serviria de alguma coisa.

Você sentiu?, Horatio perguntou subitamente, tirando Justin de seus pensamentos.

Senti o quê...

Justin *tinha* sentido, algo como um leve formigamento na pele. Ele teria ignorado se o corvo não houvesse comentado. Era a mesma sensação que às vezes tinha perto de praticantes poderosos.

De onde está vindo isso?, ele perguntou.

De onde você acha?, Magnus perguntou. *Dominic que não foi encontrar a religião agora.*

Justin não esperou para ouvir mais. Abriu a porta do carro e colocou as pernas para fora, ouvindo um grito de surpresa de Dominic.

— O que você está fazendo?

— Tem alguma coisa errada. — Justin desatou a correr pelo gramado e Dominic se aproximou dele com facilidade. Segurou-o pelo ombro.

— Você vai simplesmente entrar? Não sabe onde vai se meter.

Justin contemplou a escuridão.

— De duas, uma. Ou não tem nada de errado e não tem mal nenhum em entrar, ou tem alguma coisa errada e nós podemos ajudar.

— Acho que é um pouco mais complicado do que isso.

— Você que achou que seria muito perigoso no começo. — Justin voltou a olhar para o armazém. — Você vem ou não?

Dominic acabou indo junto.

Eles logo encontraram sinais da passagem de Mae e Leo. A porta dianteira estava entreaberta e o painel de segurança interno estava programado no modo diurno. Fora isso, o enorme armazém estava escuro e silencioso. Dominic seguiu na frente, avaliando o espaço e se mantendo de maneira protetora perto de Justin, quase igual a como Mae agia. De repente, Dominic estacou e puxou Justin consigo para trás de uma pilha de engradados. Os olhos de Justin haviam se acostumado com a meia-luz, e ele viu Dominic apontar para a frente. Perscrutando por trás das caixas, Justin conseguiu discernir um foco de luz brilhando no chão perto do outro lado do armazém, e um vulto masculino parado ali perto que, claramente, não era de Leo. O vulto estava andando de um lado para o outro, em guarda, mas ainda não os tinha avistado.

Justin estava prestes a sussurrar e perguntar para Dominic o que fariam quando ele avançou sem avisar. O homem perto do buraco deu meia-volta, surpreso, mas foi lento demais. Dominic o lançou no chão e segurou o oxigênio do homem até ele desmaiar.

— Puta merda — Justin disse, correndo para olhar. O homem

inconsciente estava com um pingente de gralha. — O que foi isso?

— Psiu! — Dominic murmurou. — Pode ter mais alguém.

Quando Justin olhou para baixo na escadaria no chão, sentiu aquele formigamento aumentar.

— Sim. E eles estão lá embaixo.

Dominic checou o ego rapidamente, como que esperando que Leo pudesse mandar uma mensagem de última hora que arrumasse a situação. Sua cara feia mostrou que não havia chegado nenhuma mensagem.

— Espere aqui — ele disse a Justin, que logo o seguiu escada abaixo. Dominic meneou a cabeça, exasperado, mas não disse nada.

Lentamente, eles desceram as escadas em espiral. Dominic foi andando ainda mais devagar quando se aproximaram do fim da escada. Viram um batente, e Dominic logo fez sinal para que Justin ficasse no canto a fim de que não fossem vistos por quem estava lá dentro. Dominic enrijeceu, cerrando os punhos.

Embora a maior parte de seu trabalho realmente consistisse em burocracia e interrogatórios, Justin havia visto um bom número de esconderijos religiosos insanos. E, como dissera a Mae, tinha presenciado inúmeras coisas incríveis que desafiavam a lógica. Nada, porém, se comparava ao santuário à morte e ao sangue que se estendia diante dele. Era o tipo de coisa que os filmes mostravam quando tentavam criar as imagens mais terríveis sobre religiões de que eram capazes.

Mas a decoração não era nada perto do que estava acontecendo dentro do templo. Dois homens pan-celtas estavam ao lado de um altar de pedra, enquanto uma mulher no canto apontava contra Leo uma arma que parecia muito com a de Mae. Três outros pan-celtas estavam feridos, mas um já parecia estar num estado irremediável. O mais horrível de tudo era que a própria Mae estava deitada sobre o altar, olhando fixamente para o alto com o corpo trêmulo. Dominic respirou fundo, esforçando-se para se controlar.

— Maldita epinefrina — ele murmurou.

— Quê?

— Epinefrina. Eles encheram Mae dessa substância.

— Epinefrina é adrenalina — Justin disse. — Não um veneno.

— É a mesma coisa para um pretoriano — Dominic explicou. —

É o principal neurotransmissor do modo de combate. Os implantes disparam a produção dele se sentem o mínimo aumento no corpo. Está vendo o dardo no peito dela? — Ele apontou. — Aquilo não é um aumento mínimo. É uma dose grande que colocou o implante em sobremarcha. Nem o corpo dela consegue lidar com a quantidade que está produzindo tão rápido.

Justin ficou olhando horrorizado, sem conseguir acreditar que estava vendo a invencível Mae tão debilitada.

— Isso vai matar Mae?

— Não, mas causaria um ataque cardíaco em você. Com o tempo, o implante vai perceber que não precisa que o corpo produza mais e vai começar a consumir a substância. — Ele fez uma careta. — É uma ótima maneira de incapacitar um pretoriano com uma substância fácil de encontrar. Na verdade, é mais eficaz do que usar veneno de verdade.

— Como você sabe de tudo isso?

Dominic o ignorou.

— Acho que você tem evidências mais que suficientes para pedir ajuda.

Ele estava certo. Justin tirou o ego do bolso e digitou o código rápido que enviaria a polícia local para sua localização. Depois de guardar o ego no bolso, voltou a olhar para a terrível cena à sua frente. Os dois homens pan-celtas perto do altar estavam conversando concentrados. Abaixo deles, Mae estava claramente inativa, mas seus espasmos estavam diminuindo de velocidade e ficando mais irregulares.

— Queria saber por que eles a mantiveram viva — Dominic matutou.

— Para matá-la — Justin disse, vendo um brilho prateado nas mãos do homem mais alto. — Mas eles precisam fazer isso de maneira ritualística. — As peças se encaixaram. Inimigos comuns de Morrígan, como Callista, poderiam ser mortos da maneira que fosse mais eficaz. Mas aquelas criações desobedientes... exigiam algo especial, ele entendeu. Prata no coração, na noite de lua cheia, pelas mãos dos outros servos dignificados. Aqueles que Morrígan havia criado não poderiam ser mortos de uma forma qualquer, mesmo que isso significasse uma taxa lenta de um por mês. — Mas

eles parecem estar demorando.

— Eles devem estar pensando que derrubaram Mae por um tempo.

— E não derrubaram?

Dominic encolheu os ombros.

— Acho que não tanto quanto pensam. Era disso que eu estava falando sobre o perigo dos pretorianos. Mesmo quando você encontra uma maneira de detê-los, eles não ficam imobilizados por muito tempo. — Seu olhar preocupado se voltou para Leo, mas ele parecia ser um mero refém. — Desde que não tentem matar ninguém tão cedo, acho que podemos esperar pela polícia.

Não esperem, Magnus disse.

O corvo mal tinha terminado de falar quando o homem alto se virou subitamente para o mural no fundo do templo e ergueu os braços.

— Grande rainha, seguimos vosso comando e devolvemos a vós alguém que vos traiu.

E, com uma velocidade que surpreendeu tanto Leo como Justin, ele se virou e apontou a adaga na direção de Mae. Ergueu os braços, preparando-se para o golpe fatal, mas então estacou, como se tivesse atingido uma barreira invisível que não conseguia penetrar. Visivelmente surpreso, tirou uma das mãos da adaga e passou-a de leve no peito de Mae sem nenhum problema. Mas, quando tentou enfiar a adaga no peito dela, não conseguia sequer encostar.

Acho que você não é tão inútil assim, Horatio disse.

— Tem algum feitiço nela — o homem alto disse, incrédulo. Franziu a sobrancelha. — Vocês têm outra lâmina?

Alguém deu uma faca de caça comum. Hesitante, o homem tocou a bochecha de Mae com a ponta da faca, sem encontrar resistência. Então assentiu com a cabeça, satisfeito.

— Um amuleto que a protege da divindade. Não vai durar muito. Podemos esperar. — Ele estudou a lâmina da faca sob a luz. — Ou talvez nossa soberana possa aceitá-la com uma arma secular.

— Não podemos esperar até eles decidirem — Justin sussurrou. — Ou até a polícia chegar, pelo jeito.

Dominic concordou, com o olhar sombrio:

— Seis pessoas. Uma arma de longo alcance. Essa é a grande merda para chegar até lá.

— Mae sempre carrega duas armas — Justin disse. — Então deve ter mais uma também.

— Vamos torcer para que eles não sejam rápidos o bastante para pegar a pistola. Se eu conseguir derrubar o que está com o Leo, o resto vai ser fácil.

— Fácil? — Justin perguntou, incrédulo.

— Precisamos distrair a mulher sem sermos mortos.

Justin pensou sobre a questão.

— Talvez eu tenha um jeito...

Vocês odeiam muito as gralhas, não é?, ele perguntou.

Horatio entendeu o que ele tinha em mente. *Se fizermos isso, vai doer. Mais do que da última vez.*

Eu aguento, Justin disse, tentando não fazer cara feia. *Mas tomem cuidado para que a mulher com a arma não olhe para cá.*

Para Dominic, disse:

— Se prepare para derrubar a mulher.

E, de repente, os dois corvos se manifestaram diante deles, mais escuros que a noite lá fora. Eles entraram voando na sala, mergulhando na direção dos dois homens parados ao lado de Mae, arranhando-os com seus bicos e garras. Todos os fiéis de Morrígan prenderam a respiração, espantados, e a mulher com a arma se virou para assistir com os olhos arregalados. Por um momento, Dominic pareceu igualmente perplexo. Então, Justin, tentando não gritar pela dor de ter seus companheiros arrancados da sua cabeça, o empurrou.

— Vai! Essa é a sua chance!

Dominic atravessou o templo correndo na direção da mulher armada e a jogou no chão com uma força extraordinária. Com habilidade, tirou a arma das mãos dela e, quando ela avançou para cima dele, ele disparou com a habilidade e a pontaria de alguém que usou armas durante toda a vida. Isso fez com que os outros parassem de olhar para os corvos, exceto o mais alto, que ainda estava sendo atacado por eles. Dominic encarou os seguidores de Morrígan sem titubear, mas teve de enfrentar uma situação para a qual estava completamente despreparado: a capacidade deles de se

metamorfosear em vultos rápidos feitos de sombras esfumaçadas. Depois de um começo ruim, Dominic começou a entender quando poderia encostar neles e logo ganhou terreno, fosse disparando ou incapacitando-os com socos incríveis.

Mae, Justin pensou. *Preciso tirar Mae daqui.*

Ele começou a entrar na sala no mesmo instante em que Leo o alcançou, tendo aproveitado a confusão para escapar.

— O que você está fazendo? — Leo perguntou. — Vamos dar o fora daqui. Deixe Dom cuidar disso.

— Preciso pegar Mae!

— Você precisa chamar a polícia.

— Já chamei.

Leo meneou a cabeça.

— Ouvi uma coisa que eles falaram. Tem um bloqueador de sinal aqui. É por isso que vocês não receberam nenhuma de nossas mensagens. Volte para o carro e ligue para eles de lá.

Justin tirou o ego do bolso e, com a visão tonta por culpa da dor, digitou o código que permitia que ele fosse usado sem seu chip de identidade. Enfiou o ego na mão de Leo antes de entrar.

— Ligue você.

— Espere...

Para o espanto de todos, Dominic havia derrubado quatro pan-celtas ágeis e estava avançando contra o quinto. O homem alto com a adaga de prata estava ocupado tentando se defender de Magnus e Horatio. Em determinado momento, sua lâmina cortou a asa de Horatio, e Justin cambaleou assolado por uma dor excruciante, muito mais violenta do que com a saída dos corvos. Subitamente, os pássaros sumiram de vista e ele voltou a sentir a presença deles dentro de sua cabeça, embora a dor permanecesse.

Desculpe, Horatio disse. *Morrígan abençoou a lâmina.*

Vocês fizeram um bom trabalho, Justin parabenizou.

A intenção inicial de Justin era pegar Mae no meio da bagunça e levá-la para longe de tudo aquilo, mas, com o sumiço dos corvos, o homem alto estava avançando contra Dominic. Sem pensar duas vezes, Justin se jogou em cima das costas dele, fazendo-o cambalear e errar o ataque. Justin não tinha visto nada que pudesse servir de arma e não fazia ideia de como se tentava um ataque sem uma.

Simplesmente tinha imaginado que o peso de seu corpo seria o suficiente para desequilibrar o malfeitor. E foi, mas não por muito tempo.

O homem deu meia-volta e o acertou de relance com a adaga, cortando a bochecha de Justin. Outra dor excruciante disparou por ele, mais forte do que ele imaginava.

Viu?, Magnus perguntou.

O homem reconheceu Justin e avançou a passos largos.

— O servidor. Que surpresa.

— Por quê? Achou que a sua assassina me mataria? — Atrás de seu adversário, Justin viu que o homem com quem Dominic estava lutando portava a segunda arma. Dominic ainda estava se dando bem, mas desviar da arma fazia com que aquela não fosse uma luta fácil como as outras haviam sido. Justin tinha a sua própria luta para combater.

— Assassina? — Chegava a ser cômica a perplexidade do servo de Morrígan.

— A falsa nórdica que se transformava em jaguar.

O homem meneou a cabeça.

— Não perderia meu tempo mandando uma assassina atrás de você. Seu deus, seja ele quem for, é fraco demais para que minha soberana se importe. Talvez algum outro deus odeie você.

— Ah, é? Então como...

Justin perdeu a voz quando Mae pulou subitamente do altar. Sem hesitação, ela se atirou contra o homem alto, com os olhos destruidores. Ele caiu, mas se transformou em fumaça e disparou para longe antes que ela pudesse prendê-lo no chão. Reapareceu, na forma humana, diante dela. O deboche que havia reservado a Justin desaparecera. Só havia ódio agora em seus olhos enquanto media Mae. Eles observavam todos os movimentos um do outro, por menores que fossem. Justin teve a impressão de que algo monumental estava acontecendo. Até a força divina no templo parecia estar prendendo a respiração.

As palavras de Dominic sobre a recuperação de Mae se provaram verdadeiras. Ela não aparentava nenhum sinal da agonia anterior. Seus olhos estavam estreitados avaliando o homem e, então, inesperadamente, ela recuou, saltando de volta em cima do altar. O

altar era composto de uma grande rocha colocada em cima de duas outras, e ela a golpeou de tal maneira que fez todas desabarem. O tremor reverberou no ar e o servo de Morrígan abafou um grito.

— Isso é um problema, Emil? — Mae perguntou. Ela recuou ainda mais, quase até a parede. Com olhos apontados contra ele, segurou uma das máscaras e a lançou no chão, partindo-a em pedaços. — E isso?

O homem, Emil, ficou vermelho de fúria.

— Você vai morrer por essa profanação.

— Não vou morrer hoje — ela respondeu, com calma. — E, mesmo se morrer, não vou para sua deusa.

— Ela te criou! Você pertence a ela.

— Ela não é mais minha dona. — Ela destruiu outra máscara. — Ou de mais ninguém. Sangue demais já foi derramado.

Até aquele momento, tudo o que Emil vinha fazendo tinha sido muito calculado e controlado, mas suas emoções estavam mais fortes. Ele atacou, transformando-se em fumaça, mas isso durou pouco. Ele pareceu surpreso ao se rematerializar tão rápido, mas, mesmo assim, conseguiu chegar perigosamente perto dela com a adaga abençoada por Morrígan.

Dominic tinha finalmente acabado com os outros e estava com a arma que confiscara apontada contra Emil. Justin correu até ele.

— Não, deixe que ela acabe com ele.

— Ela está desarmada — Dominic disse.

Emil estava perseguindo Mae inutilmente, enquanto ela destruía coisas no caminho. Aquilo deveria dar mais chances a ele, mas, a cada parte do templo que ela quebrava, ele parecia vacilar mais. Ele também não conseguia mais mudar de forma. Ainda era rápido e viperino, mas não de forma sobre-humana. Certamente não em um grau pretoriano.

— Só espere — Justin disse a Dominic. — Ela precisa fazer isso.

Mae estava chegando ao centro do templo agora, com Emil a seguindo freneticamente. Tarde demais, Justin viu o que ela não percebeu com o canto dos olhos: uma pan-celta que havia sido incapacitada segurou a perna de Mae quando a corrida fatal estava perto dela. Mae tropeçou, e Emil deu seu grande golpe, partindo para cima de Mae com a adaga apontada para o coração dela. Justin

não fazia ideia se o amuleto que a havia protegido ainda estava funcionando, mas não precisou descobrir.

Mae rolou para o lado, conseguindo se libertar da mão da mulher ao mesmo tempo que tirava a adaga amarelo-âmbar da bainha da bota. Emil estava tão concentrado no seu ataque que em momento algum viu a adaga de Mae, nem mesmo quando partiu para cima dela. O peso do corpo dele a jogou no chão, mas já era tarde demais. A adaga cortou a coxa dele, fazendo-o gritar e se contorcer de dor. Ele derrubou sua lâmina e chegou a tentar sair de cima dela. Ela mais que aceitou a ideia, virando-o de bruços de maneira que pudesse ficar em cima dele e dar um segundo golpe com a adaga amarelo-âmbar, direto no coração. Justin viu os olhos do homem se arregalarem em choque, mas nenhum grito saiu de sua boca dessa vez. Mae esperou mais alguns segundos e então puxou a adaga com força e se levantou, observando inexpressiva conforme sua vítima se contorcia e sangrava. Depois de vários segundos apavorantes, Emil parou de se mexer. Uma crepitação de poder reverberou no ar até que o formigamento que Justin havia sentido em sua pele desapareceu.

— Ninguém nunca está esperando a faca — Mae disse, inexpressiva. Ela estudou o corpo de Emil por mais alguns momentos e então levantou os olhos, surpresa. — Morrígan foi embora. — Ela segurou o braço de Justin extasiada. — Você consegue sentir? O ar... está mais leve. Ela estava aqui antes, pressionando, tentando entrar em mim. Mas não conseguia. Foi por sua causa, não foi? O que você fez comigo antes?

— Eu... não sei — ele admitiu, um tanto encantado com a alegria e a luz nos olhos dela. — Foi só uma coisa que eu aprendi.

— Continue aprendendo — ela disse. — Talvez possamos continuar a mantê-la longe.

Não precisa, Horatio comentou. *Mae está livre. Morrígan foi aniquilada. Ela pode voltar a juntar forças e retornar algum dia, mas todos os seus antigos laços se partiram. Você sentiu quando ela foi separada do mundo. A destruição do templo e dos seguidores dela foi um golpe duro, e aquele homem em particular devia ser um dos servos mais importantes dela.*

Usar aquela adaga foi ainda mais devastador, Magnus acrescentou.

O que o faz dizer isso?, Justin perguntou. *A parte em que ela perfurou*

o coração dele e o matou?

A adaga amarelo-âmbar tem o poder de uma divindade, assim como as de prata tinham, Magnus explicou. *Provavelmente do deus ou deusa da pessoa que mandou.*

A deusa de Callista?

Não.

Justin contou a Mae o que os corvos haviam dito sobre a partida de Morrígan e achou melhor editar a parte de que aquela linda adaga era consagrada a uma deidade.

Os policiais chegaram logo depois, atordoados com a cena terrível que encontraram. Leo havia esperado a chegada deles do lado de fora e só então Justin notou que Dominic havia desaparecido.

— Onde ele está?

O rosto de Leo estava calmo.

— Ele nunca esteve aqui.

— Claro que esteve! Metade daqueles corpos são trabalho dele. Eu vi.

— Eu também — Mae disse, com uma pequena ruga surgindo na testa. — Parte da coisa, pelo menos. Ele era... bom.

— Nós não sabíamos que ele iria se envolver em nada desse tipo quando veio junto — Leo disse. Ele olhou nervoso para os policiais que estavam cercando a cena do crime e abaixou a voz. — Se você tem algum respeito pela nossa amizade, não vai dizer nenhuma palavra sobre a vinda dele. Todas as vítimas são da Mae. Eu concordo com qualquer história que quiser, que tinha pessoas de fumaça de verdade ou que não vimos nada daquilo. Mas não mencione Dominic.

A seriedade na voz dele pegou Justin de surpresa. Por hábito, ele trocou olhares com Mae, que pareceu igualmente estarrecida. Justin não gostava de Dominic, mas ele havia salvado a vida deles naquela noite, e os longos anos de amizade com Leo valiam muito.

— Está bom. — Justin disse devagar. — Dominic nunca esteve aqui.

Mae abriu a boca para protestar, mas Justin lançou um olhar de advertência que a manteve quieta. Leo segurou a mão dele, quase desmaiando de alívio.

— Obrigado. Fico te devendo uma.

Justin meneou a cabeça.

— Sei não. Acho que sou eu quem está devendo uma para você por ter nos trazido até aqui.

Quando Leo saiu para tomar um ar, Mae imediatamente abordou Justin.

— Foi uma boa ideia? Você vai mentir sobre o Dominic.

— Vou mentir sobre você também — ele disse, baixinho. — Quando eu disser que você não teve escolha a não ser apunhalar o coração do Emil depois de já ter causado um ferimento debilitante na coxa.

O rosto de Mae ficou sombrio.

— Precisei fazer isso. Ele continuaria vindo atrás de mim e dos outros. *Ela* não teria sido banida. Eu nunca ficaria livre...

Justin envolveu o braço em torno dela e a levou até a escada.

— Você não precisa me convencer. O que eu estou dizendo é que todos tivemos nossos motivos hoje. Depois que a Segurança Interna confirmar aquelas adagas e reunir testemunhas para verificar que Emil estava perseguindo as vítimas, ninguém vai se importar com a maneira como o caso foi fechado.

A brisa da noite estava quente, com o ar úmido e denso. As nuvens de antes haviam ido embora, revelando uma noite iluminada pela lua e pelas estrelas. Sair foi bom e diminuiu um pouco a dor de cabeça latejante e as outras dores de Justin, embora ele ainda estivesse contando os segundos para poder caçar um anestésico de verdade. Ele tinha bons motivos para deixar de lado alguns dos seus antigos vícios, mas, enfim, em momento nenhum imaginou que participaria de uma batalha sobrenatural.

Mae, por outro lado, parecia estar ótima. Ele achou, inclusive, que ela estava excepcionalmente linda enquanto olhava para cima. Radiante, até.

É a liberdade, Magnus disse. *Nenhum deus está afligindo Mae agora. Ela pode seguir qualquer um e outros vão vir atrás dela.*

Se você tivesse bom senso, Horatio acrescentou, *poderia até trazer Mae para o nosso lado.*

Eu nem estou do lado de vocês, Justin retrucou.

— E como você vai se justificar no relatório oficial? — Mae

perguntou, com os olhos tão escuros quanto a noite. — Com relação aos deuses e às coisas sobrenaturais? — Suas palavras o lembraram daquele imenso relatório de quatro anos antes.

— Vou falar o que for necessário para me manter aqui — ele respondeu.

— E o que vai ser?

— Esse é o problema. Ainda não sei direito.

35. Um recluso e um gênio da tecnologia

A máquina burocrática da ICS levou um tempo para encerrar o caso. As forças armadas foram muito mais eficientes e, em dois dias, Mae foi convocada à sala do general Gan.

É agora, ela pensou, chegando perto da entrada da base. *Era por isso que eu estava esperando.*

Embora o caso não estivesse encerrado oficialmente, ela vinha mantendo contato com Justin e soube que todas as evidências incriminatórias por que eles esperavam estavam sendo descobertas. Ninguém poderia negar a enormidade daquele sucesso. Ela poderia voltar a manter a cabeça erguida diante de Gan e dos pretorianos, e retornar a seu lugar de direito.

— Um templo à morte e um escândalo genético. — Gan riu com o absurdo do que havia sido descoberto na capitania pan-celta. — Quando me pediram para designar você a March, não imaginava a loucura que estava por vir.

As palavras que ele escolheu chamaram a atenção dela. Ela vinha passando tempo demais com Justin.

— Pediram? Pensei que o senhor tinha me colocado com ele como punição.

— Pensou? — Ele meneou a cabeça, obstinado. — Ah, não. Foi uma série de coincidências bizarras, na verdade. A ICS tinha pedido um pretoriano para buscar dr. March e nós tínhamos escolhido um. Não lembro quem. Acho que um verde. Enfim, Francis Kyle estava na base para uma reunião com o departamento de pesquisa. Parece que ele se perdeu e foi orientado por um homem que disse que trabalhava aqui, mas que eu não reconheci pela descrição.

— Como ele era, senhor? — Mae não tinha por que perguntar, e Gan não tinha por que responder. Não era importante para a

história, mas uma parte dela precisava saber que ironia do destino a havia levado até aquele ponto.

Gan pensou um pouco.

— Não lembro exatamente os detalhes. Ele era mais velho. Sem farda. Tinha um olho de vidro; talvez seja por isso que orientou tão mal. — Ele pareceu ver muita graça na piada. — Enfim, de algum modo, mandou Kyle para o nosso departamento, que estava alvoroçado sem saber o que fazer com uma pretoriana que tinha começado uma briga num funeral.

Ela quase comentou que não havia começado a briga, mas achou melhor ficar quieta.

— Kyle ouviu que você era nórdica e ficou animado com a ideia. Ele se entusiasma muito fácil, caso não tenha notado. — Dizer que ele se entusiasmava "muito fácil" era uma maneira de falar, Mae pensou, lembrando-se de como o diretor havia babado por Justin. — Ele te requisitou para a ICS porque achou que sua origem poderia ajudar com todas as visitas aos patriciados. E então você foi.

— Se não fosse por isso, o que teria acontecido comigo, senhor?

— Advertência. Suspensão de duas semanas. E proibição de usar a farda, o que acabou sendo sua única punição, na verdade. Mas não demoraríamos em te colocar no campo de novo.

Mae estava atônita. Duas semanas não teriam sido nada. Havia se passado o dobro de tempo. Depois de duas semanas, ela poderia estar usando a farda preta de novo e partindo para a batalha, como era seu objetivo. Em vez disso, meia dúzia de más orientações e uma série de acontecimentos ainda piores fizeram com que ela caísse de paraquedas numa missão que virou seu mundo de cabeça para baixo.

— Estamos muito contentes com a maneira como você lidou com aqueles fanáticos — Gan continuou, sem saber dos pensamentos que fervilhavam dentro dela. — Você vai receber uma ótima menção para equilibrar a reprimenda. — Ele olhou para ela com expectativa, aguardando uma resposta apropriada.

— Obrigada, senhor.

— E vai poder voltar a usar a farda.

Mae perdeu o fôlego, sentindo uma onda de alegria surgindo

dentro dela. A farda! Ficar sem ela havia se tornado um peso muito maior do que havia imaginado. Embora poucos soubessem da punição, ela sentia como se tivesse caído em desgraça e isso fosse visível para todos.

— Mas — Gan continuou — infelizmente não vai poder usá-la por um tempo.

Ela abandonou as divagações.

— Como assim, senhor?

Uma expressão irritada perpassou o rosto dele.

— Eu estava pronto para te colocar de volta no serviço regular depois que os homicídios patrícios foram encerrados, mas a Segurança Interna pediu que te deixássemos com ele, com March. Acredite em mim, eu argumentei contra, mas... bom, eu perdi. — Mae se perguntou se Gan já havia admitido ter perdido alguma coisa na vida. — Para ser justo, depois do que vocês enfrentaram, entendo por que querem mais proteção para os servidores. Eu ofereci outra pessoa, mas o diretor Kyle insistiu em você. É uma missão honrosa — Gan acrescentou, observando-a com atenção. — Como todas as missões pretorianas.

Ela engoliu em seco.

— Sim, senhor. Claro. Só estou surpresa, nada demais. O senhor sabe por quanto tempo vou ficar nessa missão?

— Não faço a menor ideia. Se tiver sorte, talvez March faça alguma coisa para ser exilado de novo. — Gan riu com a própria piada, e Mae forçou um sorriso. — Seja como for, sei que vai se sair bem. Como sempre.

— Obrigada, senhor. Posso perguntar uma coisa? Uma coisa que não tem nada a ver com isso?

— Claro. — Às vezes ele parecia apenas curioso para saber o que se passava na cabeça dela.

— Algum pretoriano já desertou?

Por essa pergunta ele definitivamente não esperava. Depois de um momento, sua surpresa se transformou em ironia.

— Você vai querer sair depois dessa missão?

— Não, senhor — ela disse, sem conseguir conter o riso. — Seria preciso algo muito pior para que isso acontecesse. Só ouvi uns pretorianos bêbados conversando sobre esse assunto num bar e

nunca tinha pensado nessa questão antes. Não parece possível.

— É porque você é muito leal e, me perdoe, mas essa lealdade não permite que você veja pessoas menos nobres. Sim, alguns pretorianos tentam desaparecer, normalmente porque não querem devolver o implante quando são afastados. — O olhar dele ficou perdido e seus pensamentos pareciam estar longe enquanto tocava distraidamente a fita preta em seu colarinho. — Lembro quando aconteceu comigo. Existem maneiras de facilitar a transição, drogas que podem ajudar... mas, mesmo assim, é difícil. Perder o implante é como perder uma parte inerente sua. Mas é necessário; lembre-se disso quando tiver quarenta anos. É um presente do nosso país que precisa ser devolvido.

— Sim, senhor. — Parecia faltar uma vida para ela chegar aos quarenta. — Mas eles são pegos, certo? Ninguém consegue ir muito longe.

— Não se ficarem no país. — Ele digitou alguma coisa num painel em sua mesa, ligando uma tela na parede atrás dele. — Mostrar arquivo Donovan.

Instantaneamente, surgiram as fotos de cinco pessoas. O texto sob elas listava nomes e datas. Três nomes estavam em preto, dois em vermelho. Gan apontou para a primeira.

— O arquivo tem esse nome por causa de Virgil Donovan, o primeiro pretoriano a tentar fugir com o implante. Ele foi pego, assim como estes dois. Já estes dois... — Ele fez uma careta. — Eles fugiram para as províncias. Se um dia forem encontrados, vão ser executados por traição e roubo de tecnologia militar.

— Eles foram vistos nas províncias, senhor? — Ela ficou surpresa que a RANU não tivesse enviado ninguém para buscar os pretorianos traidores.

— Não, mas não existe nenhum lugar onde eles pudessem estar. Se estivessem aqui, os chips de identidade deles já teriam disparado um mandado.

Mae ficou olhando atentamente para os ex-pretorianos. Um homem e uma mulher. Ela não reconheceu nenhum dos dois.

— Existem chips falsos, senhor.

— Sim — ele concordou —, mas só enganariam sensores localizados. Qualquer leitor de chip ligado ao registro identificaria

o chip falsificado imediatamente. E, com o avanço da tecnologia, ficaria praticamente impossível fazer a manutenção de um chip falso, mesmo para leitores localizados. Seria preciso ter um gênio da tecnologia à mão ou se tornar um recluso que nunca se aproxima de um leitor para evitar detecção.

— Então eles devem estar nas províncias — ela concordou, baixinho. Voltou a olhar para as fotos, concentrando-se no homem, Alexander Srisai. Ele ainda não parecia ninguém que ela conhecia.

Gan a examinou.

— Tem certeza de que não vai fugir de nós?

Foi então que ela percebeu como sua pergunta tinha sido suspeita.

— Tenho, senhor. Obrigada por responder.

Era meio-dia quando ela foi dispensada, mais tarde do que havia imaginado. Uma olhada nos horários de trem lhe disse que ela teria tempo para fazer a viagem que queria e, depois de uma ligação rápida para avisar, logo estava num trem para Portland. Chegou à casa de Leo e Dominic no fim da tarde. Leo abriu a porta, mais à vontade com ela do que ficava inicialmente; mas, mesmo assim, ele não pareceu muito animado em vê-la.

— Dominic saiu? — ela perguntou, olhando ao redor quando entrou.

— Ele está num seminário sobre vinicultura na Califórnia. Estão examinando a maneira como os componentes do solo interagem com alguns híbridos Chardonnay mais recentes. — Havia uma precisão na voz dele que a lembrou da história que ele havia contado sobre como conhecera Dominic, aquela que Justin disse ter sido inventada.

— Quando ele volta?

Leo pareceu desconfiado.

— Por quê?

— Curiosidade só. Queria dizer oi.

Ela não mencionou o que havia acontecido no templo de Morrígan e, depois de alguns momentos, Leo pareceu perceber que estava sendo hostil. Ele se forçou a relaxar.

— Daqui um mês. Lembre-se de falar isso para Justin. Tenho certeza de que ele vai ter vários comentários sarcásticos sobre

como espera que Dom aprenda alguma coisa.

Mae sorriu.

— Talvez eu devesse levar uma garrafa para ele. Parece que não vamos nos livrar um do outro tão cedo.

— Ah? — Leo lançou um olhar inquisidor. — Como se sente com relação a isso?

— É meu trabalho.

— Sim, mas não é exatamente ideal para alguém como você. Eu sei como os pretorianos trabalham.

Sim, ela pensou. *Tenho certeza de que você sabe.*

— Pretorianos fazem o que têm de fazer — ela disse.

— Pois é — ele disse, com um tom de amargura na voz.

Depois de mais um pouco de conversa fiada, Leo entrou no motivo por que ela havia pedido para ir lá naquele dia. Se ela tinha descoberto alguma coisa sobre ele, era que sua curiosidade poderia triunfar sobre seus pensamentos mais precavidos. Justin tinha a mesma característica.

— Então — Leo disse, conduzindo-a até seu laboratório. — Vai ser um prazer testar seu sangue. Só não entendi por que quer fazer isso.

— É só uma intuição — ela disse.

O laboratório parecia completamente caótico, mas Leo não teve dificuldade em encontrar uma caixa com seringas novas em meio a todos os objetos de vidro e metal.

— Vai levar algumas horas para processar — ele disse, depois de tirar o sangue, parecendo subitamente constrangido. — Vou ter que dar uma olhada de vez em quando... mas, se você quiser, sei lá... comer alguma coisa...

— Não se preocupa — ela disse, poupando-o de fazer sala para ela. — Tenho trabalho a fazer e queria dar uma volta em seus campos. Volto mais tarde.

Na verdade, Mae não tinha trabalho nenhum para fazer. Ela queria fazer uma ligação, mas não poderia ligar ainda e queria estar em casa para isso. Ela falou a verdade sobre os campos, e entrou neles, admirando as fileiras alinhadas de videiras que começavam a trepar nas colunas. A vinicultura era um mistério para ela, mas era visível o quanto Dominic havia se esforçado e manter aquele

terreno era sem dúvida uma boa desculpa para não sair muito.

Justin acha que ele é só paranoico e antissocial, ela pensou. *Ele acha que é por isso que Leo queria deixá-lo fora do relatório oficial*. Talvez realmente fosse tão simples. Afinal, teoricamente era Justin o brilhante mestre da dedução. Mae, por mais que se considerasse inteligente, nunca afirmaria ter os poderes dele de interpretar as pessoas. No entanto, ela confiava muito em seus instintos. Foi por causa deles que havia sobrevivido e, agora, eles estavam falando algo muito diferente do que Justin pensava com relação a Dominic.

Pensar em Justin levou seus pensamentos para outras áreas. Ela só vinha tendo a chance de se comunicar com ele por escrito, mas ele não saía de sua cabeça. Mais uma vez, Justin havia conseguido emaranhar as percepções que ela tinha dele. O homem cujo rosto havia se enchido de força e afeição para arriscar a vida contra Emil lembrava pouco aquele homem insensível que lhe havia dito que ela não era mais interessante na cama. E a memória daquele amante no Panamá sempre, absolutamente sempre, se recusava a ir embora. Todas essas imagens a deixavam profundamente impressionada. Ela não conseguia esquecer nenhuma. E uma ela não conseguia perdoar.

A determinação firme de seu coração ganhava ainda mais complicações com os telefonemas e mensagens ininterruptos de Lucian. Seu último convite havia sido para que ela e Justin fossem "convidados de honra" em um evento para angariar fundos. Lucian havia escrito: *Nós poderíamos dançar uma ou duas vezes e ninguém se importaria*. Mae ainda não tinha respondido.

Ela acabou deixando todas essas considerações de lado e voltou para a casa quando o céu estava escurecendo. Ao ver a expressão estarrecida de Leo, seus alarmes dispararam. Talvez ele tivesse imaginado as conclusões dela em relação a Dominic.

— Que foi? — ela perguntou.

Ele meneou a cabeça, completamente atordoado.

— Uma coisa em que você não vai acreditar.

— Você ficaria surpreso com o que eu ando acreditando hoje em dia.

Ele a levou até duas telas lado a lado. Ela reconheceu que havia uma sequência de DNA em cada uma e números que não faziam

nenhum sentido para ela.

— Foi isso que você me mandou faz algumas semanas, sua análise genética completa das forças armadas — ele disse, apontando para uma das telas. — E essa foi a que eu acabei de fazer. Elas não são iguais. — Como ela não respondeu, ele olhou de soslaio para ela. — Você não está surpresa.

— Eu estou... — ela disse devagar. — Quer dizer, sei lá. Claro que não teria pedido para você fazer o teste se não achasse que tinha alguma coisa estranha, mas não sabia o que esperar. Talvez o exército tenha mandado os registros de outra pessoa.

— É o que eu teria pensado se os resultados fossem completamente diferentes. Mas os deles são *quase* iguais a esses. Quando você compara o deles ao de verdade, fica claro que o primeiro tinha sido modificado. Tinha sido alterado para parecer mais... real.

— Como ficaria se não fosse? — ela perguntou.

— Ficaria assim. — Ele apontou para a tela à direita. — Você tem uma composição genética exatamente igual à das vítimas patrícias. Indescritivelmente perfeita. Genes projetados com perfeição. Alguém fez um belo trabalho de colocar falhas críveis na sequência que o exército tem. Eu nunca teria imaginado que fosse falso se não tivesse a prova viva de que *isso* é você.

Ele quase parecia envergonhado com a omissão, mas ela imaginou que, para um gênio da tecnologia, aquele era um erro grave. Já ela não conseguiu tirar os olhos da tela ou diminuir a velocidade de seu coração.

— A última peça maluca do quebra-cabeça — ela disse, com uma voz que não parecia sua. — Isso torna tudo oficial.

— Depois de tudo o que aconteceu, "maluco" é o novo normal. Assim... você é um bebê projetado por manipulação genética revolucionária ou pela intervenção de uma deusa. E, depois do que eu vi naquela noite... — Leo disse sem nenhuma petulância. — Bom, não sei mais no que acreditar. Ainda fico do lado da ciência, mas eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei incomodado porque você e Justin não ficaram tão chocados com aquelas coisas quanto deveriam. Eu meio que tive um ataque.

— Por falar no lado da ciência, você consegue pensar num

motivo por que as forças armadas teriam informações genéticas alteradas sobre mim? — ela perguntou.

Leo perdeu o ar filosófico e abriu um sorriso irônico.

— Faz tempo que eu aprendi que não há nada que as forças armadas não possam fazer. Elas têm segredos atrás de segredos... — Ele hesitou. — Ainda mais no caso dos pretorianos.

Ela olhou nos olhos dele.

— Você realmente sabe muito sobre pretorianos.

— Não trabalho mais com eles. — Ele abriu um sorriso que os dois sabiam ser falso. — Só sou um cara que trabalha com controle de natalidade.

Depois que eles terminaram, ela recusou a oferta de passar a noite lá. Seria desagradável para os dois. Havia um último trem para Vancouver, e dormir não importava para ela. O que importava era uma ligação que ela queria fazer, e a noite passou lenta enquanto aguardava o mundo despertar. Ela tentou ler e assistir a filmes, mas não conseguia concentrar a mente em nada. Por fim, chegou a manhã e ela decidiu que era uma hora aceitável em Nova Estocolmo para ligar para sua mãe.

Astrid Koskinen atendeu, arrumada e em seu estado de perfeição de costume. Mae não a havia acordado, o que ela esperou que significasse que sua mãe pudesse cooperar.

— Maj, que surpresa. Nós tivemos mais contato neste mês do que tínhamos em um ano. É uma surpresa que você possa ter tempo em meio a toda sua fama e glória para falar com sua família. Todo mundo está falando sobre o escandalozinho que se envolveu durante sua visita.

Só a mãe dela poderia chamar um disparo em público de "escandalozinho". Mae não ficou surpresa que os locais tivessem descoberto que ela era a pretoriana envolvida. Era um grande feito ter ficado de fora da mídia nacional.

— Você mentiu para mim — Mae disse. — Falou que só tinha feito um acordo genético, sem nenhuma ligação com religião. Mas não é verdade. Eu lembro. Eu fui ao templo dela. Você me levou. A minha história é igual à de vários outros. Todos recebemos aqueles pendentes de gralha. Como você pôde fazer uma coisa dessas? Como pagaria um preço desses por um bebê perfeito?

A falta de surpresa da mãe foi uma resposta mais que suficiente.

— Você não para de usar essa palavra, "perfeito". Você realmente se acha muito, hein?

— Uma pessoa morreu para que eu nascesse. Você me jurou para uma deusa da morte. Você acabou com as finanças da família.

— Não — a mãe retrucou. — *Você* acabou com elas quando escolheu servir a uma farda em vez de cumprir sua obrigação com nossa família. Nós somos uma das poucas famílias com mais sangue finlandês do que sueco. Sabe a raridade disso?

— Que obrigação a vocês? Você pegou um empréstimo que não conseguiu pagar. Apostou que poderia me vender para ter lucro e seu plano fracassou.

— Eu fracassei em muitas coisas, Maj. Nunca deveria ter permitido que seu pai tivesse as liberdades que teve. Quando ele me confrontou por causa de sua concepção, eu entrei em pânico. Nunca deveria ter deixado que ele tivesse a influência que teve se soubesse que isso te estragaria.

— A influência dele foi a única coisa que me salvou!

Ouvir seu pai ser menosprezado magoou Mae tanto quanto o desprezo pelas forças armadas. Enquanto ela falava, sua infância passou diante de seus olhos e, mais importante, a maneira como havia sido diferente da de Cyrus e Claudia. Sempre, sempre, sua mãe havia controlado todos os aspectos da vida dos irmãos de Mae. Mas não a dela. Sua mãe olhava feio e soltava uns resmungos, mas ficava em silêncio enquanto o pai de Mae a estimulava no *canne* e deixava que ela faltasse aos inúmeros chás entediantes e às aulas de etiqueta que eram costume nas classes altas da capitania nórdica. Foi só depois da morte do pai que a mãe dela finalmente assumiu as rédeas da situação.

— Que acordo você fez com ele? — Mae perguntou. — Ele ficaria em silêncio sobre o que você tinha feito desde que pudesse me criar? Foi por isso que nunca tive que entrar para aquela seita maluca?

A mãe de Mae fechou os olhos, finalmente deixando que a dor transparecesse em seu rosto. Ela respirou fundo e os abriu novamente.

— Você não teve que entrar porque, sempre que eu a levava até

o templo, você fazia um escândalo. Depois de um tempo, eles pediram para que eu parasse e simplesmente te instruísse em casa, com lições e visitas ocasionais aos sacerdotes deles. Você também não reagiu bem a isso. Acordava a casa toda com os seus gritos.

Mae vacilou. Todos os pesadelos que a haviam atormentado antes de entrar para os pretorianos eram fruto daquele pacto profano, a maneira que seu subconsciente tinha de lidar com algo tão perverso.

— Foi meu pai quem parou, não foi? A instrução em casa, as visitas. Ele não aguentava me ver passar por aquele sofrimento.

— *Eu* não aguentava. Não sou tão insensível quanto pensa, Maj, mas era um pouco tarde. Você passou a dormir um pouco melhor, mas aqueles pesadelos nunca te abandonaram completamente.

— Porque *ela* nunca foi embora — Mae murmurou, sem conseguir acreditar na naturalidade com que estava falando sobre Morrígan. — Você me prometeu a ela, e ela não me deixou ir.

— Estão rolando boatos — sua mãe disse com naturalidade. — Boatos que não aparecem nos jornais. Ouvi dizer que o templo de Morrígan foi desmantelado, e que pretorianos e a ICS estavam envolvidos. Parece que o poder dela pode não ser tão grande como era antes. — Os olhos de sua mãe se estreitaram. — Como estão seus sonhos agora?

— Eu não sonho. Não durmo. — Mae ficou em silêncio por alguns momentos. — Como *você* dorme, sabendo que colocou a minha vida em perigo assim? Eles devem ter te alertado sobre as consequências caso eu não seguisse o caminho deles.

— Pensei que poderíamos cuidar desse problema depois. — Típico. — Além disso, você parece sã e salva para mim.

Mae estava em choque.

— Como você pôde fazer um pacto de maneira tão displicente com um culto à morte, mãe? E no que você... você... acredita: que eles usaram tecnologia ilícita ou poderes profanos para me criar?

Sua mãe deu de ombros.

— Não faz diferença. Ouvi falar dos resultados deles e, depois da decepção que foram os seus irmãos, eu precisava fazer alguma coisa. Tempos desesperados exigem medidas desesperadas, mas nossa última e melhor esperança acabou sendo um péssimo

investimento.

Mae sempre se ofendia com a ideia de ser tratada como uma mercadoria, mas havia algo ainda pior do que ser um investimento.

— Eu sou sua filha — ela disse apenas.

— E é uma péssima filha também. — Sua mãe olhou para o ego e soltou um suspiro impaciente. — Vou encontrar Dorothy Olsen para tomar mimosas. Se não tiver mais nada do que reclamar, vou seguir o meu caminho e você pode voltar a brincar de soldado ou seja lá o que for que gosta de fazer.

— Eu sirvo à força mais poderosa no país, mãe.

— Serve, Maj? — O sorriso da sua mãe conseguia ser ao mesmo tempo condescendente e tristonho. — Da próxima vez em que olhar para esse seu rosto "perfeito" ou fizer alguma façanha física inacreditável, pergunte a si mesma onde está o verdadeiro poder hoje em dia.

36. O outro padrão

Justin escreveu duas versões de seu relatório oficial sobre os acontecimentos no templo de Morrígan. Ele sabia que tanto Mae como Leo apoiariam qualquer versão que ele apresentasse. A decisão agora estava em suas mãos, e ele a adiou o máximo que pôde, o que era fácil de fazer visto que a ICS o deixou à espera por quase uma semana depois da invasão. Por fim, ele recebeu uma mensagem passivo-agressiva de Cornelia, dizendo que queria fazer uma reunião e que seria "útil" ter o relatório em mãos antes para que soubesse do que realmente se trataria a reunião.

Era um exagero, claro. A polícia tinha uma boa noção do que havia acontecido naquela noite e ele sabia que a Segurança Interna havia tirado a sorte grande encontrando evidências que ligavam a seita aos homicídios. Mesmo assim, as palavras dele, descrevendo os detalhes específicos, seriam decisivas para aquele caso e, possivelmente, para a vida dele também.

Por isso, ficou considerando as duas possibilidades, sem tomar nenhuma decisão e jurando que, quando a tomasse, faria isso sóbrio, o que era mais fácil de falar do que fazer naqueles longos dias inúteis à espera de que a ICS preparasse seu grande ato. Algo que as duas versões do relatório tinham em comum era a narrativa pungente do heroísmo de Mae, sobre como ela havia derrubado um número impossível de malfeitores e, no fim, foi obrigada a matar Emil em autodefesa. Era um favor que Justin fazia tanto a ela como a Leo, e também serviria para possibilitar que Mae voltasse ao serviço regular dos pretorianos de que ela tanto sentia falta. Claro, ela ainda precisaria lidar com a crise mental com relação às coisas sobrenaturais que havia presenciado, sem falar das revelações bombásticas sobre o seu nascimento, mas ela era forte. Sobreviveria e seguiria em frente, acabando por se esquecer dele.

Pensei que a autopiedade e o melodrama fossem acabar depois do

Panamá, Magnus disse em certa tarde enquanto Justin refletia sobre o seu destino. *Mas você conseguiu elevar isso tudo a um novo grau.*

Não estou sendo melodramático; só estou constatando um fato. Ela mal atendeu às minhas ligações e é melhor para nós dois que continue assim. Ela está seguindo com a vida dela e eu vou fazer o mesmo com a minha. Não tem por que ficar esperando.

Na verdade, é só isso que você fez na última semana, Horatio retorquiu. *A menos que considere aquelas duas colegas de quarto com quem saiu ontem à noite como um passatempo digno.*

Muito digno, Justin garantiu.

Você passou por tanta coisa e viu tanta coisa, mesmo assim aqui está você, voltando para o álcool, para os dados e para as mulheres, Magnus o repreendeu. *No mínimo, você deveria estudar as runas no tempo livre.*

Não. Uma já basta.

Justin ainda não queria seguir nenhum poder superior. Ele havia se acostumado com os corvos no exílio e com a ideia de um protetor divino que o perseguia. No entanto, ficar cara a cara com poderes da magnitude do que ele havia visto recentemente o abalou tanto que ele ficou seriamente apreensivo com o seu futuro. Mesmo o pequeno amuleto que fizera para Mae o atormentara, assim como ficar sabendo que *ela* era uma eleita. Ver exatamente do que uma deidade era capaz fez com que ele quisesse, mais do que nunca, evitar servir a uma. Mae estava completamente fora de questão, e o distanciamento dela naquela semana facilitou o fortalecimento de sua resolução contra qualquer envolvimento futuro.

Não, ele disse aos corvos. *Nada de Mae, nada de magia. Vou tomar uma decisão sobre esse maldito relatório agora e acabar com isso. Então, vou de bar em bar tentando encontrar duas colegas de quarto mais criativas. Ou gêmeas talvez.*

Não, não vai, Horatio disse. *Você vai à apresentação da Tessa.*

Justin tinha quase se esquecido daquela noite. Tessa havia finalmente sido readmitida na escola, e sua matéria de cinema teria uma exibição de todos os documentários de curta-metragem dos alunos, aberta aos amigos e parentes. A ideia de assistir a duas horas de filmes produzidos por alunos fazia Justin querer arrancar os próprios olhos, mas Cynthia havia ameaçado arrancar muito

mais coisas caso ele não comparecesse.

E assim, algumas horas depois, ele foi ao colégio com Cynthia e Quentin, e se sentou numa das cadeiras do auditório. A maioria dos filmes era tão sem graça quanto ele havia imaginado, mas, felizmente, nenhum durava mais que dez minutos. Deu à sua mente a chance de divagar sobre o dilema do relatório. Ele estava quase convencido do que iria fazer quando o de Tessa começou.

Ela entrou no palco, usando um dos vestidos que havia comprado naquela primeira semana. Seu cabelo ainda estava longo como sempre, porém, pelo menos, ela não usava mais os penteados obviamente provincianos. Ele achou que ela estava linda e afrontaria qualquer um que dissesse o contrário. Ela fez uma introdução breve e sucinta sobre seu filme, e sobre como havia sido inspirado no fato de ela ser uma imigrante. Ela fez o discurso em alto e bom-tom, mas ele ouviu algumas pessoas ao redor resmungarem sobre o sotaque dela. Não era de admirar por que ela sempre parecia tão furiosa depois da aula.

O filme dela era genial, e ele sabia que não era uma parcialidade dele. As observações dela deram ao público gemano um espelho para algumas de suas mais estranhas idiossincrasias, embora ele supusesse que a maioria dos espectadores naquela noite não se achasse nem um pouco estranha. O vídeo tinha um caráter penetrante que o impressionou profundamente e, acima de tudo, era sincero. Os gemanos gostavam de agir como se o mundo deles fosse um livro aberto, graças a todos aqueles programas e documentários que vasculhavam a vida das pessoas. Mas todos eram editados e enfeitados para se criar uma imagem. Repórteres e diretores definiam a verdade e até mesmo ele fazia isso com seu trabalho, segundo Tessa. Ela, porém, fez algo completamente distinto. Não distorceu, não fez nada sensacionalista, nem mesmo buscou coisas que não estivessem ali. Ela simplesmente disse a verdade. Era um talento ou, melhor, um dom que nem mesmo ela sabia que possuía.

— Foi tão ruim quanto você pensou? — Cynthia perguntou mais tarde, enquanto caminhavam por uma calçada do centro. Eles haviam decidido levar a família para jantar, e Poppy, que Justin tinha certeza de que algum dia acabaria em um reformatório para

meninas malcriadas, veio junto. Quentin e as duas meninas seguiam na frente, e ele estava tentando flertar à maneira de um menino de oito anos, o que Justin viu como um sinal promissor.

— Não.

Cynthia olhou para ele com expectativa.

— É nessa parte que você diz: "Foi pior".

Ele sorriu e fez que não com a cabeça.

— Não, não foi.

— Qual é o seu problema hoje? — ela perguntou depois que ele não elaborou.

— Cyn, qual você acha que foi o grande erro da nossa mãe em nossa criação?

Cynthia quase tropeçou e ele segurou o braço dela.

— Você está me perguntando isso a sério?

— Não estou falando das coisas óbvias. Quer dizer, estou... sei lá. Tem alguma coisa mais básica na personalidade dela, alguma coisa que eu estou tentando descobrir, que teve um impacto muito grande na maneira como ela nos criou.

— Não tem nada de secreto ou místico nisso, Justin. Ela era viciada. Viciados têm dependência em certas substâncias e comportamentos que se tornam mais importantes do que quaisquer outras coisas... ou pessoas. Incluindo os próprios filhos.

— Você está tendo aulas de psicologia?

— Todos os dias da minha vida — ela respondeu.

Ele ficou olhando para o nada, quase sem ver os grupos de pessoas ou os anúncios luminosos.

— Sabe, quando vieram me oferecer a inscrição na Hart School, deram uma chance para nossa mãe te colocar lá também.

— Sim — Cynthia disse baixinho. — Descobri isso depois.

Era um assunto de que eles falavam pouco, mas que sempre pairava entre eles. Justin havia sido "descoberto" certo dia no Mercado de Verão de Anchorage por uma mulher que lecionava numa escola do outro lado da cidade, num bairro muito mais abastado. Ela ficara fascinada com a apresentação do jogo de adivinhação deles, e os questionou muito a respeito. Ele logo percebera que o interesse dela era genuíno e explicou ansiosamente a maneira como observava as pessoas, pondo em

funcionamento todo o carisma que já havia aprendido aos onze anos. Cynthia, que era mais nova e mais desconfiada, achara que eles tinham se metido em encrenca e se recusara a abrir a boca.

Embora ambos os irmãos tivessem impressionado a mulher, inicialmente a influência dela só se estendia a uma bolsa de estudos, e ela escolhera Justin. Essa virada mudou a vida dele. Ser colocado entre estudantes de classes sociais mais altas e bem instruídas o havia propelido a uma classe mais alta também, abrindo portas que ele nunca poderia ter aberto em sua vida antiga. Mais tarde, sua benfeitora havia achado um jeito de matricular Cynthia também, mas isso exigia mais burocracias governamentais do que a mãe deles estava disposta a atravessar. Assim, Cynthia acabou sendo deixada para trás.

— Por que ela não aceitou? — Justin perguntou a Cynthia. — Ela nos amava. Do jeito dela. Tudo o que ela precisava fazer era preencher uma papelada e conseguir um emprego, qualquer emprego, podia ser até de meio período, e eles teriam te matriculado também. Ela até conseguiria um subsídio para se mudar para o outro lado da cidade!

— Era muito arriscado — Cynthia disse. — Ela teria perdido o racionamento de comida e a bolsa federal.

— Mas ela adorava apostar. E, com o subsídio e o trabalho, ela acabaria ganhando mais. Ela poderia ter se drogado mais. Ela iria gostar dessa parte.

— Arriscado demais. A vida dela não era ideal, mas era acomodada e previsível. Se ela tivesse se dado a todo esse trabalho para me transferir também e alguma coisa desse errado, como se eu odiasse a escola ou ela perdesse o emprego, teria sido um pé no saco passar por todo o procedimento de assistência social de novo.

— Sim, mas não valeria a pena para você ser alguém na vida?

— Vou ignorar o que está querendo dizer, que eu obviamente não sou alguém na vida. Mas o argumento é o mesmo: por mais que ela gostasse de apostar, havia certos riscos que nossa mãe não queria assumir, não quando a comodidade dela estava em jogo. Ela apostava no que fosse mais seguro — Cynthia olhou para ele desconfiada. — Por que eu tenho a impressão de que você na verdade não está pensando em nossa mãe?

— Estou pensando na Tessa — ele respondeu, num raro momento de sinceridade. — Estou tentando tomar uma decisão que pode afetar o futuro dela.

Cynthia levou alguns momentos para processar as palavras dele e, quando processou, o rosto dela pareceu incrédulo.

— Por que você diz que está "tentando"? Não tem o que decidir. Simplesmente faça o que for melhor para ela.

— Isso envolve riscos — ele disse.

— Então você precisa decidir a importância que tem para que ela seja "alguém na vida".

Justin ponderou as palavras dela durante o jantar e conversou pouco com os outros. Quando voltaram para casa depois, ele foi direto para o escritório e finalmente enviou um dos relatórios para Cornelia. Enquanto mandava, notou que tinha uma mensagem não lida de Lucian.

Justin,

As pessoas andam falando que um servidor brilhante e uma valente pretoriana foram os responsáveis por solucionar os homicídios patrícios. Não se preocupa: vou deixar que eles continuem pensando que você é um gênio, porque esse é o tipo de amigo que eu sou. Em troca, um bom amigo como você deveria comparecer a um evento para angariar fundos que o partido está fazendo para mim, e deveria trazer sua valente pretoriana. O traje é formal, e vou cuidar para que você fique sentado com algumas das doadoras mais bonitas. Ninguém vai ver nenhum problema na presença de heróis num evento como esse, incluindo heroínas patrícias. Pense bem e convença sua amiga também. Eu já a convidei e não recebi resposta. Mas é um belo trato, que finalmente vai me dar um pretexto para passar uma noite com ela sem que isso vá parar nos jornais de todo o país.

Qualquer prazer que Justin sentiu ao saber que Mae estava ignorando Lucian foi imediatamente desfeito quando ele chegou à expressão "belo trato". O mundo foi perdendo a velocidade até parar, e Justin segurou nos braços da cadeira. *Belo trato.* Essas foram as palavras que Geraki havia usado na sala de interrogatório da Segurança Interna quando afirmou que o deus a que servia tinha uma mensagem para Justin. *Ceder as estrelas e flores, e aceitar o belo trato.*

Era isso que aquele deus queria? Que Justin ajudasse a armar um encontro às escondidas entre Mae e Lucian? Era ridículo.

Você prometeu a Geraki que obedeceria, Horatio advertiu. *Quando ele te ajudou a encontrar Morrígan. Você disse que faria o que o nosso deus pedisse.*

Mas isso foi antes de eu saber o que era! Me recuso a juntar Mae com Lucian, mesmo para uma coisa dessas. Ele só a quer porque sabe que não pode tê-la. Ele não sabe nada sobre ela exceto que a calça com que ela estava no dia em que se conheceram deixava a bunda dela boa.

Pensei que você não estava interessado nela, Horatio ironizou.

Não é interesse. Só estou constatando um fato. Por que você não está participando da conversa, Magnus?

O outro corvo parecia desolado. *Porque eu não sei o que fazer. Precisamos obedecer ao nosso deus. Mas não quero dar Mae a* ele. *Não consigo confiar nele.*

No entanto, isso fez com que Justin aceitasse o fato de que precisava fazer algo muito indesejado e desagradável: conversar com Geraki. Dessa vez, sem câmeras e sem fingimento de nenhuma das partes. Justin precisava descobrir o máximo de informações que pudesse obter. Ele ligou para Geraki, que ficou irritantemente feliz, e marcou um encontro no dia seguinte, logo antes da reunião com Cornelia.

Quando Justin apareceu no restaurante marcado, Geraki já estava lá, sentado numa mesa num canto escuro que parecia ter sido feita para ele.

— Você não pode imaginar a felicidade que senti com sua ligação ontem à noite. — Geraki sorriu quando Justin puxou uma cadeira. — É uma violação da ordem de restrição se é você quem me procura?

— Depende do que você fizer. — Justin ativou a tela do cardápio e pediu um bourbon. Depois de alguns momentos de consideração, decidiu pedir um duplo.

— Eu sinto falta disso, sabia — Geraki comentou. — Eu adorava um bom Pinot Noir.

— Conheço um cara que faz alguns, mas não são nada bons, na verdade. Mas eu posso arranjar um desconto para você.

Geraki apontou com a cabeça para o copo de água em cima da mesa.

— Agora eu preciso manter meu corpo puro para ouvir a voz de meu mestre.

— Você finalmente vai me contar sobre seu deus? Aquele cujo nome ninguém me fala?

— Estamos aqui para falar do que você quiser. Foi você quem me chamou.

Justin respirou fundo. Era agora ou nunca.

— Finalmente entendi a mensagem que você me deu, sobre ceder as estrelas e flores. Já sei o que quer dizer.

— Eu não. — Geraki deu um gole em sua água com tanta reverência como se estivesse bebendo um vinho requintado. — Não fez nenhum sentido para mim e nem faz agora. Só repassei a mensagem. Você vai cumprir com os termos dela? Você prometeu, sabe. Eu te ajudei e você deu sua palavra a ele.

— Para o seu mestre?

— Nosso mestre — Geraki corrigiu.

— Ótimo. Voltamos àquela história de irmãos? Minha mestra é uma mulher que me odeia e tem o cabelo horrível.

— Por que você está me fazendo essas perguntas se não acredita nas respostas? — Geraki indagou. — E que resposta você realmente quer que eu dê para você acreditar?

— Não sei — Justin admitiu. Ele estava se sentindo exausto e desejou ter tomado mais Exerzol.

— Então por que você está aqui?

— Porque vi coisas, coisas maravilhosas e terríveis sem nenhuma explicação humana. E eu aceito... aceitei faz tempo já... que existem forças poderosas no nosso mundo. O problema é que eu sei que existe alguma coisa maior acontecendo. Eu posso sentir. É algo maior do que uma mistura de deuses e feitos sobrenaturais. Existe um padrão, mas eu não consigo descobrir qual é... ou onde eu me encaixo nele.

Geraki riu baixinho.

— Isso te deixa maluco, não deixa? Não saber do plano do mestre.

A resposta de Justin foi interrompida quando uma garçonete chegou com o bourbon dele. Ela tinha o cabelo castanho cortado curto e estava sem sutiã sob a blusa branca. Um piercing prateado na língua brilhou enquanto ela falava, lembrando-o de uma menina com quem havia saído nos seus tempos de faculdade. Depois de paquerar descaradamente com ele, ela sorriu e saiu rebolando.

Geraki abriu um sorriso largo.

— Você não perde tempo, né?

— Nem oportunidades.

— Você está perdendo uma mulher que vale dez dessa daí.

— Quem, Mae? — Justin meneou a cabeça. — Não. Não tem nada desse tipo entre mim e ela.

— Então você deve ser besta. — Os corvos adoraram essa parte. — Ela é uma eleita poderosa que vive atraindo o divino sem querer.

— Sim, meio que percebemos isso, já que ela finalmente se libertou de uma deusa da morte que a perseguia desde que ela nasceu.

— Outros deuses vão tentar seduzi-la. — Geraki tinha um brilho inquietante no olhar, fazendo com que parecesse muito com o profeta que alegava ser. Justin lembrou-se subitamente de quando Mae ardeu em luz e vida no templo de Claude, quando os corvos disseram que outro deus havia tentado cortejá-la. — Seria interessante ver quem vai ganhar a fidelidade dela. Ela é uma mulher extraordinária. Magnífica.

— Bom, se está tão interessado, ela está disponível.

A expressão moralista no rosto de Geraki disse a Justin o que estava por vir.

— Eu não me envolvo mais em relações carnais. Falei para você: o corpo de um profeta deve ser puro para ouvir a voz do deus. Um sacerdote, por outro lado... — Ele deu de ombros. — Você tem outro papel. Não tem restrições com uma mulher como ela.

— Já falei que não quero Mae.

— Então você deve ser besta — Geraki repetiu. — O que torna estranho o fato de ter sido escolhido pelo nosso deus. Mas vamos pôr de lado a mulher gloriosa que você diz não querer. É óbvio que viu alguma outra coisa notável além dela.

— Eu vi muitas coisas. Vi servos de uma deusa da morte virarem fumaça e adquirirem força e velocidade sobrenaturais. Vi pessoas geneticamente perfeitas criadas com sacrifícios para essa mesma deusa. Lutei com uma mulher que se transformou em jaguar. Vi suas “profecias” se tornarem realidade. Vi os dois corvos aparecerem do nada e salvarem a minha vida, e agora eles não me

deixam mais em paz. — Justin não fazia ideia de por que estava desabafando tudo aquilo. Pelo menos, ninguém acreditaria mesmo em Geraki se ele desse com a língua nos dentes.

Geraki sorriu e assentiu com a cabeça.

— Ah, sim. Seu pensamento e sua memória. Você já se acostumou com eles? Eu tive problemas com os lobos no começo, mas agora eu gosto deles. Enfim, passo tanto tempo meditando sozinho que, na verdade, é bom ter companhia.

Houve o tempo em que Justin meio que queria conhecer alguém que também ouvisse vozes, mas aquilo não era como ele imaginava.

— É óbvio que você acha que entende alguma coisa do quadro geral aqui. Vai continuar me enrolando ou finalmente vai pôr o assunto em pratos limpos?

A petulância e o cinismo desapareceram do rosto de Geraki e ele se debruçou em cima da mesa.

— Você quer a verdade, Servidor da Verdade? A verdade é que, quando você expulsa os deuses do mundo, eles acabam voltando, com força total. Os humanos não conseguem se manter longe dos deuses e os deuses não conseguem se manter longe dos humanos. É a ordem natural das coisas. O tratamento que nosso país deu ao divino foi muito brutal depois do Declínio. Nosso povo evitou os deuses por tempo demais e, agora, o divino está tentando voltar. É por isso que essas forças estão fervilhando ao nosso redor. Existe um buraco aqui, e entidades que não víamos faz tempo estão entrando com tudo em busca de seguidores. É a fé que dá poder aos deuses, e eles estão escolhendo seus eleitos para cuidar dos assuntos terrenos deles.

Aquelas palavras causaram um arrepio em Justin porque, no fundo, ele sabia que eram todas verdadeiras.

— Como os eleitos são escolhidos?

— Por vários motivos. Em alguns casos é consanguinidade e herança. Em outros é força e utilidade... ou uma suposta inteligência. O que for melhor para os atributos e planos daquele deus específico. Nós somos peças num tabuleiro, dr. March, e alguns de nós são mais poderosos que outros. Você. Eu. Ela. Somos nós que os deuses querem. É por nós que eles estão lutando. Claro,

minha devoção já está definida.

— E imagino que você se considere o rei nesse tabuleiro, não é?

— Deve fazer tempo que não joga xadrez. O rei é a peça mais fraca no jogo. — Ele lançou um olhar firme para Justin. — A rainha é a mais forte.

— O que você e seu mestre esperam de mim nesse jogo? Usar minha suposta inteligência para converter novos seguidores?

Geraki deu de ombros.

— Seria um bom começo. Mais seguidores significam mais fé, o que significa mais poder. Outros vão fazer o mesmo pelos seus deuses. Nós não somos os únicos que sabem do que está acontecendo. Seus mestres humanos sabem. Assim como pessoas poderosas de quem você nem desconfia. Ninguém vai impedir isso, e todos vão lutar pelos deuses a quem juraram servir. Você não quer ficar do lado dos vencedores? Precisa lutar pelo nosso deus.

— Eu não "jurei" a nada nem a ninguém — Justin disse.

— Não. — Geraki suspirou. — É uma pena. Você não vai poder aprender toda a extensão da sabedoria ou ter o poder dele em suas mãos até aceitar nosso deus. Ele já te aceitou. Você até tem a marca.

Geraki arregaçou a manga e o coração de Justin quase parou. Ali, tatuado em azul, estava um símbolo idêntico à cicatriz que Justin havia herdado do incêndio, aquele estranho desenho em forma de F.

— De onde — Justin murmurou — você tirou isso?

— Fiz num estúdio de tatuagem na Brooks Street. Ah, você está perguntando da ideia? Nosso deus mandou para mim.

O mundo parecia estar girando um pouco, mas o bourbon de Justin ainda estava na metade.

— Isso é impossível.

— Ah, é? — Os olhos de Geraki pareciam ver no coração de Justin. — Ele marcou a mim e a você. Eu ouço a voz dele e você executa o que ele manda. Tudo que falei sobre a volta dos poderes ao mundo... você sabe que é tudo verdade. Eu sei que sente isso. Você consegue sentir que tem um papel a representar. Então por que não escolhe um lado? Como conseguiu chegar até aqui com os corvos e com uma marca divina se ainda não jurou fidelidade?

— Porque seu mestre errou em me dar os bens antes que eu precisasse pagar por eles.

Geraki se debruçou na mesa, com o rosto contemplativo.

— Você deve ser muito esperto para enganar nosso mestre. Mas não está cem por cento limpo, está? Ele não estaria interessado em você se estivesse. Os corvos já teriam ido embora. Em vez disso, ele está esperando o momento certo... aguardando o inevitável. O que será? Que risco você está correndo que vai acabar te trazendo ao serviço dele?

Uma mulher entre mulheres.

— Um risco que eu não vou assumir.

Geraki voltou a se recostar na cadeira.

— Por que você está lutando contra?

— Porque os deuses fazem coisas terríveis com as pessoas.

— E coisas incríveis também. Você deve saber disso. Os corvos não te ensinaram as magias?

Justin relembrou os últimos quatro anos.

— Você está se referindo a eles não pararem de me importunar por causa das minhas escolhas e da minha vida pessoal?

Acho que você quer dizer aconselhar, *e não importunar*, Horatio disse.

— Estou falando das runas e dos feitiços, e de outros conhecimentos essenciais para a sua trajetória. — Com o silêncio de Justin, Geraki pareceu atordoado, como nunca ficava. — Como... que tipo de acordo você fez? Não prometeu aprender os caminhos dele?

— Só se eu me jurasse a ele.

Ver o espanto de Geraki quase valeu o trajeto até ali.

— Alguém tão egoísta como você não está interessado em aprender os segredos dos deuses mais sábios e astutos? Se tivesse um gostinho do poder dele, teria vontade de seguir nosso deus.

— Um deus de quem eu não sei o nome.

— Precisa descobrir isso sozinho. Faz parte da trajetória de um sábio.

— Que cômodo. E acho que ele não vai conversar comigo pessoalmente, vai?

— Pensei que ele já tivesse conversado. — Geraki pareceu sinceramente surpreso. — Num sonho?

— Um sonho não significa nada. Dia desses sonhei que eu estava montado num dinossauro.

— Ele não aparece simplesmente no mundo físico ao bel-prazer de um homem — Geraki disse, ecoando o que os corvos haviam lhe dito certa vez. — Só para ouvir a voz dele eu preciso jejuar, meditar e passar por vários tipos de sofrimentos.

— Certo. Nada de álcool. Nada de sexo. — Justin pediu a conta. — Isso não é diferente de nenhuma das outras religiões que eu avaliei ao longo dos anos. Podem até existir deuses de verdade no mundo; pode até existir um que acredite que eu seja um eleito. Mas, para seres que querem ser adorados, eles realmente dificultam as coisas para os seguidores. Não são muito de dar respostas concretas e orientação. Deixam tudo para os mortais descobrirem sozinhos.

— Sábios não precisam de respostas concretas. Por definição, eles precisam de sabedoria, o que, aliás, está faltando em você. — Era exatamente o mesmo tipo de comentário sem sentido que Justin já tinha ouvido, e ele ficou surpreso ao notar seu próprio desapontamento.

— Sábios adoram respostas concretas! E eu não vou aprender com alguém tão nebuloso, muito menos me jurar a um deus assim. Um deus de quem eu não vi o rosto. Um deus de quem eu nem sei o nome.

Geraki pareceu exasperado. Talvez Justin tivesse finalmente rompido a casca dele.

— Sério? Ele falou com você em um sonho, mandou os corvos e colocou uma mulher extraordinária em seu caminho. Mas isso ainda não é bom o bastante para você? Precisa de um rosto e de um nome para começar a aprender os caminhos dele? É disso que precisa?

— Pode apostar — Justin disse, sentindo-se triunfante ao ver o desprazer de Geraki. — Acha que consegue?

— Eu tenho limites — ele admitiu. — E o nosso deus também.

— Foi exatamente o que pensei. — Justin passou o ego e se levantou aborrecido.

— Espere. — Geraki havia recuperado o autocontrole. — Talvez você possa se esquivar de tudo mais, mas uma coisa é

inquestionável. Ceder as estrelas e flores para o belo trato. Você prometeu e, mesmo se não o seguir, sei que você acredita nele e no poder dele. Quebrar sua palavra é uma coisa grave.

Justin se acalmou.

— Se eu fizer isso, vai ser contra outra coisa que ele quer. É uma contradição.

— Não cabe a você entender os planos de um deus.

— É esse o problema, não é? — Justin deu as costas. — Sua água fica por minha conta. Te vejo na próxima inspeção.

Mas, enquanto saía do restaurante, ele sabia o que precisava fazer.

37. Jasmim-de-madagascar

Havia outros manifestantes em frente à Segurança Interna quando Justin chegou para sua reunião à tarde. Em meio a gritos por liberdade religiosa, os seguranças o ajudaram a passar pelos manifestantes, e, apreensivo, Justin se perguntou se o fato de eles aparecerem cada vez com mais frequência tinha alguma relação com o tabuleiro de Geraki.

Ele chegou à área de recepção de Cornelia no vigésimo andar e encontrou Mae sentada, lendo em seu ego. A presença dela iluminou a sala. Uma centelha de ironia surgiu nos olhos dela com a surpresa descarada dele.

— Você não estava esperando que eu estivesse aqui, estava?

— Não — ele admitiu. — Como não ouvi notícias suas, imaginei que minha célebre pretoriana tinha recuperado a farda e estava lutando em alguma batalha épica.

— Ando muito ocupada, mas não recuperei a farda. Não há muitos motivos para usar uma enquanto ando com um servidor.

Ele não pensara que ela fosse continuar com ele e, pela aparência taciturna dela, ela não parecia muito contente com essa ideia.

— Bom, parabéns. Fico feliz que vou continuar com você, mas sei que não é tão cheio de ação como você gostaria que fosse.

Ela olhou para ele de soslaio.

— Não é tão cheio de ação? Você não viu o último mês, por acaso?

Uma estagiária veio guiá-los até a sala de Cornelia. A menina sorriu quando viu Justin.

— Ei, estava tentando adivinhar o que tinha acontecido com você quando não ligou.

Justin se lembrava vagamente de uma noite com ela.

— Sabe como é. Só ando muito ocupado, Flora.

Ela pareceu magoada.

— Flavia.

— Certo. — Ele abriu o sorriso mais sedutor que conseguiu. — Precisamos sair juntos de novo algum dia. — Mae passou por ele, inexpressiva.

— Sentem-se, por favor — Cornelia disse quando eles entraram na sala dela. — Temos muito para conversar. E, por mais desapontador que deva ser, na verdade não estamos aqui para louvar sua genialidade e sua coragem. Precisamos conversar sobre o que realmente aconteceu com os pan-celtas.

— Foi fantástico — Francis exclamou.

— Foi uma violação de uma dezena de regras — Cornelia disse.

Justin se recostou na cadeira, demonstrando mais confiança do que realmente sentia.

— Pensei que nossa única regra fosse desmembrar religiões perigosas. Parece que resolvemos isso muito bem *e* solucionamos um caso de homicídios de repercussão nacional.

— Nós gostamos de ordem, Justin. Você não é um vigilante trazendo justiça para uma terra sem lei. Você deveria ter nos notificado antes e mandado um destacamento militar para invadir o complexo. Teríamos mais alguns suspeitos para questionar se tivesse feito isso. — Cornelia não tinha nenhuma autoridade sobre militares, mas ficou claro que o último comentário foi uma censura à matança de Mae.

— Você sabe a velocidade em que a notícia de uma invasão militar teria se espalhado? — Justin perguntou. — Você não teria *nenhum* suspeito porque eles teriam desaparecido antes, junto com todas as evidências. — A verdade era que Justin não fazia a menor ideia de como Emil e seus amigos haviam descoberto que eles estavam lá. Sua principal hipótese era de que os guardas de fronteira haviam vazado a informação da presença de uma pretoriana.

Ou isso ou alguém te traiu, Magnus refletiu.

A boca torta de Cornelia mostrou o que ela pensava a respeito disso.

— Enfim, esse não é o motivo por que estamos aqui. — Ela mostrou um leitor. — Vamos falar sobre o seu relatório.

Aqui vamos nós, Justin pensou, embora sequer pestanejasse sob o

exame minucioso de Cornelia.

— Está muito bem detalhado.

— De fato — ela concordou. — Muito mais detalhado do que eu gostaria. É ainda pior do que o seu último. Você releu o que assinou? A ideia de que uma antiga deidade celta é responsável pela cura do Caim em patrícios por meio de magia sacrificial?

Pelo canto do olho, Justin viu que Mae foi pega de surpresa. Ela não acreditava que ele faria uma coisa dessas. Depois do que havia acontecido com o último relatório dele, ela havia imaginado que ele mentiria sobre os acontecimentos no templo. Talvez devesse ter mentido, mas não havia como retirar aquela aposta agora.

— Eu não disse que isso *definitivamente* aconteceu. Só que não pode ser descartado. Talvez fosse magia. Talvez algum geneticista a serviço dela. Sem dúvida era um grupo técnico de peso para conseguir aqueles números.

— Você não foi tão vago com relação a esses agressores supostamente sobrenaturais. Pessoas que se transformam em sombras e têm poderes sobre-humanos?

— Supostamente nada — ele respondeu. — Eu vi. A pretoriana Koskinen e Leo Chan também.

Cornelia fingiu não ouvir.

— É tudo absurdo.

— Mas é verdade! — Francis exclamou. E, pela primeira vez, ele não pareceu um fã deslumbrado. — Cornelia, está acontecendo em todos os lugares e você sabe disso. Não podemos fechar os olhos. Precisamos encontrar e controlar isso antes que isso nos controle.

E, assim, Justin soube que sua aposta havia valido a pena. Cornelia sempre dera respostas neutras quando ele fazia comentários confidenciais e extraoficiais sobre os fenômenos misteriosos. Ela não o havia acusado de insanidade, mas definitivamente nunca insinuou que algo fora do comum estivesse acontecendo no mundo. Agora, o olhar dela contava uma história diferente. “Nós não somos os únicos que sabem do que está acontecendo”, Geraki havia dito. “Seus mestres humanos sabem. Assim como pessoas poderosas de quem você nem desconfia.”

Francis apontou para o leitor e fixou um olhar penetrante em Justin.

— Essa não é a primeira vez que vemos fenômenos como esse. E você já viu também. Outros servidores estão encontrando coisas parecidas e inexplicáveis, mas a maioria não admite. Eles adulteram os detalhes nos relatórios porque temem pelos seus empregos. Você é o único com coragem suficiente para contar a verdade.

Ou burrice suficiente, Justin pensou.

— O que espera que eu faça?

— Quero que continue fazendo o que já faz — Francis respondeu. — Temos uma lista de casos que exigem coisas além de interrogatórios e burocracias. Não só aqui, mas também nas províncias.

— Por que vocês se importam com elas? — Coincidia, porém, com o que Lucian havia dito a Mae quando pesquisara sobre a contratação de servidores.

— Porque precisamos saber tudo o que for possível. — Francis se debruçou na mesa. — Não importa onde esteja. O mundo está mudando. Existem poderes se escondendo bem diante de nossos olhos e você vai ser nosso condutor para descobrirmos tudo.

— Embora não faça ideia do que esse "tudo" signifique — Cornelia zombou. — Nós só vamos encontrar um bando de fanáticos forjando "milagres" que simplesmente ainda não fomos capazes de decifrar.

— Se for verdade, vamos conseguir nossas provas e pronto — Francis disse. Mas a voz dele demonstrava que não era nisso em que acreditava, e Cornelia percebeu esse tom.

— Você está insinuando ideias que vão contra todos os princípios em que nosso país foi fundado — ela disse. — Se as pessoas começarem a achar que existe uma força mística à solta, vamos cair no caos e ter outro Declínio.

— Nosso país é fundado na verdade — Francis disse, com firmeza.

Cornelia o encarou e pareceu se esquecer por um momento da presença de Justin e Mae.

— E se a verdade for perigosa?

— Então descobrir a verdade vai nos permitir ocultá-la — Francis respondeu, como se fosse tão simples. — Somos muito

bons nisso e tenho certeza de que o dr. March não terá dificuldades em guardar segredo sobre o que descobrir. E, de todo modo, aqueles que realmente parecerem ter acesso a esses poderes vão ficar sob nossa custódia. Pena que perdemos Emil Fitzpatrick.

— Somos caçadores de recompensa agora? — Justin perguntou. Essa ele não tinha previsto.

A voz de Francis era dura.

— Eu não usaria esses termos. Você é um servidor da verdade, que vai fazer o que for preciso para descobri-la. Precisamos saber o que está acontecendo, e você, dr. March, é quem vai descobrir. Vai ter mais acesso e influência, além dos recursos que forem necessários. Não vai ter um cargo novo, mas enfim... — Ele se levantou e apertou a mão de Justin. — Parabéns. Eu diria que você recebeu uma promoção. Do tipo que nenhum de nós nunca viu antes. Espero que esteja pronto para o que está por vir.

— Eu também — Justin murmurou.

Pronto, sua aposta tinha valido a pena. Desde seu retorno do Panamá, vivia com medo do que aconteceria com ele. Tinha quase certeza de que não teria utilidade nenhuma caso não solucionasse os homicídios, mas nem seu futuro se fosse bem-sucedido estava claro. Afinal, ele era um servidor que acreditava em deuses e no sobrenatural. Isso não existia. Não *poderia* existir. Mas, quanto mais pensava no assunto, sobretudo depois do templo, mais ele percebeu que seu passado significava alguma coisa para eles. Francis era especialmente obcecado por ele e, conforme Justin via cada vez mais sinais das forças que se agitavam no mundo, ele começou a acreditar em algumas outras coisas.

Uma era que, desde que ele solucionasse o caso, a ICS não se livraria dele. As manchas no seu passado já não importavam mais. Muitas pessoas sabiam do seu envolvimento e eles não poderiam sumir com uma pessoa de tanta visibilidade de novo. Justin havia percebido que, se ele apresentasse um relatório adequado, sem mencionar poderes sobrenaturais, teria seu antigo trabalho de volta e retornaria às licenças e inspeções de sempre.

Contudo, mesmo antes da informação de Geraki, havia passado pela cabeça de Justin que a ICS tinha um problema que não desapareceria tão cedo. Eles teriam que lidar com ele — e quem

melhor do que uma pessoa que tinha a mente aberta com relação ao que realmente estava acontecendo no mundo e que tinha um excelente histórico? Eles precisavam de alguém como ele, mas provavelmente o teriam deixado em paz caso fizesse vista grossa ao sobrenatural em seu relatório. Ao assumir o que vira, ele se abria para novas oportunidades, oportunidades longe da opinião pública que viriam junto com o poder e a influência que acabaram lhe sendo dados.

A grande questão era se ele queria se envolver nessa situação. Justin não via mal em ter uma vida comum; porém, escolhendo essa outra, poderia proporcionar uma vida extraordinária a sua família. O homem com o poder concedido pela Segurança Interna poderia matricular uma menina provinciana numa escola particular capaz de valorizar os talentos dela. Ele poderia fazer o que alguém já havia feito por ele. Poderia fazer coisas igualmente grandiosas por Cynthia e Quentin, quando chegasse o tempo. O único problema era que Justin não sabia o que isso significaria para ele mesmo.

Depois dessa conversa, mandaram Mae embora a fim de examinar a logística e a burocracia da nova posição dele. Embora ela estivesse ligada à tarefa, tecnicamente ainda era um recurso emprestado das forças armadas e não estava envolvida diretamente nas operações secretas da Segurança Interna. Justin sentiu muito pela ausência dela, especialmente porque ela agora fazia parte do pequeno círculo de pessoas que realmente sabia o que estava acontecendo.

Mais tarde, enviou uma mensagem a ela, pedindo para conversar, e ela respondeu dizendo que estava ocupada com uma disputa amistosa de *canne*, mas que ele poderia encontrá-la depois. Mae mandou o endereço do lugar onde estava treinando, uma grande academia que oferecia treinamento e competições de várias artes marciais. A recepcionista apontou para ele a pequena quadra de treino em que ela estava. Ele nunca havia entrado em um lugar como aquele e, com seu terno, sentiu-se destoante dos outros poucos espectadores.

Mas valeu a pena para assistir àquele esporte bizarro. Era bem parecido com o que Val e Dag haviam descrito: esgrima com

bastões, com alguns movimentos acrobáticos no meio. Mae e seu oponente estavam usando vestimentas segundo o regulamento, em vez das roupas de festa em que ela e Porfirio teriam lutado. Mesmo sob o uniforme um tanto acolchoado e sob a máscara, foi fácil identificá-la, não só pelos contornos de seu corpo, mas também pela maneira como se movia, com graça e velocidade devidas às habilidades naturais e induzidas pelo implante. Era hipnotizante, e o melhor de tudo era que não havia nenhum encantamento divino a perseguindo.

Mae ganhou todos os rounds e, quando ela e seu oponente tiraram as máscaras, Justin viu que ela lutava contra um homem que parecia se sentir humilhado. Eles se cumprimentaram e, enquanto Mae saía para permitir que os próximos combatentes entrassem no ringue, avistou Justin e se sentou ao lado dele no banco. Seu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo feito de qualquer jeito, e a camiseta que ela revelou sob o casaco estava empapada de suor. Mesmo assim, ela parecia alegre e radiante.

— As únicas pessoas com quem consigo lutar hoje em dia são homens que acham que conseguem vencer uma mulher, mesmo que seja uma pretoriana. — Ela sorriu. — Eles nunca conseguem.

— Quer celebrar a vitória com uma bebida? — ele perguntou.

Os olhos dela o examinaram por alguns momentos, e o sorriso dela se desfez, voltando a assumir a expressão neutra.

— Tem um botequinho na esquina que também serve comida... se você tiver coragem de entrar.

— Ei, eu já estive em algumas espeluncas na vida.

No entanto, quando eles entraram, ele viu que sua roupa estava ainda mais destoante do que na arena. Era um estabelecimento basicamente de operários, onde pessoas com roupas informais tragavam bebidas baratas e jogavam dardos e bilhar. Eles encontraram uma mesa no canto, e Mae pediu metade do cardápio, precisando se reabastecer depois do frenesi em que o implante estimulou seu corpo.

— Alguma novidade? — ela perguntou. — Aconteceu mais alguma coisa depois que eu saí?

— Aconteceu antes, na verdade.

Ele contou a ela sobre seu estranho encontro com Geraki,

ligando partes dele à reunião na ICS. Naturalmente, Justin tomou o cuidado de editar as partes relacionadas a ela, como a maneira como eles dois deveriam fugir juntos numa espécie de união divina, além de seus próprios acordos com o deus de Geraki. Ali, num bar cheio de risadas e barulho de copos, as forças místicas pareciam algo muito distante.

— Você acha que é verdade? — ela perguntou entre uma mordida e outra em seu hambúrguer. — Que realmente tem algum grande confronto divino à vista? — Ela não estava confortável com a ideia da presença de deuses no mundo, mas a aceitava agora. Era provável que não ser possuída por um contribuísse um pouco para isso.

Justin tamborilou os dedos em seu copo de bourbon.

— Acho que sim. Não sei como ou por que, mas sim. Só queria saber o que esperar.

Ela assentiu. Aquele era um lado raro dela, aquela Mae desgrenhada, comendo porcaria. Mesmo assim, ela estava deslumbrante, e era difícil não recordar o toque de seus lábios e de sua pele. Ele precisou se lembrar do perigo que ela representava. Mais uma noite com ela o lançaria no meio daquele tabuleiro. Além disso, ele estava achando difícil esquecer a forma como ela havia matado Emil. Lembrou-se das palavras de Dominic, de que ela era uma pretoriana antes de uma patrícia; mais que isso, ela era a mesma predadora sobre a qual lhe haviam advertido. Justin conseguia ver isso na forma como ela ficou tensa com a quebra de um copo no balcão e na maneira como seu olhar avaliava todas as pessoas que entravam, mesmo enquanto sorria e fazia piadas.

No entanto... naquele momento, havia paz entre os dois. Uma harmonia e uma naturalidade que ele não se lembrava de ter com nenhuma outra mulher. A maioria das conversas com suas últimas namoradas sérias de cinco anos antes caía em: "Para onde essa relação está caminhando?". Ele sabia que precisava pôr isso de lado e fazer o que tinha vindo fazer.

— Mae... queria conversar com você sobre uma coisa.

Ela ficou imediatamente desconfiada.

— Eu... não fui totalmente sincero com relação ao Lucian. Eu e ele temos algumas rivalidades antigas, e meio que eu exagerei nas

coisas. — Cada palavra era agonizante. — Na verdade, ele é uma boa pessoa e você deveria dar uma chance a ele. — Não era totalmente mentira. Lucian não era tão mau assim. Justin só não queria entregar Mae de bandeja.

Essa era, visivelmente, a última coisa que Mae esperava.

— Você... quer que eu saia com Lucian?

— Talvez não exatamente sair com ele — ele disse. — Mas, sabe, pelo menos conversar com ele. Aquele evento para angariar fundos sobre o qual ele falou até que é uma boa ideia. Pode conhecê-lo sem um circo midiático. Além disso, com que frequência você vai a eventos políticos formais? — Justin sorriu para não ranger os dentes. — Poxa, eu mesmo posso ir como ele pediu e te entregar nas mãos dele.

Tarde demais, Justin percebeu que essa era a pior coisa que ele poderia ter dito a uma mulher que passara a vida sentindo que era um objeto nas mãos dos outros. "Te entregar nas mãos dele." O rosto dela confirmou essa percepção. Não havia mais surpresa. Não havia absolutamente nada, exceto, talvez, uma centelha breve de desapontamento em seu olhar.

Ele foi pego de surpresa. Seria possível que, no fundo, depois de tudo o que ele a havia feito passar, ela ainda o desejasse? Justin ignorou esse pensamento e se concentrou no que era importante: cumprir sua promessa a Geraki.

— Bom, obrigada pelo conselho — ela disse, rígida. — Talvez eu vá. Talvez eu possa recuperar aquele vestido cor de malva.

Ele não soube dizer se ela sabia como isso era um soco no estômago dele. Em vez disso, tentou reabrir seu sorriso hesitante.

— Que bom. Tenho certeza de que ele vai ficar contente. Quer mais uma rodada? — Ele não esperava que ela parasse de odiá-lo. Mas talvez pudesse fazer com que ela o odiasse um pouquinho menos.

— Tenho umas coisas para fazer. — Os dois sabiam que era uma mentira.

— Uma bebidinha — ele pediu. — Não terminei de falar tudo o que descobri sobre o que a ICS está tramando.

Depois de vários segundos agonizantes, ela assentiu com a cabeça, sem parecer muito entusiasmada.

— Claro.

Justin se levantou com os copos vazios. Enquanto esperava no balcão, olhou para uma tela que exibia, claro, Lucian, que estava fazendo um discurso em San Francisco sobre sua grandiosa era desconhecida. Justin vinha sentindo o princípio de uma dor de cabeça desde que entraram no bar e isso só a fez piorar.

— Malditos políticos — uma voz disse. — Não dá para confiar em ninguém do governo.

Justin olhou para o lado e viu um executivo grisalho sentado no balcão com uma taça de vinho. Com toda a ênfase na segurança e na lealdade nacional ao redor de Justin, ele meio que gostava de quem tinha uma ou outra teoria da conspiração.

— *Eu* sou alguém do governo.

O homem examinou Justin e a luz por pouco refletiu o que era um olho artificial de muito boa qualidade. Quase não se podia distinguir do verdadeiro e, a julgar pelo terno caro, ele tinha dinheiro para gastar. Ele até tinha umas florezinhas brancas na lapela. Depois de Justin, ele era a pessoa mais bem-vestida do bar.

— Ah, é? — O homem riu. — Eu deveria me preocupar com o que não está sendo dito? O que essa tal Era de X realmente vai significar para a humanidade?

Era uma boa pergunta.

— Bom, o senador Darling diz que vai ser formidável e luminosa. Ele parece saber das coisas.

— Claro que parece — o homem disse, bufando. — Homens da sua idade sempre acham que sabem de tudo. Acredite em mim, vocês têm muito que aprender.

— Não é verdade. Eu acredito na importância da busca pelo conhecimento.

O homem olhou para onde Mae estava sentada sozinha.

— Eu queria saber mais sobre ela, na verdade. Você está com ela, não está? Namorada? Esposa?

— Nenhuma das duas. A verdade é que... ela não gosta muito de mim agora.

— Sorte a minha. — O homem bebeu o resto de seu vinho e se levantou. — Vou falar com ela.

Por incrível que parecesse, ele cumpriu sua palavra e caminhou

até Mae. Cantadas de estranhos eram comuns para ela e ela levantou os olhos para ele com um sorriso educado. Mae até pareceu agradecer quando ele tirou as flores do terno e as colocou na orelha dela. Ele se despediu com um aceno de cabeça e saiu andando.

Justin voltou com as bebidas.

— Ele deu em cima de você?

— Ele? — Ela riu, o que foi bom depois da hostilidade de antes. — Não, mas foi bem bobo. Ele pode ser você daqui a trinta anos. Começou todo poético dizendo que minha beleza viveria para sempre em pensamento e memória, e como essa era uma oferta insignificante. — Ela tirou as estrelas em forma de flores do cabelo e as examinou. — Elas têm um cheiro bom.

— Jasmim-de-madagascar — ele disse, abrindo sua enciclopédia mental sem nem perceber. — O nome científico é *Stephanotis*, vem do grego e significa "coroa"...

Ela arqueou a sobrancelha.

— Jasmim-de-madagascar? Não foi essa a flor de que você me falou em Windsor?

Justin quase deixou o copo cair. Ele examinou a sala freneticamente, à procura do homem. Sem sucesso.

— Já volto. — Ele correu até o balcão e chamou a atenção da garçonete, que era jovem e bonita. Ela estava tomando o que parecia ser uma aspirina, algo que Justin bem que gostaria de tomar, já que sua dor de cabeça estava latejando na nuca.

— Talvez você não possa me dizer isso... mas sabe o nome daquele cara? Quando ele passou o ego?

Ela hesitou sobre a quebra de privacidade e então resmungou.

— Ele não passou. Eu pedi, mas ele começou a me perguntar se eu jogava xadrez e esqueci. Meu chefe vai me matar. Era nosso vinho mais caro!

Mas Justin já tinha dado as costas para ela.

— Preciso ir embora — ele disse a Mae.

— Por quê? — Ela o examinou e sua preocupação era sincera. — Qual é o problema?

Justin engoliu em seco.

— Problema nenhum. É só que... bom, a garçonete vai embora

daqui a pouco e me chamou para sair com ela. Não posso recusar. — Ele abriu o que esperava ser um sorriso sacana e presunçoso.

Dessa vez, os pensamentos de Mae ficaram perfeitamente claros. Ela estava perplexa pelo fato de, depois de pedir para tomar mais uma com ele, ele daria um bolo a fim de sair com uma mulher que tinha acabado de conhecer.

— Entendi. Longe de mim ficar no caminho. — Ela se levantou, rígida e formal. — Obrigada pela bebida. Encontro você na ICS amanhã. — E, sem olhar para trás, saiu a passos largos, congelando o ar por onde passava.

Justin ficou olhando para ela, sentindo-se desolado.

Depois você chora, Horatio disse. *Você quer ou não suas respostas?*

Justin queria. Ele precisava saber. Precisava finalmente saber. Ele pegou as flores e saiu. De volta à sua casa, encontrou o alvoroço de sempre ao ser recebido pela família. Ignorou todo mundo e foi direto para o escritório, batendo a porta atrás de si.

— Preciso de uma busca — Justin disse à tela antes mesmo de se sentar na cadeira. — Preciso de todas as referências à expressão "pensamento e memória".

A tela obedeceu com detalhes frustrantes e muito mais ocorrências do que ele queria analisar.

— Filtrar a busca por contextos religiosos e mitológicos.

Isso reduziu a lista consideravelmente. Na verdade, todos os resultados restantes se referiam a um único tema. Ele clicou na primeira ocorrência, que era um verbete enciclopédico básico:

> *Na mitologia nórdica, o deus Odin (Wodan em contextos germânicos) é acompanhado por dois corvos, Huginn (Pensamento) e Muninn (Memória), que o aconselham e relatam o que descobrem sobre o mundo.*

Justin começou a se sentir mal. Ele conhecia as histórias de Odin, que sempre aparecia com outros deuses nórdicos quando as castas nórdicas e escandinavas decidiam arriscar alguma religião revivalista. Odin era um deus tão importante que todos os servidores tinham algum conhecimento operacional sobre ele. Justin sempre achou que também tinha, mas, pelo jeito, não sabia do detalhe mais importante dos companheiros do deus, um detalhe sobre o qual certos pássaros invisíveis bem que poderiam ter ajudado em informar.

— Fazer compilação completa sobre o deus nórdico Odin — Justin ordenou. — Atributos, principais fontes e folclore geral.

A tela obedeceu e, a cada linha que lia, Justin sentia o mundo começar a ruir sob seus pés.

Odin, ou Pai de Todos, é um deus nórdico de Æsir associado com sabedoria, astúcia, conhecimento, guerra e batalha, magia e morte. Ele costuma ser considerado o rei dos deuses nórdicos.

O deus Odin fez muitos sacrifícios por sua sabedoria. Deu um olho para poder beber de Mímisbrunnr, a fonte da sabedoria. Também se pendurou da árvore do mundo, Yggdrasil, a fim de dominar as runas, que concedem a visão do presente e do futuro.

— Preciso de uma imagem das runas. — Mas Justin já sabia o que estava prestes a ver.

A tela mostrou uma série de símbolos, cada um com um nome. A maioria não fazia sentido, exceto por uma que ele já tinha visto em sua própria pele. Ele pediu para a tela identificá-la: *Ansuz, runa com sentidos controversos normalmente associados com os deuses de Æsir, em especial Odin.* Ao lado dela, Justin viu *algiz*, a runa protetora que os corvos lhe haviam ensinado.

Quanto mais continuava a pesquisa, mais Justin via partes de sua vida rolando diante de seus olhos. Leu tudo que conseguiu encontrar e, depois de um tempo, começou a reler as mesmas informações várias e várias vezes. Sua vista começou a ficar cansada e ele estava prestes a dar o dia por terminado quando uma frase chamou sua atenção.

Odin também é acompanhado por dois lobos, Geri e Freki.

— Limpar a pesquisa — ele disse à tela. — E ligar para Demetrius Devereaux.

Geraki atendeu em questão de segundos, e Justin ficou pensando se talvez ele estivesse esperando a ligação como uma adolescente ansiosa.

— Você contratou um cara com olho de vidro para tirar com a minha cara e ficar dando flores e fazendo indiretas sobre os corvos?

— Não faço a menor ideia do que você está falando. Acho que não sou esperto o bastante para acompanhar a velocidade de seu raciocínio genial.

Atirar alguma coisa na tela não ajudaria a melhorar a situação;

por isso, Justin respirou fundo e tentou se acalmar.

— Um homem falou comigo num bar hoje. Ele só tinha um olho e ficou falando sobre a busca por conhecimento. Disse as mesmas besteiras que você fala sobre Mae ser fantástica, depois foi falar com ela sobre "pensamento e memória", e deu para ela uma coisa de que só eu sabia. Foi você quem armou isso? — Justin perguntou. — Você mandou alguém fazer isso?

Geraki pareceu completamente confuso, o que seria bom de ver em outras circunstâncias. De repente, ele entendeu. Seus olhos se arregalaram de assombro e ele ficou vermelho.

— Ele apareceu para você! Como? Por quê? Você só mostrou desrespeito, enquanto eu sirvo fielmente, mas foi para *você* que ele apareceu em carne e osso? — Um momento depois, Geraki cerrou os olhos e pareceu atormentado. — Não devia ter dito isso. Não tenho o direito de questionar as ações do meu deus. Só estou aqui para ouvir à sua voz.

— Você pode dizer o nome dele agora — Justin disse, amargurado. — Odin.

Geraki abriu os olhos.

— Você sabe o nome dele?

— Sim, demorou cinco segundos com uma busca no fluxo. Por que um deus nórdico viria atrás de mim? Por que não de alguém como Mae? Você disse que eles seguem pessoas com a mesma herança.

— Você tem o sangue de uma dezena de culturas em você e é bem provável que uma delas seja daquela região. — Divagações religiosas era uma especialidade de Geraki e ele pareceu voltar a ficar à vontade em território conhecido. — Além disso, como te falei, um deus sábio e inteligente precisa de um sacerdote com essas mesmas qualidades.

— Não sou um sacerdote. Não sou nem mesmo um seguidor.

Geraki sorriu de uma maneira que lembrou Justin daquelas antigas e frustrantes investigações.

— Não, mas você está prestes a se tornar um aprendiz dele. Eu perguntei o que era preciso para que você aprendesse. Um nome e um rosto, você disse. Você recebeu as duas coisas. Não merecia ter recebido, mas recebeu.

Justin vacilou. Ele meio que *tinha* dito aquilo.

— Aprender não é a mesma coisa que servir ou jurar devoção — ele disse a Geraki.

— Não, mas já é um passo importante nessa direção, e não tenta se esquivar desta vez.

Era óbvio que Justin vinha tentando pensar numa maneira de se esquivar. Como ele poderia ter sido tão idiota? Havia tomado tanto cuidado com Mae, só para acabar caindo numa aprendizagem divina.

— Você se lembra de tudo — Geraki acrescentou. — Pense nas palavras que disse. Eu perguntei se essas coisas fariam com que você começasse a treinar na sabedoria e na magia do nosso deus. Você disse que sim.

— Não — Justin disse, ainda com esperança de que pudesse se livrar dessa. — Minhas palavras exatas foram "pode apostar". — *Mas isso não vai ser suficiente desta vez*, ele pensou.

— Você se comprometeu com essas palavras. Fez sua aposta e agora vai aprender o que significa seguir seu chamado. — Os olhos de Geraki estavam iluminados por um fervor ardoroso que deveria ter feito Justin chamar as autoridades. — Seja bem-vindo a Odin, meu irmão. Estou ansioso para trabalhar com você.

Agradecimentos

Esta história demorou muito tempo para surgir, e foram muitas as pessoas que ajudaram a trazê-la à tona. Agradeço a meu marido por tolerar as noites em claro e a especulação religiosa; a meu agente, Jim McCarthy, por seu apoio e terapia constantes; e à editora Jessica Horvarth, por me deixar fazer "só mais uma revisão". Obrigada a todos os leitores corajosos que entraram comigo nessa nova aventura muito diferente. Vocês me fazem continuar a escrever, e espero que gostem desta série. Meu pai, um grande filósofo de religião e espiritualidade, faleceu enquanto eu escrevia este livro, e eu espero que ele também goste.



CORTESIA DE MALCOM SMITH PHOTOGRAPHY

RICHELLE MEAD é autora da série Academia de Vampiros, sucesso internacional de vendas. Seu interesse por fantasia e ficção científica começou cedo, quando seu pai leu a mitologia grega para ela e seu irmão a fez assistir o seriado *Flash Gordon*. Nascida em Michigan, Richelle mora agora em Seattle, Estados Unidos, com sua família.

Copyright © 2013 by Richelle Mead, LLC

Todos os direitos reservados.
Publicado em Língua Portuguesa por acordo com Dutton,
Penguin Group (USA) Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Gameboard of the Gods

FOTO DE CAPA GrenouilleFilms/ Getty Images

PREPARAÇÃO Malu Martucci

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-921-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho